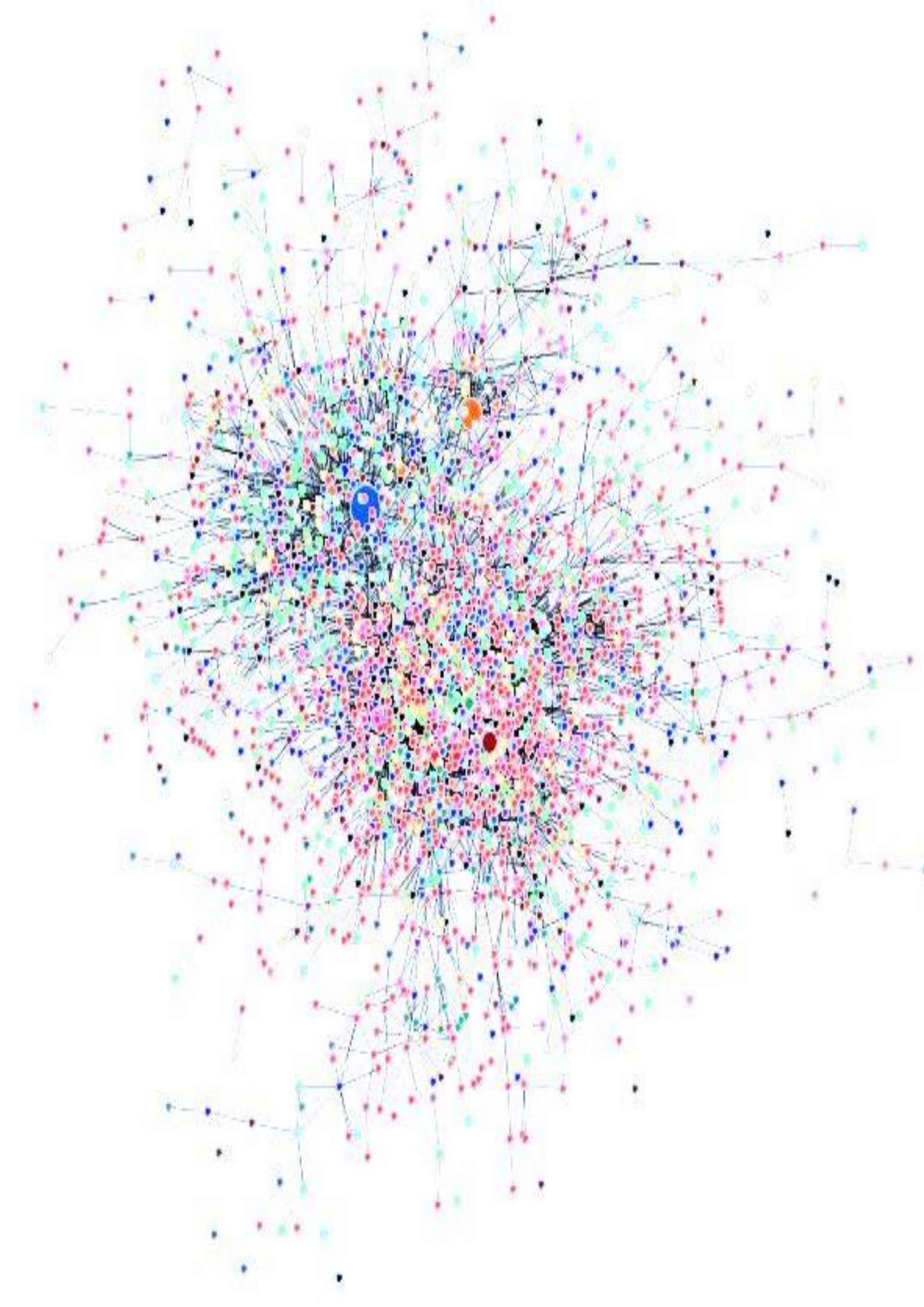


UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

FACULDADE DE ENFERMAGEM

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

Tese

A loucura das águas da não indiferença na produção de diferença – uma estética de rexistências!

Liamara Denise Ubessi

PELOTAS, 2017

LIAMARA DENISE UBESSI

A loucura das águas da não indiferença na produção de diferença – uma estética de rexistências!

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, como requisito para obtenção do título de Doutora em Ciências: práticas sociais em saúde e enfermagem.

Orientadora: Profa. Dra. Vanda Maria da Rosa Jardim

Co-orientador: Prof. Dr. Augusto Luis Medeiros Amaral

PELOTAS, 2017

LIAMARA DENISE UBESSI

A loucura das águas da não indiferença na produção de diferença - uma estética de rexistências!

Tese aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Doutora em Ciências: práticas sociais em Saúde e Enfermagem, Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 25 de agosto de 2017.

Banca examinadora:

Profa. Vanda Maria da Rosa Jardim (Orientadora)
Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Augusto Luis Medeiros Amaral (Co-orientador)
Doutor em Educação Ambiental pela Universidade do Rio Grande

Profa. Aline Cristina Calçada de Oliveira
Doutora em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande

Profa. Aline Neutzling Brum
Doutora em Agricultural Sciences pela Georg August Universitaet Goettingen

Cláudia Mara de Melo Tavares

Profa. Claudia Mara de Melo Tavares

Pós-Doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo

Profa. Liane Beatriz Righi

Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Campinas

Prof. Marcos Aurélio Matos Lemões

Doutor em Ciências: práticas sociais em saúde e enfermagem pela Universidade Federal de Pelotas

Profa. Michele Mandagará de Oliveira

Doutora em Enfermagem em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo

Prof. Ivon Fernandes Lopes

Doutor pela Universidade da Vida Associação de Usuários dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas

DEDICATÓRIA

A muita 'gente como a gente', mas principalmente:

A mãe Vanilda, *in memoriam*, que foi uma guerreira incansável pela vida, que teceu redes de afetos família, e(m) intensos momentos da luta temperados com alegria.

A sua família.

A força usuária!

A Inês Benini, uma sobrevivente.

A Lourdes Benini e Nelson Antonio Ubessi pela produção de diferença com os seus possíveis!

Ao Samuel, que me ensina sobre as poéticas da existência!

As pessoas que teceram e tecem (n)os seguintes agenciamentos: Grupo Vocal Esperança, Grupo Musical Los Lokos, Associação de Usuários dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas – Aussmpe, Programa 'Gente como a Gente' na Rádio Com, Amigos(as) que militamos juntos(as), Associação de Saúde Mental de Ijuí – Assami.

A todos(as) nós, os(as) loucos(as) do mundo, que já partiram ou estamos nesta existência.

Gratidão as 'forças (in)domáveis' que caminham comigo.....

AGRADECIMENTOS

A professora Vanda Maria da Rosa Jardim por aceitar orientar uma maluca aprendiza em estéticas de existência e resistências, que contribuiu para que fosse se devolvendo outra.

Ao professor Augusto Luis Medeiros Amaral, pelas pistas que acionaram o pensar de uma pesquisadora ‘andarilha’, ás vezes dissidente, mas noutras insistente na produção de existência.

A professora Vanda e professor Augusto por não cercearem a liberdade do processo tecitivo e produtivo e pelas provocações de desterritorialidade e reterritorialidades.

As pessoas que aceitaram com generosidade o convite para a Banca de Defesa da Tese, como titulares, suplentes e convidado, as(o) professoras Aline Cristina Calçada de Oliveira, Aline Neutzling Brum, Claudia Mara de Melo Tavares, Eniva Miladi Fernandes Stumm, Ivon Fernandes Lopes, Liane Beatriz Righi, Marcos Aurélio Matos Lemões e Michele Mandagará de Oliveira.

A Coordenação de Aperfeiçoamento e Pesquisa no Ensino Superior - CAPES, pelo apoio no exercício da loucura, no tecer (d)essa pesquisa.

Ao querido colega e companheiro das lutas Izamir Duarte de Farias pela acolhida, parceria, compartilhamento de angústias e alegrias.

As pessoas que fazem a composição das músicas que são os grupos Vocal Esperança e Musical Los Lokos pela acolhida, pelo afeto e aprendizados nas caminhadas da vida.

Aos(as) companheiros(as) da Associação de Usuários(as) dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas - Aussmpe, por me colher na andança e tensionar para que nunca deixe de aprender, tentar se transformar, revisar os próprios fascismos, e nem ao menos de se engajar na luta social.

Ao Levante Popular da Juventude, célula de Pelotas, a Comissão de Integração Ensino-Serviço - CIES, ao Grupo Condutor Regional de Saúde Mental, ao Coletivo de Gestão

da Política de Diversidades na área de abrangência da 3ª Coordenadoria Regional de Saúde do Rio Grande do Sul, ao que tem operado como zonas autônomas de transformação, provisórias, como o Grupo Autônomo de Articulação em Saúde, as práticas de Vivências e Estágios no Sistema Único de Saúde - VER-SUS, o Extremo_SUS, as Tendas do Afeto Popular, bem como ao coletivo aberto de articulação da força de luta Mentaleira e da força de luta usuária no estado do Rio Grande do Sul, a Comissão Municipal de Saúde Mental de Pelotas, e ao Conselho Municipal de Saúde de Pelotas na gestão 2013-2015 pelo engajamento nas lutas sociais e de não agradecimento à gestão de 2015-2017 por negligência a pautas da saúde mental.

Aos amigos e amigas que militamos juntos(as)[1] nas lutas sociais, fazendo e tecendo músicas e diferenças, do Esperança, Los Lokos, Aussmpe, do Povaréu Sul, nas Tendas do Afeto Popular, pelos incansáveis e afetivos aprendizados, entre outros(as), que o risco de nominar é esquecer-se de alguém, sendo que todos(as) são presenças importantes nesta caminhada.

As pessoas destes espaços e outros que compartilhamos em nossas veias o sangue do afeto e da luta pela defesa dos direitos sociais, para avançarmos no marco civilizatório, e que nesta trajetória andamos muito próximos(as) e que é preciso nominar, nos singulares das intimidades de nossas loucuras: Ângela Teresa Nobre Pereira, Carlos Alberto Narciso Zacaria, Claudionei Fernando Oliveira Ferreira, Cristina Soares, Djeniffer Rodrigues Coradini, Eliana Buss, Gabriella Bastos Ferreira, Ivo Airton Ferreira Gomes, Ivon Fernandes Lopes, Jenifer da Silva Gavilan, José Fernando do Amaral Borges, Laci Brum da Silva, Larissa Dall'Agnol da Silva, Márcio Rossato Badke, Marcos Aurélio Mattos Lemões, Maria Alice Sant'Anna da Rosa, Maria Carolina Pinheiro Meirelles, Maurício Fernandes da Silva, Michele Neves Meneses, Naiana Alves Oliveira, Priscila Borges Silveira, Roberta Antunes Machado, Sandra Schwantz, Santa Helena da Silveira Brem, Uilson Admar dos Santos, Vanilda Pereira da Silva, *in memoriam*.

A Djeniffer Rodrigues Coradini, a Maria Fernanda Cruz Penkala Dias, a Larissa Dall'Agnol da Silva, a Luciane Prado Kantorski, pelos ensinamentos, pelas provocações, pela companhia nas militâncias e pela intercessões que afetaram na caminhada, também 'Bancas' nesse andar na vida!

[1] A ideia de 'amigos que militam juntos' foi uma invenção e tradução de Roberta Antunes Machado na forma como nos percebia e que se importa para este texto, pois para a 'andarilha' expressa liberdade, afeto e autonomia.

As pessoas que ajudaram a ‘andarilha’ a perceber que estava viva, mesmo sem necessariamente saberem que fizeram isso: Vanilda Pereira da Silva, *in memoriam*, Ivon Fernandes Lopes, José Fernando do Amaral Borges, Laci Brum dos Santos, Maria Alice Sant’ Anna da Rosa, João Luis Corrêa Gonçalves, Claudionei Fernando Oliveira Ferreira, Maurício Fernandes da Silva, Márcio Rossato Badke, Liane Beatriz Righi, Eniva Miladi Fernandes Stumm, Valéria Cristina Christello Coimbra.

As pessoas que ‘empurraram’ a andarilha a andar tecendo caminhos, articulando a academia com a vida: Liane Beatriz Righi e Eniva Miladi Fernandes Stumm.

As companheiras e companheiro - Eliana Buss, Cristina Soares, Priscila Borges, Jenifer da Silva Gavilan, Gabriel Aguilerra, a Tatiana da Agronomia, a mais Linda da Bahia, entre outras pessoas que compuseram a Frente de Luta da Pós-Graduação da UFPel.

A Beatriz Franchini, que se colocou a disposição como força de ajuda nesse processo que às vezes bagunçam com nossas águas.

Ao grupo de pesquisa ‘As Três Ecologias’, vinculado a Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, que nestes encontros produziu ecos e desvios na ‘andarilha’ e contato com a cartografia e a filosofia da diferença, o que foi significativo ao processo desta pesquisa.

Ao grupo de pesquisa em Enfermagem em Saúde Mental e Enfermagem em Saúde Coletiva vinculado ao Programa de Pós-Graduação Enfermagem da UFPel, que a ‘andarilha’ traduz como Saúde Mental Coletiva, a todas as pessoas, mas nominando algumas: Carmem Argiles, Janaína Willrich, Sônia Lapischies, Daiane de Aquino Demarco, Elitiele Ortiz.

A turma que conduz e faz acontecer o programa Gente como a Gente e a Rádio Com, mídia independente, produtora de diferença, que não manipula e não nega o direito a informação à população e em especial ao Seu José Luiz e ao Glênio Rissio.

Aos(As) companheiros(as) que andam por aí, afetando corações e mentes: Cid Curt Branco, palhaço Tropesso, Bruna Abbud, Pedro Henrique Carrard Sitta, palhaço Abacaxi, Alex Barcelos Monaiar, Lairton Bueno Martins, Leo Jaime, Diego Elias, Diogo Tavares, Fabiane Pavani, Ariane Guedes, Celeste Pereira, Juliana G. Vestena Zillmer, Michelle Jacondino, Poliana Alves, Silvana Ceolin, Natália Vargas, Patricia Mirapalheta Pereira, Patrícia Tuerlinckx Noguez, Raquel Pötter Garcia, enfim, também a todos(as) os(as) colegas da turma de doutorado 2013 do PPGENF, entre tantas outras pessoas.

As pessoas que integram, se relacionam ou se relacionaram com a Associação de Saúde Mental de Ijuí – Assami e Casa de Auto Mútua Ajuda em Ijuí, pelas loucuras que fizemos e compartilhamos juntos(as) no existir, e registra-se que são todas as pessoas que se envolvem na sua construção cotidiana, mas alguns nomes do tecido dessa história registra-se aqui – Sirlei Gomes, Otília Nogueira Rodrigues, Arno Kraemer, Juvelino Dallarosa, Teresinha Heck Weiller, Lúcia Ottonelli Crescente, Jânio Ottonelli, Dolair Callai, Mery Lilian Eickhoff, Eloá Bagetti, Leila Marisa Hildebrandt, Jardel Lazzaroto, Renzo di Stéfani, entre outras tantas pessoas.

Aos(as) trabalhadores(as) na Biblioteca Pública de Pelotas pela acolhida.

As pessoas espiritualistas que contribuíram para acalmar as tempestades das águas da ‘andarilha’ - Seu Paulinho, Donato César Prestes dos Santos, Samuel Saulo Martins Monte, Roberta Antunes Machado, Heloisa Martins Monte.

A família que vive na roça, plantando árvores e flores, acompanhando por vezes o curso do rio Jacuí Mirim, cuidando do jardim da vida, por estarem sempre por perto, mesmo nas distâncias. A irmã Cassiane Ubessi, do mesmo modo, que também se enveredou por práticas alternativas e inventivas na produção da vida, no trabalho com homeopatia, na contramão do agronegócio.

Ao Samuel Saulo Martins Monte, o amor no curso dos rios da vida, companheiro, que provoca permanentemente o pensar sobre o sentido da existência.

A Banda Chaves da Cadeia que inspirou o pensar sobre a abertura das nossas cadeias mentais.

Aos(as) Acadêmicos(as) do curso de graduação em Enfermagem da UFPel, que tivemos a oportunidade de produzirmos conhecimento coletivamente na Atenção Básica, no entre o fim de 2013 e início de 2014, na época o primeiro semestre dos(as) mesmos(as) e estágio de docência da 'andarilha'.

Aos colegas Marta Barcellos Afonso, Gilmar Ortiz, Rodrigo da Rosa Oliveira, Vinícius Boldt dos Santos e Luciano dos Santos Gentilini que acompanham nossas angústias quanto as burocracias necessárias para solicitações de Banca, matrículas, registros de nota, aproveitamentos, entre tantas outras coisas, bem como pelas boas conversas, por não nos verem como mais um(a) acadêmico(a) que chega ou sai, mas como gente como a gente!

A(o) companheira(o) de apartamento Bianca de Oliveira Cata Preta e ao Rodrigo César Vasconcelos dos Santos, pela parceria, paciência, boas conversas sobre a loucura em nossas vidas e envio de energias, nestes momentos de turbulência das águas de uma 'andarilha' no processo de finalização deste trabalho.

A OSC GESTO, nos nomes do Maiquel Fouchy e Gilmar Ortiz extensivo a todos(as) os(as) trabalhadores(as), pelas parcerias e incansáveis gestos de produção de cidadania!

Enfim, a todas as pessoas das redes rizomáticas de afetos e forças outras que SUStenta(ra)m esse processo ins**pirado** na cartografia!


Só a LuTa muDA a ViDA!
LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE

UM TEMPO PARA NÃO ESQUECER
(1964-1985)

Primeiro eles entraram em nosso jardim,
e roubaram uma flor.
Nós não dissemos nada.

Depois o mais frágil deles,
entra em nosso quintal
e mata nosso cão.
Nós não dissemos nada.

Depois conhecendo nosso medo,
roubam a lua,
e arrancam-nos a voz da garganta.
E como não dissemos nada,
não podemos dizer mais nada.

Wladimir Maiakóvski[2]
(1893-1930)

[2] Conhecido como o poeta da Revolução. A poesia como arma de guerra a favor da vida. Das possibilidades e da potência que a poesia tem, a depender de como afeta quem a lê, na produção de liberdades.

Lista de Figuras

Figura 1 – Rizoma 01, 61,148
Figura 2 – Só a luta muda á vida 13
Figura 3 – Qual a sua loucura? 39
Figura 4 – Rizomas 61
Figura 5 – O que brota 62, 161
Figura 6 – Identidade 78
Figura 7 – Efeitos do biopoder 79
Figura 8 – Individualismo 81
Figura 9 – Massificação 81
Figura 10 – Rizoma 97
Figura 11 – Rizoma 97
Figura 12 – Confeiteira Brasil 101
Figura 13 – Nascer do sol 102
Figura 14 – Metáfora da geografia de forças moleculares que podem produzir revoluções 107
Figura 15 – Metáfora da geografia de forças moleculares que podem produzir alteração nas paisagens 108
Figura 16 – Jacu, Jacuaçu ou Penelope obscura, 2013 108
Figura 17 – Pelotas, mecanismo de travessia do Canal de São Gonçalo, conexão entre Pelotas e Rio Grande, que deu origem ao nome da cidade 111
Figura 18 – Fotografia de vista aérea do município de Pelotas, foto de Flávio R. Berger 111
Figura 19 – Foto de Valdeni Borges Macedo, oitava pessoa da direita para a esquerda, em apresentação do Grupo Vocal Esperança no 10º Mental Tchê "Liberdade, abre as asas sobre nós", abril de 2014..... 112
Figura 20 – Área banhada pela Laguna dos Patos no território geográfico pelotense, 2013 112
Figura 21 – Nascer do sol no caminho 114
Figura 22 – Livro PoeticaMente de Zacaria, 2016 116
Figura 23 – Fotografia de página do livro que consta a foto de Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), do prontuário do Hospício Nacional de Alienados (Engenho de Dentro), Rio de Janeiro, 1919 117
Figura 24 – Livro 'O capa branca' de autoria de Walter Farias e Daniel Sonim 117
Figura 25 – Grupo musical Harmonia Enlouquece, 2011 118
Figura 26 – Cd Loka Vida de Gilberto Isquierdo, 2016 119

Figura 27 – Apresentação do Grupo Vocal Esperança no Mental Tchê, São Lourenço do Sul, 2014 120

Figura 28 – Apresentação do Grupo Musical Los Lokos na Fenadoce, Pelotas, 14 de junho de 2014 120

Figura 29 – Fotografia de fragmento de cartaz proposto pela Aussmpe 'qual a sua loucura?' no 18 de maio de 2016, o qual foi sendo produzido espontaneamente por participantes nas atividades referente ao 18, na Esquina Democrática de Pelotas (AUSSMPE, 2015-7) 122

Figura 30 – Imagem incorporada pela 'andarilha', quadro pintado pelo seu Carlos Alberto Narciso Zacaria 124

Figura 31 – Antropofagia – ilustração da obra de Tarsila do Amaral 129

Figura 32 – Rostidade. Imagem produzida por Vanessa Prager 129

Figura 33 – Fotografia de trecho do escrito em 'Diálogos' de Deleuze com Parnet 131

Figura 34 – Quadro colocado na porta de entrada da Casa AMA, Ijuí, 2008 ... 140

Figura 35 – Outro Mundo é possível 141

Figura 36 – Um dos cartazes de divulgação da Tenda do Afeto Popular em parcerias, que ocorreria em 25 de abril de 2017 144

Figura 37 – Águas que (se) movimentam 151

Figura 38 – Vazamento 165

Figura 39 – Algumas das pessoas associadas com a produção de vida, muitas das quais vinculadas a Aussmpe. Pelotas, 2016 166

Figura 40 – Pai Zé e Andarilha, no ônibus destino a Jaguarão e Rio Branco, Uy, 2014 166

Figura 41 – Fotos com a intercessora guia, Mãe Preta, e muitas lágrimas da emoção que brota do coração, 2015 – 2016 ..... 167, 168

Figura 42 – 'Véio' em suas artistagens 168

Figura 43 – Dois irmãos 169

Figura 44 – Intercessores(a) Guia 170

Figura 45 – Rizoma labirinto 174

Figura 46 – Logotipo do Levante Popular da Juventude 175

Figura 47 – Projeto popular para a educação 176

Figura 48 – Levante na luta pelo direito a diversidade 176

Figura 49 – Levante na luta contra o machismo 176

Figura 50 – Levante pela Saúde da Mulher 176

Figura 51 – Levante pelas Cotas 176

Figura 52 – Levante ocupa a Globo no RJ, 2017 176

Figura 53 – Levante no escracho contra a ditadura 176

Figura 54 – Acampamento Nacional do Levante Popular da Juventude - LPJ, Santa Cruz do Sul, na Feira Nacional do MPA 2012 177

Figura 55 – Circulando por espaços da Feira Nacional do MPA no Acampamento Nacional do LPJ, Santa Cruz do Sul, 2012 177

Figura 56 – Slogan do 9º Acampamento Estadual do Levante Popular da Juventude, de 12 a 14 de julho de 2003, Santa Maria – RS 178

Figura 57 – Cartaz convite para roda de Conversa com estudantes de odontologia, Faculdade de Odontologia, 2013 181

Figura 58 – Cartaz de divulgação para participação no processo seletivo-educativo, para fins de realização ou não do VER-SUS; Pelotas, 2014 181

Figura 59 – Viventes VER-SUS Pelotas, 2014 181

Figura 60 – Participação de docente e estudantes de graduação e pós-Graduação da Faculdade de Enfermagem, muitos dos(as) quais envolvidos(as) com VER-SUS no ocupa as ruas em 2014, vimos desde o Ânglo até o Mercado Público se somar na Marcha 181,182

Figura 61 – Roda de conversa de estudantes da Odontologia da UFPel com o Coletivo Extremo_SUS, estudantes vinculados ao Diretório Acadêmico de Enfermagem – DAEnf Anna Neri, estudantes contagiados/as de VER-SUS, em sala localizada no prédio da Faculdade de Odondologia da UFPel, 2013 182

Figura 62 – Reunião da CIES em São Lourenço do Sul, na Tenda do Afeto Popular, Mental Tchê, 2015 184

Figura 63 – Registo fotográfico de (re)encontros de /as viventes que estiveram no primeiro VER-SUS realizado em Palmeira das Missões/RS e do VER-SUS/Santa Rosa, Tenda do Paulo Freire, 9º Mental Tchê, 2013, São Lourenço do Sul, RS 187

Figura 64 – Registro fotográfico da capa do DVD dos grupos Vocais Esperança e Feliz Arte, Pelotas/RS, 2013 204

Figura 65 – Registo fotográfico de participação no evento que apresentou os resultados de pesquisa e colocou em discussão com a comunidade acadêmica, serviços e em geral, o 'Perfil dos usuários de crack e padrões de uso', em Auditório no prédio Canguru da UFPel. 2015. 207

Figura 66 – Grupo Vocal Esperança em momentos de encontros, conversas, ensaios, comemorações (2013-2017) 208, 209, 210

Figura 67 – Registros fotográficos de momentos no grupo Vocal Esperança, no caso, preparativo a festa do Amigo que é promovida pelo CAPS Escola e que foi temática dado a conjuntura do país e local no que se refere a Saúde Mental em Pelotas. CAPS Escola. Pelotas/RS. 2016 211

Figura 68 – Grupo Vocal Esperança em alguns dos palcos da vida, semeando música e esperança 212, 213, 214

Figura 69 – Cartaz de divulgação e convite para a Gravação de DVD ao vivo dos Grupos Vocal Esperança e Musical Los Lokos, no Palco

principal da Praça de Alimentação, na Feira Nacional de Doces de Pelotas - FENADOCE, no dia 5 de junho de 2015, efeito deste trabalho tecido por muitas vozes, mãos, de corpo inteiro 216

Figura 70 – Os músicos. Registro fotográfico no xerox 'A Garagem' e no elevador do prédio do centro de Artes, UFPel. Pelotas/RS. 2016 ... 218

Figura 71 – Imagem do logotipo do grupo Vocal Esperança. Dois corações como notas musicais, que fazem outros desenhos nas partituras sem fim. 2017 218

Figura 72 – Participações do Grupo Vocal Esperança em recital promovido pelo curso de Música, no encontro com percussionista no Quadrado, e aula; e em aula no curso de Música, no Auditório do Centro de Artes de Música da UFPel. Pelotas/RS, 2014-2016 219

Figura 73 – Recorte de imagem de pessoas tocando e dançando ao som dos tambores, dentre elas a 'andarilha', 2016 223

Figura 74 – Tania mostrando suas produções, que nos são significativas e belas. Sala do Centro de Artes. UFPel, 2016 225

Figura 75 – Maria Alice Sant Anna da Rosa. Caminho a casa da tia Milene para ensaio dos grupos Vocal Esperança e Musical Los Lokos, em preparativo para apresentação na Fenadoce, Pelotas, em 3 de junho de 2015 226

Figura 76 – Eliane e Anastácio e respectivo convite de casamento. 2016 227

Figura 77 – Visita a casa e familiares de Santa Helena da Silva Brem 230

Figura 78 – Visita a Maria Alice Sant' Anna da Rosa 231

Figura 79 – Festa de aniversário da Maria Alice Sant'Anna da Rosa, em 25 de outubro de 2015 232, 233

Figura 80 – Ida de Maria Alice Sant'Anna da Rosa e 'andarilha' ao Laranjal, Pelotas/RS, 2016 ..... 233, 234

Figura 81 – Alguns de nossos outros movimentos nas lutas sociais 235

Figura 82 – Fotografia do slogan do Grupo Musical Los Lokos, impresso na primeira camiseta do mesmo. Pelotas/RS, 2015 242

Figura 83 – Carta da Mãe Laci para a 'andarilha', de Feliz Páscoa, datada de 27 de março de 2016 244

Figura 84 – Registro da participação em atividades e diversos eventos em Pelotas, Capão do Leão, Lajeado, Rio Grande e Jaguarão no Rio Grande do Sul, dentre outros fora do estado e país. 2013-2017 ..... 246, 247, 248, 249, 250

Figura 85 – Los Lokos em apresentação em noite de festa no CAPS Fragata. Pelotas/RS, 2015 251

Figura 86 – Momentos de encontros do Grupo Musical Los Lokos. Restaurante Popular. Apoio OSC GESTO. Pelotas/RS, 2014 252

Figura 87 – Festa de aniversário surpresa ao Pai Zé, em 19 de fevereiro de 2015. Restaurante Popular. Apoio OSC GESTO. Pelotas/RS, 2014 252

Figura 88 – Registro fotográfico de momentos do grupo Musical Los Lokos na casa da Mãe Vanilda, regado a quitutes, seguido de música, em 04 de junho de 2015 253

Figura 89 – Registros fotográficos de momentos de ensaio juntando pessoas dos dois grupos Vocal e Musical, preparando-se para apresentação na Fenadoce de 2016. Pelotas/RS 254

Figura 90 – Festa de carnaval no Restaurante Popular promovida pela OSC GESTO, Restaurante Popular, Pelotas/RS, 2015 255

Figura 91 – Andarilhagens de Pai Zé, 'andarilha' e João, Pelotas/RS, 2014 255

Figura 92 – Los Lokos pelos palcos da vida, cantando, encantando, afetos, músicas, vida. Pelotas/RS, 2014 ..... 256, 257

Figura 93 – Bingo no CAPS Escola, em 23 de novembro de 2016. Pelotas/RS. 258

Figura 94 – Apresentação e confraternização de Natal no CAPS AD III, em 19 de dezembro de 2016, Pelotas/RS 261

Figura 95 – Árvore, slogan símbolo da Aussmpe 275

Figura 96 – Quadro desenhado e pintado por Vanilda Pereira da Silva no CAPS Baronesa 276

Figura 97 – Pai Zé , coordenador do Cine Mental. Pelotas/RS. 2016 287

Figura 98 – Demonstração de carinho. em apresentação do grupo Musical Los Lokos no lançamento do livro PoeticaMente do Zacaria, Pelotas/RS, 2016 287

Figura 99 – Roda de chimarrão na casa da Mãe Preta, Pelotas/RS, 2017 288

Figura 100 – Registros fotográficos, o primeiro na casa da Mãe Preta, dela e Santa Helena para ir ao ato de inauguração de expansão de espaço e as outras duas fotos já no local, em 07 de abril de 2016. Pelotas/RS 289

Figura 101 – Da direita para a esquerda Pai Zé, Mãe Preta e o Belletti. Pelotas/RS, 2017 290

Figura 102 – Registo fotográfico de grafite em muro na rua Álvaro Chaves em quase encontro com a Gomes Carneiro, 2016 298

Figura 103 – Registro fotográfico de reunião da Aussmpe em 19 de dezembro de 2013, colhido do acervo de Santos, Pelotas/RS, 2016 311

Figura 104 – Aussmpe representada em atividade na Câmara Municipal do Alegre, Alegrete/RS, 2014 312

Figura 105 – Visita da Aussmpe ao Manicômio São Pedro, Porto Alegre 312

Figura 106 – Visita ao Lar de Idosos, Pelotas/RS, outubro de 2013 312

Figura 107 – Festa na casa da Sandra Schwantz. Pelotas/RS, 2013 313

Figura 108 – Festa de aniversários de membros(as) da Aussmpe e Los Lokos na casa da Mãe Preta, Pelotas, janeiro de 2015 ..... 314, 315

Figura 109 – Andanças com o e a intercessores(as) Guia Mãe Preta e seu Ivon em Porto Alegre, RS, 2015 316

Figura 110 – Reunião no Conselho Estadual de Saúde, 27 de fevereiro de 2015, Porto Alegre/RS 317

Figura 111 – Encontro regional da Reforma Psiquiátrica Antimanicomial, Santa Maria/RS 318

Figura 112 – Imagem de alguns dos *bottons* vendidos pela a Aussmpe 320

Figura 113 – Reunião da Aussmpe no novo espaço, OSC GESTO, Santos Dumont, Pelotas/RS, 2015 321

Figura 114 – Momento em que tecemos 'sonhos', Aussmpe, Pelotas/RS, 2015 323

Figura 115 – Turma de Alfabetização na AUSSMPE, Pelotas/RS, 2016 325

Figura 116 – Registro fotográfico da 'andarilha' ajudando o pai Zé a assinar seu nome, em uma reunião da Associação. Pelotas, RS . 2016 325

Figura 117 – Primeiro traçado da assinatura de Pai Zé sem ajuda de ninguém. Capão do Leão/RS, 2016 326

Figura 118 – Registro de pai Zé operando a máquina fotográfica em reunião da Aussmpe, 2016 327

Figura 119 – Imagem de um instrumento de violão, que nas mãos das pessoas pode ser um potente dispositivo/arma de conexões e emoções 327

Figura 120 – Registro fotográfico de momentos da oficina de artesanato. AUSSMPE na OSC GESTO, quando a sede situava-se na rua Santos Dumont, 337, centro, Pelotas/RS, 2016 ..... 328, 329

Figura 121 – Registros fotográficos de momentos do Cine Mental. Foto 01 – momento da escolha do nome para esta atividade; Foto 02 – Pai Zé fazendo a instalação; Foto 03 – Após sessão de vídeo com visitas de pessoas da comunidade em geral. AUSSMPE na OSC GESTO, quando era na sede situada na rua Santos Dumont, 337, centro, Pelotas/RS, 2016 ..... 331, 332

Figura 122 – Participação de pessoas da AUSSMPE, algumas das quais eram/são Conselheiras de Saúde em mobilização para fins de atualização dos repasses do estado do Hospitais públicos e filantrópicos. A participação da força pelotense foi articulada pelo Conselho Municipal de Saúde de Pelotas. Rio Grande/RS, 2015 ... 336

Figura 123 – Registro fotográfico da participação da Aussmpe na 7ª Conferência Estadual de Saúde. Porto Alegre/RS, 2015 336

Figura 124 – Registro fotográfico da participação de Ivon Fernandes Lopes integrando a delegação sul na 15ª Conferência Nacional de Saúde. Brasília/RS. 2015 337

Figura 125 – Registro fotográfico de momentos vividos no Almoço Dançante, promovido pela Aussmpe, realizado em 20 de dezembro de 2014, Sindicato da Alimentação, Pelotas/RS 338, 339, 340, 341

Figura 126 – Registro fotográfico do Brechó Festivo promovido pela Aussmpe, realizado em 29 de agosto de 2015, Restaurante 342, 343,

Popular, OSC GESTO, Pelotas/RS 344, 345

Figura 127 – Registro fotográfico do Brechó Primavera promovido pela Aussmpe, realizado em 17 de setembro de 2016, Restaurante Popular, OSC GESTO, Pelotas/RS 347

Figura 128 – Tenda do Afeto Popular no Bairro Getúlio Vargas no Rio Grande, RS, em 07 de março de 2015 348

Figura 129 – Tenda do Afeto na 3ª Coordenadoria de Saúde de Pelotas/RS, 2015 349

Figura 130 – Tenda do Afeto Popular no 11º Mental Tchê, São Lourenço do Sul, RS, 2015 350

Figura 131 – Pré-CLAS promovido realizado em Rio Grande, promovido pela comissão organizadora do evento, Povaréu Sul e Aussmpe em parceria com a FURG. 2015 350

Figura 132 – Orgulho Louco 2015 no Alegrete, com o seguinte recado 'Amai-vos uns aos Loucos' 351

Figura 133 – Participação da Aussmpe no Loucolóquio e na Tenda do Afeto Popular neste evento e Pinheiro Machado. 2015 ..... 352, 353

Figura 134 – Primeiro encontro da Aussmpe em 2016, no dia 18 de fevereiro, que em meio as conversas, festividade, discussão da situação política da Saúde Mental no país, entre outros assuntos. Sede da AUSSMPE, OSC GESTO, Pelotas/RS 356, 357

Figura 135 – Registro fotográfico da primeira reunião do ano de 2016 da Aussmpe, em 1 de março de 2016. Sede da AUSSMPE na OSC GESTO, rua Santos Dumont, 337, Pelotas/RS 359, 360

Figura 136 – Registro fotográfico em que acompanhamos Santa Helena da Silva Brem na aquisição de sua passagem aérea para São Paulo. Posto de vendas da TAM em Pelotas/RS 360, 361

Figura 137 – Registros fotográficos de momentos de ida, na Tenda do Bolaxa e retorno da mesma. Pelotas, Rio Grande, Pelotas. 2016 ..... 361, 362

Figura 138 – Movimentação 'Fora Valências' em uma articulação Aussmpe, Grupo Vocal Esperança e CAPS Porto. 19 de março de 2016. Inicia-se no Centro de Artes, ruma para o CAPS Porto e Escola. Pelotas/RS 363, 364

Figura 139 – Registro fotográfico de momentos na Tenda do Afeto Popular no Evento das Mulheres do Campo e da Cidade em 24 de março de 2016, no município de São Lourenço do Sul/RS 365

Figura 140 – Registro fotográfico de momentos na reunião da Aussmpe, articulação com grupo de Pesquisa em Enfermagem em Saúde Coletiva e Enfermagem em Saúde Mental da UFPel, e após a reunião, um lanche no Centro Popular de Pelotas, como comumente fazemos antes de rumar para o Cine Filosofia que acontece na Faculdade de Odontologia da UFPel. 2016 366

Figura 141 – Momentos de alquimias da razão. Sede da AUSSMPE na OSC

GESTO, rua Santos Dumont, 337, Pelotas/RS 368

Figura 142 – Registro fotográfico da participação na Festa de aniversário das pessoas que fazem o CAPS Renascer em Jaguarão/RS e ida a Rio Branco no Uruguai, por pessoas que integram a Aussmpe, Grupo Vocal Esperança e Musical Los Lokos. Abril de 2016 ..... 368, 369

Figura 143 – Reunião da AUSSMPE em 26 de abril de 2016 na Sede da mesma na OSC GESTO, rua Santos Dumont, 337, Pelotas/RS e andarilhagem pelas ruas da cidade 369, 370

Figura 144 – Registro fotográfico do entremeio estada no Grupo Vocal Esperança, Café de fim de tarde, aula da Alice e de nossa ida ao Sarau Poético promovido pelo grupo de apoio a composição para eleição da Reitoria da UFPel, 'Viva a Transformação'. Café nas proximidades do Centro de Artes, na Rua Benjamin. Pelotas/RS ... 371

Figura 145 – Registro fotográfico de nossa participação no Sarau Poético promovido pelo grupo de apoio a composição para eleição da Reitoria da UFPel 'Viva a Transformação', na sede da mesma nas proximidades do Instituto de Ciências Humanas da UFPel, conhecemos o Cid Branco, diretor e ator de Teatro, e depois o encontro com o 'sombra'. Pelotas/RS 372

Figura 146 – Registro fotográfico de momentos de Café na Rádio Com e trajeto para participar do lançamento do DVD Loka Vida. 03 de maio de 2016. Rádio Com, e trajeto até o Auditório do Centro de Artes/UFPel 373, 374

Figura 147 – Registros fotográficos de momentos das aulas de Reflexologia conduzidas pelo professor Vagner Berchon Des Essarts, na Sede da AUSSMPE na OSC GESTO, rua Santos Dumont, 337, Pelotas/RS. 375

Figura 148 – Registro fotográfico de momentos da reunião, realizados pelo Pai Zé, 'andarilha', Ângela, Ivon Lopes, entre outras pessoas. Sede da AUSSMPE na OSC GESTO, rua Santos Dumont, 337, Pelotas/RS 376, 377

Figura 149 – Objetivo da Aussmpe reconstruído conforme consta no Folder ... 378

Figura 150 – Folder da Aussmpe 379

Figura 151 – Registro fotográfico de momentos de construção da faixa da Aussmpe para o 18 de maio de 2016. Casa de Mãe Preta. Pelotas/RS 380, 381, 382

Figura 152 – Gang da Alegria. Registros fotográficos realizados na casa da Mãe Preta e na sede da Aussmpe, OSC GESTO, rua Santos Dumont, 337, Pelotas/RS 383

Figura 153 – Foto na casa de Mãe Vanilda. Da direita para a esquerda: José Fernando Borges do Amaral, Vanilda Pereira da Silva, *in memoriam*, a 'andarilha', Ivo Airton, Ivon Fernandes Lopes 384

Figura 154 – Registro fotográfico de momentos referente à abertura da Semana da Luta Antimanicomial em Pelotas de 2016, que iniciou com apresentação do filme Estamira, no prédio da Lagoa Mirim,

UFPel 385

Figura 155 – Registro dos momentos em que fomos tecendo o movimento da Luta Antimanicomial na rua, no dia 17 de maio de 2016, esquina democrática, Pelotas/RS 386, 387

Figura 156 – Registro dos momentos em que fomos tecendo o movimento da Luta Antimanicomial na rua, no dia 17 de maio de 2016, desde a esquina democrática, calçadão, até a sinaleira da rua General Osório esquina com a Floriano Peixoto, a qual intitulamos, a partir de ideia da Mãe Preta, como a 'Esquina da Loucura' 387, 388, 389

Figura 157 – Autorização para o pai Zé viajar conosco para São Paulo. Maio de 2016 390

Figura 158 – Atividade do 18 de maio em frente ao Teatro Sete de Abril, promovida pelo município Pelotas/RS. 2016 391

Figura 159 – 12º Mental Tchê em São Lourenço do Sul, encontro da força mentaleira do estado do RS, com banca da Aussmpe, participação na mesa de abertura e falas subsequentes, com Tenda do Afeto Popular aquecida de gentes, afetos, diálogos, conversas. 19 e 20 de maio de 2016 ..... 392, 393, 394, 395

Figura 160 – Registros de momentos do percurso que envolveu estar no Congresso Brasileiro de Saúde Mental – CBSM, Pelotas e Porto Alegre/RS, São Paulo/SP, maio de 2016 ..... 397, 398, 399, 400

Figura 161 – 1º Encontro Estadual de Associações de Saúde Mental, Santa Maria/RS, 10 de junho de 2016 ..... 402, 403

Figura 162 – Festa da Aussmpe para celebrar os aniversários que haviam ficado pelo caminho, devido às movimentações de maio, as viagens, a situação de saúde da Mãe Preta e como forma de desejar boas energias ao seu Ivon que em breve iria para Jequié na Bahia. Sede da Aussmpe, OSC GESTO, rua Santos Dumont, 337, Pelotas/RS 465, 466, 467

Figura 163 – Mãe Vanilda fazendo cena em Hotel no município de São Lourenço do Sul, em época de Mental Tchê, 2015..... 409

Figura 164 – Momentos do Teatro Mosaico Alegria, realizado em sala no Museu do Doce, UFPel, 2016 ..... 409, 410, 411

Figura 165 – Sugestões de nomes para o grupo de Teatro, tecido em reunião da Aussmpe, na sede da mesma, na OSC GESTO, rua Santos Dumont, 337, Pelotas/RS 413

Figura 166 - Cartaz para solicitação de doações ao Brechó 413

Figura 167 – Momentos na Tenda da Sororidade, IFRS, Rio Grande, 16 de agosto de 2016 ..... 414, 415

Figura 168 – Tenda do Afeto Popular no evento Não Tchê Lokeie, Arroio Grande, 17 de agosto de 2016 ..... 415, 416

Figura 169 – Faixa escrita pelo seu Vagner Berchon Des Essarts para a festa de 14 anos da Aussmpe. 1 de setembro de 2016 416

Figura 170 – Festa de 14 anos da Aussmpe no Restaurante Popular, gerenciado pela OSC GESTO, realizada em primeiro de setembro de 2016. Pelotas/RS 420, 421

Figura 171 – Festa do(a) Amigo(a) promovido pelo CAPS Escola, realizada no CTMR, ao lado da Secretaria Municipal de Saúde, Pelotas, RS. 2016 423

Figura 172 – Itinerário de ida até a casa do Marcos para fins de reunião do Coletivo Povaréu. Vida da Quinta, Rio Grande, 2016. 424

Figura 173 – Roda de conversa sobre Suicídio, promovida pelo Grupo de Pesquisa em Enfermagem em Saúde Mental e Enfermagem em Saúde Coletiva em parceira com a AUSSMPE, Faculdade de Enfermagem, prédio Anglo da UFPel, setembro de 2016 426

Figura 174 – 1º Seminário de rearticulação do VER-SUS na região Extremo Sul. Faculdade Anhanguera. Rio Grande/RS, 13 e 14 de outubro de 2016 ..... 427, 428

Figura 175 – Reunião do Grupo Condutor Regional de Saúde Mental 428

Figura 176 – Participação do grupo Musical Los Lokos e da Aussmpe no lançamento do livro do Vacaria 'PoeticaMente' em 12 de novembro de 2016. Clube Caixeral. Pelotas – RS 429

Figura 177 – Participação no evento sobre 'Novas abordagens em Saúde Mental – Ouvidores de Vozes', realizado em 17 de novembro de 2016, Porto Alegre – RS 430

Figura 178 – Participação no evento sobre 'Novas abordagens em Saúde Mental – Ouvidores de Vozes', realizado em 17 de novembro de 2016, Porto Alegre – RS 431, 432

Figura 179 – Festa de encerramento do ano de 2016 no interior de Pelotas, em 14 de dezembro de 2016 ..... 433, 434

Figura 180 – Momentos de existência e resistências no Programa Gente como a Gente, Rádio Com, Pelotas-RS 437

Figura 181 – Mandala 446

Figura 182 – Imagem que expressa a Tenda como um dispositivo de guerra, que tem como fim a vida 447

Figura 183 – Tenda da Loucura, 18 de maio de 2014, domingo, praça Dom Antônio Zattera. Pelotas/RS 450

Figura 184 – Imagem fotográfica que registra o momento que constituímos o Coletivo Povaréu Sul. 22 de janeiro de 2015 451

Figura 185 – Ilustra as intensidades que (nos) movimentam. Imagem colhida no evento 'Não Tchê Lokeie', com frase de autoria de Pedro Salomão. Arroio Grande, 2015 456

Figura 186 – Tenda do Afeto Popular no IFRS. A primeira Tenda após a da Loucura em Pelotas. Rio Grande/RS 457

Figura 187 – Tenda do Afeto Popular em aula do curso Técnico de Enfermagem, sob regência de Roberta Antunes Machado, 2014,

Rio Grande/RS 457, 458, 459

Figura 188 – Tenda do Encontrão em nove de setembro de 2014, no recanto de Portugal, Pelotas/RS 461

Figura 189 – Tenda na Mostra de Saúde na região Sul. Pelotas/RS, 2014 ..... 462, 463

Figura 190 – Tendão com trabalhadores(as) da Estratégia da Saúde da Família no Rio Grande. 2014. ..... 463, 464

Figura 191 – Articulação entre Aussmpe e Pós-Graduação, na Frente de Luta em Marcha contra a PEC 241, Pelotas/RS 470

Figura 192 - Tenda do Afeto Popular na Colônia Z3. Dezembro de 2016. Pelotas/RS..... 471

Figura 193 – Cartaz de chamamento para a construção da Tenda do Afeto com a comunidade do Guabiroba, Pelotas/RS, 2016 471

Figura 194 – Outrando-se. Casa da Mãe Vanilda. 7 de fevereiro de 2017. Pelotas/RS 475, 476

Figura 195.1 – Registro frase grafitada no prédio Biblioteca Pública de Pelotas/RS 477

Figura 195.2 – Tenda do Afeto Popular no Dia Internacional da Mulher em 8 de março de 2017, na Esquina Democrática, Pelotas/RS 484, 485

Figura 196 - Nos bastidores do Programa Gente como a Gente que foi ao ar em 11 de março de 2017 pelas ondas da Rádio Com, 104.5 fm 486

Figura 197 – Tenda do Afeto Popular na mobilização contra as Reformas da Previdência, Trabalhista, entre outras. 15 de março de 2017 ..... 487, 488

Figura 198 – Primeira reunião da Associação do ano, nas novas instalações da OSC GESTO, 16 de março de 2017 488

Figura 199 – Tenda na Quinta – 18 de março de 2017, sábado, turno da tarde, vila da Quinta, Rio Grande/RS 489, 490

Figura 200 – Tenda na Quinta – subindo no coqueiro. Fotos capturadas do sítio da Aussmpe no álbum 'Encontro em Tenda do Afeto. Coletivo Povaréu & Aussmpe – COQUEIRO, março de 2017 491

Figura 201 – Programação do Mental Tchê da Resistência, 2017 515

Figura 202 – Cartaz de divulgação da Semana da Luta Antimanicomial, produzido por Priscila Borges Silveira integrante do GAAS e Programa de Pós-Graduação em Ciências: práticas sociais em saúde e enfermagem da UFPel, em maio de 2017 518

Figura 203 – Cartaz produzido pelo Diretório Acadêmico do Serviço Social da Universidade Católica de Pelotas – UCPel, 12 de maio de 2017 519

Figura 204 – Foto do Grupo Vocal Esperança na abertura da 1ª Conferência Livre da Luta Antimanicomial de Pelotas, 15 de maio de 2017 520

Figura 205 – 1ª Conferência Livre de Saúde Mental, na abertura da Semana da Luta Antimanicomial, 15 de maio de 2017, de uma das falas sobre 'Que rede queremos', proferida por Luciane Prado Kantorski e do momento em que Janaína passa o microfone para a fala de Pai Zé

que indaga a gestão municipal sobre o assassinato do Cláudio Adão de Lima Souza 521

Figura 206 – Registro fotográfico da 1ª Conferência Livre de Saúde Mental, 15 de maio de 2017, no turno de trabalhos na tarde 521, 522

Figura 207 – Registro fotográfico do momento de apresentação da sistematização dos trabalhos de grupo, 15 de maio de 2017 523

Figura 208 – Registo fotográfico da leitura da Carta da Luta Antimanicomial de Pelotas na 1ª CLSM, 15 de maio de 2017 524

Figura 209 – Encerramento das atividades da 1ª Conferência Livre da Luta Antimanicomial de Pelotas, 15 de maio de 2017 524

Figura 210 – Cartaz produzido por trabalhador/a no Gabinete de Fernanda Pinto Miranda, vereadora, 12 maio de 2017 526

Figura 211 – Composição da mesa na Câmara Municipal de Pelotas, do público presente na Audiência e de pessoas que tem andado juntas no GAAS, Câmara Municipal de Pelotas, 16 de maio de 2017 530

Figura 212 – Cartaz produzido pelo Diretório Acadêmico do Serviço Social da Universidade Católica de Pelotas – UCPel, 12 de maio de 2017 530

Figura 213 – Convite para o evento produzido pela Comissão Organizadora do Evento. Maio de 2017 531

Figura 214 – Registro fotográfico de participação em atividade realizada pelo movimento LGBT de Pelotas e de construção das faixas para o 18 de maio em paralelo a essas manifestações, sobre essa luta e apresentações artísticas. 17 de maio de 2017 532

Figura 215 – Registro de divulgação da atividade na rua, no 18 de maio de 2017..... 533

Figura 216 – Cartaz produzido pelo Diretório Acadêmico do Serviço Social da Universidade Católica de Pelotas – UCPel, 12 de maio de 2017 533

Figura 217a – Fotos da marcação do movimento de Luta Antimanicomial no Largo do Mercado Público, 18 de maio de 2017, tarde 534, 535, 536, 537

Figura 217b – Fotos da marcação do movimento de Luta Antimanicomial no Largo do Mercado Público, 18 de maio de 2017, tarde 537, 538, 539

Figura 218 – Manifestações Fora Temer em 18 de maio de 2017 540

Figura 219 – Imagem do botton ‘Fora Temer’ 540

Figura 220 – Participação em reunião do Conselho Municipal de Saúde, turno da noite, 18 de maio de 2017 540

Figura 221 – Participação em reunião do Conselho Municipal de Saúde em 18 de maio de 2017, leitura pelo seu Uilson da Carta da Luta Antimanicomial fruto da 1ª CLSM 540

Figura 222 – Cartaz produzido pelo Diretório Acadêmico do Serviço Social da Universidade Católica de Pelotas – UCPel, 12 de maio de 2017 541

Figura 223 – Fala de Djeniffer Rodrigues Coradini sobre Políticas de Equidade e Saúde Mental, Restaurante Popular, 19 de maio de

2017 541

Figura 224 – Fala de Miriam Cristiane Alves sobre Políticas de Equidade e Saúde Mental, Restaurante Popular, 19 de maio de 2017..... 542

Figura 225 – Roda de conversa sobre Políticas de Equidade e Saúde Mental, Restaurante Popular, 19 de maio de 2017 543

Figura 226 – Faixa construída pelo Grupo Vocal Esperança. Localiza no sítio de Uilson Admar do Santos na rede virtual Facebook 547

Lista de Abreviaturas e Siglas

1ª CLSM	1ª Conferência Livre de Saúde Mental
AB	Atenção Básica
ABP	Associação Brasileira de Psiquiatria
ANEPS	Articulação Nacional de Educação Popular em Saúde
APAE	Associação de Pais e Amigos
APAL	Assocación de Psiquiátrica de América Latina
AUSSMPE	Associação de Usuários dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CAPS AD	Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras drogas
Casa AMA	Casa de Auto Mútua Ajuda
CEBES	Centro Brasileiro de Estudos de Saúde
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CFM	Conselho Federal de Medicina
CIES	Comissão de Integração Ensino-Serviço
CIR	Comissão Intergestores Regionais
CLAS	Congresso Latinoamericano de Salud[3]
CMS	Conselho Municipal de Saúde de Pelotas
CMSM	Comissão Municipal de Saúde Mental de Pelotas
COGERE	Conselho de Gestores Regional
COLEGES	Colegiado de Estudos sobre Gestão em Saúde
COMUS	Conselho Municipal de Saúde de Ijuí
CLSM	Conferência Livre de Saúde Mental de Pelotas
COSMUS	Coletivo Social de Mudanças em Saúde
CREFITO	Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional
CRS 17ª	Conselho Regional de Saúde 17ª região
CTMR	Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência[4]
DAN	Diretório Acadêmico de Enfermagem Anna Nery
ENEAMA	Encontro de Estudantes Antimanicomiais
ESP/RS	Escola de Saúde Pública do estado do Rio Grande do Sul

[3] Congresso Latinoamericano de Saúde.
[4] Consistia em uma empresa operadora de telefonia do grupo Telebrás nas cidades de Capão do Leão e Pelotas no estado do Rio Grande do Sul, antes da privatização.

FEBEM	Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor
FENADOCE	Feira Nacional do Doce de Pelotas
FENAEMD-SM	Federação Nacional das Associações em defesa da Saúde Mental
FENAM	Federação Nacional dos Médicos
FOGCES	Fórum Gaúcho de Coletivos Estudantis na área da Saúde
FURG	Fundação Universitária do Rio Grande
GAAS	Grupo Autônomo de Articulação em Saúde
GCMSM	Grupo Condutor Municipal de Saúde Mental de Pelotas
GCR	Grupo Condutor Regional de Saúde Mental 21ª região de saúde
GESC	Grupo de Estudos em Saúde Coletiva
GESMG	Grupo de Estudos em Saúde Mental e Gerontologia
IFRS	Instituto Federal do Rio Grande do Sul
IML	Instituto Médico Legal
LATAM	Companhia Aérea Airlines Brasil
LGBTT	Lésbitas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais
MPA	Movimento dos(as) Pequenos(as) Agricultores(as)
NAPS	Núcleo de Atenção Psicossocial
OSC GESTO	Organização Não Governamental Saúde e Cidadania - Grupo pela Educação, Saúde e Cidadania
PGG	Programa Gente como a Gente
PNEPO	Política Nacional de Educação Popular em Saúde
PNEPS	Política Nacional de Educação Permanente em Saúde
PPGEnf	Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFPel
PSol	Partido Socialismo e Liberdade
RAS	Rede de Atenção em Saúde
RAPS	Rede de Atenção Psicossocial
REME	Movimento de Renovação Médica
RS	Rio Grande do Sul
SAMU	Serviço de Atendimento Móvel de Urgência
SRT	Serviço Residencial Terapêutico
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TO	Terapia Ocupacional
UAA	Unidade de Acolhimento Adulto
UAI	Unidade de Acolhimento Infantil
UCPel	Universidade Católica de Pelotas
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNIJUÍ	Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul
USP	Universidade de São Paulo
VE-POP	Vivências e Estágios em Educação Popular em Saúde
VER_SUS	Vivências e Estágios na realidade do Sistema Único de Saúde
VIVER_SUS	Coletivo de Vivências, Estágios e Movimentos no Sistema Único de Saúde

Resumo

Trata-se de estudo inspirado na cartografia, que se ocupou com conceitos da filosofia da diferença como ferramentas que foram forçando o pensamento para tradução das intensidades existenciais e movimentos no cotidiano vivido, a partir do que foi afetando a produção do percurso, no período de maio de 2013 ao de 2017, Pelotas/RS. Qual a loucura em paisagens do Sul? Entendendo a loucura como manifestação da subjetividade, processos de desterritorialização, passagem de intensidades, força, instrumento de guerra. O território foi constituído a partir de uma perspectiva andarilha, ouvindo vozes em intercessão com conceitos, teoria, pessoas guias, reconhecidas pelo que afetava o eco de suas vozes em nossa intimidade com a loucura, agenciando-se em pontos de intensificação de vida, em rizoma, respeitado os preceitos éticos de pesquisa na relação com pessoas, aprovado pelo documento consubstanciado número 1.471.251. Experimentado o estilhaçamento do limite entre sujeito e objeto de estudo e forças de resistência de conservação e dispostas a alteração da realidade de saúde e social, via produção de estéticas de rexistências nas tramas da subjetividade e do biopoder na relação com a loucura, perturbando as próprias cartografias, as verdades instituídas e os códigos da sociedade de normalização. Esse processo ocorreu experimentando pontos de fabricação da felicidade, produção de liberdades, desterritorializando normalidades, a partir da não indiferença ao que nos afetava, pela produção de diferença, sendo combustíveis do agir a amizade, cumplicidade, afeto e alegria, como motores de geração, intensificação, ampliação e afirmação da vida, na luta por dignidade e cidadania.

Palavras – chave: Loucura. Rexistência. Subjetividade. Sociedade de controle.

Abstract

It is a study inspired by cartography, which dealt with concepts of the philosophy of difference as tools that were forcing the thought to translate the existential intensities and movements in the daily life lived, from what was affecting the production of the way, in the period of May 2013 to 2017, Pelotas/RS. That way, what's the craziness in Southern landscapes? Understanding madness as a manifestation of subjectivity, processes of deterritorialization, passage of intensities, force, instrument of war. The territory was constituted from a wandering perspective, listening to voices in intercession with concepts, theory, voices of people, recognized by what affected the echo of their voices in our intimacy with madness, engaging in points of intensification of life, in rhizome, respecting the ethical precepts of research in the relation with people, approved by document consubstanciated number 1,471,251. Experimented the shattering of the boundary between subject and object of study and conservation resistance forces and arranged to change the health and social reality, through the production of aesthetics of rexistences in the networkds of subjectivity and biopower in relation to madness, disturbing the very cartography, established truths and codes of the normalization society. This process occurred by experimenting with points of fabrication of happiness, production of liberties, deterritorializing normalities, from the non-indifference to what affected us, by the production of difference, being the fuels of acting the friendship, complicity, affection and joy, as engines of generation, intensification, expansion and affirmation of life, in the struggle for dignity and citizenship.

Key words: Madness. Rexistence. Subjectivity. Control society.

‘Janelas’ do que se encontrará nas folhas que foram ocupadas...

Intensidades que movem engrenagens existenciais - ‘loucuras’ do vivido como fábrica de vida e mote de pesquisa 40

Por favor, o toque de uma melodia?! A cartografia no solo da epistemologia..... 57

Alguns dos pensadores de conceitos intercessores..... 66

Que são os intercessores 67

- ‘Já somos muitos’..... 68

Paul Michel Foucault 68

Gilles Deleuze 71

Felix Guattari..... 73

Juntos..... 74

Um modo de pensamento, de produção do conhecimento e de tensionamentos na relação com a ‘verdade’ sobre a loucura 75

Que é a implicação?..... 89

A chegada em Pelotas 101

Chega uma ‘andarilha’ nas paisagens do Sul 115

Quem sois vós, ‘andarilha’? 125

De onde vem? 135

O encontro com o morador da maior das casas 147

Águas que movimentaram o ‘engenho de dentro’ 151

Quem chega, entrou pelo meio.... 155

Como foi brotando o território rizoma 161

Que é esse território que passamos a habitar? 161

O envolvimento com maquinarias de guerra 174

Um levante ao que se sente na pele 175

Do VER_SUS, brotos no Sul! 179

A criação da Tenda do Afeto Popular 187

Do envolvimento com maquinarias de guerra 191

Um levante de conexões 191

(H)Á potência nos encontros?! 193

Do reencontro com o ‘morador’ de outras ‘casas’, quantas loucuras?!..... 201

Fábricas de felicidade e produção de liberdades, mexendo com territorialidades... 203
Das Esperanças, uma que não nasce dentro do CAPS! 205
O som do encontro das ‘águas’, muitas vozes 240
Loucução em felizes artes! 243
Nos (entre) meios, 2014 e 2015 261
Um grupo, condutor 262
Pelas ‘avenidas’ da Associação 266
‘Associação’ das nossas loucuras no tecido do contemporâneo 274
Mãe Preta, “ela é música” 276
À clínica do pavor, a dos afetos 280
‘Quem espera que a vida seja feita de ilusão...?!’ 279
Das vozes que sentia! 281
Da colisão de linhas de força, outras linhas.... 284
Das tensões entre ‘nós’! 286
AUSSMPE, ‘A USP’, uma universidade de Vida 292
O tecido em comum das lutas 298
A ‘andarilha’ usuária 299
Desviante ‘delirante’? 301
E quem vive(u) nos hospícios que houveram e ainda hão?..... 306
Então, como é próprio de loucos(as) a loucura, eis mais algumas..... 311
As primeiras vezes a gente nunca esquece 311
Tudo junto e misturado 314
Experimentando paisagens portoalegrenses 315
Abaixo o coronelismo! 316
Se perdendo e se encontrando em Camobi 317
Aussmpe de ‘casa nova’ 319
Um espetáculo de brotamentos 321
Mais loucuras por aí 338
Nos entremeios, Tendas do Afeto e outros eventos 348
‘A Associação não é eu, não é tu....é todos os usuários juntos que levamos ela” 355
No primeiro encontro do ano de 2016 356
Tecendo horizontes 357

O plano de mais uma loucura, ‘tam tam’ 360
A mistura de afeto, aventura e bolacha 361
‘Fora Valêncius’ pra valer... 362
Alguns(mas) malucos(as) levantando mais uma Tenda 364
Construindo a Semana da Luta Antimanicomial 365
A cruz missioneira 367
Exercitando aprendizado com Alquimistas da Razão 367
Ultrapassando fronteiras 368
A vida não para! 369
O Esperança, o pai Zé e a ‘política’ 370
Que tal um café? 371
Agenciamento e poesia, era conosco mesmo 371
O Cine e o Teatro 372
O melhor café da cidade e uma passada no bar do Zé – é ‘loka vida’ ou não é?! 373
Práticas de aprendizado e cuidado 374
Os(as) outros(as) decidindo a vida dos(as) outros(as) 375
O sono, o afeto, os abraços, a sineta 376
(Re)construindo o nosso folder da Associação 377
Fixidez, nunca foi o nosso poema! 380
A Gang ‘Óculos Escuros’ 382
‘Corações’ de portas abertas 384
Semana da Luta, da ida a São Paulo e do Mental 384
#Partiu Guabiroba São Paulo! Mas, sem o Guia, que seria de nós? 396
Saúde não se vende, loucura não se prende! 402
Nossas lutas, também são festa 404
Insistência, um modo de andar que produz efeitos 407
Das reuniões na fábrica da alegria e cenas da vida 408
Nascia o grupo de Teatro mosaico Alegria e muita palhaçaria 409
Colisão de forças e a produção de linhas 411
E era dia de Tenda, de Tenda da Sororidade na cidade 414
Outro dia, outra Tenda, que loucura de Tendas – ‘Não Tchê Lokeie’ em manicomialidades 415

14 anos de persistência 415
Dia do(a) Amigo(a) é todo dia, que tal um dia para festejar? 423
O conservadorismo na relação com o uso de substâncias aditivas 424
Re_uniões 425
Do suicídio, precisamos falar! 425
VER-SUS, um dispositivo com potência para mexer na vida 426
Uma dupla perigosa 428
(H)Á poesia na 'mente', nos cantou o poeta Vacaria! 428
Ouvindo vozes em Porto Alegre, experimentando liberdades 430
Há orgulho em se Louco(a)? 430
Orgulho de viver! 432
'A gente pode se expressar da nossa maneira' – Gente como a Gente na Rádio Com 435
O 2017 estava chegando na estação da vida, com alegrias e partidas 438
Pulsa_ações na 'associação' de nossas loucuras! 439
Estopim de intensidades 443
Trans_versais – Tendas do Afeto Popular – um dispositivo de guerra que planta flores 447
A Tenda da 'Loucura' em Pelotas 449
A criação do coletivo Povaréu Sul 451
Explosão de convites por Tendas de Afeto 454
Quiçá, um platô? 465
O tempo da implicação 465
Nas profundidades da superfície, alquimias da razão 468
Somos Cláudio! 497
'Nossa luta é diária, constante, firme, decidida, sem tréguas...' 499
'A gente cansa, mas a gente faz!' 510
'O coração da gente bate a mil' 517
'A luta não terminou, sempre estamos lutando...' 546
Por fim 551
Referências 566
Anexos .....
A – Registro de publicações em rede social virtual Facebook quanto ao Hospital Espírita 1

B – Registro de publicações em rede social virtual Facebook quanto ao Hospital Espírita 2

C – Registro de publicações em rede social virtual Facebook quanto ao Hospital Espírita 3

D – Divulgação de nota em Jornal da cidade que menciona o Vocal Esperança

E – Vídeo do Grupo Vocal Esperança

F - Vídeo das movimentações referente a Semana da Luta Antimanicomial em Pelotas/RS, ano de 2017.

G – Declaração de representante do poder público municipal no sítio virtual da Prefeitura Municipal de Pelotas

H – Proposta do Hospital Espírita de Pelotas a Gestão Pública Municipal

I – Gestão pública investindo em Comunidades Terapêuticas

J – Divulgação dos grupos Vocal Esperança e Musical Los Lokos no Teledomingo

K - Plano Regional Plurianual de Saúde Mental, 2015-2016.

L – Aprovação do Plano pela CIR, 2016.

M – Vídeo da Associação de Usuários(as) dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas – Aussmpe, 2016

N – Projeto do Teatro no Museu do Doce, articulação Aussmpe e UFPel, 2016

O – Carta do Rio Grande, 2016

P – Vídeo do Programa Gente como a Gente, 2017.

Q – Panfleto de divulgação da Tenda do Afeto Popular no Guabiroba, 2017.

R - Registro na mídia televisiva e jornalística sobre o assassinato de Cláudio

S - Registro na mídia televisiva e jornalística sobre o assassinato de Cláudio

T - Registro na mídia televisiva e jornalística sobre o assassinato de Cláudio

U - Ata de número três da reunião do Conselho Municipal de Saúde, 2017.

V – Ofício encaminhado ao Conselho Municipal de Saúde solicitando explicações quanto a negligência da Rede de Atenção em Saúde que culminou no assassinato do Cláudio, 2017

X - Moção de repúdio ao Poder Público Municipal pelo posicionamento a favor do modelo manicomial

Z – Nota do Conselho Federal de Medicina e Associação Brasileira de Psiquiatria

Y – Nota da Procuradoria Geral da República

AA – Memorial “Silêncios”

BB – Convocação da Comissão Municipal da Saúde Mental de Pelotas

CC – Registro de entrevista com Pai Zé no Diário Jornal Popular

DD – Nota no Jornal Diário da Manhã sobre a 1ª Conferência Livre de Saúde

Mental

EE – Encontro da força usuária e trabalhadora com a Gestão Pública Municipal, 2017.

FF – Carta da Luta Antimanicomial de Pelotas

GG – Ofícios a Gestão Municipal e a empresa Embaixador solicitando ônibus para o Mental Tchê da Resistência, 2017.

HH – Loco-motiva – assunto encaminhado ao Conselho Municipal de Saúde de Pelotas, 2004.


QUAL É SUA LOUCURA

Intensidades que movem engrenagens existenciais
‘LOUCURAS’ DO VIVIDO COMO FÁBRICA DE VIDA E MOTE DE PESQUISA

“...se escreve, porque algo da vida passa em nós.”
Gilles Deleuze

Algo passa em nós...
Quem somos nós?
Somos muitas, somos muitos.
Nós.
Múltiplas, múltiplos.
O quê passa?
Como passa?
O que ativa?
‘Vontades indomáveis’.
Agenciamento. Loucura.
... caminhos (des)conhecidos....

Muitas podem ser as motivações de uma escrita. Ou, os ‘empurrões’ para uma escrita. Uma delas, como Deleuze (1989, p.23) assinala, é porque “algo da vida passa em nós”. Atravessa. Decorre, dentre tantas coisas, dos múltiplos encontros, na relação com a loucura, com a produção de subjetividades. Também, como Foucault assinalou, ao tomar emprestado a frase proferida por Blanchot (1907-2003), que se ‘escreve para não morrer’. Trata-se de um dos jeitos de existir e resistir, no caso do que uma *‘andarilha’* vem fazer por aqui, no narrar de uma andança tecida de modo singular e(m) coletivo(s), nas folhas ocupadas[5] por linguagens de imagens e textos. Efeito da implicação em pontos de intensificação de vida que se tramam em rizoma, da loucura das águas da não indiferença, o que da vida nos afeta, mexe com nossas intensidades e incita a produção de diferença.

[5] A palavra ‘ocupadas’, objetiva destacar e homenagear uma tática de guerrilha que foi a ocupação de escolas públicas pelos(as) secundaristas no Brasil, mas com destaque para Pelotas, pois foram essas pessoas que dispararam o movimento grevista pós Golpe no povo brasileiro, ocorrido no segundo semestre de 2016 e que, não nestas palavras, mas com uma mensagem dita de várias formas ‘e, aí, vamos ficar parados(as) enquanto roubam nossos direitos arduamente conquistados?’, bem como a outras formas de ocupação como forma de resistência e de sobrevivência.

A *'andarilha'*, antes de qualquer coisa, é uma maluca aprendiza, de 'espírito inquieto'. É quem pesquisa. É quem gosta de andar com pessoas, com as quais acha que podem e que fazem interferências no sentido humanizatório da existência. É a pesquisadora que se arriscou a se ins**pirar** na cartografia para andarilhar por paisagens, principalmente, no Sul. É quem neste trabalho construiu os fios de escrita que se tramam no tear de uma tese e existências, pois é a sua incumbência, contudo, é o efeito das nossas experimentações nesse andar cotidiano.

Na escrita, conforme menciona Foucault nos Ditos e Escritos III (2009), não exatamente nestas palavras, o sujeito que escreve está sempre de passagem, a desaparecer[6], e conforme Deleuze e Guattari (1995), pode-se dizer que está a se produzir, pois não há uma identidade fixa, quiçá há identidade.

Nesta defesa, Foucault (2009a) fala das condições de possibilidade que pelas relações de saber e poder e circulação de discursos, alguns se constituem como verdade, inclusive o de 'sujeito', a loucura, entre tantos outros. Essa 'conversa' interessa à medida que é por estes 'tramados', em que se produzem o sujeito e os discursos, em que se trafega, e que é o palco do vivido. Uma mistura de produção desejante no enredo de uma sociedade que nos enreda, incita modos de ser, agir, pensar, imaginar e até ao quê se desejar. Entretanto, há estéticas de existência de resistência.

Um tanto sob essa referência, de um escrever que remete a existência, sob o ensejo de metáfora, 'existir' neste referencial pode ser pensado como enunciar-se, anunciar-se. Um 'eu falo'. Diferente do 'Eu' cartesiano. Anuncia-se então, em uma apresentação que cabe não toda na palavra escrita, elementos da existência que nada mais são que discursos e discursividades em trama, em uma rede de saber, poder, resistência, e de como assinala Fonseca (2010), da qual fizemos parte e que nos força o pensamento.

A apresentação ora escrita, se refere ao que se intenta como uma tese de doutorado. Neste momento, consistirá em narrar fragmentos de vivências que costuram existências, da própria trajetória de vida [e] acadêmica, que se coadunaram para a fabricação da questão de estudo. Um modo de enunciar-se.

[6] Foucault se ocupou de estudar como nos tornamos o que somos. Na sua obra Arqueologia do Saber (2008), e não somente nesta, o mesmo trabalha como o sujeito é fabricado. Foucault (2008), se ocupa das teias discursivas. Das condições de possibilidade para a formação dos discursos que engendram sujeitos e destes que fazem o mesmo, ou outro, funcionar em cada época histórica. O sujeito não é a pessoa, mas o que se trama enquanto se enuncia, nas relações de poder e saber. Só há sujeito porque em relação, seja consigo, com os outros, com o mundo, e que ao falar, a escrever, está sempre a desaparecer e, pensado a partir de Deleuze e Guattari (1995, 1986), está em produção, a se produzir outro.

A feitura da mesma nada mais é do que o tecido de uma confluência de contingências, nebulosas por vezes, que não cessam de insistir nas tramas do biopoder e da subjetividade, na relação com a loucura e com(o) possibilidades de resistências e reexistência(s), nos entrelugares, na rede de saúde, nas estéticas de existência singular e coletiva com perspectivas auto e cogestionárias na região Sul do estado do Rio Grande do Sul, em tempos de Luta 'Antimanicomial' e Reforma Psiquiátrica no Brasil, sob um necessário estado de alerta ao encontro do que advertiu Basaglia (1978)[7] ante ao vivido na Itália, de que se fechou os manicômios, mas que eles poderiam voltar. No Brasil nem se fechou a todos e há 'insistência' nas suas permanências, na reinvenção dos mesmos, com outras 'roupas', como 'agora está mais humanizado', 'Comunidade Terapêutica', 'Casas de Cuidado', inclusive alguns Centros de Atenção Psicossocial, sem negar a importância dos mesmos como dispositivo para deflagração e sustentação do processo da Reforma Psiquiátrica no país, entre outros.

O estudo serviu-se de conceitos e temários para o trabalho sob inspiração na cartografia, aportados por autores como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Felix Guattari, Gregório Baremblitt, Baruch Spinoza, entre outros. Dentre os mesmos, a loucura no entre o biopoder e a invenção de si, nas variações das potências da vida. Também, sob outras palavras, no mandato de Estado, políticas públicas, formas de resistências e viabilização de protagonismos como modos e efeitos de produção de subjetividade. E do produzido por vários teóricos(as) da e na prática e vice-versa, que estão também nas teiações dos movimentos do pensamento da 'andarilha', como Franco Basaglia, Paulo Amarante, Gastão Vagner de Souza Campos, Liane Beatriz Righi, Gustavo Tenório Cunha, Émerson Elias Merhy, Tânia Maria Galli, Victor Vincent Valla, entre outros(as).

Desta forma, quais os possíveis (des)acordes? Ou qual é o 'acorde' desta 'canção' - da loucura nos entre-lugares da existência, redes de atenção e dispositivos de agenciamento coletivo? O que estes 'acordes discursivos' informam a Reforma, ao modo de atenção psicossocial e ao movimento antimanicomial?

Então, este tema advém da luta. Das lutas sociais. Das lutas teóricas. Das lutas consigo mesma. Das lutas com o próprio pensamento. Tem como pano de fundo a dignidade humana, a justiça social, a defesa da loucura e(m) liberdade nas tramas da subjetividade e do Estado, que compreende situações coletivas e singulares na garantia de direitos essenciais à vida, dentre os quais, encontra-se o da saúde, os mais diversos encontros e produções de subjetividade, na contramão dos processos de normalização e modelização da vida.

[7] Teceu este comentário na sua vinda ao Brasil em 1978.

Entende-se ‘saúde’ e ‘saúde mental’ como praticamente sinônimos (BRASIL, 2014). Da produção de saúde inerente a de saúde mental e vice-versa, pois interroga-se: haveria produção de saúde sem produção de saúde mental e de saúde mental sem produção de saúde? A resposta poderia ser: a depender do entendimento que se tem de saúde, de corpo e do que seria ‘saúde mental’. Entretanto, sob o referencial em questão, tendem a estar imbricadas, se coproduzindo, de forma indissociável. Por isso a opção é pelo uso de ‘saúde’, no se remeter a rede de atenção. Também, e principalmente, da saúde e sua produção, como defesa e produção da vida, de luta contra as formas de opressão e normalização, pela construção de cidadania e dignidade (DELEUZE, GUATTARI, 1995; CAMPOS, 2005; VALLA, 1993, VASCONCELOS, 2004).

‘Saúde mental’ é um termo que se cunhou para afirmar o movimento e o processo Reformista, as políticas públicas, outros modos de cuidado, combate a manicomialização, enfrentar o preconceito e estigma em relação à pessoa nas suas variações de intensidades[8] subjetivas, que foram ditas como loucas, e para produzir relações com a loucura diversa das que lhe fora cunhada no processo histórico, como por exemplo, de doença ou transtorno mental. Uma política de afirmação. Contudo, carrega também os seus revezes, resvala por vezes no que contesta, tais como os modos manicomiais, os processos de normalização da vida, a fragmentação do corpo e dos serviços de saúde. Entretanto, é algo a que ninguém está imune de experimentar na sociedade que se vive.

As lutas se configuram por movimentos. Movimentos de resistências. De *reexistência*. Movimentos que vão à contra corrente de instituídos hegemônicos. São formas potência [ás vezes, ou muitas vezes, polêmicas] de resistência. A inserção (da) ‘andarilha’ nas mesmas se deu a partir de incômodos com as injustiças e iniquidades sociais e sanitárias[9]. A palavra ‘sanitária’, remete a sanear, limpar, higienizar (FERREIRA, 1999). Na saúde, quase gruda com ‘saúde pública’, no que se refere à conservação da saúde pela prevenção, e com o processo histórico de saneamento para evitar endemias, garantia da força de trabalho no país

[8] O filme Synchromy (1971) pode nos ajudar na compreensão de intensidades, das suas variações e vibrações. O mesmo foi produzido por Norman Mclaren (1914-1987), escossês canadense, o qual foi pioneiro em diversas áreas de animação e cinema. Esse filme recebeu oito prêmios, incluindo uma menção especial do júri no Festival Internacional de Cinema de Animação de Annecy. A criação de Synchromy foi documentada por Gavin Millar em 1970 no filme chamado ‘O olho’, o ouvido que ouve, vê. Está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UmSzc8mBJCM> . Acesso em 19 abr. 2017. Publicado em 23 de maio de 2008.

[9] A palavra ‘sanitária’, remete a sanear, limpar, higienizar (FERREIRA, 1999). Na saúde, quase gruda com ‘saúde pública’, no que se refere a conservação da saúde pela prevenção, e com o processo histórico de saneamento para evitar endemias, garantia da força de trabalho no país. Contudo, é utilizada no texto em alusão ao movimento do processo da Reforma Sanitária na luta pela garantia do direito a saúde como um bem social, inalienável.

(ANDRADE, CORDONI, 2001). Contudo, é utilizada no texto em alusão ao movimento do processo da Reforma Sanitária na luta pela garantia do direito a saúde como um bem social, inalienável (AROUCA, 2003). Então, são várias essas injustiças e iniquidades, apresentam graus diferentes de intensidade, devido ao paradigma/episteme/prática discursiva em insurgência da atenção psicossocial, presente na vida louca dos(as) que são considerados(as) loucos(as).

Mas, quem é essa *'andarilha'*? Por ora, informa-se que é uma louca muito louca. É uma camponesa que brota da terra! É a pessoa com a incumbência desta pesquisa! É quem escreve. É a pesquisadora que tece essa tese, de puro encontro, de 'puro vivido', de nomadismos, de (in)sossegos e implicação. É a maluca que trama seu percurso com outros percursos existenciais, na co-feitura de uma rede de relações, produtora de subjetividades {produtoras de saúde} e, por conseguinte, de algumas perturbações nos tecidos sociais e inevitavelmente em si. É tecimento da implicação. É como uma força, que transita nos 'entres', entre-lugares, nem lá e nem cá, mas no meio, entre relações, entre mundos, entre si, entre forças.

O 'puro vivido' se aproxima do sentimento primeiro, daquilo que se sente de imediato a algo que acontece, uma sensação, mas é uma experiência do viver em intensidade (ALCÂNTARA, 2005), sem que se tenha acontecido uma elaboração entre o que se sente e se pensa sobre o que acontece. É o que afeta. Para Deleuze que fez 'filhos pelas costas' de vários autores, como forma de pensar e criar conceitos, menciona em escritos do lido em Spinoza, que o afeto "é a variação contínua da força de existir na medida em que essa variação é determinada pelas ideias que se tem" (DELEUZE, 1978, p. 16), do afeto como dado imediato da percepção, o que se coaduna com o 'puro vivido'.

Ainda, conforme Deleuze (2006, p. 301), é o "...intensivo (...), quer dizer que algo está em vias de se passar em mim, que vivo em intensidade", tal qual como pode acontecer na (própria) subjetividade, e ser entendido como loucura, uma experiência intensiva (p. 302), no acesso a diferentes 'mundos', ou o que a produz. Mas que conforme nos informa Rosa (2016), "a loucura não existe, existe os momentos ruins e os momentos bons".

A variação da intensidade é do que afeta, do que mexe com os fluxos e movimentos do desejo. São os movimentos da subjetividade, do corpo. É como uma força, que por vezes precisa de destino, dado que se não encontrar expressão pode explodir em si mesmo, em sofrimentos, crises, rupturas com a realidade, como manifestações da subjetividade, a que muitas vezes é denominado de loucura. Vaza nas mais variadas formas de arte, assim como também, da produção da vida como uma obra. É um vir a ser do que está desacomodado em

si. Também, do que não nos adaptamos nesta sociedade. Quiçá um processo em e de (re)territorialização.[10]

Deste modo, destaca-se aqui algumas das lutas de inserção desta pessoa '*andarilha*' no movimento Sanitário e no Antimanicomial, no meio de tantas outras, como[11]: integrante do Movimento de Pequenos(as) Agricultores(as) – MPA no planalto médio do RS e Levante Popular da Juventude, na região noroeste do RS, bem como atuante no desenvolvimento de atividades no campo da Segurança Alimentar em Escolas Indígenas e estágios de vivências no SUS junto ao povo Kaingang e Guarani nessa região. Estas lutas dialogam com a Sanitária e Antimanicomial, no que tange a loucura, as invenções de si, ao acesso a saúde como travessia, a dignidade humana e justiça social, pois ter acesso a terra, melhoria nas condições de vida, educação ao encontro das necessidades e não como dizimação de culturas, o direito de acesso à saúde garantido, dentre outros, pode ser saúde ou atuar como determinante de suas condições (FIOCRUZ, 2017).

O envolvimento no movimento reformista deu-se a partir da compreensão feliz de que era uma usuária do Sistema Único de Saúde (SUS), que este Sistema não se reduzia a assistência, era efeito da luta popular somada a um conjunto de condições para sua existência, que era de acesso universal, mas que seguia dependendo também do povo a sua construção, como partícipes ativos nos espaços de controle social e de gestão do SUS, dado que relegar somente ao Estado poderia se colocar em risco o efeito da luta.

Foram dois os agenciadores e disparadores desta constatação: uma aula no primeiro semestre do curso de Enfermagem [isso que já havia concluído o curso de Psicologia], ministrada por Liane Beatriz Righi, professora, sanitarista, doutora em Saúde Coletiva; e pela participação em um Coletivo de Estudos sobre Gestão em Saúde (COLEGES), em 2001, que atuava em auto e cogestão, o qual seguiu até 2003.

[10] Para a escrita sobre intensidade se considerou o conceito de força e resistência de Nietzsche, de afeto em Spinoza, de desejo, subjetividade, modos de subjetivação, de desterritorialização e reterritorialização em Deleuze e Guattari.

[11] As outras lutas: integrante do Movimento de Pequenos(as) Agricultores(as) – MPA no planalto médio do RS e Levante Popular da Juventude, na região noroeste do RS, bem como atuante no desenvolvimento de atividades no campo da Segurança Alimentar em Escolas Indígenas e estágios de vivências no SUS junto ao povo Kaingang e Guarani nessa região. Estas lutas dialogam com a Sanitária e Antimanicomial, no que tange a loucura, as invenções de si, ao acesso a saúde como travessia, a dignidade humana e justiça social, pois ter acesso a terra, melhoria nas condições de vida, educação ao encontro das necessidades e não como dizimação de culturas, o direito de acesso à saúde garantido, dentre outros, pode ser saúde ou atuar como determinante de suas condições (FIOCRUZ, 2017).

Em 2004, estudantes agenciadas e agenciados[12] por uma proposta de Vivências no SUS, deflagrada pela Escola de Saúde Pública – ESP/RS, criou-se o Grupo de Estudos em Saúde Coletiva (GESC), também, sob a perspectiva de luta, estudo e trabalho em auto e cogestão. Espaços de voz, vocalizações, tensões, consensos, disputas, protagonismos, implicação na construção do SUS que se desejava [e se deseja] e que para isso, também, era necessário problematizar a formação em saúde e atuar no controle social. Sustentavam-se nas perspectivas teóricas [e metodológicas] propostas por autores no campo da saúde coletiva, como Gastão Wagner de Sousa Campos e outros em interface.

O Grupo de Estudos em Saúde Coletiva subsistiu até em torno de 2010. Semeou. Atualmente, sob a mesma configuração, noutra roupagem, há o Coletivo AMASUS (Coletivo de Amor ao SUS), no qual participam, em sua maioria, estudantes de psicologia, nutrição e enfermagem. A inserção (da) '*andarilha*' no mesmo é eventual e a distância. Vincula-se a Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ e a Casa de Auto Mútua Ajuda, popularmente conhecida como Casa AMA, mantida pela Associação de Saúde Mental de Ijuí – ASSAMI, constituída em 2008, sob estímulo e em parceria com Serviço de Saúde Mental de Trento, Itália, com vistas a uma nova e significativa perspectiva em saúde (mental), o *'fare insieme'*, que na tradução do italiano para o português consiste em 'fazer juntas, fazer juntos' e que se assemelha a proposta de auto e co-gestão, ainda que não se garanta a não existência de hierarquias, assim como outras perspectivas, mas que tende a democratizar substancialmente as relações, o que pode ser significativo no viver de qualquer pessoa.

Do mesmo modo, utilizava-se dos preceitos que sustentavam o método Paidéia, proposto por Gastão Campos. Este método consiste na operatividade de coletivos organizados (ou em organização) para a produção de valor de uso em cogestão, o qual assume compromisso com a democracia, que entende os espaços não só como máquinas de produção de subjetividade e controle, mas de subjetividades passíveis de transformação para a realização de desejos coletivos (CAMPOS, 2005; CUNHA, CAMPOS, 2010; UBESSI, 2012).

Via GESC, composto predominantemente por estudantes da área da saúde e afins, pessoas da comunidade e eventualmente professores(as), operou-se no controle social na saúde pela participação em instâncias colegiadas, tais como – Conselho Municipal de Saúde de Ijuí (COMUS), Conselho Regional de Saúde da 17ª região, Comissão de Integração

[12] A menção do gênero masculino e feminino visa à visibilidade das mulheres secularmente esquecidas ou consideradas como ser inferior ao homem, e a inversão da ordem em que o masculino comumente vem primeiro. Porquanto, se faz também essa disputa pela língua portuguesa.

Ensino-Serviço (CIES) e foram acompanhadas a constituição e reuniões de Conselhos Gestores Regionais (COGERE), atualmente denominados de Comissão Intergestores Regionais (CIR)[13]. Espaços de construção do SUS.

Sob esta perspectiva apostou-se no protagonismo estudantil e na experimentação da grupalidade, como elementos que poderiam ser contributivos à formação em saúde voltada para as necessidades sociais e da saúde das pessoas. Igualmente, estava neste horizonte a produção de autonomia como algo que poderia ser inerente ao processo.

Assentados neste contexto dos conceitos e implicações seguiu-se na realização de Vivências e Estágios na Realidade do Sistema Único de Saúde – VER_SUS/Brasil/RS, nos anos de 2004, 2007, 2009 e 2012, como um dos dispositivos interventores na formação, gestão, atenção e controle social em saúde. Neste meio tempo, a 'andarilha' se envolveu com estudantes que estavam realizando VER_SUS em Saúde Mental no estado, na região metropolitana, São Lourenço do Sul e caso não esteja enganada, até em Pelotas, dado que a realidade era e é ainda tão 'gritante' em alguns aspectos na relação com a loucura, que era preciso tensionar com essa realidade e via-se as Vivências como um desses dispositivos.

Também, 'junto e misturado' se começou a realizar encontros regionais, estadual e nacional dos(as) Estudantes Antimanicomiais, conhecidos como ENEAMA, nos quais a 'andarilha' com muitos(as) outros(as) estudantes, movimentos sociais, entre outras pessoas que se sentiam convocadas a este movimento, criando-se uma rede nacional, que atualmente cada um(a), juntos(as) ou separados(as), estão a produzir alguma diferença por aí.

Também, muitos(as) de nós, nos envolvemos na constituição do Fórum Gaúcho de Coletivos Estudantis na área da Saúde – FOGCES (2007-2009) e o Coletivo de Vivências, Estágios e Movimentos no Sistema Único de Saúde – VIVER_SUS (2011-até o presente momento). Estudantes e pessoas da comunidade como agentes construtores de outra realidade na relação com a loucura, do SUS e este como um lugar de pactuações e da produção de saúde. De um SUS que foi e é, experimentado, conhecido e vivido sob estes 'ângulos', singulares e coletivos.

A partir do VER-SUS de 2004, o GESC articula ida para o Mental Tchê deste ano, a segunda participação da 'andarilha' neste evento que acontecia em São Lourenço do Sul. Tinha-se pouca informação do evento. Sabia-se da sua potência transformadora, o que nos instigava mais ainda o desejo de participar. Sabíamos da data e que dava para acampar no

[13] A Comissão Intergestores Regonais – CIR reúne os(as) gestores(as) municipais conforme a região de saúde a que estiverem adscritos(as), em âmbito regional. Vincula-se à Secretaria Estadual de Saúde para fins administrativos e observa as diretrizes da Comissão Intergestores Bipartite - CIB (BRASIL, 2011).

mesmo. Só por esta perspectiva de se lançar ao inusitado e dessa construção coletiva, já nos sentíamos atiçados a esta empreitada. E foi. O frio que nos aproximava e a luta que nos aquecia afirmando nossas certezas na construção de outra realidade pra se viver. A ‘andarilha’ se sentia afetada pelos encontros.

Encontrava uma diversidade de gente lá, mas dentre estas, pessoas que eram assistidas em serviços de atenção psicossocial, dispositivos implantados a partir da Lei gaúcha e nacional da Reforma Psiquiátrica e nacional (1992, 2001). Antes, pouco as encontrava, porque provavelmente estavam segregadas em algum lugar, dentre estes os manicômios, e nos serviços substitutivos, etc. Pensa a ‘andarilha’ que se não fossem os encontros, também poderia estar em algum destes modos de segregação, além dos corriqueiros preconceitos e estigmatizações sociais. Logo, não está isenta de estar segregada noutros manicômios, os ‘mentais’.

No Mental Tchê, a si, havia outro ‘nascer do sol’, o que se encontra com as águas, da afirmação da perspectiva psicossocial, tentativa de ressignificação do louco e da loucura, e de que ‘incapaz’ é quem pensa, que nós os/as loucos/as, não podemos escrever a nossa própria história. Era o escracho em um evento que mexia com o solo da razão, sob o que se entendia por loucura, dignidade, cidadania, modo de cuidado, e produção de conhecimento. Então, como não se alterar experimentando Mentais Tchês?

Nesta perspectiva, ao mesmo tempo, neste período, tocados(as) pela potência de alteração de modelo que carregava consigo a perspectiva psicossocial, pelo que se reproduzia nos modos de atenção em saúde no ambiente hospitalar como cuidado institucionalizado, e o que se realizava na Atenção Básica e em meio a um fenômeno de constituição de grupos [de estudos, extensão] na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - Unijuí, se compôs o Grupo de Canto em Canto e o Grupo de Teatro Amador Criação Pura. O primeiro reunia muitas pessoas nos espaços hospitalares, composta de usuários(as), familiares, trabalhadores(as), gestores(as). Era um deslocamento ante a patologização da vida para sua intensificação.

O objetivo era, de pela música, perturbar o silêncio, a ‘ordem’, e de estabelecer outras formas de diálogo com as pessoas, com graus para espaços do advir de si na institucionalidade de dois Hospitais na cidade de Ijuí/RS. O segundo, de forma amadora, reunia estudantes e problematizava o cuidado biomédico em saúde. Ambos foram espaços que incitaram feituras protagonistas.

E nesta história, no seio do movimento sanitário[14], registram-se ‘andarilhagens’, pela participação como voluntária em atividades de extensão vinculadas a Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí, na rede de saúde – na denominada ‘Espaço Solidário’, coordenada por Eniva Miladi Fernandes Stumm, realizada em um Hospital Geral com leitos ‘psiquiátricos’, e na de ‘Fortalecimento da gestão e atenção no SUS’, coordenada pela e pelo sanitarista Liane Beatriz Righi e Dário Frederico Pasche, no Apoio a equipes gestoras e de unidades de saúde, em municípios da 14ª e 17ª região de saúde do estado do RS.

Mas, e a loucura nestas e destas histórias? A loucura, talvez, era a feitura desta história, de ***rexistências*** no movimento entre a biopolítica, mesmo que muitas vezes reproduzindo-a, e o cuidado de si e dos outros e outras, com os outros e outras, ainda que na época, não se tivesse essa compreensão teórica[15]. Contudo, o movimento era e foi a possibilidade de colocar em questão o que se contestava e o que se reproduzia. A loucura entendida, neste aspecto, como processos de desterritorialização.

Também, como intensidades que (se) misturam ‘mundos’, subjetivos com o extensivo e como movimento instituinte no instituído, que se encontra com os muros e a depender das forças, produz alguns deslocamentos ou furos, na produção de subjetividade, na luta por outros modos de cuidado ao encontro da dignidade social, no combate a preconceitos e estigmas, e, por que não escrever, na defesa e afirmação da vida.

Dentre as diversas formas de manifestações da (nossa) loucura, uma familiar da *‘andarilha’*, atualmente com quase 70 anos, não foi ‘manicomializada’ por detalhes nos acontecimentos da vida; as variações das intensidades de si e do sofrimento psíquico de outros e outras familiares, desterritorilizantes; os casos de suicídio e ideações suicidas que vieram a conhecimento na família, que mexem com as águas da ‘andarilha’; a participação no Grupo de Estudos e Pesquisa em Saúde Mental e Gerontologia – GESMG na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí; a atuação em atividade de extensão em grupo denominado de Socioterapia do Bairro Glória em Ijuí, território este, que concentrava pessoas com histórico de passagem pelo manicômio São Pedro em Porto Alegre/RS, ou em situações de manifestações da loucura com poucos ganchos com a rede de Atenção Básica e muitos [ganchos] com a perspectiva hospitalocêntrica.

[14] Entende-se que se movimentar no movimento ocorre em uma multiplicidade de vias, inclusa a de às vezes estar no movimento mesmo sem se saber estando.

[15] E talvez ainda não se tenha o suficiente; há muito que estudar, mas o encontro com esses conceitos foucaultianos forçam a essa constatação.

Segue-se: a convivência com a Vera Lucia Miron e a leitura de sua tese intitulada "Loucos, nervosos e esquisitos: memórias da loucura em Ijuí (1890-1990)" (MIRON, 1998), na qual faz um retrato histórico e crítico quanto ao destino das pessoas consideradas loucas para as instituições totais [o trem dos loucos]; e por fim [ou começo] o encontro com pessoas em situação de cárcere no Hospital Psiquiátrico São Pedro em 1995, 'tratados como animais', 'mortos vivos'. Este encontro 'chicoteou', também, com força.

Então, foram esses vividos, no meio de outros, transversalizadores e fabricadores nesta e desta história, que se dá o mote que move com força, ao ponto de aqui se intentar escrever sobre [e 'inscrever'] a 'loucura' como questão de estudo, no caso a loucura, mas como força de navegação nas lutas consigo e no combate ao que interfere na contra-produção da vida, por entender que a loucura faz questão. Faz questão de comparecer e sinaliza que há vida 'andarilha', por não estar indiferente as mesmas – a loucura e as questões, bem como nas possibilidades de ***r*existência** no cenário da biopolítica em que se tramam.

É, ao tomar emprestado palavras de Orlandi (2010), 'uma luta combatente pela vida como um valor ético e contrária a uma moral que a deprecia'. É não estar indiferente ao que nos acontece, ao que nos afeta, e que move o desejo, intensidades, implicação com vistas a intensificação da vida, que pode se dar pelo agenciamento de espaços para estar juntos(as), apostar na potência das pessoas, criando formas de agenciamento para tencionar as forças hegemônicas que impedem a ampliação da vida. É urgente reformar os modos de cuidado, a produção de redes de cuidado abertas que participem da luta social e vice-versa.

Estes moventes, de que é possível 'criar' na luta[16], que há modos (des)manicomiais de cuidado e de que é possível outras possibilidades de produção de subjetividade, desde que as pessoas tenham voz e vez, possibilidade de protagonizar e se responsabilizar pela própria vida, levaram a participação no movimento da Luta Antimanicomial, pela inserção no Coletivo Gaúcho e Nacional de Estudantes Antinamicomiais, por entender que o espaço de cuidado da pessoa em sofrimento psíquico e/ou nas variações de suas intensidades, muitas vezes consideradas loucas, é no território [não só físico] em que a vida acontece. Que há poder/potências no humano, nas (des)territorrializações vividas. Poder utilizado como acúmulo de forças para transformações macro e micropolíticas. Macro e micropolítica não se referem a tamanho ou espaço, como pequeno ou grande, local ou global, distinguem-se pela natureza e se interferem mutuamente (DELEUZE, GUATTARI, 1996; GUATTARI, ROLNIK, 1986).

[16] Quiçá a própria luta seja uma criação.

Sob essas apostas, em 2008, constituiu-se com outras loucas e outros loucos no município de Ijuí, que acreditam e apostavam na Reforma Psiquiátrica e noutros modos de atenção, como o psicossocial, entre outros, a Associação de Saúde Mental de Ijuí (ASSAMI), na qual participa quem quiser se associar ou não, independente de uma classificação, usuário ou usuária, familiar, amigo ou amiga, trabalhador ou trabalhadora da saúde, ainda que para fins documentais se tenha usado destas 'divisões', pois vai saber que é mais 'louca ou louco que a outra ou o outro'? Não está em questão para a ASSAMI, a classificação, mas sim, transcender a mesma.

Em 2009, foi instituída a Casa de Auto Mútua Ajuda (AMA), que atua sob a perspectiva do 'Fare Insieme', que na tradução do italiano para o português significa 'fazendo juntas ou fazendo juntos'. É uma proposta de trabalho utilizada em Trento, na Itália, que emerge de uma Assembleia, em um momento de estagnação e impasse no serviço de saúde mental italiano – "o quê e como fazer"? Trata-se então, de uma metodologia que emerge de grupo de trabalho trentino na Itália, com atuação sob a base reformista basagliana, ao encontro da ajuda mútua, compartilhamento de vivências, auto, cogestão, com avanços pela investida na experiência e potência do sujeito, no diálogo com o contexto social e 'mundo do trabalho', como formas de produção de subjetividade, de vida, na loucura nossa de cada dia. Outros modos. O trabalho na e pela Casa AMA segue a preceitos similares, conforme a realidade lo[u]coregional e sob a perspectiva AMA, considera que o problema de uma pessoa pode ser similar ao de outra, e o que uma pessoa diz, pode contribuir como saídas, possíveis a outra. Eis uma potência interessante.

Nesta perspectiva da justiça e dignidade social, que é imensa, mas, que no caso restringindo-se a um de seus motes, que é a garantia a um dos direitos humanos essenciais, ao que pode contribuir o acesso a Rede de Atenção a Saúde (RAS), em Palmeira das Missões/RS, no campo da gestão, na atividade de ensino do último semestre do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, trabalhou-se no coletivo de Apoio Paideia a equipes gestoras e de saúde no município e região (2011-2012).

Os resultados deste trabalho ampliaram, reposicionaram, rearranjaram as redes de atenção em saúde, incluso a reavivação da ideia e constituição de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) articulado, não só no discurso, mas nos fluxos, com a rede de Atenção Básica no município desta experiência.

Nesta ação, de agenciamentos coletivos, ao mesmo tempo, se tensionava com o sistema de saúde municipal e regional, via Coletivo Social de Mudanças em Saúde (COSMUS), com a realização das Vivências e Estágios no SUS, articulados com os

movimentos sociais Campesino, Indígena, de Trabalhadoras e Trabalhadores Desempregadas ou Desempregados e Levante Popular da Juventude, pela denúncia da cobrança no SUS e das condições insalubres de um hospital que atendia a região.[17]

Também, inclui-se nesta produção da questão de estudo, a participação na linha de pesquisa em Saúde Mental e Coletiva, inserção em Grupo de Estudos neste campo, a realização do Estágio de Docência, a participação no Grupo de Pesquisa "As Três Ecologias de Félix Guattari"[18], o pertencimento ao Povaréu – Coletivo de Educação Popular, Saúde e Arte, a co-criação do coletivo Extremo_SUS, a inserção na região sul, nos coletivos Comissão de Integração Ensino-Serviço (CIES), Grupo Condutor de Saúde Mental, nos grupos Vocais – Esperança, vinculado ao Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) Escola de Pelotas e ao Centro de Artes da UFPel, e Los Lokos.

Os Los Lokos denominavam-se 'Feliz Arte'. De algum modo efeito do trabalho desenvolvido no CAPS Escola. Los Lokos é autônomo, ainda que conta com investimento do CAPS, do SUS, para facilitar sua continuidade. No mesmo, experimentamos práticas de autogestão, cuidado, companheirismo, amizade, afetos diversos, da arte musical, enfim, outras feituras.

Desde estes movimentos, das vivências e na construção do SUS aliado ao de experimentação de formas que propiciam a voz, vez, protagonismo e juntos(as) na potência das pessoas, é que se intenta discutir a loucura nas tramas da subjetividade e do biopoder contemporâneo, e as formas de ***rexistência*** pelas práticas sociais com potência de produção de vida que estão perambulando por aí, em espaços de agenciamento, coletivos porosos, na vida cotidiana, na rede de saúde, na região sul do RS**,** as quais referem-se a afetos diversos, formas de relações humanas e sociais que resistem à lógica individualista ou de 'rebanho' induzida/produzida pelo modelo neoliberal.

Desta história, da afetação pelas formas de (des)cuidado das pessoas consideradas como loucas e loucos, das ações de resistência, de constatação das potências humanas, na construção de estéticas de existência, algumas autônomas e outras a partir de disparadores, de

[17] Esta ação contou com a contribuição de, na época um estudante de Enfermagem da UFPel, que participava da Vivência e que foi processado por tentar assegurar o direito de acesso a saúde, tensionando com a naturalização do fato 'de cobrança no SUS', prática comum no referido serviço de saúde. Noutras palavras, essa pessoa que na ocasião participava do VER-SUS em Palmeira das Missões, em 2012, acompanhou com parceiros(as) da Vivência, uma das estudantes, que devido a uma provável picada de inseto, procurou o atendimento no hospital local, no turno da noite, que neste turno, a assistência em saúde ficava a cargo deste serviço, que recebia para atender pelo SUS, o qual cobrou pelo atendimento, o que foi gravado, filmado e denunciado.

[18] Vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Fundação Universidade de Rio Grande – FURG.

ofertas, que podem contribuir na produção de deslocamentos (não menos autônomos[19]), como a criação de espaços de encontro, de pensa_ação, de auto e cogestão, é o que levam a querer se ocupar da loucura como ***rexistências*** humanas singulares e coletivas, nas tramas do biopoder e da subjetividade, dado que a loucura tem a máxima potência de colocar em questão a formas de manifestação, expressão e enraização da biopolítica, por isso que move, encanta, inspira e instiga.

Da defesa da vida como um princípio intransferível, se envereda para tentar entender porque saúde e saúde mental passam a ser concebidas como um direito, além do que parece óbvio[20], incorporadas na política de Estado como um mandato social, ainda que haja 'distâncias' entre a letra das leis, políticas e práticas, as quais se atravessam de algum modo na vida, mas às quais a vida insiste em se atravessar no seu jeito 'vida'.

Deste modo, pelo já mencionado, as motivações passam também por ter presenciado (e vivido) várias formas de manifestações de ditos sobre a (própria) loucura, que se entremeiam ao sofrimento humano e a movimentos de produção de subjetividade e saúde mental, e ainda, por ter andado entre as redes de atenção à saúde, dentre as quais, a psicossocial, é o que faz o interrogar sobre a loucura em seu comparecimento [discursivo dito e não dito] nas tramas da biopolítica e do biopoder. Efeito de 'ouvir vozes', 'ver coisas' (as quais se 'diz' que não existem), e 'sentir ***rexistências***' como expressão de vontades indomáveis de viver é que 'a andarilha' se lançou por estes caminhos (des)conhecidos, {...} em que a loucura foi percussão no corpo, nos 'muros', nas políticas públicas, nos modos de gestão e atenção em saúde, na música, no afeto, na alegria, na arte, na poesia....

'Escrever para resistir'. De sujeitos que cambiam lugares no ato de 'fala'. São muitas as 'escritas' de ***rexistências***. Escritas nas cenas e palcos da(s) vida(s).

O narrado para ***rexistir***! Uma narrativa de ***rexistências***. São muitas as perguntas, as teorias e as metodologias. Resolveu-se 'seguir' a produção do desejo e uma, dentre tantas, que também pudesse acolher a boniteza da loucura, no caso, sob inspiração na cartografia. Esta mesma produzida em provocações da loucura. Então, em meio às nebulosidades, dado que questões e o conhecimento não se produzem somente pelo designado como razão, mas pelo que passa pela emoção, sensações, pelo nem sempre dizível, enunciável, traduzível, a incubação, a gestado, o 'parto', o parir, foi no movimento, no caminho, nas implicações do

[19] Não menos autônoma, pois é o sujeito que constrói a sua estética, ainda que seja a partir de disparadores.

[20] Do óbvio, pois 'parece' que no Brasil, o direito a saúde sempre esteve na agenda do dia e a história, inclusa a recente, mostra que não foi assim. Não havia um sistema de saúde para todas e todos [e será que na atualidade há?]; que a palavra saúde aparece como um direito após o pós-guerras; que muitos dos movimentos de proteção a saúde estavam ligados a uma base econômica, mas também a outras dimensões, como a cultura, ideologias, etc.

cartografar, que signos embaralhados, formaram palavras, frases, caminho, questão, conhecimento. Foi uma gestação de anos, no caso de uma vida inteira, que se deixou guiar pelo desejo, pelos encontros, pelo agenciamento do inusitado.

É como uma força de navegação contra a correnteza dos ventos fortes das hegemonias sociais que tentam nos fazer seguir o seu curso ou nos desviar daquilo que nosso desejo insiste, tais como desnaturalizar o impenetrado como 'natural', como o que seria o 'normal', a exemplo das formas vigentes de privações de liberdade, seja de ordem física, química, moral, ou outras, os manicômios mentais, as situações de discrepâncias e desigualdades sociais, entre tantas coisas que interferem na vida. A loucura como força da vida imanente, insistente, produtora de diferença.

Logo, a questão é a normalização da vida e as possibilidades de produção de diferença. A normalização é como mais do mesmo. A produção da diferença é como a vida em explosão. Uma loucura. Nesta esteira, a loucura tem o sentido de subverter esses códigos e que para tanto implica também na arte do que pode ser um dos aspectos do 'cuidado de si' foucaultiano (2014), pontuado por Deleuze em 'Conversações' (1992), como raspagem das máquinas que vão se acoplando em nós, em libertar-se dos próprios manicômios, na relação que temos com a loucura. É justamente essa loucura que nos interessa, pois é uma forma de liberdade, de produção de liberdades em si e no andar da vida, em que o desejo produz (a) realidade.

Entretanto, quem é mesmo essa *'andarilha'* que escreve seu nome em grafia minúscula no cenário da existência? É quem se envolve em subversões.. Só pode ser uma louca! É. Mas, afinal, qual a sua implicação? Como se movimenta? Que lhe faz andarilha? Como foi a chegada em Pelotas? O que veio fazer? De onde vem e o que traz na bagagem? Como foi e o que lhe suscitou o encontro com o morador da maior das casas? Quais 'águas' movimentam o seu 'engenho de dentro'? Que são os territórios que passou a habitar? São os e com os quais se foi tecendo rizomas, no pensamento e na realidade, em variadas velocidades.

Que linhas rizomáticas, como a imagem que abre este trabalho, que lhe levaram a e como se envolveu com 'engenhos em movimento'? Como entrou? O que criaram? Que estava a querer? Porque o 18 de maio de 2013 foi uma marcação na continuação por algumas trilhas e o início do que começa antes de começar? Como foi o reencontro com o morador de outras casas? Que esperança havia? Qual locução em 'feliz arte' com povaréus que por vezes se 'associam' tecendo Tendas de Afeto Popular? Que há nessa associação de gentes e noutras, de afetos, de ideias, de sonhos, de agenciamento de forças, de reinvenções cotidianas? Afinal, no meio das (suas) con**fusões**, o que ficou fazendo em paisagens no Sul? Ouvindo vozes, vendo

coisas, sentindo existências? Por acaso, ‘marcou’ encontro com as e os Alquimistas da Razão, com algumas das ‘heroínas e dos heróis da r**existência**’?

O texto poderia ser escrito puxando qualquer fio, como as linhas do rizoma, de qualquer lugar do que se trama como território de pesquisa, pois se trata de rizoma, tecido em conjunto, pelas e nas andanças, na tentativa de responder qual a loucura por paisagens do Sul, habitando, cocriando e testemunhando geografias existenciais. Deste modo, se optou pelo fio do tempo cronológico com pitadas de movimentos que interpõem os tempos, como faz o pensamento, que elucida um processo de construção inspirado na cartografia e que porquanto, praticamente nada esteve dado de antemão, bem como os de anéis abertos desconectando e reconectando anéis. Esses são alguns dos movimentos do texto de um corpo ‘andarilho’ que se perde inclusive na escrita.

Deste modo, o inspirar-se na cartografia trata-se de uma pesquisa em movimento, que se fez de avanços, retrocessos, desacoplamentos e reacoplamentos, interceptações, desconexões e reconexões, agenciamentos, o que não difere muito do processo de escrita, da narrativa desse processo. Sendo assim, esta pesquisa consistiu no acompanhamento rigoroso, visceral, desses fluxos, dessas linhas de forças, onde o limite entre ‘sujeito’ e ‘objeto’ de estudo se estilhaça, não existindo mais fronteira entre um e outro, ou seja, o ‘sujeito’ que pesquisa é o próprio objeto da pesquisa e o objeto o sujeito, o que por sua vez, coloca em dúvida o postulado hegemônico da ciência.

Para esse trabalho, em que se foi construindo o caminho, desconstruindo e reconstruindo, inclusive a si mesma, a ‘andarilha’ buscou conceitos para o pensar, pinçados da ‘oficina de nomadopráxis’, tais como o de resistência, intensidade, existência, arte de viver, estética, subjetividade, modos de subjetivação e de produção de sujeitos e subjetividade, desejo, saber, poder, verdade, discurso, biopoder, cartografia, implicação, rizoma, territorialização, nomadismo, afeto, potência, máquina de guerra, agenciamento, dispositivo, militância, micro e macropolítica, molecular, molar, forças revolucionárias, saber minoritário, devir, cuidado de si, produção de liberdades, a partir de Michel Foucault e de Félix Guattari e Gilles Deleuze em suas transcriações na relação com escritos de Baruch Spinoza e Friedrich Nietzsche, bem como do conhecimento produzido teorizado por autores(as) na Saúde Mental, Saúde Coletiva e Educação Popular, entre outros(as).

A loucura não consta entre os conceitos e nem o de rexistência. Quanto à loucura, pode-se dizer que é um conceito em transformação, de um discurso que reduz a loucura à doença, patologizando a vida, para um de múltiplos sentidos. Mas, neste trabalho, se cunha, como a variação e expressão de intensidades a partir do que (nos) afeta, , o puro vivido, o que

mexe com as forças de vida, como manifestação da subjetividade, do que diz de nossa humanidade, como forças de rexistência que não se adaptam às formas de opressão, dominação, controle e normalização da vida. E r**existência** foi um conceito inventado para e neste trabalho. Os conceitos citados estão descritos e trabalhados pelo meio do qual foi se tecendo o rizoma lá onde fez e faz sentido, onde foram e são necessários no processo de teiação da realidade.

Então, essa escrita, se demorar, é porque tem muito afeto, muita lou**cura** envolvida, é a expressão de que em um trabalho há afetos em movimento, do que se (des)trama no pensamento, da produção de fios que se tramam no tear de uma tese. É também, porque em muito é movida pelo motor da alegria, que nem sempre está ativado. Logo, essa escrita, também é uma necessidade. Fios, e tramar fios. Um jeito de escrever. Um modo existir. Uma forma de resistir. Uma estética. Um ato político. E a 'façanha' de ***rexistir*** na relação com a (sua) loucura. Exercitando-a!

Deste modo, este trabalho **narra um processo** do que foi afetando a 'andarilha' desde sua chegada em Pelotas/RS, dos encontros que foram mexendo com suas águas, as quais já vinham contagiadas por movimentos de resistência em relação a modos de normalização da vida. Inspira-se na cartografia, como já mencionado, pois após muitas buscas quanto a perspectivas metodológicas, foi nesta encontrou eco do que estávamos fazendo, o oxigênio que facilitaria para expressar o vivido, que se vivia produzindo-o, ou seja, a produção de rexistências na relação com a loucura nas tramas da subjetividade e do biopoder no contemporâneo, na produção de conhecimento articulado com os territórios de vida. Mas, que é a cartografia?

...sigamos, então, pelos caminhos (des)conhecidos, afinal, "nós todos somos loucos, só que ser louco é normal, mas quem entende!?"[21].....

[21] Recado das vozes.

Por favor, o toque de uma melodia?!

A cartografia no solo da epistemologia

"o mais profundo é a pele"

Paul Valery (1871-1945)

A melodia, no caso, é a cartografia, como método de inspiração e res**piração** do estudo, ferramenta pinçada da oficina de alguns nômadopráxis[22]. Pois, como se ocupar da produção de rexistências na relação com a loucura sem a sua experimentação? Sem a experiência de caos? Ao considerar estes aspectos, sentia a 'andarilha', após andarilhar por vários outros métodos, que inspirar-se na cartografia seria o oxigênio tanto para o caos, quanto de saídas do mesmo. E foi.

Os caos referem-se a processos de desterritorialização de si e em relação ao próprio processo de pesquisar, em que não havia um mapa para tal e que se houvesse não seria possível o que desejava, não expressaria o que a afetava, do que pulsava no seu corpo andarilho confusão. O mapa era o método. É o processo de traçar mapas "que possibilita múltiplas entradas e onde é possível transitar livremente, agrimensando um terreno em permanente mutação" (OLIVEIRA, MOSSI, 2014, p. 7). Rizoma. Logo, não havia caminho prévio, nem território definido. Tratava-se de um método feito de efeitos.

Na etimologia da palavra 'cartografia', encontra-se a descrição de 'carta escrita' e que na geografia, é utilizada para designar o 'desenho' de cartas geográficas (FERREIRA, 2009). Entretanto, o que esse conceito usado na geografia 'vem fazer' na filosofia da multiplicidade, e por sua vez, nesta pesquisa? Na esteira do que Gilles Deleuze e Felix Guattari (1992) designam sobre o que seja a filosofia, como 'a arte de criar conceitos', a cartografia foi atualizada por estes pensadores, como um conceito.

O que Deleuze e Guattari (1995) reúnem no conceito de cartografia é efeito do 'incorporado', 'ajudados, aspirados, multiplicados', também por e com escritos de outros autores, dentre eles, Michel Foucault. E, pode-se dizer, em concordância com os mesmos, que é um conceito que se relaciona "as circunstâncias e não as essências", portanto com potência "crítica, política e de liberdade" (DELEUZE, 1992, p. 46). Não é um método interessado em

[22] Autores que contribuíram para a produção de diferença na história da humanidade. No caso deste trabalho, Michel Foucault, Féliz Guattari, Gilles Deleuze, bem como Baruch Spinoza, Friedrich Nietzsche, Gregório Baremblitt, dentre outros e outras.

dizer o ‘que é’ ou o ‘que não é’ [essência], e sim evidenciar, intervir, mexer, produzir dizibilidades e visibilidades na territorialização do que se cristaliza na anti-produção da vida, nas circunstâncias que produzem realidades.

Há de certo modo, uma regularidade em pesquisa, que esta metodologia rompe, ao inverter, fazer diferente. As regularidades, como informa Demo (2002) integram a normalidade, por mais que possam ferir processos criativos. Deste modo, a perspectiva cartográfica produz perturbações no solo epistemológico das ciências, no caso, a razão, pelas formas de produção do conhecimento, seja não só na filosofia como nas ciências humanas.

Sendo assim, chama-se Madel Terezinha Luz para essa conversa, a qual se ocupou em escrever sobre a racionalidade científica moderna (2004). Conforme a autora, a “ciência continua sendo o modo de produção de verdades socialmente dominante, a teologia de nossa época” (LUZ, 2004, p. 88). Ela explica que a ‘razão’ científica operou uma objetificação científica entre o que se nominou de natureza, metafísica e humano (LUZ, 2004).

Que a ciência se dissociou da metafísica, mas ampliou o interesse pelas relações sociais, costumes, hábitos de vida, etc, considerando que as leis da razão seriam universais, no sentido de aplicáveis a todos (LUZ, 2004, p. 88). Pode-se pensar, que assim, se corroborou com a produção da sociedade disciplinar, de normalização, de controle. Trata-se da racionalização do social, que envolveu a criação de instituições, organizações, políticas, práticas sociais de objetificação do humano, noutras palavras, de elaboração do humano como objeto de conhecimento (LUZ, 2004), e que fazem circular os discursos, as verdades (FOUCAULT, 1971).

Na saída do período Renacentista e entrada no Iluminismo, conhecido como o século das Luzes, a razão era a ‘luz’, ‘penso, logo existo’, na perspectiva cartesiana de Descartes (1996). Tratava da época Clássica da idade Moderna. Mas, qual a ‘luz’ para as razões que a razão desconhece? A loucura, nesta época, era considerada como uma falha na razão. Instaurava-se a ciência como a verdade e um modo de pensamento como universal. Esses desdobramentos podem ser acompanhados na relação com a fabricação da loucura como doença.

Entretanto, as verdades universais nunca deram e nem darão conta da multiplicidade e complexidade da vida e da subjetividade e muito menos da produção do conhecimento. A racionalidade científica refere-se a uma regularidade, de normalização, do pensamento, das formas de produção de conhecimento (JAPIASSU, 1981). A ciência tem ocupado um lugar de ‘verdade’, como detentora do conhecimento, como o saber válido e que somente assim o é, se houver comprovação, ao quê, conforme Japiassu (1981) caberia à filosofia combater.

Deste modo, a cartografia perturba o solo da epistemológico assentado na razão, tanto no que é conhecimento, quanto nas suas formas de produção, pois não é sua pretensão a representação da realidade e sim a construção da mesma, para o quê não é possível antever um mapa do caminho. O caminho é o mapa. Também, pelo que difere de outros modos de fazer pesquisa entre outros elementos, como por exemplo, como é considerado o pensamento. Para Deleuze e Guattari (1995a), o pensamento não é visto como inato e natural ao humano, conforme a lógica cartesiana, e sim como algo a ser forçado. E outra prodigiosa inversão, é a que estilhaça a separação entre sujeito e objeto. E, assim como pontuou Japiassu (1981), é uma perspectiva que também se ocupa de colocar em dúvida as verdades, como o foi com o sentido que reduz a loucura a doença.

A cartografia 'nasce' praticamente com a esquizoanálise, 'teoria' esta, que diz de uma outra ética, estética e política, também denominada de filosofia ou clínica da diferença (DELEUZE, GUATTARI, 1995). A esquizoanálise é um corpo teórico e prático que analisa e investiga os dispositivos de enunciação coletivos ou individuais (REBERENDO, ARÉVALO, 2014). Então, os princípios da cartografia e esquizoanálise se transversalizam, no mapeamento de paisagens, mergulho na geografia dos afetos, dos movimentos e das intensidades (ROLNIK, 2007).

É um método que não se aplica, se pratica (KASTRUP, BARROS, 2010, p. 76; FÜLBER, THOMA, 2012), como o que aconteceu nas andanças por diversas paisagens neste estudo. A cartografia tende a fazer incursões, inversões e 'reversões', no que foi fabricado e validado historicamente como método de feitura da ciência na produção do conhecimento (PASSOS, BARROS, 2010. p. 17), o que serviu em dado momento histórico, para separar a produção do conhecimento do controle da igreja e da *doxa*, que 'quase' separou do movimento da vida. Na atualidade, 'se pede' que a ciência esteja entremeada à realidade, que se coproduzam e que uma seja efeito [d]a outra, enquanto andam (SANTOS, 2002).

Edgar Morin (1983), Boaventura de Souza Santos (2002) e Veiga-Neto (2002), assinalam para uma crise na ciência, dado que o paradigma moderno não consegue responder às questões da realidade. Este paradigma separa o 'objeto' de seu meio, divide o conhecimento em disciplinas, especialidades e categorizações. Tende a reduzir o que é complexo ao simples. No caso da saúde, por exemplo, reduz o humano ao biológico, aos seus órgãos e\ou à suas manifestações 'sintomatológicas' como indicação de algum 'fenômeno' em ocorrência.

'Em tempo', vive-se a emergência um pensamento que não faz essas separações reducionistas e dualistas (objetivo e subjetivo, sujeito e objeto, etc.), que reconhece a

pluralidade e a complexidade e que estabelece outra relação com a realidade. É nesta ventura, que se inserem alguns métodos, e no caso a cartografia, que se ocupa justamente na captação e produção desta realidade na sua processualidade. Conforme mencionam Paulon e Romagnoli (2010, p. 92),

> A cientificidade, nessa nova proposta [da cartografia], tenta abarcar a complexidade, e se efetua na sustentação dos planos de análise que compõem a realidade, nos jogos de forças que atravessam nós mesmos, pesquisadores nossos objetos de estudos, as instituições, o campo social, os quais são percorridos, transversalizados por forças de produção, reprodução e anti-produção, moleculares e molares (PAULON, ROMAGNOLI, 2010, p. 92)

Nesta época dita como contemporânea, há um repensar sobre os modos da produção do conhecimento e da ciência (ROSÁRIO, AGUIAR, 2012). São séculos da história do conhecimento que não é o caso de discutir neste momento. Deste modo, utilizar de ferramentas desta perspectiva metodológica se insere em um paradigma que difere dos que dão estes contornos mais objetivos à ciência na produção do conhecimento (KASTRUP, 2010).

A cartografia engendra[se] [em] um novo paradigma no que se refere à produção do conhecimento, numa concepção de mundo e subjetividade que, conforme assinala Romagnoli (2009), "traz um novo patamar de problematização, contribuindo para a articulação de um conjunto de saberes, inclusive outros que não apenas o científico" em um compromisso ético e estético com a vida (ROMAGNOLI, 2009, p. 169; PAULON, ROMAGNOLI, 2010).

Na cartografia há uma inversão de sentido. Do sentido de e do método. Com isso não se quer dizer que não haja direção. Do método, não mais como um modo de investigar com orientações pré-determinadas, com vistas a alcançar metas, mas sim, como um *hódos-méta* (PASSOS, BARROS, 2010. p. 17). Ainda, esta perspectiva metodológica não incorre na representação, coleta e interpretação de dados. É usada como método ou procedimento de pesquisa. E do qual pode-se 'extrair' ferramentas para o andar pesquisante. O caminho, na cartografia, consiste na construção do presente, na produção de realidades (GALLI, 2003). Então, como se fez? Sob inspiração na cartografia, foi no caminhando que produzimos o caminho, um território e(m) rizoma.

A cartografia é um dos seis princípios do rizoma, conforme descrito em Mil Platôs (DELEUZE, GUATTARI, 1995). Do mesmo modo, o rizoma é um dos princípios fundadores da cartografia. A partir do que Deleuze e Guattari (1976) referem, o rizoma é um conceito que permite criar uma imagem do pensamento múltiplo da cartografia, da subjetividade e da realidade nas dinâmicas de seus fluxos e intensidades (Figura 1). É o conceito que

permite ‘reconhecer’ que o pensamento não é enraizado e nem ao menos se organiza como uma árvore e sim que ideias podem surgir de qualquer lugar e se conectar a outras e constituir outras e outras, sem um início ou fim (DELEUZE, 1995a, COLFERAI, 2012). O rizoma é como o pensamento e o ‘ser’ [que] se modificam a todo instante (FONSECA, KIRST, 2004).

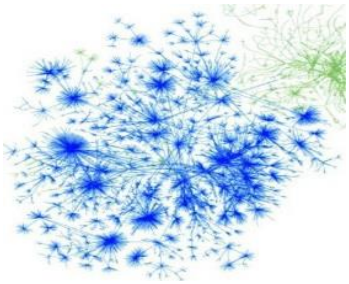


Figura 1 – Rede Rizomática[23]

É como a subjetividade (DELEUZE, 1995a). O pensamento. A realidade. Deste modo, é formado de regiões de multiplicidades e intensidades conectadas pelo meio, que são os platôs (DELEUZE, 1995a). As regiões (Figura 4). Dentre as características do rizoma, e porquanto, da cartografia, reitera-se que não há começo e fim.

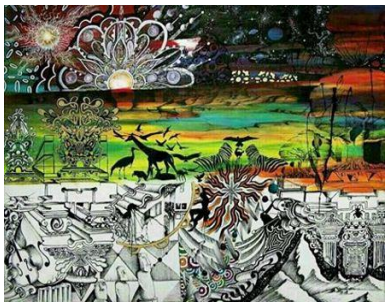


Figura 4 – Rizomas[24]

São compostos de linhas situadas em um plano, que qualquer uma se liga a outra em qualquer momento e de qualquer dimensão, que podem ser rompidas em qualquer lugar e se reconstituírem em qualquer lugar, e que não há condição de unidade[25].

Dado a isso, é um dos conceitos que confere a cartografia a característica de reflexão dessas intensidades e multiplicidades que só são apreendidas\percebidas pelo ‘meio’ (Figura 5), no jogo das mudanças [na duração], que as compreendem, seguindo e desamarrando linhas que implicam em microanálises, do que Foucault denominou de microfísica do poder e Guattari de micropolítica do desejo (GUATTARI, 1992; FOUCAULT, 1981; GUATTARI, ROLNIK, 1986). O meio? É o que ‘brota’. O que cresce. O que aumenta. É a diferença. O encontro. É o que pode emergir do subterrâneo (Figura 5).

Dado a isso, é um dos conceitos que confere a cartografia a característica de reflexão dessas intensidades e multiplicidades que só são apreendidas\percebidas pelo ‘meio’ (Figura 5), no jogo das mudanças [na duração], que as compreendem, seguindo e desamarrando linhas que implicam em microanálises, do que Foucault denominou de microfísica do poder e Guattari de micropolítica do desejo (GUATTARI, 1992; FOUCAULT, 1981; GUATTARI,

[23] Figura 1 – Rede Rizomática. Disponível em: <http://3.bp.blogspot.com/_H0OFHRRV7ac/SiPy1vWz-XI/AAAAAAAAAC0/iUGtiVzOemA/s400/rizoma.jpg> Acesso em 10 ago 2015.
[24] Figura 4 - Rizomas, rizomas em cada arte, rizomas por toda parte. Disponível: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=621192567988986&set=a.294266207348292.67241.100002947447148&type=1&theater> Acesso 04 mar 2015.
[25] Ou seja, o ‘Uno’ não existe, o Um é o um do múltiplo, possui linhas de segmentaridade com alguma espécie de territorialização, mas também linhas de desterritorialização, que são as linhas de fuga (DELEUZE, GUATTARI, 1995).

ROLNIK, 1986). O meio? É o que ‘brota’. O que cresce. O que aumenta. É a diferença. O encontro. É o que pode emergir do subterrâneo (Figura 5).



Figura 5 – O que brota![26]

Então, a cartografia pode ser considerada como um mapa de multiplicidades, para não se ‘cair’ em ‘essencialismos’ do ‘é’. Da cartografia como mapa aberto, rizomático, com conexões heterogêneas, a mercê de elementos que podem agir, interferir e modificar o mesmo (MARTINES, MACHADO, COLVERO, 2013). A cartografia se faz e se fez assim porque buscamos em diferentes territórios o que foi necessário para compor um ‘plano’ dinâmico. Também, não houve técnicas padrão determinadas deste o início do processo investigativo, o qual se deu antes mesmo do vir a ser ‘questão de estudo’. O ‘norte’ é o percurso. O ‘norteador’ é a reflexão no processo.

Para Rolnik (2007), a cartografia é um método que acompanha movimentos que diferem do mapa. O mapa consiste na representação do estático. A cartografia, no caso, foi o desenho que acompanhou as transformações das paisagens. Para a autora, do mesmo modo, é o possível cartografar de ‘paisagens psicossociais’, no movimento da vida, que compreende os processos de territorialização, ‘des’ e reterritorialização. Ou seja, na produção de sentidos. Desconstruindo alguns, produzindo outros (ROLNIK, 2007).

Sãos e foram os movimentos de (des), (re) e territorialização, sutis e permanentes no e do processo de subjetivação. Então, a cartografia e a subjetividade são conceitos vizinhos que se visitam. Deste modo, ao encontro do mencionado, faz sentido à frase de Merhy (2003, p. 1), de que no nosso caminhar, se referindo as andanças no trabalho e militância na saúde [mental], é “um mapa [que] nunca é um mapa, é uma cartografia”.

Deste modo, esta pesquisa que se inspira na cartografia, buscou perceber as dinâmicas, fluxos e intensidades que mostram no que se interroga, no desenhar da rede de forças, a que a ‘questão’ de estudo se encontra conectada e enredada. Foi um modo de produção do conhecimento, que investigou processos no processo que (se) produziam. Produção não como processamento, mas de processualidade, ‘de que se estava permanentemente em obra, mesmo nas paradas’ (BARROS E KASTRUP, 2010). De que uma pesquisa, que sob essa inspiração,

[26] Figura 5 – O que brota. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=955328574480138&set=a.338811129465222.91466.100000090146847&type=1&theater> . Acesso em 10 ago 2015.

não procurou colocar entre parênteses a relação que a questão tinha com a sua história, o social e o plano dos afetos.

Pela inspiração na cartografia, ao encontro de Passos e Barros (2010), se acompanhou as linhas que compuseram o plano da experiência. Foi o que produziu "desarranjos e novos arranjos na produção da realidade" [27](PASSOS, BARROS, 2010, p. 29), como um plano de horizontais (forças maiores, hegemônicas, padrão, molar), verticais (forças menores, a diferença, o molecular) e transversais. Logo, para fosse uma perspectiva de cunho cartográfico, houve imersão e implicação com o campo da pesquisa, ao co-construí-lo na geração de conhecimento, que se indissociam (PASSOS, BARROS, 2010).

Considerou as múltiplas superfícies, processos e sujeitos e a capacidade inventiva na composição da realidade. Visou romper com saberes instituídos, tais como aqueles que enquadram as pessoas em diagnósticos e identidades, patologizando a vida, que cristalizam as pessoas em uma subjetividade que não às pertence, impedindo por vezes de que vivam, experimentem, troquem informações e se comuniquem com outros territórios. A ruptura com esses saberes instituídos para a emergência de saberes subterrâneos. Saberes singulares.

A opção por ferramentas da cartografia visou não dissociar o si mesmo de uma implicação\compromisso ético, político com a produção da vida, a partir da qual possibilitou a produção do conhecimento como uma prática indissociada da teoria e vice-versa no tempo de que foi acontecendo, no processo de produção de subjetividades e realidades, notórios pelos seus efeitos, feitos, movimentos, os meio ao 'alcance de nossas mãos' de criar, (re)inventar, combater, alterar valores sociais, etc. (GUATTARI, 1992.

É isso que fez desta perspectiva, com base na cartografia, um modo de acompanhamento de processos. Que não retirou a questão de estudo do seu fluxo. Do fluxo em que se produziu e se produz. Não a separou de seu curso, como um 'objeto' a ser analisado. Com isso, conforme assinala Martines et al. (2013) e Barros e Kastrup (2010), não quer dizer que não haja rigor metodológico. O mesmo rigor esteve relacionado com a implicação, interesse e compromisso com o cenário campo de estudo que se produziu, uma vez que nesta perspectiva metodológica, a questão de estudo foi considerada na rede de forças as quais estava conectada, no que tange às "suas articulações históricas e conexões com o mundo em um movimento dinâmico e permanente" (MARTINEZ et al., p. 207).

Também, como modo de pesquisa que se sustenta na implicação de quem pesquisa, e que religa, de algum modo, a pesquisa com a vida (ROMAGNOLI, 2009). É deste modo que

[27] É a capacidade de se 'rebelar' contra o que homogeniza e massifica, as representações e as mídias que mantém vivo o sistema de governo da vida (REBERENDO, ARÉVALO , 2015).

é uma perspectiva metodológica que dialoga com a Saúde Coletiva, como campo de saberes e práticas sociais e como construção sócio histórica de sujeitos concretos (CAMPOS, 2002), o que implica na permanente produção de processos de desterritorialização e reterritorialização, ao considerar a multiplicidade da realidade e da subjetividade no que tange a produção de vida. Do mesmo modo, no se ocupar das necessidades sociais e de saúde, no cenário das existências, com integrante de um projeto civilizatório de transformação social (PAIM, ALMEIDA-FILHO, 2014). Então, a perspectiva que se inspira na cartografia tem o intento de perturbar os instituídos, ao que não condiz com a produção de saúde, com a produção da vida, se movimentando neste sentido.

Sob esta perspectiva, esta pesquisa se consistiu de navegações em superfícies e profundidades, o que se narra enquanto se escreve. Foi o efeito de 'mexer com as águas', do que afetou e do que isso foi reverberando em implicação com engenhos que já estavam em movimento e/ou criando outros. Foi a possibilidade narrativa das implicações de uma pesquisadora com práticas sociais no ato processual de (se) interrogar sobre como se (r)existe nas tramas da subjetividade e do biopoder no contemporâneo na relação com a loucura.

Portanto, considerou-se princípios, ferramentas e procedimentos. Dos princípios - o já escrito sobre a cartografia, no caso da ética, do sujeito não como objeto do conhecimento, da construção do método no acompanhamento dos processos, da não representação e interpretação dos dados, da possibilidade de ruptura com instituídos e incitação da emergência de saberes subterrâneos como potência para 'desamarrar[se]' do que [se] aprisiona. Quanto às ferramentas, não se utilizou 'todas as que estavam disponíveis na garagem' (CHAVES, 2015). Foram pinçadas algumas. Às que havia algo a fazer com elas. No caso, esta pesquisa.

Quanto aos 'procedimentos', foram usados em função do que 'pedia' o con**texto**, cenário do estudo que foi se constituindo, para fins de registro e produção do que [se] produziu, como máquina fotográfica, caneta, caderno andarilho e gravador quando era o caso de entre**vistas**. Seguiu-se o caminho seguindo pistas: o que da vida passava em si, afetava, não conseguia ficar indiferente, um corpo em fala; das pessoas intercessoras guias; os convites; o que afetava dos encontros; as vozes que ouvia tanto das suas multidões quanto dos(as) outros(as); entre outras. Essas pistas forçavam e forçam o pensamento e foi nesse movimento que se foi tecendo territórios, a partir de desterritorializações e reterritorializações.

Mas, o que eram essas pistas? A que serviam? O que consideravam? Porque foram utilizadas? Foram as 'diretrizes', pois "não se trata de uma ação sem direção" (PASSOS, BARROS, 2010. p. 17), mas que a direção foi se dando no caminho. Foi como uma melodia composta por 'partidas' e 'pinturas', partituras efeitos do 'pesquisar' na própria ação, que

ainda não era a música, mas o seu processo de feitura, rizomático. As pistas serviram de orientação e (des)(re)conexão, e nunca serão as mesmas noutro estudo.

Consideram "... os efeitos do pesquisar sobre o 'objeto' da pesquisa, o pesquisador e seus resultados" (PASSOS, BARROS, 2010. p. 17). Foi uma pesquisa que se fez andando, em movimento, enfrentando o [aparente] caos, que como sensação, foi um 'parente' próximo das manifestações da loucura. Presume-se que nada ficou no mesmo lugar, que pelo meio ganhamos outras velocidades, tal como "riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio" (DELEUZE, GUATTARI, 1995).

Neste esteio do que se configurou como 'pistas', se entrou em 'paisagens' que já estavam andando e criou-se outras. A entrada modificou-nos, 'já por si só', a paisagem, quem entra e quem está na mesma e do que reverbera em si, nos outros, nas relações. Ou seja, é deste modo de intervenção que se fala, em decorrência de encontros e da produção de subjetividade, em que todas as paisagens tendem a se alterar, as subjetivas, as da realidade, etc.

Então, foi brotando um território, rizoma, tecido na e de andança pelo motor do desejo imbuído na implicação ao que não se conseguia ficar indiferente, que afetava, que ora encantava, ora angustiava, ora fazia sofrer, ora movia, ora reagia, ora bagunçava, ora alegria, ora convocava, ora pulsava, mas que pouco sossegava. Eram suas águas, calmas, em fervuras, tumultuadas, vazando, etc., que levaram a 'andarilha' a entrar pelo meio de 'engenhos em movimento', o que viveu nos mesmos, de outros que co-agenciou e dos encontros, tais como os VER-SUS no Extremo Sul, a participação no Levante Popular da Juventude, na CIES, a constituição do Coletivo Extremo_SUS, a participação nas atividades do 18 de maio de 2013, no evento 9º Mental Tchê, a (re)criação da Tenda do Afeto Popular, o reencontro com o morador de outras casas, o ingresso no Grupo Vocal Esperança, e no Musical Los Lokos.

Também, a inserção no Grupo Condutor Regional de Saúde Mental, o co-agenciamento de várias Tendas do Afeto pelas paisagens do Sul, a vinculação a Associação de Usuários dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas – Aussmpe, a co-criação do coletivo Povaréu Sul, o envolvimento com a política de Diversidades na 21ª região de saúde do estado do RS, o agenciamento do Grupo Autônomo de Articulação em Saúde – GAAS, a participação na Comissão Municipal de Saúde Mental, Grupo Condutor Municipal e Conselho Municipal de Saúde de Pelotas, a participação em praticamente todas as marcações do 18 de maio alusivo ao dia da Luta Antimanicomial, as edições do Mental Tchê, no Orgulho Louco e no disparo da articulação das forças de luta mentaleira, entre outros, do que se narra pelas folhas que hospedam textos, de que 'o mais profundo é a pele'.

Essa pesquisa é o efeito do que nas andanças, pelos encontros, ao que não conseguimos ficar indiferente, o que nos moveu e pelo que nos movemos à produção de diferenças por várias paisagens, principalmente nas ou desde as do Sul, como uma estética de rexistências. A narrativa que se expressa nas folhas ocupadas por textos e imagens, decorre do que veio a memória considerado as intensidades, os afetos e o se que foi encontrando pelo caminho do acervo em arquivos digitais e caderno 'andarilho', referente ao que compartilhamos nestes momentos de nossas existências desde a chegada da 'andarilha' em Pelotas, o 9 Mental Tchê e o 18 de maio de 2013 até o 13º Mental Tchê da Resistência em 2017. De março a maio. De 2013 a 2017. Muitas pulsações. Do desejo. Que não se produz descolado do campo social. Que era, se não, forças de rexistência, forças de vida e(m) brotação!? Que era, se não como uma conversa com 'multidões', como se fossemos amigos(as) íntimos(as)?[28]

A cartografia foi a melodia de inspiração, e que ao encontro de Romagnoli (2009), se sustentou na implicação, como forma de reação ao que afetava e movia, na ligação da pesquisa com a vida. Contudo, que é a implicação de que se fala? Antes, porém, um pouco sobre alguns dos pensadores da nomadopráxis que contribuíram a esse fazer, com conceitos intercessores, e de um modo de pensamento e do conhecimento da ciência como 'verdade' absoluta, que foram umas das linhas de forças que contribuíram para o processo de institucionalização e desinstitucionalização dos(as) loucos(as) e da loucura, ainda em curso, no conjunto com outras linhas que sustentaram essa prática por séculos e que ainda se sustenta, mas com importantes fissuras nessas 'estruturas', motivo pelo qual também nos colocamos a caminhar, pois não há como estar indiferente!

Importa informar que o estudo observou os preceitos éticos em pesquisa na relação com pessoas, tendo sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa situado na Faculdade de Medicina da UFPel, em 30 de março de 2016, sob número de Parecer consubstanciado 1.471.251.

Alguns dos pensadores de conceitos intercessores

Da Oficina de nomadopráxis, alguns dos pensadores de conceitos intercessores. Importa apresentar brevemente os criadores dos conceitos que fizeram intercessão em todo o

[28] Forma metafórica de dizer sobre as reformas de si e sociedade, de resistências, de produção de subjetividade e afirmação da vida, como algo em comum, uma intimidade.

processo que compreende a pesquisa, desde seu início até essa escrita em narrativa. Com essa interferência de intercessão, se teceu em movimentos o tecido [esburacado] deste estudo.

Que são os intercessores?

Há intercessão quando há entre. Que pode ser entre-lugares. Para Deleuze (1992), sem os intercessores não há 'obra'. E a obra em si, também pode ser um intercessor, noutros encontros, um modo de 'dizer' que ao 'dizer' pode se fazer em intercessão, e que em muitos casos 'diz' pela possibilidade de intercessões. Mas, de novo, que são os intercessores?

> Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas – mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores (DELEUZE, 1992, p. 156).

No caso, por ora, os intercessores são os autores, os conceitos, as pessoas guias e os viveres pelas paisagens [vide metodologia]. Também é o que se atravessa do que conjuntura a loucura nos seus múltiplos sentidos, dentre eles como um discurso. E, o que devém como possibilidades de vida na relação com a loucura. São 'usados' no sentido do que se considera para o trabalho, como uma necessidade. Então, não se utilizará toda a obra de um autor, mas alguns conceitos como ferramentas para o pensamento, a escrita, o vivido. São os autores de conceitos, que podem produzir estranhamentos. Ao encontro do que aponta Pelbart (1989, p. 7), os conceitos como ferramentas, "precisam ser testadas e talhadas num processo paciente mas intempestivo, de variação das condições, dos contextos, das conexões, das associações, com tudo de ziguezagueante que isso implica".

É deste modo que autores, conceitos e pessoas guias são considerados como intercessores. E que se entende necessário apresentar os principais autores que vão compor este 'tecido', os conceitos vão sendo trabalhados entremeados e no decorrer do texto, e a vertente de pensamento a que se aproximam, uma vez que eles mesmos dizem que não se enquadram no que os enquadram. Ao modo do que Deleuze escreveu em Conversações, na 'resposta a um crítico severo', que tenta o encaixar em designações, "não confesso" (DELEUZE, 1992). Noutras palavras 'não me enquadro', 'não aceito a identidade a que me designa'.

Dentre os autores que se fará intercessão, os mais recorrentes são Michel Foucault, Gilles Deleuze e Félix Guattari. Destes, se fará breve descrição da história de vida que de algum modo, curiosamente, conversa com este trabalho. Seja na relação com a loucura como nas perspectivas de [r]existência. A vida deles. São os que propõem, pela escavação,

genealogia e fazendo ‘filho pelas costas’, os conceitos que est[ar]ão funcionando como ferramentas, nos movimentos do pensamento e da vida, no campo do estudo.

– ‘Já somos muitos’.

Como cada um de nós era vários,
já era muita gente.
Gilles Deleuze

Paul Michel Foucault, filósofo francês. Viveu 57 anos. De 1926 a 1984. Faleceu devido a síndrome da imunodeficiência adquirida. Suas ‘trilhas’ foram construídas de uma investigação arqueológica do saber, genealógica do poder e analítica do sujeito. Dado a isso, se menciona que o percurso para entender como nos tornamos aquilo que somos, se deu em três momentos: arqueológico - de escavação nas condições de formação dos discursos; genealógico - de análise das relações de poder e saber que sustentam os discursos; e da ética - em que se volta ‘inesperadamente’ para o processos de subjetivação, em que analisa o governo de si e dos outros (DREYFUS, RABINOW, 1995).

Deleuze (1992) se refere a este último momento da obra de Foucault como ‘um pouco de possível’, se não sufoco...’, como a necessidade do ‘ar’ para viver, de que o pensamento não era somente uma questão de teoria, mas de vida (PELBART, 1992, p. 1). Nestes mo(vi)mentos da vida de Foucault, estão os escritos sobre Doença Mental (1954), reeditado em 1962), História da Loucura (1961), O nascimento da clínica (1963), As palavras e as coisas (1966), Arqueologia do saber (1969), Vigiar e punir (1975) e História da Sexualidade, Ditos e Escritos e os Cursos de Foucault proferidos no Collège de France (1976, 1984) (KRAEMER, 2011).

O período ‘aquecido’ de seus escritos foi no contexto do Maio de 68 na França. Evento importante também à vida de Deleuze e Guattari. Foucault constituiu com outros atores um coletivo de luta e resistência, o ‘*Groupe d’Information sur lês Prisons*’ (Grupo de Informações sobre Prisões). Fazendo um parêntesis e um paralelo a este período, no Brasil vivia-se a Ditadura Militar. E a música era uma das formas de denúncia e de resistência, como por exemplo, na letra de uma das canções de Caetano Veloso ‘é proibido proibir’ (COLLING, ANDREOLA, 2014).

Na época que Foucault viveu, estava em eminência no campo das ciências, o estruturalismo (DREYFUS, RABINOW, 1995). Para os estruturalistas, por exemplo, a língua

é entendida como um fenômeno que elimina a percepção consciente do sujeito. Estrutura-o. Veja-se, a exemplo, na definição lacaniana, do inconsciente estruturado como uma linguagem (LACAN, 1997; COSTA, VERGARA, 2012). À estrutura interpreta-se, pois como conhecer da estrutura, se não interpretando-a? Entretanto, não se adentrará nesta questão.

O pós-estruturalismo, que ainda não pode ser entendido como uma escola, mas como um movimento, surge por dentro do estruturalismo e tensiona com o mesmo (PETERS, 2000; COSTA, VERGARA, 2012). Apresenta-se interdisciplinar. Reúne distintas áreas, disciplinas e correntes de pensamento, em atravessamentos que tendem a compor redes complexas [e provisórias], e que tem, de algum modo, servido a este tempo histórico contemporâneo (PETERS, 2000).

A obra de Foucault e ele mesmo como um pensador, situa-se no esteio do que foi se constituindo como pós-estruturalismo, dado a inversão que propunha no entendimento do objeto das ciências humanas, nascidas no século XIX. Tomam o homem como objeto. Objeto de si mesmo. Que, sob esta acepção, estaria aí a sua 'liberdade'. Liberto pela possibilidade de conhecer a si. Entretanto, Foucault faz uma torção no estruturalismo ao não tomar o homem como objeto, do que lhe advém muitas críticas pela 'morte do homem' (DREYFUS, RABINOW, 1995). O faz a partir do entendimento da linguagem no engendramento das 'verdades' a partir de relações de poder, saber, resistência e liberdade. O impacto, então foi, principalmente, por esta concepção, de que o modo como o sujeito se torna o que é, não está dado de antemão, como essência, mas que é fabricado.

Dado a isso, Foucault postula que o 'sujeito' é uma invenção da modernidade (VEIGA-NETO, 2010). O faz ao considerar as relações em que o homem se fabrica\é fabricado. Para que aconteçam, é imprescindível a liberdade, pois as relações de poder se dão somente entre sujeitos livres. Dado que são as pessoas\sujeitos que (se) coproduzem nestas redes discursivas. Afora isso, são relações de exercício de dominação e de escravidão (CASTRO, 2004). Ainda sob este 'assento', é possível pensar o conceito de sujeito em Foucault, pelo que ele e Deleuze concebem referente a autoria e que deste modo, ilustra de alguma maneira o que constitui esse pensamento como não estruturalista.

Para Foucault (1992), o autor não é o inventor e proprietário dos próprios textos, é apenas a quem se pode atribuir o que foi falado ou escrito e que tem uma função na circulação dos discursos, que varia e se modifica no interior de cada cultura. Como ele diz (1992, p. 35), quando se escreve o sujeito sempre está a desaparecer. Com isso, Foucault queria justamente demarcar a não essência do Ser\materialidade do Ser. Para o mesmo, o autor é uma invenção que funciona também como dispositivo de controle da ordem do discurso na modernidade.

Para Deleuze, o que se escreve ‘vem’ do Fora, da vida como a potência para a criação (DELEUZE, 2005). Do que é afetado dos encontros. Encontros entre e com as pessoas, realidades, subjetividades, textos ‘mesmos’, textos outros, vozes mesmas e vozes outras. Os autores e as autorias são muitos. São múltiplos. Em Deleuze, no que se refere à autoria, vincula-se a uma característica do pensamento, que diz respeito a um estilo de criação, comprometido com o viver, de restituição da potência de criar sufocada pela representação, como por exemplo, o vinculado à estrutura (MAURÍCIO, MANGUEIRA, 2011), que não deixa de ser discurso. O discurso é neste meandro que estão às autorias.

Foucault em seus textos, expressa a marca, se assim é possível nominar, da originalidade de suas ideias, pelas quais foi alvo de julgamentos, considerado por vezes um niilista, anti-humanista. Também se envolveu em lutas questionáveis pelo ‘*status quo’* da época (JUNIOR, 2009), e que na atualidade, de algum modo, ainda o são pela sociedade. Ilustra isso o maio de 68, o movimento homossexual, o feminista (FOUCAULT, 1999, 1998). Como se o contestar da ordem das coisas fosse a ‘desordem’. Indagações às verdades, sorrateiramente construídas.

Era um pensador a frente de seu tempo. Posicionava-se a favor da humanidade, problematizando as verdades que a mantinham ‘aprisionada’ e justificavam formas de opressão, como o movimento político-religioso islâmico, que se valia da fé para subjugação ao ideário do Estado teocrático (GONÇALVES, ASSMANN, 2012). Em defesa da ‘sociedade’. E, que essas verdades são pensadas também no que tange as prisões em que a própria subjetividade [se] aprisiona.

O pensamento Foucaultiano é estopim para acontecimentos na história humana, ao que talvez Deleuze e Guattari chamariam do que fez e faz fugir, como a força ativa no desejo na tensão com as reativas, com as que conservam. A obra de Foucault, influenciou e influencia, dentre tantas coisas, e não só a mesma, a perspectiva de considerar que a composição de outra corrente de pensamento, a pós-estruturalista, não como superação da estruturalista, mas habitando o cenário da produção de conhecimento. Sua obra tem contribuído em várias áreas do conhecimento, como a filosofia, sociologia, história, educação, saúde, dentre outros, no contemporâneo (VEYNE, 2011).

Também, sua obra ao explicitar como nos tornamos o que somos, pelo discurso, pelo que desfila como verdade, que nos fabricam e fabricamos e\ou reproduzimos pelas relações de poder, saber, não localizáveis, mais em exercício, e como e para quê se organizam e funcionam as instituições e o que se faz ‘em defesa da sociedade’. Deste modo, influenciou no processo que deflagra e sustenta a Reforma Psiquiátrica, no surgimento de outra relação com

a loucura, engendramento de outro modo para atenção em saúde mental – como o é o na atualidade o psicossocial, bem como o 'oxigênio', que a vida pode ser vivida como uma obra de arte (DELEUZE, 1992).

Os escritos Foucault, Deleuze, Guattari, conferem outra acepção ao pensamento, que não por uma estrutura, denominados por isso de pós-estruturalistas, pós-críticos, pós-modernos, e que ocorreu independente de um desejo ou governança destes autores. Resistência e criação. É sob esse tear que se situam os mesmos em conversa com o processo de constituição de uma corrente de pensamento que não se apregoa a essência e sim a fabricação e a produção de sujeito, subjetividade, da loucura na multiplicidade de sentidos e 'geografias' reexistênciais. Loucuras [d]e reexistência.

De Gilles Deleuze e Felix Guattari, a escrita que ora segue, é sustentada pela fala e escritos de Baremblitt nas obras 'Compêndio de Análise Institucional' (2005; 2013) e 'Introdução a Esquizoanálise' (2010), em vídeo sobre 'Guattari e Deleuze' na fala de Roberta Romagnoli (2013), do livro 'Conversações', que é um compilado de cartas e entrevistas de Deleuze, traduzido por Peter Pál Pelbart (1992), dos escritos de Reberendo e Arévalo sobre 'Deleuze e Guattari – uma obra maior' (2015)[29] e das aulas em História da Filosofia Contemporânea II (2015)[30].

Gilles Deleuze e Felix Guattari são, assim como Foucault, pensadores franceses. Cada um tem a sua obra. Mas, em dado momento, Deleuze e Guattari produziram obra em comum, com a escrita de 'O Anti-Édipo', 'Mil Platôs', 'Kafka – por uma literatura menor' e 'O que é filosofia'. Produziram 'lá' onde fizeram intercessão. Não se sabe quem escreveu o quê. O cada 'um desaparece' e o devir comparece.

Gilles Deleuze. Viveu 70 anos. De 1925 a 1995. Esteve acometido por tuberculose na adolescência, o que provavelmente contribuiu para que desenvolvesse insuficiência respiratória. Nos últimos tempos de vida, apresentava-se com fragilidades orgânicas, fraqueza e dificuldades para fala. Conseguia escrever e falar poucos momentos no dia. E isso foi se agravando. Ao ponto que se tinha uma ideia, repetia a mesma várias vezes para não esquecer, até conseguir registrá-la[31]. Suicidou-se.

Houve críticas, dado que sua filosofia, ao encontro de Guattari, é de afirmação da vida. Entretanto, Suely Rolnik (1995), uma das pessoas que também esteve em conversações com

[29] 'Maior' usado por estes autores, não no sentido de hegemonia, mas de potência para o pensamento e [n]o viver.
[30] Trabalhado sobre Deleuze na primeira parte da mesma, nos meses de março, abril e maio, pelo professor Luis Eduardo Xavier Rubira. A disciplina é ofertada pelo curso de Filosofia da UFPel.
[31] Ele mesmo, até que reunisse energias suficientes para escrever ou pedir que alguém fizesse isso por ele.

Deleuze, assinalou que ele afirmou a vida até o fim, pois mesmo em estado de saúde precário, escreveu seu último livro com Guattari (O que é Filosofia?) e organizou duas coletâneas de artigos e entrevistas (Conversações e Critique et Clinique).

Para a mesma, Deleuze enquanto podia falar e escrever, continuou a querer viver. Mas, quando isso começou a se tornar impossível, escolheu fazer o que parece sempre ter feito, escrito e defendido em sua obra, enfrentar o que se apresenta na vida, por mais insuportável que seja, e encaminhar a existência na direção do que ela aponta. Há algo mais insuportável e que requereria coragem de enfrentamento do que a morte? Afirmou a vida até neste momento extremo do fim (ROLNIK, 1995). Dito por ele mesmo "são os organismos que morrem, não a vida" (DELEUZE, 2002).

No período de 1944 a 48, cursou Filosofia na Universidade de Sorbone na França. Dentre seus professores e orientadores constam Georges Canguilhem, Jean Hipollyte, Gandillac, Alquié. Após a conclusão do curso de Filosofia se dedica a estudar história da Filosofia. Escreveu várias obras. Foi professor. Começou a trabalhar em La Sorbone (1957). Na década de 60, trabalhou no Centro Nacional de Pesquisa Científica. E, 1964 foi professor na Universidade de Lyon. Em 1969, escreveu Diferença e Repetição e outras que se seguiram.

Menciona que há uma tendência à repetição da história, representativa, que representa o que nunca é, por isso repete, copia. Em um dos textos de Conversações, escreve, “quanto a mim, fiz por muito tempo história da filosofia, li livros sobre qual e tal autor. Mas eu me compensava de várias maneiras. Primeiro, gostando dos autores que se opunham a tradição racionalista desta história” (DELEUZE, 1992, p. 14), pois referia que essa tradição era ‘opressora’ à capacidade do pensamento. Fez história porque preferiu os que subvertem, como o foram Hume, Spinoza, Nietzsche. Fez história, porque se safou, fazendo filho pelas costas.

Deleuze rompe com a representação. Reencontra a imanência do ser contra a transcendência. Um Ser coexistindo em um plano comum, de natureza, de composição em modos de ser e viver. O pensamento do autor é de afirmação da vida e do desejo. Um desejo que não existe porque há falta, mas que é a fábrica, produtor de real, realidades. Na ‘contra mão’ da ‘essência’ estruturalista.

Também, Deleuze não gostava de responder a entrevistas sem que houvesse um momento de reflexão anterior, pois conforme ele, era a possibilidade de refletir sobre o que se indagava, a fim de nos fazermos potência, ou seja, de abrandar o que nos atravessa e interfere, das grandes potências que passam por nós e fazem parte de nosso cotidiano contemporâneo. Era a possibilidade do exercício de *‘per si’* (pensar por si). De fazer raspagens. Isso remete ao seu entendimento de subjetividade e de [r]existência.

Esta perspectiva está ao encontro do que formula Foucault, no fim da vida, sobre prática de si. Conceitos estes que são tão ‘caros’ na saúde [mental], que as pessoas não sejam homogenizadas, massificadas, e que possa [r]existir, falar, pensar e agir em ‘nome próprio’, assumir a própria existência, e que é recorrente no discurso acadêmico, sanitário e popular na palavra de ‘autonomia’ e ‘empoderamento’, como a capacidade de prática de si, no exercício da cidadania, pelo habitar, rede vincular, social, de trabalho, etc., como produção de vida (SARACENO, 1999; SANTIAGO, YASUI, 2013).

Deleuze, em 1962 conhece Foucault, que foi seu amigo e admirador e vice-versa, tanto o é, que Deleuze escreve sobre Foucault, na sua intensidade. E é de Foucault a frase, que gerou muitos comentários, de que o ‘século XXI seria deleuzeano’. O encontro com Félix Guattari ocorre a partir das efervescências de maio de 68, mais precisamente em 1969. Como menciona Guattari “Maio de 68 foi um abalo, para Gilles e para mim, bem como para tantos outros: na época não nos conhecíamos, mas mesmo assim este livro [o Anti-Édipo], atualmente, é uma continuação de 68” (DELEUZE, 1992, p. 25). O encontro foi propiciado por um médico que trabalhava em La Borde, Jean-Pierre Muyard, a quem Deleuze e Guattari dedicam o Anti-Édipo (REBERENDO, ARÉVALO, 2015).

Felix Guattari viveu 62 anos. De 1930 a 1992. Considerado um psicanalista radical, militante, praticamente autodidata, que estudou farmácia e filosofia, mas não os concluiu, contudo produziu uma vasta obra que não se resume na produção de textos, criação de conceitos, mas como disparador e criador de movimentos que influenciaram em mudanças, que “deixou o mundo diferente por onde passou” como assinala Baremblitt (2010, p. 11).

Dentre suas movimentações, no interior da França, participou com outros atores da fundação da clínica La Borde em 1953, onde escreveu parte de sua obra, viveu e morreu. Nesta Clínica, experimentavam práticas alternativas e revolucionárias a tradição da psiquiatria. E seguem influenciando a outras práticas no mundo (BAREMBLITT, 2010, p. 12).

É onde se começa o movimento da luta antimanicômios. Movimento molecular que passa a ser molar, vide na sequência do texto, pela história de Reformas Psiquiátricas. Perspectivas como esta, ao encontro de outras, foram produzindo forças e ferramentas para fechamento de manicômios pelo mundo, principalmente o disparado e sustentado na Itália e a que se seguiu, no Brasil e que se deseja expandir na América Latina.

Na esteira do que compartilha Baremblitt (2010, p. 11-14) sobre a vida de Guattari, importa-se para este texto, alguns elementos de seu itinerário de vida. Militou na Juventude Comunista e foi expulso por oposição a política do partido na Argélia. Participou do maio de

68, na ajuda às pessoas vítimas da guerra no Vietña. Estudou psicanálise, foi analisando de Jean Jacques Lacan. Fundou a Federação de Grupos de Estudos e Pesquisa Institucional, a revista Recherche, como modo para divulgação de ideias institucionalistas. Foi preso várias vezes em detrimento disso, por publicar o que não era bem aceito\bem 'visto' na época.

Também, organizou um jornal denominado de 'Oposição de Esquerda'. As teoriza_ações de Guattari foram o início do que se denomina de 'análise institucional' (REBERENDO, ARÉVALO, 2015) e nas palavras do mesmo, sintetiza-se um pouco de sua trajetória,

> Eu, de minha parte, tinha "lugares" demais, pelo menos quatro. Vinha da Via comunista, depois da oposição de esquerda; antes de Maio de 68 agitava-se muito, escrevia-se um pouco (...). Também participei da clínica de La Borde em Cour-Cheverny, desde sua constituição por Jean Oury em 1953, no prolongamento da experiência Tosquelles: tentava-se definir prática e teoricamente as bases da psicoterapia institucional (quanto a mim, experimentava noções como 'transversalidade' ou 'fantasma de grupo'). No mais tinha sido formado por Lacan, desde o começo dos Seminários. Por último, tinha uma espécie de lugar ou de discurso esquizo, sempre fui apaixonado pelos esquizos. É preciso conviver com eles para compreender. O problema dos esquizos pelo menos são verdadeiros problemas, não problemas de neurótico (DELEUZE, 1992, p. 24-5)

Enfim, disparou vários movimentos. Escreveu vários livros, e em composição com outros autores, como Deleuze, Rolnik, Toni Negri, provavelmente em um ponto que lhes havia em comum na multiplicidade que os compunha, a afirmação da vida. Dentre as obras, destaca-se as que apresentam conceitos que de algum modo fazem funcionar este trabalho, dos escritos somente por Guattari - Revolução molecular: pulsações políticas do desejo e Caosmose, das escritas com Deleuze - Mil Platôs, O Anti-Édipo, O que é filosofia e Kafka - por uma literatura menor, e da escrita com Suely Rolnik – Micropolítica: cartografias do desejo. Nas palavras de Baremblitt (2010, p. 14), sobre Guattari e obra, ressoam como apontamentos ao viver:

> ...não diríamos que Guattari é um modelo, mas sim diríamos que Guattari é um exemplo de como se pode viver de forma que a vida seja a realização de um bem, de uma forma de criação e de inspiração, que a existência pós-moderna parece ter proscrito completamente de nosso cotidiano.

Juntos. O pensamento de Deleuze e Guattari implica em uma 'torção' ou 'distorção' de um modo de pensar da tradição, impresso ao mundo ocidental, que separa o pensamento do corpo. Desde os gregos, com Platão, o sensível, percebido\sentido no corpo enganaria as ideias e a razão, era a compreensão e representação do que era a realidade, praticamente equivalente ao que seria a 'verdade'. Compõem o pensamento ocidental, que se conhece porque se reconhece. Isso seria a representação, ao que Deleuze e Guattari propõem uma inversão.

Mostram na própria obra que a realidade é produção. No pensamento ocidental tradicional, "pensar é reproduzir" e para estes pensadores, é o contrário, pensar é produzir. Disso a inversão. É outro paradigma. Trata-se de uma filosofia da imanência, da vida. Não separa o sensível do pensamento. O pensamento é corpo. O corpo pensa. E o conceito de substância, essência é substituído por multiplicidade. Ao invés de essencialidade das coisas, possibilidades.

Escreveram quase 40 volumes juntos e não se sabe quem escreveu o quê em cada uma delas. Tinham a intenção de escrever juntos e que fosse anônimo, mas a indústria editorial francesa não aceitou, requeria o nome dos autores para respaldo das ideias que seriam publicadas (BAREMBLIT, 2013). A obra desses intercessores é o efeito de muitos 'filhos pelas costas', em diversos pensadores, dentre eles, Hume, Spinoza, Nietzsche, Foucault. Ao que criaram, Deleuze e Guattari, nominaram de Esquizoanálise.

Um modo de pensamento

Da produção do conhecimento e de tensionamentos na relação com a 'verdade' sobre a loucura

Tratam-se de linhas (d)de forças no processo de institucionalização e desinstitucionalização dos(as) loucos(as) e da loucura. O discurso da loucura foi sendo construído a partir do solo epistemológico da razão, na época Clássica da Idade Moderna, ao quê no contemporâneo, começa a sofrer fissuras, ao se colocar em dúvida as verdades, principalmente as universais, no que a produção do conhecimento não dissociada da vida, forçou o pensamento de várias pessoas que foram contribuindo para alteração nesse discurso sobre a loucura e o curso dessa história, fazendo furos nas estruturas, produzindo desvios, libertando os(as) ditos(as) como loucos(as) da clausura, como o próprio Foucault, Guattari, Deleuze, Basaglia, Nise da Silveira, e outros(as) que também foram e são considerados(as) 'malucos(as)' e que estão no cotidiano fazendo essa luta, que nada mais é, do quê por dignidade, e de viver em liberdade tensionando não somente com as estruturas físicas, mas com as nossas manicomialidades que não são somente em relação às pessoas que sofrem o estigma da loucura, mas das relações sociais, em como nos relacionamos entre as pessoas e com o mundo que vivemos. A que ética servimos? Ou estamos dispostos a construir?

Deste modo, traz-se alguns fragmentos da loucura no processo histórico, de como foi sendo tecida como um discurso na fábrica 'mundo ocidental' e 'brasileira', na conjuntura do cenário de saúde [mental] e na própria história de vida[32], ainda que a 'intensidade' do vivido não caiba no texto, conforme já descrito na janela 'Intensidades'.

A loucura como um discurso[33], foi uma 'invenção' da modernidade, uma invenção humana (FOUCAULT, 1978, 2008, 2000), erigido a partir de condições de possibilidades sócio, políticas, históricas, econômicas, culturais, ideológicas, epistêmicas, dentre outras (FOUCAULT, 1978).[34] Na história se fabricam as concepções, estigmas, modos de cuidado, formas de luta e resistência, enfim, os discursos e seus câmbios de sentido no que se refere à loucura na trama de um biopoder na relação com a vida, em processos de coengendramentos.

A produção do discurso é controlada tanto por mecanismos internos quanto externos ao autor do discurso (FOUCAULT, 1996). Os discursos se constituem a partir de condições e regras de formação dos saberes nas relações de poder e resistência em cada época histórica. Estes, por sua vez, fabricam sujeitos, subjetividades e modos de subjetivação que também (re)produzem discursos. Estão envolvidos na produção de saúde mental ao quê o discurso da loucura está transversalizado.

O que ocorre em determinada conjuntura e época, pode produzir um saber com legitimação, que tende a ser transversal na malha social, como verdade. No caso da loucura, considerando as condições e regras supracitadas, 'conformou-se' um discurso sobre a mesma. Contudo, importa também precisar, que nestas condições que produzem o discurso da loucura e do que (se) engendra (n)a biopolítica, há forças que o produziram, e tendem a produção de tensões e alterações no curso da história, no instituído, em movimentos moleculares e molares[35], conforme cada período da humanidade e modos de subjetivação, não menos discurso, ou efeito de, ou ainda, sua produção. Então, a loucura como discurso pode ser considerada como uma fabricação, efeito de diversas 'forças' producentes, como evidencia a história.

---

[32] Já mencionado na janela 'Intensidades'.

[33] O discurso para Foucault é entendido não somente pelas mais diversas formas de enunciação, mas também como ação. Então, sob a perspectiva deste autor teoria e prática são discursos (FOUCAULT, 2008c).

[34] Importa registrar que Foucault não tinha a pretensão de 'definir' a loucura. Estava as voltas de estudar os mecanismos da exclusão. O apartado da sociedade, tão nela mesmo, como o fez em História da Loucura, em Vigiar e Punir, entre outras.

[35] Os conceitos 'molar' e 'molecular'. O molar refere-se à realidade, ao gerido por instituições que reproduzem relações sociais dominantes. Exemplos: a igreja com o discurso conservador, reacionário. O 'molecular', seria a realidade em processo de vir a ser, se constituir e se desmanchar, é quase como um processo de subjetivação, de mudança, de territorialização e desterritorialização, lugar de produção. Exemplo: no espaço da Igreja podem surgir expressões de subjetividade que não sejam conservadoras, reacionárias ou de conformismo. Outro exemplo, de agenciamento molar, pode ser o de articular as forças moleculares em um interesse comum, como as lutas de interesses sociais (GUATTARI, 1986; GUATTARI, ROLNIK, 1986).

Na Antiguidade os loucos eram os mensageiros, divinatórios (FOUCAULT, 1978). Na idade Média, persistia o entendimento místico, mas também considerados como aqueles possuídos pelo demônio (MILLANI, VALENTE, 2008). Na Renascença[36], a loucura era considerada pelo discurso moral como uma ilusão [mística], extravasamento de alegria. Também, nesta época, a voz dos loucos divertia nas Côrtes[37] (ROTTERDAM, 2002). Da loucura entendida como folia. A caricatura que fazia uma intervenção social. A festa dos loucos, o carnaval. No meio do acelerado era possível outro 'tempo' no tempo. Uma pausa (BAKHTIN, 1987). Se entendia que por mais que se tentasse normalizar a vida, haveriam explosões de alegrias, para que assim, a 'insensatez', natureza inerente ao homem, pudesse extravasar pelo menos uma vez ao ano (BOTTON, 2011).

Até então, não havia um saber instituído sobre a loucura. Mas sim, acepções cruzadas da loucura como reveladora de verdades, 'experiência sensível da humanidade' (PROVIDELLO, YASUI, 2013), alegria extravasada nos e\ou como 'desvios' da razão. A loucura 'em si' não era necessariamente um 'problema' à sociedade (FOUCALT, 1978). Contudo, na época Clássica, passa a se constituir um problema e a ter um destino.

Na perspectiva cartesiana (DESCARTES, 1996), coloca o 'pensar' como uma condição para o 'existir'. E a loucura e o louco desaparecem. Pois a razão associada ao ato de pensamento voluntário, ao contrário do que se achava que ocorreria na loucura, seria a condição de impossibilidade do pensamento (FOUCAULT, 1978). Silenciada a voz. Contudo, 'há razões que a própria razão desconhece'[38]. O que difere, é que a razão do dito como louco não é acolhida na lógica cartesiana do pensamento.

O racionalismo que inaugura a loucura, a desqualifica e exclui o(a) 'louco(a)' e a 'loucura' da ordem da razão (VANDRESEN, 2013). A 'idealização da razão' passou a ser um parâmetro quanto a 'ser' e 'estar' no mundo. Normais. Anormais (FOUCAULT, 2010a). Reduziu o louco a irracionalidade, negando-lhe 'humanidade' e por esta via a 'existência'. Retirando-lhe a condição de sociabilidade e de cidadania. Invisibilizou o louco (FOUCAULT, 1978). Excluído do pensamento, não teria estatuto de sujeito (BIRMAN, 2010).

Então, os loucos, considerados como pessoas com 'falhas na razão', somaram em espaços asilares junto com vagabundos, prostitutas, doentes, pobres, desempregados(as), homossexuais, dentre outros(as), que eram considerados como desviantes em relação a moral. Eram os 'indigentes' (FOUCAULT, 1978; BRASIL 2003a). Especialmente no período

[36] Fim idade Média, início da Moderna, antes da época Clássica.
[37] Final da Idade Média.
[38] Frase de Pascal "Há razões que o próprio coração desconhece". Alterando: 'Há razões que a própria razão desconhece'. Objetiva dar a entender que na loucura há uma 'outra razão', que não é a cartesiana.

moderno, como aqueles(as) que não serviam a força produtiva do capital em emergência, compondo então a 'legião' dos que foram sendo institucionalizados como alienados [à ordem vigente]. O 'projeto da modernidade' estava voltado para cidadãos produtivos. Foi 'dito' quem pertencia ao mesmo e não (MARQUES, 1993).

Então, nesta época Clássica, em que surge um novo ideal de racionalidade, foi se conformando o discurso da ciência como a 'verdade'. Apresentava provas, justificações, e funcionava também como a representante para viabilização dos ideais da modernidade, como por exemplo 'a promessa de felicidade' (FENSTERSEIFER, 2001), a que também caberia o nome de 'segurança' no solo movediço da humanidade.

A loucura considerada como ausência de pensamento, passa a 'existir' a partir de um dito com 'poder' de 'verdade' sobre a mesma, que a esconde. Dada às conjunturas do período, 'fabrica-se' então, esse saber com força de 'verdade' sobre a loucura – o da psiquiatria, no seio da racionalidade científica. E o louco transforma-se em uma contradição, não só como um 'ser' considerado de 'desrazão', mas como ameaça à razão.

Deste modo, o louco passa de um domínio que era da sociedade para o da ciência, idealizada como 'verdade'. Neste domínio científico, se estabelece o saber psiquiátrico que designa a loucura como doença. Pela nosologia diz a 'verdade' sobre o doente, classifica, justifica e ainda prescreve como 'cuidar'. Retirou do indivíduo a sua condição existencial. Como assinala Foucault (1978), a palavra que mais temia não era a de 'louco' e sim de 'doença mental'. O indivíduo passou a ter uma identidade, a de doente mental (COLUCCI, 2014), conforme ilustra a figura 6. Uma função [no] social. E também, um saber para os governar, já que ditos como insanos foram considerados incapazes de aceder a 'verdade'\razão.

Aos desviantes à institucionalização. E assim, foi sendo postulado como 'tratar' da loucura, dos loucos, justificando o asilamento, no esteio do que já se produzia como forma de segregação (FOUCAULT, 1987). E construíram-se instituições, conventos, asilos, e, posteriormente um lugar específico para os loucos - os manicômios[39]. Asilaram muitas pessoas. Ditos e ditas como loucos e loucas (FOUCAULT, 1978).

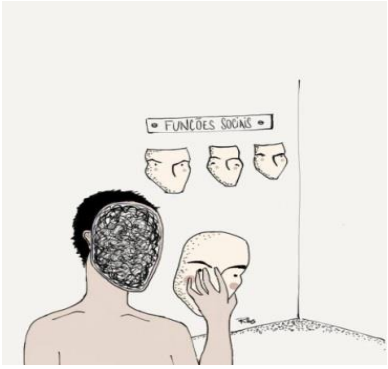


Figura 6 – Identidade[40]

[39] Manicômio é uma palavra que deriva do grego: *'mania'* como sinônimo de loucura e *'Komion'* como lugar. Logo, lugar dos loucos. Loucura relacionada à energia farta, seria o estado de agitação, fúria, mania e a baixa, o de depressão. Disponível em: <http://etimologias.dechile.net/?manicomio>. Acesso em 03 de fev. 2015.

Eram os indivíduos que desviavam da norma, dos padrões da sociedade. Recebiam esse estatuto e com o tempo, mesmo os que ainda não reunissem características para essa 'identidade', havia uma tendência a apresentar elementos do que se definia como loucura. Doença, doentes. Devia-se ao que e como a instituição, com seus artefatos de segregação, controle, dominação, opressão e subjugação, fabricavam [n]o 'corpo louco'.

Essa época foi denominada de alienismo, dado que o tratamento era moral e alienava literalmente as pessoas, dado as técnicas que utilizava. Dentre elas: silêncio, que suprimia as falas e possibilidades de afetos; julgamento, o qual fazia com que se sentissem culpados pela própria condição; ridicularização da loucura; e pela autoridade do médico, como o regulador das técnicas de tratamento, já que era o detentor e produtor de um saber sobre a loucura (PELBART, 1989).

Dentre os vetores das forças, agregava-se neste discurso da ciência sobre a loucura, o de periculosidade, criminalidade e que poderia ser 'contagiosa', como forma de manter as relações de dominação (FOUCAULT, 1978; JARDIM, DIMENSTEIN, 2007; COROCINE, 2003). Eram um modo da sociedade lidar com o que entendia que poderia lhe ameaçar, do mesmo modo como o foi no caso da lepra (FOUCAULT, 1978). Lidava pela segregação. Se baseava no modelo das prisões (FOUCAULT, 1987). Não por menos, que inspirou os manicômios na Idade Clássica.

A voz do louco que foi silenciada passa a ser ouvida, mas, desqualificada quando aqueles que 'investigavam sintomas' estudavam 'suas manifestações' para justificar a designação da loucura como doença. Como assinala Foucault, "uma verdade detida de uma vez por todas por esse poder sob o nome de ciência médica, de psiquiatria" (FOUCAULT, 2006, p. 164). Nesta 'ciência', o corpo estava ausente. O problema da psiquiatria sempre esteve relacionado a se ouvir vozes, falar determinadas coisas e\ou comportar-se de determinado modo, caracterizaria ou não a loucura (FOUCAULT, 2006).

Ao mesmo tempo engendrava-se a sociedade de normalização [e de alienação], conforme ajuda ao entendimento a Figura 7. Sob os escritos de foucaultianos, nada mais é do que uma forma de assegurar sua própria existência. Funciona pelo

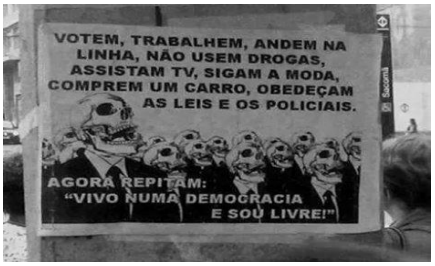


Figura 7 – Efeitos do biopoder[41]

[40] Figura 6 – Identidade. Disponível em: <http://blogmarginalcomics.blogspot.com.br/2014/11/beco-de-exposicao-trampo-da-semana-e-do.html> . Acesso em 26 ago 2015.
[41] Figura 7 – Efeitos do biopoder. Disponível em: <http://sociedadeolhodehorus.blogspot.com.br/2014_10_01_archive.html> . Acesso em 26 ago. 2015.

controle e disciplinamento das pessoas e suas condutas.

Opera na tentativa de manutenção da ‘ordem’ por meio de algumas instituições que são cabais a sua segurança e funcionamento, como a família, a religião, a escola, as prisões, quartéis, o Estado. Essa sociedade é disciplinar e de controle. Possui normas, padrões, regras e tende a adequar o indivíduo a mesma (FOUCAULT, 2005; 2008). Contudo, no seu funcionamento, pode desalojar vidas.

A modernidade se ocupou em definir a loucura, contudo, problematiza Franco Basaglia (1979), esse saber da ciência que ‘justifica’ a ‘alienação’ de muitas pessoas, evidencia que a sociedade em que vivemos é que se parece com um manicômio, no qual, de algum modo, todos estamos ‘internados’ (BASAGLIA, 1979), principalmente quando naturalizamos o que oprime a vida (Figura 7).

Foucault, na obra ‘O nascimento da clínica’, não exatamente nestas palavras, se ocupou de compreender como o saber médico se consolidou na modernidade, ou seja, pela racionalidade anatomoclínica, que se ocupava da doença ou do corpo do ser que adoece e nunca com o sujeito da doença, e a psiquiatria se ocupou com a ‘doença da mente’ (FOUCAULT, 1977). Basaglia (1979), em seus escritos no livro ‘Psiquiatria Alternativa’ menciona que as pessoas que foram ditas como doentes mentais e reduzi-las a esta condição, antes disso, são humanas e como tais deveriam ser consideradas. Estes autores, bem como outros, trazem o sujeito e a subjetividade para a cena da [própria] vida, descolam e deslocam a redução do humano\indivíduo\sujeito à doença. Há uma inversão no estatuto da ‘existência’. De doente a humano.

Na época contemporânea ou pós-contemporânea, sem adentrar em autores que se ocupam em discutir uma denominação para o ‘agora’, pode ser considerada como efeito das novas configurações dos mecanismos do poder, das modulações do capitalismo e da subjetividade. Estas, por sua vez, se relacionam com a globalização e mundialização do capital Negri (2006).

A sociedade na função de controlar, além de punições e proibições, se ocupa de corrigir e normalizar. O poder exercido por meio das técnicas de disciplina, de discursos oriundos das mesmas, ‘de procedimentos de normalização’, colonizam cada vez mais os da lei. Nas palavras do próprio autor “...isso, acho eu, que pode explicar o funcionamento global daquilo que eu chamaria uma ‘sociedade de normalização” (FOUCAULT, 2005). São esses procedimentos, por assim dizer, que compreendem a governamentalidade, com implicações na vida, no que se concebe como discurso sobre a loucura e na relação com o louco.

Os modelos de governamentalidade na atualidade estão na justificação do Estado neoliberal, como facilitadores a normalização da vida pela condução e direção dos indivíduos. O poder estatal, e no que reside sua força, se fundamenta em um poder que individualiza (neoliberal, capitalista), a exemplo da Figura 8, e totaliza (pastoral; massifica), (FOUCAULT, 1995), conforme ilustra a Figura 9. Contudo, concorda-se com Foucault no que refere sobre o Estado. Com isso não se está dizendo que o mesmo não seja necessário, mas que nada muda na sociedade se os mecanismos de poder que funcionam fora, em âmbito cotidiano não forem modificados.



Figura 8 - Individualismo[42]



Figura 9 – Massificação[43]

Opera com variações do poder, do disciplinar, como forma de controle dos corpos, incluso o considerado como loucos ou fabricados como tal, e do biopoder[44], ou seja, do poder sobre a vida. Esta passa a ser um problema político e a sua governança depende do acionamento do saber da medicina (FOUCAULT, 2008a).

Ainda, para Deleuze, ao encontro de Foucault, nessa passagem da sociedade disciplinar para a de controle, que inclui a disciplina, se dá a 'nu'. Ou seja, haveria uma 'modulação' universal (DELEUZE, 1990). E a globalização seria uma dessas estratégias, de expansão do capital com a promessa de emancipação da humanidade, enquanto mascara o aumento da violência e miséria e fabrica, ao mesmo tempo em que governa, sofrimentos que podem coincidir com formas de manifestação da subjetividade, de experimentação do 'puro vivido'. Elimina as fronteiras e produz outras relações de espaço e tempo.

Afeta, deste modo, a produção de subjetividade pela precarização da experiência subjetiva, pois a maioria da população é massificada e um vigia ao outro. O panóptico

[42] Figura 8 – Individualismo. Disponível em: <http://fotos.sapo.pt/olharparaomundo/fotos/?uid=MpSWyWb8sevRevP09lju> . Acesso em 26 ago 2015.
[43] Figura 9 – Massificação. Disponível em: <http://www.x-tudo.net/2012/06/um-sistema-de-educacao-programado-para.html> . Acesso em 26 ago. 2015.
[44] Consiste em um poder mais elaborado que o disciplinar, que toma para si o controle, gerenciamento e governo' da vida humana.

introjetado na subjetividade. O olho humano é a lente do mesmo. E a existência é, também, imagem e virtual (CHAZANM 2003), no aperfeiçoamento das formas de controle, homogenização e modelização. Esses aspectos vão compondo uma força hegemômica. Contudo, ao mesmo tempo se produzem outras forças, que tensionam com essa. As moleculares com potencial revolucionário, do que a história é a prova viva, se assim 'quiser a ciência'[45]. A ambas se pode nominar de resistência, uma que insiste em conservar e outra em alterar essa dinâmica, no processo de produção de subjetividade e do 'campo social', que não se indissociam (GUATTARI, 1986).

Por resistência, consideram-se as contribuições de Foucault, Deleuze, Guattari, e Negri. Para Foucault (1988), ao se resistir, há ação sobre si na relação consigo e com o outro, uma vez que os dispositivos de poder não são considerados somente os exteriores, mas como força constituinte (FOUCAULT, 1999a). A resistência se dá a partir do momento em que se interroga sobre as condições de existência de determinada ordem discursiva (CASTRO, 2009). Nesta esteira, a resistência não consistiria necessariamente em denúncia ou reinvindicação de direitos. As relações de poder abrem possibilidades de resistência, sem a qual também não haveria poder (FOUCAULT, 2009b).

Negri (2006) menciona que a resistência pode ser a consistência (dominação\conservação) ou o que da vida não se deixa dominar. Para Deleuze (1995), a resistência é a liberação da vida que há no humano, é a realização da potência, a alegria, o que pode ocorrer por diversas formas, uma delas, pela arte, outras pelas lutas sociais, entre tantas outras.

Deleuze e Guattari (2006) referem que a resistência pode ser encontrada como devir[46], desejo, força molecular, linha de fuga, ou seja o quê e no quê seja possível desviar, deslocar, produzir outros caminhos, criar, 'fugir' dos endurecimentos que estão nos sistemas sociais, que não são menos forma de resistência. Resistência como fluxo desterritorializante. Que abala, interfere nas 'durezas', como por exemplo, nos manicômios, modos manicomiais, estigmas, enfim, o que impede o 'desenvolvimento' humano. Interessa, então, as que tencionam o que conserva.

Por exemplo, a institucionalização e a relação com os loucos e a loucura sofreram abalos quando se compreendeu que a loucura não se reduz a doença ou a sintomas, que a questão da periculosidade era uma construção no entorno da mesma para justificar o

[45] No sentido que só tem valor de 'ciência' o que é cientificamente comprovado.
[46] Devir na conceituação de Deleuze pode ser entendido como um vir a ser, se tornar alguma coisa, por isso escrever pode ser considerado um devir, pois há um processo de subjetivação (DELEUZE, 1995a).

internamento, que a segregação era uma forma violenta de exclusão, que isso era uma violação dos direitos humanos, entre outros.

Nestes dizeres, dentre as insistências, há outras concepções sobre a loucura, vinculadas a uma potência criadora. O modo psicossocial, como um paradigma em insurgência considera a loucura e o sofrimento psíquico, como integrativos da existência, inalienáveis do sujeito (COSTA-ROSA, 2000), com variação de intensidades. Corrobora ao já dito por Rotterdam (2002), que não há quem não faça loucuras. E também, ao explicado por Foucault (1978), que a loucura é da natureza humana e é o que faz suportar muitas das insuportabilidades da existência.

Houve e há tensões com a insistência do hegemônico, da verdade sobre a loucura e seus destinos. Houve outras insistências. De resistências e reexistências! Vias estas que produziram e produzem mudanças. Por exemplo, as que dão início ao processo de Reforma Psiquiátrica na Itália. E essas ideias reformistas penetraram no Brasil, ganharam força de luta. Da década de 70 em diante, dado as rachaduras que estavam acontecendo no solo racional da ciência, no solo manicomial, se começa a dar visibilidade, por trabalhadores da saúde mental e outros(as) atores(as), via denúncias e acusações ao governo militar, das condições internas insalubres dos manicômios, dos modos de cuidado que incluíam torturas, da precarização das condições de trabalho, entre outras. Deflagrava-se a Luta Antimanicomial.

Um movimento molecular que ganha dimensão molar. Revolucionário. A mesma contava com militantes diversos, como trabalhadores(as), familiares, usuários(as), estudantes, educadores(as), etc. reunidos no movimento para a Reformas no Brasil - Psiquiátrica e Sanitária. Que em alguns momentos eram os(as) mesmos(as) atores(as), noutros não, mas eram as pessoas engajadas em mudanças sociais, dentre estas a garantia da saúde [mental] como um direito. Muitos destes atores estavam de algum modo, imbuídos também em espaços e movimentos, na década de 70, em que se estabeleciam discussões e a produção de um pensamento crítico na área da saúde, como o CEBES e a REME (LÜCHMANN, RODRIGUES, 2007).

Fazendo um parêntesis, atualmente, precisamos de seguir nessas Reformas e de outras tantas, como a política, social que considere o processo democrático e não as regras do modo neoliberal. A não ocorrência dessas reformas que tenham como fim a dignidade, tem interferido nas tentativas de desmontar e/ou estagnar esses processos. Entretanto, há força instituinte, de rexistências, pulsando como força molecular nessa sociedade capitalista, que o império não é a vida em todas as suas dimensões.

Ocorria a produção de outros ditos e entendimentos sobre a concepção de loucura, modos de cuidado e da 'função' na sociedade. A força de luta pelo fechamento dos manicômios, Reforma Psiquiátrica e constituição de uma rede substitutiva nos motes psicossociais era um movimento de muitos 'Loucos(as) pela Vida' (AMARANTE, 1995). Pode ser considerado como movimento molecular e molar, pois ambos se articulavam em um interesse público, de saúde e social.

Concomitantemente e transversalizado ao movimento da Reforma Psiquiátrica, acontecia o da Reforma Sanitária. Em 1988 promulga-se na Constituição Federal que saúde é direito de todos e dever do Estado e em 1990 começa-se a implantação do Sistema Único de Saúde - SUS, que também, como política pública de Estado, acaba por ser um fator importante para a viabilização da Reforma Psiquiátrica.

Então, a partir de várias experiências em vários estados do Brasil, como no Rio Grande do Sul em 1992 que deflagra o processo de desinstitucionalização no estado, em Bauru\SP, e noutros, com experiências psicossociais, em 2001 tem-se, finalmente, a Lei da Reforma Psiquiátrica (BRASIL, 2001) que previu o fechamento gradativo dos manicômios e a criação de serviços substitutivos como pontos na rede de atenção a saúde.

Consistiu na implantação de Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) pelo país, criação do programa de Volta pra Casa e de outros dispositivos para deflagrar e sustentar o processo de desinstitucionalização, pelo fechamento de manicômios e garantia de cuidado em liberdade, sem segregações, no território da vida, mais próximo à rede vincular, social, com vistas a estabelecer outras relações por via destas inclusões. Isso exigiu e segue exigindo também 'reformas' não só na estrutura, mas nos manicômios mentais e modos de produção de saúde [mental].

O modo psicossocial perturbou a 'ordem' dos modos que se relacionava com a loucura, ainda que muito do manicomial se reproduza. É um dito[47] nesta tensão. Contribui aos processos reformistas, não deslocado das forças moleculares e molares, em meio a condições de possibilidades para tal. O modo psicossocial defende e tenta manter sob o domínio das pessoas em sofrimento psíquico, na sua\nossa loucura, o governo da própria existência, ainda que por vezes necessitamos de mediações, mas temporárias, se não formos normalizados, capturados, massificados. Afinal, quem em algum momento da vida não precisou, precisa ou poderá precisar?

[47] Dito, entendido como o que se diz e se faz. Ação em ambos. Ao dizer, que pode ser em diferentes formas de linguagem e no fazer, há ação, sobre si e sobre os outros, nas relações consigo e outros.

Essa discursividade está em ‘disputa’ no campo que formam discursos, que como assinala Rouanet, são múltiplos (ROUANET, 1996). Esses outros ditos e fatos tencionam com o saber instituído\da psiquiatria, da psicologia e de outras ‘ias’, ditas especialidades no campo da saúde sobre a loucura na sociedade. Esta, que a tudo tenta normalizar. Normalização como forma de segurança e garantia da sua continuação. Uma microfísica do poder (FOUCAULT, 1997)[48] com outras faces e com outros mecanismos.

Então, o modo psicossocial, visa à produção de autonomia, empoderamento das pessoas, aposta na potência singular, facilitação a reinvenção de si, de realização do ser humano, no campo subjetivo e social, de projetos de vida, de felicidade, singular a cada um(a). O que se veste de ‘psicossocial’ e não caminha nesta direção há que se colocar em análise, há que se indagar! Da saúde ‘mental’, então, compreendida no conceito ampliado de saúde, como produção permanente da vida no cotidiano das relações, nos territórios vividos. E se avançou muito nesta perspectiva, há muita vida pulsando, dado a estas novas investidas e perspectivas no campo da saúde, bem como e principalmente, pela luta social que não cessa de tensionar com as formas de anti-produção da vida.

Essas vias – de insistência, resistência, rexistência, constituem o processo de inversão de paradigmas, a tensão com ‘epistemes’ no que se refere saúde, a doença e a loucura, ainda em curso. Essas inversões, a luta, a organização de serviços de saúde, o modo psicossocial, outros conceitos contribuíram na fabricação de outros ditos e de outras concepções e até de mudanças na cultura, de algum modo em transformação, sobre a loucura, que passam a sustentar o cuidado em liberdade[49], a loucura como expressão humana, de vida na teia do social.

Os ditos servem e são fabricados por cada época. Não menos efeitos de poder e produção a partir de determinado conjunto de forças. Contudo, efeito do processo de resistência, há significativas interferências no que se produziu como verdade sobre a loucura e seus destinos. Em tangenciamento e tensionamento permanente, pois a Reforma não está fora dos fluxos relacionais em que se fabricam os sujeitos, em que ocorrem os modos de subjetivação e da trama do poder sobre a vida.

---

[48] Microfísica do poder é o nome dado a obra de Michel Foucault na qual explicita como opera o poder. Microfisica diz de como o poder ‘funciona’ e do qual não se está imune. O qual está na produção de sujeitos, subjetividades, modos de subjetivação. Então, o poder a partir do referencial foucaultiano, não se detém e nem se localiza em pessoas, instituições, locais específicos, ainda que esteja nestas produções. É como uma rede que se transversaliza a toda a estrutura social e que funciona por meio de vários mecanismos. É algo que se exerce. Em si não existe. Existe relações de poder. Na relação consigo e com os outros ‘mundo’ (FOUCAULT, 1997).

[49] Liberdade no sentido de não estar recluso a grades, instituições totais, etc, e de pensamento.

Entretanto, a perspectiva manicomial na microfísica dos poderes e saberes se reengendra, pela existência de manicômios ainda não fechados, os forenses, na constituição de outros, em rede privada, com outros nomes, como instituições que se dizem 'Casas de Idosos', Comunidades Terapêuticas[50], etc. Também, este modo manicomial se atualiza nas relações, seja em serviços de saúde, tanto como na sociedade. E que se relaciona a concepção e relação que se estabelece com a loucura.

Então, ao mesmo tempo em que a Luta Antimanicomial contribuiu para deflagrar a Reforma Psiquiátrica Antimanicomial, implantação de uma rede e atenção em saúde mental, interferir nos estigmas na relação com a loucura, dentre outros avanços, pode-se dizer em acordo com Amarante (2013, 00:04h) que o "tratamento em saúde mental mudou, e não mudou", dado ao que se perpetua desta lógica manicomial, seja nas relações, nas instituições, nos modos de fazer, na formação em saúde, etc.

A 'lógica' manicomial é engendrada pelo discurso hegemônico da loucura, pelo saber da psiquiatra[51]. E que são as mesmas lógicas noutras estratégias de poder. Ou seja, não se limitam somente ao encarceramento físico. Ocorrem de outros modos. E não só pelos sujeitos imbuídos deste discurso. Por exemplo, como assinala Caponi (2009), pela descentralização das tradicionais tecnologias de poder, como a estratégia do interrogatório no 'acolhimento', do uso 'massivo' de psicofármacos.

Ainda, segundo a mesma autora, pela psiquiatria que se perpetua na ausência de corpo, e porquanto naturaliza-se os efeitos colaterais de algumas ou a maioria de psicofármacos: como impotência, sono, fadiga, insensibilidade, etc. Então, a perspectiva manicomial se 'atualiza' também pelos modos de contenção que tendem a não ser mecânicos, mas químicos, entre outros que são reproduzidos inclusive sob o 'discurso do cuidado em liberdade'. Liberdade de quê? De ser aprisionado de outro modo?!

A exacerbação de controle e disciplinamento pela medicamentalização ocupa-se da saúde mental e resvala no corpo orgânico. Subjuga-se por vezes, ou muitas vezes, a potência e vibração da vida. Essa lógica que se reproduz nos sistemas de saúde também é efeito do operada por instituições de ensino, que 'fabricam' os sujeitos que vão operá-la. Há ainda uma

[50] D algum modo, lembram as 'antigas' Colônias de 'tratamento'.

[51] O saber da psiquiatria produz certa ordem discursiva. Não é operado somente por psiquiatras, ou outros profissionais no campo da saúde, mas circula entre e por entre outros(as) atores(as) sociais. Aqui o objetivo não é exaltar esse saber, ao contrário, mas mostrar que há uma 'impregnação', ainda que esteja sendo perturbada na sua forma e em como se (re)produz nas relações de saber, poder, resistência, que serve ao biopoder, ao neoliberalismo, as sociedades capitalistas. Também, não é objetivo localizar em trabalhadores de saúde sua reprodução, ainda que reproduzam, dado que há muitos(as) engajados(as) na atenção psicossocial e produção de outras relações com a loucura.

hegemonia centrada na vida biológica, inclusive de modelo de saúde, o que é [e]feito da ação de governamentalidade, penetrada no tramado social, pela microfísica do poder.

Outros mecanismos do poder: quando há distanciamentos entre profissionais e usuários(as), como se os primeiros estivessem imunes ao sofrimento psíquico e não fossem tão usuários(as) quanto; como se o quê os(as) usuários(as) teriam a dizer não tivesse valor, afinal ainda tendem a ser considerados como pessoas com 'falhas na razão'; com o uso de terapias medicamentosas conferindo pouco grau de autonomia; a vigilância e controle dos corpos e subjetividades feita por essas 'regulações bioquímicas'; e da vigilância diluída nas relações, em que cada um controla o outro, dentre outros aspectos (RAUTER, PEIXOTO, 2009) e se entra em uma circularidade que acaba se naturalizando.

Também, os modos manicomiais se reproduzem sob o discurso da inclusão, dado que na atualidade, a inclusão pode ser um modo de normalizar, que é uma forma de garantir a continuidade desse sistema\projeto do qual a 'diferença' não faria parte (DE LUCA, 2003). Questão cabal à saúde mental. Então, a inclusão é para normalizar ou ter direito a singularidade?!

E isto não é um mérito somente da saúde mental. É o que figura na rede social, ou seja, também aos ditos 'não loucos', quiçá tão 'loucos' quanto. Mostra como o biopoder está engendrado ao viver. Em o 'Nascimento da Biopolítica', Foucault (2008) apresenta a trama que governa a vida por processos de normalização das condutas, de naturalização do que se pensar, de como agir, do que desejar, sob a ilusão de um exercício de liberdade. E isso penetra e atravessa a todo o corpo social, as instituições, as pessoas. Interfere no que se pensa e como se age em relação à loucura e não só.

Pode produzir sofrimento psíquico, principalmente quando o indivíduo não consegue alcançar ou responder aos padrões sociais de 'pertencimento', dentre outras formas. Uma sociedade que produz, por vezes, um sofrimento que depois 'chama' de doença e ainda oferece o 'remédio', que em algum casos, produz mais 'doença', e que a 'Casa atual dos loucos' (SILVA, 2015), se assim considerada é porque reproduz modo manicomial no processo de cuidado.

Na esteira dessa garantia de defesa da vida biológica, por vezes, atropela-se a subjetividade que é neste 'corpo biológico', objeto das ciências, da sociedade. Então, a transformação da loucura em doença, a medicamentalização da vida, produzem aparatos que fabricam sofrimento e até dependência dos serviços de saúde, ainda que haja mudanças de concepções, que se viabilizaram importantes avanços no campo da saúde [mental]. O poder produz. Produz vida e 'morte' nesta trama mesmo.

Ainda, há o preconceito em relação à loucura e aos loucos. Construído. Fabricado no humano. Da loucura associada à doença, sofrimento, pobreza, insanidade, agressividade, periculosidade, incapacidade, improdutividade, na contra afirmação do que se produz como beleza humana, que é a possibilidade de reinvenção permanente de si, da criação, da alegria, na redução disso na fabricação de um corpo subjetividade louca.

O estigma, ao encontro do sinalizado por Blondeau (2009), tem relação com a diferença, o diferente, e há valores sociais da sociedade contemporânea de eficiência, produtividade e rentabilidade relacionadas a isso, que tendem a levar a formas de 'asilamentos' sem necessariamente grades visíveis', quando a pessoa não atende, não se 'encaixa' nessa padronização que tenta modelar a vida. Então, os 'manicômios' são maiores do que pensamos, do que se configura como estrutura no nosso imaginário social.

E a questão não é ser ou não ser louco, porque cada um(a) vive a loucura do seu jeito. E sim, a loucura ser considerada como doença, como limitadora, fator de impotência, alvo de estigmas, produção de sofrimento, segregação, aprisionamentos que não são somente físicos, mas psíquicos, enfim, porque a loucura não pode ser sinônimo de liberdade, das cores da alegria, de outras formas de viver, talvez mais afetivas, solidárias, inclusa as suas vivências não como doença, mas como expressão de intensidades da existência?

E ainda, esta contextualização de forças que perpetuam a loucura reduzida a doença e que reproduz modos manicomiais está imersa nos interesses do capital e neoliberalismo, na feitura de um Estado mínimo, ainda que não se adentrará nesta questão. Mas, nestas teias, há a trama do biopoder que envolve a loucura. Há uma sociedade conservadora que tenta inviabilizar as experiências da loucura, que ainda aceita asilamentos e modos manicomiais, em que se alinham muitas formas de preconceito e estigmas em relação à mesma e ao dito como louco. O manicômio na mesma e noutras roupagens.

Também, modos de cuidado e formação em saúde [mental] que reproduzem a lógica hegemônica, a patologização, medicalização e medicamentalização da vida, a desqualificação do saber do louco e da loucura. Há fabricação e governo da loucura na microfísica em que se (re)produz o poder. Então, quais são os manicômios atuais? Quais são as formas de normalização e modelização? Como se resiste [nest]à trama do biopoder que envolve a loucura? Rexistir é um desafio possível na sociedade de normalização?

Há resistências e rexistências por vários lugares, que tencionam dentro da maquinaria de Estado e na sociedade e que reinventam e se reinventam nesse processo. São outras 'notas musicais' nestas partituras em composição na produção de saúde mental, entendidas como produção de subjetividades e de sujeitos, na produção de estéticas de r**existência**, políticas de

subjetividades, vivências nestas políticas da governamentalidade. Sub**vertendo** nos exageros do controle e inventando. Na loucura de viver com [a] 'loucura'. É a máquina que tensiona para que se mude o que oprime a vida. Mas, o que as faz pulsar neste sentido, se está em uma estrutura social hegemônica producente de modos de viver, ser, pensar?

Ao considerar o processo histórico, a produção do discurso da loucura e seus destinos, o processo de institucionalização, os movimentos que deflagraram o processo de desinstitucionalização, outras concepções e relações com a loucura, entendidos como forças de resistência com potência de transformação, a tensão entre modelos de saúde e sociedade, a problemática atual no que se refere à loucura, enfim, o exposto, esta investigação teve como questão de estudo – quais as loucuras por paisagens do Sul? Seriam forças de rexistência nas tramas da subjetividade e do biopoder no contemporâneo? Seriam estéticas de reexistências nestas tramas, fabricadas com armas de guerra, como os afetos, a alegria, a não indiferença ao que acontece e mexe com nossas águas? E que se preocupou em responder a essa questão em uma andança [pre]ocupada com a 'estrada' ao invés de com o seu destino (CHAVES, 2015), dado que as respostas tendiam a estar e estavam na produção da mesma.

Então, este estudo teve como objetivo mostrar formas de r**existências**, nas forças que se movem e como se movem no seu engendramento, nas tramas da subjetividade e do biopoder no contemporâneo na relação com a loucura, a partir do desenhado em práticas socais cotidianas de sujeitos e[m] coletivos, produzidas e testemunhadas enquanto se andou e se anda por e desde as paisagens do Sul, ou seja, na andança por e implicação com diversas 'maquinarias' (in)sossegadas com as formas de produção da vida, enleadas no contexto sócio, político, cultural, econômico. São estéticas de (r)existência e(m) espaços de 'agenciamentos coletivos'. O que se faz a partir de narrativas imagéticas, textuais e audiovisuais. Loucura não?! Loucura sim!

O registrado aqui foi e é o que move, e que brota como implicação 'filha' das 'pulsações políticas do desejo', que não estão descoladas do campo social, de não se conseguir ficar indiferente ao que nos afeta, e que mexe com as nossas águas.

Que é a implicação?

Que é a implicação, se não formações do desejo no campo social? É uma resposta ao que mexe com as águas de si, com o que move, mobiliza, aciona, afeta, a aquilo que não se consegue ficar indiferente. É uma experimentação. No caso, uma experimentação de produção

de liberdades. Uma loucura. De desconstruir-se e a desconstruir o que alicia a vida. É um modo de não estancar os fluxos do desejo. É um dos conceitos com o que se ocupa (n)este estudo. É uma das ferramentas neste trabalho de pesquisa. Também, da implicação como o que se relaciona com o imprevisto dos encontros.

Dado a isso, importa situar em que contexto a 'implicação' foi teorizada como conceito, de que implicação se está falando, como veio morar neste texto e como foi vivida por nós, andarilhas e andarilhos, por ora, na co-fabricação de 'maquinarias'[52], como a Associação de Usuários dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas - Aussmpe, os grupos vocais Esperança, Los Lokos, o Coletivo Povaréu Sul, as Tendas do Afeto Popular, zonas autônomas de transformação, entre outras.

A 'implicação' é um conceito criado no campo da Análise Institucional (LOURAU, 1993, p. 9) ou que também pode ser denominada de Socioanálise, a qual tem como seus expoentes René Lourau e Georges Lapassade (ROMAGNOLI, 2014, p. 47). Trata-se de uma das correntes do movimento institucionalista, assim como a esquizoanálise, enunciada posteriormente, e outras. A Análise Institucional iniciou na década de 1940 com Tosquelles, em Saint Alban.

Sofreu várias influências, dentre estas da Psicoterapia Institucional, um movimento ocorrido depois da Segunda Guerra Mundial na França que propôs rupturas na forma convencional de produção do conhecimento, e sobretudo no modo de relação com as pessoas em situação de algumas formas de manifestação das nossas loucuras, ou seja, que fosse repensada a 'instituição' psiquiatria (ROMAGNOLI, 2014, p. 47). Outras influências foram da Pedagogia Libertária e a Psicossociologia (ROSSI, PASSOS, 2014).

Na década subsequente, seguiu na região de Paris, com Jean Oury e Félix Guattari, na clínica La Borde, os quais afirmavam que era a instituição, com suas hierarquias e relações, que produzia a 'doença mental' (ROMAGNOLI, 2014, p. 47), com o que se concorda sem pestanejar.

Conforme informou Romagnoli (2014), para fins de registros, Guattari integrou a segunda geração da Psicoterapia Institucional, foi quem cunhou o termo 'Análise Institucional', desenvolvido por René Lourau, e foi o fundador de La Borde, psicanalista e militante político, e que junto com Deleuze escrevem uma obra, efeito deste encontro, na qual não se sabe quem escreveu o quê, tamanha a intercessão entre ambos, conhecida como

[52] Maquinaria, palavra utilizada não só como conceito, força de alteração e produção de realidades, mas porque facilita a ideia de movimentos, de fixos, fluxos, tramas, fios, linhas, aberturas, conexões, noutras palavras, a ideia de rizoma.

Filosofia da Diferença, Esquizoanálise, Nomadopráxis, entre outras, com e sob influências da Análise Institucional e de autoras e autores de diversos campos.

A Análise Institucional, a Esquizoanálise, e outras situadas no movimento institucionalista, questionam e tensionam com a objetividade da ciência, com sua pretensão de neutralidade e produção de verdades baseadas em uma postura racional e apolítica, que desconsidera outras formas e 'racionalidades' de conhecimento, tão conhecimento quanto, porém sem essa legitimação/validação como ciência, e propõem uma ruptura com esse modelo científico, defendendo o seu contrário pela pesquisa-intervenção (LOURAU, 1993, p. 9; AGUIAR, ROCHA, 2007; ROMAGNOLI, 2014, p. 47; GUIZARD, LOPES, CUNHA, 2015). Pode-se dizer que se trata de um novo paradigma científico, que é ético, estético e político, em tensão com o paradigma hegemônico sobre o que seja conhecimento válido.

Para fins de situar, a Análise Institucional ocupa-se com a pesquisa-intervenção, via análise de implicação como forma de colocar em evidência os jogos de poder e interesses que se transversalizam no campo de pesquisa, trabalhando com 'analisadores', a fim de que emerja movimento instituinte. A Esquizoanálise também produz pesquisa intervenção, mas trata-se de uma 'intervenção' do que é inevitável dos encontros, que tende a produzir reverberações imensuráveis. E, que só é viável via implicação com processos em curso.

São produções de realidades, de interferências em si, com as pessoas com que se relaciona e com o quê não se consegue e nem importa dimensionar as microporosidades de extensão das reverberações, via modos de subjetivação, pois tudo sofre perturbações, nada fica exatamente como está. Trata-se de uma 'intervenção' do que é inevitável dos encontros, que tende a produzir repercussões imensuráveis. E, que só é viável via implicação com processos em curso.

René Lourau (1993) foi quem propôs o conceito de implicação na Análise Institucional, ao defender uma perspectiva, com a qual se corrobora, de que não há neutralidade na ciência, ao nos dizer que este conceito vai na contramão do que comumente se propõe como pesquisa, que prima pela 'neutralidade', como se esta fosse possível. Também diz que na 'teoria da implicação' "tem qualquer coisa que flerta com a loucura" (LOURAU, 1993, p. 19), pois tende incitar o surgimento de movimento instituinte, ao que muitas vezes há tentativas de estancar para manter as coisas como estão, os mesmos enunciados, as mesmas práticas, sem deslocamentos, desvios, emergência dos devires.

Lourau (1993) escreve palavras com muita força, deixa nelas que a implicação é a prática ética no que se faz em pesquisas, que não está à revelia da vontade de quem pesquisa,

e sim na forma como nos relacionamos entre e com as pessoas, em como (nos) produzimos as instituições, do quê está envolvido neste processo.

A palavra implicação remete para alguns de seus sinônimos, como ‘envolvimento’, ‘engajamento’, ‘comprometimento’, ‘discordância de algo’, entre outros. Monceau (2008) afirma a implicação não é somente engajamento ou investimento, pois segundo o mesmo “a instituição fala pelo ventre, falando na nossa boca” (MONCEAU, 2008, p. 21), ou seja, querendo ou não estamos de alguma forma implicados nas instituições que habitamos/produzimos. Entretanto, o engajamento integra o processo implicacional de todas e todos no plano concreto da experiência, dado que sem o mesmo, o trabalho de pesquisa estaria inviabilizado (PASSOS, BARROS, 2010, p. 19; ALVAREZ, PASSOS, 2010, p. 131).

A questão, é que implicação sem engajamento, pouco se move, o movimento é outro. Tende-se a se seguir o curso das águas, das ‘grandes verdades’, reproduzindo e não tensionando o que fere a produção da vida. Pelos territórios da andança a ‘andarilha’ se engajou, pois sentia potência de produzir outros enunciados, tensionar com essas verdades que se pretendem hegemônicas e como forma de rexistir na relação com a (sua) loucura, conectando ‘multidões’, as suas com outras. De vez em quando, algumas pessoas na e da caminhada, lhe avisa(va)m que ela precisava ‘voltar um pouco pra casa’. Cuida(va)m da ‘andarilha’. Muito intenso, tanto que alguns pingos escapam da velocidade de suas águas e vem molhar o teclado enquanto escreve. É vivo. E é difícil colar a vida e o que se sente em um texto, pois não há espaço, há margens, espaços delimitados..., mas segue-se tentando, produzindo movimentos pelo meio.

Isso ocorre, pois a implicação não é uma decisão consciente de se ligar a um processo, como no caso a uma pesquisa (AGUIAR, ROCHA, 2007). Tem relação com os fluxos do desejo, do que se atravessa e do que se constitui, tais como “valores, interesses, expectativas, compromissos, desejos, crenças, isto é, as formas que se instituem como dada realidade” (PASSOS, BARROS, 2010, p. 20). Deste modo, estudos inspirados na cartografia, se sustentam na implicação da pesquisadora ou do pesquisador com o plano da experiência.

A implicação é um dos mais valorosos dispositivos do trabalho de pesquisa, pois é a partir da subjetividade de quem está nesta função de pesquisa, “que fluxos irrompem, agenciamentos ganham expressão, sentidos são dados, e algo é produzido. De fato a implicação diz respeito ao próprio movimento da pesquisa” (ROMAGNOLI, 2014, p. 19). Pode-se pensar que a implicação é o desejo operando, ao considerar as pistas deixadas por Deleuze e Guattari em ‘O Anti-Édipo’, de que o desejo é revolucionário, ou seja, o desejo é

produtor de realidade, "transborda por todos os lados", produzindo-a, transformando-a (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p. 139).

A 'instituição' no caso, de que se ocupa neste estudo, é social, os (nossos) manicômios mentais de que nos alertou Pelbart (1991), quando encarna a loucura somente como doença e não como possibilidade de vida e todo o estigma e preconceito colado à mesma no processo histórico, na construção de uma verdade sobre a loucura. Ou seja, na codificação do que seja loucura. A 'andarilhar' ao se colocar nesse processo de produção de r**existências** na relação com a loucura, percebe que essa verdade ainda está muito presente, e infelizmente ainda distante de ser superada, o que requer cada vez mais pr**á**ticas implicadas, seja de pesquisa ou outras.

Então, o que coloca isso em análise, em questão, são todas as formas que ao se enunciar, via dizibilidades e visibilidades, contestam, descodificam esses códigos, no caminho de produção de uma outra relação com a (nossa) loucura. Essa é a intervenção, a produção de diferenças, de interferências, que acontece na micropolítica e macropolítica do vivido, coletivamente, intencionalmente ou não, mas pela via do que transborda do desejo, como água que sai pelos poros, como ventos que deslocam corpos, como o que arranca (d)o cômodo de si. É uma metáfora do que pode ser entendido como micropolítica.

Micropolítica foi um conceito criado por Felix Guattari. É a cartografia do desejo. Micropolítica como a analítica das formações do desejo pelos modos de subjetivação no campo social, em que se reproduz as relações sociais dominantes, o que pode ser considerado como reacionário, ou que as subverte, as recusa, produz outras relações, o que pode revolucionário, mas que não é (ainda) a Revolução Molecular (GUATTARI, 1985). Também, é como a subjetividade pode interessar ao capitalismo (DELEUZE, GUATTARI, 2010; GUATTARI, 1985)

Tal como explicita Guattari (1996), refere-se a produção de subjetividade que faz o jogo da reprodução de modelos que "não nos permitem criar saídas para os processos de singularização" (GUATTARI, 1996, p. 29), ou ao contrário, de se estar trabalhando para que esses processos ocorram "na medida de suas possibilidades e dos agenciamentos que consigam pôr para funcionar" (GUATTARI, 1996, p. 29).

Ainda, nas palavras de Guattari (1996a, p. 29), a micropolítica trata-se de "como se reproduz (ou não) os modos de subjetividade dominante". Para Deleuze e Guattari (1995), micropolítica, cartografia e esquizoanálise são sinônimos e funcionam como zonas de intensidade contínua. Além disso, conforme Deleuze e Guattari (1995) micro e macropolítica se diferenciam, mas não se indissociam. Como, a partir destes autores, assinala Mejía (2012),

> Essa diferenciação está relacionada com um funcionamento que só ativa a relação com a alteridade, com o mundo, como uma projeção de nossas representações que a posiciona fora de nós, (macropolítica) e uma subjetividade processual, vulnerável a presença do outro (MEJÍA, 2012, p. 3).

Para tanto, na analítica da formação e produção do desejo, Guattari (1996) criou também os conceitos de molar e molecular. O molar é a realidade construída. São exemplos de molaridades, as segmentaridades duras, ou seja, os lugares de controle dos corpos no social, que reproduzem as relações sociais dominantes, no que se vê o Estado, as escolas, as igrejas, a moral conservadora, etc. O molecular é a realidade a ser construída, e ao mesmo tempo de ser desmanchada por construir, em devir, ou seja, a territorialização ao mesmo tempo da desterritorialização (CAMARGO, 2011).

É aquela força que vem sem controle quando se pensa que há ainda pessoas institucionalizadas, manicomializadas, que há uma naturalização e até acomodação nos modos de produção do cuidado, do que a 'andarilha' não está isenta de ser também coadjuvante na fabricação, seja como cidadã, usuária do SUS, das redes, como a RAPS, como pesquisadora, como formadora, como militante, etc. Acresce-se ao que faz essa força transbordar, os desmontes dos direitos sociais arduamente conquistados enquanto se tenta distrair a população, e que sem os mesmos, pode ocorrer significativas interferências nas (nossas) intensidades psíquicas, devido ao campo de vulnerabilidades em que muitos de nós seremos lançados. Então, como não se implicar, em um caminho, caminhando com, construindo-o e constituindo-se no mesmo (PASSOS, BARROS, 2010).

É a produção coletiva de interferência em coletivos, quais são, nós mesmos, nós sociedade, nós serviços, nós universidade, entre tantos outros nós! São as 'loucuras' de navegar contra a correnteza das águas [do hegemônico, do instituído, do segmentar], as quais aprendemos com as mais variadas formas de manifestação das nossas loucuras e que temos chamado de 'forças de r**existência**', por mais redundante que possa parecer, pois resistência, existência e loucura são forças intensivas e inventivas em manifest**ações**. O 'aprendizado' um tanto como Deleuze em Guattari quando escrevem o Anti-Édipo (2010), que no lugar do 'neurótico' da psicanálise trazem o 'esquizofrênico' a quê foi colada também a loucura, como o que resiste ao 'Édipo' e busca outras possibilidades.

A implicação com a luta, com(o) uma pesquisa, com pessoas, com a vida, é o efeito de várias coisas que se atravessam e podem deslocar de lugares e paisagens a outros lugares e paisagens. No caso, a implicação é uma das principais ferramentas de pesquisa no mapeamento de composições e seus funcionamentos do que pode atuar na reprodução, anti-produção ou produção de vida, e facilitar (ou não) a desarticulação do que impede a sua

produção. É o mapeamento das composições em que se dão os encontros e os agenciamentos, que vão gerar novos sentidos, novas formas de expressão e promover a resistência ao que tende a se reproduzir no plano dos modelos.

A militância é um de seus aspectos, no caso da implicação. Como diz Guattari (GUATTARI, 1985, p. 7), "militar é agir", como força combativa e de produção de realidades. Esta última é outro de seus aspectos, que figura na ação, mas também na produção de subjetividade, tal como diz (KASTRUP, BARROS, 2010, p. 90), que a produção de realidade "abarca tanto a produção de subjetividades, quanto a dos territórios nas quais elas se prolongam" na micropolítica do viver cotidiano nas paisagens em experimentação. E ainda, outro de seus aspectos, pode-se dizer, que é a micropolítica.

Como assinala Merhy e Ceccim, na micropolítica se encontra resistência às capturas, as racionalidades hegemônicas, como da razão em sobreposição a outras razões, da neutralidade na ciência, na concepção de saúde, modos de sua produção, nos modos de cuidado, como por exemplo a tensão entre o manicomial, psicossocial e outros em insurgência, etc. Trata-se da política das forças minoritárias, que 'disputa por outros modos de ser-existir-agir' e estar no mundo em ato (CECCIM, MERHY, 2009).

No plano implicacional em que estamos, andarilhas e andarilhos, também é uma forma de colocar em questão fascismos, íntimo dos (nosso) modos manicomiais, a fim de problematizar os próprios e no andar cotidiano, ao encontro do que escreve Foucault no prefácio do Anti-Édipo. Indaga sobre "Como liberar nosso discurso e nossos atos, nossos corações e nossos prazeres do fascismo? Como expulsar o fascismo que está incrustado em nosso comportamento?" (FOUCAULT, 1977, p. 3), mesmo no processo da luta 'antimanicomial' (que não se reduz ao fechamento de manicômios, mas pincipalmente uma luta combativa a esses e aos 'manicômios' sociais), se tramando em vários espaços e(m) suas paisagens, mas principalmente em territórios como um modo para agenciar forças intensivas, justamente por uma vida menos fascista, dado que o fascismo está aí, na espreita.

E é nesse plano que se deu a possibilidade de experimentar realteridades. Ou seja,

> A realteridade, é dizer, uma realidade outra. Que está sempre latente, está sempre aí, e que por diversos caminhos, em determinadas circunstâncias, estoura – muito ao acaso. Mas estoura por ex. como insurreições, insubordinações populares; estoura como inspirações artísticas, estoura como invenções científicas, etc. Essa realteridade ela não tem, não se parece com a realidade, não tem as formas da realidade e não tem também as imposições da realidade. É o que, neste certo ponto de vista, a gente poderia chamar louca, mas louca linda (BAREMBLIT, 2017).

Nessas vias se explicita o tecido de implicação em que estamos por um tempo de nossas vidas, que se iniciou no 17 de maio de 2013 e que se encerra como pesquisa e não

como luta. Cada uma e cada um seguiremos nossos caminhos, cruzados, separadas ou separados ou não. A ‘andarilha’, no caso, seguirá movida pelas pulsações de seu desejo, militantes e implicadas com a perspectiva das lutas sociais, nas quais pulsa forte a Antimanicomial (nas características supracitadas).

É movida também pelo desejo de andar e habitar, de passagem, novas terras. De uma ‘Indiazinha’, assim como fora denominada certa vez (SANTOS, 2014). Algumas etnias indígenas sobreviveram, devido ao nomadismo. Inspirada nessa ideia, uma ‘Indiazinha’ andarilha como forma de ***r existência***/sobrevivência! É assim que experimenta o que sente como liberdade, afinal, essa existência é tão breve! É o que fizemos dela, é o que fizemos com o que ‘querem’ que façamos dela! É onde recusamos o que não queremos fazer com a nossa existência! E que pode ser a ‘loucura’ de r*existir* na relação com as (nossas e outras) loucuras que vamos experimentando, produzindo, criando. É um modo de vida, uma possibilidade de existência!

A implicação é a ferramenta, conceito vertente de águas que empurram pra frente, redesenhando permanentemente, em composições, paisagens. Deste modo, a ‘andarilha’ que já habitava o território das lutas, dentre elas a Antimanicomial, passou a habitar e a ser habitada por territórios existenciais enquanto caminha(va) nestas processualidades. Foi assim que conheceu o Pai José, a Mãe Vanilda, o seu Uilson, o seu Ivon Naval o Grupo Vocal Esperança, o seu Carlos, a Maria Alice, a Santa Helena de La Sierra, o Grupo Musical Los Lokos, a Associação de Usuários(as) dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas – a AUSSMPE, o Claudionei, a Ângela, a Nathália, a Patrícia, o Cid Branco, muitas e muitos dos quais, que fazem também o coletivo de produção e realização do programa Gente como a Gente na Rádio Com, Pelotas.

Também, enquanto fazíamos essa caminhada, misturadas e misturados à mesma, a ‘andarilha’ e/ou juntas e juntos, navegávamos pela realização de Vivências e Estágios no SUS, pela Comissão de Integração Ensino-Serviço – CIES, pela criação do coletivo Extremo_SUS, pelo Grupo Condutor Regional de Saúde Mental, pela criação do Coletivo Povaréu Sul, pelo Conselho Municipal de Saúde, pela Comissão Municipal de Saúde Mental, pelos 18 de maio, pelos Mentais Tchês, pelos agenciamentos das Tendas do Afeto Popular, pelo Orgulho Louco, pelo Congresso Brasileiro de Saúde Mental, pela articulação da força de luta ‘usuária’[53] no Rio Grande do Sul, pela constituição de Zonas Autônomas de

[53] Importa registrar que todas e todos somos usuárias e usuários dos serviços de saúde, mas aqui se refere a força das pessoas dentre as formas usuária dos mesmos, somos as e os que acessamos de algum modo a assistência.

Transformação[54], entre outras tantas andanças e feituras, produzindo estéticas de rexistências na relação com a loucura.

Se não houvesse implicações, será que faríamos isso, juntas e misturadas, juntos e misturados? E, seria somente a implicação esse motor? Certamente que não! É um dos motores nessa fábrica de produção de vida, em que a gente se trama e que trama muita gente. É uma tramoia, um tendeu. O outro motor, que levou a 'andarilha' a essa implicação, nesse envolvimento com essas produções, foi o que a afetou ao ser habitada por essas existências.

Então, nesse processo habitacional e de navegações, pode-se dizer que o território de pesquisa é o da implicação com a produção de estéticas de rexistências na relação com a loucura, tecido sem endereço fixo, como um plano de linhas de intensidades e fugas, encontros, agenciamentos de existências e(m) coletivos. Consiste em um campo,



Figura 10 – Rizoma[55]

uma zona de (des)conexões, um rizoma (Figura 10, 11), de produção de subjetividades no qual só existem linhas que se movem em várias direções (DELEUZE, GUATTARI, 1995),

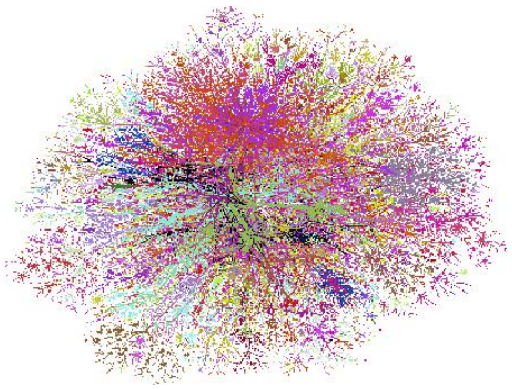


Figura 11 - Rizoma[56]

em movimento, em provisoriedade, pois as paisagens estão sempre a mudar, a alterar os territórios existenciais e(m) coletivos, justamente por essas características e do qual se faz 'recortes' como forma de trazer para o texto um pouco do sabor desse processo de produção de realidades singulares e coletivas, co-fabricando-se no testemunho destas existências.

Destes territórios existenciais, de vida e(m) coletivos, há um em que de algum modo nos reunimos, o qual se pinça, bem como o que se encontrou no caminho que moveu até o mesmo e o percurso realizado a partir de então em (des)conexões com o que já vinha sendo

[54] Transformação, pois há produção de subjetividades e modos de subjetivação no que essas zonas vão produzindo de interferências/perturbações em nós mesmos e na realidade social.

[55] Figura 10 - Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2013/09/21/deleuze-rizoma/> . Acesso em 09 abr 2017.

[56] Figura 11 - Disponível em: < http://www.forumatenas.com.br/2015/10/na-proxima-terca-dia-1310-o-forum.html> . Acesso em 09 abr 2017.

tramado, dado que se trata de um plano implicacional de produção de estéticas de rexistência na relação com a loucura, como forma visibilizar algumas paisagens dessa caminhada nesta zona feita de encontros, afetos, lutas, r***existências***. Temos muito em comum. Singular e coletivamente. Dentre estes, a loucura de viver.

Nos 'associamos' naquilo em que nos encontramos, no desejo de avançar nas lutas sociais, de alterar a relação com a loucura, tecendo projetos de felicidade, ao encontro do que nos dizem Deleuze e Guattari (1995, p. 27), "a *questão é produzir inconsciente e, com ele, novos enunciados, outros desejos",* ou seja, modos de subjetivação e produção de subjetividades, e que este processo, como belamente escreveu Foucault (1977, p. 2) no prefácio de 'O Anti-Édipo', "não imaginem que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo se o que se combate é abominável. É a ligação do desejo com a realidade (e não sua fuga nas formas da representação) que possui uma força revolucionária".

Trata-se da Aussmpe, também chamada de Associação. Na mesma nos encontramos, cada um e cada uma ao seu jeito, pelo que nos move, fabricadores e fabricadoras desta sociedade (in)sana e também fabricadas e fabricados pela mesma no que permitimos. Mas quem somos nós que nos reunimos por essas avenidas de uma Associação? Pessoas, cidadãs e cidadãos no mundo, as loucas e os loucos por afetos, criações, experimentações, existências, resistências, por sentir-se vivas e vivos, por justiça, transformações e produção de outras realidades sociais, entre tantas outras coisas, que nos respeitem no jeito que somos, no jeito que podemos ser, no jeito que cada pessoa pode ser!

Presume-se que o texto escracha de vários modos, com o que nos implicamos, que é o desejo forte de interferir no que pode diminuir a potência da vida, como estigmatizações, preconceitos, a concepção hegemônica de loucura, os manicômios mentais, os modos de cuidado manicomiais, a medicamentalização, a medicalização, a biopolítica, entre outros, via engajamento em cenários como formas de aumentar a potência de vida e agenciar forças para a militância, mas em que território? Qual é o território? Já foi dito que é o da implicação. Mas qual é o território de implicação? É o da andança. Da dança nômade.

Andança por maquinarias que já estavam em movimento (Grupos Vocais Esperança e Los Lokos, Aussmpe), ou que foram criadas (Povaréu Sul e as Tendas do Afeto Popular), ou que se foi acionada para participar (Grupo Condutor Regional de Saúde Mental - CG, Coletivo de Oficineiros(as), Política de Diversidades, Comissão Municipal de Saúde Mental) ou em quê se escavou participações (Comissão de Integração Ensino-Serviço e GC), nas quais sentia, pelo que lhe afetava, potências para e a produção de estéticas rexistências nas tramas da subjetividade e do biopoder na relação com a loucura, vi_vendo e no tensionamento e

enfrentamento do que não cessa de inquietar e inter**ferir** na (sua) potência de viver. Então, o território é a andança de implicação, em que tramamos a produção de estéticas de rexistências na relação com a loucura.

Destas maquinarias, mesmo que só pelas suas existências já são produção de diferença, rexistência, muitas estão vinculadas a capilarizações de políticas de Estado como forma de fazer valer o que se defende na luta antimanicomial, como saúde, direitos humanos e sociais, mas dentre as mesmas, havia outras brotações, sem necessariamente essas vinculações. Nas vinculadas as políticas de Estado, as quais que se desenham de diversas formas singulares pelo país, afirmando o que se defende ou não, pode-se dizer que são produção de rexistências por dentro da máquina do Estado para todos os lados, dentro, fora, nas margens, etc. Nas que brotam independente destes enredos, dialogando com essas políticas ou não, há também essa força instituinte, mas que se diferenciam desde a criação, como efeitos do desejo que transborda e cria realidade.

Destas, nem todas se movem especificamente pela problemática que aqui se coloca, ainda que diretamente relacionadas e que esteja a produzir interferências na mesma, mas não como suas especificidades e sim de forma mais abrangente, naquilo que compõem os seus tecidos, da saúde coletiva, da educação popular, do afeto político, noutro entendimento de saúde, na defesa do direito a vida, dos direitos humanos, de outros modos de produção de vida e de práticas de cuidado, ao que certamente se transversaliza a produção de rexistências nas tramas da subjetividade e do biopoder na relação com a loucura, dado que esta é inerente à condição de ser humano, são as variações de nossas intensidades.

Entretanto, há uma dessas maquinarias que se trama e é tramada com todas as outras na qual, de algum modo, nós, as pessoas que a compomos sentimos na pele as frequências de variações de nossas intensidades, o que pode ou não interferir significativamente em nosso viver, também, algumas e alguns de nós, as marcas por diagnósticos ou pelas instituições encarregadas de cuidar de pessoas nessas conjunturas, devido a isso ou a algumas manifestações de si, somos alvo de estigmas, preconceitos. Sentimos na pele a concepção que temos de loucura, que em algumas situações não nos damos o direito de viver as nossas, quando viável e/ou tentamos ou nos tentam fazer cessar, sentimos na pele a concepção hegemônica de atenção ao sofrimento psíquico e enredadas e enredados na biopolítica.

Também, sentimos na pele, quando se vê acontecendo à revelia situações que podem provocar sofrimento psíquico, como o desmonte de direitos sociais em ‘defesa da sociedade’, entre tantas outras coisas. Sentimos na pele, pois “o mais profundo é a pele” dito por Paul Valéry, citado por Deleuze em a ‘Lógica do sentido’ (DELEUZE, 1974, p. 11). O que nos

fazem sentir na pele, pode nos afetar de modo a diminuir nossa potência de vida ou a reagir em potência de vida, no combate a essas forças depreciadoras da mesma e de nossa loucura, de viver com dignidade e com direito a experimentações na vida que salvaguardem apenas o direito alheio.

E nesse cenário de pouca fixidez física, que tem nome, sobrenome, sede, mas que é andarilho e nômade, nos encontramos por um momento de nossas existências, em reações ao que sentimos na pele, em que fizemos muitas coisas juntas e juntos, dentre elas nos alteramos, nos constituímos, nos produzimos, nos perturbamos, na produção de rexistências nas tramas da subjetividade e do biopoder. Essa maquinaria, pura produção permanente de diferença, se trama com as maquinarias da andança nesse processo de interferências, na produção de outra relação com a loucura, navegando contra as correntezas do que sentimos na pele.

Temos algo em comum, que é justamente isso e a produção de diferença, dado que em cada uma das maquinarias há pessoas e(m) potência para a produção de diferença a favor da afirmação e ampliação da vida, ainda que estas, infelizmente, em muitas não sejam a ‘pauta’ principal, dado a concepção e relação com a loucura, aos manicômios mentais, modos de saúde, modelo de Estado, da democracia neoliberal, e dos fascismos nossos de cada dia. Queremos sentir na pele, mas afeto, dignidade, respeito, liberdade.

Mas, como nos encontramos e passamos a habitar juntas e juntos territórios existenciais singulares e(m) coletivos? Que é o território, se não um rizoma em brotação a quem se inspira no método da cartografia como o toque de uma melodia para este estudo, se não pela implicação e envolvimento com maquinarias de guerra.

Então, antes de prosseguir, além do já escrito que é um denunciador de porque alguém que pesquisa desejou se ocupar deste temário, do qual até tentou desviar, mas a orientação e as ventanias do desejo a traziam de volta, enquanto se devolvia a si, importa compartilhar ao narrar sobre o que foi afetando, (re)mexendo com as águas, desde a chegada em Pelotas, de quem vinha, uma andarilha, ‘encharcada’ de horizontes.



57

[57] Figura 12 - Desenhada por Uilson Santos, um dos intercessores guias. Ocupa este espaço, pois é da história de Pelotas, uma forma de vivificar o que só a arte e a memória podem fazer quanto ao que não existe mais. A mesma situava-se na rua 15 de novembro, centro de Pelotas/RS, conforme informação de Uilson Santos, quem a desenhou (SANTOS, 2015-2017). Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=712306935542253&set=a.712306525542294.1073741839.100002888583882&type=3&theater> . Acesso em 07 de jul. de 2017.

A chegada em Pelotas



[58]

VIM, VIM, NO PRIMEIRO 'TREM' DA LINHA
Que partiu de manhazinha.. [59]

As fotos da Confeitaria Brasil e do sol nascendo no horizonte, são ares de chegada em Pelotas, em 2013, são portadoras de anúncios. A foto da confeitaria Brasil deixa um sabor de história, que um 'pedaço do Brasil e do mundo' mora aqui, cheiro da arte, como o que resiste na memória e no tempo. Além de fazer alusão à memória de Pelotas, registrada por Santos (2015), provavelmente foi um local que confeccionou muitos sonhos, muitos doces, muitos encontros. E usa-se desta perspectiva da confecção para se pensar em como se confecciona a própria vida, a realidade, dado que este trabalho falará de vários espaços e momentos confeiteiros de vida. E a foto que abre esta página da 'chegada em Pelotas' com o nascer do sol no horizonte (LOPES, 2017), indica um trabalho que está nascendo, brotando em terra pelotense, com letras, palavras, frases, imagens, ocupando o território das páginas.

O anúncio era que mais um(a) alguém que chegava em Pelotas, vinda no 'trem dos(as) loucos(as)' por produção de diferença. Partiu de manhazinha. Um(a) alguém sem lugar fixo, entretanto pensa, que pelos lugares/municípios que andarilhar não há como estar indiferente a participação social nos mais diversos espaços, principalmente no que mais afetar. A 'andarilha' entende que tem a ver com o ambiente que vive, mesmo temporariamente,

[58] Figura 13 – Nascer do sol no horizonte. Créditos a Ivon Fernandes Lopes, fotógrafo da existência, em uma manhã de domingo, de uma janela do prédio da Rádio Com, março de 2016.
[59] Trecho da música Santa Helena da Serra, escrita pelo compositor José Luiz Souza Villela e cantada por Osvaldir e Carlos Magrão. Utilizada como uma homenagem a Santa Helena Brem, uma das corajosas mulheres negras desta terra Pelotense, a qual relata muitas vezes o quão 'se sente menor' e é tão grande!

produzindo-o, sendo produzida, é parte do mesmo, nas provisoriedades de um determinado tempo.

Em Pelotas, mirava a sua frente terrenos planos, e se perguntava se estaria mesmo no Rio Grande do Sul?! Ou seria a constatação da multiplicidade que compõem o território geográfico do estado e/ou de suas limitações de cognições? Era como sentia o relevo no estado! Um convite, talvez, para ampliar os 'horizontes' dos sentidos. E foi! Viveu e circulou por regiões geográficas que chamam de 'Planalto Norte Riograndense' e 'Depressão Central', também espichou andanças pela 'Serra' (MOREIRA, 2007).

Assemelham-se a um papel amassado, de terrenos ondulados, ora mais elevados, ora menos, e que vez ou outra, são chamados de 'terras dobradas'. Alguns são 'desertos' verdes, devido ao monocultivo de cereais principalmente da soja, seguido do trigo, do milho, etc., e outras geografias 'cabeludas' de árvores. Muitos, em tensões! Assim, acabou registrando em si um estado cheio de 'dobraduras', mesmo com a 'Planície Litorânea'. Os 'verdes' do Norte e do Sul, a si, são diferentes. Contrastam com a terra. E nestes solos muitos foram e muitos são os levantes na militância por direitos, dignidade e justiça social. O que se replica na região Sul, que mistura os relevos, que haveria? Algum contágio?

Sim. VER-SUS, Mentais Tchês. A primeira participação da 'andarilha' foi em 2003 junto com uma turma do curso de Enfermagem e Psicologia da Unijuí, seguida de 2006, pós o primeiro VER-SUS e noutros anos. Desde a primeira edição do VER-SUS ocorrida na região noroeste do Rio Grande do Sul, em 2005, pessoas de várias regiões do estado do Rio Grande do Sul se encontram noutros eventos, dentre eles nos Mentais Tchês. Então, 'andarilha' já tinha vindo até São Lourenço do Sul, mas não a Pelotas.

Depois da primeira participação no Mental Tchê, os que se seguiram foram por contágio, atração. Nos mesmos experimentava processos de (des)construções, dentre e o principal deles, de que os/as atores/as sociais podem experimentar e construir juntos/as os cenários de existência, principalmente as pessoas designadas como loucas sob o estigma social da desrazão, de que nada sabem. Entretanto, sabem! Loucos são as pessoas que pensam que não! Houve Mental que também se escrachou a impregnação de modos manicomiais, nas ações aparentemente mais insignificantes, quando por exemplo, uma pessoa é indagada sobre seu nome e endereço e chama o(a) trabalhador(a) 'responsável' ou informa o nome de um Centro de Atenção Psicossocial (CORADINI, 2016).

Mas, como assim? O que leva uma pessoa a fazer esses movimentos e a referir um CAPS como seu endereço? Que há neste lugar de tão 'encantador'? O manicômio 'é um monstro grande que pisa forte', em reescrita de frase da música de Mercedes Sosa. Nos

Mentais, a ‘andarilha’ geralmente ou se inscrevia depois ou nem se inscrevia no evento, dado que é um pouco avessa a esses delineamentos importante para o currículo Lattes, pois já chegava envolvida em velocidades, de encontrar as pessoas, contribuir na estética da Tenda. Queria mais era vivê-lo, circulando pelo mesmo, mas as manicomialidades também moram nos detalhes. Faz esse registro como sinalizador pra pensar que autonomias e protagonismos estamos produzindo? E isso não somente em relação ao CAPS, mas a qualquer instituição, do quanto perfilam na constituição de nossas subjetividades e identidades e haveria como deslizar disso? Depende de como essas instituições habitam nossa vida, da relação que temos e de qual a função social das mesmas? No caso do CAPS, não é para que nos sintamos em casa.

Então, há ‘liga’ Norte e Sul? E o que (nos) liga? A geografia dos encontros, dos Mentais Tchês, dos VER-SUSs, dos fluxos e até a das ‘águas’. Uma ‘pedagogia’, pela qual se encontra alguns elementos para o pensar, múltiplos e que podem ser ‘moleculares’. Mas ‘molecular’?! O que esse conceito tem a ver com o que se está trazendo e fazendo? Qual o sentido do uso deste termo neste texto? ‘Enlouqueceu de vez’ a ‘andarilha’? Talvez, talvez! Deste modo, abre-se uma janela para escrever sobre este conceito, para em seguida, engatar de novo, nestas geografias dos encontros, fluxos das águas.

Molecular foi um conceito cunhado por Félix Guattari em 1972, ano em que a ‘andarilha’ estava sendo gestada. É um conceito produzido por forças moleculares que pode (se) potencializar (nos) encontros, como o foi o de Guattari com Deleuze, pós Maio de 68 e que brota em obras, como O Anti-Édipo (1976), Mil Platôs (1995, 1996), na vida como obra de arte, entre outras coisas.

Trata-se da força do desejo em expressão, em expansão, na produção de subjetividade e realidades, por isso, têm em si, intensidades revolucionárias no que foge/escapa as formas de sua colonização. Pode-se dizer que é intensidade, (em) devir, poder de criação, que mesmo distinto, coexiste ao molar. O molecular, ainda que seja repetitivo no texto, mas se vê como necessário, é a ordem dos fluxos, dos devires, das transições, das intensidades, do tornar-se outro, outrar-se, o que é um exercício que pode ser um desafio, e é político. Tal como,

> Desestratificar, se abrir para uma nova função, *diagramática.* Que a consciência deixe de ser seu próprio duplo e a paixão, o duplo de um para o outro. Fazer da consciência uma experimentação de vida, e da paixão um campo de intensidades contínuas, uma emissão de signos-partículas (DELEUZE, GUATTARI, 1995b, p. 76).

O molar é considerado como a estratificação, ao qual também se faz necessário se referir aqui. Consiste nas segmentaridades, no que delimita sujeitos, objetos, os conjuntos

codificados, as grandes máquinas sociais, o que imputa a fazer mais do mesmo ainda que de diversas formas, etc (DELEUZE, GUATTARI, 1996, p. 95). Como explicam Deleuze e Guattari (1996, p. 61-62):

> Existe aí, como para cada um de nós, uma linha de segmentaridade dura em que tudo parece contável e previsto, o início e o fim de um segmento, a passagem de um segmento a outro. Nossa vida é feita assim: não apenas os grandes conjuntos molares (Estados, instituições, classes), mas as pessoas como elementos de um conjunto, os sentimentos como relacionamentos entre pessoas são segmentarizados, de um modo que não é feito para perturbar nem para dispersar, mas ao contrário para garantir e controlar a identidade de cada instância, incluindo-se aí a identidade pessoal.

O molecular é o que se transverzaliza ao molar, as máquinas desejantes, é o que devém, o que está imbuído na "prática micropolítica", da qual nos fala Guattari em a 'Revolução Molecular' (1986, p. 139), seja da ou na, produzindo-a. Da prática micropolítica, se quer dizer que nesta ação, que pode ser quase invisível (ou invisibilizada), há modos de subjetivação e produção de subjetividade e realidades. Seria como efeito. Na prática micropolítica, é o que leva á, já efeito ou não deste processo, ou de outros. São movimentos que não acontecem de forma indissociada, segmentada, ou escalonada. Acontecem simultânea e multiplamente.

Também, com isso, não se quer dizer que as pessoas não estejam produzindo realidades, estão. Mas a questão é – quais realidades? De reprodução das lógicas instituídas e/ou de alteração nas mesmas? São de afirmação e ampliação da (própria) vida ou na sua contra-produção, mesmo sem assim o querer, quando o desejo está cooptado. Então, o que se coloca como molecular e revolucionário, é que se retome a autonomia de si na produção de realidades, ou seja, na descolonização dos (nosso) desejos (DELEUZE, GUATTARI, 1976), dado que há máquinas incessantemente a nos produzir, situadas na esfera das relações, dos 'grandes conjuntos molares', do biopoder, da biopolítica, que operam pela "exploração, dominação e colonização do desejo" como escrito no sítio virtual 'Razão Inadequada' sobre Esquizoanálise (s/ dt), justamente onde podemos nos tornar 'ovelhas em rebanho', sem ao menos ou com dificuldades para perceber.

A isso, em aprendizados com a loucura, práticas micropolíticas, forças moleculares, na decodificação dos códigos de dominação que perpetuam hegemonias, como por exemplo, vimos, sentimos, convivemos constantemente na relação com a loucura e que em muitas ou na maioria das situações são anti-produtivas ao viver. Estes parágrafos escrevem-se a partir das obras 'O Anti-Édipo' e 'Mil Platôs', escritas por Deleuze e Guattari (1976, 1995, 1996), Conversações, escrita por Deleuze (1992) e Revolução molecular, por Guattari (1986).

Ainda, importa registrar que o que é molecular nem sempre será revolucionário, ou será ao contrário como nos dizia Estamira, no filme de Marcos Prado, em que foi a protagonista da vida real (2012). Conforme pontua Guattari (1990, p. 4) "a revolução molecular, eu repito, e parece que nunca repito o suficiente, se exprime também através de fenômenos conservadores". Só o será quando implicar "uma nova percepção do mundo, uma nova percepção da violência, uma nova relação com o corpo, uma nova relação com o tempo, que participam de uma revolução/produção: se você quiser, poderíamos dizer produção molecular" (GUATTARI, 1990, p. 4).

Devido a isso, se fará uma distinção neste trabalho, de que as forças moleculares, nem todas serão revolucionárias, entendendo, no caso, revolucionário como as forças do desejo, como o devir, do que vai enfrentar, criar, inventar, romper com essas formas de dominação, exploração, colonização do desejo, ao encontro do que menciona Eugenio (2017), que corrobora para sustentar essa ideia, na escrita a partir da obra 'Revolução Molecular' de Guattari (1985):

> Guattari desmonta la lógica del domínio que gobierna em los distintos âmbitos (los partidos políticos, las escuelas, los hospitales, la família, la sexualidad, los médios de comunicación...), allí donde se miniaturizan y actúan com mayor fuerza los poderes repressivos. Pero nos muestra como también es ali donde la vida <<bloqueada>> de um individuo, o del cuerpo social paralisado por la miséria y el miedo, puede dar um giro, como las voluntades pueden encadenarse, aliarse y ossar lo más difícil: la revolución molecular (EUGENIO, 2017, p. 1).[60]

Um exemplo de *giro* foi o que presenciamos em alguns países do mundo e estamos vivendo no Brasil, como o movimento da Luta Antimanicomial, como processo de Reforma Psiquiátrica e que atualmente tem sido nominado de Reforma Psiquiátrica Antimanicomial, incompleta. Entretanto, efeitos de movimentos moleculares, dos quais muito provavelmente, nas décadas de 70, 80 e 90 em diante participa(ra)m várias pessoas, algumas de municípios da região sul, dentre estes Pelotas, envolvidas em serviços de saúde, em rearranjos políticos, em reinvenções e movidas pelo desejo humanizatório, de construir outras possibilidades quanto a loucura.

Também, nos idos de 2000 e 2001, na criação do grupo Vocal Esperança, na constituição da Associação de Usuários dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas – Aussmpe, e outras que foram se engajando nestas 'bandas' do sul, nestes e noutros feitos que sustentam outra perspectiva de relação com a loucura, dentre elas, fazendo loucuras. Tramam-se e nos

[60] Guattari desmonta a lógica de domínio que governa os distintos âmbitos (os partidos políticos, as escolas, os hospitais, a família, a sexualidade, os meios de comunicação...), ali onde se miniaturizam e atuam com maior força os poderes repressivos. Porém nos mostra como também é ali onde a vida 'bloqueada' de um indivíduo, ou do corpo social paralisado pela miséria e o medo, pode dar um giro, como as vontades podem encadearem-se, aliar-se e ousar o mais difícil: a revolução molecular.

tramamos na história da loucura em Pelotas, no estado, no Brasil, no mundo, conforme será explicitado noutras janelas que hospedam textos, vídeos, imagens, etc. Então, há possíveis, porém o quanto podemos descansar nossos desejos, dado que as forças de dominação tendem a tomar conta e/ou ao fazer, já seja uma força molecular revolucionária?

Mais um pouco: forças revolucionárias singulares não consistem na revolução molecular, e sim revolução em si. A revolução molecular "só pode ocorrer no plural" (EUGENIO, 2017, p. 1), na articulação das várias forças moleculares revolucionárias, pois é "o revolucionário que remaneja o social, uma prática de micropolítica que sujeita as máquinas molares (grandes máquinas sociais) ao desejo molecular (revolucionário)", como publicado na janela virtual 'Razão Inadequada' sobre Esquizoanálise (s/ dt).

Também ao encontro do que menciona Foucault em várias obras, mas especialmente em 'Biopolítica', 'Em defesa da sociedade', nos escritos sobre a 'ética de si', 'a vida como obra de arte', 'a produção de liberdades' (FOUCAULT, 2005, 2008a, 2008b, 2010, 2014), de que a correlação de forças com as formas de controle, varia conforme as resistências, logo tais como as forças moleculares revolucionárias funcionam, na perspectiva de rexistir e criar saídas, outras linhas, linhas de fuga. E que depois de contextos, situações alteradas, algumas coisas podem até retroceder, mas jamais se voltará ao que era, por

> ...mais que eles sofistiquem, diversifiquem, niniaturizem as armas ao infinito, eles não conseguirão mais recuperar a tremenda virada, o imenso movimento de fuga, a pluralidade de mutações moleculares de desejo que já se desencadeou. A ordem econômica, politica e moral do sec. XX esta com rachaduras por todos os lados. E hoje os homens do poder não sabem mais o que fazer primeiro (GUATTARI, 1985, p. 62).

Eis a pista que Guattari nos deixa, a 'pluralização de mutações moleculares'. E por isso segue-se falando dos territórios geográficos e das águas, que tecem rizomas a revelia de seus contornos. Então, engatando de novo, nas geografias dos encontros, por sua vez moleculares, das águas que vão produzindo mar. As do rio Jacuí Mirim, que de alguma forma acompanham a 'andarilha', nascida nas proximidades das travessias desse rio, na localidade de Capela Fátima, no município de Ibirubá, águas que se encontram com as águas no lago Guaíba e seguem noutros encontros, com outras águas, para a Laguna dos Patos e Oceano.



Figura 14 – Metáfora da geografia de forças moleculares que podem produzir alterações nas paisagens.[61]

[61] Figura 14 – Metáfora da geografia de forças moleculares que podem produzir revoluções. Disponível em: <http://lealevalerosa.blogspot.com.br/2010/05/guaiba-rio-ilhas-pontes-parque-delta-do.html> . Acesso em 23 abr 2017.

Das forças moleculares que engrossam revoluções na geografia dos afetos (Figura 14, 15). Das águas que passam, vazam, se encontram, produzem outras águas, nunca são as mesmas, sempre são outras, algumas penetram, nem todas visíveis. Suas composições (se) misturam (em) sinfonias. 'Tudo junto e misturado' (POVARÉU – ARTE, SAÚDE E EDUCAÇÃO POPULAR, 2014; SANTOS, 2015).

Há percursos. Há marcações como notas musicais. Jacuí é um nome que advém do Tupi Guarany, de '*Îaku',* nome de um pássaro, o Jacu. E '*y*' de rio. Então, rio dos Jacus (NAVARRO, 2013). Jacu, um pássaro familiar a 'quem anda' (Figura 16). O (nome do) rio também os ajuda viver. Muitas vezes 'quem chega', lá se via a contemplar os Jacus. Ainda não estão em extinção. Entretanto, indígenas que batizaram terras por onde passa o rio, a exemplo do município de Ibirubá, lá não mais estão, salvo de passagem. São algumas das 'rachaduras' de como avançamos no processo 'civilizatório'. Somos multidão efeito do que nos atravessa, das histórias que nos fabricam, que caminham com a gente, que nos afetam e as quais também fabricamos.

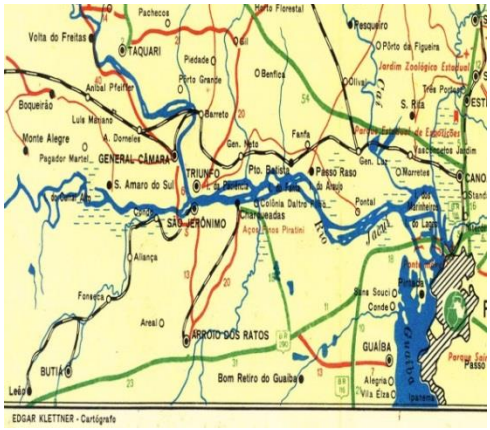


Figura 15 – idem a Figura 6.[62]



Figura 16 – Jacu, Jacuaçu ou Penelope obscura, 2013.[63]

Então, não é por nada, que esta geografia do encontro de 'águas', acontecido em Pelotas, refere-se também ao encontro de forças na luta social, que pretende-se na contra maré do que interfere na produção da vida. Deste modo é que segue envolvendo-se com a defesa de direitos como o da saúde, tendo o SUS como um de seus viabilizadores, o VER_SUS como uma das estratégias que tenta contemplar algumas lacunas da formação e que em muitos se contemplou a Luta Mentaleira.

---

[62] Figura 15 – Metáfora da geografia de forças moleculares que podem produzir revoluções. Disponível em: <http://vfco.brazilia.jor.br/ferrovias/vfrgs/carvao/mapaRodoviarioMinasSaoJeronimo.shtml> . Acesso em 23 abr 2017.

[63] Figura 16 - Jacu, Jacuaçu ou Penelope obscura fotografado no Caaró, em Caibaté. Foto: D. Meller, 2013. Disponível em: <http://avemissoes.blogspot.com.br/2013/09/jacus-do-rs-especie-redescoberta-no.html> . Acesso em 23 abr 2017.

A mesma, deriva de uma junção de Luta Antimanicomial e Saúde Mental. Saúde Mental como afirmação de outro modo de atenção em saúde, no caso, o que leva o nome psicossocial, do deslocamento do foco na doença para a pessoa nas suas tramas territoriais de vida. É uma inversão epistemológica, de paradigma no que tange a produção do cuidado, no qual ainda temos muito que avançar. O uso 'Saúde Mental' é para afirmar essa inversão, e uma luta social, para que não se dilua no todo e se volte a ficar invisibilizada e invizibilizados os nossos direitos sociais recentemente conquistados no curso da história.

Essa luta também, tem uma força de nos juntar. Podemos andar nas calmarias, achar que muita coisa se avançou na Atenção a Saúde Mental, mas muitas coisas fazem com que nos levantamos e nos organizamos. Então, a luta mentaleira é sinônimo da Luta Antimanicomial, que não se reduz ao fechamento das estruturas manicômios, mas que se ocupa em colocar em questão o manicômio sociedade, a insanidade social que não escuta o dito por nós, os(as) loucos(as) que a denunciamos a todo momento. Também a Luta Mentaleira ou Antimanicomial é combativa as manicomialidades, em um processo que vamos aprendendo no meio, pelo meio, pois também, mesmo sendo loucos(as) não estamos isentos(as) da reprodução das mesmas.

E o uso do termo 'louco(a)' é no sentido de ressignificação e afirmação de que 'quem fabricou a loucura colada na doença', como algo incapacitante, estava equivocado ao dizer que não podíamos, pois podemos, fazemos, somos gente como qualquer gente. Nossa loucura é a loucura que reinventa a relação com a loucura, com nós mesmos e reinventa a sociedade, produzindo fissuras, ainda que possam parecer pequenas.

São como formas de resistências às hegemonias sociais, discursivas, morais, culturais, históricas, econômicas, entre outras, muitas das quais, se não a maioria, de base conservadora, fundamentalista, utilitarista, hedonista, colonizadora, patriarcal, machista, racista, sexista, classista, sustentáculos de diversas formas de violência, do capitalismo e de avanços no modelo de Estado neoliberal que é tóxico a vida no e do planeta. São 'lógicas' que também (se) costuram (n)este tecido 'sociedade'. Perversas.

Deste modo, as forças de resistência muitas vezes consistem na produção de sobrevivências, em como viver e enfrentar esses modelos, pela criação de possíveis, com o foi e está sendo a Luta Antimanicomial, o movimento da Reforma Sanitária, o processo de Reforma Psiquiátrica, a criação sustentação do SUS, etc. São as forças moleculares, combustível das máquinas de guerra, as quais não têm como fim a guerra e sim a produção da vida (DELEUZE E GATTARI, 1995b), conforme o que se detalhará noutras folhas que hospedam textos.

Em Pelotas, como diz um companheiro de lutas da ‘andarilha’, não exatamente nestas palavras, ‘é a Princesa do Sul, que se diz tão acolhedora, como não vai investir na Rede de Atenção Psicossocial – RAPS? (NASCIMENTO, 2017). Porém, não é bem assim que funciona o seu acolhimento, ao contrário, mostra as faces de um processo de colonização. Contudo, também é palco de resistências que aparece em cenários como este ou outros. Então, é neste município, que essas forças de algum modo, se encontram, se reconhecem, se procuram, pois também não estão isentas deste cenário. Neste local, assim como em qualquer outro, as hegemonias e forças de luta comparecem, forçam, disputam, fazem, produzem o interior e a cidade, interferem nas subjetividades. Relacionam-se as produções de verdades pelas tramas do poder e do saber, na fabricação de discursos.

Do biopoder com vistas á gestão total da vida, ao que as instituições podem contribuir, fazendo circular os discursos de normalização da vida, no que resvalam muitos dos dispositivos do que se inventa, ainda que tenham contribuído para o aumento na melhoria das condições e expectativa de vida. São as expressões do capitalismo e nas formas de resistência, seja conservando ou alterando a correlação de forças, do que não nos serve.

Este município, no caso Pelotas, se situa nas planícies gaúchas. Integra os 22 municípios de abrangência da terceira Coordenadoria Regional de Saúde (ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 2016), na 21ª região de saúde do estado, situada na região Sul. É o terceiro do estado em número de habitantes. Conhecido como a ‘Princesa do Sul’ e ‘Capital Nacional do Doce’ (PELOTAS, 2015). No processo de colonização europeia, de onde advém a designação de ‘Princesa do Sul’, ainda que a riqueza produzida no passado, tenha sido sob o suor da opressão pela escravização de pessoas, que descendentes ainda sofrem processos de exclusões sociais, mesmo em uma cidade construída pelo trabalho desse povo.

E Capital do Doce, pois há uma tradição doceira. Uma variabilidade de doces. São artes de artesãs, prioritariamente, do doce. Essa tradição segue de geração a geração. Integra e produz a cultura local (LEMOS, 1987). É também uma das fontes de renda de algumas pessoas. Devido à técnica na feitura dos doces e modo de transmissão, foi considerada como Patrimônio Cultural imaterial do estado (RIO GRANDE DO SUL, 2003). Além do doce, há o carnaval, se não o pioneiro, mas praticamente um dos primeiros, que os arcabouços políticos partidários ‘citadinos’ tentam desconstruir a cada ano, rasgar identidades culturais.

Mas, porque escrever sobre esses traços de Pelotas[64]? Trata-se do território geográfico em que se desenrolam muitas das cenas do ‘filme’ da existência, no processo de andarilhagens por diversas das paisagens que compõem esse território rizoma de estudo e de conexão com outras (Figura 15) pelas quais, se está de passagens. Também, porque aqui neste solo, histórias ‘se entrelaçam’ (RUBIRA, 2012) e com isso se fez e se faz muitos desenhos. Mostra ainda, que ante a limites, criam-se mecanismos de travessias, como o foram ‘as pelotas’ (Figura 17), pontes, inventa-se, trama-se passagens para os desejos, para as vontades, para as formas de criação, sendo que a única coisa que não se coaduna é que se dê sob a exploração de pessoas (Figura 18).



Figura 17 – Imagem de uma Pelota[65]



Figura 18 – Fotografia de vista aérea do município de Pelotas, foto de Flávio R. Berger.[66]

[64] Pelotas, mecanismo de travessia do São Gonçalo, que fazia a conexão entre Pelotas e Rio Grande, e que deu origem ao nome da cidade. Mais informações sobre o histórico de Pelotas, disponível em: <https://vivaosanta.wordpress.com/2009/07/09/historico-da-cidade-de-pelotas/> . Acesso em 04 de jul. de 2017.

[65] Disponível em: <http://www.prosagalponeira.com.br/2012/07/de-volta-origem-pelotas-200-anos.html> . Acesso em 29 jun. de 2017.

[66] Pelotas, mecanismo de travessia do São Gonçalo, que fazia a conexão entre Pelotas e Rio Grande, e que deu origem ao nome da cidade. Mais informações sobre o histórico de Pelotas, disponível em: <https://vivaosanta.wordpress.com/2009/07/09/historico-da-cidade-de-pelotas/> . Acesso em 04 de jul. de 2017.

Também, este escrever é como uma forma singela de homenagear a uma pessoa com quem a ‘andarilha’ se demorava em conversas sobre a história de Pelotas, com a Valdeni Borges Macedo (2013), a qual (Figura 19) contava de como era o centro da cidade, como moradoras e moradores foram sendo tangenciados a migrarem para os bairros, do Mercado que era público, no qual se encontrava ‘tudo de que se precisava’. Foi muito bom conhecer esses elementos da história, pela sua voz. Despertou o interesse andarilho. E o seu sorriso?! Encantador. Artista da vida real.



Figura 19 – Foto de Valdeni Borges Macedo, oitava pessoa da direita para a esquerda, em apresentação do Grupo Vocal Esperança no 10º Mental Tchê “Liberdade abre as asas sobre nós”, abril de 2014.[67]

Na cidade, assim como o é ou pode ser em outras, as ruas e quadras obedecem algumas figuras geométricas, principalmente quadrados, retângulos, ora alinhados, ora nem tanto, como alguma ‘estratégia do passado’, estruturas que contam histórias, praças com ares de mistério, árvores e águas testemunhas, que por alguns momentos, fazem lindos desenhos, e embelezam os palcos dos terrenos do município, como as figueiras, os fícus, a Laguna dos Patos que banha o Laranjal constituído pelos balneários Pontal da Barra, Valverde, Santo Antônio, Barro Duro e colônia de pescadores Z3, Ilha da Feitoria, entre outras áreas (Figura 20).



Figura 20 – Área banhada pela Laguna dos Patos em parte do território geográfico pelotense.[68]

A história de Pelotas é produtora de subjetividades, assim como de qualquer outro município o é, e do mesmo modo, também é o efeito destas, o que são pistas para o que conserva, altera, produz (n)a relação com a loucura, tais como, no caso, a manutenção de um manicômio visível e outros tantos não tão aparentes, a participação no processo de

[67] Figura 19 – foto de Valdeni, 2013, integrava o grupo Vocal Esperança, falecida em 2014, com a qual foi um imenso prazer e aprendizado conviver.
[68] Figura 20 – Área banhada pela Laguna dos Patos, que se encontram no território pelotense, 2013. Disponível em: <http://ummilhaodemetros.blogspot.com.br/2013/09/>. Acesso em 23 abr 2017.

deflagração da Reforma Psiquiátrica que inicia-se no Rio Grande do Sul em 1992 (RIO GRANDE DO SUL, 1992, WILLRICH, KANTORSKI, 2008, RIBEIRO, 2016, GRUPO VOCAL ESPERANÇA, 2016, SILVA, ANDRADE, ARGILES, MATOS, 2016) e somente sete anos depois se nacionaliza, e que passados quase 17 anos, ainda não se efetivou totalmente.

Mas, que é a subjetividade, os modos de subjetivação e de sua produção, no que reside a resistência, dado que são nestas formas de produção que se conserva ou altera realidades ao construí-las. Sob a perspectiva de Deleuze e Guattari (DELEUZE, 2005; DELEUZE, GUATTARI, 1995; DELEUZE, 2011), a subjetividade consiste numa multiplicidade de linhas (d)e forças construídas na imanência, de fluxos que vão se atravessando e se tramando em um processo permanente de territorialização, desterritorialização e reterritorialização, processo ao qual se nomina como produção. Também, pode ser pensada como o que se movimenta, o que afeta, o que se modifica, se transforma, com e a partir de encontros.

Trata-se de um entendimento de subjetividade não mais como substância, mas como força imanente de vida, de fluxos e singularidades. Para Guattari e Rolnik, (1996) é como uma trama que está em composição contínua, que não está dada, que vai se fazendo de acoplamentos, desacoplamentos, reacoplamentos, mesmos e diferentes arranjos, rearranjando-se. Também, Guattari em seu livro 'Caosmose' informa que a subjetividade é polifônica, plural, sem centralidades ou fixidez em identidades (GUATTARI, 1992). Deste modo, esta perspectiva tensiona com as verdades quanto a subjetividade atrelada a noção de sujeito, de identidade e de indivíduo.

Os modos de subjetivação podem estar a favor ou não da intensificação e ampliação da vida, onde reside a possibilidade da resistência, de recusa de alguns dos aspectos do que tenta nos fabricar, aquilo que não nos serve. Resistir, de algum modo, seja em termos da produção subjetiva e/ou de teiação da realidade é praticamente uma condição para a existência. Então, resistir é a possibilidade do desejo que não está desarticulada do campo social e nem do governo de si.

Então os modos de subjetivação podem intensificar processos de alienação como de libertação, a depender de como vai se subjetivando, em que vamos produzindo modos de ser e estar no mundo, reproduzindo ou criando, bem como a cultura, a sociedade, em que se vive e vice-versa, pois também nos fabricam de algum modo. Os conceitos de produção de subjetividade e modos de subjetivação interessam, pois neste trabalho visa-se apostar nos que estejam a favor da afirmação, intensificação e ampliação da vida, mas sem deixar de reconhecer o seu reverso.

A Luta Antimanicomial que se instaura no país e deflagra o processo de Reforma Psiquiátrica não o foi sem esse processo de produção de subjetividades que passam a recusar os modos de segregação, se colocar a pensar sobre o que mantinha os manicômios e a inventar outras possibilidades. Entretanto, importa lembrar que a Reforma não consiste somente no fechamento das estruturas de manicômios, mas, e principalmente, em reformas nos nossos 'manicômios' mentais.

Associa-se a isso, alterações de nossa relação com a loucura, e que isso passa por aspectos históricos, culturais, econômicos, ideológicos, sociais, etc, por modos de subjetivação, de produção de subjetividades, por desacoplagens de máquinas, por forças moleculares revolucionárias, por elementos na produção de uma ética de si, e obviamente não só em Pelotas ou na região sul, mas que algumas especificidades lo(u)co-regionais interferem no cenário atual na relação com a loucura, nas configurações da rede de atenção em saúde, nas formas de r***existência***, tais como o processo colonizatório, escravizatório, e as formas de resistências na tentativa de produção de 'giros' na história com vistas a intensificação da vida.

Mesmo assim, é preciso mais notícias desta 'andarilha' que chega! Dado que pode ser ou ficar perigosa, ainda mais no encontro com outras andarilhas e outros andarilhos. E todo e qualquer perigo, de algum modo, em defesa da sociedade, pode ser banido, coagido a rumar para outros lugares, ser segregado. Então, mas quem é mesmo que chega? Quem chega? E o que vem fazer neste lugar, de passagem, de caminhos, de que o sol também não hesita em se 'levantar' (Figura 21)?



Figura 21 – Nascer do sol no caminho.[69]

[69] Figura 21 – Nascer do sol no caminho. Imagem fotografada por Ivon Fernandes Lopes. Foto do amanhecer. Trajeto Pelotas – Canoas. 04 de jul. de 2017. As fotos não estão aqui por acaso ou para 'enfeitar' o trabalho. Estão aqui, pois o amanhecer é o indicativo de possíveis, há sempre outro dia, no qual não se sabe o que vai acontecer, mas é sempre um florescer do sol, da chuva, da neblina, um florescer de forças, seja lá quais foram.

Chega uma 'andarilha' nas paisagens do Sul....

Quem chega, o que vem fazer? 'Quem chega' é uma 'andarilha', uma mulher com ares de 'guria', mas com cabelos a branquear, que tem em seu 'peito' uma vontade forte de mudanças rumo a condições dignas de vida, afinal, esse desejo em si, nunca se apaga. No jargão popular, diriam 'pobre inocente'. E pra 'piorar', essa 'guria' acredita nisso, que mudanças são possíveis! Diriam: 'Louka'. Lhes diz: 'Loukos'. E se lança nessa 'Esperança'. Quem espera, espera que algo venha a se encaixar naquilo ou próximo daquilo que espera. De outro lado, a 'Esperança' pode ser uma força, forma de utopia, que move o caminhar. Um sentido de sentido à vida.

Uma 'Louka com Esperança'? Mas ela não espera. Talvez o que ela menos faça seja esperar. Isso não quer dizer que ela não tenha 'Esperança', pois se há esperança, pode haver movimento. Não é muito sossegada! Talvez lhe seja mais coerente o insossego. Nem seu pensamento colabora. Anda rápido. Ás vezes demais. Em alguns momentos se perdem na velocidade, outros encontra 'dobrando a esquina'. Ela sabe que nas linguagens humanas, subjetivas e expressas, os tempos geralmente não coincidem, são diferentes. Fazer conciliações sempre lhe foi um desafio. Esperar, também! Mas é preciso esperar? Às vezes sim. Os tempos de si e dos outros também são diferentes. Para compormos juntos algumas 'canções', esperamo-nos!

Em suas 'velocidades', algumas vezes foi intitulada de 'louca'. Mas 'louca' não é o seu nome. Não se importa muito com isso. Pelo que é dito de forma pejorativa em relação a si. Mesmo quando o 'tom' é de preconceito. Até se diverte! Pois pensa que 'a loucura está nos olhos de quem vê'. Mas, se for em relação a outras pessoas, enlouquece! Entretanto, na sua outra 'dobra', porque não se importa? Talvez, porque já tenha naturalizado algumas formas de preconceito, como esta. Não a estranha mais ouvir?!

Incomoda, também, quando isso interfere nas relações sociais e modos de 'cuidado' em saúde, como práticas de opressão, exclusão, massificação, disciplinamento, desconsideração, entre outras, como se não tivesse 'valor' o dito de pessoas que em alguns momentos da vida foram 'encarceradas' em instituições manicomiais, estruturas insa(nos)lubres, ou que são segregadas noutras, e\ou que demandaram ou ainda demandam por serviços de atenção psicossocial\em saúde mental, ou as que (ainda) não habitaram essas estruturas, mas que por vezes são 'visitadas' por 'situações' na forma de sofrimento ou outros 'textos', o quê, em alguns casos pode interferir na vida, e que se lida com isso com outras

ferramentas, suas, dos outros, do meio que se vive, mas que não necessariamente estão isentas da designação de ‘loucas’.

Algumas vezes se escapa das marcações do estatuto de ‘louco’ ou ‘louca’ feitas por diagnósticos, enquadramentos em ‘fôrmas’ de cuidado, instituições, sociedade. Mas nem sempre! Podemos ser designadas ou designados como ‘loucas’ ou ‘loucos’, ‘doentes’, ‘pessoas com problemas na mente’, ou até sob outras fórm(ul)as e rótulos - ‘drogados ou drogadas’, ‘bêbados ou bêbadas’, ‘vagabundos ou vagabundas’, mendigos ou mendigas, entre outros, como rotulagem, desqualificação e marginalização dessas pessoas. Também, relacionadas á questão de identidade de gênero e expressão sexual como homossexuais, bissexuais, transexuais, entre outros, como se isso fosse um problema em si mesmo. Os que não nos enquadramos nos padrões sociais. E por sermos alvo do que tenta nos enquadrar, podemos sofrer com isso, de ‘sentimentos psíquicos’.

A loucura é uma invenção social! Na que coincide com o sofrimento, para além daquilo que um humano pode suportar nas suas ‘feituras’, ou seja, do que podemos suportar nas nossas, mas que nada mais é do que uma experiência de si, em que possamos precisar de ajuda para lidar com as mesmas, e que se preciso for, podemos demandar por atenção em saúde e que esta esteja garantida não só na letra das leis, mas no cotidiano dos serviços de saúde. Uma experiência de si, que pode ser em decorrência de situações externas vividas, como por exemplo, situações de violência doméstica contra mulheres (KOCI et al., 2014; BECK et. al., 2014).

Entretanto, sermos designadas ou designados como loucas ou como loucos em detrimento disso, resta à pergunta – será que somos nós as loucas, os loucos? Sim, somos! Mas nossa loucura é combativa a isso, é de lutas, alegrias, solidariedade, que aciona algumas pessoas pelos caminhos, mas não todas, devido aos efeitos do individualismo e massificação social. Nos ajuda nessa conversa, poeticamente, Carlos Eugênio Costa da Silva (2016, p. 75), conhecido como Vacaria, conforme Figura 22:



Figura 22 – Livro Poeticamente de Vacaria, 2016.

(...)
O homem explora os seus,
Age de forma insensata,
E atrás de mesas grandes
Senta de terno e gravata.
Diz que possui sentimentos,
Prega o bem, não faz o mal,
Mas sua voz fere e critica,
Ao seu irmão prejudica
E dizem que ele é normal.

Veja só, muitas pessoas devido aos seus sentimentos psíquicos, pois sentir é de corpo todo, sendo o que pode ocorrer com qualquer pessoa, em decorrência de diversos fatores, nas suas singularidades, até da insuportabilidade por não estar indiferente ao sofrimento alheio, foram segregadas, medicalizadas, medicamentalizadas e estigmatizadas, como ilustram algumas vozes no processo de travessia entre modelos que ainda vigoram em nossa sociedade na 'atenção' a 'Saúde Mental'.

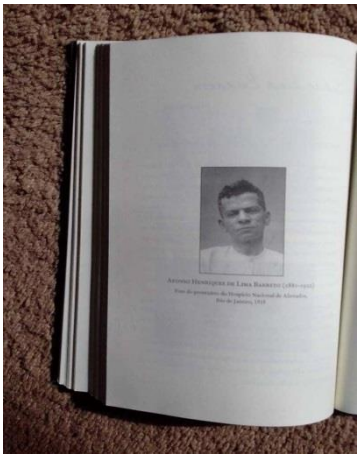


Figura 23 – Fotografia de página de livro que consta a foto de Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), 2017.[70]

Das escritas de Lima Barreto (2009), anotadas quando esteve no Hospício Engenho de Dentro (Figura 23), no qual ingressou em 1919:

> Minha mulher faz-me falta, e nestas horas eu tenho remorso como se a tivesse feito morrer. Logo, porém, como vem de mim mesmo ou fora de mim, uma voz me diz: É mentira. Outros deliram ao redor de mim e, se não choro, é para não me julgarem totalmente louco. Imagino que essa convicção se enraíze nos médicos e me faça ficar aqui o resto da vida (BARRETO, 2009, p. 247).

Das vozes de Walter Farias registradas no livro 'O capa Branca' (Figura 24), no qual conta um momento de sua vida, em que foi trabalhador e 'paciente' no manicômio Juquery, na década de 70, que as mesmas contribuam para manter viva a história, a fim de que se avance no fechamento dos hospícios que ainda existem pelo Brasil e que não se retroceda a essas práticas (FARIAS, SONIM, 2014). Como nos conta Walter 'O Juquery sempre dentro de mim" (p. 176).



Figura 24 – Livro 'O Capa Branca' de Walter Farias e Daniel Sonim, 2014.

> O Juquery nunca me abandonou. Os habitante daquele mundo vão morar sempre na minha cabeça. Jamais voltei a trabalhar no Hospital, nas colônias, nem no Manicômio, que acabou virando um presídio. Só que em pensamento, estarei dentro desses lugares para sempre (p. 178).

Com os escritos de Walter e Sonim foi possível reafirmar o que nos move a caminhar e conhecer mais detalhadamente uma história que não se quer esquecer, para que a mesma nunca mais se repita. Neste sentido, Walter também nos deixa uma indagação e pistas:

[70] Figura 23 - Fotografia da página 210 do livro 'Ouvindo Vozes, escrito e compilado por Edmar Oliveira, 2008.

> Qualquer um que conheceu o Juquery nos anos 1970 deve se perguntar o que realmente aconteceu com os loucos. Eles foram curados? Não sei a resposta, mas acho que muitos deles foram enterrados como indigentes no Cemitério do Juquery. Tenho a nítida impressão de que o Juquery está a mercê da ação implacável do tempo, sendo corroído aos poucos, dia após dia, agonizando lentamente como um doente acamado sem qualquer esperança de continuar vivendo neste mundo (p. 177-8).

Nem tudo é poesia, mas que seria de nós, sem arte? Atiçam-nos o pensar! O viver! O rexistir! A obra de Zacaria, dentre seus feitos, problematiza a loucura, 'afinal, o que é ser normal?'. Na voz escrita de Lima Barreto, Walter Farias e Daniel Sonim, registrou-se o vivido no manicômio, como denúncia das engrenagens moedoras de vida. A composição e música do grupo Harmonia Enlouquece e os compilados poéticos por Gilberto Isquierdo e tantos(as) outros(as) vozes, se ocupam em acenar possibilidades, saídas, com trabalhos ético-poético-musicais. 'Menores'[71] maiores. Rexistir é possível, assim como o 'canto dos(as) livres'[72] – grupos vocais Esperança, Los Lokos, e outros.

O grupo musical 'Harmonia Enlouquece', conforme relato dos mesmos no blog 'Saúde Mental e Cidadania', emerge de atividade realizada no Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro, criada no ano de 2011, na qual participam pessoas consideradas como usuárias ou técnicas, afetadas pela e poesia, que se encontram uma vez por semana para cantar, compor, estar juntos, facilitando vínculo, sentimentos e emoções via o dispositivo articulador da música e(m) grupalidades.

Nas composições falam das suas histórias de vida (Figura 25), do que sentem, do que vem a 'mente', dos seus 'delírios musicais' expressões que compartilham como rexistência e afirmação de outras formas potentes de atenção em saúde. O Grupo participou de uma novela em uma rede de televisão, que o projetou nacionalmente (HARMONIA ENLOUQUECE, 2010).



Figura 25 – Grupo musical Harmonia Enlouquece, 2011.[73]

[71] O 'menor' é o que acontece no cotidiano e que pode ter potência revolucionária. É a força molecular que tensiona com as molaridades. O cotidiano é a dinâmica social, como um plano de segmentaridades consideradas como duras, flexíveis e de fuga. São as linhas. É o menor maior', como citam Deleuze e Guattari (1977) sobre a literatura, "Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior" (DELEUZE, GUATTARI, 1977, p. 25), e que não corresponde necessariamente ao grupo de _minorias' excluídos da _maioria', mas o processo de criação que escapa do sistema de poder que pertence à maioria (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 133-34).

[72] 'Canto dos livres', designação roubada da música composta por Cenair Maicá para designar como soam os grupos a 'andarilha'.

[73] Figura 25 - Fotografia do Grupo Harmonia Enlouquece disponível em: <http://www.rj.gov.br/web/imprensa/exibeconteudo?article-id=664864.> . Acesso em 25 abr. 2017.

Nestes teares que dão corpo e voz ao que vivem e sentem, anunciam e afirmam outro modo de produção de saúde, de cidadania e de vida, via música, compondo, cantando, tocando, afetando, como dispositivo de produção de diferente e potência, pois sem arte que é a vida, e é via a mesma, também, que denunciam o que ainda vigora,

Estou vivendo
No mundo do hospital
Tomando remédios
De psiquiatria mental

Haldol, Diazepam
Rohypnol, Prometazina
Meu médico não sabe
Como me tornar
Um cara normal

Me amarram, me aplicam
Me sufocam
Num quarto trancado
Socorro
Sou um cara normal
Asfixiado

Minha mãe, meu irmão
Minha tia, minha tia
Me encheram de drogas
De levomepromazina

Ai, ai, ai
Que sufoco da vida
Sufoco louco
Tô cansado
De tanta
Levomepromazina

Música: Sufoco da Vida
Grupo: Harmonia Enlouquece

Sob esta perspectiva, Gilberto Isquierdo (2016), atento aos *'saberes menores'*[39] (Figura 26), que são maiores, em seu trabalho como músico, coloca em voz composições de pessoas na atenção psicossocial e deste modo, dá vazão ao que pulsa nas subjetividades, também via música, arte, poesia, e reafirma que a vida não cabe e instituições totais, e da composição e da música como modos de expressão dessas intensidades vitais, tais como:

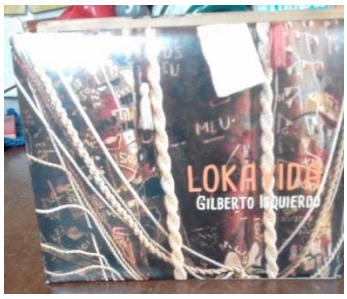


Figura 26 – Cd Loka Vida de Gilberto Isquierdo, 2016.

Saio do meu lugar
Mas nunca esqueço
Das ondas pequenas
Do meu rio,
Rio Jaguarão

São lembranças
que me trazem de volta
ao meu chão...
saudade imensa
desde que daqui parti.

A água
É que me faz crescer
E amadurecer
E hoje
O rio da minha vida
Me traz de volta
Ao rio da vida.

Música: Rio
Composição: Faride Cardoso Khader
e Gilberto Isquierdo

Este trabalho é efeito de 20 anos de andanças na produção da atenção psicossocial no SUS a partir do processo que deflagra a Reforma Psiquiátrica no país. Como o próprio Isquierdo (2016, p. 01) apresenta, as músicas são de "compositores-poetas, com distintas

visões pessoais da loucura, da vida e suas inquietações no universo existencial humano", em um louco trabalho, de muitos loucos, que reunidos, produziram música-poesia como 'ato criador de transformação na cena da vida cotidiana'. Afinal, qual o problema de expressar os sentimentos, a vida? Se é obra em pura produção?!

E há outros e outras, malucos e malucas, que expressam seus sentimentos na interpretação de músicas, escolhidas nos grupos de acordo com as características de cada vocal, com arranjos em algumas composições, como um ato político e um dos principais remédios ao viver: cantar, tocar, escolher, compor, participar, deixar(se) vazar pela voz, pelas lágrimas, pelo corpo todo, pela dança, nossas intensidades, em composição com as (nossas) multiplicidades no andar cotidiano pelos palcos da vida. Dentre tantos grupos vocais, pinçamos aqui um pouco de nós, vocal Esperança (Figura 27) e Los Lokos (Figura 28). Essas, são duas das 'gangs' que a 'andarilha' integra, com muita alegria!



Figura 27 – Apresentação do Grupo Vocal Esperança no Mental Tchê, 2014



Figura 28 – Apresentação do Grupo Musical Los Lokos na Fenadoce, Pelotas, 14 de junho de 2014.

No grupo vocal Esperança, foi de intrometida, movida pelo saudosismo, do contato com a música e afim da produção de outras redes. Assim, seguiu o som dos tambores de seu coração. No Los Lokos, foi por convite e por contágio, pelo vírus do afeto. Em ambos, somos os que não se enquadramos em todos os padrões sociais. Qual é o problema? O que é problema? É problema por quê? E pra quem? São jeitos de ser e\ou o que nos leva a determinadas práticas ou modos de vida, em quê, o que menos precisamos é sermos estigmatizados(as) devido a isso. A estigmatização é que talvez seja a doença e não jeito de comparecer no mundo. E que associado ou não a outras formas de estigmas e preconceitos, pode ser produtor de sofrimento, mortificador a quem vive e sente e é o que tem corroborado para 'justificar' formas de segregação e de normalização da vida. Então, se não é pelo acesso as estruturas que se ocupam da 'saúde mental', muitas vezes, é (n)a 'estrutura' sociedade que

nos rotula. Uma velha e nova roupagem. Uma velha e nova identidade. De novo, aciona-se o poeta Vacaria:

> Vagando pelos caminhos
> Que minha mente figura,
> Tentei chegar às fronteiras
> Que definem a loucura.
> E desta forma, imerso,
> No que vejo em geral,
> Eu continuei vagando
> E fiquei me perguntando:
> Caramba! O que é ser normal?
> (SILVA, 2016)

Mas, voltando á questão, porque ‘a andarilha’ não se importa com o dito e sim com a ação? Seria porque ‘delira’ que a loucura não seja inerente à humanidade que somos? Ou como uma forma de resistir ao que se direciona a si como preconceito e\ou estigma, ‘anestesia’ na ‘cinestesia’ de um corpo?! Seria porque usando essa ‘estratégia’ de ‘anestesiamento’, estaria protegida da dor do que podem causar preconceitos e estigmas, e teria forças a outras reações.

Porque não dói ser chamada de louca? Porque ainda não foi diagnosticada como tal nas estruturas que se ocupam da ‘mente’? Ou, será que não dói mesmo?! Ou dói tanto, que nega? Ou quer negar a sua loucura (e a dos outros)? Ou porque aprendeu nas suas andanças a converter noutra força? Ou porque se vê como ‘essa’ louca mesmo, e ou ainda teme o peso do preconceito?! Ou, a sua ‘loucura’ é ‘tanta’, que podem fazer essas ‘loucuras’ consigo, que não se importa?! Criou escudos de proteção. A alegria. Ou porque é uma forma de responder a quem defere o preconceito, que esta arma que usa, já é inócua, não consegue afetar?! Ou é justamente o que incita a força de luta? Também, porque a questão são as relações, sejam de amizades, familiares, de trabalho, escola, comunidade, etc, que escracham os jeitos de operar preconceituosos, muitas vezes sutis, quase invisíveis, mas ali, a operar.

São polifonias na relação com a loucura. Porque outras pessoas com e sem diagnósticos na saúde mental reagem de forma similar, em ditos e ações? Sub**vertem** noutros sentidos nestas situações, assim como aprendeu, presume-se, a ‘andarilha’. A verter em criação.

Dizem para a ‘andarilha’ “comecei a viver depois que entrei na saúde mental” (SILVA, 2015), “sou louco deste sempre” (BORGES, 2016). Também, já fizemos ‘cenas’ em ônibus (inter)urbanos como loucos(as) fugidios(as) de manicômios, em uma forma de teatralização da vida, ‘teatro do improviso’, do ‘improriso’. Nascidos faz tempo. A ‘andarilha’ participou apenas de duas, mas já houve várias outras. Apenas, pois tem sede de mais, devido

a força de colocar em questão os (nossos) ‘manicômios mentais’ e do quão é produção de alegria.

A partir das encenações, observava-se que no entorno havia alguns olhares assustados, outros benevolentes, risos, ações e até soluções para situações do cotidiano. A loucura da ‘psiquiatria mental’ (HARMONIA ENLOUQUECE, 2010), que ainda causa espantos e medos. Talvez sejamos ‘alquimistas’ em relação ao preconceito. Nossa ‘loucura’ é transformar algumas de nossas ‘loucuras’ em alegria. Essa alquimia é o que se pode designar ao que brota de uma arte de viver singular e(m) coletivos, nos quais topamos muitos momentos da vida juntas e juntos, é a potência de transformar preconceito e estigma em criação, de transformar dificuldades e as dores e de fazer as lutas cotidianas com alegria. Uma arte! Com ações, emoções, vibrações! Uma arte das e dos alquimistas da razão.

Afinal, somos todos e todas loucos e loucas, locução de ‘louco são’! Alguém duvida?! ‘Sofremos’ de alguma loucura. De dor, de amor, ‘de quê o sistema de saúde de Pelotas funcione’ (AUSSMPE, 2016) (Figura 29). Contudo, há esteriótipos e sofrimentos efeitos disso, nos mais diversos espaços e relações sociais. A palavra ‘louco’ pode estar carregada de desígnios não necessariamente explícitos, mas que vão estereotipando uma personagem de louca, um personagem de louco, nas cenas da vida, tais quais: ‘não aceitamos seu jeito de ser’, ‘essa loucura não é normal’, ‘coitadinha ou coitadinho, nasceu assim’, ‘a louca ou o louco nada sabe’, ‘a louca ou o louco precisa ser cuidado por quem sabe sobre ela, sobre ele’, ‘à louca ou ao louco, qualquer coisa serve’.

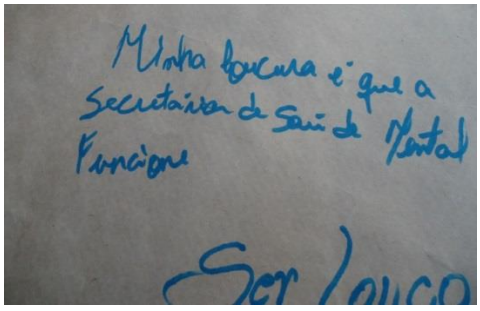


Figura 29 – Fotografia de fragmento de cartaz proposto pela Aussmpe ‘qual a sua loucura?’ no 18 de maio de 2016.

Também, ‘as loucas ou os loucos são incapazes ou inválidas, inválidos para o trabalho’, ‘as loucas ou os loucos são assexuadas, assexuados’, ‘as loucas ou os loucos não amam’.... e há quem ‘acredita’ nestas ‘verdades’, dado que há uma ‘maquinaria’ de fabricação, justificação e sustentação destes ditos e não ditos, como veracidades. De acordo com Deleuze e Guattari (1976), podem ser considerados axiomas[74], que vão sendo acoplados em nós e que por sua vez, vão nos modulando a pensar e agir de um jeito ou de outro, ou de vários.

[74] Axiomas consistem em verdades inquestionáveis, com validação universal.

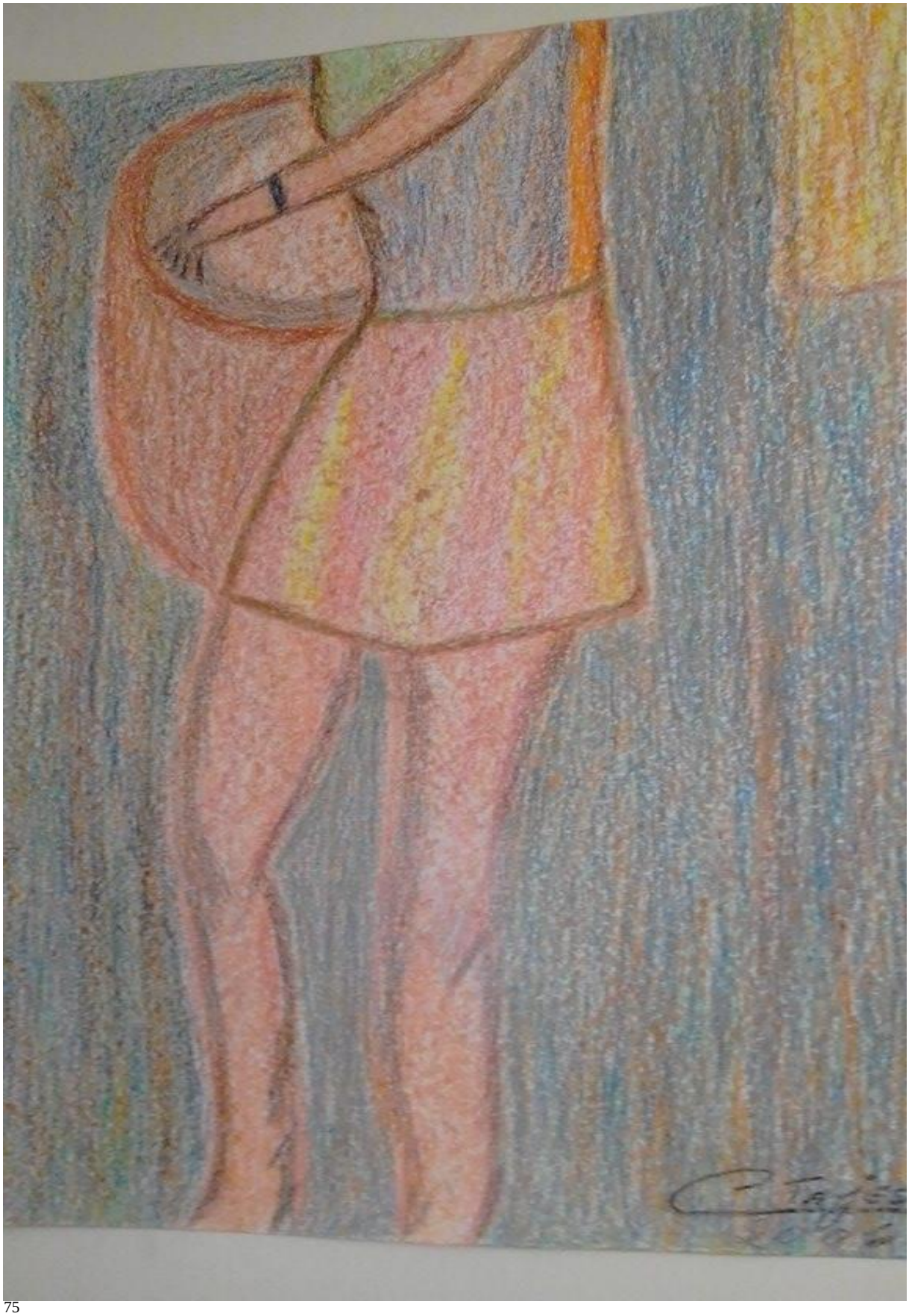
‘A andarilha’, de vez em quando, nas suas atitudes, certamente resvala ainda nestas e outras ‘verdades’. Entretanto, na sua história de vida e atual, se dá por conta que há problemas nas mesmas, à medida que começa a se ocupar mais com isso. E essa ocupação não foi por acaso e nem por ter sido chamada de louca. Foi por conviver ‘consigo mesma’ e com pessoas, em que muitas vezes somos nominadas ou nominados como ‘fora da realidade’, quando o que pode estar acontecendo, nada mais é do que uma experiência de si, uma experiência humana, que desafia a muitas coisas, entre as mesmas, o social, as relações, a razão, o capital na sua lógica de funcionamento produtivista e consumista, dentre outras, mas que não a leva a desistir de operar e sim a avançar, mesmo que essa experimentação possa ser perturbadora, dado que pode rasgar sentidos ou imprimir outros (LOBOSQUI, 2001).

Também, conforme nos explica Tykanori (2016), é que estamos noutro consenso, diferente do que está combinado, diga-se social e culturalmente. E segundo o mesmo, isso não é um erro, é diversidade, principalmente nessa sociedade de massificação, de homogeneização, normalização da vida. E os sons fora dessa ordem são percebidos como ruídos que precisam ser corrigidos, são excluídos!

Foi também por ‘medo’ de alguns ‘sentimentos psíquicos’, daqueles que se avizinha ao sofrimento, ou outros ‘textos’, os quais podem coincidir com intensidades que por vezes sejam demais para si e não se encontrar o ‘fio de volta pra casa’ ou de expressão, vazão das intensidades. Foi porque mistura (in)certezas, sabia que não estava imune desses aconteceres, achava que haveria possibilidades de resistir aos mesmos, ou que a saída dos consensos sociais também poderia ser uma forma de *rexistência,,* que seria possível conviver com a (própria) loucura nas suas mais diversas manifestações, e foi, e é, não sem ás vezes ser visitada por situações de extremas angústias e inquietudes.

Quê(m) são as loucas, os loucos? Somos as e os que ‘não aguentamos essa sociedade’ (ASSIS, s/ dt; BRANCO, 2016) e as e os que aguentamos! Então, ‘quem caminha’, viveu e testemunhou situações de estigmas, preconceitos, opressão e também de *rexistências.* Há problemas, mas há saídas. Dado a isso, e não só, ‘a andarilha’ se imbuiu nas lutas sociais, dentre elas a ‘Antimanicomial’, para (inventar formas de) enfrentar de algum modo essas situações, afirmar que é possível rexistir, intensificando a vida, e que a luta é de todos e de todas, nesse nosso tecido das relações sociais. E acrescenta, que por isso, temos muito a aprender com a ‘loucura’, pois é possível romper com as ‘combinações opressoras hegemônicas’. Entretanto, tende a nos exigir *rexistências*.

Mas, quem é essa ‘andarilha’? De onde vem? Que traz na bagagem?



[75]

[75] Figura 30 - Desenho e pintura por Carlos Zacaria, 2006.

Quem sois vós, 'andarilha'?

'Uma andarilha
andando sozinha,
não faz verão'[76]

Vós sois voz? Feixes de voz? Feixes de nós? Feixes em fluxos? Somos. A 'andarilha', neste momento, é quem pesquisa, como já noticiado nestas páginas que hospedam textos. Uma insossegada, angustiada, inquieta. Se dizer 'andarilha' é expor também de um jeito de andar andarilho, de nomadismos, em que não sabe onde vai chegar e nem quem ou o quê vai se encontrar pelo caminho.

Geralmente, as andarilhas ou os andarilhos, são pessoas conhecidas ou descritas como aquelas que andam 'por aí', que vagueiam, perambulam a esmo, sem muitos paradeiros, que vão experimentando, provisoriamente, paisagens (FERREIRA, 1999). Subvertem padrões. Não tem por hábito seguir normas, rotinas, se fixar, etc. Caso tenham que seguir, por algum motivo ou outro, podem sofrem com isso, pois se sentem aprisionadas ou aprisionados em algo. Está ao encontro deste modo de pesquisar inspirado na cartografia. A vida como uma obra, um estética de existência.

São as ou os que recolhem o que lhes interessa no caminho, o que acham que haverá algo a fazer com aquilo ou não, perdem algumas ou todas as coisas, encontram outras, pois não é o apego às coisas o que os move a andarilhar e sim o caminhar, os encontros, e como forma de vazão das inquietudes. Estão sempre a (des)(re)territorializar(se), de passagem. São muitas vezes designados como loucas ou loucos, por esse jeito de viver, vagamundo. Tendem a causar estranhamentos, pois andam na contramão da sociedade de normalização. Trata-se de uma potente loucura, força que navega contra a correnteza, no caso, força que caminha.

O caminho por vezes é repleto de percalços, tortu(r)oso, aos quais se vai contornando como água, não sem sentir o cutucar das pedras, não sem se sentir as variações de potência aumentada ou diminuída, no que justamente reside a graça e ás vezes desânimo no perambular sem endereço fixo. A opção por 'andarilha', é também, uma forma de trazer para as cenas de um texto, esses e essas, que estão a peregrinar, algumas vezes em situações de vulnerabilidades, pois são invisibilizadas e invizibilizados no contexto social que se vive.

---

[76] Adaptação na frase 'uma andorinha voando sozinha não faz verão' que integra a música 'As Andorinhas", composta em 1991, por Élcio Neves Borges, popularmente conhecido como Barreirito, integrava o grupo musical 'Trio Parada Dura'. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Barrerito> Acesso em 04 abr. 2017.

As andarilhas e os andarilhos fazem nomadismos, prática dos povos nômades, que também não tem moradia fixa, que mudam constantemente de lugar, dentre as motivações, para garantir a própria existência, territorializando de passagem noutros territórios, o que implica em seguida desterritorializar e reterritorializar, na experimentação e (re)criação do existir, que "migra de acampamento em acampamento, sempre mais ali, onde o poder ainda não está à espreita, onde ele não pode ser totalmente explorado e classificado" (RODRIGUES, 2012).

Para Deleuze e Guattari (1992), artesões na criação de conceitos, o nomadismo "prenuncia o exercício da micropolítica em campos e territórios hegemônicos através do dispositivo da resistência, do agenciamento como máquinas de guerra" (DELEUZE, GUATTARI, 1995; SOUZA, SANTOS, 2011), e do pensamento nômade (DELEUZE, 1985), pois

> ...de outro lado, o nômade não é forçosamente alguém que se movimenta: existem viagens num mesmo lugar, viagens em intensidade, e mesmo historicamente os nômades não são aqueles que se mudam à maneira dos migrantes, ao contrário, são aqueles que não mudam, e põem-se a nomadizar para permanecerem no mesmo lugar, escapando dos códigos (p. 6).

É por isso que este conceito também vem habitar esse território texto, dado que o desafio, sem garantir nada, mas como pretensão, é de coprodução de rexistências como produção de realidades e liberdades, o que nos ensina uma das nossas manifestações da loucura, que é justamente o de 'escapar dos códigos' dominantes, massificadores, o que implica nomadismos, planos de forças interferindo nos planos de organização (ROMAGNOLI, 2014).

Então, nessa designação *'andarilha'*, há singularidades. Não se pretende o sentido de esconderijo, máscara ou personagem, ainda que se possa escorregar nos mesmos, bem como não se trata de andar sozinha. Anda co-produzindo conexões, efeitos de seus insossegos. Tem a pretensão sim, de que ao andar, consiga provocar, participar e se somar em processos de descodificação do que consta como verdade na relação com a loucura, a qual, infelizmente, ainda tem custado à vida de pessoas[77].

Da *'andarilha'* como uma forma e força de expressão das vozes multidão que se territorializam, desterritorializam e reterritorializam em intensidades variadas e tempos diferentes, nas suas composições de ser alguém que escreve uma tese, uma das 'loucas',

[77] Assassinato de Cláudio Adão de Lima Souza pela Brigada Militar de Pelotas no dia 08 de março de 2017, devido a sofrimento psíquico intenso. Informação colhida na mídia jornalística e sítio da Cohab Tablada <https://www.facebook.com/cohabtablada2/?fref=ts>; <http://diariodamanhapelotas.com.br/site/homem-com-surto-de-esquizofrenia-e-morto-a-tiros-por-soldados-da-bm/> . Acesso em 09 mar. 2017.

cidadã no e do mundo. Também, expressão das vozes que se tramam juntas nessa implicação com práticas sociais em saúde, principalmente, nas movimentações de produção de *rexistências*, pelas tramas da subjetividade e do biopoder no contemporâneo. Essas vozes multidão não são mais que seus (des)conhecidos habitantes, ao encontro do que diz Pelbart (2006, 45:20h).

Por isso, a *'andarilha'* é quem não andou só neste processo, ainda que o de escrita em si, tenha sido solitário. Ás vezes de uma solidão cheia de vazios, mas que nestes, o pensamento também fez movimentos, como 'entres', entre o que já foi dito e ainda não. É quem andou caminhando, mergulhada em forças, intensidades e(m) múltiplos afetos. Experimentando. E de novo, aprendendo. Seguindo pistas. Narrando o vivido. Ouvindo (suas) vozes (des)orientadoras!

É quem teve e tem como objetivo se tramar com as pessoas na construção de possíveis no mundo, de mundos possíveis, e de múltiplos mundos, como na relação com a loucura, porquanto, sua trajetória não se encerra aqui, em uma tese, documento político. É quem nas suas loucuras, sai de si, que o corpo treme feito o efeito do som do toque de muitos tambores, quando vê o que lhe soa como opressão, injustiça, violência, e cada direito social, que na sua maioria foram arduamente construídos, conquistados, constitucionalizados, garantidos ou não pelo Estado, serem demolidos.

Uma demolição com justificações assentadas no capitalismo, fundamentalismo, patriarcado, machismo, colonialismo, racismo, misoginia, nas mais diversas formas de fobias sociais, entre outras. É quando percebe o quão somos manipuladas e manipulados nessa sociedade, para naturalizar essas e outras situações, e por fim, é quem se envolve com as outras e os outros, no tensionar com este contexto aniquilador, na produção de saídas, de acordo com nossas loucuras (d)e possibilidades, como o que vimos fazendo juntas e juntos.

Dessa feitura via Associação de Usuários e Usuárias dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas - AUSSMPE, grupos Vocais Esperança e Los Lokos, Coletivo Povaréu Sul, entre outros espaços instituídos ou criando zonas autônomas de transformação, pois essas questões podem interferir na vida, na sua produção e afirmação. Importa registrar que a perspectiva de zonas autônomas de transformação tendem a ser provisórias, servem a algum momento, problematizam realidades, disparam movimentos e alterações nas realidades e em si mesmo, perspectiva esta que se inspira em muitos aspectos do conceito de Zona Autônoma Temporária de Hakim Bey (1985).

O uso da perspectiva 'andarilha' é ainda, como o exercício de uma capacidade de outrar-se, ou seja de se desterritorializar, a medida que se relaciona com as pessoas, situações,

e de ser afetada pelas mesmas e afetar, num processo de transformação e de reapropriação de si mútuos. Sem esta perspectiva ou disposição para isso, praticamente ficaria inviabilizada a pesquisa sob inspiração na cartografia.

Outrar-se foi uma expressão usada por Fernando Pessoa. Exige "estima, respeito e confiança no 'outro' e no relacionar-se", como assinala um autor ou uma autora que não se dá a conhecer (2009, p. 2), mas que se ocupa deste pensar, sob a perspectiva da filosofia da diferença. O mesmo ou a mesma, alerta ainda "que não há outrar-se que não seja uma via de mão dupla, um perder-se no encontro com o outro" (p. 2) e acresce-se a esse pensar, de se perder e se reencontrar, já outro ou outra.

Ainda, é quem no caminhar, considera e experimenta que o "conhecer e fazer se tornam inseparáveis, impedindo qualquer pretensão a neutralidade..." (PASSOS, BARROS, 2010, p. 30) no que se faz, nas relações humanas, em situações diversas, com as coisas do mundo. Somos 'lançadas e lançados em um plano implicacional', em uma correlação de forças e de produção de conhecimento, em que já não saímos mais as mesmas e os mesmos, como dizem Deleuze e Guattari "...não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus" (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 11).

A prática de quem pesquisa, no caso, (a) *'andarilha'* tem feitura singular, porque pinça características da perspectiva andarilha, entretanto, não o andar só, pois está a fazer conexões, agenciamentos, andando junto. E é implicada com nomadismos nessa caminhada, como forma de sobrevivência e produção de ***rexistências*** na relação com a loucura. Nesse andar da pesquisa, fez escavações em si, certamente reformas na 'própria casa', para ***rexistir***.

Por produção de ***rexistências*** na relação com a loucura nas tramas da subjetividade e do biopoder no contemporâneo entende-se como: as lutas consigo mesmo(a); a criação de saídas e reinvenção permanente da vida; aposta na potência das pessoas; fomento/investidas na produção de autonomia, protagonismo, empoderamento, emancipação, cidadania e dignidade; produção de conhecimento como produção de liberdade, libertando-se dos manicômios em que (se) aprisiona a si, fazendo raspagens nas máquinas que se acoplam em nós.

Também, como navegação contra as correntes hegemônicas sejam sociais, na saúde e nos modos de produção de conhecimento; o enfrentamento de preconceito e estigmas; recusa as formas de segregação e controle dos corpos; rejeição a patologização, mercantilização e objetificação da vida; tensionamentos com os manicômios estruturas, mentais e manicomialidades; alteração da relação com a loucura; entendimento da loucura como uma invenção humana ante as manifestações da subjetividade como uma experiência que nos

informa da nossa humanidade; o direito a loucura; e o tecer da vida e(m) coletivos como obra de arte, estéticas de existência; descodificar/recodificar/recombinar os códigos na relação com a loucura; tensionamento com as modulações da subjetividade na relação com a loucura; nomadizar como forma de não ser capturado(as) pelas hegemonias que definem e defendem a loucura como doença.

É o que neste referencial metodológico, que dentre suas denominações, recebe o nome de 'filosofia da diferença', se faz junto, tramado, com as pessoas nas paisagens que compõem, acompanha, pela sensibilidade, feita de 'seu olho' e do que vibra no corpo (ROLNIK, 2007), no desafio da produção de sentido. Em que o 'corpo' passa a ser o efeito disso que surgiu do plano de organização de territórios, desorientando e desestabilizando as próprias cartografias, representações, que estancam ou liberam fluxos.

É quem esteve e continua estando na busca permanente de alimentos para suas 'composições', em que experimenta de algum modo, 'antropofagias' (ROMAGNOLI, 2014; ROLNIK, 2007), a exemplo do que ilustra esta ideia na Figura 31, em um corpo máquina de (des)acoplamentos, que não cansa de se alterar a cada encontro.



Figura 31 – Antropofagia – ilustração da obra de Tarsila do Amaral.[78]

A 'andarilha' neste trabalho também pode ser pensada como um fluxo de águas, no caminhar destas escritas, nas tentativas de escapar das cristalizações em um 'eu' ou em uma identidade, ao incitar outras sonoridades, outros contornos, não menos implicadas, que permitem contemplar o processo da andança por movimentos de aproximação, distanciamento e perturbações de si. É como uma forma de desconstruir o 'rosto' pintado como seu para construir rostidades (Figura 32).



Figura 32 – Rostidade.[79]

Dito de outro modo, esse rosto, identidade de 'pesquisador(a)' é molar e a perspectiva 'andarilha' é molecular. Ainda que sejam distintos molar e molecular, não estão separados,

[78] Figura 31 – Antropofagia – ilustração da obra de Tarsila do Amaral. Disponível em: <http://www.brasilartesenciclopedias.com.br/temas/antropofagica_pintura.html> . Acesso em 11 ago de 2015.
[79] Figura 32 – Rostidade. Imagem produzida por Vanessa Prager. Disponível em: <https://www.facebook.com/esquizografias/photos/a.997714140247585.1073741829.997150653637267/1174532675899063/?type=3&theater> . Acesso em 10 abr, 2017.

coexistem (DELEUZE, GUATTARI, 1996). E que os autores apontam como a confusão de si mesmo com o campo, em que nos fizemos juntas e juntos, ‘emergindo de um plano afetivo’ (BARROS, KASTRUP, 2010, p. 73) e nos devolvemos muito provavelmente outras, outros (Figura 32), devido ao que incita um processo de pesquisa nas perspectivas da cartografia.

Também, ao encontro do que menciona Foucault (1995, p. 20), “vários, como eu, sem dúvida, escreveram para não ter mais um rosto. Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo: é uma moral de estado civil; ela rege nossos papéis. Que ela nos deixe livres quando se trata de escrever”. Desde modo, das loucuras nossas, de cada dia, pouco interessada na nascente do rio ou onde vai desembocar, mas no curso do rio, no movimento das águas pelo meio (DELEUZE, GUATTARI, 1995), como um ‘lugar de encontros imprevistos’, tal como uma das características do rizoma (VOGL, 2012).

Pode-se dizer ainda, que a ‘andarilha’ é tal qual uma ‘chama’ acendida pelo que lhe aciona! As labaredas tendem a se inflamar diante de algumas situações, principalmente, quando sente o que percebe como injustiças, preconceitos, estigmatizações, entre outros. Essa chama é singular e é coletiva, incendiada e incendiária. Incendiária no que nos disparamos, a nos mover na relação e enfrentamento destas situações.

Para isso, muitas vezes ‘sentimos na pele’ processos de se ‘desgarrar’ de concepções prontas, principalmente as com sons de verdade, de se desgrudar do que já foi pensado, de jeitos instituídos e se lançar a inventar e experimentar novas possibilidades, outras condições de existência (VEIGA-NETO, RAGO, 2009). Este era um dos ensejos das trilhagens andarilhas, de se mergulhar em viveres, aprender e se transformar com e nos mesmos!

É um tanto sob esta perspectiva que Deleuze relê o aforismo número 638 de ‘O Andarilho’ do livro Humano demasiado Humano escrito por Nietzsche, que incita a entender que a liberdade é também a possibilidade de pensar por si, inventar novas formas no viver, ao invés de ser ou se deixar ser colonizado, conduzido pelo que já está colocado como ‘fio condutor da vida’, tal qual essa sociedade de normalização. A isso, muita nomadização!

É o que se avizinha a autonomia, tão essencial na produção de saúde, pois para e na produção de autonomia acabam acontecendo processos de subjetivação a favor da afirmação da vida, nos quais a(s) pessoa(s) vai/vão se autorizando a efetuar suas potencias, a enganchar no que foi separado de si, pelo vivido nessa sociedade, pois como escreveu Deleuze em Diálogos com Parnet (1998, p. 51) “Não é fácil ser um homem livre”, conforme explica na Figura 33.

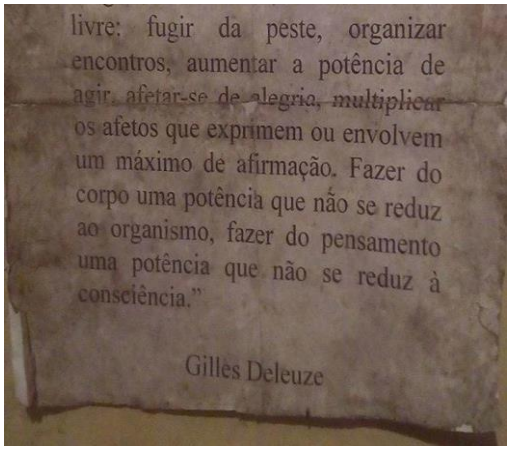


Figura 33 – Fotografia de trecho do escrito em Diálogos de Deleuze com Parnet.[80]

Contudo é possível! A isso se avizinha o que comumente é chamado de 'empoderamento'. Como diz Nietzsche, lido por Deleuze (1985), "por isso, não poderá prender seu coração com muita força a nada de particular. Haverá nele também algo de vagabundo, no qual seu prazer esteja na mudança e na passagem" (NIETZSCHE, 2000, p. 181). É o que incita o método e o que se deseja com força na relação com os serviços substitutivos a manicômio, que sejam espaços de passagem a quem, de fato, necessitar.

Deste modo, a andarilhagem acaba por ser um processo de desacomodação, seja pelo que é desacomodado em si ou pelo desacomodamos nas nossas andanças. Um processo vaga mundos. Nômade. É um pouco do que foi compondo esse 'sentido' andarilho, no qual quem escreve se inspira e respira como pesquisadora, para se autodesignar 'andarilha' em paisagens do Sul. Então, quem escreve, a ' andarilha', é quem aqui faz a função de 'cartografar' estéticas de produção de *rexistência* na relação com a loucura, as quais são 'nós' produzidas.

A 'andarilha' é uma pessoa que se implica e às vezes se complica com essas processualidades, pois como não se implicar e se complicar, se a loucura lhe diz respeito? Se suas manifestações podem evocar estigmatizações, preconceitos e até violação de direitos? E se a 'andarilha' mesma pode resvalar nos mesmos? Mexida, em suas 'forças de vida', a fazer alguma coisa em relação a isso, se lançou ao encontro de companhias para essas 'loucuras' de afirmar no campo da vida, social, da 'Saúde Mental', entre outros, a produção de estéticas de ***rexistências***. Do afirmar pela prática que se vive, e também pela escrita.

Das práticas e escrita como formas de existências, de resistências e de *rexistências* aos modos massificadores e que tentam mortificar forças, que insistem em nos afastar do que podemos. E isso se relaciona a saúde, é saúde, mesmo na 'doença', quando há potencialização da vida. Engata-se ao que se chama 'Saúde Mental', que muitas vezes está relacionada ao 'cuidado' direcionado a pessoas em situações de que se sentem ou estão despotencializadas nas suas intensidades de viver, e que ainda, para lhes 'ajudar', algumas vezes são

[80] Figura 33 - Imagem de escrito por Deleuze em diálogos com Parnet. Localizada em DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos.** Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998, p. 51.

estereotipadas como loucas, do que foi construído no processo histórico, seja pela sociedade ou alguns serviços, pois essa rotulação ‘justifica’ muitas ações.

Assim, a ‘andarilha’, contagiada pelo vivido, pelo dito por autoras e autores da vida que foi encontrando no caminho, principalmente nos Grupos Vocais e Associação, e pelos escritos de autoras e autores que teceram uma filosofia diferente, tentou levar consigo para a caminhada ferramentas e os equipamentos que entendia como necessários, pois havia algo a fazer com eles. Tratavam-se de conceitos, de alguns preceitos imprescindíveis e de algumas ferramentas.

Dos conceitos, o da cartografia como referencial de inspiração teórico-metodológico e muitos outros que foi enganchando no caminho conforme já mencionado. Dos preceitos que sustentam o sentido de um trabalho inspirado na cartografia, considerou os apontamentos de Rolnik (2007), ou seja, o de defesa, afirmação e expansão da vida, da ética no processo de produção do conhecimento, da disposição para experimentação, a sensibilidade, a intuição, a percepção, e os afetos. Também, suas formas de escutar com o corpo que muitas vezes se atualizou em sensações e reações. E o alerta que a autora faz, que no caminho há o que se suporta e se muda em si e/ou nas paisagens e o que não se suporta e que pode estancar o fluxo do desejo de caminhar (ROLNIK, 2007) por determinadas paisagens.

Dos equipamentos, por vezes se arranjavam na mochila, máquina fotográfica, gravador de voz, caderno, papel, caneta, lápis, borracha. Geralmente não levava todos esses itens e ás vezes, nenhum, pois em alguns momentos se sentia incomodada, aprisionada em registrar o vivido, mesmo sabendo que seria mais dificultoso receber as ‘bênçãos’ de que o que estavam a fazer também era produção de ciência. Importa mencionar que os registros fotográficos e audiovisuais gerados por nós, há consentimento para o uso, entretanto que a maioria das imagens e vídeos foram acessados via rede social virtual facebook.

Desde já importa registrar que a ‘andarilha’ começa a loquiar desde logo que chega em Pelotas. E o incômodo que sentia por vezes na função de registrar o vivido, também lhe que foi uma pista. Esse incômodo casou com a ideia de ensinar outras pessoas ao manuseio da máquina fotográfica, e por que não? Salvo se não quisessem. Mas, quiseram. Dentre essas pessoas, principalmente o Pai Zé, praticamente é um dos fotógrafos ‘oficiais’ da Aussmpe. Então, esses instrumentos ganharam outro sentido, muito menos nas mãos da ‘andarilha’ e muito mais nas de outras pessoas, noutros ângulos, e aí, sim, se tornaram interessantes! Via que era um gesto pequeno, mas que produzia alegria o aprender a fotografar, a manusear a máquina, a registrar o que se via no que vivia, a fazer brincadeiras, e assim, pai Zé produziu fotos de vários ângulos que compõem o acervo de nossas histórias.

Então, o trabalho andarilho de ‘quem pesquisa’, começou antes de começar, aconteceu pela imersão no cenário, experimentando, vivendo, aprendendo, afetando(se), observando, participando, problematizando algumas coisas, fazendo com, investindo na potência das pessoas, (re)tecendo(se), escrevendo, narrando o vivido, descrevendo-o, mencionando e refletindo sobre o que (lhe) afeta, o porquê e o que dispara. Tensionamos com os canais que ao nosso perceber obstruíam passagens, (re)compondo-nos em momentos de análise grupais nas paisagens que andamos, des**louca**ndo-se das próprias representações sobre a loucura; entre outros movimentos coagenciados, experimentados, vividos.

Também, registrando o que se produzia, por meio da escrita, de imagens fotográficas, vídeos, com vistas a dar visibilidade ao que foi brotando nesse percurso. Soma-se a isso o pedido (in)direto de um companheiro de andarilhagem (SANTOS, 2014), sobre a visibilidade de memórias do (seu) vivido nos coletivos ao desejo garimpeiro da ‘andarilha’, de conhecer como se fabricava o território de pesquisa, o que a levou para algumas escavações nas histórias. E assim, é que foi compondo e narrando das estéticas de produção de r**existências** na relação com a loucura.

Seguiu essa pista, dessa pessoa guias e intercessora, e por isso convidou o passado para habitar o presente da pesquisa. Veio pelas vozes, imagens, vídeos. Mas, veio. Feliz. Abrilhantar, habitar o presente, movente, quente. O passado esteve noutras composições, circunstâncias, superfícies, integra a história da loucura local, regional, nacional, mundial, ao infinito, feito poeira, que evapora, se transforma noutra coisa, ou que vai com o vento, ocupando lugares na existência e a se deslocar com outros ventos para outras superfícies, como os que o trazem para este enredo de uma tese.

A ‘andarilha’ foi experimentando um jeito de andar, um modo de pesquisar, andarilho. Sendo esta uma das pistas, de um corpo que ouvia vozes, dentre elas das pessoas intercessoras e outras, nos convites movidos por afetos e(m) vínculos. Esses fluxos afetivos a encharcaram e a engancharam a caminhar por alguns engenhos que já estavam em movimento, aos quais se lançou a experimentar, como o foi à participação nos grupos vocais Esperança, no Los Lokos, na Comissão de Integração Ensino-Serviço, no Grupo Condutor Regional de Saúde Mental, na Associação de Usuários dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas – AUSSMPE, no Grupo de Oficineiros e Oficineiras, no acompanhar de algumas atividades da política de ‘Diversidades’, no programa Gente como a Gente e a co-agenciar o coletivo Povaréu Sul, as Tendas do Afeto Popular, na Comissão Municipal de Saúde Mental, no Grupo Condutor Municipal de Saúde Mental, no Grupo Autônomo de Articulação em Saúde, nos Mentais

Tchês, nos Orgulhos Loucos, na articulação da força de Luta Antimanicomal, entre outros movimentos.

Esse jeito de pesquisar, andarilho, e por isso também a designação ‘andarilha’, é porque ilustra uma não fixidez em paisagens, mas sim, andarilhagens pelas mesmas que já são outras. Com isso, não se está a dizer que não houve paradas, houve. Em nomadismos, em repousos e movimentos, às vezes atenta ao que brotava e outras nem tanto. As desatenções, um jeito próprio, não criado, não desejado, mas companheiro, contribuiu para um andar um tanto desgrudado das verdades das ‘ciências’ de formação, que por vezes prescrevem condutas, jeitos de ser, jeitos de andar. Tanto o é, que ás vezes uma das pessoas guias diz ‘não faz tratamento no CAPS (ainda) e é mais louca que nós, nem parece que é psicóloga’ (SILVA, 2016). A ‘andarilha’ avisa que essa frase vai aparecer de novo em algum encontro textual, pois é uma frase que fala, fala, falas.

Das palavras articuladas em frases e em parágrafos neste texto que se ocupa de situar quem é a ‘andarilha’, se não quem se move por intensidades existenciais, sendo o porquê do uso desta designação, pelo que se move e como força que facilita a (sua) expressão das mesmas, há o desenho de uma forma de implicação com o andar na vida e com a pesquisa, como formas de ***rexistência*** nas tramas da subjetividade e do biopoder na relação com a loucura, que não faz sozinha, mas articulada entre e com várias pessoas, entre nós. Mas, de onde vem?

“Sem nós, nada somos,
Sem vozes, que(m) somos?[81]

[81] Recado das vozes adaptado, de ‘voz’ para ‘vozes’, como forma de expressar que há várias formas de se comunicar, de se manifestar, que não somente pela fala, bem como considerando as vozes como manifestação da ou na própria subjetividade.

De onde vem?

A ‘andarilha’ vinha de longe. O que trazia na ‘bagagem’? Contágios. Atravessou o Rio Grande do Sul. Do Norte ao Sul. De Ibirubá, Ijuí e Palmeira das Missões, encharcada de ‘missões’ para Pelotas. Cheia de ânimos para experimentar outros ‘cenários’ na vida. Contudo, vinha de um contexto outro. Lá não tinha manicômio. Achava ela! Mesmo sabendo da existência de vários hospícios pelo Rio Grande do Sul, não sabia exatamente quais eram[82], por não lhe serem tão visíveis, pois não lhe eram fisicamente próximos. Mas, mesmo assim, como pensar em redes, em rede de saúde, em rede de atenção psicossocial, em redes de redes, se há manicômios? Que rede seria essa?

Parece visível aquilo com o que se tem contato frequente, visual, imediato, palpável. O pouco visível ou invisível, como o que aparentemente está distante de si. E há o que é invisibilizado, estando próximo, distante, independente da relação que se tenha com algo ou pessoas. No que é visibilizado ou invisibilizado pode haver um arcabouço nesta construção, como estratégia de guerra para manter-se. Também, há os(as) invisibilizados(as) sociais, e/ou os(as) que não se enquadram em todos os processos de normalização, dentre estes(as), os(as) considerados(as) como loucos(as). Alguns/Algumas, mesmo sendo assim, considerados(as), são enquadrados(as).

Entretanto, isso não é suficiente para pensar essa ideia do que se vê e não se vê, pois também se vê a partir das lentes da cognição (e) dos afetos que se carrega consigo e do que lhe é colado como axioma e nas pessoas, no caso, quiçá a ideia de que com a Reforma seria inconcebível a ainda existência de estruturas físicas manicomiais. Por ora, uma ilusão. Essa cegueira, por vezes, é fabricada pelo movimento articulação dos saberes, poderes e modos de subjetivação, mas sempre há tempo de rexistir.

A ilusão como a vivência de um sonho coletivo enquanto distante das estruturas – o processo de efetivação da Reforma Psiquiátrica, mas que a ‘andarilha’, ao se aproximar com a existência de dois na região Sul e outros manicômios mascarados de outra coisa, os quais também se replicam e multiplicam por todo o tecido social, ao encontro do que nos alerta Tykanori, que os modos manicômios não estão somente nas estruturas com essa designação, ‘pularam muro’.

[82] Hospital Espírita de Pelotas; Hospital Espírita de Porto Alegre; São Pedro, Porto Alegre; Clínica Pinel, Porto Alegre; Hospital Psiquiátrico Forense Dr. Maurício Cardoso, Porto Alegre; Hospital Bezerra de Menezes, Passo Fundo; Hospital Vicença Maria da Fontoura ou Amarelinho, Rio Grande; Clínica Santa Tecla, Canoas; Caxias, outros.

Esse é justamente um dos motes que move a ‘andarilha’ e a muitas outras pessoas, a combater os manicômios, sejam os seus e os que estão por aí, enquanto estrutura, prática, concepções e relação com a loucura. Para tanto, na sua acepção, implica na produção de outra relação com a loucura, o que por sua vez, requer outras tantas coisas, e que dentre estas, experimenta a produção de loucuras em paisagens do Sul, como rexistência.

Deste modo, a ‘andarilha’ não se cansa em insistir, em seguir ‘fazendo valer’ os preceitos reformistas e a vida de tanta gente que sucumbiu em instituições totais, como o foi o caso do holocausto em Barbacena, noutros tantos manicômios no país, como o Juquery em São Paulo, Engenho de Dentro no Rio de Janeiro, entre outros, como o foi o assassinato de Marcus Vinícius Matraga, militante social, atuante na Luta Antimanicomial (2016)[83], de Cláudio Souza Adão Lima de Souza, cidadão pelotense, assassinado pela Brigada Militar de Pelotas em situação de manifestação de sias intensidades psíquicas (2017)[84], entre tantos(as) outros(as) invisibilizados, que gritaram por liberdades e que se tentou calá-los(as), mas que estão presentes em nossas memórias e a nos impulsionar nas lutas, bem como as e os que ainda rexistem, vitimados ou não por diversas formas de violência (NOBRE, 2016; LOPES, 2016; BORGES, 2016)[85], se somando a esta luta social, em que a visibilidade é importante como uma forma de resistência às máquinas de poder.

E essa sensação provavelmente não tenha ocorrido somente com a ‘andarilha’, de que os manicômios seriam conhecidos distantes, do passado. Guardava em si, que os mesmos pareciam pertencer a um passado recente. Lá, de onde vinha, não havia enquanto estrutura física com essa denominação. Os desenhos eram outros! Outros e tão iguais.

Envia[va]m as pessoas para os manicômios que haviam noutros lugares, em Passo Fundo, Caxias, Porto Alegre.... ou já na perspectiva da Reforma, para Hospitais Gerais.

[83] Marcus Matraga foi professor, era aposentado pela Universidade Federal da Bahia - UFBa, atuante incansável em causas sociais, dentre elas, a da ‘Saúde Mental’ e ultimamente estava mediando conflitos de terras indígenas na Bahia, ao que provavelmente se deva seu assassinato. Foi lembrado em eventos e sítios da Associação Brasileira de Saúde Mental e Associação Brasileira de Saúde Coletiva. Marcus Vinícius, presente! (ABRASME, 2016; ABRASCO, 2016).

[84] Conforme publicado em rede social sítio ‘Cohab Tablada’ (https://www.facebook.com/cohabtablada2/), em diversas mídia (http://diariodamanhapelotas.com.br/site/homem-com-surto-de-esquizofrenia-e-morto-a-tiros-por-soldados-da-bm/; http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2017/03/homem-e-morto-tiros-durante-abordagem-policial-em-pelotas.html; https://alegretetudo.com.br/homem-e-morto-a-tiros-durante-abordagem-policial-em-pelotas/; http://correiobrigadiano.org/2017/03/08/inquerito-ira-apurar-a-morte-de-doente-mental-por-policiais-militares/; http://www.radiopelotense.com.br/Pagina/11951/23-Homicidio-do-ano-em-Pelotas), ainda que mesmo assim, pessoas vinculadas ao controle social manifestaram desconhecer o fato (CONSELHO MUNICIPAL DE SAÚDE DE PELOTAS, 2017) e ainda solicitar que seja encaminhada a solicitação de informações, o que estava sendo feito em ato. Estranho, não! Quem são os loucos? Os que denunciam as injustiças sociais ou quem ‘não vê’, estando em um local que se deveria defender os direitos em saúde?!

[85] Relatos da violência sofrida nas instituições totais em pelotas nas vozes de Borges, Lopes e Nobre serão apresentados em janela que pinça elementos da historia da loucura local, que se costura a estadual, nacional, mundial.

Provavelmente seja possível encontrar réplicas de práticas manicomiais, já que estas não estão somente nos manicômios e sim nas relações sociais (MERHY, 2016). Há lugares, que mesmo afirmando-se na 'perspectiva' da Reforma, ainda 'trancam' as portas 'pros(as) loucos(as)' não fugirem! De novo, quem são os loucos, as loucas?

A Luta Antimanicomial mostra a que veio. Em muito habita nossas 'mentes inquietas'. Muito já se avançou. Se fechou manicômios, se implantou Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), Serviços Residenciais Terapêuticos, Redução de Danos, Consultório na Rua, Oficineiros(as) na Atenção Básica, entre outros dispositivos e se está em produção da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) na Rede de Atenção a Saúde (RAS), e mesmo que a vida não caiba nestas redes, e que bom, pois é a produção de infinitas outras, a rizomar, seja nas relações consigo, com os outros, com o mundo, é também o SUS acon**tecendo,** é gente vivendo diferente do que seria seu destino sem esse Sistema, sem que a Luta Antimanicomial e o processo de Reforma Psiquiátrica e Sanitária tivessem acontecido. Esse destino poderia ser como o ocorrido em Barbacena e em outros hospícios (que ainda 'vivem') pelo país.

A força instituinte no instituído levou a alteração nesta realidade. Noutras palavras, a infração dos direitos humanos, as denúncias, a Luta Antimanicomial, a necessidade de avançar no marco civilizatório, dente outras, levaram ao fechamento destes manicômios, criando-se outras formas de instituído, como outras organizações, como os serviços substitutivos, como efeito de força instituinte e que a todo momento estão sofrendo a ação das mesmas, como intensidades inquietas ante ao que infringe nos direitos sociais, entre outros. Deste modo, chama-se Baremblitt (2002) para explicação de instituição, instituído, instituinte e organizações, que andam junto com as molaridades e moleculariidades. Para o autor,

> As Instituições são "árvores de decisões lógicas que regulam as atividades humanas, indicando o que é proibido, o que é permitido e o que é indiferente. Segundo seu grau de objetivação e formalização, podem estar expressas em leis (princípios-fundamentos), normas ou hábitos. Toda a instituição compreende um movimento que a gera: o instituinte; um resultado: o instituído; e um processo: da institucionalização. Exemplos de instituições são: a linguagem, as relações de parentesco, a divisão social do trabalho, a religião, a justiça, o dinheiro, as forças armadas, etc. Um conglomerado importante de instituições é, por exemplo, o Estado. Para realizar concretamente sua função reguladora, as instituições materializam-se em organizações e estabelecimentos" (BAREMBLITT, 2002, p.156).

Entretanto, no sentido de se avançar cada vez mais, como forma de criar forças instituídas [e] instituintes para frear retrocessos, não há como deixar de sinalizar que se quer redes de saúde, abertas, dispostas a conectar conforme as possibilidades e singularidades, para se reinventar a todo o momento, a partir dos mais diversos encontros, tipo redes como

máquinas que trabalham para a produção de vida, em que nossos desejos e singularidades não sejam amarradas e esmagadas na lógica da sociedade capitalista.

Estas formas de rede, já acontecem por aí pelo SUS. São redes em que há fluidez, pois são produzidas na e com a micropolítica do viver. São redes que criam e que colocam em análise o que se avizinha como aprisionamentos, seja de quem acessa, seja de quem trabalha, de pessoas em processo de formação, da comunidade em geral, etc.

São redes em que as pessoas podem compor sem dependência, modulações e\ou outros mecanismos de controle dos corpos que por vezes também são operados pelos serviços de saúde. Aposta-se em redes que facilitem o exercício e a produção de 'liberdades', sem deixar de considerar as várias formas de expressão e manifestação da loucura e que na relação com algumas delas 'até pode ser necessário lutar, ainda que nem sempre se vença', tanto o é que a 'andarilha' já perdeu várias batalhas consigo mesma.

'Produção de liberdades' deriva da proposição foucaultiana 'práticas de liberdade', ou seja, é a possibilidade de recusa, nos processos de subjetivação, do que nos é imposto como verdade universal, que nos sufoca, faz restrições a nossa vida (GONÇALVES, 2012). Um exemplo disso é a conotação convencionalmente atribuída á loucura, em suas designações como transtorno mental, doença mental, etc. A isso, além dos preconceitos e estigmas, estão coladas as modulações atuais, de novas formas de controle dos nossos corpos.

Das práticas de liberdade como uma forma de resistência ao poder que pode se tornar dominação. Ainda, como a possibilidade de criamos novos modos de nos relacionarmos com as pessoas, com os diversos elementos da vida, do jeito que considerarmos melhor (GONÇALVES, 2012). Caminha no sentido do que nos sinaliza Foucault (2014), "temos que criar a nós mesmos como uma obra de arte". Como transformar nossas sujeições em desejo de produção de liberdades?

É uma forma de produção de diferenças, singular, que não ocorre somente em si, mas que pode ser de forma coletiva. O próprio SUS pode ser considerado uma prática de liberdade, em relação ao que se tinha como sistema de saúde, efeito das lutas sociais na relação com o Estado que não atendia as necessidades de saúde e respondia as instalações do capitalismo, com o modelo biomédico e hospitalocêntrico, da vida como mercadoria, situações que se modificaram na insistência de outro modelo e relação com a vida, mas que ainda perdura com a ampliação do modelo neoliberal.

Somos fabricados e fabricadas a todo momento, ao mesmo tempo que também nos fabricamos e fabricamos as realidades, os sentidos de viver por isso a importância que cada um e cada uma exercite o 'desamarrar-se das correntes que nos prendem'. É voltar um pouco

para ‘casa’, reterritorilizar-se em provisoriedades, como conectar com o que foi separado de si não necessariamente por si – à potência de cada uma e cada um.

Nas suas intenções de pesquisa, a andarilha queria avaliar, sob a perspectiva de pessoas usuárias, à Saúde Mental na Atenção Básica em municípios de pequeno porte na região norte do Rio Grande do Sul, e também lhe interessava o protagonizado por um coletivo de pessoas, inclusa ela mesma, na composição de uma Associação de Saúde Mental de Ijuí – ASSAMI, da qual, a grafia da sigla lhe remete ao que já está e ainda há por ser superado na Saúde Mental, como por exemplo, os modos manicomiais, com o que essa Associação tem se ocupado desde sua fundação em 28 de janeiro de 2008. Importa registrar que essa Associação também opera com grupos de Auto Mútua Ajuda – AMA inspirados na perspectiva do ‘*Fare Insieme*’.

É importante porque se experimentava a auto e cogestão, não se produzia para, e sim com as pessoas, o que no entendimento da ‘andarilha’ isso era muito revolucionário, dado que muitos serviços de saúde, ainda que tenham a incumbência sanitária, na sua percepção, tem dificuldades de compor, de fazer com, ao ponto que as vezes parece uma guerra de uns contra os outros, por exemplo, pessoas consideradas usuárias contra trabalhadores(as) e/ou gestores(as) e vice-versa.

Sob a perspectiva da auto e cogestão, também se diluía a separação que há entre usuários(as), ou os(as) ditos(as) como loucos(as), os(as) trabalhadores(as), os(as) gestores(as), familiares. Não se sabia quem eram os(as) loucos(as)! Obviamente, todos(as). Mexe com a ‘andarilha’ pois havia espaço para a participação de todos(as), para a realização de projetos de felicidade, em composição, pactuações; também acontecia aposta nas potências das pessoas e incentivo massivo ao protagonismo, o que produzia ecos estrondosos, tais como a pessoa decidir pelo seu desligamento dos serviços de atenção psicossocial e supressão do uso de psicofármacos.

Com isso não se está fazendo defesa ou apologia para o não uso dessas drogas, pois há situações que podem ser necessárias. Se traz essa situação, pois é uma forma de se libertar da **medica**menta**lização** da vida e defender sim, que a pessoa tenha aportes suficientes que lhe facilitem e garantam autonomia referente a medicação de que faz uso e sua necessidade conforme a proposta da Gestão Autônoma da Medicação – GAM (PASSOS, PALOMBINI, ONOCKO et al., 2013). Consiste em um conjunto de informações que poderão ajudar a pessoa na sua relação com a medicação, inclusive repensando-a, com vistas a lhe empoderar na negociação sobre seu tratamento com a equipe ou profissional que o acompanha.

Ainda, produzia outra relação com a loucura, como algo ‘normal’, a falar sobre isso deliberadamente nos mais diversos espaços, libertando muitas pessoas de seus casulos de constrangimentos, medos dos preconceitos, etc. Além disso, era um espaço que acumulava força de luta, do que se queria, defendia. Também, alguma coisa havia por lá, no início, nos primeiros seis meses, mais de 200 pessoas haviam passado por lá, chegavam para um mate, um bate papo, logo, encontros ao inusitado, um lugar de passageiros(as), que trocavam momentos de vida, solidariamente.

Como isso tudo ainda não era suficiente, se conectava a vários lugares, era no espaço da casa, na rua, nos mais diversos locais da cidade e da região, sendo acionados(as) em muitas situações para falas. E faziam conexões com um povo maluco da Itália que operam sob essa perspectiva do Fare Insieme, ou seja, fazer juntos, construir juntos, estar juntos, o que de algum modo aplaca a sensação de solidão muitas vezes vivida e sentida tanto pela ‘andarilha’ como por diversas pessoas nessa sociedade da individualização.

E ainda algo, tão bonito quanto o já narrado, o fato de se ocupar com o(a) outro(a), naquilo que precisa ajuda para travessias de situações na vida. A constituição desta Associação, a parceria com Trento na Itália e a criação da Casa AMA foi uma das loucuras que a ‘andarilha’ contribuiu na construção e sustentação e tem notícias de que é uma máquina em pleno movimento a favor da vida, e que como todas, por vezes há problemas nas engrenagens, mas que ajustam no propósito que se propuseram a caminhar.

Por fim, a participação nesta experimentação acaba sendo um dos pontos de intensificação, um dos movedores nesta caminhada cartográfica, por ter vivido outros possíveis na relação com a loucura, com a vida, com a produção de rexistências, sendo justamente neste sentido que contribui com a Luta Antimanicomial, pois há engajamento na mesma, produção de perturbações nas estruturas manicomiais, nos modos de cuidado, o que é construído na micro e macropolítica das relações no cotidiano como processo de efetivação desta luta, tal qual o escrito em um quadro colocado na porta da Casa AMA “....somos todos loucos, uns pelos outros” (Figura 34).



Figura 34 – Quadro colocado na porta de entrada da Casa AMA, Ijuí, 2008.

Nessas andarilhagens de onde vinha, via muitas coisas, mas dentre elas, uma que muito lhe ‘perturba a mente’, que são os modos de ‘cuidado’, quando a relação com quem demanda por serviços de saúde mental é coisificação, com imposições, controle, freamentos,

infantilizações, desimplicação com a vida da pessoa. Implicar-se não é fazer por e nem pelo outro. É fazer com, desde o seu acesso em qualquer ponto da rede de atenção em saúde, sem sair prescrevendo modos de vida, terapias, mas construindo junto com a pessoa que chega e se for o caso, com familiares e outros afetos. É um desafio que se aprende junto, 'fazendo juntos', que não há receita, que é singular, que é o modo de fazer que inclui o outro e a outra.

Fazer com responsabilização, pois o outro, a outra, podem, nos seus possíveis, assim como quem acolhe, construir e negociar 'caminhos de cuidado', que não seja somente medicamentoso, ainda que se possa precisar de 'drogas', que nem sempre se enquadram no 'cardápio que o serviço oferta', dentre outros. Isso implica saída dos *locus* de proteção de 'saber' e de 'poder', para compor com os 'saberes' e 'poderes' do outro e da outra para a produção de 'liberdades', em um sistema social de espetacularização do corpo e modelização da vida. Coprodução de subjetividades a favor da vida e não do 'capitalismo', pois 'outro mundo é possível', já há desenhos e processos construtivos (Figura 35), 'um mundo em que caibam todos os mundos' e se acresceria, em suas multiplicidades, um mundo para todos os povos e(m) invenções, um mundo sem discriminações pelas diferenças.

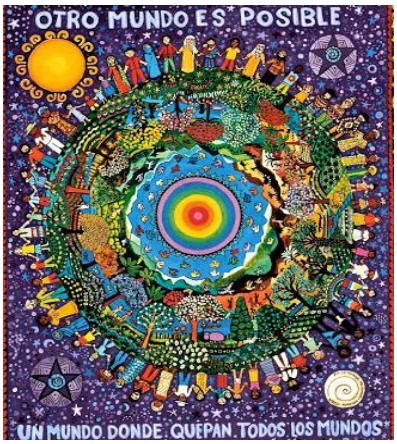


Figura 35 – Outro Mundo é possível.[86]

Os ventos do desejo da 'andarilha' sopraram noutro 'norte'. Eram clandestinos. Contagiados também pelos vírus dos afetos e das lutas noutros territórios existenciais, passaram a circular noutras 'bandas', em paisagens no Sul. Era tempo de experimentar outros territórios. Presume-se, também, como efeito de reterritorialidades nas e dessas militâncias sociais, considerado o experimentado na vida, na defesa do direito a saúde, e o encontro com parceiros e parceiras de várias lutas.

Reterritorialidades é um conceito produzido por Deleuze e Guattari (1992), referente aos processos de territorialização vivido por cada pessoa, coletivos, sociedade. Noutras palavras, é territorializar-se em um lugar que não necessariamente seja físico ou fixo e que não necessariamente significa que se vá permanecer, inclusive subjetivamente. Refere-se a processos de ressingularização. É quase como uma diáspora, dispersão de territórios de dominação, na produção de novos territórios existenciais, como propõem Guattari em 'As três

[86] Imagem disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/-QEDDzcwKKVw/UZhwzqqGSYI/AAAAAAAAAG0/XwGAvZ2eI_Q/s1600/otromundo.jpg>. Acesso em 22 abr. de 2017.

Ecologias' como prática de reinvenção de si e do mundo, no sentido de ressingularização da existência.

Segundo o mesmo, o que está "em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre o planeta" (GUATTARI, 1990a, p. 3), "deve-se adotar uma lógica segundo a qual as coisas não são brancas ou pretas, sim ou não, mas compostas" (GUATTARI, 1990b, p. 36), em busca da alteridade ao invés da uniformidade, de que "o único ponto comum que existe entre esses diversos traços existenciais é o de sustentar a produção de existentes singulares ou de ressingularizar conjuntos serializados" (GUATTARI, 1990a, p. 29). Também não deixa de ser uma forma de produção de liberdade e máquina de guerra.

Também, porque na chegada à região extremo Sul se viu diante da existência de dois hospícios. Dois na mesma região? Sim, dois! E mais uns quantos.... O de Pelotas e o do Rio Grande, um deles teve o nome popularizado pela cor - 'Amarelinho', ainda que atualmente não seja mais amarelo (SILVA, 2016; LOPES, 2016), e já existiu um terceiro e provavelmente outros, como o 'Olívia Leite'. Município com muitas 'loucas' e 'loucos', os(as) que insistem em manter essas estruturas e os(as) que defendem a vida, lutam pelo fechamento dos mesmos e na criação de condições para isso!

Nesta chegada, principalmente quando soube da existência de um hospício tão perto de si, quase relutou em acreditar. Achou que estavam blefando consigo. Sabia da existência de manicômios pelo estado, mas não que um se localizaria justamente em Pelotas. Mas, a 'andarilha' lê isso como um encontro necessário, pois independente do lugar que há manicômios, não podemos estar indiferentes ou se iludir que o tão construído processo da Reforma estivesse andando em velocidades desejáveis, que as pessoas pudessem ter o direito a uma atenção em liberdade, respeitados os princípios da Luta Antimanicomial, dentre eles, alguns que nos são muito caros, o da autonomia, do empoderamento, do protagonismo, da emancipação, da cidadania e da dignidade. Diga-se de passagem, nos quais a gente mais resvala no seu revés.

A partir disso, passa a se indagar o quê, enquanto mais uma das loucas no cenário da existência estava fazendo? E o que estavam fazendo também às pessoas que tem a 'caneta na mão', e essa sociedade?! Seria uma forma de naturalização e/ou onde está a sustentação destas estruturas? Com o tempo percebeu que não são as únicas na contramão da Reforma, e sim que há muitas outras, tanto como estruturas ou como concepções na relação com a loucura. As instituições totais existem como lugar de asilamento, segregação e como forma de esconder o que a moral social rejeita, exclui. E as manicomialidades estão diluídas no tecido social, por vezes, costurando-o.

Desde então, se moveu e se envolveu de algum modo no que se relaciona com tensões para o fechamento do Hospital Espírita de Pelotas. Neste processo vive de desânimos e esperança. Desânimos pela sensação de ás vezes se sentir sozinha nesse desejo. Contudo foi aí que entendeu que provavelmente havia naturalizações e que o problema por assim dizer, não necessariamente eram somente os manicômios estruturas. Está penetrado por vários lugares. Além disso, de que em muitas situações, os desejos estão colonizados ou são belas conversas sobre a Reforma Psiquiátrica e a própria Luta Antimanicomial. São formas de agir, mas e aí, vão somente até aí?! Além disso, por vezes predominam as paixões pela área de formação, ao invés da insistência na garantia de direitos sociais, engajamentos na produção de liberdades e dignidades, como se esta não tivesse a ver com isso, o que o pode ser por não se sentirem afetados(as), lá onde as 'águas' não alcançam o desejo, ou que pode estar dominado por outros sentires e viveres.

E o sentimento de esperança brota quando percebe movimentos *menores* [leia-se com potência revolucionária], quando testemunhou alguns aconteceres, tais quais: na época uma corajosa[87] acadêmica do curso de Terapia Ocupacional da UFPel fez registros fotográficos do funcionamento do Hospital Espírita e desabafou, escrachando em rede social das condições insanas deste local (Anexo A, B, C), a qual sofreu retalhações por isso, tanto pela referida instituição como por algumas pessoas do próprio Curso de TO na Universidade. O Hospital Espírita solicitou que apagasse o que havia publicado, o que não o fez. Resistiu. Afinal, de que adiantava aprender sobre a Reforma e na prática ser conivente com manicômios, do mesmo modo que eram essas e outras áreas da Universidade, seja na realização de estágios, seja na transferência de recursos públicos que poderiam ser direcionados a potencialização de vidas na rede de saúde.

Deste modo, o referido Hospital a processou exigindo o pagamento de mil reais por dia, ao que a mesma se defendeu judicialmente e teve ganho de causa quanto ao que fora acusada (de não ter 'autorização' para a postagem e registro de imagens), entretanto eram as armas que ela dispunha para não se sentir conivente com o presenciado naquele espaço. Até porque, de que adianta conhecer a História da Loucura, o movimento da Luta Antimanicomial e o processo da Reforma Psiquiátrica e Sanitária e ser conivente com práticas segregacionistas e absolutamente manicomiais? Que formação seria essa, se não fizesse valer o que a afetou como aprendizado? Por mais Rahizas no mundo. Sustentou seus propósitos, tal como escreve

[87] Corajosa como forma de não ser incoerente com o que aprendeu e sentia e nem indiferente ao que via, foi fazendo registros fotográficos da realidade que presenciava no sanatório Espírita e poderia sofrer punições em ato.

Guattari (1986, p. 16) sobre ‘ser revolucionário’, que consiste em “dizer a verdade, lá onde estão, nem mais, nem menos, sem tirar nem pôs, sem trapacear”, quando a pessoa se sente disposta a mergulhar com tudo, no que der e vier, de ir até o fim, aconteça o que acontecer”.

Na época tínhamos o coletivo Extremo_SUS e fomos acionados pelo nosso histórico com VER_SUS. A situação nos foi compartilhada, bem como os detalhamentos e encaminhamentos quanto a mesma e procuramos nos mover em ajudar e a sustentar isso, conforme o que a estudante na época fosse nos demandando. Era o que brotava como denúncia e necessidade de avanço no fechamento desta instituição, em consonância aos preceitos do que move a Luta Antimanicomial e o processo da Reforma Psiquiátrica. São forças instituintes que vão produzindo fissuras nas estruturas. Podem ser pequenas, quase invisíveis ou invisibilizadas, mas que estão produzindo diferença. Já são alterações na história da loucura em Pelotas.

Além disso, em várias manifestações, não somente nos 18 de maio, se foi deixando o recado ‘por uma sociedade sem manicômios’. Um desses exemplos, como forma de ilustrar, mais recente desde o início deste período cartográfico, foi considerar o dispositivo festa de Páscoa, que seria realizado no dia 25 de abril de 2017, disparado pelo Centro de Atenção Psicossocial Porto, que acionou o Coletivo Povaréu Sul, ‘Os(as) amigos(as) que militam juntos(as), o Grupo Autônomo de Articulação em Saúde - GAAS e que se propôs que fosse uma construção em parceria também com a Aussmpe. Objetivava-se que seguíssemos fazendo esses movimentos, a estar sempre dizendo sobre umas das perspectivas que nos movemos em nossas vidas, criando rexistências e territorializando esse posicionamento de uma sociedade sem manicômios, que entendemos como ético, estético, político e social (Figura 36).



Figura 36 – Um dos cartazes de divulgação da Tenda do Afeto Popular em parcerias, que ocorreria em 25 de abril de 2017.[88]

Mais desses aconteceres tensionais estarão presentes noutras páginas hospedeiras de textos, pois entende-se cada movimento de tensão, como a produção de rachaduras nas estruturas e nos modos manicomiais, por onde (se) caminham as pessoas que se envolvem com a produção de diferença e que ás vezes coincide com a Luta Antimanicomial. Forças instituintes, moleculares, nos instituídos,

[88] A Tenda não foi realizada devido a nuances climáticas.

molares, a fim de produção de outras relações com as (nossas) loucuras e principalmente, de despatologização, medicalização e medicamentalização da vida.

Vontade infinita de demolir ambos. A ‘marteladas’. Seria a próxima a habitar um ou outro, ou um forense por ‘tamanha insanidade’. E as pessoas que lá estavam, que lá estão, e que continuam sendo encaminhadas aos mesmos, sendo que já se produziu tecnologia suficiente para se prescindir dessas estruturas, como o são\ou podem ser, os Serviços Residenciais Terapêuticos, a criação da função ‘Acompanhantes Terapêuticos’, dentre outros mecanismos de desinstitucionalização? O que mantém esse modelo vivo? E o hospício em Pelotas?

As ‘marteladas’ não são nas estruturas físicas, mas nas concepções ‘manicomiais’ que ‘caminham’ em nós, pela sociedade e no discurso hegemônico sobre a loucura. A ‘loucura’, quiçá seja, trazer a ‘loucura’ pra cena de novo e de novo como uma das formas de nossas expressões humanas, em tentativas de desgrudar o que lhe foi colado como sentido único e por mais loucuras de produção de diferenças.

Há um processo de desinstitucionalização em curso, em avanços e retrocessos. Mas será que Pelotas não ficou sabendo? Ficou. Tensionou. Foi pioneira em vários aspectos na Luta Antimanicomial e Reforma Psiquiátrica, como nos contarão a seguir algumas folhas que hospedam fragmentos da ‘história da Loucura em Pelotas’, pessoas que viveram esses momentos neste solo. Entretanto, vários são os fatores que interferem nestes processos, tais como a relação com a loucura, o discurso sobre a mesma, a cultura, as políticas de Estado, políticas de governo, vontades políticas locoregionais, as lutas sociais, concepções de saúde e loucura e a ‘loucura’ em fazer diferença.

Tanto o é, que se indaga, se por acaso, não seria o ‘causo’, de prescindir destes ‘equipamentos’ ‘HEP’ e “Amarelinho”, escrachar os ‘mascarados’ de casas de acolhimento, colocar em análise a função dos serviços de atenção psicossocial, pois a ideia não é que substituam os manicômios, reproduzindo as práticas, mas pensar em serviços mais flexíveis e menos burocráticos, no investimento noutros dispositivos, como Redução de Danos, Consultório na Rua, Serviço Residencial Terapêutico, entre outros? Essas ações e outras, poderiam ser uma forma de forçar outros desenhos na rede de atenção à saúde, na comunidade, na relação com a loucura. Mas, há forças e forças em relação, e nestas, umas podem em determinado período, por diversos contingentes, se sobreporem as outras, como o que vimos acompanhando nas políticas ‘governistas’ municipal, regional, estadual e nacional.

O que acontece que vai, mas volta na conversa sobre manicômios? Seria alguma forma de captura? Se foram séculos deste modelo como se desvencilhar disso, dentre as mais

diversas formas, se não escrevendo sobre, já que experimenta com frequência a sensação de impotência diante da constatação de sua proximidade aos mesmos, dentre outras situações já mencionadas por aqui. Também, cegueira. São fortes as ‘cores’ das instituições. Há uma virulência de modos manicomiais nas relações de ‘instituições’ e situações asilares, comunidades ‘terapêuticas’ (só não se sabem a quem e pra quem e nem o que estão entendendo por terapêutico; ou melhor, se ‘sabe’!). Mas há também resistências. Escrever é um desses atos, de rexistências.

De todo modo, impulsiona a que se perguntasse o que justificava a existência dos mesmos [e não somente destes] depois de quatro décadas de luta, duas e meia de implantação do Sistema Único de Saúde e uma e meia de nacionalização da Lei da Reforma Psiquiátrica? Um pressuposto empírico e teórico relaciona-se a relação que se tem com a loucura, não somente como concepção, mas como o que sustenta essa relação. E também o que está em jogo na sociedade e Estado, o que ‘vale’ a vida? E quais vidas valem em uma sociedade que a tem como mercadoria? Está no pano de fundo desta produção ‘de que algumas vidas valem a pena e outras não (MERHY, 2016), alguns elementos, como o sistema capitalista, o patriarcado, o utilitarismo, (a)fundamentalismo, o modelo de sociedade neoliberal, entre outros aspectos. Inevitavelmente podem produzir sofrimento e [este também como] reação.

Sofrimento pelo esmagamento, pelo que coloca a vida em risco e reação, pois há uma imanência da vida, que brota, que resiste, rexiste, se reinventa, e ativa forças combativas a essas hegemonias, pelo cuidado de si, dos outros, das e com as coisas do mundo, alterando-as com o tempo e também com o custo, em algumas situações, das próprias vidas, mas por acreditar que é possível, dá para ser diferente, é uma outra subjetividade, que a vida ganha outro sentido, que é por um bem maior e bem de si. A história é a prova dessas reações, eis os processos de Reforma Sanitária, Psiquiátrica e das lutas sociais.

O que produziu a Lei e o processo des_institucionalização dos loucos e da loucura? Sob um pressuposto empírico, se relaciona as forças instituintes, que são movimentos moleculares, que fizeram fissuras nesse modo hegemônico e instituído de relação com a loucura (que alteraram, de algum modo, a ‘ordem’ do discurso). Acresce-se outro, de que a garantia de acesso a serviços de saúde mental e mudanças de concepções sociais sobre a loucura não seriam suficientes para o quê a andarilha se colocava a caminhar, justamente porque ainda patologizam, medicalizam e medicamentalizam a vida.

São necessárias outras relações com a experiência da loucura, dentre elas, a defesa do direito a mesma, da loucura em liberdade, da liberdade de viver a (própria) loucura, da não banalização de expressões humanas quando coincidirem com sofrimento, da loucura como

forma de ***rexistência***, como manifestação da singularidade, pois não se trata de normalizar a loucura e nem a vida. E também, que essa mudança de relação, de modelo de saúde, também implica no de educação, sociedade e Estado.

Então, é o exposto aqui e do que não cabe nestas folhas, de onde vem a andarilha e o que traz consigo disposta aos encontros, como o foi com o morador da maior das casas, narrado a seguir.

O encontro com o morador da maior das casas...

A 'andarilha' andava pelas ruas na cidade. Buscava o campo, distante. Queria ver o pôr do sol, muitos prédios a sua frente. Buscava fazer o que recordava familiaridades com feitos em lugares já vividos. Perdendo-se muitas vezes. Em rumos inversos ao planejado.

Certa noite, na escuridão de ruas pouco iluminadas, alguém diz, 'te acompanho'. Assustou-se. Mas pensou, porque não experimentar andar acompanhada de alguém que habita a maior das casas, a rua?! E foi conduzida até o seu destino. Em segurança. Já não se recorda o nome da pessoa. Até nem sabia que a traria para essa história. Ela simplesmente veio. E habita, não só a rua, mas um texto. Há pessoas que são guias. Nos guiam porque 'mostram' o caminho. Costuram conosco (n)o mesmo. Nem sempre nos percebemos fazendo isso. Nem nós, nem elas. Mas fizemos. Juntos(as). Quiçá imaginava que aí havia várias pistas para os seus caminhos.

A 'andarilha' trouxe o 'morador da maior das casas' para esse texto, porque se sentiu afetada, se sente afetada quando encontra pessoas que vivem na rua. Algumas dessas pessoas podem até lidar bem com isso, desejar isso, e talvez nem se sintam afetado por essa situação. Há quem consegue naturalizar isso, ignorar, invisibilizar isso no tecido social, pelos seus mais diversos motivos, incluso o de que talvez lhes sejam tão insuportável, que se ignora. Mas, a 'andarilha' não consegue, nem como estratégia de defesa. Na 'andarilha' dói. E devido a isso, muitas vezes se conecta com pessoas que vivem nas ruas. O 'Morador' foi uma delas. Mas a questão nem é tanto essa, é o capitalismo e as relações que vão produzindo exclusões e vidas que tem e não tem valor.

Ainda, 'a andarilha' se move, se envolve, se implica e até se complica, pois tem dificuldades de lidar onde e onde presume que haja sofrimento no outro. Mexe com as suas intensidades, sente-se ás vezes arrancada de si, por uma força que quase não governa, ainda que em momentos seja necessário lutar contra ou canalizar noutros lugares, como na escrita de uma tese, por exemplo. Algumas pessoas próximas a 'andarilha' às vezes lhe dizem, que

quando é ou se sente acionada pelas pessoas e(m) coletivos que andamos por aí juntas construindo caminhos, 'que larga tudo que está fazendo e vai'. Essa força é intensa e quase impulsiva. Para a 'andarilha' tem relação com o que pode promover vida em um âmbito micro e macropolítico.

A pessoa que vive na rua pode ser até mais feliz do que alguém que seja 'proprietário' do que fica entre as ruas (casas, prédios, etc), mas que isso não sirva para justificar ou endossar a naturalização disso, pois se entende que se sentir feliz é algo singular, não necessariamente vinculado ao 'ter' e que deveriam ter os mesmos direitos de habitação, alimentação, saúde, etc que qualquer outra pessoa. Uma coisa, é a pessoa viver na rua por opção, o que deve ser raro, e ter algum teto para onde voltar, se alimentar, outra é não ter nada disso, e estar a mercê de diversas formas de violações. E quem vive na rua, pode sofrer em detrimento disso, ou esse viver já ser efeito desse sofrimento e ou de suas variações de intensidade, ou outra coisa.

E se escreve isso não para patologizar essas pessoas, ao contrário, mas para denunciar essa sociedade doente que produz desigualdades, iniquidades, vulnerabilidades, violências, sofrimentos do que é de nossa condição humana e tantas outras coisas que vão fazendo ruir a vida.

Essas situações se conectam as loucuras que se faz por aí, que podem ser nominados como pontos intensificadores de vida (AMARAL, 2017) a exemplo do rizoma (Figura 1), que se conectam de algum modo, seja na força inventiva, pelas forças instituintes, em reverberações na vida das pessoas, das instituições, nos grupos, nas organizações, em que vai se agenciando encontros ou que vamos sendo agenciados. É a molecularização.

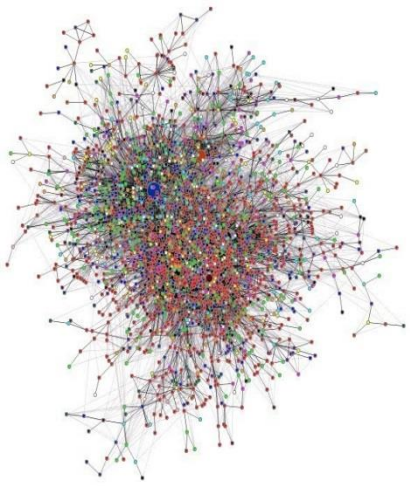


Figura 1 – Rizoma[89]

Tais como, por exemplo, no que segue-se empreendendo nas lutas sociais, pelo Coletivo Povaréu Sul, nos seus compassos e descompassos, no agenciamento de zonas autônomas provisórias, principalmente nas Tendas do Afeto Popular e em outras frentes (Frente de Luta da Pós-Graduação da UFPel ante ao Estado de exceção que estamos vivendo, Grupo de Autônomo de Articulação em Saúde Mental – GAAS), no envolvimento com

[89] Figura 1 - Imagem disponível em: <https://www.rebelmouse.com/timoteopinto/fnords-platos-desterritorializacao-rizomas-e-esquizofrenia-deleuze-gua-1154174486.html> Acesso em 29 de abril de 2017.

práticas que se entende como de produção de vida, forças para o viver cotidiano e para essas lutas – Grupo Vocal Esperança, Los Lokos e Associação de Usuários(as) dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas – Aussmpe.

Também com a inserção em espaços gestão vinculados de algum modo a maquinaria de Estado, como a Comissão de Integração Ensino-Serviço, o grupo de Oficineiros(as), o Grupo Condutor Regional de Saúde Mental, o Grupo Condutor Municipal de Saúde Mental, e de 'controle social' que acontecem (in)dependente de que se agenciem (n)os mesmos, (n)as Conferências de Saúde, (n)o Conselho Municipal de Saúde e (n)a Comissão Municipal de Saúde Mental, etc.

As lutas sociais tem por intento a construção e sustentação de direitos que garantam a vida, não só humana, mas planetária e com dignidade. Isso pode soar como demasiada utopia ou uma tremenda loucura, mas lembrando que são os(as) loucos(as) que empurram a humanidade pra frente (KEROUAC, 1969), pois à máquina capitalista não interessa a vida. Interessa só como mercadoria. Essa conversa nesses parágrafos é para dizer que a implicação com quem vive na rua e não só, é porque há uma máquina social produzindo, a qual integramos, e nosso desejo, é de que as pessoas tenham dignidade no viver, que essa experiência passageira chamada vida, seja digna na experimentação de cada um(a), na produção de outros valores nas relações entre as pessoas e mundo que se vive.

O 'Morador' também passa a sensação de liberdade que se avizinha a loucura de experimentar (des)territorializar-se, conforme se vai vivendo e colhendo no caminho. Liberdade de andar livre. Livre para conectar ou não, conforme a variação das nossas intensidades e do que interfere ou não em nossas potências de vida. Então o 'Morador' interferiu nas intensidades da 'andarilha', nas suas impotências, guiou a 'andarilha pelo caminho porque também ela se permitiu que ele o fizesse, costuramos juntos, e essa experiência segue reverberando. Às vezes tem vontade de reencontrá-lo, o procura noutras faces, mais nunca mais o viu, foi único, assim como o momento!

Então, mexeu com suas águas de dentro. Intensificou vidas. Colocou em movimento. Moveu com suas engrenagens de dentro. Impulsionada, a 'andarilha' associa o vivido a metodologia, pois dá pistas que orientam os rumos da perspectiva cartográfica, que é de algum modo, um viver nas ruas, sem teto e sem chão, que se vai construindo ambos nos encontros que acontecem, na maioria das vezes imprevistos, com variações de intensidades, que interferem nas suas potências de viver, alterando-as, diminuindo ou aumentando, ás vezes como máquina de guerra tentando sobreviver e outras como vida intensificada.

O ‘Morador’ deixou-lhe alguns’ recados’: que noutras ‘escuridões’, o encontro pode ser com moradores(as) de infinitas ruas, que saúde se relaciona a uma complexidade de fios e fluxos e fluxos, de pontos intensificadores que podem ser potentes para a transformação da realidade, na qual, as condições de vida e as mais variadas experiências também podem influenciar, e de diversas formas.

O que interessa é a invenção, afirmação, ampliação e intensificação da vida, conforme as singularidades de cada um(a) e coletivos, com os elementos que se dispõem para lidar com o que nos acontece, bem como na produção de ‘saídas’, invenção de possibilidades de vida no viver. No que tange ao sofrimento, o humano pode sofrer devido aos diversos fios e linhas em que vai se produzindo e que vai produzindo, como por exemplo, efeito das opressões cotidianas, das mais diversas formas de violência, das condições de vida, meio que vive, etc, enfim, do que vai se atravessando e se ‘articulando’. Noutras palavras, quando não consegue efetuar a sua ‘natureza’, leia-se potência ou força de agir, devido ao externo a si (ULPIANO, 1988), dado que é da natureza humana a efetuação da sua potência. Entretanto, maquinarias podem separá-lo do que pode.

Nesta ‘esteira’, acaba se conectando ao escrito de Delgado (2016, p. 1) em relação ao Dia Mundial da Saúde Mental, ante a declaração da OMS quanto aos desafios que seguem para a Saúde Mental no mundo – ‘dignidade da pessoa que sofre e familiares, combate a estigmas, integração com a saúde em geral, atenção comunitária, acolhimento às pessoas em situação de experiências traumáticas’. Ainda, o autor alerta que no Brasil muitos dos sofrimentos psíquicos também têm relação com as mais variadas formas de iniquidades sociais, nossa ‘mais grave doença’ como afirmam Buss, Filho (2006).

Essas menções ratificam que saúde não é mesmo ausência de doença, que pensar e agir assim seria simplificar as questões e sinalizam que, de algum modo, é necessário avançar nas políticas sociais e inclusivas (DELGADO, 2016), e que serviços, a formação em saúde, a Luta, entre outros, precisamos nos ocupar também com o que leva e/ou pode levar ao sofrimento humano [para além do que é inerente ao viver].

Também, esse encontro coloca em questão a verdade hegemônica sobre a loucura, pois a ‘andarilha’ passa a se indagar ‘quem somos os(as) loucos(as)’ que produzimos uma sociedade que exclui as pessoas e que ás vezes por viverem na rua sofrem outras tantas exclusões, como o que vem acontecendo pelo país a fora com ações de higienização, ou seja, se expulsão destas pessoas da rua, como se fossem coisas, sendo que são ‘gentes como a gente’. E essa história não nos é estranha na história da loucura, pois muitos de nós, os(as) loucos(as) também fomos segregados nesta condição. Atualmente, isso tem recaído sobre as

pessoas que vivem na rua e fazem uso de substâncias psicoativas, o que muitas vezes lhes é estratégia de sobrevivência, que são enviadas a várias formas de manicômios.

Então, esse encontro com o morador da maior das casas provocou redemoinhos nas (suas) águas andarilhas, as quais trans**bordaram** e povoaram su**as** margens, produzindo-se outra. A fez pensar sobre onde estão os manicômios? Quem são os(as) loucos(as)? Que sociedade é essa que estamos construindo pra viver, que vivemos e que temos andado 'enjaulados(as)'? Qual o valor da liberdade? Essas questões se somavam ao que pulsava em seus pulsos, a força da vida, de seguir com a implicação de disposição ao aprendizado dos encontros, a transformação de si e social.

'Águas' que movimentam o 'engenho de dentro'[1]



[90]

São essas águas - de andarilhar, de se sentir afetada, de não conseguir ficar indiferente à algumas coisas, de como foi á chegada em Pelotas, do que trouxe consigo nas bagagens em coexistência com o que se escreve nestes textos, do encontro com o morador da maior das casas e outras, do encontro com outras pessoas que também não conseguem estar indiferentes ao que acontece, que movimenta(ra)m seus 'engenhos de dentro'. São águas que nas curvas das ondas e das estradas, visualizam-se possíveis, como o brilho do sol (Figura 37). São as tantas vozes, de tantos lugares. Vozes e rastros desses encontros, do vivido, do vivendo, em movimento, ao mesmo tempo em que essa 'andarilha' vive meio inquieta, pulsante, alegre, incomodada. 'Loucuras' de quem (não) é 'normal'!?

Dentre as 'vozes', as das condições de vida associadas aos processos de modelação do capitalismo podem intervir no viver das pessoas, produzindo sentimentos, dentre eles de sofrimento, quando a pessoa não consegue se enquadrar, se sente despotencializada, diminuída na sua potência de agir. Há também outras vozes, que dizem de possíveis, de

[90] Figura 37 – Águas que se movimentam. Do acerto de fotos da 'andarilha' das andanças pela beira da laguna dos Patos, Laranjal, Pelotas/RS.

intensificação da vida na contramão das forças hegemônicas, que se alimentam de tristezas, medos, manipulações.

Por exemplo, as ‘vozes’ das Vivências e Estágios na realidade do Sistema Único de Saúde – VER-SUS/Brasil, que tem sido um disparador de transformação em ‘corações e mentes’. Defendem a construção do SUS como o viabilizador da saúde como um direito, desta como um bem social essencial e intransferível, em coprodução com outros direitos. Diziam ainda, que nos territórios que se vive, ou que se tenha a pretensão de viver alguns momentos da vida, no caso municípios, pode ser importante conhecer e se ocupar de lugares com a incumbência de garantir esse direito, tais como serviços de saúde, espaços de controle social, de gestão, e(m) articulado com movimentos sociais, constituídos ou em constituição, com(o) zonas provisórias de e em movimentação e transformação.

Os VER_SUS surgem como uma política de governo estadual permeada de flexíveis o que viabilizou muitos protagonismos nas suas feituras, depois se nacionaliza sob esta mesma perspectiva. Na alteração de governo, começou a ser suprimido o financiamento e a realização do mesmo aconteceu sem depender destas maquinarias. Na retomada de um governo de esquerda, acende-se novamente essa proposta em âmbito de estado e Nação, entretanto com atravessamentos de redes colaborativas que interferiram em muitos avanços, inclusive no protagonismo com as formas de controle, ocorrendo VER_SUS em série, não sem efeitos, mas que efeitos?

Alguns VER_SUSs, a depender da proposta e método, podem ser considerados como um ponto de intensificação, de produção de subjetividades e transformação da realidade, dado a sua estética ético – política instituinte, de uma força que ao mesmo tempo em que leva a conhecer realidades brota nas mesmas, transformando a si e as mesmas, e que tende a produzir alterações nos cenários da existência. São experimentações, as quais intensificam raspagens nas máquinas dos modos de subjetividade dominante que insistem em andar colados a nós, produzindo-nos.

Os VER_SUS tendem a produção de subjetividades, com forças de recusa a esses modos, combativas, moleculares na micropolítica do viver, tanto o é, que foram encontrados poucas publicações em artigos sobre o tema (VALENÇA et al., 2014; LIRA-NETO et al, 2013; MENDES, FONSECA, BRASIL et al, 2012; ALVES, CARDOSO, DIMKOSKI, 2005), talvez seja uma recusa a cair nas malhas do produtivismo acadêmico. Contudo, obviamente, também por outros fatores. Entretanto, é necessário que essas experiências ocupem, disputem com a produção hegemônica, como forma de ir alterando essa estética, o

que a ‘andarilha’, mesmo tendo realizado VER-SUS pouco fez. O fez com algumas companheiras e companheiros das andanças.

Se conecta nestas águas que caminham com a ‘andarilha’ em conexões com outras águas, rios e mares, por ter sido na realização dos mesmos, várias vezes, desde de 2004 até 2014 e tentativa de reacendê-lo em 2016, que a ‘andarilha’ experimenta o exercício da cogestão, da autogestão, e seus efeitos, intensos, alegres, alguns doídos, práticas que incitaram reformas em si. Também, como experimentação na construção de outras realidades, na tentativa de reparar vácuos na formação em saúde e afins, na articulação com movimentos sociais, no modo de protagonizar discussões na relação com gênero, LGBTT, loucura, criminalização e normalização da vida, modos de sociedade e saúde em disputa, denúncias de inconstitucionalidades no acesso a saúde, entre tantas outras coisas que iam sendo construídos e disputados coletivamente.

Dentre o experimentado pela ‘andarilha’ nestas vivências, o afeto é um movedor que nos liga, as pessoas que conviveram mais intensivamente, em qualquer lugar onde estivermos, que muitas das forças instituintes das Vivências não conseguiram desviar da captura pelas forças do Estado, pelo molar, e que as linhas de fuga reverberaram e reverberam até a atualidade. Dentre estas, a de que VER_SUS é uma máquina de produção de subjetividade e também de intervenção na realidade, tanto que são muitas as vozes que disseram, em vários momentos, não como massificação de um dito, mas pelo que reverberou - ‘o VER_SUS foi um divisor de águas na minha vida’.

O VER_SUS contagia. É o encontro imprevisto e de imprevistos. É a produção de conexões. E a sensação da ‘andarilha’, é que mesmo recebendo muitas vacinas de hegemonias sociais, o vírus versusiano insiste em se manifestar e a nos deixar insossegadas e insossegados, a não perder nossa capacidade de indignação e movimentação. Esse insossego relaciona-se muito ao que a ‘andarilha’ ouviu na voz de Nise da Silveira, o que a mesma havia lido em Artaud, em um vídeo no final do filme que leva seu nome, disponível publicamente, de que ‘há dez mil modos de ocupar-se da vida e de pertencer a sua época’, como havia lido em Artaud. Ao ouvir essa frase, a ‘andarilha’ concorda e segue querendo não pertencer de modo indiferente a sua época e pensa que nem, provavelmente, muitas das pessoas andarilhas que foi encontrando pelo caminho. Um tanto no que expressa Ítalo Calvino em Cidades Invisíveis escrito em 1972,

> Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: procurar e reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço (CALVINO, 1990, p. 150).

Movida por essas vozes e outras das lutas e pelos ‘rios’ da vida, na tecedura dos direitos sociais, gritava-lhe uma especificidade, de que, em caso de necessidade, e somente em caso de necessidade, estivesse garantido a nós, as pessoas, o acesso público a serviços de saúde, sem o desfecho de constituir-se em mais uma forma de controle dos corpos ou de mercantilização da (nossa) vida. Mesmo que se pergunta, e haveria como?

Também, mais uma voz estava a lhe perturbar, a insistir que cumprisse ao seu comando, de experimentar que a produção do conhecimento e da vida acontecessem de forma indissociada (SANTOS, 2002), o que outras vozes reforçaram nos encontros das disciplinas ‘Saberes e práticas em saúde mental’ e de “Epistemologia das práticas sociais em saúde e enfermagem” ofertadas pela professora Luciane Prado Kantorski no primeiro semestre de 2013.

Essas vozes foram pistas para se mergulhar em realidades, se desbravar noutros referenciais de estudo, mesmo ainda não tão familiares a si. Acrescia-se a isso, a vontade de experimentar, que lhe é motor de movimentos, mesmo sabedora que andar por ‘terras’ não conhecidas, por vezes, pode ser arriscado, mas a questão não era essa, e sim o prazer de andar! Lá pelas tantas, se arrebentou toda, está juntando os pedaços. Um corpo não é só o que aparece. Um corpo não é só um organismo, o espírito de um corpo não se reduz a alma (DELEUZE, GUATTARI, 1995), é o que não se reduz a coisa alguma, é muito mais. São vários os fios que (o) orquestram. Já dizia Eduardo Galeano (1981) que ‘é uma festa’. É o efeito de um campo de forças, que nos afetam e se fazem presentes em nós como sensações e que afetamos (ROLNIK, 2011).

Foi este corpo ‘andarilho’, malucado, que foi encontrando e sendo encontrado por singularidades, que seguiu vagando com as mesmas, acompanhando seus passos, e (nos) construindo realidades nas nossas andarilhagens. O corpo foi pista e guia, guiado pelos afetos, naquilo que se sentia afetado, convocado, potencializado ou não. Mas, foi e é com esse corpo, que a ‘andarilha’ anda, em conjunto com outros corpos. Corpo entendido não separado o orgânico e a subjetividade, mas como um corpo que pensa, um corpo de muitos corpos, que não se situam somente nos contornos que dão forma a um organismo, mas como um corpo móvel, de fluxos, percorrido por intensidades (DINIZ, 2008). Então, foi nesse corpo andarilho que as águas da vida bate(ra)m, passa(ra)m, atravessa(ra)m, constituiram-no por alguns momentos, se mistura(ra)m as suas, e que inquietas o incitam a movimentos.

É deste modo, que neste mesmo ano de 2013, seguia na luta compartilhada quanto à defesa dos direitos sociais, principalmente o da saúde, tanto que as pessoas nesta ‘marcação’

se designam\ou são designadas com frequência como ‘militantes do SUS’ e\ou ‘mentaleiras’. Se faz necessário afirmá-lo sob uma perspectiva reformista, não só de reformas em áreas como a psiquiatria, psicologia, e outras ‘ias’, e\ou estruturas, mas no modelo manicomial segregacional que ainda nos habita.

O intuito é de primar pela afirmação da produção de liberdade e inventividades no cenário da existência, de que nós, as pessoas, independente da situação que nos encontramos, decidamos por nós, e por si, o que nos é melhor, de que não nos seja ‘roubado’ o melhor ‘remédio’, que não necessariamente depende de serviços de saúde, mas que se houver necessidade, estes estejam de portas abertas, para se passar, com entradas e saídas, e nesta perspectiva da ‘liberdade’!

Essas águas são linhas flexíveis, de fluxos que dizem do que move a ‘andarilha’ e de como entrou e foi se envolvendo com engrenagens em movimento que mexiam com seus engenhos de dentro e(m) transbordamentos. Mas, porque essas águas movimentaram seus ‘engenhos de dentro’? Águas que não conseguiam ficar indiferentes ao que se vivia e sentia? Que seria isso? Que seria esse movimento? Se não o de se sentir afetada pelo vivido?! Se não movimentos do desejo?! O que os intensificaram? Por acaso, tratava-se de implicação?! Das que quem chega, que entra pelo meio de processos em curso, que no conjunto vamos transformando-nos? De processos que pedem o toque de uma ‘melodia’ para suas produções e traduções?

Quem chega, entrou pelo meio....

Essas muitas linhas da chegada e(m) Pelotas, de ‘quem chega’, de onde vem, das suas conta**minações**, das suas in**quietudes**, do encontro com o morador da maior das casas, foram bord(e)ando o trajeto que culminou no contato com outras existências em 2013, com as quais sentiu que cantávamos de modo diferente, pois somos diferentes, as ‘mesmas e diferentes canções’. São algumas das pistas de como nos encontramos, no desenho do território de pesquisa, na produção da questão de estudo, pelas paisagens que se foi vivendo!

Então, quem chega ‘entrou pelo meio de processos em curso’ (BARROS, KASTRUP, 2009), que em princípio não habitava, engajando-se, pois houve receptividade afetiva, e passou a compor junto, por pelo menos, um momento de nossas existências, acompanhando e

construindo realidades uns\umas com os(as) outros(as), sem desprenderem-se dos movimentos que já trilhávamos... misturando-nos.

Ao mesmo tempo em que entra pelo meio de maquinarias em movimento, cria e agencia. A ‘andarilha’ sente que estava em campo de pesquisa há tempos, mais precisamente desde quando chegou em Pelotas, a partir do que a movia, do que a foi afetando, como o encontro com pessoas que lhe eram e são intercessoras e guias e que estava envolvida com a produção de rexistências na relação com a loucura, pelo que suscitavam em si esses engenhos em movimento.

Processos estavam em curso. ‘Engenhos’ em movimento. Entrou pelo meio de alguns deles, de fluxos e(m) agenciamentos! Co-agenciou noutros e outros! Não havia encontrado ainda os meios para tradução em palavras do que se fabricava no (seu) desejo, mas seguia os rastros de algo que a movia, por ora, provavelmente dos fluxos imperceptíveis de si. Dos afetos que guiam o corpo. De acoplamentos e desacoplamentos, que foram ocorrendo no caminho, ao cartografar esses movimentos, podem tornarem-se perceptíveis, como pistas que visibiliza velhos e novos problemas, resolve ou minimiza alguns, criam-se outras questões aos mesmos, neste tempo em que caminhamos juntas e juntos.

Essas águas movimentaram seu corpo confusão, seus engenhos de dentro, levaram-na a constatar que se encontrava em território de pesquisa, tecendo com outras pessoas o mesmo, pois já estava implicada em pontos de intensificação de vida (e) no combate ao que pode separar o humano da sua ‘natureza’, a potência de existir. No caso, a relação que há com a loucura, que reduz a experiência humana a doença, a então existência de manicômios estrutura, as mesmas manicomialidades de que já estava cansada de presenciar e as próprias, quando não nos consideramos gente como a gente na relação ao outro, os modos de cuidado, o modelo de saúde ainda em predominância, o estigma, o preconceito, a patologização da vida para que a pessoa ‘tenha existência’ no sistema, com um código diagnóstico, noutras palavras a normalização aliada a racionalização e burocratização da vida, a **medica**menta**lização**, entre tantas outras coisas, que podem contribuir para separar as pessoas do que elas podem.

Essa relação com a loucura, reduzida a doença, a algo que precisa ser controlado, que ‘objetifica’ a vida e que invisibiliza o que nada mais é, do que se não uma de nossas experiências humana na existência, serve para manter a ‘ordem’ na sociedade de controle, contribuindo com a maquinaria capitalista. Entretanto, a ‘andarilha’ encontrava oxigênio para suas loucuras no que tinha vivido, no que vivia e no próprio processo histórico, com as Reformas que foram acontecendo pelo mundo, ou seja, era possível rexistir, mas como, se não pela produção de conhecimento e rexistências?

E de que r**existências** se tratavam? E rexistência com ‘x’?! Tratavam-se da implicação com a produção de existências como obra de arte, e de resistência, como “tu tirar força de dentro de ti mesmo e lutar pelos teus ideais” (ROSA, 2016) e como recusa as formas hegemônicas de dominação, aos rótulos, estigmas e preconceitos que colaram em nós, em um processo de que o desejo não invista na sua própria repressão e opressão, e sim na intensificação, ampliação e afirmação da vida. É deste modo, que lança mão de um método que consistia na expressão dos afetos, o que contribuiu para pensar o vivido até então, de que já estava em campo e do que estávamos a fazer.

Importa registrar que lança mão do mesmo, pois sentia a necessidade de respirar, e visualizava na perspectiva da cartografia, que lhe é processo de aprendizado permanente, algo de possível para tecer traduções entre o que sentia na pele na produção de conhecimento. Sendo assim, tinha um método para caminhar. Mas, o método não era o desenho do caminho, era o caminho que o desenhava. Que loucura! Nesse sentido, com o desejo de tentar mexer na problemática que visualizava, inclusa a si mesma, na sua contramão, construía a questão que estava a querer responder, quais as loucuras em paisagens do Sul? Qual a loucura, sentindo vozes, ouvindo coisas, vendo existências?

Seu pressuposto, é que se tratava de loucuras sem tratamento, de loucuras ‘sem cura’, de gente, assim que nem ela, que não era muito normal, que apostavam em rexistências, em como rexistir nas tramas da subjetividades e do biopoder no contemporâneo na relação com a loucura e que consideram a história como uma das provas vivas de que rexistências são (os) possíveis. Mas, também que para rexistir e mexer nessa relação, era necessário se indagar ante a quem são os loucos, onde estão os manicômios e que saúde, educação e sociedade temos e que queremos para viver?

E passa a se ocupar com a questão – Qual a loucura em Paisagens do Sul? Com uma suposição, que chamariam de tese ‘forças de rexistência nas tramas da subjetividade e do contemporâneo na relação com a loucura?’ Para tanto, o momento lhe pedia um método que flertasse com a (sua) loucura, viabilizasse os afetos, permitisse pensar o vivido desde 2013 e seguir tramando no trabalho de conhecer a realidade, interfacear universidade e a mesma e de seguir na sua fabricação, de forma coletiva como o que já vínhamos tecendo, de estéticas de existências a favor da ampliação, intensificação e afirmação da vida.

Então, foi pelo meio, no meio do caminho, em meios às geografias existenciais, havia um rizoma sendo tecido, pontos de conexão que operavam e operam na geração da vida e(m) fios e fluxos, nos tramados da existência, tramando rexistências. O método que se ins**pirou** para esses devaneios reais, foi a cartografia.

Para tanto, levava consigo na mochila alguns conceitos ferramentas junto com o de implicação e (d)a perspectiva andarilha, sabedora que poderia ser necessário ativar outros na construção do caminho, bem como instrumentais que poderiam contribuir na colheita das informações, tais como uma caneta, o caderno ‘andarilho’, uma câmara fotográfica, esta que por vezes também lhe atrapalhava, até que encontrou outra utilidade para a mesma, que ia ao encontro de ampliação de potências de vida. Foi mais ou menos assim, que se envolveu em maquinarias de guerra e na co-criação das mesmas como zonas autônomas provisórias.

Deste modo, se apresenta os fluxos que a ‘andarilha’ foi vivendo e que pelos encontros e pistas foram desenhando o campo de pesquisa, que consistiu na habitação de vários pontos de existências, que reuniam nos mesmos, tensões com suas (in)certezas, convocação para as lutas, em que lhe mostravam sorrindo como viviam a invenção, e de algum modo, a vida como uma obra de arte.

A vida como obra de arte inspira-se nos escritos de Foucault (2005, 2014), pela possibilidade que temos de criar a nós mesmos, pois somos, se quisermos e em alguma medida, senhoras e senhores de nossas vidas, do que tecemos, em como vivemos, no que investimos para à produção de si, e de como lidamos com o que nos acontece, etc. Há modos de subjetivação em curso nesta produção.

A vida como obra, sob a perspectiva de Foucault, é uma estética da existência. É aquela que pelo cuidado e exercício de si, vai se produzindo como uma obra, uma estética que tem em si a possibilidade de tentar refutar formas de dominação e de normalização e que está relacionada aos modos de subjetivação na micro e macropolítica do cotidiano. Um processo de subjetivação, que é um modo intensivo, e é a produção de um modo de existência (DELEUZE, 1992).

Para Nietzsche, conforme cita Deleuze (1992), é a (vontade de) potência, a invenção de novas ‘possibilidades de vida’ mesmo nas condições de existência mais adversas, como a reconexão da pessoa com o que pode, ou seja, da existência consigo mesmo, que chama de virtual, afim da pessoa se tornar criador(a) dos próprios valores à que seguir valores prontos (FUGANTI, 2017, 1:12h). Esses pensadores contribuem para pensar a vida como obra de arte da existência, que cada uma e cada um vai tecer a sua estética de existência, a sua vida como estética da existência em mudanças, transformações (PINHO, s/ dt) na crítica aos “domínios de saber e dispositivos de poder, que condicionam nossa experiência e delimitam as possibilidades da época” (SILVA, S/ dt, p. 8).

Na proposta Foucaultiana, criar a vida como obra de arte está na contramão, por exemplo, de uma sociedade de consumo. Para o mesmo, a criação desta estética de existência

pode ocorrer por práticas de si com a finalidade de não se enquadrar em rótulos, de ***rexistir***, ao passo que nas sociedades consumistas o elã é 'adaptar-se' via terapias, manuais de auto-ajuda, plásticas, aprimoramento sexual com o objetivo da satisfação pessoal, da padronização (DELEUZE, 1992; PINHO, s/dt).

Deste modo, foi por ali mesmo, nestes territórios, que a 'andarilha' quis 'ficar' por um tempo, onde a alegria não se demorava, pois somos nós que construímos também os lugares que estamos e vice-versa, até o dia em que se demorou a voltar. Era o sinal dos tempos, de finalização do estudo, ao mesmo tempo em que o desejo da 'andarilha se envolvia junto e misturado, a investir noutros agenciamentos, noutras possibilidades de intensificações de vida, noutras zonas autônomas, que geralmente não fazem muitos aniversários, ou até nem o fazem, mas que intensificam conexões, canções, novos arranjos, (des)acoplamentos.

No que segue, na passagem (d)escrita pelos territórios, a cronologia 'obedece' a chegada da 'andarilha' nos mesmos, que acontecem articulados de algum modo, pela implicação, simultaneamente ou em tempos diferentes. Do mesmo modo, as pessoas que fazem intercessões na produção do caminho, que não cessam de habitar com a 'andarilha', em vários territórios (e) paisagens, estéticas de existências, maquinarias de guerra e com as quais se foi produzindo loucuras pelas paisagens do Sul.

Então, nas páginas que seguem, que podem ser acessadas pelo meio, é disso que será narrado, sobre a produção de rexistências na relação com a loucura, de rexistências como produção de loucuras, como produção de diferença. Da interposição de outros sentidos a loucura para ir tentando mexer, ir alterando a ordem deste discurso, que ainda esta a operar nas nossas manicomialidades cotidianas.

Da produção de loucura, pois no cenário global, nacional, regional e local não é o comum, ou uma regularidade essas loucuras que fizemos, que inclusive são ás vezes desqualificadas, consideradas como coisa de quem não tem o que fazer, que é coisa de louco(a) nadar contra as correntes hegemônicas. E é mesmo. Temos em nós a potência viva da loucura de produção de diferença.

É deste modo, que seguimos nadando, com nossas embarcações, 'naus de liberdade'[91], furando ondas. E também, porque essa loucura estereotipada pela sua colagem na doença, quem disse que existe? Conforme Rosa (2016), "...não existe, o que existe são os momentos

[91] Nau de Liberdade é o nome de um grupo de Teatro produtor de diferença que opera com a teatralidade, a liberdade, fabricado a partir da mistura de muitas pessoas a fim de pela arte á produção da vida (POMMER, ROCHA, 2015).

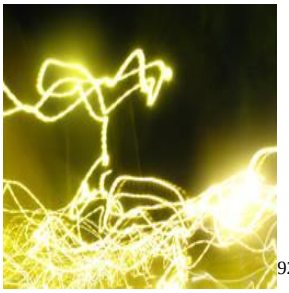
ruins e os momentos bons". O que nos leva a pensar na loucura como uma invenção humana e com a qual produzimos uma loucura de sentidos outros.

Da produção de loucura como um direito, pois a luta social é um direito. Da produção de loucura como uma forma de produção de conhecimento. Da produção de loucura como um oxigênio no cenário que vivemos. Da produção de loucuras como produção de liberdade, pois em algumas situações para fazer o que fizemos implica em se libertar das correntes que nos prendem. Das produções de loucura que reafirmam que somos gente como a gente, nas nossas singularidades e particularidades.

Da produção de loucura como produção de diferença. Da produção de loucura como implicação, no envolvimento com maquinarias de guerra, agenciando gentes, corações e mentes, pois foram essas loucuras que alteraram muitas das relações com a loucura como os processos de Reforma Psiquiátrica no mundo e que também vivemos no Brasil com muitos passos pra frente e com algumas estagnações e retrocessos, que não nos intimidam, ao contrário, também movem (noss)as máquinas em re**ações**, no enfrentamento e construção de saídas.

De algum modo, era um método acontecendo, do que pode reconhecer a posteriori, pelos efeitos (em si). Tratava-se de uma cartografia de implicações. E por isso essa opção, por um trabalho inspirado na cartografia, que a instigava a pensar sobre o vivido, vivendo, naquilo em que se via contagiada, que a roubava de si mesma, que era tão forte, que a afetava e que era tão sua – a relação com a loucura.

Como foi brotando o território rizoma?

 [92]

Foi brotando das ‘águas’. Que é esse território? O de implicação. Mas, que implicação? Das águas que movimenta(ra)m os engenhos de dentro da ‘andarilha’, ins**pirada** na cartografia, pinçando conceitos ferramentas das teorias, que pelas vias da implicação (d)e envolvimento com maquinarias de guerra, tramou-se nos brotos de um território rizoma, com indagações pelo meio do caminho – seria um levante de conexões, há potência nos encontros, dos encontros o envolvimento com as mesmas e outras maquinarias, e de novo indagações, mas que estaria a fazer, conexões, mas que pressa era essa para viver?

Seguimos então por esta narrativa, a pensar que é esse território que brota no caminho entre implicações, conexões, indagações, envolvimento com maquinarias de guerra, se não estéticas de rexistências na relação com a loucura, pela produção de existências e resistências, como movimento e efeito da não indiferença ao que nos afeta e produção de diferença?

Que é esse território que passamos a habitar?

O da implicação. É o do encontro. O caminho. O das conexões. O rizoma. O território pode ser um espaço vivido ou um sistema no qual a pessoa se sente em casa (GUATTARI, ROLNIK, 2005). Como nos diz Des Essarts (2016), se referindo a Associação de Usuários(as) dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas – AUSSMPE, são pontos em que “a gente se sente bem, a gente já está néh, como se estivesse em casa”.[93] São espaços produzidos e produtores de subjetividade (SANTOS, 2016). Ao considerar a ins**piração** na cartografia como método de pesquisa, que consiste no “acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas” (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2010, p. 16), o território no caso, foi o percurso (d)e conexões pela via da implicação.

---

[92] Figura 5 – O que brota. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=955328574480138&set=a.338811129465222.91466.100000090146847&type=1&theater> . Acesso em 10 ago 2015.

[93] Comentário de seu Vagner Berchon Des Essarts em 2016 quando indagado sobre a Associação de Usuários dos Serviços de Saúde Mental na sua vida e que faz sentido ao processo cartográfico, bem como é um ponto de intensificação neste território rizoma.

Um percurso de implicações com a produção de estéticas de rexistências na relação com a loucura, com mergulho em maquinarias. Somos existências e(m) coletivos e(m) (re)encontros, tais como com o Pai Zé, a Mãe Vanilda, o seu Ivon Lopes, o seu Uilson, o Grupo Vocal Esperança, a Alice, o seu Carlos, a Santa Helena de La Sierra, a Zilma, a Sandra, a Lídia, a Adriana, a Roberta, a dona Vera, o Grupo Musical Los Lokos, a Associação de Usuários(as) dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas - Aussmpe, o Claudionei, a Ângela, a Nathalia, a Michele, a Patrícia, o Izamir, a Ângela, o Ivo, o seu Vagner, 'a andarilha', o Cid Branco, o Tropesso, a Tânia, o Luciano, a Mãe Laci, o seu Mário, o Marcos, o seu Jorge, a Mery, o Paulinho, a Djeniffer, a Thais, a Betinha, a Maria, o Eduardo, o Maurício, o seu Anastácio, a Larissa, a Eliane, a Carol, o Ricardo, a Priscila, o Maicon, o Ezequiel, o Rodrigo, entre outras pessoas[94].

Também, a Glória, a Olga, o Vinícius, os Rodrigos, o seu Francisco, entre tantas outras pessoas, que entre tantos 'Zés' e tantas 'Santas Helenas', reis e rainhas[95], muitas e muitos dos(as) quais, fazem também o coletivo de produção e realização do programa Gente como a Gente na Rádio Com, Pelotas, o coletivo Povaréu Sul, as Tendas do Afeto Popular, a Comissão de Integração Ensino-Serviço – CIES, o Grupo Condutor Regional de Saúde Mental, o coletivo de condução da política de Diversidade na 21ª região de saúde, Grupo Autônomo de Articulação em Saúde – GAAS, entre outros. Destas, pinçando a Associação de Usuários e Usuárias dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas – Aussmpe e(m) articulações,

[94] Conforme a citação dos nomes ou codinomes no texto, eis os nomes: José Fernando do Amaral Borges, que autodenominou o Pai da 'andarilha', que responde por Zé, pai Zé, pai José Fernando, nominado por amigos(as) como Zé Perequeté, Zé da Tenda, entre outras designações de Zé (AUSSMPE, 2014-2017); Vanilda Pereira da Silva, que respondia como Mãe Vanilda e que se autodenominou de Mãe Preta da 'andarilha'. Também gostava de assinar como Vanilda Silva. O 'Pereira' era herança de seu pai e do que não fazia muita questão de lembrar (SILVA, 2015-2017); Ivon Fernandes Lopes que também se autonomia de Ivon Naval ou designado pelos amigos de Ivon Bacamarte ou Ivon do Cangaço (AUSSMPE, 2014-2017); Uilson Admar Pacheco dos Santos, mas que prefere ser reconhecido como Uilson Santos (AUSSMPE, 2014-2017); Maria Alice Sant'Anna da Rosa; Carlos Alberto Narciso Zacaria; Santa Helena da Silveira Brem, chamada pela família por Helena e por algumas amigas e amigos carinhosamente de 'Santinha'; Zilma Rodrigues da Silva; Sandra Schwantz; Lídia Hessler; Adriana Hessler; Roberta Antunes Machado, que comumente usa Roberta Machado, chamada de Beta; Vera Oppa; Claudionei Fernando Oliveira Ferreira; Ângela Teresa Nobre Pereira; Nathalia Barboza Moraes; Michele Neves Meneses, conhecida por Micha, que lhe é usual Michele Meneses; Patrícia de Lima Ilha; Izamir Duarte de Farias, geralmente usa Izamir Farias; Ivo Airton Ferreira Gomes, que se autodenomina também de Airton Ysqueci; Vagner Sousa Berchon Des Essarts; Liamara Denise Ubessi, que neste trabalho se nomina 'andarilha', mas também conhecida como 'Sorriso', 'Risadinha', 'Indiazinha', 'Chiquinha', entre outras designações (AUSSMPE, 2014-2017); Cid Branco Curt, vez ou outra como 'Tropesso', palhaço criação de Cid Branco, o qual tivemos a oportunidade de conhecer no ano de 2016 e que atualmente integra ao Povaréu Sul; Tânia Maria Soares; Luciano Matos Nascimento; Laci Brum dos Santos; Mário Alberto Morales Marins; Marcos Aurélio Mattos Lemões, conhecido como Lemões, Marquito, Aurélius (COLETIVO POVARÉU SUL, 2015-2017); Jorge; Mery Xavier Costa; Djeniffer Rodrigues Coradini; Thais da Silva Nogueira; Nilza Bete Campos da Silva; a Maria; o Eduardo; o Maurício Fernandes da Silva; Larissa Dall'Agnol da Silva; Eliane; Maria Carolina Pinheiro Meirelles; Ricardo Moreno; Priscila Borges Silveira; Maicon Arthur Simões; Ezequiel Silva; Rodrigo; Glênio Rissio, entre outras pessoas.

[95] O Pai Zé e a Santa Helena foram escolhidos(as) como as pessoas fazem a 'corte' de acolhida da Aussmpe. E por isso essa analogia, de todos e todas, como reis e rainhas nestas andanças pela e na vida.

como um dos pontos de intensificação em que a ‘andarilha’ mais se demorou, de fixos e fluxos, com a qual, de algum modo (nos) produzimos um plano rizomático em permanente (re)costuras.

Enquanto íamos nos tecendo nessas composições, também habitamos e agenciamos, (n)o Conselho Municipal de Saúde, na Comissão Municipal de Saúde Mental, nos 18s de maio, nos Mentais Tchês, no Orgulho Louco, no Congresso Brasileiro de Saúde Mental, na articulação da força de luta ‘usuária’ no Rio Grande do Sul, na constituição de Zonas Autônomas de Transformação, entre outras. Esse foi e é o percurso que habitamos por um tempo de nossas existências. Percurso que se ‘recorta’ com data de início e de fim, como o território da pesquisa, o qual foi sendo tecido e do que temos rizoma. É disso que vamos discorrer no texto, do que tecemos por essas paisagens do Sul em conexão com outras, condizente com o movimento da vida, rizomático e que se pode pensar, como nos lança o poeta, que são movimentos eternos enquanto durarem (MORAES, 1960).

Sob alguns aspectos do referencial conceitual produzidos por Michel Foucault, Félix Guattari, Gilles Deleuze, nos quais se alimentou e se alimenta para e na caminhada, no que se refere às maquinarias do desejo, a produção de subjetividade, de forças minoritárias revolucionárias, da produção de realidades e liberdades, se resiste pelo obvio, pois se existe, e que se existe, porque se resiste, se inventa, cria outros possíveis, outras relações, tais como com a loucura, de coexistências, com outros mundos, racionalidades, entre outros, e obviamente os seus inversos.

A isso denominaremos[96] aqui, neste trabalho estradeiro, de ‘r***existir***’, de ‘r***existência***’, dado que rexistir é existir. Consiste em re-inventar(se), criar furos, agenciar novas possibilidades, novos encontros, produzir linhas de fuga, habitar outras paisagens, recombinar, gerar passagens, ‘rizomar’, reinventar relações com a loucura, como assinala Vogl (2012), em múltiplos processos de trocas com o e no que se vive, ambiente, etc.

Tal como a água, por exemplo, ao tensionar, pode furar as estruturas de um cano que a enquadra, cria vazamentos, outras passagens, escorre, foge, penetra noutras paisagens, faz outros contornos, encontra



Figura 38 – Vazamento.[97]

[96] O uso da primeira pessoa do plural refere-se a uma pessoa, no caso a ‘andarilha’, que sob a perspectiva de Peter Pal Pelbart, ‘somos multidão’ (2006, 45:20h).

[97] Figura 38 – Vazamento. http://assutododia.blogspot.com.br/2017/05/cano-se-rompe-agua-jorra-em-via-publica.html.

outros terrenos, etc (Figura 38).

Deste modo, quando nos vimos, no caso, nós, as pessoas ‘andarilhas’, de algum modo, já nos idos de 2013, mais precisamente no dia 18 de maio, estávamos ‘em alto mar’ leia-se**,** compondo os primeiros passos do ‘território de pesquisa’. Uma dessas pessoas ‘andarilhas’, contagiada pelo contato com esses territórios existenciais singulares e(m) coletivos, na caminhada que se seguiu, traduziu seus virtuais andarilhos em questão de estudo, ou seja, como se ‘***r existe’*** nas tramas da subjetividade e do biopoder contemporâneo na relação com a loucura? Noutras palavras, quais as loucuras nas paisagens do Sul – forças de rexistências nessas tramas?

Por essas vias, ao encontro do que discute Lourau (1993) sobre a construção de outra epistemologia nas ciências, nos ocupamos de pesquisar este temário em um processo que não houve espaço para neutralidades e muito menos objetividades, o que fomos afirmando no caminho, que a realidade pode transformar a Universidade e esta, em sua função social, contribuir com as realidades sociais.

Nesta função ‘pesquis**anda**nte’, nós ‘andarilhas’ e ‘andarilhos’, andamos juntas e juntos, como efeito dos encontros que foram acontecendo no caminho, imprevistos, na junção das forças e dos afetos, nas nossas multidões de sentidos em (re)composição, como ‘nos sabíamos’ neste feito, se em 2013 ainda não havia questão, método, teoria? Soube-se pelos efeitos do que reverberou em nós, em si, dos encontros na marcação social a partir do dia 18 de maio, dia Nacional da Luta Antimanicomial.

E só se soube pelos efeitos, por termos nos ins**pirado** na cartografia para responder as nossas in**quietudes,** pois esta metodologia não prevê de antemão os passos do caminho, é justamente o seu contrário, é o caminho. Essa, pode-se dizer que é a única ‘previsão’ do método’. Ademais, nada se sabe. Então, soubemos[101] a posteriori, pelo que nos movia, pelo que sentíamos, pelas vozes que ouvíamos, pelos afetos em virtuais, que estávamos ocupados com a produção de estéticas de r**existências** na relação com a loucura. Dado que, “o tema da pesquisa aparece com o pesquisar” (BARROS, KASTRUP, 2010, p. 73).

Tratava-se do envolvimento com maquinarias de produção. De maquinarias na fabricação de existências e resistências, que funcionam “por toda parte: às vezes sem parar, às vezes descontinuamente. Isso respira, isso aquece, isso come. Isto caga, isto fode. Mas que asneira ter dito o *isso*. O que há por toda parte são máquinas, e sem qualquer metáfora: máquinas de máquinas, com suas ligações e conexões” (DELEUZE, GUATTARI, 2004, p. 4). E é por e nessas máquinas que andamos, fabricamos, somos fabricadas e fabricados.

Estávamos e estamos a produzir sentido à vida, novos sentidos existenciais, modos de existir e coexistir, de vivenciar situações da vida cotidiana, de superar problemas, de reinventar relações, dentre elas com as pessoas, consigo mesmo, com o mundo, com a loucura, entre outras. Deleuze e Guattari (2004, p. 5), ao mencionarem que "tudo são máquinas", entoam que estão na produção de realidades, como nestas em quê nos enveredamos, nós, essas 'pessoas andarilhas' e que nós mesmos somos essas máquinas, operação nas maquinações do desejo e da realidade. Dado a isso, neste referencial e contexto, podemos nos indagar para quê servem as máquinas, se não como produção de vida? Entretanto, não é bem assim. Há máquinas e máquinas.

Interessa-nos, por ora, a do desejo. O desejo é maquínico. Produz. Estava e continua estando em produção em nossos virtuais andarilhos. É produtivo, construtivo, inventivo, intensivo. É a realidade que tecemos. O desejo 'permeia o campo social' e pode ser nominado como "todas as formas de vontade de viver, de vontade de criar, de vontade de amar, de vontade de inventar uma outra sociedade, outra percepção do mundo, outros sistemas de valores" (GUATTARI, ROLNIK, 2005, p. 211). É o ***rexistir***, a ***rexistência***. Tanto o é, que não se deseja somente uma coisa ou outra, mas sempre um conjunto de coisas. Nas palavras de Deleuze (1998, p. 14), "nunca desejo algo sozinho, desejo bem mais, também não desejo um conjunto, desejo em um conjunto".

Somos máquinas desejantes. Os virtuais são forças, tal como explica Deleuze (1998, p. 12) "a força é um virtual em curso de atualização", então, tanto o pode ser a lembrança do passado que se atualiza no presente, no atual, como algo que está em fabricação, dos múltiplos e diversos elementos que ainda não têm um sentido, uma definição, uma transposição para a realidade, mas que estão em produção, intensidades, arranjos, rearranjos, combinações, descombinações, recombinações povoando o inconsciente maquínico, este "como máquina, como fábrica e não como teatro" (DELEUZE, 1995a, p. 18).

É o que está entre, que não é ainda. É o modo como se rearranja o virtual, uma das formas de expressões da maquinaria do desejo, de acoplamentos e desacoplamentos. O virtual não é o real e nem o atual, é o que está em gestação, por assim dizer, pois "nem tudo é dado, mas o que acontece provem enquanto imanência, em que o real se constitui de uma parte virtual e outra atual" (PELBART, 1998; ZOURABICHVILI, 2004, p. 62-63).

Como maquinaria, o desejo**,** cria territórios, pois faz uma série de agenciamentos, e pode incorrer na atualização de virtuais, do que esta pesquisa é um dos efeitos. Sob esta perspectiva, é que se desenhou o território de estudo, no caso um percurso de implicação, um território implicado, como aquilo que a 'andarilha' quis estar em relação (DE ARAÚJO,

2015), se sentiu ativada a se envolver, a se engajar, a experimentar, e o que vivia, fazia intercessão no pensamento. Intercessores como guia. Dado a isso, o território é de experimentações. Estamos em relação, atualizando singular e coletivamente o que nos move nesta andança, ou seja, nossos virtuais desejos andarilhos, temperado de afetos, cumplicidade, capacidade de indignação com o que não nos serve ao viver.

São intercessores e intercessoras, pessoas que de algum modo mexem com força nas águas da 'andarilha'. É uma 'associação' de pessoas, ainda que nem todas estejam nesta foto, desde nosso encontro na Esquina Democrática de Pelotas (Figura 39). Dentre essas pessoas, a Maria Alice Sant'Anna da Rosa, a Santa Helena da Silva Brem, o seu Mário, o Claudionei Fernando Oliveira Ferreira, o Ivo Ferreira Gomes, o Luciano Mattos do Nascimento, a Ângela Teresa Nobre Pereira, a Djeniffer Coradini, ainda entre outras tantas. Somos todas associadas com a produção de vida. Mas, há quatro que além de intercessoras, foram também guias no traçado deste estudo. São elas: José Fernando do Amaral Borges, Vanilda Pereira da Silva, Uilson Admar Santos e Ivon Fernandes Lopes. Cada um(a) guiou de um jeito. Pai Zé pela companhia e 'pauladas na cabeça', mãe Vanilda pela acolhida e convites, seu Uilson pelas pistas, seu Ivon sabedoria andarilha. Todos(as) pela companhia.



Figura 39 – Algumas das pessoas associadas com a produção de vida, muitas das quais vinculadas a Aussmpe. Pelotas, 2016.

O José Fernando é o pai Zé. O conheceu na esquina Democrática. Belo lugar para se conhecer alguém. Local carregado de sentidos, espaço de luta por cidadania, justiça e dignidade. E deste então, somos cúmplices de andarilhagens na vida. É um pai de muitos(as) filhos(as). A 'andarilha' tem quatro Pais, um em Capela Fátima, outro em Ijuí e dois em Pelotas, cada um com sua importância.



Figura 40 – Pai Zé e Andarilha, no ônibus destino a Jaguarão/Brasil e Rio Branco/Uruguai, 2014

O pai Zé, assim como os outros(as), mas do seu jeito, 'as**sumiu**' sua educação, a ensina sobre o viver, a generosidade, a solidariedade, o se importar com o outro, o exercício da realtheridade, que os tempos de cada um são diferentes, que não dá para desistir das pessoas, que se plantar aposta nas potências das pessoas, podem brotar alegrias, que é preciso 'estudar pra sair da escola', dentre tantas coisas. Somos parceiros(as) nessa dança da vida. Ás

vezes quando perguntam a ‘andarilha’ ‘como vai seu Pai’, ela fica pensando, qual deles e responde ‘vão bem’! Pai Zé é intercessor porque além de todos os ensinamentos, um dos principais a incita o pensar, a se reformar (Figura 39, 40)!

A ‘andarilha’ tem até agora três mães ‘oficiais’ e várias por aí. Uma reside em Capela Fátima, outras duas em Pelotas e outras tantas pelo mundo. Uma delas é a Mãe Vanilda, uma das pessoas intercessoras guias neste estudo. Dentre as várias fotos, a ‘andarilha’ se autoriza a escolher uma que Mãe Preta, assim como ela se designava, e pai Zé estão juntos(as). Do mesmo modo, também e autoriza a escolher outras de nossas andanças, pois hoje ela é força no coração da ‘andarilha’, um coração que chora de saudades, mas entende que são os movimentos da vida, que também são feitos de despedidas.

Devido a isso, a foto 01 na Figura 41, mexe com os nossos sonhos, feita em uma oficina de criação de ‘filtros dos sonhos’. Os filtros servem para proteger nossos sonhos até e após se tornem realidade. Nem um sonho é igual, mas a gente acaba se engajando nos sonhos dos outros e os outros nos da gente, quando há algo em comum ou que nos afeta nos mesmos. Dentre os nossos, um deles era fechar o Sanatório Espírita, o outro que a Associação não acabasse e ainda outro que tivesse sede própria, no que estamos nas ‘lutas’, com muita gente engajada junto nessas loucuras.

A ‘andarilha’ conheceu a Mãe Vanilda também na Esquina Democrática, conversamos rapidamente, e a reencontra no Vocal Esperança e juntas experimentamos muito da vida, fazendo muitas loucuras. Mãe Vanilda é uma das pessoas que a convida para participar do Musical Los Lokos, e várias vezes para participar da Aussmpe, até o dia que a ‘andarilha’ testemunhou que se tratava de um local que fabricava felicidade, em que se produzia alquimias com a razão, mesmo diante das adversidades, e dado a isso, não se demorou em aceitar os convites. Mãe Vanilda é intercessora pois lhe acolheu como mãe, foi lhe guiando em várias conexões no caminho e mexeu com suas águas, com seus pensares (Figura 39, 41).

01 



02

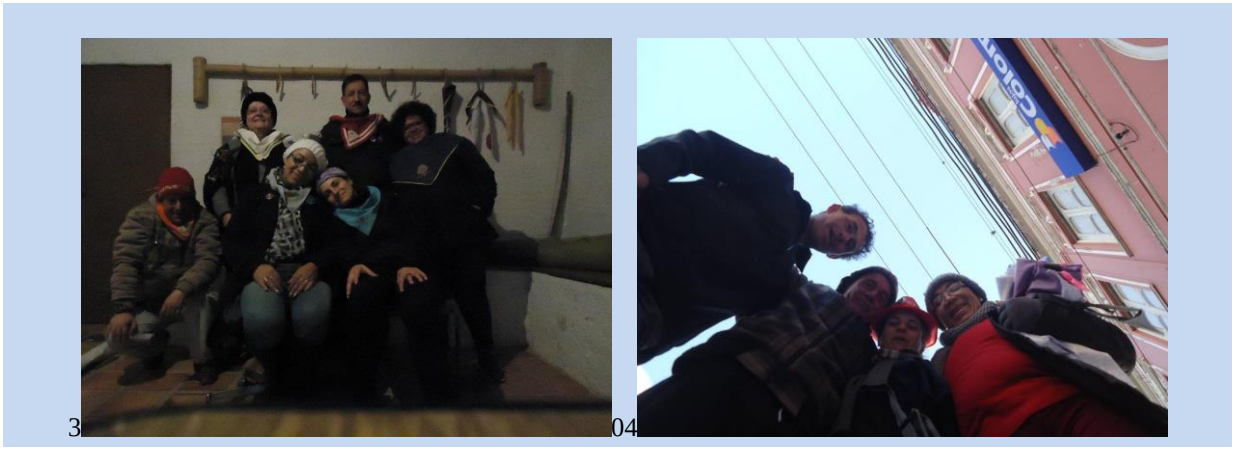


Figura 41 – Fotos com a intercessora guia Mãe Preta, e muitas lágrimas da emoção que brota do coração, 2015 – 2016.[98]

A outra pessoa, como mãe Preta assim o designava carinhosamente, é o ‘Véio’, o seu Uilson. Cada palavra sua acionava e ainda aciona muitas velocidades na ‘andarilha’. Nos encontramos cantando e seguimos nessas feituras da vida nos acionando, nos espaços que estamos, seja no Los Lokos, na Associação, no Programa Gente como a Gente, no controle social, nas Tendas, entre outros tantos, vamos tecendo. Ele é desenhista e garimpeiro da existência, é o ‘carteiro’, é o poeta, é o ator, é um arteiro (Figura 42). Seu Uilson é intercessor guia, porque se vê em um comum com ele, na implicação com as lutas sociais, que a faz pensar, que estamos a fazer (n)este mundo?



Figura 42 – ‘Véio’ em suas artistagens.[99]

[98] Figura 39 – Fotos com a Mãe Preta. Da direita para a esquerda. Foto 01: Vanilda Pereira da Silva, José Fernando do Amaral Borges em oficina de Filtros do Sonhos na AUSSMPE na OSC GESTO, 2015; Foto 02: Sandra Schwantz, a ‘andarilha’ e Vanilda Pereira da Silva em apresentação do grupo vocal Esperança no evento de Perfil de uso do Crack em Pelotas; Foto 03: no prédio dos Escoteiros situado nas proximidades do Galpão, em que geralmente acontece o evento Mental Tchê em São Lourenço do Sul. No caso, nesta foto, estávamos no 12º Mental Tchê, realizado em 2016. São Lourenço do Sul/RS. Na foto, da direita para esquerda: Ângela Teresa Nobre Pereira, Ivon Fernandes Lopes, Sandra Schwantz, Claudionei Fernando Oliveira Ferreira, a ‘andarilha’ e Vanilda Pereira da Silva; Foto 04: Vanilda Pereira da Silva, a ‘andarilha’, José Fernando do Amaral Borges e João Luis Corrêa Gonçalves, na atividade de mobilização quanto ao 18 de maio de 2016, exatamente nesta data.

E o outro intercessor guia, é o seu Ivon Fernandes Lopes. Somos muito malucos(as). Descobrimos que nos parecemos muito pelas andarilhagens. Quiçá irmãos paridos no mundo, com uma ‘genética’ em comum, a de ‘andarilhar’, que se encontram também na Esquina Democrática. É o andarilho que a ‘andarilha’ conheceu. Mas, confessa que era um tanto reticente na relação com ele, pois lhe parecia alguém de ‘pouca conversa’. Entretanto, era nada disso. Com o tempo a ‘andarilha’ testemunha que era um militante social, também precursor de ações reformistas, as mais bonitas, povoadas de protagonismo.

Não hesitava em fazer loucuras. Dentre várias pessoas, é um dos fundadores da Aussmpe, foi secretário na ONG Lokomotiva (Anexo HH), também um dos co-criadores do Programa Gente como a Gente, envolvidíssimo no controle social, seja no Conselho de Saúde, nas Comissões Municipais, nas Conferências de Saúde, nos Grupos condutores, além de andarilhar por este Brasil é um profundo conhecedor de filmes e música, como se diz, ‘da boa’. Para a ‘andarilha’ é então, como o irmão mais velho, com quem tem andado muitas jornadas, dado que são parceiros(as) em muitas loucuras. É um incansável, aberto a conexões. Por isso, intercessor guia, pois também faz a ‘andarilha’ pensar, principalmente sobre solidariedade, democracia, dignidade e que cada um pode ser protagonista de sua história (Figura 43, 44).

01 

02 

Figura 43 – Dois irmãos.[100]

[99] Figura 40. Da esquerda para a direita. Foto 01: Uilson Admar Santos. Foto 02: Ivon Fernandes Lopes, Uilson Santos, ‘ ‘andarilha’ e várias outras pessoas em ônibus locado pelo Conselho Municipal de Saúde de Pelotas para se somar na mobilização da 21ª região de saúde em Rio Grande referente ao não repasse de recursos do estado para os hospitais filantrópicos e públicos.

[100] Figura 41 – Dois irmãos. Foto 01: Seu Ivon Fernandes Lopes e seu Uilson Admar dos Santos na mobilização contra a indicação de Valencius para assumir a coordenação Nacional da Saúde Mental, 2015. Pelotas, RS. Figura 02: Seu Ivon Fernandes Lopes e Uilson Admar Santos na mobilização referente ao dia da Luta Antimanicomial do 18 de maio de 2016. Pelotas, RS.

01  02  03 

Figura 44 – Intercessores(a) Guias.

Então, são muitos fluxos, fios, maquinarias e guias foram impulsionando esse processo de fi**ação** do território e porquanto, são integradores e intercessores no mesmo, que (nos) habitamos com assentimento afetivo por um determinado tempo de nossas existências nesta 'operação' de pesquisa, como processo de atualização de devires, das forças moleculares que se transversalizam ao molar, em aprendizados com algumas e alguns[101] das e dos expertises na produção de viveres e(m) coletivos.

Esses desejos virtuais e andarilhos, que em 2013 ainda não haviam encontrado pontes para atualização em escrita, estavam a operar, a fabricar o caminho. Tratava-se da luta incessante por produções de liberdades, por justiça social e dignidade na relação com a loucura. Atuavam nos movendo e (nos) produzindo[101] travessias de virtuais e(m) realidade. Para esta compreensão foi necessária à busca de teorias e conceitos, também como alimentos da fábrica pensamento, para construção de pontes na tradução destes virtuais e **loca**lização de um método que acolhesse esses movimentos de composição, como o foi.

Eram 'movimentos dos ventos' do desejo, que não sopravam em 'ordem', desorganizados para o que é comumente a tradição em pesquisa. Deste modo, 'quem anda' utilizou-se da pesquisa qualitativa sob as perspectivas da cartografia como método que funcionou como o "orientador do percurso" e não indicador das vias necessárias para resposta a uma determinada questão (DE ARAÚJO, 2015, p. 3). Deste modo, como já explicitado, a questão também se produziu em campo, nessas andanças andarilhas, enquanto nos constituíamos nesta relação de intercessões no caminhando.

Sendo assim, este texto noticia em riscos e rabiscos, (os) fios e (os) fluxos dessa composição territorial, narrando os movimentos de como foi se desenhando. Far-se-á isso em diálogo, com o quê essa narrativa foi conectando enquanto se escrevia e caminhava e do que

[101] Algumas e alguns expertises, é porque todas e todos o somos, estamos a nos reinventar a todo o momento na vida e no que esta nos empurra, nos convoca, aciona, etc. Então, não há como dizer que há pessoas expertises em viver e outras não, mas sim, que há pessoas que afetaram a 'andarilha'.

brotou das andarilhagens neste processo em que fomos nos desenhando ‘campo de pesquisa’. Em estudos sob esta perspectiva, praticamente nada está dado de antemão. Há um desejo producente. Efeito de encontros, sensações, composições, produções. E é o que também vai se tentar narrar neste texto.

Neste plano territorial, a ‘andarilha’ nos seus insossegos, que podem ser nominados como angústias, ansiedades, inquietações, perturbações, e que por vezes, essas energias implicadas nas lutas sociais são o terreno de não estar indiferente ao que acontece no mundo, com as pessoas e a si, terreno para o sossego do que parece e é inevitável, estamos inevitavelmente implicadas e implicados, não só como campo de pesquisa, mas da nossa vida, pois esses espaços nos são territórios existenciais, produtores de subjetividade e subjetivação, forças nas lutas e disputas sociais. Deste modo, acompanhamos os desfiladeiros dessas linhas, o que foi se alternando nos ‘terrenos’ movediços da vida, na implicação e produção de si e de nós nestas andanças.

O caminho foi sendo traçado coletivamente, com várias pessoas, das quais, algumas, também são andarilhas na coprodução dos territórios existenciais. Nestas andanças pelos e nos mesmos, no vivido havia e há encantamento ativador de movimento, devido à afetação produzida pelas existências singulares ou em coletivos, dos afetos e da militância, como planos em deslizamentos na relação uns com os outros coabitando/coexistindo no mesmo tempo espacial, no caso o presente.

O que afetava era o que se respirava nestes territórios. Eram movimentos que lhe diziam, em uma variabilidade de modos, tons e sons, e mais de uma vez, que mesmo em ‘tecidos bem costurados era possível fazer furos, rearranjar as linhas’, ***rexistir***. Mas a quê? A muitas coisas, mas principalmente ao que pode separar o corpo de sua potência, como estigmas, preconceitos, afronta aos direitos sociais, entre outros, que atuam na contramão da afirmação da vida.

Os estigmas, por exemplo, são fabricações sociais, construídos a partir de um conjunto de fatores, dentre os mesmos, históricos, culturais, econômicos, etc, os quais se tende a internalizar como verdades e a agir como tal. Dos mesmos derivam os preconceitos e vice-versa, pois estes também podem levar a produção de estigmatizações. Irving Goffmann nos ajuda nessa discussão. O autor informa em livro que leva no título a palavra ‘Estigma’, que a mesma foi criada na Grécia Antiga. Consistia numa marca realizada no corpo que designava o lugar social de uma pessoa (GOFMANN, 2004).

Conforme a moral vigente na época, essas pessoas deveriam ser evitadas, ainda mais em locais públicos (GOFMANN, 2004). Nessa construção social, a pessoa era considerada em

desvantagem, com defeito, fraqueza em relação ao que era considerado ‘normal’, em que “deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma” (GOFFMANN, 2004, p. 5), o que não difere no contemporâneo. Também, “um estigma, é então, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo” (GOFFMANN, 2004, p. 5).

Nós, as pessoas designadas por vezes como em sofrimento psíquico, nas mais variadas manifestações de nossas intensidades psíquicas, pelas nossas formas de expressão, podemos ser considerado como ‘anormais’[102], e podemos ser estigmatizadas como loucas, dessa loucura fabricada a partir da idade clássica, que carrega estereótipos como incapacidades, agressividade, insanidade, sujidades, bizarrices, entre outros. Estes atributos e outras formas de cerceamento ainda comparecem na contemporaneidade, mesmo com os significativos avanços nessa relação social com a loucura, ocorridos quando se começou a martelar e a desmontar essas ‘verdades’.

As mesmas foram sendo ‘perturbadas' pelo escracho das violações dos direitos sociais, desde os mais elementares para a sobrevivência, seja das pessoas institucionalizadas e de trabalhadores nos manicômios, seja no mundo e no Brasil, neste, com a Luta Antimanicomial, com o movimento Sanitário, com a instituição do SUS, da Lei da Reforma Psiquiátrica, do fechamento de alguns manicômios, da instituição de serviços de atenção em saúde voltados a essa população em situação de (des)institucionalização, coadjuvante a movimentos de defesa que a melhor terapêutica é a atenção em liberdade.

O estigma desqualifica uma pessoa e interfere na produção de laços sociais, ainda que se ‘rexista’. Por exemplo, estudo recente sobre o impacto do estigma na atenção de enfermagem a pessoas em sofrimento psíquico, apontou que estas trabalhadoras ou trabalhadores associam que essas pessoas vão apresentar comportamento bizarro, desorganizado, e agressivo e que são descuidadas com a própria higiene e nessa relação hesitam muitas vezes na abordagem em saúde (ELIAS, TAVARES, CORTEZ, 2013).

Noutras palavras, o estigma pode afastar as pessoas uma das outras e ainda colocar em risco a vida. Outro estudo sobre as concepções da loucura em um Hospital Geral mostrou que os manicômios mentais estão absolutamente vivos, no entendimento de que as pessoas consideradas como loucas ou loucos precisam ser controladas para atender as demandas sociais, dentre outros aspectos (CARVALHO, LINS, 2015). E ainda, associa-se na atualidade

[102] A todo o momento se está manifestando a loucura, dado que é de nossa capacidade humana, conquanto, algumas são consideradas como manifestações ‘anormais’, pelo que ‘causam’ nas pessoas e em si, sob a ‘lógica’ do binômio normal/anormal, que são molaridades, ao que se faz a crítica devido ao enquadramento e padronização da vida. A crítica é o molecular, a força instituinte, o que se transversaliza.

a loucura a situações de crise e/ou surto, sendo que viver pode ser uma loucura. Entretanto, aqui não é necessariamente essa loucura da patologização da vida que nos interessa, mas sim, outra, a de produção de rexistências. E por isso a questão de qual a loucura em paisagens do Sul.

A loucura a que nos propomos não é a de estigmatizações e muitos menos de relacioná-la ao que, de modo geral é considerada, somente com o que coincide com a expressão de sentimentos psíquicos que fazem sofrer. A nossa loucura é a de reinventar a vida seja ou não em um contexto social 'maluco', que também pode levar a sofrimentos. Trata-se então, de outra loucura. De uma loucura que exige forças de rexistência, como implicações moleculares, para além de regularidades ou do que já está disponível socialmente, como forças molares. Então, na questão que move e se move (n)esse pesquisar, enquanto nos fabricamos já há muitas emoções imbuídas.

Este texto desenha o que foi afetando na vida e fazendo intercessão no caminho pelas paisagens do Sul que constitui e a constituem no arsenal das intensidades, de sua produção e formas de expressão, ao encontro de umas das ideias na obra de Nietszsche, 'do amor pela vida do jeito que ela é, porque é a única que poderia ser' (TRINDADE, 2013), no que cada um e cada uma a vive na sua experiência de existência.

A narrativa dos fios e fluxos que nos colocaram em contato, que levaram ao encontro das nossas 'canções', na andança (d)e construção do cenário da pesquisa é singular mas também uma obra coletiva, pois é feito e é efeito de encontros. Efeito de uma andança em intercessões, como ferramentas de trabalho. As paisagens do Sul são desenhos e(m) movimentos, nas quais, linhas (d)e forças estão em permanentes fluxos. Escrever desse trajeto é como o narrar de uma experiência coletiva de 'felicidade', como a possibilidade de compartilhar por um determinado tempo das nossas vidas, de viveres em conjunto, sem desconsiderar as dores também inerentes a esse processo, que não foi sem percalços, angústias, incertezas, medos, anseios, desejos, atrapalhos, 'sentimentos psíquicos'[103].

Deste modo, que passamos a habitar juntas e juntos territórios existenciais singulares e(m) coletivos, por fios e fluxos no tecido destas paisagens, que se cruza(ra)m, se encontra(ra)m e que aqui se alinhava pelas narrativas de si e(m) nós, em que fomos nos contagiando e traduzindo nossas inquietações, o devir de nós[1]. Pode-se dizer que tal como um

[103] Como uma forma de subverter um pouco o termo 'sofrimento psíquico', dado que é inerente ao humano, em intensidades diferentes, das suportáveis a insuportáveis, e que integra a variabilidade dos sentimentos que compreende viver. É também uma forma de se dizer que estamos vivos, pois sentimos, algo nos afeta. Pode nos fazer sofrer, mas também é a vida em manifestação, em variação de potência.

rizoma, em que constituímos lugares de encontros que foram e vão acontecendo de forma imprevista, sem começo e nem fim, sem centro e periferia, como um sistema de passagens, feito de atalhos e desvios, "disposta em uma tal confusão métrica que se torna obscuro, qual elemento ou lugar do labirinto, irá levar ao próximo" (VOGL, 2012, 1:42min), conforme Figura 45.

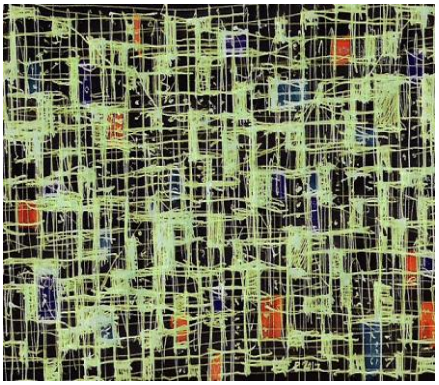


Figura 45 – Rizoma labirinto.[104]

Desta forma, é que segue-se pois, narrando sobre como fomos nos encontrando, a partir do que movia a 'andarilha' e do que foi nos movendo, no de conhecer a realidade da saúde (mental) de Pelotas principalmente pela voz das pessoas assistidas nestes, vozes instituintes, da necessidade de articular e misturar mais Universidade e realidade, com a comunidade, dos (re)encontros e do envolvimento com maquinarias de guerra, o que não foi e nem poderia ser, sem implicação.

O envolvimento com maquinarias de guerra

O movimento de envolvimento com maquinarias de guerra era porque havia um motor em ação, o da implicação. Então, a 'andarilha' experimentando outro território vivencial, o de residir em Pelotas, acaba se envolvendo com espaços (e) coletivos que de algum modo lhe afetavam. Eram 'engenhos' em movimento, que mexiam com seus 'engenhos de dentro'. Vislumbrava em alguns, 'maquinarias de guerra', pois tinham cheiros à implicação com algumas causas sociais, ao encontro do que já vinha trilhando nas suas andanças, embora nem todos esses espaços foram constituídos para este fim, mas que de alguma maneira acabavam sendo, no que se moviam, no que se movem, no que circulava pelos mesmos como 'forças (de) ***rexistência***'. Fomos nos tramando.

O termo 'maquinarias de guerra' deriva do conceito de 'máquinas de guerra', proposto por Deleuze e Guattari e que não tem como fim a guerra e sim a vida (DELEUZE E GATTARI, 1995a). Consistem no agenciamento de desejos contra o que interfere na afirmação da vida e que funciona como formas de resistências neste sentido, força instituinte e(m) instituídos, e que tende a produzir desterritorializações, principalmente em

[104] Figura 43 – disponível em: <https://razaoinadequada.com/2013/09/21/deleuze-rizoma/> . Acesso em 25 abr de 2017.

homogenizações (DELEUZE E GATTARI, 1995a e b) e reterritorializações com vistas à sobrevivência.

E é o que foi ocorrendo nestes espaços, *menores*, ás vezes quase invisíveis, notados no andar e fazer juntos e juntas, em que o maior reside na intensidade da menoridade. Nos conectamos pelo som da implicação na construção de possíveis, seja na vida singular, na saúde, no social, louco som, loucos sons. Quais são essas maquinarias: Levante Popular da Juventude, as Vivências e Estágios na realidade do SUS, a Comissão de Integração Ensino-Serviço – CIES e a constituição do coletivo Extremo_SUS. São espaços de produção de subjetividades, formas de agenciamento de forças e disputa de direitos sociais, que ao fazer, vamos nos revisitando, nos refazendo, nos produzindo.

Um levante ao que se sente na pele

O Levante Popular da Juventude é um movimento social organizado (Figura 46). É popular. É a juventude do projeto popular (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 2017), que não quer 'envelhecer' sem transformar a sociedade. É a força da juventude que pulsa em qualquer idade, principalmente diante de injustiças e iniquidades sociais produzidas pelo sistema capitalista acoplado ao neoliberalismo.



Figura 46 – Logotipo do Levante Popular da Juventude[105]

Força que pulsa é o que da realidade nos afeta, e em nossas alquimias, transformamos em luta, é o 'puro vivido', 'sentido na pele'. Eis, um dos porquês de se levantar e de ir construindo as bases de transformação do cenário que se vive - pela construção de um projeto popular de sociedade, de outra relação com a vida, por sistemas mais democráticos, por menos representatividade e mais participação direta do povo, como forma de enfrentar a máquina do neoliberalismo global.

É um movimento que emerge da organização da juventude camponesa, mas que se amplia, reunindo jovens do campo e da cidade, onde os jovens estiverem, a partir de três frentes – estudantil, territorial e camponesa, dado que possuem comuns o movimento estudantil, o camponês e o popular urbano, na militância por transformações sociais, por

[105] Figura 46 - Imagem disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=atua%C3%A7%C3%A3o+nos+escrachos+ditadura+levante+popular+da+juventude&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwinvZDO6M_TAhXIDpAKHepyBwYQ_AUIBigB&biw=1366&bih=638#imgrc=RwB3CA9y1VrrIM> . Acesso em 01 de mai. de 2017.

justiça e igualdade eu não mascare as diferenças (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 2017). Muitas pautas vão sendo construídas a partir da realidade sentida na pele (Figura 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53), a qual se quer alterar. Se articulam também com a classe trabalhadora, uma das principais forças que gera riquezas neste país e que não desfruta das mesmas, e muitas e muito, mesmo assim, são manipulados a naturalização destas situações. Produziu o movimento pela memória e escracho da ditadura. Em 2012 recebe o prêmio nacional de Direitos Humanos (JORNAL BRASIL DE FATO, 2012).



Figura 47 – Projeto popular para a educação.[106]



Figura 48 – Levante na luta pelo direito a diversidade.[107]



Figura 49 – Levante na luta contra o machismo.[108]



Figura 50 – Levante pela Saúde da Mulher[109]



Figura 51 – Levante pelas Cotas[110]



Figura 52 – Levante ocupa a Globo no RJ, 2017.[111]



Figura 53 – Levante no escracho contra a ditadura[112]

[106] Figura 47 – Imagem disponível em: https://levanterj.wordpress.com/category/educacao/ . Acesso em 01 de mai. de 2017.
[107] Figura 48 - Imagem disponível em: http://www.revistaforum.com.br/2014/10/14/levante-popular-da-juventude-com-dilma-contra-amealca-conservadora/ . Acesso em 01 de mai. de 2017.
[108] Figura 49 - Imagem disponível em: http://levantepopulardajuventude.blogspot.com.br/2012/03/ . Acesso em 01 de mai. de 2017.
[109] Figura 50 - Imagem disponível em: http://levantepopulardajuventude.blogspot.com.br/2012_05_01_archive.html . Acesso em 01 de mai. de 2017.
[110] Figura 51 - Imagem disponível em: https://levanterj.wordpress.com/category/educacao/ . Acesso em 01 de mai. de 2017.
[111] Figura 52 - Imagem disponível em: https://falandoverdades.com.br/2017/03/31/video-manifestantes-do-levante-ocupam-a-globo-no-rio-de-janeiro-e-denunciam-o-golpismo-da-emissora/. Acesso em 01 de mai. de 2017.
[112] Figura 53 - Imagem disponível em: http://www.consultapopular.org.br/noticia/escracho-pela-mem%C3%B3ria-e-contra-ditadura . Acesso em 01 de mai. de 2017.

O Levante começa no Rio Grande do Sul em 2006, e se nacionaliza. Em 2012 foi realizado em Santa Cruz do Sul o 1º Acampamento Nacional do levante Popular da Juventude (Figura 54) que reuniu em torno de mil e duzentos jovens, já na época de 17 estados do país. A andarilha participou por um tempo, ativamente, do Levante Popular da Juventude. A inserção da 'andarilha' começou em Ijuí, em 2010, com a criação de um coletivo lá, nominado de célula.



Figura 54 – Acampamento Nacional do Levante Popular da Juventude - LPJ, Santa Cruz do Sul, na Feira Nacional do MPA 2012.[113]

E com o primeiro VER-SUS Palmeira das Missões, articulado com os movimentos sociais da Via Campesina, se participou deste 1º Acampamento (Figura 54, 55).



Figura 55 – Circulando por espaços da Feira Nacional do MPA no Acampamento Nacional do LPJ, Santa Cruz do Sul, 2012.[114]

No Coletivo cá, Pelotas, não conseguiu conciliar os tempos, ou seja, todas as atividades que havia se envolvido, sejam as agendas de luta deste coletivo com a de construção permanente do SUS e mentaleira, com as da Universidade. Também, porque não se sentia em casa, como em Ijuí. Era mais frio. Talvez como forma de defesa A 'andarilha' não estava acostumada com isso nas loucuras que vivia e fazia. Contudo, essa sensação pode ser porque a andarilha estava vivendo um processo de transição entre territórios.

Ainda, que na linha teórica de leitura e problematização da realidade e construção da ação deste Coletivo, que coexistem à que a 'andarilha' tem se 'bandeado', sentia-se como alguém que estivesse destoando da que predominava no movimento e ao mesmo tempo, caso fizesse o caminho inverso, se atrapalharia muito no que estava encontrando oxigênio para a tradução dos seus virtuais andarilhos, no caso, em alguns dos escritos de Foucault, Deleuze, Guattari, Baremblitt.

Mas, nos anos que se seguiram, de 2014 até o presente momento, maio de 2017, seguiram se acompanhando e em articulações, na realização dos VER-SUSs e outras, como

[113] Figura 54 - Imagem disponível em: http://levantepopulardajuventude.blogspot.com.br/2012_05_01_archive.html . Acesso em 01 de mai. de 2017.
[114] Figura 55 - Imagem de participação com um coletivo de viventes do VER-SUS em Palmeira das Missões, no acampamento do Levante e Feira Nacional do MPA em Santa Cruz do Sul, no ano de 2012.

recentemente as que se sucederam em decorrência do golpe de Estado que viabiliza as propostas e alterações trabalhistas, previdenciárias, supressão de 50 por cento no orçamento da educação e da saúde, entre outros ‘assassinatos’ de direitos sociais.

Mas, não é o tema de estudo? Será que não?! É um ponto de intensificação da vida, dado que luta pela mesma, e que ao fazer cada um e cada uma se intensificam, nos intensificamos. As lutas por educação, por trabalho, pelos direitos das mulheres, da aceitação das diferenças, enfrentamento do racismo, sexismo, fundamentalismo, moralismos diversos, entre outros, se transversalizam. São comuns que se coadunam! Comuns daquilo que (nos) coloca em movimento, principalmente quando contra as formas de opressão, por cidadania e por justiça social, nas suas mais variadas faces. E mexer na relação com a loucura implica também em sair o quadrado da ‘Saúde Mental’ e tocar no que nos é comum a outros movimentos que tentam ser minorizados socialmente, pois dentre as especificidades e singularidades, estamos falando do direito a viver do jeito que somos, sem descriminação, preconceito, estigmatização, pois isso mata, nos mata subjetivamente e rouba a vida.

Nesses levantes na tentativa de transformar realidades, muitos seguimos, criando e apostando em agenciamentos, mesmo sem saber ao certo no que reverberariam. Trata-se de uma atuação na construção de outra sociedade e defesa de direitos, pela produção de cidadania, de liberdades, pela afirmação da vida, por direitos sociais, pelo SUS como uma das principais vias para garantia do direito a saúde, entre tantas outras coisas, que se correlacionam a produção de ***rexistências*** no ‘campo’ das subjetividades e da sociedade. Como um Levante ao que se sente na pele, não está desacoplado de modo algum de modos de intensificação da vida.



Figura 56 - Slogan do 9º Acampamento Estadual do Levante Popular da Juventude, de 12 a 14 de julho de 2003, Santa Maria – RS.

A inserção no Levante Popular da Juventude, a constituição da ‘Célula’ em Ijuí, o apoio na constituição da Célula em Panambi e a chegada e convivência por algum tempo na célula de Pelotas, foi por assim dizer, mais uma pista, não muito diferente do que já fazia, mas que se ressignifica que ‘Só a luta muda á vida’. A ressignificação se deu ao mirar várias vezes a Figura 2. E era uma pista, pois a ‘andarilha’ andava com suas águas mexidas, inquietas, pelo que da vida passa em nós, e nos afeta, a cada um(a) de um jeito, mas a ‘andarilha’ isso ganhava intensidades que precisavam de expressividades.

Ou seja, como estar indiferente as mais diversas formas de opressão, violência, ao que fere o direito a dignidade que passa pela conquista de direitos humanos, ao que mexe e pode diminuir a potência de viver? Considerando estes aspectos era preciso re_agir. Noutras palavras, fazer alguma coisa com suas intensidades, com a sua loucura. E fez, se envolveu com maquinarias de guerra. Forças moleculares com potencial revolucionário, micropolítico. Como nos diz Guattari, o desejo é revolucionário (1986). E ainda, se pensarmos nesta perspectiva, o Levante em si, é como uma linha de fuga (DELEUZE, GUATTARI, 1996, p. 94), que faz fugir, ou seja, da lógica dessa sociedade capitalista, moedora de vida.

E entendeu que nesses processos havia e há produção de subjetividade, em que de algum modo nos transformamos e transformamos a realidade ao mesmo tempo que ela mesmo nos transforma ao ser construída. Que isso acontecia porque havia libertação de algumas verdades que tendem a nos prender em processos de alienação, não isentos do risco de nos prendermos noutras, mas que estávamos em movimento no contra a naturalização do que nos oprime e pode desintensificar a vida, para manter uma determinada ordem social. E que por isso, também, a naturalização, a racionalização e burocratização da vida são tributos que podem reiterar essas formas de dominação e controle dos corpos, que serve a quem? Pra quem?

Por isso, à desordem ao que for na contraordem de potencialização da vida. Então, por essas e outras, é que a frase ‘Só a luta muda à vida’ era uma pista, mas entendendo que as lutas são várias, consigo, sociais, etc. Que era o que a mantinha viva. Então foi uma pista, talvez uma das mais fortes. E que pelo meio, no caminho, junto e misturado, aparecem outras, a dos(as) intercessores(as) guias, que produziram esses ecos na ‘andarilha’ pois eram vozes de lutas em movimento.

Do VER_SUS, brotos no sul!

Criação do Coletivo Extremo_SUS e participação na Comissão de Integração Ensino-Serviço

A partir disso, e de movimento experimentado na região noroeste, norte e centro-oeste de reativação do VER-SUS, de criação de coletivos como uma força de articulação e construção, foi criado por um ‘bando de malucas e malucos’ que acreditam nas reformas de si e sociais, viventes de VER-SUS, o coletivo Extremo_SUS. Gente afetada pelo que vivia e que

identificavam no VER-SUS um dispositivo de agenciamento de forças para transformações na realidade da formação em saúde e outras, da saúde e da sociedade. Nós mesmos(as) já éramos um dos efeitos vivos disso. No início o coletivo foi composto pela Marcos Aurélio Mattos Lemões, Mariana Luchese Vasem, Uiasser Franzmann, Mauricio Pelegrini, Denilson Rehling Lopes, pela ‘andarilha’ e foram se agregando Savannah Carvalho, Shayane Costa Vargas, Roberta Antunes Machado, Lucas Rosso, Savannah Carvalho, Tainã Bartel, entre outras e outros.

O Coletivo tinha a intenção de radicalização na defesa do direito a saúde, via VER_SUS, envolvimento com movimento estudantil e participação em espaços de controle social e de gestão de políticas públicas. O nome visava demarcar uma região do estado e país, muitas vezes esquecida e que faz fronteiras, bem como de laço com o SUS, por isso o uso do subtração entre Extremo e SUS.

O mesmo viveu o tempo que lhe foi possível à existência. Ensinando que coletivos vivem, são as pessoas que o fazem, não são e nem precisam ser eternos. Que sejam ‘eternos’ enquanto durarem, na mesma perspectiva do que dizia o poeta Vinícius de Moraes sobre o amor. Vivemos o tempo suficiente para produção de diferenças em nós mesmos e no que fazíamos e participávamos. Tanto o é, que dificilmente somos as mesmas e os mesmos que entramos, constituímos esse espaço. Somos outras, somos outros. Aconteceram processos de subjetivações. Sabemos que somos movidos pela utopia, que pode ser traduzida nesta perspectiva teórica, por desejo, subjetividades desejantes. Somos máquinas de produção de ‘loucas(os)’ interessadas(os) pela produção de diferença.

Foi uma experiência de convívio com singularidades, expressividades, jeitos de viver e ser, houve embates e o mote que mantinha sua existência, no caso a militância no SUS a partir deste espaço, e pela realização do VER_SUS (Figura 57, 58, 59, 60, 61), como uma de suas afirmações éticas, estéticas e política, não foi possível sustentar devido a conflitos entre algumas pessoas, atravessamentos político partidários, e, principalmente, pois as pessoas, estudantes, concluíam os cursos que estavam fazendo (graduação, mestrado e doutorado) e retornavam aos seus municípios de origem ou iam trabalhar ou seguir na formação noutros. Era um ‘caldo’ quente de viver, potente!



[

Figura 57 – Cartaz convite para roda de Conversa com estudantes de odontologia, Faculdade de Odontologia, 2013.[115]



Figura 58 – Cartaz de divulgação para participação no processo seletivo-educativo, para fins de realização ou não do VER-SUS; Pelotas, 2014.



Figura 59 – Viventes VER-SUS Pelotas, 2014.



[115] Cartaz convite para roda de Conversa com estudantes de odontologia, Faculdade de Odontologia, 2013.



Figura 60 – Participação de docente e estudantes de graduação e pós-Graduação da Faculdade de Enfermagem, muitos dos(as) quais envolvidos(as) com VER-SUS no ocupa as ruas em 2014, vimos desde o Ânglo até o Mercado Público se somar na Marcha.



Figura 61 - Roda de conversa de estudantes da Odontologia da UFPel, prédio da Faculdade de Odondologia da UFPel, 2013.[116]

Mas, também, porque as tonalidades com que foi sendo desenhado o VER-SUS, mexeu no sentido da realização desta proposta, principalmente no que tangia ao método e financiamento pela política estadual de Educação Permanente em Saúde e Rede Unida, que interferiam justamente em um dos motes **sus**tentadores desta possibilidade - a autonomia e o protagonismo das pessoas que se envolviam na proposição, viabilização e participação do VER_SUS. Então, o grupo ruiu.

A ‘andarilha’ sente que a ‘força’ da instituição Universidade capturou também um pouco desse espaço, pois o quanto somos levadas e levados e deixados levar a investirmos nossos ‘tempos’ no que apresenta trejeitos de movimento social e sim, a investir na ‘ilusão’ do que possa garantir nossa ‘sobrevivência’, um ‘futuro’. Tivemos uma bolsa, mediante um projeto de extensão. Potente, mas, mesmo assim, também capturado nessas ‘lógicas’ institucionais. Afinal, a militância pra quê, pra quem, por quê?!

Entretanto, mesmo assim, nas nossas expressões de vida, de pessoas que (se) agenciaram neste Coletivo, no extremo sul do Rio Grande do Sul, demonstramos ao nosso jeito, que o SUS é um sistema que se defende e pelo qual se luta. É uma dança com o que vai

[116] Roda de conversa com o Coletivo Extremo_SUS, estudantes vinculados ao Diretório Acadêmico de Enfermagem – DAEnf Anna Neri, estudantes contagiados/as de VER-SUS.

nos (e o que vamos) afetando na vida. Cada uma e cada um seguiu a sua vida, articuladas e articulados ou não em (outros) coletivos, mas em infinitos agenciamentos, nas e pelas suas singularidades. Lutar, defender, sustentar o SUS que se construiu até agora e ainda há muito por fazer é defender o direito da saúde, pois sem esse Sistema a nossa vida e de muita gente estaria e estará em risco.

Nesse sentido, eis o que relata uma das companheiras de Extremo_SUS e VER-SUS[117],

> ... esse ano (...) estou como Secretária de Saúde no município que trabalho. Apavorada com o campo da gestão e administração e etc... (que envolvem o cargo), mas feliz pelo reconhecimento do meu trabalho e pela possibilidade de mudança... Não está sendo fácil, mas estou me esforçando. Assim, posso dizer que tenho vivenciado um outro lado da luta... e agora vejo e digo com ainda mais convicção: não é fácil sustentar um sistema quando tantos interesses políticos e administrativos se entravam...Um sistema que se coloca por e a favor do povo. No entanto... estamos aí pra isso! Pra lutar e resistir... Ahh como queria ter a convivência com vocês novamente. Quando penso em desistir lembro dessa trajetória ai que comentas[118].... Lembro da luta e dos diálogos incansáveis acerca do nosso SUS e de quanto era grande a ansiedade em "pôr a mão na massa". Isso me impulsiona a continuar. (VASEM, 2017, p. 1).

Ainda:

> E vejo como o SUS é grande. E como falta reconhecimento... e conhecimento. (É necessário divulgar cada vez mais as ações e serviços que dispomos). Então...Acredito que ser militante do SUS é isso: é apaixonar-se pela causa, é lutar e acreditar. Em uma sociedade na qual os interesses pessoais e políticos muitas vezes falam mais alto, lutar pelo SUS é 'cair e levantar'. Mas nunca deixar de caminhar. E para mim o VER SUS é o início. É o legado. Mesmo tendo começo, meio e fim; é o impulso, é a chama que pode até diminuir, mas não se apaga, mesmo diante de trajetórias distintas ou de dificuldades (muitas vezes a chama volta com mais força. Ler [o que escreveu][125] fez a minha chama (re)acender (VASEM, 2017, p.1).

A 'Saúde Mental' esteve transversalizada a esses fazeres e viveres do Coletivo e VER-SUSs. Não seriam também essas paisagens espaços de produção de subjetividade, de saúde e infinitas reverberações? Procurava-se que a 'saúde' fosse entendida de forma ampliada, como produção de vida e não no seu reduto de ausência de doença, mas de relação com as nossas loucuras, fazendo loucuras, a principal delas, de navegar contra as correntezas, os modos instituídos que procuram fechar os desejos e viveres em estruturas. Nossas loucuras foram, são de muitas capturas, mas também de furos e fugas, como a narrativa de Vasem (2017).

---

[117] Coletivo Extremo_SUS e VER-SUS comparecem no texto, pois foram pontos de conexão nesta andarilhagem no que tange a 'r**existências**'.

[118] Partilhado pela 'andarilha' com a Mariana Luchese Vasem e o Marcos Aurélio Mattos Lemões, o descrito sobre o Coletivo Extremo_SUS para sentir efeitos de como soava o escrito. O retorno de ambos foi acolhido pela 'andarilha', de explicitar o nome das pessoas que iniciaram e muito provavelmente não estejam todas, pois a tendência é lembrar do que mais afeta, ainda que todas as pessoas sejam importantes. Acolheu as sugestões de Marcos Aurélio Mattos Lemões e decidiu trazer para o texto os escritos de Mariana, nos quais há pistas da potência que foi e pode-se dizer é o VER_SUS.

Nesse ínterim, antes da criação do Coletivo, embora já estivéssemos em ‘coletivo’, com o mote da realização do VER_SUS, víamos na Comissão de Integração Ensino-Serviço – CIES da 21ª região de saúde um espaço para agenciar o VER-SUS, dado que a CIES tinha no seu ‘coração’ a educação, o que apostávamos como forma de mudança, de produção de subjetividades, um território de luta pelo quê nos levantávamos. Havia ali, possibilidades de problematização e construção de realidades.

A CIES é um dos dispositivos da Política Nacional de Educação Permanente em Saúde (BRASIL, 2009), fazendo interface com outras, como a Educação Popular em Saúde, de Humanização, com a Política de Saúde Mental, das ‘Diversidades’, entre outras. É transversal ou deveria ser, o que é uma construção. Deste modo, partilhando de desejos incansáveis com alguns\mas ‘malucos(as) da cidade’ de interferir na formação acadêmica, na relação com o SUS e a loucura, de quebrar as lentes da tradição e construir outras recombinações caleidoscópicas, cintilantes, vibrantes, contagiar do mesmo modo que se foi contagiado(a), lá se fomos nós se ‘enozar’ na CIES.

E nos enozamos de tal modo, que uma das reuniões da CIES, ao encontro das proposições, que as reuniões da CIES fossem itinerantes, rodassem pelos municípios com vistas a ampliar a participação, foi o ocorrida em São Lourenço do Sul, na Tenda do Afeto Popular pois a data de reunião 08 de maio de 2015 coincidia com o Mental Tchê e o espaço era por si só convidativo a ampliação (Figura 62).



Figura 62 – Reunião da CIES em São Lourenço do Sul, na Tenda do Afeto Popular, Mental Tchê, 2015.

Na mesma, em transe, em trânsito, vivia passagens nos desafios de sua existência, uma ponte da qual quase caímos todas e todos, mas como havia insistentes ‘navegadoras e navegadores’, sobrevivemos e atualmente rodamos na região. É um espaço que se disputa formas de produção de saúde, explodindo efeitos por aí. Reconhece-se que em alguns momentos foi preciso por cada uma e cada um SUStentar a roda, os encontros, os giros....

Reforçou o que já tínhamos lido e vivido, que a democratização do que compreende o espaço é necessária para sua existência, cria força instituinte, e ao mesmo tempo, importa que sejam disparados agenciamentos, que consistem em “un montage o artificio produtor de innovación que genera acontecimentos, devenires, actualiza virtualidades e inventa lo Nuevo

radical"[119] (BAREMBLITT, 2005, p. 143), 'vindos'[120] de algum lugar, pois pelo quê nos levantamos?

E nesse processo nos envolvemos com várias atividades no sentido de produção de educação permanente em saúde, além do próprio espaço da CIES que por si só, já era um espaço dessa fabricação. No mesmo fabricamos horizontes, disparados(as) pelas utopias que acreditamos e via construção do plano regional de Educação Permanente em Saúde.

A CIES não poderia ser vista como mais uma coisa, um algo mais que se faz, porque há uma política pública tangenciando que se ocorresse encontros, era preciso que fosse um dispositivo agente de transformação, tanto em quem participasse, no caso nós, como na produção de saúde na região. Deste modo, foi sugerido buscar o que havia sido apontado nas Conferências Municipais de Saúde da região, mediante contato com Conselhos e Secretarias de Saúde. Alguns enviaram, mas poucos. Ao conhecer as propostas e considerado os retornos, presume-se que há muitos na relação com o que seja educação permanente em saúde, pouco vista como elemento de formação em serviço e de serviço em formação, colocando em análise as próprias práticas e tecendo soluções mais coletivas e democráticas. Entretanto, ainda há muita centralidade no que é considerado como seu equivalente, a educação continuada.

E ao mesmo tempo, de se pautar na CIR, na qual não houve muito eco. Fomos em uma reunião, falar com as pessoas que ocupam lugares de poderes. E o efeito gerou comentários de transferência dos problemas da gestão para as equipes, em especial a Enfermagem, o que foi problematizado. Devido a isso, uma colega sofreu assédio moral pela pessoa que na época era a Secretária Municipal de Saúde de Pelotas. Geramos no coletivo da CIES a possibilidade de denúncia aos órgãos de classe, mas após muita conversa, o coletivo avaliou que se fizéssemos esse movimento, truncaríamos outros. E foi consenso não avançar nesse enfrentamento, muito embora isso acaba legitimando jeitos de fazer e agir de pessoas, as quais porque estão em alguns cargos se autorizam a tentar oprimir as outras pessoas.

A ação da referida secretária era o contra o que se pensa, deseja e se entende por educação permanente em saúde. Ao considerar essa situação e entendimento geral que paira sobre educação permanente e que também precisávamos nos rever neste sentido, se pensou em disparar conversas sobre Educação Permanente em Saúde em um Seminário Macrorregional e no mesmo, realizar trabalhos de grupo para se construir mais coletivizadamente do Plano Regional de EPS. E nisso residiu a boniteza do mesmo que

[119] Tradução do espanhol: "uma montagem ou artifício produtor de inovações que gera acontecimentos, devires, atualiza virtualidade e inventa o Novo radical".
[120] É uma alusão ao desejo, as virtualidades.

carrega a voz de muitas pessoas, seja das Conferências, seja do Seminário. O mesmo foi apresentado na CIR, e aprovado.

E nesse meio tempo, seguimos construindo possíveis para execução do planejado, com a realização de Seminários Microrregionais de Educação Permanente em Saúde, apresentando experiências, colocando em discussão, e também com vistas a criar/ativar Comissões Municipais de Educação Permanente em Saúde e de ampliar a participação dos municípios na CIES, dado que era uma forma de agenciar encontros e produção, e como forma de geração de forças na produção da vida, na interface entre pessoas nos serviços de saúde, escolas formadoras, controle social, movimentos sociais, comunidade.

Então, fomos reaprendendo o que queríamos como Educação Permanente em Saúde e nos movendo nisso, que estava atrelado a garantia da integralidade em saúde, ouvindo e problematizando com uma pluralidade de vozes, sob uma demarcação ético política a favor da vida e não de ou na dependência de políticas de governo e de Estado. Eram algumas loucuras, pois requer implicação das pessoas, no agenciar reunião, no negociar, no pensar, no se refazer nesse processo, na co e autogestão, no aprendizado coletivo quanto ao enfrentamento dos atravessamentos de forças diversas. A implicação não consiste em reproduzir porque está escrito em algum lugar, consiste em fazer acontecer, em tecer a realidade. Essa era mais uma das nossas loucuras. A construção da realidade. Mas que tem a ver com a loucura? Tudo, porque era outra forma de loucura, ou quiçá a própria loucura. Era uma forma rexistir.

Tanto os VER-SUS, como a criação do Extremo_SUS e participação nos espaços da CIES, tratavam de nossas loucuras, de criação de resistências e interferências na formação acadêmica, nos serviços de saúde, no controle social, na gestão de políticas públicas e porque não dizer, deste modo, também na sociedade?! Estes processo estiveram articulados com outros movimentos sociais, os quais são portadores de pistas para construção do presente e de futuro, de esperança, como por exemplo o Levante Popular da Juventude, no enfrentamento de preconceitos, do racismo, das desigualdades sociais, do patriarcado, do fundamentalismo, da transhomofobia, do machismo, da violência, principalmente em relação as mulheres, etc.

São formas de agenciamento coletivo, que procuraram a atuar em auto e cogestão, como no caso foram as Vivências, realizadas em Pelotas. A autogestão implicam na autonomia individual ou de um coletivo e a cogestão, em uma forma de fazer juntos, da construção coletiva. Cogestão foi um conceito proposto por Campos (2000), na perspectiva de democratização das relações, como modo de construção de compromisso entre as pessoas e com o que estão a se mover, incitando a possibilidade de ampliar a capacidade de análise, de forma reflexiva. São formas de se colocar no mesmo plano de relações, não apagando as

diferenças, de compartilhamento e produção de saberes, facilitando a democratização das forças e dos poderes instituídos. Como o mesmo diz, trata-se de um neoartesanato que implica em democracia que combina responsabilidade com autonomia (CAMPOS, 2010)

Prática na produção de saúde em que todos tem voz e vez. São formas também de compartilhamento da vida. Além disso, de experiência de si e coletiva como forma de colocar em análise a si mesmo e o coletivo na construção de forma compartilhada do mesmo e de si nestes processos. É como sentir-se pertencendo construindo junto a obra. Trata-se de uma forma de produção de sujeito e subjetividades, de cidadania, no tensionamento com as hierarquias de saberes e poderes, recuperando o que foi enrijecido em nossa humanidade, fazendo essas torções na lógica da sociedade capitalista do individualismo, a fim de que não estejamos indiferente ao que nos acontece na vida, entorpecidos por hegemonias.

Então o VER-SUS, consiste em mais uma produção rizomática. Umas de nossas experimentações. Da nossa loucura, como forma de agenciamento e criação de resistências pela produção de subjetividades em uma artesania coletiva.

A criação da Tenda do Afeto Popular

No movimento das águas, sob e produzindo influências, que **levantam** reverberações em diversas direções, estava por acontecer o 9º Mental Tchê no primeiro semestre de 2013. Havia/Há uma articulação de gentes quentes, a maioria com 'manchas' de VER-SUS na pele que nos agenciávamos, de perto, de longe, de diversos lugares, no coletivo Povaréu – Arte, Saúde e Educação Popular, no qual a 'andarilha' começa a se integrar pelos afetos que a acionam, pela possibilidade de reencontros, de se 'alimentar' em uma construção coletiva que lhe produzia rebuliços, os quais a fortaleciam a seguir nas lutas pelo que defendia, pela partilha de utopias possíveis, de andar junto com esses/as companheiros/as das andanças Versusianas, das Residências em Saúde, entre outros/as, pois nunca fomos um grupo fechado, mas que se aproxima por comuns que nos reúnem.



Figura 63 – Registo fotográfico de (re)encontros de/as viventes do primeiro VER-SUS realizado em Palmeira das Missões/RS e do VER-SUS/Santa Rosa, Tenda do Paulo Freire, 9º Mental Tchê, 2013, São Lourenço do Sul, RS.

Também, de reencontrar gentes que se encontraram no início dessa experiência

versusiana em 2005, como o Marcos Aurelio Matos Lemões, a Michele Neves Meneses e o Jorge Senna e também os/as viventes que estiveram no primeiro VER-SUS realizado em Palmeira das Missões/RS (Figura 63), tão logo que houve seu brotamento nas coxilhas do norte – Kelly Dandara da Silva Macedo, Lairton Bueno Martins, Pedro Henrique Carard Sitta, Gabriela Zuchetto, a Georgina Matias e assim foi conhecendo outras pessoas, como a Neidi Regina Friedrich, Mayra Papa, e obviamente outras, muitas outras.

Essas pessoas estavam envolvidas no tecer da Tenda Paulo Freire para e no 9º Mental Tchê, em 2013, em São Lourenço do Sul, palco dos Mentais. Por que será que estavam envolvidas? À 'andarilha' só soa uma palavra – implicação. A andarilha estava vi_vendo Pelotas e foi acionada para disparar conversa sobre 'Redes' {junto com todas as pessoas que estivessem por lá} em um momento no espaço da Tenda. E foi. E foi intenso. Lá, partilharam com a 'andarilha', que as pessoas deste Povaréu e não só, envolvidas na organização desta Tenda em 2013, haviam discutido sobre a reprodução da Tenda Paulo Freire, se ele nos fala em criação, e também, se seria legítimo ou não fazê-la, mesmo se operando com a educação popular.

Deste modo, no primeiro dia, foi lançada a ideia de se criar uma Tenda que expressasse nossas loucuras. E no terceiro e último dia do evento, essa perspectiva foi retomada por quatro 'malucas', mulheres atuantes em movimentos sociais, camponês, estudantil, antimanicomial, escolas formadoras, serviços de saúde, na época três que integravam o Coletivo Povaréu - Arte, Saúde e Educação Popular, e uma a outra trabalha com plantas medicinais em Oficinas de Saúde Mental na Atenção Básica, a qual a 'andarilha' teve a alegria de reencontrar noutras Tendas e no coletivo de Oficineiros/as agenciado por outra maluca na produção de diferença e ainda a outra, que também trabalhava na gestão da Atenção Básica no, estando uma por ora em Palmeira das Missões, a outra em Pelotas, e as outras duas em São Lourenço do Sul, as quatro de algum modo, dedicadas a plantar 'possibilidades', educadoras populares, desviantes.

Se fala dessas mulheres, dentre as quais está a 'andarilha', como forma de afirmar a luta das mulheres em uma sociedade que ainda sofremos com o patriarcado, o machismo, misoginia, sexismo, racismo, violência de gênero, tais como sexual, femicídio e feminicídio, entre outras coisas. É uma forma de voz, que pode parecer muito pequena, mas que se sabe que mesmo assim, quando as vozes se juntam e se levantam, como por exemplo a 'Marcha das Margaridas', deixam consideráveis pistas do que essas vozes tem contribuído para avançarmos na luta, na resistência e produzindo alterações no que nos é imposto pelo sistema capitalista, patriarcal.

Essas quatro mulheres vão agenciando outras pessoas a conversar sobre a Tenda Paulo Freire e a sua reinvenção que expressasse a que nos movemos e o que estamos fazendo enquanto ‘Tenda’. Comentam que não necessariamente teriam que seguir com esse nome, e na esteira das escritas de algumas pessoas que permanecem vivas pelo que escreveram, que seria interessante a criação de uma Tenda que não fosse a ‘réplica’, mas quiçá herdeira, da ideia da de Paulo Freire, sem trair os princípios da educação popular, pois a Tenda Paulo Freire no Mental Tchê já era outra coisa.

Então, com vistas a criar um nome com o qual se reconhecessem na Tenda, que ‘representasse’ e que fosse efeito de uma produção coletivo afetiva, chamando outras pessoas para essa ‘pensação’, brotou o nome como expressão do vivido - Tenda do Afeto Popular, expresso em uma faixa pintada a muitas mãos. Dizíamos, não exatamente nestas palavras, ‘tem que ter Tenda no nome, porque é uma Tenda’, ‘e popular também, em função da educação popular, que é o que fizemos também na e a partir da Tenda’ e não só, e a ‘andarilha’, nas suas loucuras, sugeriu ‘afeto’. É que andamos não indiferentes somente às injustiças sociais, ao que precisamos avançar enquanto sociedade, relações humanas e com o meio que vivemos e que somos nós, mas ao que brota. E brotava afeto, mas um afeto político de generosidade com o outro e consigo mesmo em processos transformativos, na reforma dos nossos lares subjetividade.

Via porque visualizava circulação de afetos, rizomas, espaço de encontros, sensações diversas, práticas cuidado, em que as pessoas tem espaço de voz. Ver o que não se vê, ver o que se sente, só podia ser mais uma das suas alucinações. Se traz isso, pois esse momento foi muito intenso, foi uma passagem das intensidades do que sentia no conjunto, em conjunto que ali estávamos nesse momento de nossa existência.

‘Tenda como lugar que muitas coisas se encontram e se misturam’, ‘Tenda de todos os(as) povos, de todas as cores’, ‘Tenda instituinte’, a Tenda que tivesse a cara do popular, ou seja, das pessoas’. E surgiram outras ideias. Nessas combinações e recombinações das letas e(m) palavras, deste espaço, itinerante, de que se faz e desfaz enquanto estrutura, mas que pode perdurar efeitos na vida de muita gente, trans**bordou** então o nome ‘Tenda do Afeto Popular’. Essa é uma de nossas loucuras.

Entretanto, pelo menos a ‘andarilha’ defende que a Tenda não nos pertence, é de todos/as, pois tudo o que se produz ou reproduz, precisa estar a serviço do povo, das pessoas. Então, a Tenda do Afeto, não é de nenhum dos Povaréus, é de quem quiser. Contudo, só será do Afeto Popular se considerar a que se pretende, como lugar de multiplicidades, de

composição, de cogestão, criação livre, de práticas de cuidado, de combate à indiferença quanto as mais diversas formas de opressão das pessoas, no que obviamente estamos inclusos.

A Tenda do Afeto Popular ou Tenda do Afeto, assim comumente chamada, é uma reinvenção, consiste em um espaço de afeto político, de afirmação de outro modelo de saúde com práticas de cuidado integrativas e ancestrais em saúde, com realização de Reiki, Acupumtura, limpeza espiritual, várias danças, dentre elas a circular, uso plantas medicinais, corredor do cuidado, rodas de conversa, espaço de multiplicidades, amorosidade, defesa da cultura, voz e do saber popular, e pelo debate de temas atinentes a (anti)produção da vida na conjuntura sócio, política, econômica, cultural, ideológica, histórica vigente. Pode-se dizer que é um espaço de práticas sociais em saúde, de práticas de cuidado contra-hegemônicas, no exercício de si coletivo. Por isso, também se diz afeto político, no desacoplar máquinas de naturalizações que grudam em nós (DELEUZE, 1992). Também, porque trata-se de se importar com o outro humano, com os outros, com o meio que se vive.

A Tenda do Afeto já foi agenciada por outras pessoas no Orgulho Louco de 2014, e na 3ª Coordenadoria Regional de Saúde, quando uma trabalhadora aciona conversa sobre a conjuntura que estávamos vivendo Golpe no povo brasileiro. Então, é um dispositivo que contagia e faz função, a do afeto político como ato emancipatório em detalhes comumente naturalizados, mitificados e produzidos pela mídia hegemônica, como por exemplo, quando se visualiza ‘heróis’ que nada mais são do que engodos de massificação do povo. São espaços ao produzem agenciamento de pessoas, de forças moleculares com potencial revolucionário, pois tencionam com os acoplamentos na subjetividade das insígnias de uma sociedade de controle, excludente e normalizadora.

A Tenda do Afeto Popular, pode-se dizer, são um agenciamento coletivo de enunciação, uma ‘multiplicidade que comporta a heterogeneidade, em co-funcionamento, em simbiose’ (DELEUZE, PARNET, 1996, p.. 84). São um dispositivo micropolítico de produção de diferença singular e coletiva. Na esteira deleuzo-guattariniana, como quantidades de forças em relação ás linhas de segmentaridades molares (DELEUZE, GUATTARI, p. 96), pela perspectiva do afeto, de que todos os saberes podem conversar, das Práticas Integrativas e Complementares, em coexistência, juntas e misturadas aos processos que vão ocorrendo na Tenda, na contramão de hegemonias em saúde.

Do envolvimento com maquinarias de guerra...

Do envolvimento com maquinarias de guerra, singulares e coletivas, a 'andarilha' se indaga se por acaso, tratava-se de um levante de conexões? Se há potência nos encontros?! E o que pode reverberar de um encontro, como o foi com o 'morador' de outras casas?

Um levante de conexões?!

Sim, um levante de conexões pela implicação na luta contra o que nos oprime. De uma estética singular e coletiva de não andar indiferente ao que se vive e sente, que se transformam em força, como uma alquimia de produção de diferença. Levante como o que se levanta de uma determinada paisagem, o alto relevo provisório devido a alguma coisa. No caso, a questão de o quê tem a ver o envolvimento via participação, ou co-reinvenção ou co-criação no Levante, em VER-SUSs, nas Tendas do Afeto Popular, na CIES, e Coletivo Extremo Sul, com a produção de rexistências na relação com a loucura? Conexão, desconexão ou ambas? Para a 'andarilha' a conexão é o movimento de implicação com maquinarias de guerra que se arriscam a produzir novos possíveis, a começar pela subversão do sentido hegemônico de loucura, de que a implicação com processos de intensificação da vida, de que andar contra as hegemonias é uma loucura como uma intensidade de produzir diferenças.

Loucura de efetuar desvios, de irromper, de dizer, de fazer, de não se adaptar ao colocado como verdade única, como força instituinte no instituído, como movimento molecular nas molaridades, como forma de se arriscar a alterar e a construir paisagens existenciais, mesmo sem saber no que vai dar, mas movidos por acreditar que pode ser diferente o que diminui a potência da vida, do que se sabe 'ouvindo vozes'.

O vivido no Levante, em VER-SUSs, no coletivo Extremo_SUS, na CIES, na Tenda Paulo Freire e do Afeto Popular mexem com as águas da 'andarilha', alteram suas marés, suas margens e por conseguinte as paisagens dos seus mares, se indaga também, que teriam a ver com o construído como 'Saúde Mental', se nem ao menos da 'Saúde Mental' o são e nem a pautam diretamente, ainda que a estejam a pautar a todo momento? Que interessa a este trabalho, se não a intensificação da vida, logo, que importa a relação com o que está instituído como 'Saúde Mental'?

Considerando que o método da cartografia pressupõe ramificar-se, fazer rizoma, logo, ocupar outras áreas também compõem suas feituras e mostra o quão complexo é a vida, enquadramentos em áreas, segmentos, etc, não dão conta de suas dimensões, sempre estão a

escapar, como as moléculas de água, evaporam, se incorporam, deslizam, ocupam, são provisórias em alguns lugares, etc.

Então, o trânsito por diversos pontos que podem ser considerados de intensificação de vida e da vida, tem a ver com uma trama de formas, chamada sociedade, com forças de construção de cidadania, justiça social e do mesmo modo, com a produção de subjetividades, de 'Saúde Mental', que acontecem no fluxo da vida e não só nos 'aparatos' com essa designação, e pela alteração da relação social com a loucura, que pode acontecer também por essas vias, da formação em saúde, na construção das políticas públicas de saúde que não só a de saúde mental e outras, nas lutas sociais.

A questão não está onde parece estar, no que se chama 'Saúde Mental'. Está nas relações. Então, a proposta foi de desvio, de sair um pouco dessa 'casa', do território de algum modo 'protegido' nominado de 'Saúde Mental' para contato com outros, afim de que se transversalizem, co-contribuam, produzam e se veja para além do que aparece. É dessa loucura que se experimenta. Fácil?! De modo algum!

Essas 'loucuras', em muitas situações são o nosso 'remédio', como o oxigênio quando se persegue 'o perfume das flores'. No caso, da luta. E não foi diferente com os encontros subsequentes, afinal, a 'andarilha' queria experimentar 'os sons' de pelo quê nos levantávamos na saúde (mental), em Pelotas ou em qualquer outro lugar, nas suas conexões.

Esses pensares (se) movimentam, pois nos processos de nossas subjetivações, há linhas que contam da história da humanidade, da história da loucura e do vivido em coletivos mentaleiros (e) populares, que 'comprovam' que por formas de rexistência, que pela produção de conhecimento, é possível fazer fissuras na realidades, alterá-las, e que portanto, com o tempo, os modos manicomiais também poderão sucumbir. Certamente não é em uma pesquisa que se irá resolver isso, até porque também esse modo está em disputa no texto, mas pode ser uma das linhas neste sentido.

A 'andarilha' nas suas co(**i)mplicações** chega em Pelotas, já vem encharcada de contaminações, novos encontros acontecem, pois o que seríamos na vida sem os mesmos, entra pelo meio de engenhos em movimento, se envolve e compõem na criação de maquinarias de guerra, mas, nesses enredos e noutros encontros, o que é o novo que lhe acontece, com o que vai se conectando, se engatando, se sentindo contagiada, afetada, movida, impulsionada, mexida, transbordada, acionada, movimentada a querer experimentar e a pensar porque esses ventos mexiam nas suas águas, que já não eram calmas? O que havia e porque era tão intenso? Certamente, era algo que parecia mais forte que ela! Seria o desejo?

Se sim, como poderia o desejo ser assim, tão impulsionador? O que o fazia ser assim? É o que esse texto de tese também vai tentar trilhar e compartilhar.

(H)Á potência nos encontros?!

Ah, as conexões! Ah, os encontros! A potência dos encontros. Há potência nos encontros? Parece que há. Até agora, houve. Mas, qual a potência?! Os encontros tendem a potencializar que não se seja indiferente ao que se vive e sente e a movimentos na produção de diferença, pois mexem com as (nossas) águas. Tendemos a nos transformar a partir dos mesmos. São momentos de produção de subjetividade.

Nos enredos que a 'andarilha' já estava enredada - Levante Popular da Juventude, VER-SUS, CIES, Tenda Paulo Freire, Tenda do Afeto Popular, seguiu se enredando noutros, envolvida em atividades do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem – disciplinas, grupos de estudo, entre outras. Em uma das disciplinas recebemos o convite para participar das atividades do 18 de maio, que aconteceria na esquina Democrática em Pelotas. Nos 18 de maio registra-se o dia Nacional (mundial) da Luta Antimanicomial que em 1987, efeito de um momento em que se começou a fazer a crítica a institucionalização, e que foi deflagrado pelo Movimento dos Trabalhadores da Saúde Mental e que dá origem ao processo da Reforma Psiquiátrica no Brasil (AMARANTE, TORRES, 2010)[121].

'Junto e misturado', jargão criado pelo Povaréu – Arte, Saúde e Educação popular, como uma das suas formas de expressão e do que prima, principalmente nas Tendas do Afeto Popular, o qual é muito usado pelo seu Uilson Santos (2015) e pela 'andarilha', pois contribui na tradução de pensares e viveres. Então, 'junto e misturado', a 'andarilha' participava no Levante Popular da Juventude e havia participado no VER_SUS Pelotas 2013, que recém tinha cursado, no modo intensivo, a disciplina sobre a 'História da Reforma Psiquiátrica', sentiu 'engrossando o caldo' de suas vontades andarilhas por conexões com espaços nos quais pudesse seguir aprendendo no cotidiano das práticas sociais, que houvesse elementos para as 'reformas' que começam na 'própria casa' (leia-se, em si mesma), no pensamento, nas lutas (e) sociais, se sentiu não só convidada, mas autoconvocada a estar na Esquina Democrática em Pelotas.

Essa Esquina que leva no nome um preceito fundamental da sociedade brasileira, a democracia. Leva esse nome, pois "é onde as lutas sociais acontecem, que geralmente são

[121] Coincide com esta data também o Dia Nacional de Combate ao Abuso e a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes (BRASIL, 2000).

feitas bem no centro da cidade, onde o povo está" (SANTOS, 2017, s/p). Situa-se nas imediações do Chafariz[122], colocado em novembro de 1981 (RUBIRA, 2014), no encontro das ruas Andrade Neves com Sete de Setembro. Até as ruas se encontram. Mas, nem imaginava que ali seria o palco deste e outros tantos encontros e Lutas.

E chegava o 18 de 2013, que foi marcado no dia 17 de maio de 2013, em uma sexta-feira. No 18 propriamente dito, sábado de manhã, a 'andarilha' se envolveu com várias pessoas vinculadas a formação em saúde (de modo geral, que é ou deveria ser também social) da Terapia Ocupacional/UFPel, na qual importa registrar a sintonia com uma andarilha que ora se encontra, ora desencontra nesse percurso, mas que quando se encontram, a 'andarilha' percebe que se enlou**(a)quecem** nas lutas sociais, principalmente no que é designado campo da 'saúde mental'.

Nesta data, fizemos algumas experimentações na rua General Neto, entre a Andrades e 15 de novembro, dialogando com as pessoas e convidando a quem quisesse registrar em um tecido brando, estendido no chão, pintando, escrevendo, 'qual a sua loucura?' e depois seguimos com esse tecido que já era uma faixa, bordado de escritos, em caminhada, expondo o mesmo, até a praça Coronel Pedro Osório. De 'chafariz a chafariz'. Águas também brotam de fontes diversas.

Mas, voltando ao 17, foi um dia característico de Pelotas, que começa sombrio, um pouco frio, e que depois abre o sol, que acentua a tonalidades. A 'andarilha' foi até a Esquina da Democracia. Conhecia poucas pessoas. No momento, lhe pareceu que havia de um lado a concentração de algumas designadas como usuárias ou usuários, familiares e outras, como estudante, educadora ou educador, e de outro, trabalhadores e trabalhadoras, com alguns graus de mistura. Quanto á questão 'usuária ou usuário', importa registrar que todas e todos, de algum modo usamos os serviços identificados como de 'saúde mental', seja na assistência, no ensino, no trabalho, no controle social, etc, logo se esse é o código, todas e todos também o somos usuárias e usuários.

Uma pessoa, que estava por lá, no momento não sabia quem era, a acolheu. Ficou encantada. Nunca tinham se visto antes. Dizem desta pessoa, em tom de brincadeira e alegria, "que não pode ver gente nova na praça, que já se amiga..." (SILVA, 2016). Assim ou não, foi afeto recíproco e divertido a primeira vista. Constituiu-se em um dos intercessores de quem anda! Ensina, acompanha, aconselha, 'vigia', faz até promessa... "pra passar na escola, conseguir emprego pra comprar sua casinha e ficar aqui, 'com nós', em Pelotas" (BORGES,

[122] O referido chafariz antes estava localizado na zona do Porto do município (RUBIRA, 2014, P. 104).

2015)! A primeira vez que disse isso, jorrou muita água da laguna de quem anda. E outras vezes, também, e agora, também....

Mas, 'voltando' a esquina Democrática, aos poucos foi encontrando colegas, as mesmas companheiras malucas e os mesmos companheiros malucos que veio a encontrar noutros momentos e movimentos desta implicação andarilha. Noutras palavras, as e os que com frequência se encontra nessas formas de luta. Atuam como trabalhadoras e trabalhadores de saúde, educadoras e educadores, militantes, usuárias e usuários. Pessoas implicadas.

Há outras e outros colegas também nessa militância e há outras formas de luta, na luta por 'dentro' também das maquinarias institucionais, seja dos serviços, no tear das políticas públicas, das escolas formadoras, etc. A Luta Antimanicomial comunga dos princípios que edificaram a Reforma Psiquiátrica em vários países do mundo e no Brasil, mas não tem jeito único de acontecer...o importante é que aconteça para que nossas 'terras não sejam tomadas de assalto' (CAMPOS, 1999). 'Terras' leia-se, direitos conquistados.

A 'andarilha', ao mesmo tempo, tentava entender que relações estavam colocadas no ambiente rua e como aconteciam. Algumas pessoas, 'gente como a gente', distribuíam panfletos. A 'andarilha' aproximou-se. Ajudou um pouco a distribuir, indagou sobre o que estavam distribuindo e porque o faziam. E a resposta foi 'mandaram nós distribuir!'. Não contestou. Seguiu ajudando. Noutro momento, outra pessoa menciona que 'só [eles\elas] 'usuários e usuárias' estavam distribuindo panfletos'. Essas falas cutucaram a 'andarilha'.

Que lugar era esse 'fabricado' para o usuário? Era o lugar que alertava Foucault de 'não saber', de corpo dócil, manipulável? Talvez, talvez! Talvez nem fosse a intenção produzir esse endereçamento, mas é preciso recordar que manicômios mentais também nos habitam. Faz tempo que pularam o muro. Se manifestam noutras formas de disciplinamento e controle dos corpos, de todas e todos! A 'andarilha' se sentia e continua se sentindo encantada, pois havia ali 'saber menor'[123].

[123] O menor' é o que acontece no cotidiano e que pode ter potência revolucionária. É a força molecular que tensiona com as molaridades. O cotidiano é a dinâmica social, como um plano de segmentaridades consideradas como duras, flexíveis e de fuga. São as linhas. O Estado é um organizador centralizante de políticas, que são consideradas molares, as quais tendem a formatar e a homogeneizar. E essas segmentaridades molares, codificam, sobrecodificam, nos corpos, nas máquinas sociais, nas subjetividades. Fabricam subjetividades. As linhas moleculares e de fuga são os processos de transformação, de recusa a essa codificação decodificam, e da criação. Então, o menor', é o que escapa à territorializações forçadas e que remete a novos encontros, códigos' e novas possibilidades. Que está comprometido com a singularidade e pode ser considerado como um empreendimento de militância. É o menor maior', como citam Deleuze e Guattari (1977) sobre a literatura, "Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior" (DELEUZE, GUATTARI, 1977, p. 25), e que não corresponde necessariamente ao grupo de _minorias' excluídos da _maioria', mas o processo de criação que escapa do sistema de poder que pertence à maioria (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 133-34), mas que pode ser devires minoritários e revolucionários como

E não era (só) o saber da academia, era o saber que fazia de algum modo à denúncia desse lugar e da relação com a loucura, que de algum modo 'a andarilha' também vivia, até levar umas 'pauladas na cabeça'. E não é?! Dizem que nós as 'loucas' e os 'loucos' somos perigosas ou perigosos?! Somos sim! Podemos atiçar reformas, e para muitas pessoas isso pode ser um perigo, pois mexe com o que está acomodado, seja no pensamento, nas instituições – leia-se as 'igrejas' que fazem circular o discurso da 'verdade' (Estado, Serviços de Saúde, Universidades, as mídias hegemônicas, etc) na sociedade.

Deste modo, após a finalização das atividades, 'a andarilha' se sentiu atiçada a conhecer mais das forças neste dito como da 'Saúde Mental' em Pelotas e região, mas não pela voz do conhecimento hegemônico, do saber sobre o outro, mas justamente pelas vozes que nem sempre são escutas ou como o são?! Sentia que essas vozes é que lhe diziam a 'verdade'. E como a 'andarilha' sempre foi louca essas vozes é que quis escutar, e mais ainda, queria conviver mais com essas pessoas, afinal, sentia-se em 'casa'! Queria conviver, mas numa relação não vinculada aos serviços de saúde do município!

São as vozes e a vida de pessoas que muitas vezes são ignoradas no tecido social que vivemos, principalmente quando se sabe que tem o 'timbre' da loucura, aquela colada na doença, no 'não saber', na 'incapacidade'. Mas quem 'não sabe', quem é 'incapaz'? A 'andarilha' mesmo sabia que poderia ser, no momento que qualquer um de seus pensamentos ou ação reproduzisse considerar isso na relação com qualquer outra pessoa. Apontar essa questão implica começar por si, a estar em permanente vigilância.

Então, dessa louca vontade, que a 'andarilha' na época até nem sabia traduzir, apenas sentia, pode-se dizer que este foi o seu ponto de entrada em campo, que se conecta a planos em coexistência, em um desenho que já vinha sendo tramado um rizoma, no qual a andança foi uma das canções. E não só a sua. Entendia que o jeito dessa experimentação que estava se dispondo, seria andando por diversos lugares. Talvez, lhes dissessem que se tratava de um 'transtorno de ansiedade'. Mas, que importa?!

Neste dia, mesmo sem se saberem, conheceram-se várias pessoas. É a mística dos encontros. Dentre estas, a andarilha conheceu as pessoas, que por um período de suas existências, caminhariam de forma bem próxima e que não é por nada as nominações de 'Pai Zé', de 'Mãe Vanilda', de 'Seu Ivon'[124]. Seriam andarilhas e andarilhos? Foi com essas

---

r**existência**, pelo vivido no cotidiano nas andanças pelas paisagens do Sul no que se move a responder, como se r**existe** nas tramas da subjetividade e do biopoder contemporâneo na relação com a loucura.

[124] O uso de 'Pai Zé', ´Mãe Vanilda', 'Seu Ivon' entre aspas, é um destaque que visa registrar um considerável afeto, do qual, desconfia a andarilha, seja para toda a vida. Como não sentir e esquecer uma experiência dessas? Entretanto, não visam substituir Pai e Mãe biológicos. 'Pai Zé' e 'Mãe Vanilda' são como pai e mãe de

pessoas e outras, mas principalmente estas, com as quais se seguiu desenhando esse rizoma, território de pesquisa, um caminho de linhas, fluxos, intensidades, medos, alegrias, e muito afeto que não cabem nas linhas de um texto, ainda que se tente apreendê-los.

Na cartografia pouco ou nada se sabe de antemão. São as águas que desenham nossas cachoeiras. Essas pessoas faziam e fazem seu pensar, seu viver saltitar, vibrar, se alterar, caminhar e também havia e há um saber que nas suas caminhadas na vida, consegue acionar sua atenção, não se sabe ao certo se é por encantamento com a produção do conhecimento fora dos espaços construídos para este fim, ou se é porque escracham a realidade, verdades, têm outra leitura da realidade, da que sentem, da que sentimos na pele, não estando isentas ou isentos de reproduzir os saberes e poderes hegemônicos, como por exemplo, alguns das cartilhas da psiquiatria.

Queria experimentar desse convívio, se houvesse consentimento para isso. Essas vozes e viveres são como a força das ondas tocando nas suas areias, no que há em si de sensibilidade, e nas suas pedras, nas suas durezas, nos seus manicômios, alterando suas paisagens r**existenciais**! Sem dúvida, intercessoras e intercessores. Como uma boa música a ser escutada. Fluxos que se atravessam. Há outras pessoas que também lhe provocam movimentações. Fomos todas e todos se encontrando pelo caminho. E algumas destas pessoas vem para essa conversa texto[125].

No momento, não havia percebido, pois nem tinha questão de estudo expressa, ainda que em produção, e muito menos imaginava ficar no Sul. Para si, uma pesquisa, de antemão precisaria ter questão desenhada, método delineado e uma teoria que sustentasse o olhar, a coletar as informações, análise dos resultados, etc. Entretanto, com o tempo começou a sentir que o método haveria de ser outro, um que possibilitasse a 'expressão dos afetos'.

Esses momentos foram in**tensos**, pois suas vozes e o que sentia lhe diziam que já estava em campo. Mas como estaria, se indagava a 'andarilha'? Isso a moveu a 'especular' metodologias! Sentindo-se perdida. Entretanto, se perder é maravilhoso, pois o andar perdida e seguindo pistas, era só o que dispunha. 'Andar perdida' é como andar sem saber ao certo pra onde, como, com quem! Das pistas, havia **louca**lizado algumas, sabia que o caminho era uma construção coletiva, efeitos do andar, como as reações e sensações de seu corpo, pessoas que

---

'coração', estejamos onde estivermos nessas imensidões da vida. É a tradução do afeto feita pelo 'Pai Zé'. A 'andarilha' ao escrever isso, sente arrepios percorrer o corpo. Expressão da emoção! E o seu Ivon é alguém dessa família, que não necessariamente precisa ter um 'papel' na mesma, ainda que o Pai Zé o nomine de Pai Ivon, logo, seguindo aos arranjos de família, seria o 'avô' da 'andarilha', mas a 'andarilha' não o percebe como 'vô' e sim como um de seus irmãos e irmãs de 'coração', que há vários(as) por aí, devido as contingências e ao seu modo de vida.

[125] Obviamente, de forma consentida pelas mesmas.

lhe faziam eco, as vozes, suas, dos outros, os cheiros da luta, o som dos tambores, das forças, das linhas de conservação, das de fuga, das intercessões. É um pouco do que ilustra um trabalho em uma perspectiva cartográfica.

Então, dessas pessoas por ora intercessoras e 'quem escreve', seguindo a 'cronologia' dos encontros: na época, em 2013, uma das mesmas cantava em um grupo musical, era assistida em um Centro de Atenção Psicossocial e integrava a Associação de Usuários dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas – AUSSMPE, a qual também é de usuárias, e tinha em sua história vivências no manicômio do município entre outros locais e um de seus sonhos era ser caminhoneiro, dirigir pelas estradas da vida e o é, contribui na direção de vidas, sendo uma delas, que se sente contribuída, a da 'andarilha'.

A outra havia 'escapado' de ser 'internada' no manicômio, cantava em dois grupos musicais, era vice-presidenta dessa Associação e recém haviam encerrado seu tratamento no CAPS, da qual, tempo muito tempo depois, a 'andarilha' soube que em um período de sua vida, organizava viagens para diversos locais na região e que fazia 'com muito gosto', também como presidenta da Associação. Organizava praticamente tudo e não é por nada que contribui na 'organização' dessa viagem da 'andarilha'.

E a outra, também teve vivências em manicômios, lindamente se deu 'alta'[126] do CAPS, foi um dos membros e eleito secretário da Organização Não Governamental Locomotiva em 2001, (LOPES, 2016), também um dos fundadores da Associação e um dos viabilizadores do Programa Gente como a Gente em rádio comunitária de Pelotas, conhecida como Rádio Com, em articulação com o Glênio Rissio, parceiros 'gênios' em tecer outras possibilidades na realidade. Como Lopes (2016, s/ pg) diz "fui um dos primeiros a frequentar as produções nos CAPS, eu e o Paulinho, várias reuniões, ensaios, etc, etc, etc..". Essa pessoa contribui para que a 'andarilha' não se perca tanto na caminhada! Também, é parceiro noutras viagens, daquelas que filmes podem propiciar!

Ainda, a outra, no caso, 'a andarilha', também tinha relações com cantorias, com CAPSs, com manicômios, e havia participado com um coletivo de pessoas, na fundação de uma Associação de Saúde Mental, era e continua sendo 'assistida' noutras conexões, que ainda pouco ou não são consideradas no SUS, mas que junto também com outras

[126] "Me dei alta do CAPS" (LOPES, 2016). A palavra 'alta' é comumente utilizada no campo da saúde para designar a saída de uma pessoa da condição de internação em um hospital. Referente aos CAPS esse termo também é frequentemente utilizado seja por trabalhadoras ou trabalhadores, educadoras, educadores, pessoas que são assistidas nestes locais, entre outros, ainda que o modo de 'internação' seja diferente. De algum modo, pode ser um analisador de como alguns desses dispositivos funcionam. Há também quem diga, que a pessoa uma vez assistida neste dispositivo, para sempre será usuária do CAPS. Será? Uma coisa é o serviço estar disponível outra é colar o serviço na pessoa.

companheiras malucas e outros companheiros malucos insistem em mostrar algumas dessas práticas nas Tendas do Afeto Popular, dado que podem contribuir a que se prescinda dos equipamentos convencionais de ‘cuidado’ (como o CAPS ou outros pontos da rede de saúde e como é a realidade de Pelotas e região, no caso, do acesso ao manicômio) ou outros, e de receber o estatuto de ‘loucas’ ou ‘loucos’, da loucura vinculada a doença, afinal, quem disse que a loucura não é normal?!

Nos encontramos nas atividades referente ao 18 de maio, de algum modo, ‘Caixeiras e Caixeiros Viajantes’ como nos designa uma de nós, a Mãe Vanilda. Porque será? O ‘tino’ da ‘viagem’ é um de nossos ‘destinos’, o quê, dentre tantas coisas, temos em comum. E fomos, estamos compartilhando a vida. Também, somos cidadãs e cidadãos, atoras e atores nas lutas sociais, dentre elas a Antimanicomial. Nos reconhecemos, de algum como mentaleiras e mentaleiros. Talvez tenha sido a nós quatro ‘um bom encontro’, principalmente a ‘andarilha’, que se abriu a novas possibilidades de perceber a vida, da ‘qual às vezes quer viagem de ida sem volta’. De experimentar territórios outros e tintas outras em pinturas das paisagens dos nossos viveres.

Presume-se que um bom encontro, pois desde 2013 até o momento, seguimos compartilhando andarilhagens, tecendo paisagens pelo que nos conecta, como os afetos de amizade, companheirismo, o que nos aciona o cotidiano, as situações de vida de cada uma e cada um, a militância, a implicação em produzir diferenças, alegrias em colorir a vida. Formamos um laço forte, laço de vínculo, de ‘afeto’ familiar. No início a ‘andarilha’ achava isso até estranho. Não estava acostumada com essa beleza de viver. Mas com o tempo, percebeu o quão aumenta a potência da vida.

Mas, porque falar de nós, explicitando isso de nossos ‘currículos’ de vida? Não havia outras coisas para contar de nós? Havia, há. Contudo, esse texto se escreve, dentre tantas coisas, para contar destas nossas ‘experimentações’ no ‘mundo’, como modo de afirmação e ampliação da vida, já que na nossa história há marcações para o seu contrário, como por exemplo os rótulos de ‘louca’ ou ‘louco’ por termos manifestado nossas intensidades vitais.

Com isso não há como negar que por vezes foram ou são necessárias mediações, mas não precisamos de rotulações. Nossa loucura é intensa, mas principalmente como força de produção de diferença, via defesa intransigente e construção da produção de autonomia, protagonismo, empoderamento, emancipação das pessoas, experimentação da auto e co-gestão, etc. Se pretende afirmar outra relação com a loucura como produção de ‘liberdades’. Explicita-se então ‘nosso currículo’, pois temos a ver com isso!

Juntando quereres e encontros, traça-se a seguir, de forma escrita, o percurso que tecemos, de como ‘nós’ nos tramamos nesse processo, escrevendo uma história, breve, mas intensa. Neste momento, se convocou a um método, que garantisse a liberdade para expressividade desta narrativa, no caso, qualitativo, com inspiração na cartografia.

O caminho foi traçado a partir de 17 de maio de 2013, junto com essas pessoas guias e intercessoras e outras, no ‘reencontro com o morador de outras casas’, pelo grupo Vocal Esperança, no encontro das vozes, de interlocuções em feliz arte, enquanto também, se produziam noutros *nós* com nós, o Grupo Condutor Regional da Saúde Mental, os coletivos Povaréus, as Tendas do Afeto Popular, os Mentais Tchês, a luta Antimanicomial, nas chegadas pelas avenidas da Associação de Usuárias e Usuários dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas – AUSSMPE, no programa Gente como a Gente na Rádio Com, concomitantemente ao grupo regional de oficineiros e oficineiras na Atenção Básica e política de Diversidade na terceira região e noutras zonas autônomas de transformação, territórios habitação, provisórios ou não.

Neste caldo, processo implicado, inspirada na cartografia, alimentada em conceitos e teorias a partir das convocatórias feitas pelo e no percurso, traduziu-se o tema em que se envereda – produção de rexistências na relação com a loucura em paisagens do Sul e a questão. R**existência** entendida como a loucura de intensificação da vida, de nomadizar, rizomar, reinventar, criar, construir na contramão de um tempo histórico que se ocupa em controla-la, massificá-la, normalizá-la, em ‘defesa da sociedade’ global, neoliberal.

Uma ‘rota’ de pesquisa ao avesso do que comumente se preza, da qual se faz narrativas de si e(m) nós na teiação desses caminhos, em um tempo cronológico para demonstrar que há outros ‘tempos’ nessas cronologias, quando se trata da subjetividade, do desenho de um território de estudo, no caso, processual, e da tradução de um tema, questão e até ‘hipótese’ de estudo – como se r***existe*** nas tramas da subjetividade e do biopoder na relação com a loucura? E a ‘hipótese’ foi: fazendo loucuras! Ou noutras palavras – qual a loucura em paisagens do Sul? Produção de r***existências***!

Os territórios existenciais que comparecem no texto, o são, pois compõem o processo de produção de um rizoma, território de pesquisa, em relações, conexões diversas. Então, é preciso dizer dessas andarilhagens para que essas vozes também façam eco e sejam ouvidas.

E assim, a ‘andarilha’ foi caminhando, e a partir da potência dos encontros, sendo conectada, conectando, estabelecendo conexões, sabedora de suas provisoriedades enquanto fizessem sentido ou fossem necessárias enquanto intensificação de vidas, sendo levada via convites afetivos ao Grupo Condutor Regional de Saúde Mental, ao Grupo Musical Los

Lokos, a Associação de Usuários/as de Serviços de Saúde Mental de Pelotas, ao Programa Gente como a Gente na Rádio Com e juntos e misturados/as nos envolvendo nas ‘feituras’, que envolvem costuras, de Tendas do Afeto Popular, co-criando (n)o Coletivo Povaréu Sul, fazendo por aí, muitas artes, artes de artistas, artes de travessuras, artes daquelas que os ‘instituídos’ não recomendam, pois pode alterar a todos/as e a realidade, nesses processos. Inevitavelmente são conexões e(m) modos de subjetivação e(m) produção de subjetividades.

Do reencontro com o ‘morador’ de outras ‘casas’, quantas loucuras?!

No reencontro com o ‘morador’ de outras ‘casas’, Esperança! E gratidão às forças que também nos movem nos encontros e desencontros de nossas loucuras, pela luta em comum, pelos mesmos e diversos caminhos e provavelmente, concepções na relação com a loucura! Em disciplina sobre sob o temário de ‘processo de trabalho em saúde’, realizada no programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFPel reencontra o 'morador de outras casas', de lírios reais. Era um colega que trabalhava com música em um grupo chamado Esperança. A música é uma sinfonia que persegue! Pelo menos, que a persegue, e há tempos [desde a infância...] vivem se encontrando, se perseguindo. É uma forma de ilustrar um pouco de como foi esse encontro devido a luta que perseguimos, que nos persegue. Diriam ‘delírio (d)e perseguição’?! Que não seja o que queiram, importa que são. Sons.

Ficou ‘louca’ de vontade em participar, ainda mais quando seu colega lhe contou que acontecia ‘fora’ do CAPS. Mesmo sendo uma extensão do CAPS. Mas, era uma atividade, principalmente nos idos de início dos anos dois mil, ‘fora’ do que seria\é considerado ‘convencional’, ou ‘normal’, uma ‘loucura’, pelo menos em Pelotas, na rede de serviços de saúde (mental), muito embora, seja apenas uma percepção, talvez equivocada da andarilha, dado que esta rede não é o território da pesquisa, salvo do que lhe aciona em conexões.

Igualmente, denota que há trabalhadoras e trabalhadores que assim como a ‘andarilha’ ‘sofrem’ da ‘patologia’ da militância, uma força que pulsa mais forte que o cumprir tarefas cotidianas, que a remuneração pelo trabalho, etc, mas como uma luta “pela conquista e manutenção da dignidade humana” (FARIAS, 2017), o que as e os leva a se enveredar para além dessas ‘bordas’ que muitas vezes figuram nos serviços de saúde, noutras práticas, como o são os Vocais Esperança e Los Lokos e muitos outros e outras atividades. Algumas e alguns usam como instrumento de trabalho e luta ‘os afetos’ e a criação de possibilidades de

se colocar em análise coletivamente esses agenciamentos e a conjuntura sócio-econômica-política, na produção de cidadania.

Quando o convencional perdura, é preciso considerar o conjunto de fatores, das forças producentes. Mas, desde 2001, um ‘grupo de música’ fora da estrutura física do CAPS, como isso foi acontecer logo no município nominado como ‘Princesa do Sul’? Não bastava a defesa de fechamento dos manicômios?! Até atividades do CAPS acontecem fora de suas estruturas? Tem muitas malucas e muitos malucos inventando formas do ‘cuidado’ em liberdade, de afirmar a vida pela cidade. ‘Sistema’ ‘fora’ de controle!

Ao mesmo tempo em que acontecia o movimento da Reforma Psiquiátrica, nos locais ocorriam também movimentos nesse alinhamento, nenhum menos revolucionário que o outro, como o foi à criação do grupo Vocal Esperança, o qual é um dos pontos de intensificação da vida nessas andanças, de travessia, que afeta, em que a ‘andarilha’ se teceu em encontros e reencontros, em que se desconstruiu e reconstruiu e que nesse encontro com o Vocal, inevitável e provavelmente todas e todos nos recompomos de algum modo, a cada momento, a cada encontro, a cada música, a cada conversa, a cada apresentação, entre tantas outras coisas. Essa é uma de nossas músicas. Sabe disso pelos efeitos, e tem nome: afeto. É uma escola, por ora, representada na cor ‘verde’ que é o som da Esperança, do afeto e da saúde.

Então, nas narrativas que seguem, dos encontros e reencontros, o envolvimento e agenciamento com as mesmas e outras maquinarias de guerra, além da maquinaria de guerra consigo mesma. Somos como ventos que provocamos perturbações em nossas águas r**existenciais**, alguns transbordamentos e movimentos de reinvenção, ressignificação, subjetivação.

Fábricas de felicidade e produção de liberdades, mexendo com as territorialidades



[127]

[127] Figura 64 – Registro fotográfico da capa do DVD dos grupos Vocais Esperança e Feliz Arte, Pelotas/RS, 2013.

Das 'Esperanças', uma que não nasce dentro do CAPS!

O grupo vocal Esperança[128] é uma loucura (Figura 64), daquelas que cura, que intensifica a vida (Anexo D). É uma esperança como poesia. Uma esperança que não nasceu dentro do CAPS, mas em relação, em relações. Ou seja, nasce noutro lugar e passa a ser um 'entre', nem lá e nem cá, o que talvez tenha facilitado sua existência e provavelmente sua permanência até o momento, completando 16 anos. Efeito de parcerias na mesma luta, pela produção de cidadania, dignidade, o quê talvez fosse mais moroso se ocorresse somente dentro de um espaço como o CAPS, ainda que o Esperança tenha sido um embrião potente do que se desejava como atenção psicossocial.

Antes de se constituir, um grupo se reunia junto a Unidade Básica de Saúde Navegantes (GRUPO VOCAL ESPERANÇA, 2013-2017), assim como ocorriam outras atividades que se voltavam para a atenção psicossocial, e se começa um movimento, para que Pelotas tivesse Centros de Atenção Psicossocial, o que na época havia resistências e que levou também a constituição de uma Associação de Usuários(as) dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas e a muita tensão no Conselho Municipal de Saúde (LOPES, 2017).

> ...nós tinha uma salinha nos fundo do posto de saúde, lá do Navegantes, era uma sala de muitas pessoas, então não era uma sala só nossa, não podia ter oficinas todos os dias, tinha dias que era ocupada sempre (...). Tinha a Isabel que era uma Assistente Social, tinha a Cristina, que era do Castelo, e a Valéria também era do Castelo, a Isabel andava com eles....a gente era sem teto como eu digo, néh, colocava os materiais tudo numa sacola, um dia era na Igreja, lá, um dia no posto de saúde, até que um dia o posto nos abrigou, e por um bom tempo, até que o Marroni assumiu (OPPA, 2016).

Conforme Rosa (2016), as oficinas que aconteciam nas Unidades Básicas não eram o Esperança, ainda que pessoas das mesmas, principalmente no Navegantes tenha composto o mesmo. Que este de fato "nasceu dentro do ILA, Instituto de Letras e Artes, que hoje é o Centro de Artes". Diz ainda, que o Esperança "foi ideia da Bia, da Beatriz Argout", que o

[128] Composto pelas seguintes pessoas, que serão nominadas no texto pelo primeiro nome ou como são conhecidas: Anastácio Michele Costa – Anastácio; Ângela Paula D. Couto – Ângela; Carlos Vinícius Batalha da Cruz – Vinícius; Eduardo Moreira – Eduardo; Eliane; Fabiano Francisco Peixoto Garcia – Fabiano; Fernando Oppa – Fernando; Francisco Carlos Correa da Cruz – Francisco ou Chico; Glória Maria Cunha da Silva; Izamir Duarte de Farias – Izamir; Liamara Denise Ubessi – Lia; Maria Alice Sant'Anna da Rosa – Alice; Nilza Bete Campos da Silva – Betinha ou Bete; Olga; Paulo Darci da Silva – Paulinho; Santa Helena da Silva Brem – Santa; Tania Maria Lanz – Tania; Thais da Silva Nogueira – Thais; Zilma R da Silva – Zilma, entre outras pessoas.
Dentre as mesmas algumas não o integram mais, outras se agregaram e assim é o movimento do Grupo. Como compreende atividade de extensão do curso de graduação em Música da UFPel, conta com a participação de estudantes como estagiários(as) ou voluntários(as). Muitas das pessoas que estão no mesmo são encaminhadas pelo Centro de Atenção Psicossocial Porto, dado a área de cobertura deste serviço, pelo desejo de quem demanda e decisão em equipe. Acontece também o movimento de pessoas saírem e voltarem, a depender do que pulsa em si. Já participaram do mesmo: Sandra Schwantz; Vanilda Pereira da Silva; Maria, Inalda, Cléber.

mesmo foi formado dentro da Universidade com usuários das oficinas (ROSA, 2016; DIÁRIO POPULAR, 2004). Além disso, Rosa (2016), comentou que

> No início a gente não tinha instrumento, depois a Bia foi conseguindo, tinha alguns da própria música, então, emprestavam pra gente, mas depois a gente conseguiu uma verba e comprou nossos próprios instrumentos, néh, quer dizer, não deixa de ser da Federal, mas é do nosso uso.

Então, pode-se dizer que o Vocal Esperança nasceu no entre, serviços de atenção Básica e UFPel, próximo ao território da vida da maioria das pessoas, e de imediato tensionando com as estruturas, ocupando um espaço que nos é de direito, que é do povo, que era o da Universidade. Isso já em 2001, em que essas estruturas tendiam a ser mais conservadoras, contudo, haviam uns malucos e umas malucas por lá dispostos(as) a fazer a diferença e que, encampam esse projeto nessa parceria Universidade e Secretaria.

> Nós saia caminhar pra rua, bem jovem começou a trabalhar com nós como voluntário [o Izamir], nós saia a cantar em tudo que era lugar, era nas igrejas, nas escolas, a gente atravessava as ruas, no tempo que as pessoas olhavam o pessoal da saúde mental, paravam e diziam, lá vem os loquinhos, hoje em dia, a gente não avançou o que a gente queria, mas não se escuta mais isso, ... éh, se dizem não pra nós... (OPPA, 2016)

Mostra o quão são necessários os(as) loucos(as) para alterar a ordem das coisas que vão contra a vida humana, como o preconceito, a estigmatização, como se não fossemos gente como as gentes. O Esperança integrava o projeto de extensão ‘Fazer artístico como exercício para a cidadania de grupos especiais’, composto também por outras iniciativas. Em 2004, o mesmo foi um dos quatro do país considerado como de excelência pelo Ministério da Educação (DIÁRIO POPULAR, 2004).

Então, não havia porque o mesmo ser dentro das estruturas de um serviço de atenção psicossocial, porque se demorar nisso, se a cidadania era vital? Com essa escrita não se está ou se pretende desmerecer o trabalho feito em Centros de Atenção Psicossocial, apenas visa apontar o quão as conexões imprevistas podem ser vitais a todas e todos que as vivem. E também não se está dizendo que não haja conexões nos CAPS, mas tendem a ser mais homogêneas (qu)e noutros espaços, inevitavelmente heterogêneas (Figura 65, 67, 68).



Figura 65 – Registo fotográfico de participação no evento que apresentou os resultados de pesquisa e colocou em discussão com a comunidade acadêmica, serviços e em geral o 'Perfil dos usuários de crack e padrões de uso', em Auditório no prédio Canguru da UFPel. Pelotas/RS. 2015.[129]

O Esperança é não é um grupo fixo, apenas seus ensaios o são, pode-se dizer, semifixos, e devido a isso, acabam acontecendo e sendo provocadas conexões inimagináveis, em que temos a oportunidade de nos ampliar e de pessoas que possam se ampliar conosco, alargar corações e mentes, o que seria diferente em somente um espaço (Figura 65, 67, 68). De algum modo, mesmo sabedores da relação interinstitucional, não nos sentimos necessariamente em um espaço CAPS, e sim parte de um grupo que ensaia, produz, faz música na Universidade, no caso na UFPel (Figura 66), como nos diz Rosa (2016), "formar lá dentro da Universidade um grupo vocal (...) é tudo néh".

E isso é tão legítimo e bonito, pois justamente a Universidade é uma instituição do povo, ou que deveria ser do povo, então, a ocupamos e ao ocupá-la, é muito provável que estamos produzindo outra relação com a loucura. Nós todos/as. Que mesmo com as designações atribuídas á loucura, mostramos qual é a capacidade da nossa loucura na feitura de músicas, afetos e de outras versões do e no espaço universitário (Anexo E).

Os encontros ocorrem nas sextas-feiras de tarde (Anexo E). Os pontos de nossos encontros na maioria das vezes são em salas no Centro de Artes, prédio da UFPel, entretanto já nos encontramos no Centro de Atenção Psicossocial Escola – CAPS Escola, quando não era viável na UFPel, devido a greve, férias, ou outros aconteceres, ou a depender de outros arranjos, como a construção de fantasias, em preparativas para a Festa do Amigo de 2016,

[129] Fotos do grupo Vocal Esperança em apresentações musicais e no espaço grupal de ensaio, conversa, trocas, músicas, dança, nos anos 2010, 2012 e 2016. Da esquerda para a direita e de cima para baixo: apresentação do grupo Vocal Esperança em 08 de junho de 2010 e em 10 de dezembro de 2012 (Fonte: imagens fornecida dos arquivos de Betinha, 2016). A terceira, quarta e quinta foto são dos ensaios no grupo – Angela, Dona Maria, Paulinho, Gabriel, Seu Mário, Izamir, Thais, Glória, Vinícius. A sexta foto é de apresentação no evento de que devolve dados de pesquisa a comunidade sobre o Perfil do uso de crack m Pelotas.

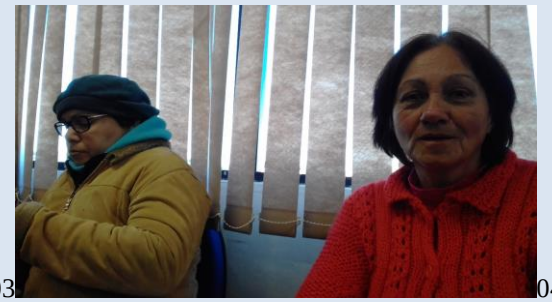
disparada por este CAPS (Anexo E). Também, outro ponto no verão, tem sido com frequência o Laranjal (2014, 2015, 2016, 2017), conforme ilustra o Anexo E. As férias do grupo variam conforme quem responde pelo mesmo interinstitucionalmente, afinal, além de militante, é um trabalhador da saúde. Quisera que todos os(as) trabalhadores(as) tivessem essa perspectiva no seus horizontes de ação.

E as fotos expressam um pouco de como funcionamos, ao ‘som’ de que tambores nos movemos – afeto, música, luta, esperança, conexões. Vem gente dançar e cantar com a gente, gente que nos grupos nos misturamos, tia Milene nos visita quando pode, também implicada com a produção de diferença, quando trabalhava no CAPS com arte terapia, organizava passeios, como atividade nem sempre em relação com este, tanto o é, que ás vezes aconteciam nos sábados (Figura 66). Também, nos cedia sua casa para ensaios preparativos as gravações de DVD na Fenadoce (Figura 68).

A experimentação dos instrumentos é outra de nossas loucuras, como os tambores que tem nome específico, mas a ‘andarilha’ embaralha todos(as), o piano e outros tantos instrumentos, pois tocar também é uma forma de (nos) libertar do que estamos vivendo e que insiste em ganhar mundo, em vazar. Daquelas intensidades que querem passar e os instrumentos não só fazem música, mas são dispositivos de passagem. Também, há gente que inventa instrumento potente, e gente que inventa jeito de tocar diferente. Tem gente que traz seu rádio de casa, tem gente de toda a gente. É uma junção de muitos artistas. Ué, é um grupo de música! Então, a gente toca, dança, canta, escuta, ri, compõem, ensaia, entre tantas outras coisas (Figura 66, 67, 68).

01 

02 

03 

04 

05 

06 

07 

08 

09 

10 



Figura 66 – Grupo Vocal Esperança em momentos de encontros, conversas, ensaios, comemorações, Pelotas/RS (2013-2017).[130]

[130] Registros da direita para a esquerda. Foto 1: Eduardo, Glória, Vinícius, Santa Helena, Ângela, Izamir, Paulinho, Glória, João, Vanilda, Sandra, 'andarilha'. Essa foi numa festa de comemoração do aniversário do Izamir. E neste dia recebemos o convite para participar de atividade com Naná Vasconcelos no Quadrado, e fomos. A 'andarilha' nas suas confusões não lembra da data. Foto 2: Glória, Rodrigo Machado da Costa

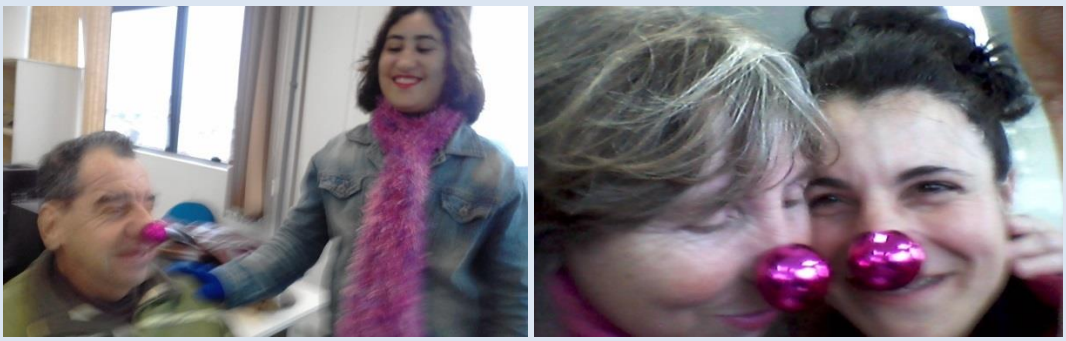


Figura 67 – Registros fotográficos de momentos no grupo, no caso, preparativo a festa do Amigo que é promovida pelo CAPS Escola e que foi temática dado a conjuntura do país e local no que se refere a Saúde Mental em Pelotas. CAPS Escola. Pelotas/RS. 2016.

No Grupo, há a dona Vera Oppa (Figura 66, foto nº 15), que assim como outras pessoas, é uma das precursoras do Grupo e da Reforma Psiquiátrica, 'vulcões' de transformação nessa história. Ela conta para a 'andarilha' que quando percebeu que seu filho precisava de ajuda e que neste processo o queria perto de si, que essa era a melhor forma, não havia jeito, se não se mover em construir outros cenários para co-existir, no caso a atenção psicossocial em Pelotas e a militância. O amor é um movedor.

> ...nós tínhamos uma ONG, onde o Flávio era o presidente e eu vice....nós tínhamos ido a Caxias, eu conheço as mentaleiras mais antigas aqui da região, a Celeste, a Valéria, agora eu tô esquecida, (...) a Cristina Barbieri, então, eu viajava com elas por todos os lugares aí, por isso que ele me colocou de vice.
> Nós ganhamos o prêmio Capistrano, ganhou um carro, a gente comprou um carro para a Saúde Mental.... (OPPA, 2016)

Além dos encontros do Esperança nas sextas-feiras, nos encontramos desde 2013 até o presente momento (2017) pelas avenidas da vida, nos mais diversos espaços, pois isso é do conviver. E estamos no mundo da vida, como em reuniões na Associação de Usuários/as dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas (em 2015, 2016, 2017), no Programa Gente como a

---

Batalha, Vinícius, Thais, Betinha, Izamir, seu Mário e Gabriel. Estávamos fazendo e dançando um bom samba, daqueles que só o Esperança sabe fazer. Foto 3: Dona Maria e Ângela. Era um dia muito frio. Foto 4: Paulinho Brawn. Foto 5: Zilma, Vinícius, João e pai Zé. Foto 6: Vinícius, seu Mário, Tânia. Foto 7: Paulinho, Fabiano, Vinícius, seu Mário, Santa Helena, Pai Zé, Rodrigo, Tânia, 'andarilha, Betinha, Thais, João, Calopsita e Gabriel. Foto 8: Fabiano, pai Zé, Pai Zé, Paulinho, Tia Milene, Eliane, Anastácio, Fernando, João, Thais, Betinha dona Vera, Santa Helena. Foto 9: Pai Zé, Fabiano, Eliane, Anastácio, Santa Helena, Rodrigo, João, Betinha, Tânia, Santa Helena, Milene, Thais, Vera, 'andarilha'. Foto 10: Francisco, Milene, Betinha, Vera. Foto 11: Tânia, Zilma, Thais, Vinícius, João. Foto 12: Fabiano, Santa Helena, Betinha, Thais. Foto 13: Zilma. Foto 14: Thais e Ricardo Moreno. Foto 15: Vera. Foto 16: Eliane, Anastácio, Glória, Seu Mário, Izamir. Foto 17: Visita até ao Santuário de nossa Senhora Guadalupe na Cascata, disparado e organizado por Milene Ness. Foto 18: momento do grupo em que se discutia sobre a condução da política nacional de Saúde Mental e se organizava para o protesto 'Fora Valencius'. As fotos 8, 9 e 10 registram a visita da Tia Milene para comemorar conosco seu aniversário. As fotos 5, 7, 8, 9, 11, registram a presença do Pai Zé e do João, pois havíamos combinado de após o Vocal irmos para o Sarau Poético promovido pelo grupo de apoio a eleição de Mauro Del Pino e Luciane Prado Kantorski para Reitoria da UFPel com o slogan 'Viva a transformação'.

Gente (em 2014, 2015, 2016, 2017), na Comissão Municipal de Saúde Mental (2015, 2017), nas visitas a companheiras, como a Santa Helena de la Sierra em convites do acaso (Figura 77), a Maria Alice em festa surpresa de seu aniversário (Figura 78), a ‘mãe Vanilda’ (2015, 2016, 2017) frequentemente, nas atividades referentes aos 18s de maio, nos Mentais Tchês (Figura 68), nas Tendas do Afeto Popular, nas mais diversas apresentações do Vocal entre tantos outros (Figura 68, 69). Experimentamos muitos momentos da vida juntos, seja criando-os ou não. Essa são algumas de nossas loucuras. Há outras.

Ocupamos os palcos da vida na participação em diversos eventos, e produzimos alterações nas nossas paisagens e na dos(as) outros(as), o que se visualiza mais nitidamente no evento autogerido por estudantes da Terapia Ocupacional. O sorriso da Bruna Sell é também um tanto revelador desse momento, pois é um sorriso que não cessa de falar (Figura 68, foto nº 22).



01



02



03



04



05



06

07 

08 

09[131] 

10 

11 

12[132] 

13 

14 

[131] Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=542252589318437&set=t.100002888583882&type=3&theater> . Acesso em 03 de jul. de 2017.

[132] Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=542252562651773&set=t.100002888583882&type=3&theater> . Acesso em 03 de jul. de 2017.

15 

16 

17 

18 

19 

20 

21 

22 

23 

24 



25

26 

Figura 68 – Grupo Vocal Esperança em alguns dos palcos da vida, semeando música e esperança. Pelotas/RS, Curitiba/PR, Jaguarão e São Lourenço do Sul/RS.[133]

A Feira Nacional do Doce – FENADOCE e a casa do professor Mario Maia tem sido também palcos de gravação de DVDs do Vocal (Figura 69; Anexo E), com um trabalho feito com muitas vozes e que tem ultrapassado as nossas fronteiras como pessoas, como o que a música provoca em nós, a mensagem de cuidar quando a pessoa nas suas variações de intensidade necessitarem, mas com "carinho, amor, pois antigamente, bah, atiravam num

[133] Fotos 01 e 02 foram localizadas no acervo de fotos fornecido pela Betinha. Foto 03: foi no Encontro Nacional da RAPS em Curitiba, no qual a 'andarilha' não esteve presente. Foto 04: apresentação do 10 Mental Tchê em São Lourenço do Sul, 2014. Foi a primeira apresentação no Mental Tchê que a 'andarilha' participa com muito orgulho junto com o vocal Esperança. Foto 05: apresentação no 1º Encontro de RAPS no município de Pelotas/RS, em 2014. Fotos 06, 07 e 08: apresentações no Largo do Mercado Público, nas gravações para o programa Teledomingo da RBS TV, Pelotas/RS, 2015. Foto 09, 10, 11 e 12: apresentação do Vocal Esperança no aniversário do CAPS de Jaguarão, em 08 de abril de 2016. Foto 13 a 23: participação no Encontro Regional Sul de Terapia Ocupacional (TO), promovido pelos estudantes da TO da UFPel, o qual elucida o movimento de alterações de algumas paisagens. Foto 22: foto de Bruna Sell, uma das estudantes organizadoras do evento que expressa ar de contentamento ante a esse movimento, alegria esta da qual também compartilharmos. O evento aconteceu em prédio da UFPel situado na rua Álvaro Chaves, Pelotas, RS, em 16 de julho de 2015. Foto 24: Grupo Vocal Esperança aguardando ser chamado para cantar no 12º Mental Tchê, São Lourenço do Sul, 2016. Da direita para a esquerda: Fabiano, Zilma, Izamir, Pai Zé, Alex Monaiar. Foto 25: Convite para apresentação do Grupo Vocal Esperança no Mercado Público de Pelotas, na noite de samba, 29 de setembro de 2016. Esse momento foi construído a partir da participação de membros/as do Vocal nas noites de samba e com o Grupo. Foto 26: Grupo Vocal Esperança no Mental Tchê de 2013 ou 2014. Na foto, da direita para esquerda, Betinha, Eduardo, Tia Milene, Maria, Zilma, Paulinho e outros.

manicômio e ficava lá e ninguém fazia nada" (ROSA, 2016). Também a mensagem que desmistifica muitos ditos em relação a loucura, tipo quem disse que não podemos? Quem disse que um rótulo nos limita? É uma forma de luta, de mostrar que as pessoas podem exercer a (sua) potência de existir, a cidadania, a dignidade, na contramão do que tenta sequestra-las, para melhor dominar. Somos resistentes.



Figura 69 – Cartaz de divulgação e convite para a Gravação de DVD ao vivo dos Grupos Vocais Los Lokos e Esperança no Palco principal da Praça de Alimentação na Feira Nacional de Doces de Pelotas - FENADOCE, no dia 5 de junho de 2015 e o efeito deste trabalho tecido por muitas vozes, mãos, de corpo inteiro.

Nomadizando na escrita, a relação com o CAPS é efeito de uma parceria interinstitucional, nas quais há investimentos público, de desejos, de esperanças, e o desafio de produção de uma forma de atenção mais articulada com a realidade da vida, com o que as pessoas precisam, com o que faz sentido as mesmas, pelo menos, é o que reúne (n)este grupo. Faz sentido! Porque se escreve isso? No grupo, somos pessoas que nos reunimos porque gostamos de cantar, de tocar, temos na música e nos afetos o remédio para muitas angústias de nossos viveres (Anexo E). Até porque quem disse que é um só viver? Algumas e alguns de nós está ou esteve assistida ou assistido no modo de atenção psicossocial e até manicomial.

Mas nem todas ou todos que participamos do grupo estamos por ora nestas tramas dos serviços de saúde, podemos estar tramados noutras tramas/formas de 'cuidado' ou não. A palavra 'cuidado' entre aspas, pois a 'andarilha' não reconhece o manicômio ou as práticas manicomiais como forma de cuidado, ainda que resvale nas mesmas, se não como de controle e disciplinamento dos corpos, como opressão das pessoas e mortificação da vida. E também, nesta perspectiva, há outras práticas que ainda pouco ou não se encontram nos serviços, as quais a 'andarilha' defende que podem ou não fazer sentido sua experimentação, a depender de cada pessoa, tais como o Reiki, Reflexologia, Quirologia, Acupuntura, Espiritualidade, Ancestralidade, Plantas Medicinais, Homeopatia, Saber Popular, entre outras. A 'mãe Preta' da 'andarilha com frequência a aciona para Reiki (2016, 2017). E a 'andarilha' teve a oportunidade de acompanhar um pouco da história de Santa Helena com o povo de 'Axé'.

Por não reconhecer as práticas manicomiais como de cuidado, é também um dos motivos pelo qual a ‘andarilha’ se lançou neste trabalho costureiro sem agulhas, somente com linhas que se transversalizam a todo o momento, para também se reformar, não no sentido de melhorar o ou consertar o que está, mas que de tanta reforma, se transforme, reversa, inversa, oposta do que há, arrebentem-se fios, rearranje-se outros.

O Esperança por si só já é uma inversão, (que) se produz (n)outra relação, não do encontro de pessoas porque lhes é atribuído que tenham um ‘transtorno mental’, mas o encontro de pessoas seja lá o que tenham ou deixam de ter, a fim de cantar, de ‘fazer música’, tal como a frase recorrente no grupo “e aí, vamos cantar?” (GRUPO VOCAL ESPERANÇA, 2016). Pois, se fosse o encontro de pessoas porque lhes foi designado ‘transtorno’, a ‘andarilha’ é a portadora de vários deles, transtornada por encontros, pela música, pelos afetos, etc.

E mesmo que ás vezes carregamos estereótipos que nos encaixam em identidades que bagunçam nas nossas singularidades, tais como, o ‘pessoal do CAPS’ ou o ‘grupo do Izamir’ não que o mesmo o veja ou queira que assim fosse designado, inclusive a ‘andarilha’ observa um movimento em contrário. Entretanto, é professor mesmo, só que com um diferencial, o de produção de diferença, e se presume que esses ditos sejam/são os riscos de andar na chuva, melhor assim, que em locais que de algum modo nos invizibilizaríamos.

Sabemos que não é fácil, mas estamos dispostos a enfrentar esse modo de funcionar nas relações sociais, que não é somente conosco, há outros estereótipos que circulam, que vão nos enquadrando em rótulos, não se referindo ao Vocal Esperança, mas como ‘loucos do CAPS’, mudando nosso ‘endereço’, entre outros. Entretanto, antes de qualquer rotulagem somos pessoas que provavelmente gostamos de algo em comum, como por exemplo, da sensação de felicidade, ou de cantar, ou tantos ous. Se formos ver, temos nas nossas diferenças, muito em comum.

Ah, também importa registrar que tem gente que nos designa como ‘os/as músicos/as’. Sim, somos, com um jeito peculiar e singular que dá outro toque nas músicas, como por exemplo, a ‘andarilha’ embaralha letras de músicas e segue cantando, há gente que embaralha as folhas e segue cantando, há gentes que misturam os sons e seguem cantando, pois a música fica muito mais bonita! Esse é um tempero do inusitado, das manifestações de nossas intensidades, que são singulares, únicas e nem com muito ensaio se repetiriam! Ouvimos essa designação de ‘músicos/as’ com frequência, em nossos encontros, muitos deles, efeito de nossas andarilhagens na experimentação de territórios, inclusive das escapadas dos compromissos grupais de ensaio, no contato com as pessoas pela ida ao xerox, na compra de

lanches, nos passeios pelo prédio da faculdade de Arquitetura, no sobe e desce de elevador, dentre outras (Figura 70).



Figura 70 – Os músicos. Registro fotográfico no Xerox ‘A Garagem’ e no elevador do prédio do centro de Artes, UFPel. Pelotas/RS. 2016.[134]

Temos um nome e slogan grupal, que é Esperança (Figura 71), a esperança de alterar os preconceitos, no que nos engajamos em desconstruir, para que não nos remetam ao manicômio com legitimação social para isso, o que, atualmente, está na corda bamba. Importa registrar que temos esperança, mas que não ficamos esperando.



Figura 71 – Imagem do logotipo que representa o Esperança, fotografada da camiseta que possui essa estampa. Dois corações como notas musicais, que fazem outros desenhos nas partituras sem sim. 2017.

Vamos (nos) construindo, desconstruindo, reconstruindo. Destas formas, vamos nas nossas caminhadas desmistificando essa loucura colada na doença, que reduz o humano a sintomas e a um ou vários diagnósticos, mascarando a potência singular de existir. Vamos mostrando qual é a nossa loucura, o que tem se dado por encontros, pela produção de relação com as pessoas que vamos encontrando nos nossos caminhos, ‘gente como a gente’.

Na Universidade, algumas pessoas espiam na porta, parecem indagar curiosidades - que são, quem são, como são? Somos som ora. As convidamos para entrar, nem todas entram, e quando entram ou não, sempre é uma festa. É uma festa, porque se conversa, se compõem, de canta, se dança juntas e juntos e muitas outras coisas. O nosso som vibra nas nossas esquinas e nas de muitas pessoas.

Tem educador que chama para a aula e a gente vai, não só para conversa, mas para mostrar das nossas loucuras (Figura 72). Tem outros, que respondem pela Universidade no

[134] Figura 69. Designados como ‘os músicos’ Vinícius, Rodrigo e a ‘andarilha’.

projeto, que nos acionam para encontros, como convite para participar de recital musical (Figura 72), encontros com pessoas que também tem acúmulos, assim como nós, no que se refere à música e instrumentos (Figura 72), para gravar no estúdio de sua casa (Anexo E), etc. O que é absolutamente normal, efeitos dos encontros que acontecem no andar da vida. Também somos muito acionados para cantar em vários locais, mas não só cantamos, falamos, a música muitas vezes é a nossa voz.



Figura 72 – Participações do Grupo Vocal Esperança em recital promovido pelo curso de Musica, no encontro com percussionista Naná Vaconcelos no Quadrado, e em aula no curso de Música, no Auditório da Faculdade de Música da UFPEl. Pelotas/RS, 2014, 2016.[135]

Então, o Esperança é o que fizemos deste coletivo, mas sua nascença é o efeito de um conjunto de encontros, de um ‘maluco andarilho’, no caso ‘o morador de outras casas, chamado Izamir Duarte Farias, que andava com seu violão por serviços de saúde, dentre os mesmos, pela Unidade de Saúde Navegantes, Centro de Atenção Psicossocial Fragata, Escola de Música, Faculdade de Medicina da UFPel, entre outros, no fim dos anos 90.

[135] Recital: no dia 30 de outubro de 2014, Da direita para a esquerda: Santa Helena Brem da Silva, Glória, Liamara, Zilma, Maria Alice Sant’Anna, Sandra Schwartz, Tânia, Inalda, Anastácio, Eliane, Ângela, Fabiano, Vinícius, Eduardo, Vanilda, Fernando, Paulinho, Carmine, Izamir, Rabul, Seu Francisco.

Também, é efeito de seus encontros com pessoas em diversas situações de saúde que o mobilizavam, do encontro com formas de preconceito, pois até fora considerado ‘retardado’ em um dos *lócus* de saber da medicina, mas quem eram os ‘retardados’ (FARIAS, 2017), e do encontro com pessoas afins de produção de humanidade. Antes de seguir, é necessário escrever que há saberes e poderes que higienizam a vida, limpam o que tem de mais bonito e aí só conseguem ver o mundo com essa lente que impede de ver que o mais profundo é a pele. Então, são encontros que vão transformando as vidas. Esta última frase não pode ser apenas lida. Implica em voltar e reler. Em pensar mais ainda!

São nos encontros que vamos transformando, nos transformando, e se insiste, pois muitos são invisíveis ou invizibilizados, constituem zonas provisórias de conexão, é o que parece pequeno e que demora o tempo de cada um/a. Então, se não são os encontros, seja lá onde for, como e que em dimensão for, uma potente forma de intensificação da vida? Sabe-se que nem todos são bons, mas nos afetam, nos transformamos, nos produzimos, somos produzidos, produzimos. Então, se uma das formas de produção de vida, está na produção de encontros, porque ficar somente em um local e não ocupar os do mundo? Habitar de esperança (noutr)os corações? É o que se tenta fazer, como um Vocal chamado Esperança! A esperança quase como o que nos sinaliza Galeano (2016) sobre a utopia, o que nos move a caminhar.

Mas, voltando as ‘andarilhagens’ de seu colega, histórias que afetam a ‘andarilha’, pois por querer produzir a diferença, tentaram alvejá-lo com o preconceito, mas não conseguiram padronizá-lo, afinal, ‘louco é louco’. Seus instrumentos de trabalho não eram o ‘esfignomanômetro, o estetoscópio, o bisturi e muito menos o jaleco branco ou outros’, era “um violão velho e abraços nas pessoas e estimulando o afeto”, por entender que “mereciam um pouco de carinho e de dignidade” (FARIAS, 2017). Sua tecnologia era outra. Talvez um tanto escassa nos tempos que vivemos, mas não no Vocal.

Estimular o afeto é um exercício de si e de relação com o outro e com o mundo. É um exercício de alteridade, que de algum modo talvez careçamos e que a ‘andarilha’ percebe como significativo nos processos de produção da vida, de subjetividades, de modos de subjetivação. Conversa com a capacidade de recolhermos um pouco de ‘nossos saberes e em alguns casos poderes’, para que o outro tenha espaço pra brotar. Não é um exercício fácil. Implica nudezes, desvestir-se das acoplagens de argamassa de certezas e verdades que são feitas ou que fizemos as nossas roupagens, para que o outro possa chegar, e que se possa compor momentos de existência.

É o exercício da nossa capacidade de sentir e de se implicar com a (produção de) realidade. É também uma forma de expressar nossas intensidades (Figura 65, 66, 72; Anexo E), para as quais nem sempre há espaço em nossa sociedade (a qual também produzimos), que em nome da padronização da vida, da normalização, racionalização, muitas vezes impede o (nosso) exercício de humanidade, o exercício humano de sentir, de rir, de chorar, de viver vontades, de explodir, de gritar, de experimentar, de dançar, de cantar, de abraçar, de amar, de ser do jeito quiser ser, de fazer o que nunca se fez.

Ainda, de perceber seja a beleza dos detalhes ou das formas, das singularidades, das pluralidades, das temporalidades do tempo, da velocidade das águas, do balanço das folhas nas árvores, da suavidade do vento, do calor da terra, da umidade da grama, da chuva que todo lava, do sol que pinta de vibração o cenário da existência, entre tantas outras coisas, que podem ser sabor ao viver de si ou de alguém, ou não.

Muitas vezes nossos afetos são forçados a ficarem guardados, a não serem vividos, experimentados, expressados pelas mais diversas maneiras como o podem ser pela fala, música, pintura, militância, entre outras, ou canalizados para as formas de consumo de um sistema que se retroalimenta disso, que nada tem a ver com a vida, e sim com a nossa mortificação, produzindo a necessidade do que não necessariamente seja necessário, como nos explica Guattari e Rolnik em 'Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo' (1986).

Em consonância ao que nos faz pensar os escritos de Guattari, também, muitas vezes (noss)os afetos são segregados, em nome da 'ordem', ou para que não sintamos a existência, para que sejamos dopados de códigos que nos leva a agir contra nós mesmos ou pela indústria farmacêutica, entretanto, mesmo assim, a vida é imanente. Não nos enganamos que os afetos sucumbem por inteiro a essas formas de dominação, exercitam em nós linhas de fuga, como o pode ser a loucura, uma intensidade dos encontros em expressão que não se adequa aos códigos na racionalização, burocratização e normalização perpetrados em nossa subjetividade, em uma variabilidade de modos, dado que o afeto flerta com a subversão das ordens, embaralha os códigos. Quando ás pessoas se sentem vivas, não há o que segregue a dor, o amor, a potência de existir, de existência ou outros sentimentos! Produz mundos.

Esses encontros e provavelmente também outros, moveram na criação trilhada e compartilhada do Vocal Esperança. O mesmo inicia em 2001 e participaram muitas dessas pessoas dos encontros acontecidos nos anos de 1997 a 2000. Idealização de propulsores de vida, que sustentam até os dias atuais essa vivência em conjunto com outras pessoas, tão propulsoras quanto, que também o integram. Esperanças no bojo dos movimentos da

Reforma, que já havia sido deflagrada no Rio Grande do Sul em 1992, e da qual Pelotas participa como uma das linhas de força, com essas experiências, afim de produção diferença.

O Vocal surge com o intento de acolher pessoas nas nossas intensidades psíquicas, seja de experiências, sentimentos ou sofrimentos psíquicos, em que a música nos fizesse algum sentido, vinculadas a UFPel e a Atenção Básica e um primeiro momento e depois a Centros de Atenção Psicossocial Porto (ROSA, 2016), que era referência para o território do bairro Navegantes. Desenvolvido como a atividade de extensão 'Arte e Saúde', e em parceria da Universidade com a Secretaria de Saúde do município (GRUPO VOCAL ESPERANÇA, 2016). O colega, 'maluco andarilho', que foi o bolsista de extensão na época, é o que responde pelo grupo nessa relação Universidade e Serviços, como trabalhador da saúde, músico, militante. É um responder que não é em nome próprio e nem de suas funções, mas tecido em diálogo com todos/as os/as músicos/as. É ou não e de outra loucura que se está falando? De uma loucura não colada na doença, de quão a vida pode ser intensa?

O Esperança escreve também nas histórias da loucura, seja no município de Pelotas, na região sul, no estado, no país, no mundo, pois é semente, e sementes podem brotar nos mais áridos solos. E foram de brotos, feito estes, singulares, diferentes, forças instituintes, moleculares, que levantaram ao processo da Reforma Psiquiátrica em alguns países do mundo, como no Brasil.

Os primeiros momentos de algumas pessoas que vieram compor (n)o Esperança aconteceram, então, nos anos de 2001, primeiramente nos fundos da Unidade Básica de Saúde Navegantes, e depois migrou para o Centro de Artes da UFPel. O Vocal foi uns dos pioneiros, de algum modo, na produção de saúde na Atenção Básica, ideia necessária, extremamente defendida na composição do que seria uma Rede de Atenção Psicossocial (BRASIL, 2011). O Esperança ainda é pioneiro, imprime outros tons nos sons da atenção psicossocial, quando coloca a nos indagarmos que rede e atenção psicossocial estamos produzindo?

Atualmente, passado 16 anos de existência como Grupo e 20 se considerado as 'forças de brotamento', acontece na mesma parceria e local, fortalecida, no caso, na Universidade, 'variando' de salas e eventualmente de prédio para fins de ensaios e a ocupar os mais diversos palcos da cidade (Figura 65, 68; Anexo E), região, estado e divulgação do trabalho ultrapassando mares e marés.



Figura 73 - Recorte de imagem de pessoas tocando e dançando ao som dos tambores, dentre elas a ‘andarilha’, 2016.

Mas como a ‘andarilha’ chega ao Esperança? Pelas esperanças que a habitam, inclusa a de participar no mesmo, assim que soube de sua existência. Em 2013, a ‘andarilha’, ‘ouvindo o som desses tambores’ (Figura 73; Anexo E), perguntou a esse colega, que emanava ‘ares de músicas e de lutas’, se poderia, como ou o que seria necessário para ingressar no Vocal Esperança. Levava consigo na pergunta a militância. Leia-se ‘limitância’. A resposta poderia ter sido qualquer uma. Pensava que seria incoerente um não, entretanto não seria.

No Grupo haviam pessoas que já conhecia, a intercessora guia, que na época, em 2013, compunha com outras pessoas a presidência da Associação de Usuários dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas – AUSSMPE e atualmente, em 2017, segue compondo. De todo modo, fomos todas e todos nos conhecendo pela aproximação, pelas conversas, pela música, pela curiosidade.

Como ouvir vozes é prazeroso ‘a andarilha’, não necessariamente as suas vozes, mas a das outras pessoas, conheceu fragmentos da história do próprio Grupo e de Pelotas pela voz das parceiras e dos parceiros nesse coletivo musical. Também, começou a participar das apresentações, em alguns momentos, cheia de ‘desconsertos’, por preconceitos consigo mesma, afinal errava as letras das músicas. E ainda erra. Ensaiava em casa, ficava vendo, ouvindo e cantando com o DVD do Grupo. A vizinhança sabia as letras, mas ela continuava se atrapalhando. Não adiantava.

Seu colega de vez em quando, como músico, nos dava pistas, ‘concentrem-se’, mas quando percebia, a ‘andarilha’ já tinha viajado longas distâncias enquanto cantava. A música nos permite nomadismos. E mesmo assim, era acolhida. Defendia a produção de uma sinfonia que incluía todas as formas de manifestações, mas não conseguia incluir a sua. Estranho não. Estranha sim. Contradições na própria luta. Como diz um de seus intercessores, uma coisa é falar, a outra ‘é sentir na pele’ (SANTOS, 2016).

Deste modo, o Vocal tensiona com as hierarquias manicomiais corporificadas na ‘andarilha’, do que foi construído ao longo do tempo, mas que é preciso desconstruir, demolir, reconstruir. Começa a se indagar, quem cuida de quem? Produz um rachamento na verdade que se pretende absoluta que são as pessoas que ‘tem formação para tal/que acumularam ou acham que acumularam algum saber sobre algo’, as que teriam essa incumbência de cuidar? E

esse momento lhe diz que não e sim, fala de composições. Que na relação o cuidado é com e não sobre, que o cuidado circula, que é a relação, que é em relação e no modo como essa acontece, principalmente que haja espaço para composição de singularidade na produção de outras e outras.

O Grupo mexe com as suas composições, tocou nos sons que ainda não tinham 'partitura'. Alguns toques foram leves, outros nem tanto, pois seu ingresso no mesmo se deu nas margens de um quase retorno a 'Santa Helena da Serra'. Um quase retorno, pois ao mesmo tempo em que estava deslumbrada com a historicidade da cidade expressa nas vozes de muitas pessoas, nas arquiteturas e 'partituras', mesmo com amizades fortes no Sul – como com o Marcos Aurélio Matos Lemões, o Geanmarcos Garcia Terra, mas como também é um andarilho, dificilmente o encontraria, mesmo já estando mergulhada em maquinarias de guerra, tendo encontrado companheiras e companheiros de movimento, no caso, o Levante, mesmo sabendo que na região Sul vivam duas pessoas que foram muito parceiras na Força SUS ante a tragédia ocorrida em Santa Maria, mesmo que havia praia e areia, mesmo que muitos mesmos, sentia-se numa selva, sozinha.

Essa selva lhe dizia, 'se tiveres como pagar, terá um teto para morar, caso não, teu destino é a rua'. E a sensação de estar sozinha, é um particular da subjetividade e suas singularidades, talvez de quem muito cedo saiu pelo mundo movida por esperanças, mas que essa sensação nem sempre é dissolvida mesmo tendo algum tecimento de rede. A 'andarilha' vivia desterritorializações de si, despersonalizações, o que pode ocorrer com qualquer andarilho/a, com qualquer pessoa.

Em pouco tempo de Pelotas, havia sido roubada, assediada e violentada verbalmente, inclusive nos espaços designados à proteção das mulheres. Somava-se a isso, a sensação de impotência e essa experimentação de desterritorialização, efeito de vários fatores, dentre estes, o trânsito de uma região para outra, de uma história quente de militâncias, para outros desenhos, não menos quentes (que aquecemos, que fomos aquecidos, que nos aquecemos). Experimentava o novo, mas era como solo que sumia do chão. Faltava-lhe a sensação de familiaridade, de se sentir um pouco pelo menos, em 'casa'. Nem ao menos, na própria casa de si, sentia-se! Talvez isso explique a opção de se inspirar na cartografia, da pesquisa imbricada com a vida, ou seja, construção de chão, pois todo o que parece haver, é projeção. O real é construção. Tecido na e de cotidianidade.

E foi no grupo, no qual encontra 'Santas Helenas e Santos Helenos' que começou a **te**c**er** chão. E foi o que contribui na decisão de ficar. Uma das 'Santas Helenas' lhe dizia 'podes residir com a outra Santa Helena'. Quiçá sabia que essa 'Santa Helena', era sua 'Mãe

Preta', como ela mesma se diz. A 'andarilha' confessa que no início achou que fosse brincadeira, mas depois entendeu que era sério. Um parêntesis: entendeu, pois aprendeu, presume, graças às ideias 'fecundas' do seu 'pai Zé', que a 'família afetiva' pode ser do tamanho que a gente quiser e sentir. Impossível, escrever e não se deixar derramar.

No grupo, nos encontrámos praticamente todas as semanas, nas sextas-feiras de tarde, salvo o momento de recesso da 'andarilha' envolvida noutras atividades das lutas sociais, dentre estas a de escrever. É recheado de conversas, de música, do som dos tambores, de abraços apertados, partilha de histórias de vida, análises de conjunturas sociais, do cenário nacional, estadual, municipal, das políticas públicas, locais, do próprio grupo, de autoanálise, de conflitos, da construção de saídas ante a situações, de cuidado com o outro, da tentativa insistente para o exercício da cogestão, de algumas trocas solidárias em termos de comercialização, etc (Anexo E). O grupo é uma festa. É a todo momento repleto de transversalizações das mais diversas proveniências. O grupo em si, é uma obra de arte em movimento, na qual cada uma e cada um comparece com seus talentos. E, a 'andarilha', acha lindo, sente lindo! Até as fotos vibram (Figura 66, 68, 73).

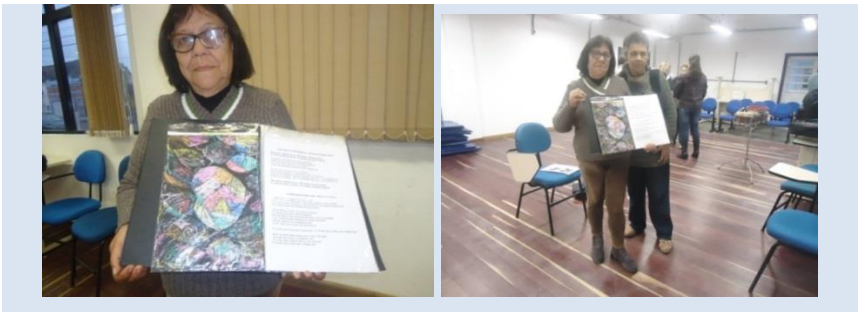


Figura 74 - Tania mostrando algo produzido que nos é significativo e belo. Sala do Centro de Artes. UFPel, 2016.

Da partilha de obras como a música, a percussão, mas também das pinturas da Tania (Figura 74), dos crochês e tricôs da Dona Maria, da memória da história do município de Pelotas, pela Valdeni, da memória de como começou a ser construída a Reforma Psiquiátrica em Pelotas na voz da dona Vera, das boas conversas com a Zilma, com quem a 'andarilha' brinca com carinho chamando de 'Dilma', do Paulinho, de quem gosta, e gosta e gosta e pronto, um potente interventor, de sábias perguntas em momentos que parecem não pertencer a todos, quando diz 'alguém pode me dizer pra quê esse encontro?' no primeiro encontro da RAPS.

Do Fernando Oppa, que dentre as conversas, se comunicam com o melhor sinal que empurra a vida pra frente, o de 'positivo', com a Ângela, percussionista, que ficou de convidar a 'andarilha' para conhecer os novos arranjos e pinturas em sua casa, e a 'andarilha' vai, assim que der no jeito, com o seu Mário, transforma**dor** de intensidades em obras de arte, em novos instrumentos musicais.

Da Maria Alice Sant' Anna da Rosa, outra artista, pinta, desenha, a qual ás vezes lhe conta que 'acorda chorando', mas que ao mesmo tempo, é uma revolução em pessoa, em que as dificuldades não lhe impedem de insistir, de andar, de conectar, de sonhar, de ensinar. Dentre os ensinamentos, a 'andarilha' que gosta demais de animais, mas não os tem, pois viveriam abandonados, eis que Alice lhe explica, que pode brincar com o 'gato amigo' das ruas, da vizinhança, e a 'andarilha' se lança a essa experimentação, que lhe levou também a novas amizades (Figura 75).



Figura 75 – Maria Alice Sant Anna da Rosa. Caminho a casa da tia Milene para ensaio dos vocais Esperança e Los Lokos, em preparativo para apresentação na Fenadoce, Pelotas, em 3 de junho de 2015.

Há a Glória, a Olga, o Eduardo, seu Mário, o Ricardo, o Izamir, o Rodrigo, a Betinha, a Thais, o seu Carlos, Santa Helena, Anastácio, Eliane, seu Francisco, Vinícius, Fabiano, o Gabriel, a 'andarilha, o Rabul, Carmine, entre outros/as. Das pessoas que a 'andarilha' conheceu no Esperança, desde 2013, duas companheiras estão cantando e contando histórias noutras dimensões – a Valdeni e a dona Maria e outras, que não mais no Esperança – como a Sandra, a Vanilda, o Rabul, o Carmine, o Cléber, a Inalda, dentre outras., mas provavelmente com muitas esperanças, estão vivendo noutros desejos da vida. Presume-se também, que devido ao processo de provocação da autonomia e do exercício da cogestão que convoca a outras relações, seja no grupo, ou noutras composições.

E, ainda, de que o grupo passa a não fazer mais sentido, pois há na vida uma imensidão de outras possibilidades, inclusa por outros desenhos na vida que essas pessoas não permaneceram mais no grupo e nem o grupo permanece o mesmo. Todos mudamos. O grupo de algum modo fez e faz algum sentido em nossas vidas, mas eternos enquanto durarem Os recados quanto ao grupo mostram isso.

Com o Fabiano, produzem a sinfonia do riso. Conversam, fazem brincadeiras um/ com o outro/a, e de repente a música que raramente falta, largas e demoradas risadas. Seu Carlos, além de cantor é desenhista e pintor. Também navegou pelo trabalho na área da saúde, como Técnico de Enfermagem. No mesmo, a dor do outro lhe afetou e com isso fez e faz obras. Em si é obra, uma obra em pessoa, muita obra de arte. Muitas das quais Essa amizade foi vivida e tecida no espaço do Vocal, do Los Lokos, do cotidiano, da Associação.

Nas andarilhagens com o pai Zé, o mesmo mostra o caminho a “andarilha’ e foram lhe visitar o seu Carlos. Encontraram lá, sua companheira, a Miguelina, outros/as familiares, um belo gato, e uma fábrica, com inúmeras telas desenhadas, pintadas. Seu Carlos pinta músicas, da vida, das expressões, das sensações. É um tradutor da subjetividade. E nesta conexão, nestes praticamente quatro anos, estivemos juntos/as quando se ocupou do cuidado a sua mãe e seu irmão em situações de saúde. O pai Zé mediou muitas comunicações. De vez em quando fazia o ‘pista alerta’, ‘vem cá, vocês esqueceram do nosso amigo?’ (BORGES, 2015, 2016).

No vocal, a ‘andarilha’ também se sente presenteada, por ter conhecido um dos fundadores da Associação de Usuários dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas – AUSSMPE, no caso, o seu Anastácio. É como se fosse uma honra, pois se na atualidade protagonizar algumas coisas é difícil, como no caso, uma associação em que predominam na sua maioria usuários/as, como teria sido em 2001, quando recém se nacionaliza o processo da Reforma Psiquiátrica no país? Mostra que para algumas coisas acontecerem, se co-interferem e se co-produzem, mas não necessariamente uma depende da outra, ou uma seja condição para a existência da outra. Entretanto, importa considerar que no Rio Grande do Sul, o processo já estava a pleno vapor, como lei desde 1992.

Seu Anastácio, também, cantor e loucutor, como se designam no programa Gente como a Gente, colocando a todo momento em questão a relação que há com a loucura. E junto com Eliane rompem com mitos que ainda vivem em alguns retalhos da existência, que nós, as pessoas nas suas mais diversas intensidades existenciais, das experiências psíquicas, sentimentos e/ou sofrimentos psíquicos não poderíamos viver nossa vida do jeito que bem entendermos e ou não conseguiríamos estabelecer laços conjugais, mas onde estaria dito que não? Por que não o direito ao amor, que é contagioso? (Figura 76).



Figura 76 – Eliane e Anastácio e convite de casamento. 2016.

O que impede se isso é do desejo das pessoas? Decorre de saberes, principalmente o da psiquiatria convencional que atribuiu a nós, que somos incapazes de viver ou fazer algumas coisas, como a ‘andarilha’ já ouviu nas suas caminhadas, que em uma determinada

atividade dentro do manicômio Espírita, um psiquiatra dizia ‘os esquizofrênicos são burros’. É?! Somos pessoas, diagnósticos não nos definem e os animais conhecidos como ‘burros’ não tem culpa da ignorância de quem disso isso!

São verdades de séculos que se atualizam em falas e em ações e, que também podem falar na nossa boca, se não problematizarmos esses ditos que naturalizam estigmas com potencial de inter**ferências** nas nossas e nas vidas de todas as pessoas. Então, Eliane e Anastácio deixam esse recado no livro da existência – que essas verdades muitas vezes são mitos que afastam o humano da sua humanidade, ou seja, da possibilidade de ser feliz (Figura 76). Fizeram o que talvez muitas pessoas, graças a essa da racionalidade, não viveriam! Por menos racionalização, por mais amor e paixão! Esses saberes nos desautorizam de nós mesmos e ficamos a deriva de que façam o que quiserem com nossos corpos. Estamos em um processo de dizer que sabemos o que queremos e precisamos e que não queremos que façam nada conosco se essa não for a nossa vontade.

Thais também é uma denunciadora. Não se sabe como não está permanentemente presa em um manicômio e do mesmo modo, outras pessoas (Anexo F)[136]. É a Lei 10.2016 que a protege, assim como a nós mesmos, de algum modo, de mais danos. É o quão vive a Luta Antimanicomial, mas que ainda lutas, leis, políticas públicas e a formação em saúde precisam avançar muito, para que se fechem de fato os hospícios e se conteste os modos manicomiais que se rearranjam nos serviços de saúde e relações sociais, sem que para isso, vamos ‘parar’ no manicômio estrutura, ou no seio das manicomialidades de restrição de nossas manifestações, denunciações.

Mas, com frequência tentam e até a colocam na prisão chamada Hospital Espírita. Dizem que é para o seu bem, para acalmar seus ‘nervos’, em um município com várias unidades de Atenção Básica, com oito CAPS, leitos em Hospitais Gerais? É certo que nossas alterações de intensidades não tem hora para acontecer e serviços podem não estar disponíveis. Mas, tem um que sempre está, e é o que quer permanecer.

Nas suas denúncias, conta de uma situação que o seu sorriso foi alvo de agressão por um/a trabalhador/a do hospício. Que diante disso, reagiu, extravasou o que sentia, afinal, quem suporta ser culpado por algo do que não se é? Outra situação, foi expulsa de um CAPS da cidade, como assim? É ou não é alguém com potência de intervenção, ao ponto de provocar o insuportável em algumas pessoas, como ouvir o que ela diz em fala ou em ação?

[136] Por dizer a verdade, muitas pessoas são caladas de diversas formas. Então, essa frase é uma ironização das penalizações que podemos sofrer ao dizer verdades do que se vive, se sente na pele e que não se deseja a outras pessoas.

Também, há a Santa Helena Brem da Silva, que a ‘andarilha’ em determinado dia, nas suas brincadeiras, a chamou de ‘Santa Helena de la Sierra’. Santa Helena diz que desse nome gosta de ser chamada, mas não de ‘Santinha’. A ‘andarilha’ entendeu o recado, pois mesmo que a Santa Helena tenha gostado, tem nome. Ora ficar fazendo esse tipo de brincadeira, mesmo que o sejam pelo quê das pessoas lhe afetam, entretanto, é bom perguntar que pensam sobre isso, ao invés do uso declarado.

No início, a ‘andarilha’ não a entendia muito bem. Não havia muita proximidade. É alguém intensa. Faz perguntas e comentários, dos quais se pinçássemos poderíamos fazer interessantes autoanálises. Por exemplo, de seus ditos, ‘‘eu queria ir para o Escola, mas me mandaram para o Porto’’ (SILVA, 2017), e a ‘andarilha’ comentou que esse endereçamento provavelmente estaria relacionado com a área de abrangência territorial destes pontos (Centros de Atenção Psicossocial) da RAPS.

Santa Helena também lhe conta que em um tempo não muito distante, havia o clube de festas dos negros e dos brancos, e que tem preconceito consigo mesma por negra. Queria que seu cabelo fosse liso. Que não se acha bonita. A ‘andarilha’ se lança em conversas sobre isso com a mesma. Mas, apontam para uma realidade social que se avançou com os movimentos de lutas e recentes políticas de equidade, entretanto que ainda há muito a desconstruir e reconstruir nesse sentido, de conviver com o outro e sua diferença, sem gerar exclusão, dor, sofrimento.

Nossa maior aproximação ocorreu mais nas andanças da Associação, em reuniões e filmes e em atividades na casa da Mãe Preta. Santa Helena de la Sierra, a Santa Helena Bem Silva, é alguém que quando se vê está a organizar as pipocas para os filmes, os cafés, a lavar e secar as louças, etc. Isso mobilizava a ‘andarilha’, pois achava que era uma forma de exploração de Santa Helena, pelo seu fazer de praticamente todas essas atividades nas tardes de reuniões e vídeos. Até que sua ‘Mãe Preta’ lhe sinaliza, não com essas palavras, o que era de fato escutar uma pessoa, ouvir esses movimentos de Santa Helena. Que ela se sentia contribuindo com o coletivo, do seu jeito. Que há jeitos diferentes de contribuir. E que não há verdade única. Há sim, momentos singulares de existência.

E a ‘andarilha’ começa a ficar mais atenta, deixando os modelos de viver impressos em si de lado. Impressão de modelos nada mais é que a racionalização de algumas coisas, mesmo entendendo como bons modelos. Coloca em questão, inclusive tudo o que é ‘modelo’, a que desconfiemos do que assim se veste ou vestimo(nos). Ouvir esses movimentos era ouvir uma voz que falava deste modo, articulando, fazendo, tecendo e que não era explorar o

trabalho de uma pessoa, ao contrário, era a acolher nas suas intensidades. Que desl**ouca**mento sofreu a ‘andarilha’.

E foram se aproximando e fazendo algumas coisas juntas. E a ‘andarilha’ aprendeu mais ainda com ‘Santa Helena de la Sierra’, não como encantamento paralisador, mas no sentido de aprendizado, de aprender a ser livre das amarras que nos prendem, que nos prendemos, que nos deixamos prender, que em algum momentos talvez até precisamos nos prender, fazendo o pequeno que é grande, que tensiona com as convenções sociais.

Então, muitos/as de nós vamos e fomos nos entrelaçando nas andanças da vida. Na saída das gravações na casa do Mário, em 2005, Santa Helena convida a todos/as do grupo para visita-la. Fomos. Porque não, se isso nos faria a todos(as) feliz (Figura 77). Noutro momento, já noutra conjuntura de vida, em 2006, também aciona a ‘andarilha’ para visitá-la. Neste dia, conta que o nome ‘Santa Helena’ se devia a uma promessa feita por sua Mãe a Santa Helena e que deu certo, mas que não é santa que nem a Santa, por isso não gosta que lhe chamam de ‘Santinha’, mas de Santa Helena de la Sierra sim. Para a ‘andarilha’, sendo como somos ‘gente como a gente’, porque experimentar de nossas vidas no seio que vivemos? Mais ainda, havia convites tão afetivos e intensivos. São também de estar juntos(as) nestas velocidades da vida. De que somos todos(as) importantes, cada um(a) do seu jeito.



Figura 77 – Visita a casa e familiares de Santa Helena da Silva Brem, Pelotas/RS, 2015.[137]

Santa Helena lhe toca profundamente. Uma vez a ‘andarilha’ apresentou sua família que estava conhecendo Pelotas, querendo sequestrar a ‘andarilha’ de volta, e Santa Helena ficou surpresa com isso, dizia “olha guuriaaaaaa, me apresentou todo mundo, quem é que faz isso?”, e a ‘andarilha’ surpresa com essa reação, pois somos gente como a gente. Santa Helena expressa muito das relações humanas, como se não fosse digna de ser conhecida, sentindo-se minorizada, sendo que é tão grandiosa, afetuosa. E assim, fomos nos achegando.

[137] A visita foi após regravação de DVD na casa do professor Mario Maia, 2015. Encontros com familiares de Santa Helena da Silva Brem.

Outro momento, foi após uma reunião na Associação, no encontro com umas malucas que estavam contribuindo e construindo junto o 18 de maio, dia da Luta Antimanicomial, em 2016, que virou Semana, uma delas, a Larissa Dall'Agnol, convida quem quisesse ir participar de uma de suas aulas e, Santa Helena hesitando um pouco, do tipo 'vou ou não vou', e a ficamos incentivando, e ela se dispôs a ir. Ao chegar no local onde aconteceria a aula, no Ânglo, um dos prédios da UFPel, ao entrarmos no prédio, Santa Helena relata que desde a época em que trabalhou lá, quando era frigorífico, nunca mais havia colocado os 'pés' neste espaço, relato este, que para a 'andarilha' foi comovente, dado que pelos encontros ao imprevisto se produz uma ressignificação deste espaço, não mais como operária de uma fábrica, mas como uma educadora que partilhou sua experiência de vida.

A 'andarilha' sentiu por isso, imensa gratidão a 'insistência' e ao que vivíamos. E o mais lindo, é que esse colocar os 'pés de novo', foi então, para participar de aula como uma das professoras da existência e observar os movimentos do olhar a tudo que estava tão diferente do que era antes. Também, neste mesmo ano, foram juntas e mais algumas pessoas para São Paulo, no Congresso Brasileiro de Saúde Mental, em 2016. E, no dia que Santa Helena lhe contou que foi uma das melhores coisas que fez na vida, a 'andarilha' se molhou por dentro e cada vez que lembra, se molha por todos os lados, pela oportunidade dessa companhia no engendramento das nossas loucuras.

Um dia fomos visitar a Alice, que nos acolhe e brinda com sua obra e instrumento musical, o tarol, o qual ela toca invertido e com o dorso da mão. Invenções, invenções de novas canções (Figura 78).

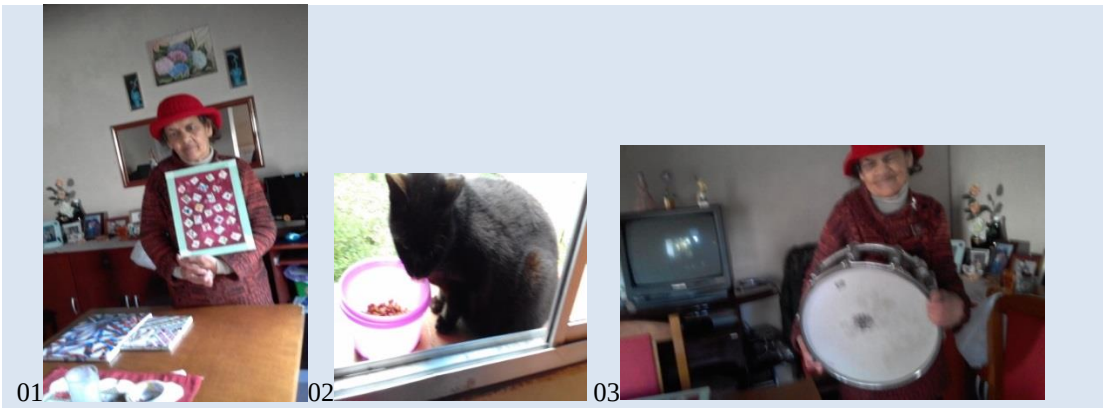


Figura 78 – Visita da 'andarilha' a Maria Alice Sant' Anna da Rosa, Pelotas/RS, 2016[138].

[138] Visita da 'andarilha' a Maria Alice Sant'Anna da Rosa que estava em processo de recuperação referente a situação de saúde. **Foto 01:** Maria Alice Sant'Anna da Rosa com tela produzida por ela mesma. **Foto 02:** Pri, gata amiga da Maria Alice Sant'Anna da Rosa. **Foto 03:** Maria Alice Sant'Anna da Rosa com o tarol, seu instrumento de percussão que abrilhanta o trabalho produzido no coletivo Vocal Esperança.

Em outra data, exatamente no dia do seu aniversário, em 30 de outubro de 2016, lhe fizemos uma surpresa, com algumas pessoas do Esperança, Los Lokos e Associação, pois ela estava com problema na perna, em casa de resguardo e já fazia um bocado de tempo. E porque não uma surpresa a companheira de tantos anos nas estradas da vida? E tramamos uma boa trama para celebrar a vida - Santa Helena, pai Zé, seu Francisco e a ‘andarilha’ (Figura 79).

01 

02 

03 

04 

05 

06 



Figura 79 – Festa de aniversário da Maria Alice Sant'Anna da Rosa, em 25 de outubro de 2015, Pelotas/RS[139].

Além das idas com o Esperança, nós duas sempre fomos malucas por praia (Figura 80). A 'andarilha' vinha de um lugar que só tinha rios. Colocar o pé na areia era misturar as composições dos corpos. Alice tinha algumas dificuldades pra caminhar devido ao seu estado de saúde, mas era uma fábrica de resistências, tanto que um dia nos disse "mesmo me arrastando eu vou" (ROSA, 2016). No fevereiro de 2016, dizia que não tinha companhia para ir no casamento de nossos colegas Anastácio e Eliane (Figura 76). E a 'andarilha' movida com isso, lhe pergunta se aceitaria ir com ela e mais duas familiares e ela aceitou e veio e fomos.



[139] Da direita para a esquerda. Foto 1: Santa Helena da Silva Brem. Foto 2: Santa Helena da Silva Brem e a 'andarilha'. Foto 3: Santa Helena da Silva Brem, José Fernando do Amaral Borges, Francisco da Silva. Foto 04: Maria Alice Sant' Anna da Rosa e Santa Helena da Silva Brem. Foto 05: José Fernando do Amaral Borges e a mãe da Alice. Foto 6: mãe da Alice, Francisco da Silva, Santa Helena da Silva Brem, Maria Alice Sant' Anna da Rosa, : José Fernando do Amaral Borges. Foto 07: a 'andarilha'. Foto 08: José Fernando do Amaral Borges.



Figura 80 – ida de Maria Alice Sant'Anna da Rosa e 'andarilha' ao Laranjal, Pelotas/RS, verão de 2016.

Destes oxigênios do convívio, da música, da experimentação dos instrumentos, da criação, da luta sendo o afeto e a música potentes dispositivos, nos envolvemos também noutras lutas sociais, dentre estas, quando mudaram a coordenação da Saúde Mental no estado do Rio Grande do Sul (2015), seguido desta mesma alteração em âmbito nacional (2015, 2016), por entendermos que as pessoas a frente destas pastas de gestão eram contra a Reforma e logo isso nos afetaria, e todas os retrocessos que se seguiram no pós golpe de Estado (2016, 2017), com a supressão de 50% de investimentos na saúde e na educação, com as reformas da previdência, trabalhistas e outras tantas alterações em nossos direitos sociais (Figura 81).

É um Grupo que se envolve nas lutas por nenhum direito a menos, nenhum passo atrás, e que o faz colocando na roda, em discussão, tanto na luta pelos próprios direitos, como na luta social, assim como esse Vocal aparecerá junto e misturado em tantos momentos, pois a música é vida e é luta na nossa existência, ainda mais quando para afirmá-la em sua potência (Figura 81).



Figura 81 – Alguns de nossos outros movimentos nas lutas sociais.[140]

[140] Foto 1: registra um momento que o Esperança dá o recado que não somos 'gado marcado', que somos liberdade e não abdicamos desse direito. Foto postada pelo garimpeiro de existências seu Uilson Santos, na rede virtual facebook. Fotos 2, 3 e 4: preparação e participação no ato 'Fora Valencius', Pelotas/RS, 2016. Foto 05: roda de conversa sobre a greve de professores(as) e estudantes quanto ao projeto de corte de 50% por cento de investimentos na saúde e educação, que tende a precarizar mais ainda e favorecer a terceirização e privatização, além de outros direitos, Pelotas/RS, 2016. Fotos 06, 07, 08: referente ao Seminário no Dia Mundial da Saúde realizado na Câmara Municipal de Pelotas no dia 07 de abril de 2017, no qual um dos temas foi a Saúde Mental

E assim, temos todos/as do Vocal Esperança muitas histórias de puro vivido para narrar, entretanto, pinça-se algumas conforme as que vão chegando na memória, pois em termos de intensidade, todas tendem a ser fortes. E suas chegadas a lembrança, são ingovernáveis. Se procurará preservar essa coerência, que para alguns pode parecer expressão de incoerência. Trata-se é da coerência das pulsações dos afetos.

Retornado do passeio com existências que esta escrita incita, para a dimensão do coletivo. Na escolha das músicas para os repertórios, há a defesa construída ao longo deste percurso do Vocal de as mesmas ecoem mensagens de reflexão sobre a vida, que valorizem artistas que muitas vezes são pouco ou não considerados, e não só estes, também de 'famosos/as', desde que haja uma mensagem que dialogue com o pensar e seus nomadismos de quem nos escuta. Era uma característica diferente de afirmação ética do grupo. Além disso, com o tempo se desenha como uma de nossas marcas, a produção do som dos tambores, o samba (Anexo E).

Certa vez, em início de ano, em 2015, a 'andarilha' que partilha com esta obra Esperança, provoca para que experimentássemos fazer o exercício de composições. Nem acabou de dizer e já havia música sendo composta. Pura poesia. Ainda faltam as notas musicais. Foi um movimento tão rápido e intenso. Parecia a história de anos sendo contada em poesia musicada. Era o que fazia sentido escrito em letras que poderiam em algum momento ser cifradas. Alguns dos sentimentos que nos movem grupo, ali, registrados. Também uma das colegas, a Glória, veloz em partilhar ideias, sugere uma letra que fosse com os títulos das músicas dos repertórios. São histórias que fazem parte e síntese afetiva de nossas histórias.

Com algumas pessoas, por essa aproximação e outras, foi se fortalecendo esses afetos como vínculo. Ficava a ver e a ouvir modos de viver, histórias de vida e de resistência de algumas existências, que ali nos encontrávamos e nos produzíamos forças para o viver. Que havia neste coletivo? Que força era essa? Que força mantinha algumas pessoas juntas há 16 anos? Sentia que havia possíveis, que o grupo Esperança já era uma produção de diferença, capturado ou não pelos modelos instituídos, mas que na época de criação, foi desvio. Foi força molecular. E ainda é. E ainda há.

'Quem anda nestas trilhas como pesquisadora queria estar misturada a realidade vivida, principalmente em pontos de intensificação de vida como máquinas de guerra, pois como pensar esta sem vivê-la, produzi-la, já que era a isso ao que, em função das lutas, estava

---

em Pelotas. Vocal Esperança presente manhã e tarde e mostrando a nossa arte, da música e (como) luta social, Pelotas/RS, 2017.

se propondo. E aconteceu isso e tantas outras coisas. Não foi embora. Ficou em Pelotas. Aprendeu na ‘pele’ que quando há rede, há mais forças para os viveres! E esse aprendizado foi se reforçando nas andanças. E foi também o que ‘essa andarilha’ foi fazendo, produzindo conexões, se conectando. Seria um dispositivo fazer conexões, laços de afeto e de luta?

Parece que é dessa ‘família’ que nos fala o ‘pai Zé’. Que somos ‘gente como a gente’ e que por essas e outras podemos estar ‘ao lado’, sem nos sobrepormos umas as outras, uns aos outros. É, quiçá, um recado ao viver, aos ‘modos de cuidado’, de que se pode compartilhar ‘saberes e poderes’, de que é possível a produção de cuidado compartilhado, dado que nas nossas loucuras podemos experimentar formas de sofrimentos, assim como pode ser também uma experimentação de nossas potências humanas, uma oportunidade!

O grupo Vocal Esperança pode ser considerado como um ponto gerador e intensificador de vida. Se alguém duvida, somos a prova viva. Dado a isso, abre-se mais uma janela que se acopla a este trabalho como vídeo produzido de forma amadora, mostrando que estamos em vários cruzamentos, nos produzindo e produzindo-os, em que também várias linhas de acoplam, desacoplam, como o Los Lokos/as, a Associação, o Programa Gente como a Gente, diversos eventos, acontecimentos, nestes tecidos da vida. Eis no Anexo E um pouco mais de Esperança.

E nossa luta é a música de todo dia, e não se poderia deixar de encerrar este texto com poesia, com com**posições** coletivas que também conta dessa louca história de Esperanças, as quais podem parecer sem nexo, mas tem o nexo das emoções, que é uma das sinfonias das nossas canções, que algum dia talvez ganhe rima e até notas musicais e ser música em muitos festivais, por vidas plurais, antimanicomiais.

Vocal Esperança
O grupo é tudo na minha vida
É tudo de bom
A Esperança é a última que morre
Tem união e compreensão
Paz, alegria, amor e felicidade
A união que faz a força
Quando se fala de música, sempre tem que ter Esperança
Porque a música é a melhor terapia para o ser Humano
Brilho do sol
Quando a gente está falando de música, está falando de Esperança
Nunca devemos desistir dos nossos sonhos

A Voz dos 15 anos
O grupo Esperança é um refúgio pra mim
Quando estou triste, sempre encontro alguém para me ajudar
A música é a voz
Que acalma as minhas pressas
É como uma prece
Atendida
É a transmissão do som que ouve para o teu (a)braço
Eu tenho música na cabeça
Não sei o que tenho comigo
Deixar a música entrar dentro da gente
Sentir a música da cabeça aos pés
Cheguei desanimada e agora, está

Não quero falar de tristeza e nem de desilusão
Quero falar simplesmente de uma bela canção
Uma canção que fale de amor, carinho, compreensão e emoção
É o Grupo Vocal Esperança trazendo alegria para o seu coração
Quem sabe não é a música que vem...
Vamos cantar
Vamos mostrar que a gente é capaz
Vai virar música
No início do Vocal fiz muita música
Vamos voar, tirar as amarras
Música é terapia
É que eu não 'tôh' muito bem hoje
Voar para a luz da liberdade
Sem limites para sonhar...
Caminhando junto para um único rumo
Não é batom, mas está na boca
Vencendo nossas barreiras, preconceitos e a exclusão
Que poesia, que poesia
Liberdade
Estou compondo uma música
Verde porque te quero verde
É a Esperança, é o Esperança
Coloca um pedacinho da música, e é inteira
Calma, sem tempo

Posso ser a Eva do Adão
E o seu sorriso...
Música é Ins_Piração
Transforma a alma e o espírito
E transforma mesmo
Leva pra ti
A partitura dela
Depois do aquecimento
Um conserto
Está calor...
Fala da trajetória de um ou outro, que é a nossa historia
Uma parte que cante e a outra parte que parte, partimos juntos
passando, estou passando
Eu não quero falar que não quero falar

Lá no Caps Castelo...
Quando a gente começou
Lá em 1997
E tu parecia um gurizinho
Com um pequeno violãozinho...
E vai sair música
Me emocionei agora...
Quantos bailes de máscara lá no Castelo...
A nossa história..
Faz parte da expressão do que sentimos
É a força no instrumento
Mas a 'pele' rasga
Extrair o som, sem ter pena...
Desse lado aqui, ou do outro lado, do lado de lá
De explorar o instrumento e criar o novo

O grupo Esperança é força e poder, refúgio e amor,
Nos dá liberdade
Estamos 'cruzando' as falas
E lá começou, tocando no balde, na cestinha do lixo
E aquela apresentação que a gente fez no Simões Lopes
Naquela toquei no balde
Com capas laranjas de EVA
Em 1900 e antigamente
São os jeitos da gente fazer as coisas que fazem a diferença

E os corações não são iguais
A custa das aventuras
Amigos são terras onde passeio
Começa outra vez
Só estou pegando o que eu penso
Só estou pegando o que eu preciso
Sofrendo eu cresci
O recomeço, motivo para comemorar
Pensamento próprio
Inspiração própria, respiração dos outros
Desenhei vidas no coração
O Grupo Esperança espalha amor
O ódio sangra os loucos
Explode coração

Todos seguram toda a música
Todo o grupo vocal
A música tem bastante sentido
Eu não quis aula na sexta para estar aqui
O canto e o pensamento
Onde está? Para onde vai?
Fizemos sucesso
Não é a quantidade, é a felicidade
Tenho horas para contar...
Teus sonhos são teus
Fecho os olhos e vou...
Louco por tuas mãos
Desejo e não tem fim
Quando o sol se vai
A lua me inspira a viver
Quem, o canto da sereia
Não sabe qual é a minha música
São tantas
Emoções
A força com que me expresso...

Autoria coletiva**:** Grupo Vocal Esperança!

O Grupo Vocal Esperança em suas expressões e ações é o 'puro vivido' de produção de diferença, do e no qual é praticamente impossível não se afetar. É uma estética de rexistência, sem medo de ser feliz, que mexe com as tramas da subjetividade e do biopoder no contemporâneo, não só de quem o vive, mas com quem e o quê se relaciona. É um 'campo magnético' gerador de vida, de sua intensificação e ampliação, movidos(as) pelo combustível dos afetos, da música, da percussão e de não se conseguir ficar indiferente ao que nos acontece no tecido social, que repercute em nós.

A música, os afetos, também são nossas 'armas' de luta em relação a si mesmo e contra ao que tenta nos oprimir como pessoas de direitos, na batalha constante por justiça social, liberdade, produção de cidadania, e dignidade. Por essas e outras, nos tramamos, rizo**amamos**, com muitas pessoas e(m) coletivos, por palcos da vida, eventos e textos diversos, como por exemplo, o Los Lokos, as Tendas do Afeto Popular, na Aussmpe, nos espaços de controle social, enfim, sem fins, pelos meios, como força revolucionária que brota das nossas águas!

Somos um agenciamento coletivo de enunciação, uma 'simpatia, em co-funcionamento, em simbiose' (DELEUZE, PARNET, 1996, p. 84), pelas conversas, pelos compartilhamentos, pelo afeto, pelo riso, pela alegria, composições de revoluções moleculares musicais, produzindo vida na sociedade de normalização, em uma ação micropolítica, rizomática. Foi mais ou menos assim, que ouvindo o som dos tambores seguimos, dos tambores que pulsam em nosso corpo coração, que ouvimos o som do encontro das 'águas', de muitas vozes em percussão, em que experimentamos a não indiferença ao outro, que este nos afeta, nos faz sentido, nos co-produzimos, no movimento das águas musicadas de produção de diferença!

O som do encontro das 'águas', muitas vozes

Nessas vivências musicadas, nos mais diversos lugares, e em diversas atividades, comumente, *'nós'* nos encontrávamos – o Vocal Esperança com o Grupo Feliz Arte, atualmente 'Los Lokos'. Havia pessoas do 'Esperança' que também integravam ao mesmo e não só, estávamos em muitos outros pontos, mas para a 'andarilha' na época, em 2013, ambos eram um grupo só, apesar de estranhar a ausência das pessoas [que cantavam no Feliz Arte] nos ensaios do Esperança. Mas não quis perguntar, afinal, cada uma e cada um vão onde quiserem. Quis sentir. Até que entendeu que eram dois grupos. Se sentia nos dois. Coisa de louca, de loucuras intensas.

De algum modo, cantávamos a mesma canção, a da luta. Que fizemos com as armas da música, da alegria, dos afetos. Também, cantávamos nossas singularidades enquanto grupos.' Nesses encontros andarilhos, sentia que nossa loucura era dispositivo dessa luta por cidadania, direitos sociais, intensificação da vida nossa e das pessoas, tocar na (nossa) humanidade de respeito, afeto e se importar com o outro, do exercício da realtheridade. Também, nas nossas lutas conosco mesmo, seja no embate com as nossas manicomialidades, mas também, contra o que deixamos nos afetar e diminuir nossa potência de vida.

Então, nossas lutas são sociais e conosco mesmos, como fábricas produzindo os melhores remédios – música, vínculos, conhecimento! Nos Vocais, ora ou outra, travávamos longas conversas de autoanálise grupal e sobre as conjunturas sócio-política-econômicas-ideológicas e na relação com as políticas públicas, políticas de governos, modos de cuidado, muitas esperanças em **loucuações,** em felizes artes, pois quando nossas vozes e tambores se encontram ou entram em ação, alcançamos muitas distâncias, e por vezes, produzem ecos, como forças que podem causar rachaduras nas estruturas.

Ações e testemunhos deste 2013, com a gravação de DVDs, em co-agenciamentos com a Associação de Usuários(as) dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas – Aussmpe, a participação em espaços de controle social 'formais', como Conselho Municipal de Saúde, Comissão Municipal de Saúde Mental, Conferências de Saúde, engajamento nas mobilizações 'Fora Valencius' que de modo algum nos representava na condução da política Nacional de Saúde Mental, nas tensões com a política de governo municipal que tem atuado em um movimento de contra Reforma Psiquiátrica alimentando as estruturas manicomiais – Hospital Espírita, Comunidades Terapêuticas (Anexos G, H, I), mesmo com tanto acúmulos na produção de conhecimento de que esse modelo não é reabilitador e sim mortificador.

Essas são nossas músicas que levam mensagem as pessoas e a nós mesmos sobre a vida, com a produção de alegria, em que poucos(as) resistem aos som dos tambores sem movimentar o corpo. E nós é que somos doidos(as) por produzir vida em intensidade. Axé pra quem é de axé, abraços pra quem não é de abraços, e muita música pra todos e todas. Como diz Schwartz (2016-2017), somos uma ‘lokaiada’ que sabe o que faz, mesmo que tenham pessoas que acham que a gente não sabe, e que pra ir pra ‘guerra’ que é a favor da vida, também é preciso cuidar de si, o cuidado coletivo (d)e si. São zonas de intensificação e transformação, em que não se consegue permanecer o(a) mesmo(a).



[141]

[141] Figura 82 – Fotografia do slogan do Grupo impresso na primeira camiseta do Musical Los Lokos. Pelotas/RS, 2015.

‘**Loucução**’ em felizes artes!

Locução, louco som, louco são, louco somos. Brincando com as palavras para falar das nossas loucuras em feliz arte. Los Lokos ou ‘os locos’ como diz Pai Zé. Somos nós mesmos, muito prazer a quem quiser nos conhecer!

A ‘andarilha’ chegou nos Los Lokos em 2014, contaminada pelo vírus do afeto, das lutas e da música. Motivada por essas vibrações. Mas, antes disso viveu hesitações. Que ‘sede’ era essa para estar em dois grupos vocais? Entretanto, enquanto isso, nos encontros dos Grupos em apresentações, disseram-lhe várias vezes, não exatamente nestas palavras, ‘participamos dos dois, tu também pode participar’ (SILVA, TARJES, 2013). Eis uma das artes. Essas vozes vinham de várias pessoas, inclusa das intercessoras. E, ainda lhe davam a dica ‘fala com o professor’ (AMARAL, LACI, 2013). Seria ‘senha de acesso’? Porque isso lhe era endereçado?

Ilustra o que as instituições produzem em nós? O *professor* era\é uma pessoa que topou agenciar junto e havia e há um reconhecimento por isso e principalmente, forte vínculo, afeto e confiança. Alguém que topa junto à vida! ‘Quem anda’, óbvio, seguiu a dica. Perguntou ao *professor*. Na sua primeira estada no Grupo, se apresentou. Deixou a cargo do coletivo a decisão de seu ingresso e lhe ‘colheram’! Ou melhor, já tinha sido colhida fazia tempo. Ocorreu em meados para o final do segundo semestre de 2013. O grupo ensaiava em finais de tarde, nas quartas-feiras, em espaço aberto via parceria com a OSC Gesto, em uma sala no Restaurante Popular.

Soube depois que o grupo acontecia em um dos CAPS da cidade. E que desde há muito tempo, em torno de 10 a 12 anos. E que algumas pessoas ‘receberam alta’ deste serviço. E como lidaram com isso? E quando essas amigas e amigos que cantavam juntas e juntos iriam se encontrar para fazer isso? A ‘alta’[142] poderia sinalizar o fim desse grupo de canto? Ou essa força instituinte já estava instituída? E esse coletivo decide então continuar ensaiando no ‘fora’. O grupo sai do CAPS. Será que esse grupo já não tinha se dado ‘alta’ há muito tempo? Esse grupo era a ‘alta’, só não havia modificado o local de ensaio? Já era outra coisa, há tempos, ainda que o ponto de encontro era o CAPS? E a ‘saída’ o que gerou?

A ‘andarilha’, via aí também muita produção de diferença. Mas, ficou se indagando: que vínculo a atenção psicossocial produz? Será que o processo de ‘desligamento’ dos

[142] O termo ‘alta’ remete a serviços hospitalares, a institucionalização, a internação, e anuncia questões – seriam os CAPS os novos manicômios? Trata-se de uma nova forma de controle dos corpos? E de normalização? Em uma suposta liberdade? O que prende?

‘ligamentos’ de qualquer instituição [leia-se, praticamente todas] acontece ‘do anoitecer para o amanhecer’ e/ou é preciso tecer? Será que não pode acontecer no ‘fora’ o que se fazia no ‘dentro’? Quem disse que não? Será que nas relações cotidianas da vida os grupos não seriam mais potentes, por convocarem a outros agenciamentos? Será que ás vezes não são necessárias ‘pontes’ para se reinventar a vida?

E isso descarrilhou outras questões. Será que há rede de saúde em fluxo e capaz de garantir, quando necessário, a continuidade do cuidado, no território? Será que há equipe de referência a onde se ‘engatar’ se houver necessidade? Será que trabalhadoras e trabalhadores da saúde tem espaços de fala, quais? Vivem a cogestão do trabalho, há participação em espaços de gestão compartilhada ou isso tudo é ‘utopia’? Também, qual a função do CAPS? Qual a função do CAPS na RAPS e na RAS? Há modelos de saúde mental em disputa? A que modelo(s) responde?

Mas, essas gentes não ficaram esperando, fizeram por si, produziram a sua ‘saída’. A linha de fuga a estas lógicas, o que a ‘andarilha’, soava invenção. Mais uma das ‘artes’. Que seria da vida, sem a arte?! Que era, se não uma arte de viver, de se reinventar e de produção de diferença, inclusive em si mesmo, como nos dão pistas as frases poéticas da Mãe Laci (Figura 83)?! A ‘andarilha’ sem desconsiderar as questões que se colocam ao dispositivo substitutivo fundamental a Reforma Psiquiátrica, quis saber de experimentar essas invenções, de um grupo que considera, de algum modo, linha de fuga.

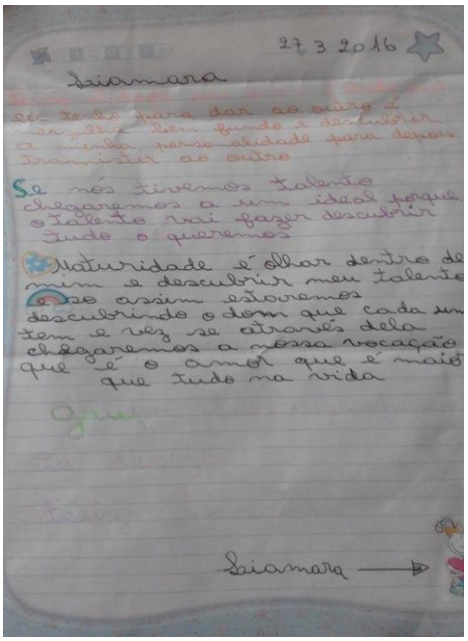


Figura 83 – Carta da Mãe Laci para a ‘andarilha’, de Feliz Páscoa, datada de 27 de março de 2016.

Havia gente que queria se manter no CAPS em ‘tratamento’. Gente que se sentiu excluída. Foi muito tempo de vida! Tempo de afeto e de produção nessa relação. Há gentes que precisaram voltar pelos seus mais singulares motivos (GRUPO MUSICAL LOS LOKOS, 2013). Gentes que se mantinham e que com o tempo foram se desligando do CAPS e hoje uma dessas pessoas que viveu em APAEs, em manicômios e por até mais de 10 anos no CAPS, diz “a pessoa quando entra, tem que saber que é de passagem” (AMARAL, 2016). E diz mais “me disseram que eu não sentiria falta, e não senti” (AMARAL, 2016). Porque não sentiu? O que houve que não sentiu?

Esse Grupo também ocupa palcos de muitas vidas, das nossas, dos outros (Figura 84). Apresentou-se como Los Lokos em dezembro de 2014, no Auditório no prédio da Faculdade de Direito da UFPel (Figura 84, foto 8), no primeiro encontro da Rede de Atenção Psicossocial em Pelotas, que mais parecia um encontro de CAPS, a 'plateia' fez parte do show. Muitas emoções que fazem (que) nossa história viva *ad eternum*. Também, participou do Almoço Dançante de final de ano, promovido pela Aussmpe, realizado em 20 de dezembro de 2014, na marcação do dia de luta contra a discriminação e o preconceito em relação à Saúde Mental no Capão do Leão (Figura 84, fotos 18 a 22), participou do Brechó Festivo da Aussmpe em 2015, da festa de aniversário de 14 anos da Aussmpe em 01 de setembro de 2016, do Brechó Primavera em 2016, participou nas comemorações do 18 de maio de 2014, 2015 em Pelotas e em Rio Grande e de 2016, das Tendas do Afeto Popular (Figura 84, foto 13), dos Mentais Tchês de 2014, 2015, e 2016, do Encontro Estadual da Reforma Psiquiátrica Antimanicomial disparado pelo Conselho Regional de Psicologia, região Sul, em Porto Alegre (Figura 84, foto 27), no lançamento do livro 'Poeticamente' do Vacaria, do lançamento do DVD de Gilberto Isquierdo, no desejo de boa sorte a Luciane Kantorski que estava rumando para o pós-doutorado na Itália (Figura 84, foto 5 e 6), entre tantos outros eventos, atividades.

Destas, como da Festa de Carnaval do CAPS Castelo (Figura 84, foto 1, 2 e 3), de atividade na Faculdade de Enfermagem (Figura 84, foto 4), de apresentação no Encontro de CAPS em Lajeado/RS (Figura 84, foto 7), da atividade de inauguração das reformas externas na Unidade de Saúde Bom Jesus (Figura 84, foto 10, 11 e 12), da qual tecemos linha de fuga, como uma forma de resistência a gestão municipal que tentava se autopromover achando que iria nos usar, da Tenda do Afeto Popular em Rio Grande, em 2014 (Figura 84, foto 13, 13.1, 13.2), de apresentação em escola municipal na cidade de Pelotas (Figura 84, foto 14), no 18 de maio de 2015 em Pelotas (Figura 84, fotos 15 e 16), no evento que apresentou e colocou em discussão os resultados da pesquisa sobre o Perfil do uso de Crack no município de Pelotas (Figura 84, foto 17), na comemoração de aniversário de CAPS de Jaguarão em que fomos visitar o país vizinho (Figura 84, foto 28). Somos um grupo badalado. O apresentado aqui são apenas algumas reticências de nossas an**danças**. Há uma energia e sinergia que nos movem e a gente vai. 'Uilson vai'. E a gente também vai.

01 

02[143] 

03 

04 

05 

06 

07[144] 

08[145] 

09[146]

[143] Baile de Carnaval na nova sede do CAPS Castelo, Pelotas, RS. Em 20 de fevereiro de 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=823953681030395&set=t.100002888583882&type=3&theater>. Acesso em 02 de jul. de 2017.

[144] Evento Encontro de CAPS em Lajeado, realizado em 29 de setembro de 2014. Lajeado, RS. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=582793015160313&set=t.100002888583882&type=3&theater>. Acesso em 02 de jul. de 2017.


10 


11 
12


13[147] 
13.1

[145] Encontro de RAPS, em 29 de outubro de 2014. Disponível em: < https://www.facebook.com/photo.php?fbid=882702515095547&set=t.100002888583882&type=3&theater> . Acesso em 02 de jul. de 2017.
[146] Disponível em: < https://www.facebook.com/photo.php?fbid=882697311762734&set=t.100002888583882&type=3&theater> . Acesso em 02 de jul. de 2017.
[147] Tenda do Afeto Popular no IFRS, Rio Grande, 08 de outubro de 2014. Disponível em: < https://www.facebook.com/photo.php?fbid=699507936800780&set=t.100002888583882&type=3&theater> . Acesso em 02 de jul. de 2017.

13.2 

14[148] 

15[149] 

16[150] 

17[151] 

18[152] 

[148] Apresentação em Escola, Pelotas, RS, via convite OSC GESTO no dia 16 de maio de 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=395894927287538&set=t.100002888583882&type=3&theater>. Acesso em 02 de jul. de 2017.

[149] 18 de maio de 2015, Dia Nacional da Luta Antimanicomial, realizado nesta data, no largo do Mercado, Pelotas, RS. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=866092166816546&set=t.100002888583882&type=3&theater>. Acesso em 03 de jul. de 2017.

[150] 18 de maio de 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=866091960149900&set=t.100002888583882&type=3&theater>. Acesso em 03 de jul. de 2017.

[151] Evento sobre apresentação de dados de pesquisa sobre o 'Perfil de uso de crack', em 04 de junho de 2015, no Auditório Canguru, prédio UFPel, Lobo da Costa, Pelotas, RS. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=873935082698921&set=t.100002888583882&type=3&theater>. Acesso em 03 de jul. de 2017.

[152] Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=456228284587535&set=t.100002888583882&type=3&theater>. Acesso em 02 de jul. de 2017.

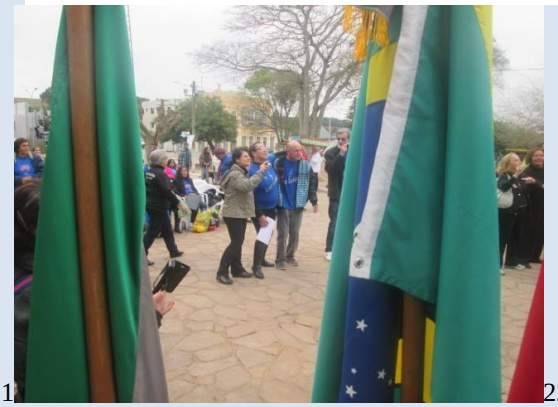
19[153]



20[154]



21



22[155]



23



24



25



26



[153] Foto 04, 05 e 06, referem-se à participação em 27 de julho de 2015, no Dia Municipal na luta à discriminação e o preconceito a Saúde Mental, Capão do Leão-RS. Atividade promovida pelo Caps Casa Vida. Capão do Leão, 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=456230194587344&set=a.456230184587345.1073741916.100006011028215&type=3&theater>. Acesso em 02 de jul. de 2017.

[154] Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=456224381254592&set=t.100002888583882&type=3&theater> . Acesso em 02 de jul. de 2017.

[155] Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=456219374588426&set=t.100002888583882&type=3&theater> . Acesso em 02 de jul. de 2017.



Figura 84 – Registro da participação em atividades e diversos eventos em Pelotas, Capão do Leão, Lajeado, Rio Grande, Jaguarão no Rio Grande do Sul, dentre outros fora do estado e pais. 2013-2017.

[156] Foto número 10: refere-se à participação no 1º Encontro Estadual de Militantes da Reforma Psiquiátrica Antimanicomial, julho de 2015. Porto Alegre/RS. Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=459766340900396&set=a.459766324233731.1073741920.100006011028215&type=3&theater> . Acesso em 02 de jul. de 2017.

[157] Em 08 de abril de 2016. Comemoração do CAPS Sitio Renascer de Jaguarão. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=542252589318437&set=t.100002888583882&type=3&theater> . Acesos em 07 de jul. de 2017.

Recebemos convite para cantar numa festa dançante a noite nos CAPS Fragata (Figura 85). A festa era em articulação com prática de estágio da Terapia Ocupacional da UFPel. Era uma forma de acolher de outro jeito. E lá fomos nós nos somar. Também experimentávamos esse momento com outro violeiro, o seu Valter, que infelizmente não está mais entre a gente, mas foi quem com o violão deu o tom e cantamos muito. Era, assim como nós, um(a) 'cowboy fora da lei'. E foi uma experiência interessante, possível. As fotos expressam a intensidade deste momento, que não foi somente em nós, mas com nós, conectando noutros nós.



Figura 85 – Los Lokos em apresentação em noite de festa no CAPS Fragata. Pelotas/RS, 2015.

O que cantávamos era mais do que uma apresentação, eram 'gritos de liberdade', não necessariamente só nossos como porta vozes, mas de toda uma história da loucura em que se segregou 'aqueles que viam cantando, mas não podiam ouvir a música', eram 'gritos' do quão é possível avançar para construções mais coletivas, democráticas, co-produzidas, co-geridas, e provocam a todo momento e em todas e todos 'descentramentos', do quão é viável aparar as arestas que nos separam das nossas potências e o são outras formas de produção de 'liberdades'.

É por isso, que no Los Lokos se experimentou e (se) experimenta muitas loucuras que só nos fazem avançar em convocatórias de reinvenções permanentes. É um grupo falador, que fala de música, de luta, de dor e de amor. A quem se colocou neste caminhar, no caso da 'itinerante', querendo experimentar as forças no campo da 'Saúde Mental', é uma maquinaria de guerra, experimentação de uma estética de rexistência. E é por isso, que também comparece neste texto.

Antes de ser Los Lokos, éramos Feliz Arte e continuamos em felizes artes, fazendo muita arte, de muitos tipos. Os primeiros ensaios aconteciam em espaço concedido no Restaurante Popular (Figura 86). Dentre as artes, a surpresas de aniversário. Ei o registro de uma delas (Figura 87).



Figura 86 – Momentos de encontros do Grupo Musical Los Lokos. Restaurante Popular. Apoio OSC GESTO. Pelotas/RS, 2014.



Figura 87 – Festa de aniversário surpresa ao Pai Zé, em 19 de fevereiro de 2015. Restaurante Popular. Apoio OSC GESTO. Pelotas/RS, 2014.

Um belo dia, o Maiquel Frouchy da OSC GESTO nos provoca quanto ao nome e que poderiam contribuir com camisetas ao grupo. Começamos então um movimento de discussão quanto à cor e o nome. No que se refere ao nome, se produziu coletivamente, que as pessoas fariam sugestões e se votaria em uma delas. A mais votada ganharia. Das várias sugestões, que a ‘andarilha’ não recorda, mas o nome mais escolhido foi ‘Los Lokos’.

Nos bastidores muitos(as) de nós, fizemos até campanha por este nome (SILVA, 2014). É que não era somente um nome. Era o nosso nome. E também, era um nome insígnia de luta. Que provavelmente causaria impacto e que seu Uilson sugeriu agregar ‘provocante’. Era um nome que tinha nos levado a pensar e que assim levaria muita gente a pensar, ‘Los Lokos’?! Era uma forma de ressignificar o que é ser louco(a)? E também era a expressão de como nos sentíamos – livres. Um nome que tinha o sentido da liberdade.

Depois, quando a Aussmpe conseguiu um espaço na sede da OSC GESTO, Los Lokos passou a ensaiar neste local, entretanto acabávamos saindo de lá era tarde da noite e era mais dificultoso em termos de horário de ônibus. Resolvemos voltar para o Restaurante Popular, entretanto geralmente ultrapassávamos o tempo disponível que haviam nos concedido, pois duas horas era pouco para atualizar as conversas, cantar e cantar. Deste modo, no exercício da nossa autonomia e duas pessoas concedem generosamente espaço em suas casas, que se decidiu por rodízio. E os ensaios passaram a ocorrer na casa da Mãe Vanilda e da Sandra Schwartz (Figura 88). O grupo atualmente tem se reunido todas as segundas-feiras, no turno da tarde.



Figura 88 – Registro fotográfico de momento do grupo Musical Los Lokos na casa da Mãe Vanilda, regado a quitutes e música, em 04 de junho de 2015.[158]

Antes disso, já tínhamos vivido muitos momentos na casa da Vanilda, uma casa de portas abertas. E lá ensaiamos em 27 de maio de 2015 para a Fenadoce, juntando os dois

[158] Da direita para a esquerda: Foto 01: Mãe Vanilda, Tia Milene, Pai Zé e João; Foto 02: João, Tia Milene, Izamir, Pai Zé, Mãe Vanilda; Foto 03: Izamir; Foto 04: Tia Milene, Pai Zé.

vocais, Esperança e Los Lokos (Figura 89). No improviso e no riso, deixamos a vida nos levar!



Figura 89 – Registros fotográficos de momentos de ensaio juntando pessoas dos dois grupos Vocais, preparando-se para apresentação na Fenadoce de 2016. Pelotas/RS.[159]

Mas, também não se restringe aos ensaios. Acolhe convites para os mais diversos locais que nos acionam, e também nos movemos a participar de algumas festas da OSC GESTO e a cantar em instituições de longa permanência de idosos(as), pois é uma forma de contribuir na medida dos possíveis com a vida de alguém e com a nossa vida, pois não é só aos/as outros(as) que ajudamos, é também a nós mesmos nestes processos que muitas vezes implicam em nos revisitarmos e também em se implicar com essa realidade que é a velhice no contexto social que vivemos, que em muitos casos é de solidão, isolamento, segregação e até de abandono (Figura 90). E que isso também nos diz de nosso processo de envelhecimento. Um dos modos é (con)viver, com música, alegria e outrando-se.

[159] Grupos Vocais Los Lokos e Esperança na casa da Mãe Vanilda. Da esquerda para a direita. Foto 01: Pai Zé, Izamir Duarte de Farias. Foto 02: Uilson Santos. Foto 03: célebre foto dos dois pais Pelotenses da ‘andarilha’, o Pai Zé e o Pai Adão. Foto 04: Seu Mario, Mãe Vanilda, seu Uilson. Foto 05: Neura, Sandra Schwantz, Adriana, João.



Figura 90 – Festa de carnaval no Restaurante Popular promovida pela OSC GESTO, Restaurante Popular, Pelotas/RS, 2015.

De vez em quando, a gente, leia-se Pai Zé, a ‘andarilha’ e o João, andarilhamos pela cidade, guiados pelo Pai Zé, aquele cara que um dia disseram que não teria capacidade de aprender, que poderia se perder pelas ruas. Mas era ele o guia, que guia inclusive a andarilha nessas loucuras do escrever. E João é um expertise em despertar a ‘andarilha’ das visitas de suas tristezas, quando lhe visita para dar um ‘oi’, conversar sobre a vida, ou ida ao banheiro, afinal, traçamos laços (d)e vida, de exímios andarilhos(as) e(m) conexões (Figura 91).



Figura 91 - Andarilhagens de Pai Zé, ‘andarilha’ e João, Pelotas/RS, 2014.[160]

Los Lokos era e é uma força que transborda alegria, que atuava com autonomia, protagonizando no nosso dia-a-dia. Se discutia o coletivo, se apostava nas singularidades, em quem já sabia ou queria aprendeu a tocar violão como a Mery e seu Uilson, nas vozes de cada um, pai Zé cantando ‘o fuscão’, a Sandra com as músicas nativistas, muitas vezes seu Uilson dando o tom, a Mãe Vanilda na escolha da musica ‘É preciso saber viver’, na música ‘Romaria’, e embalávamos nossos viveres, além da poesia das risadas das conversas, do papo sério.

Certo dia, Mãe Vanilda comenta com a ‘andarilha’ sobre a escolha das músicas para o repertorio, e a ‘andarilha’ lhe pergunta por perguntar, porque que cada um(a) não escolhia

[160] Da esquerda para a direita, na foto 01: Pai Zé, a ‘andarilha’ e João; Foto 02: Pai Zé e João escrevendo uma carta para o seu amor , 2015; Foto 03: João, seu Zé, a vizinha e Pai Zé, como tem Zé no mundo, são forças de transform**ação**.

uma, ou duas, ou algumas? E não é que foi. Mãe Vanilda encampa essa ideia no coletivo. A ‘andarilha’ deixava acontecer, pois gostava era de cantar, independente de escolher, muito embora, esse movimento foi interessante, gerou outro modo de pertencer. Após isso acontecer, em algumas apresentações quando as pessoas não estavam, mas a gente cantava a música que haviam escolhido era como se essas pessoas se presentificassem. Viu, que a defesa de Mãe Vanilda tinha muita potência na existência coletiva. De pertencimento, de força.

O Grupo em parceria com a Aussmpe tem bottons. Além disso, também ocupa os palcos da Fenadoce (Figura 92, fotos 1 e 2), gravou DVDs, esteve no Teledomingo (Figura 92, fotos 3, 4, 5; Anexo J)[161]. E a gente canta, e a gente dança, e a gente faz (é) viver. Somos e estamos transversais a outros coletivos, espaços, no mundo da vida. Nos reunimos no que nos reúne, a música, a intensificação da vida e a não indiferença ao que nos afeta na conjuntura do município, do estado ou da nação. Estamos ‘ligados(as)’ como diria Nascimento (2015-17). E como diria a ‘andarilha’, somos ligados(as). Há uma loucura que nos liga. Eis um pouco de nós, tecendo rizoma.

1 

[162] 2 

[163]

[161] Disponível noticiário sobre esse momento que foi ao ar televisivo no programa Teledomingo, que havia na RBS TV, uma das sucursais da Rede Globo, em: http://redeglobo.globo.com/rs/rbstvrs/noticia/2014/12/teledomingo-mostra-projeto-que-usa-musica-para-ressocializacao.html> . Acesso em 18 de jul. de 2017.

[162] Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=467242026740017&set=t.100002888583882&type=3&theater> . Acesso em 02 de jul. de 2017.

[163] Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=405070219703342&set=t.100002888583882&type=3&theater> . . Acesso em 02 de jul. de 2017.



Figura 92 – Los Lokos pelos palcos da vida, cantando, encantando, afetos, músicas, vida. Pelotas/RS, 2014.

Com frequência o CAPS Castelo nos convida para cantar e participar de suas atividades como festa do Amigo, festa de São João, Bingos, etc (Figura 93). E nós vamos, pois mesmo com autonomia, de algum modo, somos um 'braço' do CAPS nesses movimentos. Disso se pode pensar que somos sinalizadores(as) – uma delas, é da abertura das portas em que a comunidade possa entrar, a outra, é de que a atenção psicossocial aconteça mais no mundo da vida e com ênfase para a co e autogestão na produção de autonomia, protagonismo, cidadania e dignidade.



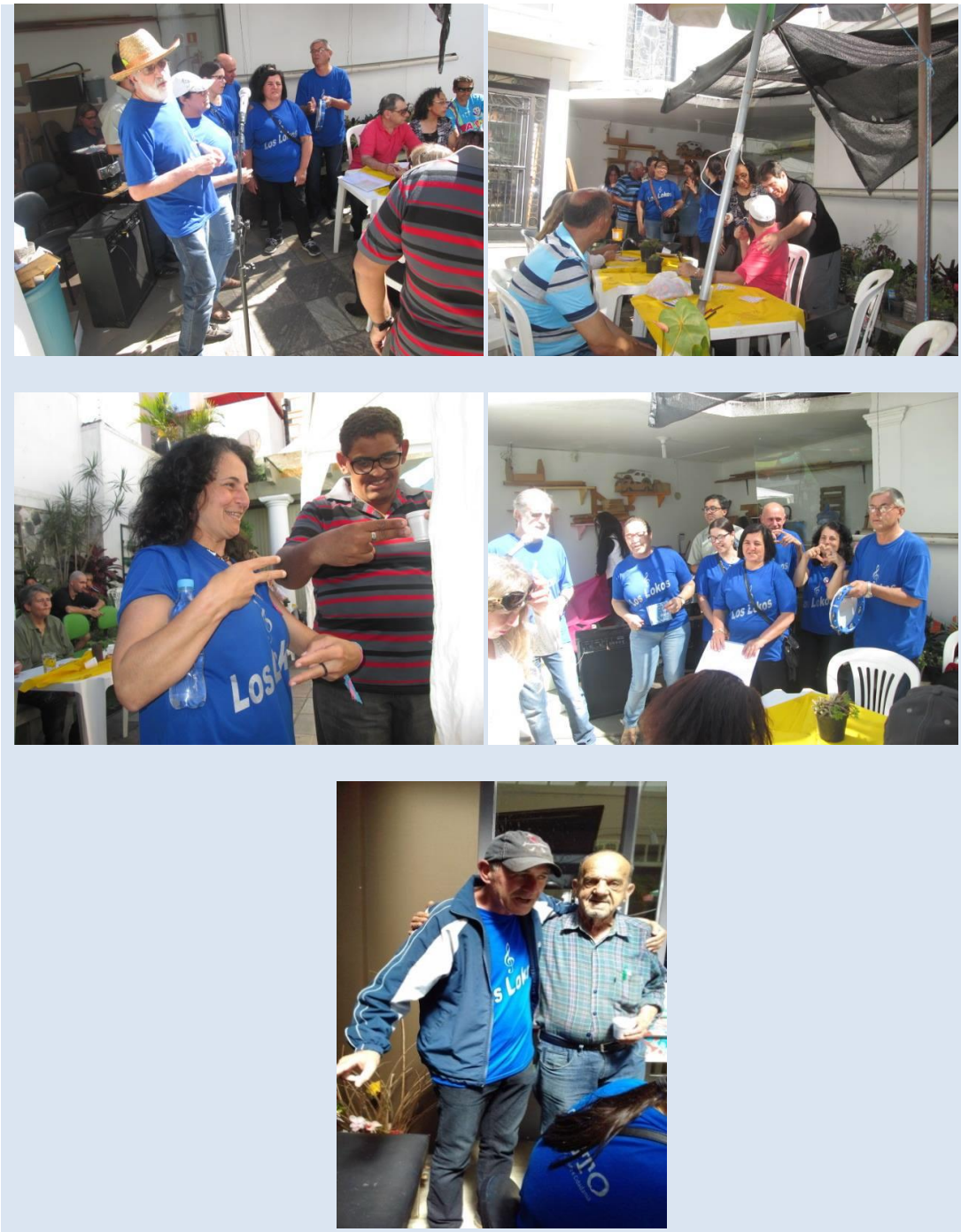


Figura 93 – Bingo no CAPS Escola, em 23 de novembro de 2016. Pelotas/RS.

Também, é uma forma de gerar cuidado gerando vida, mas enlaçado com as pessoas da vida das pessoas, nos territórios que vivem, e esse é o cuidado que se deseja. A outra sinalização, é quanto a entrada da Atenção Básica nesse processo, pois nós, Los Lokos, não somos até então, casos para a função de que os CAPS foram instituídos. Já estamos noutros

embalos. Somos Los Lokos em tentativas de desinstitucionalizações, apontando pistas para o repensar da rede de atenção psicossocial e dos modos de cuidado.

Além de ‘borboletear’ a liberdade pela vida, como a música que seu pai Zé com frequência solicitava ‘as borboletas’ e que afeta a ‘andarilha’ pois se sente assim, igual a alguns trechos da música ‘tudo que pensa é liberdade e que suas armas nem sempre servem para se defender’ nessa sociedade na qual a gente participa, constrói, mas que ás vezes se sente impotente quando a mesma destrói a vida. E pensa, que muitas pessoas, muitas vezes, também se sentem assim. E nesse sentido a luta consigo e na relação pela produção de rexistências na relação com a loucura, nas tramas da subjetividade e do biopoder no contemporâneo.

Proteção às Borboletas
Benito Di Paula

Eu sou como a borboleta
Tudo o que eu penso é liberdade
Não quero ser maltratado,
nem exportado desse meu chão

Minhas asas, minhas armas,
não servem para me defender
As cores da natureza pedem
ajuda pra eu sobreviver

Você que me vê voando
Como a paz de uma criança
Você sabe a minha idade
Eu sou sua esperança

A ordem da humanidade
não deve ser destruída
quando eu voar me proteja
sou parte da sua vida

Eu sou como a borboleta...

Dentre essas produções de rexistência, encontramos os afetos e a música envolvidos na produção de autonomia. Tal como a música, também vivíamos e vivemos encharcados(a) pela autonomia, coproduzida no espaço do grupo em que conseguí(a)mos exercitar a auto e cogestão. Dado a isso, com o tempo fomos nos produzindo tendo alguns elementos que nos reuniam – a música, o afeto, as parcerias, o canto de cada um(a), o canto coletivo, as discussões dos rumos do grupo, do que estava ‘engasgado’ e precisava ser escutado, fosse da (nossa) vida cotidiana, fosse em relação ao grupo e nesse espaço nos acolhíamos e seguíamos reinventando. Tanto o é, que começamos movimentos, coletivamente, se não depender do professor de música, no que ele é também copartícipe nessa produção de autonomia.

Houve alguns eventos, que outras pessoas foram assumindo os instrumentos, os compassos, os ritmos e o som e fizemos muitas canções. E isso precisa ser registrado, pois cogestão implica em andarmos juntos(as), mas não em dependência. E é isso que se defende também na atenção psicossocial, que nós, as pessoas possamos protagonizar, se empoderar, assumirmos que ao andar na chuva a gente pode se molhar.

E nas nossas experimentações, em alguns momentos, com o violão tocado pelo seu Valter quando ainda estava nesta existência (Figura 85), noutros, sem som, só com a voz muito incentivados(as) pelo professor de que mesmo assim haveria condições desta apresentação (Figura 84, fotos 10, 11 e 12), e noutro momento, com um caixa de som e nossas músicas ao fundo, em uma organização em cogestão, mas disparada pela Mãe Preta, 'andarilha' e Seu Uilson, o que nos levou a aceitar convites para cantorias nas férias do professor em 19 de dezembro de 2016 (Figura 94). Que é isso, se não autonomia e o tecer de alegria?

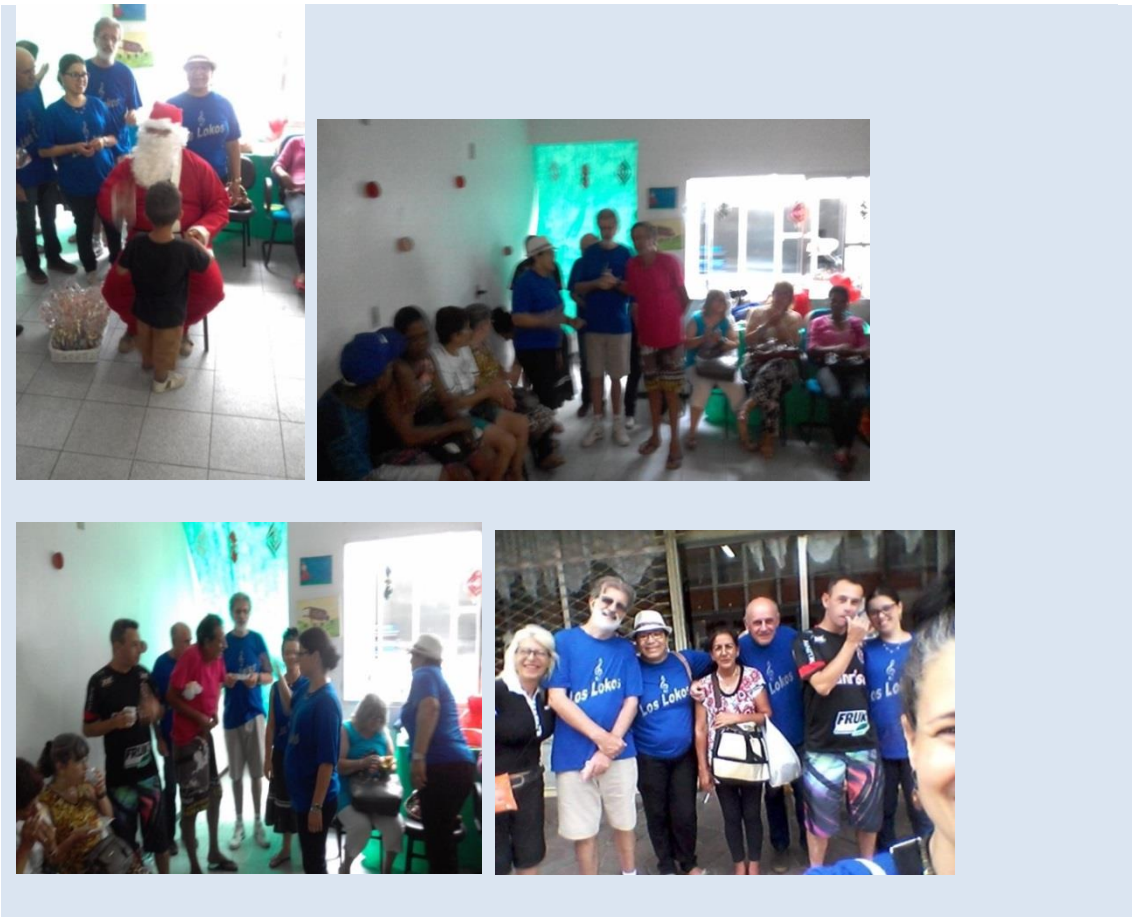


Figura 94 – Apresentação e confraternização de Natal no CAPS AD III, em 19 de dezembro de 2016, Pelotas/RS.

Ao considerar as contribuições de Deleuze e Parnet, sobre agenciamento, informam que ‘os enunciados são produzidos em coletivo, em agenciamento de pessoas, que colocam em questão, tanto em si quanto fora de si, as multiplicidades, os territórios’ (1996, p. 65), o que de algum modo fazemos como força que produz ecos em nós mesmos e na sociedade, a começar pelo nome e como nos movimentamos e somos movimentado pelo embalo do som das vozes, do violão, da percussão, do diálogo, da experimentação da cogestão, conciliando responsabilidade com autonomia (CAMPOS, 2010), dos afetos, da alegria, do riso, das brincadeiras(as) de um(as) com os(as) outros(as), outrando-se, apostando nas potências das pessoas.

Deste modo, somos forças revolucionária molecular, como música na produção da e de saúde, tensionando na sociedade de normalização, interpondo outros códigos na mesma e nos modos de cuidado, por mais vida, mais portas abertas, mais fomento a produção da auto e cogestão, como formas de empoderamento, emancipação, a som de belas melodias, a da produção de cidadania e dignidade. Esse é o nosso compasso nos passos que vamos construindo realidades, na música da vida. Los Lokos é uma estética de beleza e de leveza nas intensidades permanentes do viver, em que nossas armas e combustíveis são os afetos, a alegria e a música, dispositivos que nos re_únem.

Nos (entre) meios, 2014 e 2015....

E o 2014 foi um ano de muitas Tendas e muitas loucuras, de criações, como a constituição do coletivo Povaréu Sul, e de conexões com outros pontos, **por convites.** Um deles foi o Grupo Condutor Regional de Saúde Mental, como militante social e também acadêmica da UFPel, que por meio do mesmo, a ‘andarilha’ também recebeu o convite para participar do Grupo de Oficineiros e Oficineiras da Atenção Básica da 21ª região de saúde, do Coletivo de Redução de Danos e com as pessoas envolvidas na política de Diversidades. A ‘andarilha’ seguia-se envolvendo em coletivos, nos quais muitos de nós nos agenciávamos em maquinarias de guerra, principalmente no que entendíamos que fosse necessário mexer, como forma de defesa de direitos e produção de vida.

A outra máquina que se envolve foi a Aussmpe, também por convites, lugar de surpresas, pois não era somente uma máquina de guerra, mas uma fábrica de felicidade e produção de liberdades. E no programa Gente como a Gente na Rádio Com, extensão da

Aussmpe. Os convites eram pistas. Alguma coisa dos movimentos que se fazia e se presume que a loucura e a militância afetavam as pessoas a convidar a ‘andarilha’ para alguns espaços, ou seria porque somos todos(as) loucos(as), uns pelos(as) outros(as)? E isso tudo misturado a muitos convites também para a realização de Tendas. Que loucura!

Um grupo, condutor....

Mais ou menos nesta esteira, de movimentos e(m) andanças, envolvida com os movimentos camponeses, da luta Antimanicomial, com os grupos Vocais, nas idas e vindas, ainda em 2014, é convidada para participar do Grupo Condutor Regional da Saúde Mental. Meio dormente, foi. Dormente, pois não sabia e nem estava preocupada com o que encontraria. Apenas pensava que poderia ser uma maquinaria de guerra que contribuiria para sustentar o processo de Reforma Antimanicomial e combativa as manicomialidades de toda ‘ordem’. Era uma forma que se pretendia de coletivo. Na época, também, era, é, pode ser, um espaço de cuidado, mas principalmente político, de disputas, de informação, e(m) aprendizados. Discutia-se a viabilização da Política Nacional de Saúde Mental em um momento de transição de um governo com face de ser popular para um extremamente neoliberal.

Era um grupo condutor, de condução não só da política, mas também como um fio condutor que conduzia energia da militância, no sentido da partilha de informações, produção de conhecimento e tensionamentos. Trava-se de um grupo, que a ‘andarilha’ pensava, nos seus ‘delírios reais’ que reunisse somente pessoas militantes da Saúde Mental. Era não. Era cheio de gente de boa vontade, mas que cada um(a) se pautava por concepções alinhadas as políticas de governo em que estavam envolvidos(as) em cada município, pelas suas agendas, etc. O resultado disso foram alguns curtos circuitos. Mesmo assim, os encontros nos alimentavam, pelo afeto, por informações que por vezes funcionavam como armas nas muitas das lutas sociais, no caso da ‘andarilha’ por não se sentir indiferente ao vivido e a fazermos tensionamentos.

O que a ‘andarilha’ trará aqui é do que bateu em si no contato com esse coletivo, que em si para a ‘andarilha’ não pode ser nominado como uma maquinaria de guerra, pois estas aconteciam no mesmo quando se produziam zonas autônomas neste sentido, variantes, que nem as pessoas que as agenciavam. Ora eram algumas pessoas, ora outras, ora muita gente, ora esvaziado, atravessado pelo desmonte do estado do RS, mas mesmo assim, seguimos

insistindo, caminhando. Neste coletivo era possível contato com alguns elementos da realidade da saúde mental na região. As pessoas, representantes dos municípios neste 'campo' partilhavam suas dificuldades. Também, era um espaço que acontecia AMA, ou seja, na dificuldade de um município, muitas vezes uma ou outra pessoa outro tentava ajudar na construção de saídas, contudo, não se pode dizer que se tratavam-se de ações sem manicomialidades, dado que não estamos imunes a isso. Mas, sim, havia solidariedade na produção de saídas, e isso é importante em qualquer coletivo, pois aumenta a potência de agir das pessoas e do coletivo.

No grupo, se discutia a viabilização da Política Nacional de Saúde Mental na vigésima primeira região de saúde do estado, dado que estar na letra de leis, portarias, resoluções e normativas é um avanço, mas a sua exequibilidade depende das pessoas que a fazem no cotidiano, no território, e detalhe, se quiserem fazer, a política acontecer em âmbito regional, municipal, onde se vive. E ainda, há que considerar, que neste processo, nem todas e nem todos são filhas e filhos da 'luta' ou estão contagiados por esta que nos recoloca outros(as) no cenário da existência, pois não é só para o outro(a) que se faz algo, é que ao fazer para, também se faz a si. Dito de outro modo, a nossa loucura é tanta, que não estamos isentos(as) das suas variadas formas de manifestações, seja pela arte, pelos afetos, pelos mais diversos sentimentos corpopsíquicos, psíquicorpos.

Como cidadã, vivente, usuária do SUS, estudante, militante, assim como muitas pessoas, haveria o que fazer coletivamente nesse espaço, tais como aprendizados, experimentações, compartilhamentos das vozes da gestão municipal e região quanto à (produção de) saúde 'mental', entre outras. É um espaço que a 'política pública' se encontra com um recorte da realidade e com as concepções de cada um e cada uma na relação com a loucura, inclusa com as da 'andarilha', que vivem em reformas, em combinações, descombinações e recombinações.

Tanto o é, que lá pelas tantas, começa a ecoar em si o lido em um texto sobre a situação do campesinato na América Latina 'nada sobre nosotros, sin nosotros'[164] (LA VIA CAMPESINA, 2016)! E isso lhe remeteu a pensar sobre esse espaço da gestão regional da saúde mental e a outros, que a lógica seria a mesma, 'nada de nós, sem nós', sobre quem está nos serviços de atenção psicossocial sem estarem com representação nesse espaço da gestão de uma política que versa sobre si. E passou a se perguntar: onde estavam às vozes, além da sua, das pessoas que já acessaram ou acessam aos serviços de atenção psicossocial noutra

[164] Tradução do espanhol para o português: 'Nada sobre nós, sem nós'.

condição que não a de gestores(as), educadores(as), cuidadores(as)? Teriam o que dizer de gestão? Sim, obviamente que sim! Teriam a dizer do que precisam? Ou poderíamos continuar a dizer por essas pessoas do cuidado que precisam? E de que atenção precisa quem está na gestão destes serviços?

Em meio a essas indagações, o que se pode dizer é que estávamos\estamos em processo, tentando construir juntos e juntas a responsabilidade 'sanitária' deste lugar que se ocupa em 'conduzir' a política de saúde mental na região, com os atravessamentos inerentes as esferas de gestão, políticos (e) partidários e ao que emerge da realidade, procurando não se perder do princípio de ampliação e afirmação da vida. Estamos em campo de delicadezas e disputas, pois depende de como cada uma e cada um se relaciona com a vida do outro, pois a depender desta relação, muitas ordens se alteram, como por exemplo a de pensar e fazer pelo outro, sem o outro.

Aponta também para os modos de cuidado que geralmente são sobre e pouco com o outro, até porque, o fazer com pode ser 'perigoso', dado que o outro tem o que dizer e que isso pode testar ou colocar em questão as (nossas) relações de poder e saber. Entretanto, ao se despir desses lugares/relações de poder e saber aumentam as chances de um cuidado ao encontro de quem e do que essa pessoa precisa, de se concretizar e aumentar a potência de vida de todos(as) os(as) envolvidos(as).

A depender da resposta é que são os movimentos de defesa da mesma e dos alinhamentos ou não com uma perspectiva de governo que se ocupa de executar avanços do projeto neoliberal, privatista, sucateador da coisa pública e de lógicas que tendem a piorar o viver das pessoas enquanto as distrai, nesse sistema modulador de vidas. 'Lobos em pele de cordeiro' (SILVA, 2017)! Será que temos discernimento do que estamos defendendo? Afinal, pensamos que loucos(as) são os (as) outros(as)!

Os territórios existenciais são espaços de produção de subjetividades. Então, para a construção da cidadania, poderia ser interessante nos desacoplarmos de algumas máquinas, que mesmo enferrujadas pelo desgaste de seus 'modelos' ainda rodam! Neste cenário, de que forças (políticas partidárias antagônicas e outras) se encontram mesmo havendo 'teoricamente' um motivador em comum que é o avançar no processo da Reforma Psiquiátrica antimanicomial, a efetuação da politica de Saúde Mental na sua permanente construção, por força instituinte, a qual além de criar, tende a colocar em questão as manicomialidades. E, porquanto, também em investimentos em saúde, na produção de conhecimento no cotidiano, com a inclusão do saber popular e de outras práticas, na contramão de hegemonias que ainda vigoram na saúde, sustentadas em verdades e,

obviamente, em engodos, quando fabricam necessidades nas pessoas pelo campo dos afetos (SAFATLE, 2016). Contudo, em um de Estado de exceção, como o que estamos vivendo, quais outras forças brotam como potência? Afinal, que temos a ver com isso?

Mas voltando 'da viagem' das escritas, começamos a tensionar esse lugar de condução da política pública regional, ocupando o mesmo com a força usuária, ainda que todos(as) somos, mas neste momento era preciso demarcar diferente, com vistas a garantir a voz que se fala tanto em inclusão e que se segue excluindo. Ora, do Los Lokos, íamos cantar por convites e a 'andarilha' já convidava quem poderia para ir antes e ir ficando na reunião. Noutros momentos de reunião, também, a força 'usuária' ocupando o espaço, de pessoas vinculadas a Associação de Usuários(as) dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas – AUSSMPE, mas ainda não havia representação da mesma legitimada no Grupo Condutor.

Entretanto, no processo de revisão e construção do Plano Plurianual Regional da Saúde Mental em 2015 e 2016 (Anexo K), nos revisamos e conseguimos incluir no texto do mesmo que houvesse a participação usuária, no caso, de pessoas assistidas nos serviços[165] de atenção psicossocial, que em 2015 passou a ser ocupada e representada pela Aussmpe, que na época já reunia quase 13 anos de experiência na luta social. Quem são os(as) loucos(as)? Quem somos os(as) loucos(as)? E essa participação foi temperando e qualificando as reuniões. Também, importa registrar que a experiência de Grupos Condutores Regionais e Municipais é recente. Nem todas as regiões a tem e muito menos nem todos os municípios. Começou a ser prevista e referendada em 2011, com a Portaria 3088 que institui a RAPS (BRASIL, 2011). O Plano, com as alterações sugeridas foi apresentado na Comissão Intergestores Regionais – CIR que o aprova pela deliberação 039 de 15 de setembro de 2016 (Anexo K e L). O processo de discussão do Plano iniciou no segundo semestre de 2015 até meados de 2016, vigora para os anos de 2016 até 2019.

Entretanto, mesmo com essa representatividade, visualizamos na Aussmpe a necessidade de agenciar um encontro regional da força usuária, dado que estadual já o fizemos e também, porque a Aussmpe é a voz que representa a região de saúde e não só Pelotas, como forma de provocar, como nos ensina seu Uilson, outros arranjos desta força nos municípios, para que cada vez mais pessoas egressas ou assistidas nos serviços de atenção psicossocial protagonizem/protagonizamos o comando de suas/nossas vidas. O agenciamento desta força de luta pode produzir muita diferença na vida das pessoas e dificultar o desmonte

[165] A 'andarilha' se refere a serviço de atenção psicossocial em Pelotas, pois visualiza uma rede de atenção psicossocial em construção, mas que ainda, na sua acepção, não dá para nomear como RAPS. E também, como uma forma de que sigamos nesse movimento de sua construção e efetivação de fios, fluxos e produção de liberdades.

do movimento que avança e estanca (n)o processo de Reforma Psiquiátrica Antimanicomial. Parafraseando Naná Vasconcelos ‘a loucura existe, é só ter calma e tudo (se) constrói...’[166] (VASCONCELOS, 2005). Sofremos e/ou somos transtornados(as) pela loucura da feitura, da ação, da indagação, da movimentação, dentre outras, mas principalmente, pela loucura das águas da não indiferença na produção de diferença, como uma arte de viver!

Pelas ‘avenidas’ da Associação

2014 foi um ano de muitas loucuras. Neste ano, seguiu-se participando dos grupos Vocais Esperança e Los Lokos, da CIES, da realização de mais uma edição do VER-SUS, do fim do coletivo Extremo_SUS, da inserção no GC, das realização de disciplinas, estágio de docência e muitas Tendas. Nestas andanças, a ‘andarilha’ é convidada mais de uma vez por sua intercessora guia, a ‘Mãe Preta’, a participar da Associação de Usuários dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas – AUSSMPE, na qual também há usuárias, mas que há o entendimento que a palavra ‘usuário’ contempla ambos os gêneros e é assim que consta no estatuto, mas que importa o gênero? Para a ‘andarilha’ importa. A cada convite sentia-se feliz, mas relutava um pouco, pois estava ‘sofrendo de surdez’, perturbada com a escrita do projeto de doutorado. Ironia , não!

Na escrita do projeto sentia-se como a pessoa mais ignorante do mundo, indigna de estar fazendo um doutorado, afinal isso era coisa para quem? Pra ela, mulher, militante, camponesa? Sim, para ela e todas as mulheres, militantes, camponeses e camponesas e não só. Era um espaço em transformação. É ainda. Está ainda um espaço em transformação. Mas, escrever o projeto já era obsessão, aí que foi sentindo o solo ruir sob seus pés, mas seguiu insistindo, com o mesmo medo que a povoa – a pressão de não conseguir. Dado a isso, não conseguia ver e perceber muitas coisas. De outro lado, entende que este é um processo, que nossa condição é a imperfeição. Então, dentre os possíveis, precisa seguir tentando enquadrar o que pulsava das loucuras da vida e de si em um projeto de pesquisa, inspirada em um método que tensionava com os arcabouços convencionais da mesma.

Assim, aceitou ao convite pois sentia que o mesmo trazia em si caminhões de afeto. E aí, como recusar? Como estar indiferente ao que vinha de forma tão bonita, cheio de vida? Aceitou também, porque começou a se perguntar em por que não seguir a esse cheiro, justamente esse, em que cantávamos a mesma canção? Às forças dos afetos e ao cheiro da luta como resistir, se eram fontes para transformações de si e sociais?

[166] Letra original: “O amor existe, é só ter calma, tudo vem” (VASCONCELOS, 2016).

As reuniões da Aussmpe aconteciam no prédio do Conselho Municipal de Saúde. E um dia foi. Estavam noutra sala, pois por mais que havia este espaço para a Associação, também, acontecia o empurra pra lá e pra cá. Localizou-os(as). Conhecia a todos(as) da Aussmpe. Curioso é que a maioria das pessoas, eram os(as) companheiros(as) que encontrava também nos Vocais. Militantes?! De qual remédio fazíamos uso? Sentiu-se em casa! Mas, mesmo assim se perguntava sobre o que nos levava a esse movimento de, além de estar em coletivos musicais, a participar de uma Associação de Saúde Mental? E presume que na 'fórmula' de nossos remédios havia o afeto, a alegria, a produção de redes abertas, conhecimento e de liberdades. E que inclusive era a isso que também nos movíamos.

Nesse primeiro encontro, a única pessoa que não conhecia e passou a conhecer, foi uma estudante da Terapia Ocupacional, a qual conta que fora motivada pela professora Larrisa Dallagnol a estar neste espaço. Maluca essa professora?! Como poderia incitar que estudantes participassem desses espaços?! Visionária. Esse pode ser um dos caminhos para as reformas e avanços na formação em saúde, em 'corações e mentes' no que se refere à saúde (mental), em um andar compartilhado. É uma maluca pela vida. Tenta diminuir as distâncias entre as teorias e as práticas, as consideráveis lacunas na formação em saúde, e tenta fazer valer, mesmo sob penalizações, os princípios da luta 'Mentaleira'. Qualquer movimento pode produzir desacomodações e reações. Encontrar essa companheira nas paisagens do Sul, foi também uma forma de oxigênio e não foi por nada, que certa vez, em uma Conferência Estadual de Saúde, em 2015, fomos designadas como loucas, da loucura do preconceito, só porque estávamos a defender direitos. Um deles, o de tentar diminuir a desigualdade afirmando a diferença.

Mas voltando a reunião da Associação, nesta se discutiu a composição da chapa para eleições da Diretoria da Associação. Queriam que a 'andarilha' se ocupasse de alguma 'função' para ajudar a Associação. Mas, como?! Sentiu-se perdida, pois foi desmontada na argumentação, 'sentiu-se negando ajuda', mas, por mais que seja pessoa que acessa atenção psicossocial nessas e noutras redes, pois no SUS da região, pelo menos no que se conhece, ainda não há essas práticas de cuidado de que faz uso, entendia que o protagonismo era de quem já estava há tempos na Associação e era ou havia sido assistido(a) nestes lugares. Até então, nas suas distrações, não havia nem percebido de que continha no nome da Associação, 'de usuários dos serviços de Saúde Mental de Pelotas'. Mas, mesmo assim, foi um momento que mexeu nas suas cartografias, pois será que ela os(as) via como loucos(as) e ela não?!

Então, quem eram louco(a) ali? Se havia algum(a) era ela mesma, caso não se visse nesse lugar de quem poderia compor, ainda que todos(as) a vissem como alguém que poderia

somar, pois em contrário não a convidariam. Esse foi um dos momentos mais lindo de todo o processo que a andarilha viveu. O instante que percebeu muito tempo depois. Afinal, é parte das suas loucuras o tempo da percepção. Que percebeu quando o que sentia era o mesmo que essas pessoas também sentiam, ou seja, que somos todos(as) loucos(as), cada um(a) do seu jeito, uns/umas pelos(as) outros(as). E esse momento foi lindo, pois foi exatamente onde se deu a inversão que tanto lia na perspectiva do que havia escolhido como método de inspiração, no caso a cartografia, que em um dado momento da caminhada, sujeito e 'objeto' se confundem (PASSOS, 2010). Somos 'gente como a gente'.

E desde então, foi o que aconteceu no processo de teiação do caminho, neste momento que compartilhamos e produzimos (nossa) existência em que se tecia a pesquisa e que fazia sentido não só o estar e compor na Associação, como também o programa Gente como a Gente, como modo de afirmação das nossas loucuras e dispositivo de empoderamento e agenciamentos nas lutas sociais.

A 'andarilha' se considera uma usuária, mas não desta e nesta rede. Entretanto, sua 'distração da atenção' tenha se dado, talvez por manifestação do modo manicomial em que achasse que não era louca, 'ah coitada', ou por ter relativizado de algum modo à palavra 'usuário' e o uso que se faz dela, ou por considerar que somos 'gente como a gente' e não nessa 'classificação' entre 'usuários' e 'não usuários', ou pela sua vivência na composição de uma Associação que não havia essa distinção. Mas quando percebeu, praticamente um ano depois, se sentiu abalada. Pensava que poderia ter interferido justamente no que defendia – no protagonismo dessas pessoas. Logo ela, tão cega assim! Que militância era essa?

Mas era essa justamente a militância, a abertura do corpo para perceber, o momento em que passa a ser objeto de si mesma, final, se eram loucos(as), ela era louca, se são usuários(as), ela também é usuária, ainda que de outras redes e práticas. Pensava ela. Na sua caminhada com a Aussmpe, soube também, que muitas pessoas também usavam de outras práticas, assim que nem que ela. A única coisa que não tínhamos em comum era ser assistidos nos serviços de atenção psicossocial. Mas a questão era e não era essa, era a loucura da estigmatização que transforma em objeto a vida, que autoriza a fazer muitas coisas com o nosso corposentipsíquico, sem nossa ação de consentimento.

E a questão é essa, pois ainda é preciso afirmar esse lugar para ter voz e vez justamente nesse enfrentamento, de que não somos objetos de manipulação e sim 'gente como a gente', que podemos discutir, sobre nossas sensações, sobre o que nos acontece, sobre o que precisamos, para tecermos pactuações de cuidado, sem perder de vista de quem está no comando de si.

Então, vivia no limite da ação, no entre louca e não louca! E precisava fazer alguma coisa com isso e fez. Criar, agenciar, potencializar que o protagonismo acontecesse, pois ninguém faz pelo outro, é o outro que faz por si, e deixar que fizessem isso consigo também. E fizeram e fazem. Temos em comum – essa loucura aí de viver, de lutar contra o que nos objetifica, do cuidado coletivo (e) de si, da produção de liberdades. Produção de liberdade essa que a 'andarilha' sentiu na pele, vivendo-a, no exercício de si, mediado pelas provocações do vivido e da escrita.

Passado essa reunião em novembro de 2014, no mês subsequente, após um evento promovido pelo município, chamado 'Encontro de RAPS', que lhe parecia mais um encontro de CAPS, foi a mais uma reunião da Associação, era de eleição da Diretoria e na mesma se decidiu pela realização de um almoço festivo. O evento de RAPS parecia um encontro de CAPS, pois havia predominantemente somente pessoas vinculadas a estes serviços e RAPS compreende os diversos pontos e(m) fluxos da RAS aos quais é incumbência do CAPS matriciar, e a questão da intersetorialidade com Secretaria da Assistência Social, Ministério Público, entre outros. O que 'escapava' do lócus CAPS eram trabalhos sob a gestão do CAPS na AB, que já era alguma coisa, mas que não dá para nominar de RAPS. E também, o fato de ser um evento da 'RAPS', mostra que já havia algum desejo de produzi-la. Algo se aquecia ali.

Depois houve outra reunião de encerramento do ano. Uma alegria. Muita alegria. 'Transmutações de energia'. Para a 'andarilha' era como se fossem saídas ou suspensões no tempo e do cotidiano, esquecia que tinha um projeto a escrever. Nem titubeou mais. Resolveu se engajar na Associação e a partir desta, acompanhar mais de perto o Programa Gente como a Gente, como mais um território no rizoma que tecíamos, percorríamos, deslizávamos, agenciávamos.

E nesse caldo da vida, 'a andarilha' vivia também as turbulências da escrita e qualificação do projeto de pesquisa, que se seguiu a 2015. Experimentou até 'enlouquecimentos a nu'[167], ou seja, do 'puro vivido', daqueles em que a loucura coincide com o pensamento noutras composições, noutras combinações, noutras músicas, a bagunça da 'realidade', sensação de fragmentação de si, o que já tinha ouvido das suas e de outras vozes. A experiência foi desagradável no que viveu como uma angústia intensa. Entretanto, foi a oportunidade de sentir na 'pele' o que muitas pessoas vivem, obviamente, que cada uma na

[167] A ideia da loucura a nu advém do conceito proposto por Agamben sobre 'vida nua'. Em um primeiro momento remete a origem. São formas de vida que não se submetem a ordem dos códigos sócio-políticos e acresceria-se social. E que ficam ou podem ficar desprotegidos por causa disso.

sua singularidade, contexto producente e intensidade. E agradável, pois era um turbilhão de ideias que a si fazia sentido, embora provavelmente ao outros(as) não fizesse, quando as conseguia colher no meio das suas velocidades.

Experimentar isso, mesmo que tenha sido doído, foi maravilhoso, e não é nada que não possa ocorrer com qualquer pessoa, ante a algo da realidade que sinta sobre si como uma pressão daquelas em que a sensação é a sanção de que não se vai conseguir dar conta, como se fosse falir em um projeto que estava no seu desejo. E isso por vezes pode não ser sem danos. Nosso corpo inteiro da um jeito, subjetividade desagrega, pensamento acelera, a realidade toca com mais intensidade, o corpo treme sem parar e ás vezes a sensação é de que se vai explodir a qualquer momento, e se explode, em pensamentos, em produção, em arte, em luta, resistência ou rompendo provisoriamente com essa realidade, criando outras.

E além disso, pode-se dispender uma considerável energia, o previsto se transforma em imprevisto, e muitas coisas que são também do desejo acabam ficando pelo caminho e a vida vai se reescrevendo e se ressignificando. Tempos mais tarde, a andarilha entendeu o que se passava. Como se trata de um estudo inspirado na cartografia, que consiste na expressão dos afetos, nada mais era e é de vez em quando, que um corpo fábrica em funcionamento, daí os tremores. Eram e são as intensidades querendo passar e que ás vezes, acabam produzindo alguma confusão nesse processo, tentando encontrar as saídas, os signos para tradução do que se experimenta, se vive, se sente.

Nessas andanças, da não atualização e tradução da questão de estudo, absolutamente viva, mas sem as palavras que viriam a fazer a travessia, a incomodava. Depois entendeu que não era preciso ter questão, que essa poderia ser construída no caminho. Entretanto, tinha questão, entretanto, estava em construção – quais as loucuras por paisagens do Sul? Também, estava reunindo em desenho o que lhe afetava, ao que não conseguia ficar indiferente, que lhe era e lhe é problema e que justificava essa itin**errância**, dado que no caminho encontrou pessoas também movidas pelo que lhe afetava. Tratava-se de uma loucura compartilhada?

Em uma roda de conversa sobre pesquisas em saúde, com um professor mexicano Francisco Mercado, da Universidade de Guadalajara, oportunizada pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFPEL, ao qual integra, o indagou da relação da pesquisa com o contexto social, um dos problemas na composição da problemática, pois era algo que a preocupava, dado que sentia que ainda havia distâncias e (suas) limitações para fazer diferente. Nesta época, sentia-se muito louca. Talvez isso a tenha a encorajado a fazer a pergunta! O mesmo lhe responde que se perguntasse as pessoas do local em que se estava, sobre ‘o que elas precisavam’.

Resolveu experimentar e perguntar a uma pessoa que integra ao Grupo Musical Los Lokos e a Associação. E a resposta foi, não nestas palavras, de que a história do vivido na Saúde Mental fosse visibilizada, valorizada (SANTOS, 2015). A ‘andarilha’ ficou atenta a isso que essa pessoa lhe disse. Então, porque não perguntar quais as loucuras por e a partir das paisagens do Sul? Essa pessoa, chacoalha a andarilha a forçar o pensamento e reconhecer que era uma pista que facilitou a tradução das pulsações políticas de seu desejo, bem como as respostas ao que passa a se indagar, conforme as narrativas que se desenham neste trabalho.

Essa pessoa era uma das intercessoras guias. E é isso que ele faz. Reúne, junta a história. Faz até desenhos. E mostra. E se empenha em dar a conhecer. É quem chama a ‘andarilha’ de ‘Indiazinha’, e que a andarilha veio a entender com o tempo, que isso era, dentre outras coisas, uma forma de luta, de rexistências. Essa pessoa traça em desenho a vida da história da cidade de Pelotas, que é a sua e de todos(as) nós que aqui a respiramos. E essa resposta veio também de outros modos por outras pessoas dos grupos Vocais e da Associação. Era outra pista. A produção de visibilizações e é um pouco ou muito disso que a ‘andarilha’ também fazer na nossa caminhada, via divulgação a vários ventos nas redes sociais e também, nesta escrita tese –visibilizar nossas loucuras.

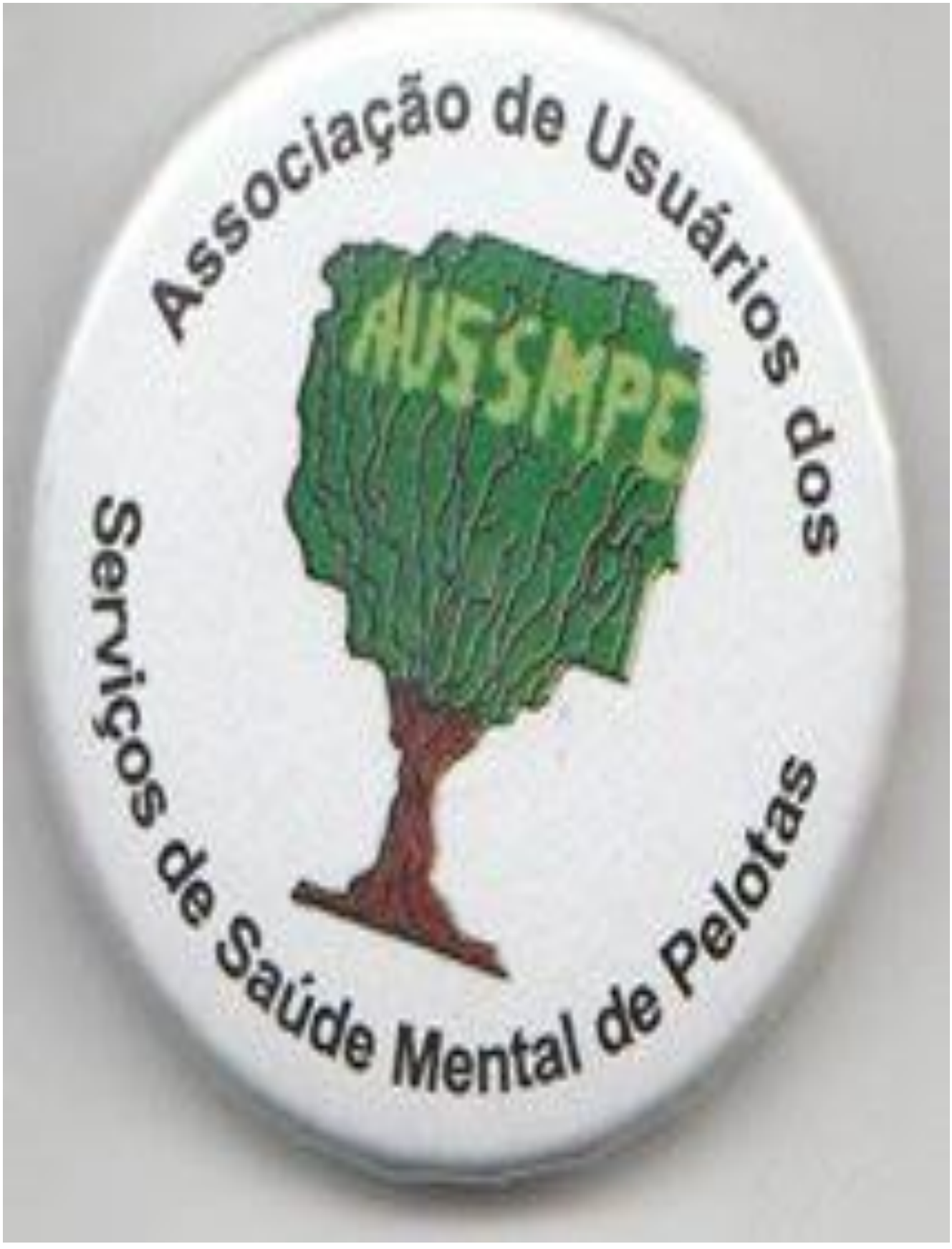
Também aprendeu, que ao disparar esse processo via redes sociais, outras pessoas foram encampando o mesmo, inclusive o autor da pista. E que esse processo de visibilização era uma forma, por mais estranho que possa parecer, de produção de existência, de resistências e rexistências. Também, foi de nosso empoderando quanto algumas tecnologias digitais, e de alfabetização, na escrita e até, no enfrentamento de sensações de solidão, desânimos e o contrário também aconteceu, pois das toxicidades que há no cotidiano, também, ocupam lugares nessas redes.

A ‘andarilha’ faz esse registro, pois uma colega sua, artista perguntadeira, a indaga se era ético divulgarmo-nos nas redes virtuais? E a ‘andarilha’, às vezes sensível em demasia aos grãos da areia e expertise em desatenção, começa a se indagar se era ou não ético? Mas, nas andanças foi encontrando às respostas, que não queremos permanecer mais invisibilizados no e do tecido social, e que vamos ocupar todas e quantas redes nos fizerem sentido, assim como produzi-las, se for necessário (SANTOS, SILVA, LOPES, BORGES, GONÇALVES, 2013-17). E continuamos a visualizar e a viralizar de nossas loucuras por aí, inclusive nessas redes virtuais. Afinal, somos loucos(as).

Andávamos envolvidos(as). Nos ocupávamos destas descombinações e recombinações. A ‘andarilha’ também fazia e faz desenhos, mas diferentes dos de Santos (2014), em que a beleza do que desenhamos está no fazer e não somente no que é feito. Faz

desenho em texto, em que o desenhado é o escrito. Também, pensa que o desenhado é o efeito do processo de desenhar. O texto é então, um dos efeitos de vazão das intensidades de suas ‘loucuras’, movidas pelas nossas loucuras nas andanças por e a partir de paisagens do Sul. Para esta escrita ‘desenho’ do que foi produzindo o caminho, deixou-se guiar pelas pessoas que foram fazendo intercessão no caminho, guias, pois estiveram consigo deste o início lhe acionando pelo modo de ser, por aquilo que diziam e faziam e que a moviam no pensamento e a movimentos.

Também buscou por conceitos e teorias. A questão estava viva, operando, empurrando, tensionando no seu corpo confusão. Brotou pelo meio. Estava sendo pintada, ainda que na época não conseguia perceber que estava implicada com a produção de rexistências na relação com a (sua) loucura, habitando paisagens nos engenhos em movimento, nos quais produzíamos maquinarias de guerra, muitas das quais eram e são estéticas de rexistência, loucuras das águas da não indiferença na produção de outras loucuras, a de produção de diferença, uma estética de existência, uma arte de viver.


Associação de Usuários dos
Serviços de Saúde Mental de Pelotas
AUSSMPE

‘Associação’ das nossas loucuras no tecido do contemporâneo

Isso de querer ser exatamente aquilo que a gente é,
ainda vai nos levar além.
Leminski.

Nessas profundidades gritam vozes, que clamam pela expressão do que vivemos, são narrativas escritas de um vivido coletivo. Neste mundo somos todas e todos, de algum modo, heroínas e heróis da rexistência. As pessoas que a andarilha encontrou, quando deu os primeiros passos na paisagem pelotense bem como recentemente, são portadoras de histórias de vida, marcadas por superações de dificuldades, com força intensa, movimento este que pode produzir abalos sísmicos em quem as ouve, lê, sente, como foi o que ocorreu com a ‘andarilha’, tanto pelo que vivemos quanto pelas formas com que fomos superando, mesmo com tudo que nos afetou e afeta o vivido. Mas nem por isso mais ou menos heroínas ou heróis que qualquer pessoa no andar da existência, pois não se trata disso, apenas de narrar nossas experimentações na vida, por um dado momento da mesma.

Escracham formas de opressão e o quanto isso tencionou para que o corpo embaralhasse os códigos, rompesse com os mesmos e de como fomos rearranjando-os mesmos em nossas vidas sentisubjetivas. Com isso, de novo, a ‘andarilha’ não está querendo desconsiderar que cada pessoa neste mundo não seja herói ou heroína de sua existência, todas as pessoas o são do seu jeito, mas usa esses tributos pois de algum modo expressamos a ‘dor e a delícia de sermos do jeito que somos sendo’[168], estórias como uma trama de possibilidades, força da vida em pulsação.

Neste texto, neste momento, estamos aqui, pois coincidentemente ou não, nos encontramos, nos afetamos e cantamos, cada um/a ao seu jeito, canções de liberdade e dignidade. Consigo e com quem quiser, são muitas vozes que sentimos nessa construção movediça de chão. São vozes do agora, que falam do ontem, do hoje e do amanhã presentificadas neste instante da existência, nos lugares que hospedam códigos textuais, imagéticos, audiovisuais, etc. São também as vozes de uma das artes que seu Uilson Santos

[168] Adaptada da música do Caetano Veloso “cada um sabe a dor e a delícia de ser do jeito que é’. O ‘sendo’ é do movimento que em vamos nos produzindo, ao produzir e ser produzido, na singularidade e coletividade, a partir do livro em Campos (2005).

(2013-2017) muito nos ensina, a de (que) presentificar o ontem e o amanhã no hoje, de que ao fazer isso, fizemos viver.

Havia probabilidades de nos encontrarmos, conectarmos, pois não estávamos segregados, confinados a locais, estávamos e estamos andando, sendo fabricados, e fabricando (a) existência(s). O texto que segue ao mesmo tempo que em um primeiro momento é uma narrativa de certa forma cronológica, é cheio de brotos. É rizoma. Pode parecer até meio confuso, e é, pois na sua escrita vai conectando. Inspira-se no Pai Zé, pois ao tocar em alguma palavra ou assunto que recorde algo de sua vida, tende a compartilhar, e no modo de funcionamento do pensamento. E porque não se ocupar deste modo em um texto acadêmico? É uma narrativa e(m) brotamentos.

Então, fomos desenhando juntos o território de pesquisa, que é existencial e se trará alguns fragmentos pinçados deste vivido, utilizando-se de uma das ferramentas do pensamento que é a memória, um de nossos acervos documentais, que vivifica conforme a intensidade dos afetos.

Mas, quem é Pai Zé? Há muito Zé neste mundo. Há de Zé de todo o jeito. Há Zé de baixo, Zé de cima, Zé de lado, Zé do meio. Há até músico com nome de Zé - Zé Ramalho, Tom Zé, Zé Geraldo, Zé Fernando Borges do Amaral. Há até música com nome de Zé ‘como tem Zé na Paraíba’, e podemos dizer como tem Zé no mundo. O pai Zé é um destes Zé do mundo, mas um Zé produtor de diferença, singular, um **profeta** de existência. Nossas histórias estão desenhadas nos textos da vida, dos quais pinçamos alguns recortes em imagens, em vídeos, em escritas, em falas, enquanto íamos tecendo chão. O pai Zé, é também alguém batizado pela Mãe Preta de ‘Zé Perequeté’. Mas quem é a Mãe Preta? ‘Eita’ texto esquisito, só pode ser coisa de loucos/as.

Mãe Preta, "ela é música"[169]


170

A 'andarilha' a reencontra no grupo Vocal Esperança. Cantam sonhos de verão, que o amor é imensidão, não deixe o samba morrer, do jeito que a vida quer, os corações não são iguais, esperando na janela, pra ser feliz, saudosa maloca... (GRUPO VOCAL ESPERANÇA, 2013-2017). De lá, ela e outras pessoas convidam a 'andarilha' para participar do grupo vocal Los Lokos. Ela dizia que a 'andarilha' era 'que nem nós, alegre'. E era, ainda que em si, vivia uma guerra entre a alegria e a tristeza. Também, era ela que lhe ligava e avisava das movimentações do Esperança, quando havia apresentação ou alterações na agenda. E nessas conversas fomos estreitando laços de amizades, de convívio, de muitas partilhas, e foi se fortalecendo vinculo e o afeto entre nós. Trata-se de Vanilda Pereira da Silva, ou Vanilda Silva, como ela gostava de ser nominada.

Convida a 'andarilha' para tomar um mate em sua casa. A 'andarilha' foi a primeira, a segunda e infinitas tantas outras vezes. Numa dessas vezes, uma das primeiras, Mãe Vanilda lhe conta sua história de vida, dentre o quê, que viveu sua infância nas lidas camponesas. A andarilha também. Cada um vive essa experiência do seu jeito, mesmo que a sociedade queira que sintamos vergonha desse trabalho, como se fosse de menor valor. Mas a andarilha se considera filha da terra e isso ninguém vai lhe roubar. Por essas e outras é que a história de Mãe Vanilda mexeu com a da andarilha. Que há a nós camponesas? Quais nossos possíveis

[169] Voz que sopra a andarilha o que é a Mãe Vanilda, Mãe Preta, Mãe Vavá. Aconteceu em 14 de junho de 2016, no horário das 16:22h, no prédio a Biblioteca Pública em Pelotas. Importa registrar que nem sempre as vozes que ouve são nítidas como foi essa, como um cochicho. Na maioria das vezes é um falatório indecifrável. E ás vezes ruídos insuportáveis. Mas, também, às vezes, são assim, como recados e por isso os traz para o texto, pois é uma forma de afirmar que podemos conviver com nossas multidões em suas manifestações. Ainda, registra-se que ouviu esse recado quando já havia concluído esse texto na relação com sua Mãe Preta.

[170] Figura 96 - Quadro desenhado e pintado por Vanilda Pereira da Silva no CAPS Baronesa, na época em que esteve em tratamento no mesmo. Primeiro e único quadro feito pela Mãe Vanilda, conforme seu relato, do qual tinha muito orgulho juntamente por ter sido o único que se ocupou em fazer. O mesmo estava guardado no CAPS Baronesa e a mesma foi buscar em 2016. Relatou que queriam cobrá-la pelo quadro, sua obra (SILVA, 2016).

em uma sociedade machista, classista, racista, homolesbitransfóbica, patriarcal? Provavelmente, o que se conquistou via muitas lutas. Então, tínhamos em comum o campesinato e muitas loucuras, dentre estas, as de rexistência.

Mãe Vanilda perdeu sua mãe muito cedo, diziam-lhe que era alguém com sofrimento psíquico e seu pai, conforme ela relatou, também poderia estar em situação similar devido a sua relação com o álcool, que atrapalhava sua vida (SILVA, 2014). O mesmo abandonou a todas as filhas e filhos. E elas e eles foram sendo "distribuídos" em famílias, de variadas condições sociais. Na de Mãe Vanilda lhe era demandado que trabalhasse muito nas tarefas rurais, o que lhe foi sofrido, afinal era uma criança. Contava a 'andarilha' que o jeito de aquecer os pés no inverno era colocando os mesmos sob a urina de vaca (SILVA, 2014).

Nos bailados da vida, conheceu o Pai Adão e que juntos resolveram "contar moedas". Tiveram duas filhas. Adotaram de coração outras/os tantas/os. Trabalhou muito. As educaram de modo que fossem construindo suas vidas sem dependências dela e de seu companheiro, não sem estarem sempre presentes na vida das mesmas, ajudando-as sempre, mas sabedoras que tinham condições de sobreviver bem nesse mundo que por vezes pode ser muito difícil o viver (SILVA, 2014-2017).

Ajudou muitas pessoas, não media esforços, afinal era uma 'filharada de coração'. A 'andarilha' registra isso aqui a partir do que testemunhou na sua relação com a Mãe Preta. Também e do que ouviu das pessoas que se relacionavam com a mesma. Era de seu jeito, ajudar. Ás vezes contava para a 'andarilha' que ia até a casa de sua colega, que morava sozinha, a qual lhe era como uma irmã, que ficava com ela ou a trazia para sua casa para não ficar só (SILVA, 2015-2017). Outra pessoa relata que quando perdeu seus familiares, era a Mãe Vanilda quem lhe ligava e ficava horas ouvindo-a no telefone, ajudando a passar por esse momento (BRUM DOS SANTOS, 2017).

Também, a 'andarilha' observava que muitos familiares de pessoas vinculadas a Associação confiavam muito na Mãe Vanilda, ao ponto de pessoas participarem de alguns eventos, viagens, etc, somente se ela fosse. A Mãe consanguínea da 'andarilha' também lhe endereçava essa confiança. Sabiam que ela era de palavra e que não era relapsa. Sentiam-se seguros/as. Assim, ela foi sendo mãe simbólica de muita gente, no que se inclui a 'andarilha'. Seu jeito de acolhê-la em Pelotas, e também o de outras pessoas, foi fundamental para que a 'andarilha' ficasse pelas bandas do Sul, pois foram mexendo com suas águas.

A Mãe Preta a foi inserindo na sua família, se pode dizer até que a adotou afetivamente, pois a 'andarilha' assim se sente. Que ampliou a sua família. Mãe Vanilda dizia que era a sua outra mãe, e lhe explicava: que tinha a mãe branca e a Mãe Preta, que no caso

era ela (SILVA, 2016). A chamava de “Fia” ou de “Filha pródiga”, pois mesmo conversando por telefone praticamente todos os dias, nem sempre a “andarilha” conseguia ir até sua casa. E a ‘andarilha’ se desmancha em lágrimas, pois sente muito orgulho de tê-la tido como Mãe afetiva.

E por isso que ao mesmo tempo em que dói tanto tecer esse relato, é como uma forma de fazê-la viver eternamente, presente no seu e em muitos corações e mentes. Desde o período que nos conhecemos até nossa despedida, andarilhamos muito. Na sua partida, a ‘andarilha’ encerrou de vez a pesquisa, pois por mais que precisava encerrar de qualquer forma, mas era como se houvesse perdido a graça. E desde então, está tentando (se) reinventar o encanto pelo que está fazendo, pois, por mais que entende que cada um(a) vivemos um tempo, ela faz uma falta danada.

Conversávamos praticamente, diariamente, soava estranho quando isso não acontecia. Nas conversas tramávamos vida. Ás vezes pontuava que a ‘andarilha’ era alguém muito disponível, que se doava muito, e que deveria estar mais atenta a isso, que era para se cuidar um pouco. Também, ela percebia que a sua ‘filha pródiga’, no caso a ‘andarilha’ era meio relapsa consigo mesma, quanto à alimentação, vestimentas. Tentava ajudá-la de várias maneiras.

Convivíamos e fazíamos muitas coisas da vida juntas. Tanto, que quando sua Mãe Preta entrou em resguardos de saúde, a ‘andarilha’ por mais que cada uma tinha sua vida, mas se sentiu meio perdida, ainda que havia as parcerias do Pai Zé, do seu Ivon. Nessas andarilhagens, vivemos muitos momentos, que faltariam folhas para escrever. Um destes, após a criação da Tenda do Afeto Popular no Mental Tchê de 2014, pois choveu demandas por Tendas, e dado a isso e não só, decidimos criar um coletivo – o Povaréu Sul. Víamos potência nesses agenciamentos. Sentíamos essa necessidade, de ter um espaço no entre tudo que vivíamos e fazíamos sem tanto o peso das institucionalidades. E entendíamos que seria legítimo se houvesse a participação de movimentos sociais, o que a ‘andarilha’ partilhou com a Mãe Preta para que discutissem na Associação, se alguém queria co-construir com a gente.

Então, é uma das fundadoras em 22 janeiro de 2015 do Coletivo Povaréu Sul, representando a AUSSMPE. Esse feito aconteceu na sala da Vigilância Sanitária, local em que trabalha uma das companheiras, no município do Rio Grande. E desde então, fomos parceiros/as nesta construção. Na volta dessa reunião chegamos na casa do companheiro Marcos Aurélio Matos Lemões na Vila da Quinta em Rio Grande. Percebia a alegria dela em estarmos compartilhando desse momento. Lembra-se de seu encantamento com a decoração

da casa, modesta, com vários objetos e imagens de Portugal, como a da Nossa Senhora de Fátima.

A ‘andarilha’ já integrava a Associação, desde o final do segundo semestre de 2014 e mesmo em recente participação, aos poucos testemunhava a boniteza de funcionamento da mesma. Enquanto Aussmpe, caso se comprometiam com alguma coisa, alguém sempre assumia, ia, participava. E nisso se tecia um jeito de funcionar compromissado com aquilo que se envolvia. E sempre foi algo que a Mãe Preta prezou muito, o que a ‘andarilha’ testemunhou nesses dois anos e meio de Associação.

A partir disso, mobilizada, ouvindo música Xamânica, a ‘andarilha’ pinça alguns desses momentos, os quais acionam corpo, afetos, sentimentos, pensamento e seu exercício de loucura e na produção do conhecimento.

Trata-se da narrativa e testemunho do que lhe provocou momentos de alteração de suas intensidades e como lidou com isso, de um momento de ruptura com a amiga que lhe é era que nem uma irmã, do pedido da devolutiva de medicamentos, das vozes que ouvia e sentia, de um momento de tensão em uma das reuniões da Comissão Municipal de Saúde Mental, de uma situação quanto ao momento de Vídeos, da ida do Pai Zé a São Paulo, da relação com um companheiro da Aussmpe, com o gasto da ‘sola do sapato’ para ‘recuperar’ o Claudionei, do carinho que tinha com a Santa Helena, da casa de portas abertas e mais histórias que estão por estes textos e pelos da vida.

Muitas vezes discordavam, Mãe Preta e ‘andarilha’, mas isso sempre foi potente, com carinho e respeito. Ela era presidenta não só da Associação, mas também de suas ideias e a ‘andarilha’ tinha lá de suas resistências. A presidência [das ideias, da Associação, etc] era a prova viva de empoderamento e protagonismos que acionavam felicidades a ‘andarilha’, pois era isso o que importava.

Como Mãe Preta era uma sábia, já conhecia o jeito da ‘andarilha’ pensar e se posicionar ante a algumas coisas no mundo, e antes de falar já dizia “eu sei que tu pode até não concordar comigo, mas....” mantinha sua posição, seguida de explicação, que geralmente convencia a ‘andarilha’, afinal, estava a dialogar com uma mestra da vida. Todas as pessoas são únicas, mas a Mãe Vanilda parecia ser mais que única. E era. Única na sua singularidade. Dizia “quando eu erro eu assumo” (SILVA, 2016)[171], e de fato, quando achava que errava, assumia mesmo. Isso tem nome, originalidade. De tantos recados, o que mais cutuca a ‘andarilha’, expresso com muita convicção, força e afeto, e que a ‘andarilha’ vai levar para

[171] Do programa Gente como a Gente na Rádio Com no dia três de setembro de 2016.

sua eternidade existencial, foi o dito em 26 de maio de 2017 em um leito de hospital, “Fia, aproveita a vida” (SILVA, 2017). E de novo, impossível não transbordar.

À clínica do pavor, a dos afetos

Porque falar das movimentações das intensidades? Para se colocar a pensar sobre isso que em algumas situações pode ser considerado como ‘crise’ e que ainda é uma ‘pedra no calcanhar’ de muitas pessoas quanto a abordagem, cuidado, acompanhamento. Mãe Vanilda nos convida a pensar sobre a clinica do pavor e dos afetos. Conta que uma das situações que viveu, foi a reação ao que uma pessoa falou de sua filha. A outra, foi da sensação que sentiu quando soube a notícia que haviam jogado uma criança recém nascida em uma valeta. Queria ‘apagar’ dessa realidade, desse mundo que fazia isso com as pessoas. E pra ‘desligar’ tomou muitos medicamentos. E depois disso não se lembra. Sabe do que lhe contaram, quando perguntava por que isso ou aquilo estava quebrado dentro de casa.

Dado a isso foi parar no Pronto Socorro, e que para ter ‘alta’ do mesmo, antes era preciso do veredicto do Hospital Espírita, o que implicava em passar por lá. Na portaria do mesmo, sentiu-se urinar toda de medo de que avaliassem como necessário de que ficasse por lá. Dito e feito. Essa foi a avaliação. Mas sua família resistiu. Assumiu o ônus ameaçador da psiquiatria, e a levaram para casa.

Diante disso, a ‘andarilha’ ficou muito movida, pois pensava no tamanho da humanidade que habitava uma pessoa ao ponto de lhe ser insuportável, reagir em intensidades, ao saber notícias das maldades humanas. Ao mesmo tempo a ‘andarilha’ sabia, que crises são inerentes a vida e a qualquer pessoa, mas o quanto as pessoas nessas situações são desconsideradas em seu dizer e saber, a importância do afeto da família para com ela em sustentar o que o saber da psiquiatria dizia que não daria certo, o quanto causa pavor o manicômio, que terapêutica é era essa do pavor, que desqualifica o desejo da pessoa usuária e procurava amedrontar a família?

A outra situação, foi a provisória ruptura de amizade entre a Mãe Vanilda com outra colega das músicas da vida. A ‘andarilha’ lembra do acionamento que lhe fez a Mãe Preta. Ligou e perguntou se poderia ir até a sua casa, ficar com ela, que não estava bem, que estava com medo do que poderia fazer a si mesma. Provavelmente tenha sido em 2015. A ‘andarilha’ recorda que estava enlouquecida escrevendo o projeto de tese, o qual parecia sem fim e quase impossível, e que atualmente entende os porquês, o que é possível compreender por se tratar

de uma leitura da expressão dos afetos, viável pelo método da cartografia, que produz desordem na ordem dos métodos.

Então, a ‘andarilha’ deixa as escritas de lado e vai até a casa da Mãe Vanilda. Chega lá, ela estava deitada no sofá, muito chorosa. Diz-lhe que sem vontade pra nada e foi lhe relatando como se sentia. Se referia a uma aparente ruptura de amizade com essa sua irmã de coração. E dentre o que lhe dizia, a andarilha lembra que lhe pediu para não deixá-la sozinha. E obviamente a ‘andarilha’ ficou lá e ficaria independente deste pedido até que se restabelecesse.

Conversaram muito, e foram tecendo possíveis, ao ponto dela mesmo considerar de que não poderia ficar presa a esse sentimento de afeto e que se essa amiga não quisesse valorizá-la, problema era dessa pessoa e não dela. A ‘andarilha’ testemunhava Mãe Preta reagindo; Mesmo assim, acabou intermediando que essas irmãs de coração voltassem a se encontrar e a conversar, o que acabou acontecendo e dissipando o mal-estar entre ambas. Percebeu que Mãe Preta era muito coerente com o que dizia e sentia, além de muito sincera consigo mesmo e com as outras pessoas e que sentia em intensidades. Também que Mãe Vanilda se conhecia em relação ás situações de crise, pois acionou ajuda. E da confiança em endereçar a ‘andarilha’, pois sabia que havia cumplicidade.

‘Quem espera que a vida seja feita de ilusão....’?!

Mãe Vanilda não esperava que a vida fosse feita de ilusões. Sabia que o uso excessivo de fármacos ao invés de ajudar, poderia prejudicar. Em uma situação neste sentido, no que se referia a devolutiva de medicações ao SUS, a ‘andarilha’ achou por bem lhe consultar. A tia da ‘andarilha’ é uma pessoa que dado a sua situação de saúde, faz uso se psicotrópicos. E quando a mesma passou a residir com a Mãe e Pai da ‘andarilha’, a mesma enrubesceu com a condução do profissional de saúde neurologista, o qual para a família soava como ‘Deus’. E começa a tensionar na família para revisão na situação da tia. Nesses movimentos, alteram-se as medicações, mas a vontade da ‘andarilha’ era de alterar também outras coisas nessa terapêutica.[172] Nesse processo, sobraram muitos fármacos que estavam no prazo de validade. Em uma das conversas da ‘andarilha’ com a Mãe Preta, comenta sobre a situação da tia, do

[172] Essas alterações foram acontecendo com o tempo, produziu-se conexão como a rede de atenção a saúde via Atenção Básica, e que na ausência de psiquiatra, se contatou com um do serviço público de outro município que a atendeu e conversou com a equipe da Estratégia de Saúde da Família. Um caso que estava no limite de demandar por internação hospitalar, devido ao sofrimento em que e encontrava e que foi possível atender e acompanhar pela Unidade Básica de Saúde e no domicílio.

uso excessivo de medicações, de que ás vezes são receitadas às pessoas um uso para além do que precisam.

E fez esse contato com a Mãe Preta para consultá-la sobre em que serviço recomendaria que fosse devolvido, pois era alguém que conhecia a rede de saúde e nesta a atenção psicossocial, além do que havia sido membro da Comissão de Fiscalização do Conselho Municipal de Saúde de Pelotas, enfim, era alguém que poderia lhe fazer uma sugestão, para que a medicação ainda não vencida não fosse desprezada, pois uma vez entregue, não havia como saber da destinação das mesmas, e que a ideia era contribuir com a vida de alguma pessoa que de fato a necessitasse.

Para sua surpresa, Mãe Vanilda lhe relata que tinha sacos de medicação guardadas, algumas vencidas e outras no prazo, mas que não entregava as mesmas com temor de retalhação da médica psiquiatra, pois lhe dizia não exatamente nestas palavras ‘sabe como é, e quando a gente precisar de fato [o profissional pode não querer atender] então, vou guardando’, também lhe dizia ‘a gente se conhece, sabe o que acontece com a gente, e o que é preciso’ e perguntou a ‘andarilha’ se não devolveria as suas também, ao que a ‘andarilha’ se prontificou e o fez, conforme a orientação da Mãe Preta, entregando-as no CAPS Porto. Relatou a ‘andarilha’ que foi diminuindo aos poucos o uso da medicação e que se sentia melhor. Que antes vivia como um zumbi e não se sentia bem com isso, pois ‘não podia fazer suas coisas’ (SILVA, 2014).

Esse relato nos leva a pensar o quão andamos de serviços de portas fechadas que dialogam pouco com a vida das pessoas e da necessidade de aumentar a lateralização e composição dos saberes, pois alterações no uso também podem gerar efeitos indesejados. O que não era o caso da Mãe Vanilda. Ela sabia até onde poderia ir devido ao tempo de uso, e do saber que foi acumulando sobre os fármacos. Também, não pensem os técnicos que a gente não subverte suas ordens. Só os que acreditam que a vida seja feita só de ilusão.

Das vozes que sentia!

Contava vez ou outra a ‘andarilha’, a qual por sua vez sentia que o fazia, pois se tratava de confiança, de que a ‘andarilha’ não a enquadraria no rótulo da loucura estigmatizada da história e ainda muito atual. Também, sentia a ‘andarilha’, já conhecendo um bocado mais de sua Mãe Preta, que era para testar se poderia confiar mesmo. Coisas de Mãe Vanilda. Entretanto, estava correta. São formas de proteção. A ‘andarilha’ sempre lhe falou o que pensava, do jeito que pensava, sem maquinações. E mesmo assim, como a como a

chamaria ou pensaria que era louca, se a ‘andarilha’ também ouve vozes, muito embora ninguém na época sabia disso e justamente por isso, pelo temor de ser chamada de louca, de que tudo o que dissesse fosse considerado sem valor, como ato de loucura, a da estigmatização, ato de quem não saberia o que estava dizendo.

Sabia que até então tinha sido possível conviver ouvindo vozes, ainda que ás vezes tivesse medo disso, do que poderia ocorrer consigo. As vozes são várias racionalidades em manifestações, que a sociedade excluiu como possibilidade de existência, e nós, que temos essas oportunidades, podemos ajudar a desconstruir, ainda que haja muito preconceito e tabu quanto a isso, mas para isso, primeiro temos que desconstruir em nós os mesmos, os manicômios a que estamos aprisionados/as ouvindo ou não ouvindo vozes.

Sua mãe Preta lhe contava do Mateus. Que era seu sobrinho, filho de uma de suas cunhadas, que ele era muito singular e que não sabia explicar a ligação entre ambos – ele e ela, mas que lhe era muito especial, o qual foi a óbito tragicamente, que ele lhe aparecia e lhe dava recados os quais sempre (lhe) faziam sentido. Eram avisos. Era um mensageiro. E ainda, na sequência perguntava a ‘andarilha’ em tom ás vezes sério, outras vezes de brincadeira ‘será que estou ficando louca?’

Quando Mãe Preta indagava se estava ficando louca, a ‘andarilha’ lhe pergunta por que, e ela lhe comenta que em um dos serviços de saúde por onde andou, lhe disseram que era manifestação da ‘doença’ dela, o que segundo ela, até poderia ser, entretanto, não estava absolutamente convencida disso. Em algum lugar lhe disseram que se tratava das formas de manifestação da loucura, quando o é, a depender do que cada um/a entende e lida com as mesmas, uma forma de manifestação da subjetividade. E o tom de brincadeira, irônico, é porque ela sabia que dava para viver ouvindo vozes. E dá! Quem são os doentes?

A ‘andarilha’, na época, embora tivesse ouvido a mesma coisa nas suas formações, mas provavelmente não tinha aprendido[173], lhe dizia que não achava que se tratasse de manifestação da loucura e sim que era uma oportunidade que nem todos/as tinham ou tem, e que havia várias formas de explicação, alguns que transformavam em doença, como a psiquiatria e outras ‘ias’, outros pela via da espiritualidade e ainda outros, como expressão humana da subjetividade, mas que a si, preferia não querer explicar, apenas viver se fosse o caso. Relatou a sua Mãe Vavá que consigo havia acontecido algumas coisas similares e que

[173] Agora entende o que talvez motivou um professor no curso de Psicologia a lhe disse que deveria desistir do curso, porque para estudar precisava trabalhar! Talvez pensava ele que ela tivesse déficit de cognição e talvez até tenha, mas segue insistindo consigo e por escolas (de)formadoras, pois a si a formação é um ato político, de implicação com a vida, a realidade.

nem por isso achava que estava louca daquela loucura quando se embaralham os códigos das intensidades e se rompe provisoriamente com alguns aspectos da realidade.

Quando ouvir vozes começa a ter outra escuta por algumas pessoas, passa a ter outra conotação, e chega convite para evento de Ouvidores de Vozes em Porto Alegre em 2016, no qual fomos, isso não foi sem efeitos. Para a andarilha foi uma libertação. Então, desde antes e a partir deste evento, as vozes que ouvimos ganharam vozes de liberdade. E é por isso que 'a andarilha' traz para esse texto, pois há muito embate por fazer neste sentido, o qual aprendeu com essa mulher, a Mãe Vanilda e com outras pessoas que não tem vergonha, não se sentem constrangidas de falar das vozes que ouvem, de como ouvem e de como é e como se relacionam com as mesmas, experiência esta de libertação, que para a 'andarilha' é recente. Também, sobre o que veem e sentem.

E também, reiterar que a questão não é se as pessoas ouvem ou não vozes, é o preconceito com as que ouvem, que não sejamos julgadas ou estereotipadas por isso e que muitos de nós precisamos dessa liberdade para dizer sem sentir esse peso, essa densidade, pois há situações que ouvir vozes pode ser desesperador, como já ocorreu com a 'andarilha' e que até pode-se precisar de ajuda!

Da colisão de linhas de força, outras linhas....

Em 2015 aconteciam reuniões da CMSM que aos poucos foi se esvaziando conforme relatos das pessoas da Associação (AUSSMPE, 2016). De uma dessas reuniões, em que estavam tentando construir de forma coletiva o 18 de maio de 2015, Mãe Preta relata a 'andarilha' por telefone que estava somente ela de usuária em meio a outras forças dos serviços e escolas formadoras. Que não aceitaram o que havia sido proposto pela Associação, a partir do discutido em reunião, quanto à proposta de realização de um teatro na Esquina Democrática. Porque não incluir o protagonismo da força usuária, seja lá como fosse a peça de teatro, era o protagonismo dessas pessoas, e também a mesma talvez poderia ser produzida em conjunto?

O efeito disso, foi que Mãe Vanilda sentiu-se muito mal após essa colisão de ideias na reunião e decidiu em não ir mais na mesma. A 'andarilha' entende que (n)o andar na vida não estaremos imunes destas situações, mas considerando o modo como Mãe Vanilda lidava com as situações, isso lhe chamou atenção. Parecia-lhe com a potência de vida diminuída. A 'andarilha' a estimulou a compartilhar com todos/as em reunião, o que certamente faria independente disso, para não carregar consigo essa responsabilidade e mal-estar, o que acabou

fazendo e a partir do quê foi se fortalecendo. Também expôs ao coletivo da Associação que decidissem o que seria melhor quanto a realização do 18 de maio, mas que ela não se engajaria.

Sendo assim, decidimos na Aussmpe por resistir, ou seja, não se engajar na programação do 18, o que não significava deixar de participar das atividades, conforme cada um/a assim o quisesse. Como sua Mãe se sentiu afetada com o grupo da Comissão, que não aceitaram a ideia e que estavam tramando uma programação que não traduzia a realidade da saúde mental em Pelotas e ainda a maquiava e como no coletivo da Aussmpe decidiu não se engajar na programação, a 'andarilha' se engajou em produzir outras linhas. Tecemos enquanto coletivo Povaréu Sul o que culminou na realização de reunião com vários pontos da rede de saúde no Rio Grande, inclusa a psicossocial, em que gestamos a Tenda da Loucura para o 18 de maio no Rio Grande.

Também, para nossa surpresa e alegria, participaram duas pessoas da gestão de Capão do Leão. Após esse momento, havia demanda e a ideia era prosseguir com a perspectiva do Apoio no Rio Grande, entretanto nós do Povaréu nos deixamos sugar por outras agendas e essa ideia segue pendurada no mural de nossa existência. Quiçá algum dia a reeditamos? Então, deste acontecimento gerou-se outros tantos movimentos. Os embates e os deslizamentos.

E a Tenda da Loucura acontece na praça próxima ao mar, que a 'andarilha' não recorda o nome, mas era em frente a uma igreja. No movimento da Tenda se somaram outras atividades que se correlacionam, as loucuras de navegar contras as correntes - 18 de maio dia Nacional da Luta Antimanicomial e também do combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Jovens e também se agregou o movimento LGBTs, marcando o 17 de maio, Dia Internacional contra a Homofobia. Foi muito intenso. A 'andarilha' lembra que foi com a camiseta de Los Lokos, não pela data, mas como forma de sentir que havia com ela também a presença desse coletivo.

Fazendo um parêntesis, neste dia uma senhora muita alegre, disposta aos abraços, começa a conversar e pergunta a 'andarilha' sobre o que era a Tenda. A 'andarilha' lhe explica que se referia a Luta Antimanicomial e a situa rapidamente no processo histórico ao que essa senhora exclama 'mas deixar os loucos soltos' e a 'andarilha' lhe responde "inclusive tem uma louca lhe abraçando". Essa senhora deu pulo, levou um susto, e saiu para o lado, mas ao se reestabelecer presume-se que entendeu que podemos conviver, que nosso destino não pode ser a segregação.

A Mãe Preta a princípio não queria ir ao evento do 18 em Pelotas, mas como os Vocais Los Lokos e Esperança iriam cantar, acabou decidindo ir. E depois contava para a ‘andarilha’ ‘fui que nem o teu estilo’ (SILVA, 2015), deixando no ar ‘rebelde’. Rebeldia com sabor de liberdade. Não só foi, como fez uma significativa intervenção de alerta, do que atualmente estamos sentindo na pele – comentou de porque somente dessa vez e nessa festividade a Secretária de Saúde estava presente, que poderia aparecer também noutros momentos e nos demais 18 (SILVA, 2015, 2016, 2017). Deixou para quem quisesse entender, qual era a ideia que subjazia a essa aparição – seria que no ano subsequente haveria eleições municipais e era preciso ir preparando o “terreno”? Mãe Preta de algum modo estava alertando aos avisados e desavisados do que estava em jogo e é o que estamos vivendo em pleno 2017, uma prefeita que apoia investimentos no sanatório local, retrocessos na saúde mental.

Das tensões entre ‘nós’!

Nós tínhamos nossos nós, no jeito de pensar, de viver e que nesse encontro, a ‘andarilha’ foi desatando alguns de seu nós, afirmando outros, como o encontro com a Mãe Preta a qual lhe provocava que pensasse sobre no quê em quê estava se (des)amarrando, dentre eles o próprio preconceito, e que isso é um processo que não pode servir para naturalizar os mesmos, mas justamente o seu contrário, para colocar(se) em análise permanentemente.

A Mãe Preta era visionária e tinha uma maturidade em que a ‘andarilha’ era aprendiz, e ainda não tinha. Em uma das sessões do Cine Mental, houve um conflito entre o pai Zé e a Santa Helena que se remete a mãe Vanilda, partilhando a situação. E isso, não era pra menos, mobiliza a mãe Vanilda, pois como alguém desrespeitar outra pessoa na Associação, como ela mesmo dizia ‘se achando mais que a outra pessoa’ e que iria colocar na próxima reunião para que não acontecessem mais as sessões de vídeo. Punição doída.

Ela, tinha suas razões, mas, a ‘andarilha’ contra argumentou pois pensava que ambos poderiam se entender, e que havia potências de produção de vidas, de empoderamento e protagonismo via essa dispositivo do Cine, obviamente, desde que ninguém desrespeitasse as outras pessoas. Então, sob muito diálogo, produzimos um consenso, de se experimentar por mais algumas sessões, atentas ao que acontecesse. E a ‘andarilha’ começou a desejar que tudo transcorresse bem nas sessões do Cine Mental. E transcorreu e é uma das atividades potentes, que persiste.

O Cine é conduzido pelo pai Zé, que na maioria das vezes ficava papeando enquanto os parceiros arrumavam os equipamentos e o que já era motivo para muitas brincadeiras e risos (Figura 97). Essa função teve um interessante efeito na vida dele, de outras pessoas e na nossa vida. A questão era que ambas defendiam o pai Zé, uma como filho e a outra como pai. O pai Zé 'perequeté' como dizia Mãe Vanilda, era seu filho do coração, mas que ela não hesitava em chamar a atenção, se entendia que fosse o caso. Já a 'andarilha', como o considera como seu segundo 'pai', tendia ás vezes a defendê-lo, não que precisasse, mas acontecia. A 'andarilha' e seu pai Zé sempre foram muito parceiros nessas andanças e tinham a Mãe Preta como mãe.



Figura 97 – Pai Zé , coordenador do Cine Mental. Pelotas/RS. 2016.

Ante a ideia dele ir para São Paulo no Congresso Brasileiro de Saúde Mental, Mãe Preta preocupada em como seria para o mesmo, estava um pouco relutante de que ele fosse. E a 'andarilha', com o brilho que via nos olhos dele para participar destes momentos, não hesitou em conversar com a Mãe Preta para que apoiasse a sua ida. A 'andarilha' entende o posicionamento de Mãe Preta. Era preocupação, tinham histórias de quase 15 anos ou mais juntos. Foi ela uma das pessoas que o recebeu no Centro de Atenção Psicossocial Escola, era ela que cuidava dele quando saiam para viagens. Seu filho (Figura 98). O segundo 'Pai' da 'andarilha'.



Figura 98 - Demonstração de carinho, Pelotas/RS, 2016.[174]

Mãe Preta contava com frequência à 'andarilha', que ninguém sabia do aniversário do pai Zé, até que ela deu um jeito e descobriu a data e desde então, começaram a comemorar. Que a primeira festa foi no Laranjal, um trabalhador se negou a buscar de carro o bolo, mas que ela em parceria com outro trabalhador maluco pela vida, no caso o Izamir Duarte de Farias, levaram de moto a torta, que não era pequena, do centro para o Laranjal (SILVA, BORGES, 2014-2017).

[174] Demonstração de carinho. em apresentação do grupo Musical Los Lokos no lançamento do livro Poeticamente do Zacaria, Pelotas/RS, 2016.

E essa comemoração deve ter sido intensa, tanto que os três já relataram mais de uma vez a ‘andarilha’ sobre a mesma. É a afirmação da produção de diferenças, que se não dá de um lado, dá-se por outras perspectivas. Como a água, que ao se encontrar com um muro, pode seguir outro destino ou a depender da intensidade das forças agenciadas, derrubá-lo. É o que nos leva a pensar sobre os manicômios e as manicomialidades que nos habitam.

Mãe Vanilda era assim mesmo, não só preocupada em ajudar as pessoas, mas de uma sensibilidade, afeto e originalidade que não a deixavam de pontuar o que achava necessário, como fez com um companheiro e o Claudionei. No caso desse companheiro, sua mãe pediu, quase implorando a Vanilda e seu Ivon que não desistissem dele. E tiveram uma conversa com o mesmo, que desde então, segundo a Mãe Preta ele “tomou jeito” (SILVA, 2015, 2016). A andarilha não conhece os meandros deste caso, mas o traz para fins de demonstrar como era a Vanilda com as pessoas, com um ‘pulso firme repleto de generosidade’.

O mesmo ocorreu com o Claudionei, ela e seu Ivon, como ele mesmo conta “chegaram a gastar a sola do sapato, mas não desistiram de mim” (FERREIRA, 2017) e ainda acresce que acha que valeu a pena. Essa dupla de amigos/as, militantes, implicados com o que viviam e defendiam, Mãe Vanilda e seu Ivon nos dão um recado importante, de que nunca desistamos das pessoas, por mais difíceis que elas possam parecer ante a qualquer coisa, pois quando as pessoas sentem que valem a pena, que tem valor, elas respondem, é uma questão de tempo, de paciência e persistência.

A ‘andarilha’ observava atenta a relação da Mãe Vanilda com a Santa Helena, que muitas vez não era ou se sentia compreendida nos mais diversos locais. Mãe Vanilda com sua sutileza perceptiva a acolheu não somente na Aussmpe, mas também em sua vida (Figura 99), pois como dizia para a ‘andarilha’, ‘muitas vezes o que as pessoas precisam é de um abraço, de um gesto de carinho, de atenção’ (SILVA, 2016, 2017). E a ‘andarilha’ testemunhava esses lindos momentos, que a si eram e são muito significativos.



Figura 99 – Roda de chimarrão na casa da Mãe Preta, Pelotas/RS, 2017.

A ‘andarilha’ observava atenta a relação da Mãe Vanilda com a Santa Helena, que muitas vez não era ou se sentia compreendida nos mais diversos locais. Mãe Vanilda com sua sutileza perceptiva a acolheu não somente na Aussmpe, mas também em sua vida, pois como dizia a ‘andarilha’, ‘muitas vezes o que as pessoas precisam é de um abraço, de um gesto de

carinho, de atenção' (SILVA, 2016, 2017). E a 'andarilha' testemunhava esses lindos momentos, que a si eram e são muito significativos.

Houve um deles, na inauguração de um determinado local, em 07 de abril de 2017 (Figura 100), uma instituição que expandia seus espaços, e que Santa Helena retira da bolsa um pão com linguiça o que despertou os olhares de algumas pessoas, que talvez o fosse porque estivessem com fome, e Mãe Preta lhe disse que se pudesse faria a mesma coisa, para que 'não passasse vergonha sozinha' (SILVA, 2017). Era uma forma de enfrentar o preconceito quase ingovernável das pessoas, mesmo que para a Santa Helena isso não parecia ser problema e não era, o problema estava nos olhos de quem via e dado a isso, era mais uma das intervenções de Santa Helena de La Sierra no exercício da sua liberdade.



Figura 100 – Registros fotográficos, o primeiro na casa da Mãe Preta, dela e Santa Helena para ir ao ato de inauguração de expansão de espalho e as outras duas já no local, em 07 de abril de 2016. Pelotas/RS.

Ás vezes, a 'andarilha' partilhava com essa pessoa intensa, coerente, prudente que lhe era a Mãe Preta sobre as inspirações e os conflitos com o 'Cabeludo'[175], assim como o era designado no coletivo 'Los Lokos' e 'Aussmpe', e ela lhe dizia para ter paciência, que 'ele não tinha culpa em ser assim' e que 'mesmo não o conhecendo gostava dele', por mais que nas alquimias da razão, lhe dissesse que era um namorado imaginário. Mãe Vanilda sempre lhe foi o endereço certo, o fogo de chão que aquece os invernos, tendo sempre uma palavra amiga para as horas certas e incertas, era a casa de portas abertas. Dizia 'sou analfabeta', mas era letrada na melhor das escolas, a da vida, uma mestra na e em existência e rexistências. E

[175] O 'Cabeludo' fora assim designado quando lhe perguntaram sobre como ele era e informou que era cabeludo.

há muito mais de puro vivido por aí, espalhados e imbuídos nos textos de nossas andarilhagens.

E nos anos de 2015, 2016 e 2017, a Mãe Preta lhe acionava por vezes para burlar as recomendações quanto a sua situação de saúde, no que a 'andarilha' sempre lhe fora parceira e outras pessoas também, dado que nos importava a intensidade de viver enquanto houvesse viver. Isso remetia a 'andarilha' a lembrar da história de vida do Deleuze, que afirmou a vida até o fim e que viu a Mãe Vanilda neste mesmo movimento. Assim, foram em 2015 para um ato em defesa do repasse de recursos para o Hospital Santa Casa no Rio Grande, para a festa de casamento do Anastácio e Eliane em 2016, para Três Coroas no velório do filho de um grande amigo companheiro de caminhada, e na atividade de inauguração na 'Laneira' em 2017, entre outras. Esta última parece que foi ontem e que a realidade atual não é real.

Era a presidenta de uma Associação de Usuários dos Serviços de Saúde Mental - AUSSMPE, fora Conselheira de Saúde, almejava voltar a se somar nesta função, ainda mais quando soube da volta do Luiz Guilherme Belletti para o Conselho Municipal de Saúde (Figura 101), o qual lhe era um considerável companheiro de luta, e dizia ela 'aprendi com o Belletti a perguntar sobre o que eu não entendia naquele Conselho, que quando se entrega um documento tem que ser em duas vias, pois aí não tem como a pessoa dizer que não recebeu' (SILVA, 2014-7). Sempre foi mulher guerreira e porquanto como não dizer que estávamos diante de uma das heroínas de rexistência?!



Figura 101 – Da direita para a esquerda Pai Zé, Mãe Preta e o Belletti. Pelotas/RS, 2017.[176]

Chegando até aqui nesta escrita, e uma voz lhe sopra baixinho "ela é música". E é. É música que (en)cantou vidas. Envolveu muitas pessoas nas suas sinfonias e contribuiu para que tecessem as suas. Por isso, como ela mesmo diz 'é preciso saber viver'. E nesse dizer, 'a andarilha' se remexe em significações. Pois não dá para esperar que a vida seja feita só de ilusões, não para achar que da noite para o dia serão cerrados os manicômios, abertos os serviços fechados, como se vê muitos por aí, alterada a concepção e relação que há com as loucuras, seja a das nossas manifestações de intensidades, seja a das lutas sociais, pois muitas vezes somos considerados/as loucos/as por o fazer. Somos mesmo, e daí?

[176] Figura 109 – Da direita para a esquerda Pai Zé, Mãe Preta e o Belletti. Pelotas/RS, 2017.

Numa flor que tem espinhos você por se arranhar, mas você pode escolher', ou seja, numa sociedade que tem manicômios, manicomialidades, injustiças sociais a gente pode se afetar, mas a gente pode escolher se implicar em mexer nestas realidades ou não, 'toda pedra no caminho' a gente pode retirar, ainda que leve tempo, a depender de nosso engajamento com a vida, se for como objeto ou valor ético. Simples assim!

É preciso saber viver
"Quem espera que a vida
Seja feita de ilusão
Pode até ficar maluco
Ou morrer na solidão
É preciso ter cuidado
Pra mais tarde não sofrer
É preciso saber viver

Toda pedra do caminho
Você pode retirar
Numa flor que tem espinhos
Você pode se arranhar
Se o bem e o mal existem
Você pode escolher
É preciso saber viver"

Composição de Erasmo e Roberto Carlos[177]

E isso altera nossa forma de relação com a existência, de como pertencemos e o que fazemos. Também, no envolvimento e criação de dispositivos que tivemos a oportunidade de compartilhar, como o Esperança, a Aussmpe, o vocal Los Lokos, o coletivo Povaréu Sul e as Tendas do Afeto Popular, ao mesmo tempo em que tinham potência como maquinarias de guerra o eram espaços do cuidado coletivo (e) de si, como estratégias de rexistência. Nossas loucuras são a loucura de tencionar com as loucuras que subjugam a vida e o viver, também procurando nos ampliar e fortalecer nesse processo, em que o afeto e a alegria são combustíveis nessas alquimias da vida e das lutas. Ninguém fará por nós, se não nós mesmos, por isso não dá para esperar que a vida seja feita só de ilusão.

São as loucuras com nome de 'rexistência' e da 'rexistência' com nome de loucura, pois aqui não nos interessa a loucura reduzida á doença. Interessa-nos a loucura da potência, a que rompe com os códigos da normalização, das racionalidades, das regularidades, da burocratização, das que criminalizam inclusive a loucura nessas suas formas de manifestação,

[177] Música composta por Erasmo Carlos e Roberto Carlos a partir de "It's Over' de Elvis Presley, gravada pela primeira vez em 1968 por Ronaldo Luíz e Márcio Augusto Antonucci que formavam a dupla Os Vips'. Fontes: https://www.google.com.br/search?q=ano+de+composi%C3%A7%C3%A3o+%C3%89+Preciso+Saber+Viver&oq=ano+de+composi%C3%A7%C3%A3o+%C3%89+Preciso+Saber+Viver&aqs=chrome..69i57j0.5509j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8.

como rexistência, seja resistências e modos de subjetivação. E de que rexistência se falaria, sem as artes da loucura?

AUSSMPE, 'A USP'[178], uma Universidade de Vida!

Nesta perspectiva de que 'é preciso saber viver', é preciso saber viver sem a segregação das pessoas, é preciso saber viver sem manicômios, é preciso saber viver com a consciência de que podemos ter direitos, dentre eles a uma vida digna, e que as lutas sociais são um dos caminhos para isso, mas com alegria, como energia para fazê-la não somente por si, mas por todos e todas, dado que o que afeta aos outros, de algum modo, também afeta a nós.

E foi por essas vias que nos anos que coincidiu com a nacionalização da Lei da Reforma Psiquiátrica, se começa a tecer a ideia de se constituir uma Associação de Usuários/as dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas – Aussmpe, que foi a primeira do estado do Rio Grande do Sul e talvez até do país, a qual na época contava com atores/as diversos, não só de pessoas assistidas nos serviços de saúde, mas também de trabalhadores/as e outras pessoas da comunidade apoiadores/as deste processo, como melhor narra essa história, um de seus fundadores, Ivon Fernandes Lopes (2017):

> A Associação foi criada em 2001, 2002, é porque na época havia uma grande necessidade, de falta de profissionais, medicações nos CAPS, e muitos CAPS funcionavam, não tinham casa própria, funcionavam junto as Unidades Básicas de Saúde, no caso do Lindóia, do Fraget, que é o Fragata, do Lindóia, do Zona Norte, e alguns aí que não tinham casa própria, então, como havia essa grande necessidade, a gente se juntou, usuários, profissionais e familiares, e criamos a Associação dos Usuários de Saúde Mental de Pelotas. Foi várias tentativas no Conselho de Saúde [para que os CAPS tivessem sede própria], a deputada Miriam Marroni lembra dessa época, estava junto com a gente, o Belletti que tá presente aqui também lembra, então foi uma luta muito grande. Mas a gente conseguiu fundar a Associação, ela é independente, não depende do governo e nem da prefeitura, e ela sobrevive através de doações assim, a gente vende caneta, botton, e cobra, quem quiser pagar 3 reais para ajudar a associação, a gente aceita também, é que se mantém, a gente precisa viajar, algum evento assim, então é um dinheiro que a gente tem em caixa para essas coisas assim, tipo assim (LOPES, 2017).

[178] A USP é como a Ângela Teresa Nobre Pereira escreve AUSSMPE, até porque as pronúncias são muito similares. Isso levou a 'andarilha' a pensar que trata-se de uma Universidade de vida, até pelo que com frequência Mãe Preta lhe dizia "eu sou analfabeta", mas era uma expertise na produção de vida. Então, por isso o título desta forma, dado que a USP, assim como qualquer outra Universidade Pública em visibilidade, então, porque a AUSSMPE teria que passar invisível, despercebida?

A constituição da Aussmpe foi produção de diferença ante a não indiferença a realidade social vivenciada na Saúde Mental, como forma de juntar forças e fazer valer o direito a saúde, direitos sociais. Outra pessoa que participou desse processo de fundação e é importante registrar, foi o seu Anastácio Michelle Costa, o qual é membro da Aussmpe e também, junto com seu Ivon e outras pessoas, co-criador do Programa Gente como a Gente na Rádio Com em Pelotas. Também integra ao Grupo Vocal Esperança, assim como a 'andarilha', a qual tem profundo respeito pela sua trajetória de vida destas pessoas e se sente feliz em vez ou outra habitarmos os mesmos espaços, que mostram todos os dias as pessoas que podemos viver em liberdade, fazer o que os que se consideram 'não loucos' fazem e muito mais, pois afinal quem são os loucos?

Uma outra atora e familiar de uma pessoa assistida na atenção psicossocial que não está mais entre nós, entretanto, vive na fala de muitas pessoas quando narram histórias da Associação, é a dona Otacília Batalha, *in memoria*, a qual, conforme os mesmos, contribuiu muito nessa artesania (AUSSMPE, 2015-2017). E assim, há outras pessoas, como assinalado por Lopes, provavelmente tão significativas quanto. E ainda outras, foram se somando nesse processo e se engajando no cuidado coletivo (e) de si e na luta ante ao objetivo de criação, protagonista, de luta por cidadania e dignidade, afirmação da Atenção Psicossocial como modo de cuidado e por uma sociedade sem manicômios.

Lopes informa-nos que foi criada porque havia uma necessidade que corrobora a outro modelo de cuidado e que para o qual era preciso condições, como a contratação de trabalhadores/as, infraestrutura, pois o atendimento psicossocial geralmente era em sala nos fundos de alguma Unidade de Saúde da cidade (LOPES, 2017). Também, na época, em 2000 e 2001, quando as pessoas chegavam para a atenção psicossocial na UBS era feito uma forma de 'triagem', "se é transtorno mental é pra cá, se não é, é pra lá", o que produzia exclusão de quem precisava e constrangia o acesso (LOPES, 2017). E juntos/as, usuários/as, trabalhadores/as, familiares/as começaram a reivindicar um espaço específico para a Atenção Psicossocial, em uma 'luta que não foi fácil' no Conselho Municipal de Saúde e em outros espaços (LOPES, 2017).

Era o agenciamento de forças em um coletivo que apostava e aposta em projetos de vida, de felicidade, bem como no modo psicossocial na sua efetividade[179], tensionando com as que não apostavam, que se conseguiu o primeiro Centro de Atenção Psicossocial de Pelotas – CAPS Castelo e também, nesta mesma perspectiva, a criação da AUSSMPE. Noutras

[179] Não como a nova casa dos(as) loucos(as), mas na efetividade de forma articulada com a produção da vida das pessoas.

palavras, a AUSSMPE é um broto da luta. Reafirma que só a luta muda á vida, pela criação e desnaturalização do que parece 'normal', que a composição de forças pode alterar os rumos na história e a ordem dos discursos.

Além disso, Lopes (2017) informa que a Associação não depende de governo, que temos autonomia, que é uma sobrevivente, uma resistente. Mas, parece que junto a isso havia a palavra determinação que se somou a de persistência (SILVA, 2016), e que para a 'andarilha' soa como estética de existência e também de rexistência, o que mencionou em uma de nossas reuniões e que foi colhida como a frase de aniversário da Aussmpe "14 anos de existência e resistência". Uma universidade da vida marcada pelo protagonismo e pela solidariedade, o que a 'andarilha' testemunhou, segue testemunhando e vivendo em nossas andarilhagens na fabricação de alegria em uma sociedade que tende a produzir o individualismo e a indiferença, massificando-nos.

Quando menciona a alegria é porque sempre está presente, mesmo nos momentos tensos, de dificuldades, de tristezas, da coragem de verdade. Sempre brota alegria de algum modo. É um motor. E a 'andarilha' testemunha o quanto esse movimento tem nos ajudado a cuidar das pessoas e de nós mesmos, bem como tem atraído pessoas para a Associação que não necessariamente somente pessoas assistidas na atenção psicossocial. Sabe que é trabalho dos e das alquimistas da razão, com os e as quais a 'andarilha' tem aprendido a experimentar e a tecer (o) viver. Talvez exageramos nas doses de Risotril, mas tem sido uma força que não maqueia a realidade, é que uma (im)pulsividade de nossos 'nervos' nos viveres. É tal qual representa o seu símbolo – a árvore (Figura 95).

Conforme menciona Santos (2016), o símbolo significa "um lugar de abrigo nos dias que mais precisamos, e também símbolo da vida" (SANTOS, 2016). E que está ao encontro do que mencionam com outras palavras várias pessoas, que são companheiros(as) de estrada na mesma (LOPES, 2017, SILVA, 2016, BORGES, 2016, SILVA, 2016a, SIMÕES, 2016, GOMES, 2016, ESSARTS, 2016, SILVA, 2016b, Anexo M).

Silva (2016) ao encontro do que nos diz Lopes (2017), comenta que a Aussmpe "surgiu, no momento, tempo que os profissionais tinham liberdade de poder fazer alguma coisa com os usuários, então isso aí foi um conjunto de usuários e profissionais". Detalha ainda quem foram as pessoas que encamparam a primeira gestão desta possibilidade

> começou se não me engano lá no CAPS Castelo, que foi o primeiro CAPS implantado na cidade, e com o nosso primeiro presidente, que foi escolhido, que foi o Anastácio Micheli Costa, e o vice-presidente se não me engano, Ivon Lopes, tah, foram eles que começaram, e a primeira Secretária foi á dona Elizabeth que hoje não está entre nós (SILVA, 2016).

Relata que que quando começou a participar,

> os profissionais tinham que, tiveram que se afastar da associação, mas os usuários seguiram! Então, por isso que a gente tem esse método de dizer que a Associação hoje é dos usuários, é dirigida e coordenada por nós usuários, é de todos, mas é os usuários que tem vez e voz na Associação (SILVA, 2016)..

Essa narrativa recoloca a Associação noutro movimento, com a característica de predominância quase absoluta de pessoas assistidas nos serviços de saúde mental de Pelotas, após que os profissionais se 'afastaram', até a chegada de uma usuária que não era assistida nestes serviços, a 'andarilha', que foi até a Aussmpe por convites, feitos mais de uma vez pela Mãe Preta e outras pessoas, mas principalmente por ela. A 'andarilha' foi movidas pelos vínculos, pelas lutas, vontades de experimentações e porque já fazíamos muitas coisas juntos/as. Então, para a 'andarilha', sua aproximação com a Aussmpe aconteceu no andar da vida, bem antes de se associar ou participar efetivamente das reuniões.

E foi testemunhando o protagonismo dessas pessoas em não deixar esmorecer a Aussmpe, como a fala da Mãe Preta elucida, que a relação entre usuários/as e trabalhadores/as não eram de co-dependência, além do quê, que havia força instituinte que foi movendo essa máquina de fabricação de vida. A 'andarilha' deseja que sempre seja assim enquanto a Associação existir, a força usuária no comando, co-protagonizando nossa história de vida, de sociedade, de humanidade, da loucura, entre tantas outras.

Deseja, pois sempre há forças interessadas em ocupar esse lugar e isso pode interferir no protagonismo, não o incitando. Sendo que este contribui ao nosso empoderamento, autonomia, fundamentais na vida de qualquer pessoa. Também, basta reparar na nossa volta, por exemplo, em quantos municípios na região sul, há junção da força usuária protagonizando?

No processo histórico se construiu que as pessoas com e em sofrimento psíquico deveríamos ser segregadas, obedecer às normas do 'tratamento', quietas, como corpos dóceis. A fala é um direito, que se formos escavar na história, recente, e que ainda, segue tendo que ser conquistada cotidianamente. O processo da Reforma tem 25 anos no RS. E quando essa força fala, mexe com muitas instituições, seja elas a família, os serviços, as escolas formadoras, a sociedade e provoca reações, dentre elas até de tentativas de calar essa nossa voz, pelos mais diversos modos. Não é por nada que Santos (2016-2017) nos diz com frequência sobre ter 'voz e vez'.

Quem tem? Porque tem? Como tem? Onde tem? Todos deveriam ter, mas não é assim que funciona e quem tem pode-se dizer que é um dos efeitos da luta Antimanicomial, do que é

protagonizado no cotidiano, do processo da Reforma Psiquiátrica, da atenção psicossocial, entre outros, como a ‘andarilha’ teve e tem a oportunidade de testemunhar em nossos conviveres. Mas que está relacionado a experimentar.

Foi o que Mãe Preta relatava muito a ‘andarilha’, “antes eu não falava” (SILVA, 2015-16), mas ao passo que foi experimentando, como Conselheira de Saúde, várias vezes presidenta da Aussmpe e palestrante em vários eventos, muito aprendemos com ela. De quem não falava e que tinha muito a dizer. O mesmo, a ‘andarilha’ testemunhou com pai Zé, quando passa a ocupar os espaços com voz. Atualmente, ele é muito autor e ator da e na própria existência. Então, só se Reforma e se reforça que empoderamento não é uma mágica, implica também em possibilidades de experimentação. Seu Uilson é um dos incitadores de experimentação a quem chega no Programa Gente como a Gente, para ocupar o microfone (SANTOS, 2015-16).

A Aussmpe, já, nas vésperas de completar quinze anos de existência, da qual a ‘andarilha’ vem participando por mais ou menos dois anos e meio, nas falas que seguem, de gente com tempos variados de participação na mesma, para si, são uma fotografia do movimento de fabricação de vida que é a Associação, pois somos, nós as pessoas que a fazemos.

A ‘andarilha’ tem a oportunidade de participar por um tempo desta Universidade da vida na loucura de produção de rexistências na relação com as (nossas) loucuras, as da humanidade, as das nossas intensidades, as dos modos manicomiais, da sociedade estigmatizadora, as das lutas sociais, das de defesa de um cuidado em liberdade, enfim, são muitas as (nossas) loucuras, conforme os relatos a seguir, da loucura por direitos, por afetos, por desenvolvimento, da força para sair do fundo do poço, a voz e vez, a camaradagem, a importância, de aprendizado, do respeito pela saúde mental, entre outros.

Eis o que dizem os(as) loucutores(as) sobre a Aussmpe, que protagonizando foram e estão a SUStentar essa Universidade de Vida, fotógrafos desta estética de existência em movimento, pois são os vários olhares, vozes, sentires que (nos) engendram (a) Associação:

> ...tenho bastante colegas aqui, tenho bastante colegas, óh aqui óh, eu gosto da Associação, participar pra discutir, assuntos, aqui óh, ajudar meus amigos dos outros Caps, então, isso pra mim que é a Associação, fazia dias que eu não via o Paulinho, Paulinho é a mesma coisa que meu irmão.... “ (BORGES, 2016).
>
> ...a Associação pra minha vida, ah, foi muito bom pra mim, se não fosse essa Associação, eu gosto muito de vim aqui, mas só tem uma coisa, é de quinze em quinze dias que eu posso vim, tah, e hoje eu tô aqui, ih, pra ver os colegas, hoje, tah...e.... eu te falei, néh, é de quinze em quinze dias, só... (SILVA, 2016a)
>
> A Associação é muito importante pra mim, ehhh, desde que entrei na Associação, a minha vida melhorou muito, a gente aprende várias coisas com nossos colegas,

> mesmo quando chego atrasado, lá venho pra Associação, a gente aprende, aprende bastante coisa com os colegas, uma lição de vida pra gente isso aí" (SIMÕES, 2016)
>
> A Associação pra mim, já faz dez anos que eu participo, é muito importante, a gente se encontra com os amigos, confraterniza, dá risada, a gente chega a alguns assuntos a sérios, (...) é muita coisa, pro desenvolvimento dos usuários, meu, nosso, de todos, (GOMES, 2016)
>
> a gente busca, a gente teima, a gente se reúne, a gente reivindica, a gente vai de trás, já estivemos por esse Rio Grande [do Sul] a fora, realmente, pelo Brasil afora, muitos vão outros ficam, ás vezes, vai uma turma grande, ás vezes vai representantes, nós estamos em todos os lugares, não podemos estar ao mesmo tempo todo mundo junto, mas muitas vezes é a Associação que representa muitas pessoas que não tem voz e não tem vez (SANTOS, 2016).
>
> é um instrumento que nos temos aqui de camaradagem, companheirismo, que a gente se reúne pra tratar de assuntos da saúde mental, é uma luta incansável em prol da saúde, e de todos aqueles que se beneficiam, na cidade de Pelotas, ehh, a gente está aqui pra debater todos aqueles assuntos que, néh, envolve a saúde mental e ajudar, néh, os que precisam, todos aqueles que já estiveram no fundo do poço, acho que esse é um dos objetivos da Associação (ESSARTS, 2016).
>
> "...ah, a Associação é importante pra mim" (SILVA, 2016b)
>
> "A Associação surgiu na minha vida, através da dona Gláucia, dona Gláucia que era um familiar de um usuário do Caps Baronesa, que é o primeiro CAPS que eu conheci. No tempo que começaram, que eu citei lá na frente [no outro vídeo], que os profissionais tiveram que se afastar e não puderam mais seguir ajudando os usuários, aí eles fizeram, a dona Gláucia e mais um outro pessoal, fizeram uma campanha para fazer as carteirinhas de sócio, pra arrecadar mensalidade, se eu não me engano começou com 50 centavos, a pessoa dava o que tinha néh, foi assim que eu comecei a participar da Associação, aí, comecei a ir nas reuniões, aí depois, comecei a ir com dona Otacília Batalha, que foi a dona Otacília Batalha que hoje tenho muito respeito, fico emocionada de falar no nome dela, porque foi uma pessoa que me ensinou o caminho, o que que era saúde mental, o que que era o respeito pela saúde mental, o que era a Reforma, o que que é as deficiências mentais, qual era os nossos limites, qual era os nossos direitos, e mais o Ivon Lopes, Anastácio e uma turma toda, e que eu tô até hoje aí e nessa luta aí, então, eu já vou para o quarto mandato... (SILVA, 2016)

As narrativas expressam como nos relacionamos, vivemos a Associação e não só, mas que esse agenciamento de pessoas mexe com as nossas águas. A 'andarilha' quando se engajou na Aussmpe tinha muito em si a participação em um coletivo de forças para e na Luta Antimanicomial. E não se enganou. Era e é luta desde sua fundação, não somente por ter serviços de atenção psicossocial atendendo as necessidades das pessoas, mas também pelo fim dos manicômios, mas com um tempero a mais, o do cuidado coletivo (e) de si. Compartilhado. Era um outro jeito de fazer a luta, e que tende a aumentar nossa potência de rexistência ao que vai na contramão dos nossos direitos sociais.

Além disso, a 'andarilha' tendia a andar, mesmo sem muita consciência disso, mas que seu corpo era o condutor, por onde pudesse seguir experimentando e construindo zonas em que pudéssemos tentar viver a auto e cogestão, pois em espaços assim, não somente os/as

porta vozes de ‘saber’ e de ‘poder’ podem falar ou são ouvidos, todos e todas podem falar e se sentirem ouvidos/as, que também é uma forma de cuidado político. É uma experimentação, que em muitas vezes não nos é fácil, pois, implica em negociar desejos, nessa potência da produção de rexistências.

São loucuras na produção de rexistência na relação com a loucura. Loucura, pois auto e cogestão em uma cultura marcada pela verticalização e atravessada pelo capitalismo, são formas de navegar na contramão de algumas racionalidades como essas, da hierarquia, do controle e do consumo, não que estivéssemos isentos as mesmas, e não estamos, ou que não atravessassem os espaços por onde andamos, ou até que não fossem necessárias, tanto que a composição da direção da Associação é assim.

Mas, no cotidiano, faz inversões, todos/as nos colocamos no mesmo plano, fizemos juntos/as, no meio e pelo meio, compondo, construindo coletivamente. Tanto, que a ‘andarilha’ quando chegou na Associação, se deu por conta que já estava na mesma há muito tempo, pois já tínhamos tecido vínculos, mesmo que ainda não com todos/as, mas porque nossas lutas se coadunavam.

O tecido em comum das lutas

Também, um tanto é aqui que nos encontramos e/ou coincidimos com a luta de populações, nós mesmos(as), as quais a sociedade capitalista tenta minorizar, desqualificar, como as mulheres, negros(as), indígenas, camponeses(as), LGBTs, entre tantos(as) outros(as), e que nos levantamos como força contra as forças que assim querem nos enquadrar, mesmo que isso possa levar tempo, afinal até ‘Deus é gay’[180] (Figura 102).

Dado a isso, a Luta Antimanicomial não é somente contra as estruturas manicomiais, mas no embate com o manicômio sociedade, não só pelas práticas manicomiais, mas pelas formas de segregação e higienização social de pessoas que não ‘servem’ aos interesses do capital, seja como produtores ou consumidores, pois que lugares para viver se está produzindo?



Figura 102 – Registo fotográfico de grafite em muro na Rua Álvaro Chaves em quase encontro com a Gomes Carneiro, 2016.

[180] Trata-se de uma ironização!

Onde está o manicômio? Há tempos, nas relações sociais. Então não são lutas apartadas, mas singulares, de afirmação da diferença, com principalmente um ponto em comum, a luta pelo direito a existência, com liberdade e dignidade.

Nesse bojo também houve um crescente das forças políticas partidárias de direita que dentre várias ações sentiu-se na pele via estado, nação e município, do conservadorismo, do imperialismo, do Golpe no povo brasileiro, que nos afetam, e porquanto, temos a ver com isso. Primeiro, quando o Luiz Coronel assume Coordenação Estadual da Saúde Mental no Rio Grande do Sul; depois quando negociam, sabe-se lá por que ou sob que condicionamentos, a pasta do Ministério da Saúde e nesta assume a Coordenação da Política Nacional de Saúde Mental 'Valencius'; segue-se no RS, com a tentativa de desconstruir a legitimidade do Orgulho Louco, com ataques em mídias jornalísticas entre outros; recentemente, a tentativa de que não ocorresse o Mental Tchê no ano de 2017; e em Pelotas, o sucateamento e precarização dos serviços de saúde, os investimentos e defesa do sanatório e comunidades Terapêuticas como lugares de cuidado, não reconhecendo a potência da atenção psicossocial, entre outros.

O Golpe que vivemos desde agosto de 2016, demandou de algumas pessoas muita energia, pois a cada dia colhíamos uma nova noticia de desmonte de direitos sociais, como os cortes na educação, na saúde, tentativa de fechamento de vagas de residência, ainda que em especialidades, no município do Rio Grande, fechamento de vagas da Residência Integrada em Saúde em São Lourenço do Sul, transferência de algumas dessas vagas para dentro do manicômio São Pedro, o que não reconhecemos como espaço de formação e sim de alimentação da lógica biomédica, tecnicista, manicomial, capitalista.

Também sofremos os golpes de tentativas de Reforma da Previdência e a consumação da Reforma Trabalhista que alija a força trabalhadora, da explosão da corrupção no país, das políticas de higienismo, do uso da força de polícia para defesa de patrimônios materiais em detrimento da vida. Enfim, mesmo assim, rexistimos, nos levantando do nosso modo, com as nossas armas, com o nosso jeito, com os nossos combustíveis, dentre eles, o afeto e a alegria.

A 'andarilha' usuária!

Mas que usuária é a 'andarilha'? No Brasil somos todos usuários/as de alguma forma, pois o SUS é universal, então, todos/as o usamos mesmo negando ou achando que não. Também, por entender que qualquer coisa que coloque alguém em relação com um serviço, é usuário, seja para assistência, docência, como estudante, como trabalhador/a técnico/a, na

gestão, etc. E ainda, se buscar assistência ao sofrimento quando é quase insuportável é ser usuária, mesmo que noutras redes, então o é.

Buscou alento para suas dores, assim como muitas pessoas o fazem, noutras perspectivas que também chama de rede, mas que dessas não tem saído com o timbre da loucura do estigma, mas como um jeito de andar na vida, ainda que seja louco, das loucuras que nos movem o viver e a viver. Entretanto, convém ressaltar que buscou por estes lugares, pois vislumbrou nos mesmos que encontraria o que atenderia as suas necessidades.

Porque falar também dessas redes? Talvez, justamente por isso, porque além de não nos carimbarem com diagnósticos, não são medicamentalizantes, andam mais na contramão de algumas hegemonias, como modelo biomédico e indústria farmacêutica. Em uma dessas, pela possibilidade de fala ante ao processo de desterritorialização que vivia. Sob diversos aspectos, foi conseguindo achar os fios e (se) costurar territorializações, se devolvendo outra.

Ao se dar por conta disso, começa a reconstruir chão, pois somos os artesãos e artesãs da nossa existência, mas, ás vezes são necessários cutucões, empurrões, mediações, e oxigênio. Contudo, mesmo assim, há uma angustia intensa, que é companheira, e o jeito era conseguir lidar com a mesma e fazer alguma coisa com isso, a qual tem conseguido aplacar pelas andanças, nos co-agenciamentos, com a música, nas lutas sociais, no trabalho com práticas integrativa de cuidado, com as forças da natureza, a espiritualidade, e que pelo menos, para a andarilha essas tem sido suas terapêuticas e também formas de reação ao que não conseguimos permanecer indiferentes. Ou seja, ao quê da realidade aciona, afeta, passa em nós.

No evento Ouvidores de Vozes em Porto Alegre em 2016, ao mesmo tempo que sentia se libertando, parecia que o preconceito desabava sobre si. Paranóia sua. Mas como isso é forte! Derruba cachoeiras. Mas de todo modo, foi nas suas andarilhagens pelos grupos Vocais Esperança, Los Lokos, Tendas, Associação, Controle Social, que, de algum modo, passa a lidar diferente com as suas loucuras e se engaja com algumas frentes, tais quais: afirmando que as manifestações de intensidades são inerentes ao humano, e um direito; ainda outra, que nem todos/as por assim experimentar tem que procurar serviços ou qualquer lugar que seja; mais uma, que nestas experimentações que tendem a coincidir com formas de sofrimento, que mesmo ‘loucas’ ou ‘loucos’ como dizem por aí, podemos, somos gente que nem qualquer pessoa.

Então, a ‘andarilha’ era a usuária, que no seu corpo confusão, não andava necessariamente pelos CAPS em assistência, não tinha a experiência de ser assistida em um deles, até porque a vida não se reduz a isso, e não traz isso aqui como um mérito ou demérito,

mas para registrar que ao ingressar na Associação, se envolveu nas atividades da mesma e seguiu no agenciamento do que lhe afetava como os vocais Esperança e Los Lokos e nas lutas sociais, junto e misturada como Aussmpe.

Mas não como representante da mesma nos espaços de construção e gestão de políticas públicas, como a CIES e o GCR, e no controle social, nos Conselhos, Comissões e Conferências de Saúde, pois entende que esses espaços precisam ser assumidos pelas pessoas que foram assistidas nesses lugares, pois tem a vivência dessa relação que a 'andarilha' não tem, bem como a mesma não tem o direito em absoluto de falar de um lugar que não habitou na mesma condição, e nem por essas pessoas. Aí sim, seria ferir protagonismos.

E se registra isso para afirmar que a Associação lhe é um ponto de intensificação de vida, no qual se demorou mais como pesquisadora, devido ao que se sentia aprendendo, se reformando, expresso nas frentes citadas acima e que neste sentido sentia que tínhamos muito o que fazer juntos/as, como o que fizemos e seguimos fazendo, que como pesquisa se narra aqui alguns aspectos e que como luta, segue.

Desviante 'delirante'[181]?

A 'andarilha' e seus desvios do 'CAPS', uma desviante, delirante?! Certamente que sim. Contudo, é preciso pensar sobre esses movimentos que seu corpo confusão teceu. O que o moveu. Seria um analisador, um falador que nem sempre ouvia?! Sentia os efeitos. Talvez desviasse não da estrutura em si, mas de ser nominada confirmadamente como louca, com direito a diagnóstico e tudo o mais. O objetivo com essa escrita não é desmerecer os CAPSs, mas pra contar de como a 'andarilha' se movia, pois nas atividades da Associação com os CAPS tendia a não se envolver.

Mesmo que por cantar com os Vocais e estar nestes lugares muitas vezes, tanto que pessoas lhe perguntavam de qual CAPS era, e dizia 'depende, ás vezes de todos, ás vezes de nenhum, perguntava tem que ser de CAPS?', ainda que em seguida procurava explicar essas suas respostas, pois entendia que as suas intensidades em algum momento da vida a poderiam levar para algum deles e que neste quesito nada nos diferenciava, salvo as nossas particularidades e singularidades, éramos gente como a gente. Mas, porque para existir, a gente tem que ser de algum CAPS?

Nunca participou de Assembleia nesses locais, que era uma das atividades da Aussmpe, nem ao menos para experimentar. Seu corpo algumas vezes, desviava dos CAPS.

[181] Precisa estar em delírio para desviar?

Sentia que isso era potente e é, ainda mais em uma sociedade classificatória, que era muitas vezes as possibilidades que pessoas não teriam noutros lugares como aconteceu com ela mesma, mas que não era suficiente. Eram espaços de convivência, de produção de vínculos, encontros, alegrias, mas nos quais não via outros atores/as que não os/as mesmos/as – usuários/as, trabalhadores/as, familiares, estudantes, educadores/as, gestores/as e ainda quem se interessava pelas causas da 'saúde mental'.

Era preciso mais e esse mais viu a Associação fazendo, disparando produção de diferença, no 'Almoço Dançante', nos Brechós (Anexo M), na festa de 14 anos, nas Tendas, nas mais diversas andanças, envolvidos(as) para fazer bottons, canetas, no controle social, em eventos, enfim, no mundo da vida. Esse mais, quem tem feito, ao seu ver, é a força usuária, não que outros(as) não façam, mas que de modo geral, em consonância com as hegemonias sociais, não se espera que se faça.

Agenciou o encontro de muita gente, que foram a esses eventos pelos laços de amizade, pelo mote do que havia nos mesmos, e até teve gente nesses lugares, para conferir se era isso mesmo (SILVA, 2014, 2015, 2016), se daria certo, afinal, as pessoas proponentes na sua maioria eram ou haviam sido assistidas na atenção psicossocial. Os(As) ditos como loucos(as). E deu certo! Nós, os(as) loucos(as) fizemos! Também, sabemos, que se correlaciona de algum modo por estamos em tempos de Reforma Psiquiátrica, livres, não fomos tão segregados(as), despersonalizados(as), objetificados(as). Entretanto, o mérito é dessas pessoas que protagonizaram esses eventos, derrubando os muros que tentam nos separar da nossa potência de existir.

O movimento da 'andarilha' desatento era noutra direção, que nos colocava em contato com pessoas que pouco nos interessava se eram assistidas ou não em algum lugar. Eram pessoas, pois o mundo não poderia ser dividido em os assistidos, os não assistidos e os desassistidos, os que são e os que não são loucos. Sentia que era preciso tensionar com o muro da segmentaridade, pois o timbre de ser assistido(a) na atenção psicossocial, a palavra usuário da saúde mental, por mais que seja uma forma de afirmar a luta, , ainda nos remete a um lugar de estigma, sob o construído como loucura no curso da história.

Disso, o que se tem não é ter vergonha de ser assistido ou não nestes dispositivos, que estão aí para isso, não é ter vergonha das intensidades que se sente, vive, expressa, é derrubar os muros que não as aceitam ou desqualificam em muitos momentos. É produzir inversões, que o que se desqualifica seja valorizado, como o que vimos tentando fazer, afirmando e divulgando nossas loucuras.

Nossa maior loucura é a de criação, de fazer o que não se espera que se faça, é a de interposição de outros códigos nos códigos de uma determinada racionalidade, como o fazemos em nosso cotidiano, pela ondas da Rádio Com, pela participação em Conselhos, Comissões, Grupos Condutores, Conferências de Saúde, pelas e nas Tendas do Afeto Popular, pelo coletivo Povaréu Sul, participando de diversos eventos quando sentimos que dialogam conosco, com a nossa luta, pelas zonas autônomas de transformação, provisórias no curso de seu tempo, etc., e nestes lugares, nem todas as pessoas sabem ou precisam saber que somos 'loucos(as)', uns/as pelos(as) outros(as), salvo se for para afirmar direitos.

Ainda nessa relação com os CAPSs, houve um tempo que no seu desvio dos mesmos lembra o que nos fala Foucault sobre o panóptico. Houve um período que ao passar nas proximidades dos mesmos pensava 'é melhor passar longe', parecia até certo temor de que fossem ler sua loucura e fosse capturada para dentro do serviço, por mais que a gente sinta quando é considerado(a) ou tratado(a) como os(as) loucos(as) da estigmatização, quando ignoram ou pouco consideram o que a gente diz, entre outras coisas.

Afinal, 'é melhor' não ouvir o que os(as) loucos(as) dizem! Pode ser perigoso! Podem dizer verdades quase insuportáveis de ouvir. Mas isso também era o preconceito da andarilha consigo mesma e em relação a (sua) loucura. Ainda bem, que essa sensação foi passageira e atualmente sua relação com o CAPS, a princípio, tem sido como com qualquer outro ponto da rede de atenção a saúde, mas não como a 'casa' da estigmatização pela sociedade[182], ainda que esta insígnia seja forte.

E a Aussmpe foi parceira, mesmo sem saberem desses movimentos desviantes da 'andarilha', que não durou muito tempo, pois ora e outra estava no CAPS, capturadíssima, ou com os grupos Vocais, ou em reuniões, ou com o pai Zé, etc. Com o tempo, também, fomos identificando parceiros/as que operam nestes lugares e com as e os quais, pela Associação, Vocais, Povaréu e GAAS fomos tecendo a luta. Às agonias, protagonismos.

Entretanto, ser louco ou louca não necessariamente é ou precisa ser um problema, a questão é ser colado ou colada a lugar de não gente, pois quando isso acontece justificam-se muitas atrocidades com a vida humana, como a segregação, hiper medica(menta)lização, a decisão pelo outro, tutelas, violências, etc. Importa sinalizar que mesmo os serviços abertos também podem segregar quando não co-tecem teias com a pessoa e seus laços nos territórios que vive e da sua vida.

[182] A 'andarilha' não consegue imaginar que as pessoas que trabalham, frequentam a atenção psicossocial estigmatizem as pessoas, por mais que isso possa acontecer e implique em descontruir os próprios manicômios.

Então, nessa relação mais próxima com os CAPS, para tecer combate à estrutura manicômio e fortalecimento da RAPS em Pelotas, a ‘andarilha’ testemunhou forças de resistências nestes lugares, tanto para conservar, como para alterar/construir a realidade. Nestas, averiguou-se remadores/as insistentes ante ao movimento de sucateamento dos serviços que vem sendo feito pela gestão municipal com apoio de outras esferas de governo, e que não se refere somente aos CAPS, mas a Atenção Básica e outros pontos da Rede de Atenção em Saúde, o que interfere na produção do cuidado em liberdade, pelo quê a Associação se colocou a caminhar há quase quinze anos.

E que é incansável em escrachar nos mais diversos espaços que tem oportunidade, dentre eles, pelas ondas da Rádio Com, no programa Gente como a Gente, nome este que reafirma a necessidade de derrubar os muros. E com isso não se está dizendo que nas nossas variações de intensidades, de nossos sentimentos, não vamos necessitar ser assistidos nos mesmos ou em qualquer ponto da rede, mas que é o que pode acontecer com qualquer pessoa, então, o que não nos serve é a estigmatização, a classificação entre anormais e normais. Somos todos/as seres do e no mundo, cada um e cada uma com suas necessidades existenciais. Só queremos ser considerados/as gente como a gente.

Na outra dobra, o uso da palavra usuário ou usuária, tem a sua importância, que é, de não se esconder da própria loucura, manifesta singularmente e de reafirmar a luta, e de desconstruir uma das verdades sobre a mesma, de que os loucos e as loucas não são normais, não são gente como a gente, que não tem capacidades. Entretanto, temos, podemos e quem disse que queremos ser ‘normais’, como dizia Nise da Silveira ‘gente normal demais é gente chata’. São outras loucuras no meio das loucuras. Loucuras de resistência a favor da vida como valor ético na contramão das loucuras que a objetificam em uma sociedade de controle, normalização, robotização, racionalização, etc.

Está aí, a Aussmpe como prova viva e(m) tudo o que faz, que nem as instituições templos do saber e do poder muitas vezes o fazem ou fariam, até porque muitas são as que fazem os discursos hegemônicos circularem, ao encontro também do que nos diz Santos (2016), “e essa Associação é um exemplo de alguma coisa que muita gente, mesmo com grande capacidade, mental, se diria assim, néh, não conseguiria....”.

A ‘andarilha’ testemunhou que dentre nós na Associação, desde seu ingresso em final de 2014, vários(as) tivemos ‘alta’ do CAPS, não que isso não ocorresse antes, tanto o é que seu Ivon é um exemplo, ele mesmo se deu ‘alta’. O que a ‘andarilha’ acha magnífico. E ao mesmo tempo se pergunta sobre o que esteve envolvido nesse processo, se não o empoderamento, a autonomia, o protagonismo, seu andar inventivo. E onde estamos falhando,

no processo da Reforma? Onde estamos falhando em Pelotas, que possui CAPS ‘adoidado’ e um manicômio?

Dentre as pessoas que testemunhou processos de ‘alta’, a da Mãe Preta, do seu Uilson, do pai Zé, o seu Jorge, do Claudionei e provavelmente muitos(as) outros(as) o farão, bem como algumas dessas pessoas precisaram devido a contingências da vida o reacionar. Mas, traz isso para o texto, pois a Associação está mostrando o quanto espaços de convivência, tentativas de exercitar a auto e cogestão, o exercício do protagonismo e empoderamento, mesmo diante de coisas que podem num primeiro momento parecer pequenas ou banais, é um motor de reabilitação psicossocial. Quiçá, e não é uma receita, não estaria aí um caminho pra que as pessoas vão encontrando outras possibilidades na vida? Talvez nem precisaríamos de tantos CAPS no município.

Com isso não se está dizendo que se defende o fechamento dos mesmos, salvo do manicômio. Ao contrário. Mas sim, a revisão de como estão acon**tecendo** e do quê e a quê estão se dispondo, bem como os hospitais gerais. A ideia não é fazer encaminhamento de pessoa assistida nestes serviços, como já acontece, necessariamente para a Associação, mas que se tenha no horizonte o fomento a constituição de espaços de convivência diversos, em que as pessoas possam exercitar o empoderamento, protagonismo, entre tantas outras coisas, que possam ser salutares a produção da sua vida e que o estar na Associação sejam porque algo acionou o desejo das pessoas de estar neste espaço e não por ‘transferência’.

Então, nestes dois anos e meio, a sensação é que bagunçamos as relações entre a força usuária com serviços, escolas formadoras, sociedade, enquanto se cultivava outras relações com a loucura. Andamos mais como a frase de Boaventura de Sousa Santos, misturados/as quando a diferença nos inferioriza, classifica, rotula, e diferentes quando precisamos nos afirmar (n)a luta. Desviante, delirante?! Nada mais do que atos próprios de loucos(as).

Então, a relação da ‘andarilha’ com as redes era uma coisa, mas e quem vive(u) nos manicômios? Como é a vida dessas pessoas? Consideradas as loucas da loucura da estigmatização? Para seguir insistindo na luta de fechamento dessas estruturas e combate as manicomialidades, que é um exercício permanente, explicita-se por essas vozes o vivido, as linhas de fuga produzidas por essas pessoas, e o acionamento de nossas intensidades e forças para não estar indiferente a esta realidade que ‘mata (a) gente’.

E quem vive(u) nos hospícios que houveram e ainda hão?

Na Aussmpe agenciamos outras e mais forças para seguir na Luta Antimanicomial, na defesa da exequibilidade do processo de Reforma Psiquiátrica, na 'Resistência Mentaleira' que eclodiu a partir destes tempos 'sombrios' que estamos vivendo. E havia e há motivos para isso. Muitas pessoas que participam na Associação estiveram em manicômios. Sentiram e sentem na pele essa vivência. E a 'andarilha' foi acolhendo as histórias que chegavam quando ao vivido pela voz das mesmas. São histórias que contam de seus vividos e que traz aqui para que consigamos avançar no fechamento de todos os manicômios do país, ainda que o momento seja de estagnação e retrocessos. Para que essas histórias não se repitam.

Contamos com a lei gaúcha de desinstitucionalização dos(as) loucos(as) e da loucura deste 1992, seguida da que nacionaliza esse processo em 2001, e estamos em 2017, nada mais, nada menos que 25 anos após e com um sanatório a pleno vapor e outros reinventados. Obviamente, não é um 'mérito' somente de Pelotas. Várias forças mantém esta estrutura 'de pé'.

Dentre as mesmas, o discurso da loucura, de concepção de cuidado, históricas, culturais, econômicas, cômodas, etc. E mesmo assim, isso não surrupia as forças que resistem, que se ocupam em discutir os serviços substitutivos, os novos arranjos manicomiais, outros 'de volta pra casa', no tempo das possibilidades (e) de contratualização das pessoas.

O ano de 1992 foi um divisor de águas, não que antes a essa data não havia práticas reformistas e após não haja o que previu que se alterasse. Mas, um marco, pois conferiu estatuto de Lei que legitima e corrobora para sustentar um processo em curso, no caso o da Reforma Psiquiátrica no Rio Grande do Sul. Não garantiu, certamente. Mas, foi um empurrão para a nacionalização, ainda que com demora de nove anos. Foi uma das forças que foi provocando a inversão de entendimento da loucura e 'cuidado', mexendo no paradigma hegemônico, que chegou a se nacionalizar em 2001, sob o esteio de muitas resistências.

Nas conversas com pessoas 'Gente como a Gente' que integramos a Aussmpe, em muitas, flui o assunto dos hospícios no município de Pelotas. Uma das pessoas lembrou que além dos já 'conhecidos' – Roxo, Olivé Leite, Espírita e Eduardo Cortês, havia o Sanatório Veloso, que se localizava na Avenida Fernando Osório, 2981, bairro Pry Crespo, onde atualmente é um estabelecimento comercial (PEREIRA, 2016).

O Veloso funcionava "tipo a Santa Casa", com internação e atendimento clínico. "Era um presídio" (NOBRE, 2017). E passou a ser hospital. "Tinha peças pequenas". Pela descrição, praticamente dois por dois metros. "Ficavam uns oito homens lá dentro". Sinais

bem evidentes de superlotação e coisificação das pessoas. “As camas eram feitas de concreto”. “Nos isolamentos havia grade, mais ou menos da grossura de um dedo” (SILVA, PEREIRA, LOPES, 2017). Atualmente, nos idos de 2017, se diz vez ou outra “quero ir para o Veloso, porque não existe mais” (SILVA, 2017), ainda que tenha deixados suas sementes, o que não se quer é ir seja lá para qualquer forma de manicômio que for. Se quer afeto, dignidade e cidadania.

O Henrique Roxo foi fundado no ano de 1931, posteriormente passou a ser denominado de Olivé Leite, com frequência nominado também de ‘Olivia Leite’, situado na Av. Fernando Osório, 1586 - Três Vendas. Atualmente o prédio pertence a Universidade Católica de Pelotas – UCPel. Lopes (2017) explicou que o nome Olivè provavelmente seja francês, mostrando a forma de pronúncia da palavra.

O Sanatório recebeu esses nomes em ‘homenagem’ a psiquiatras. Dentre eles, Franklin Olivé Leite. O mesmo era egresso do curso de formação em Psiquiatria da UFRGS e assim como outros, passou a se ocupar da interiorização da psiquiatria no estado, no seu caso, em Pelotas. Tratava-se de uma perspectiva trabalhada no Hospital Psiquiátrico São Pedro em Porto Alegre, de diminuir a superlotação, situações de abandono, etc., que as pessoas fossem ‘tratadas’ o mais próximo possível de suas procedências. Entretanto, tratava-se de lógica de interiorização hospitalocêntrica, segregacional. É nesta perspectiva que surge, provavelmente, o Veloso, o Roxo e o Olivé Leite, seguidos do Espírita.

Das pessoas que trabalharam no Olivé e\ou estiveram internadas no mesmo, seguem alguns relatos de como era o seu funcionamento. O mesmo era coordenado por Freiras. O local constava da ala de homens e mulheres (NOBRE, 2017). As conversas e namoros se davam entre grades ou quando aconteciam bailes (LOPES, 2017). Havia isolamento para quem não se comportasse. Neste local, quem lá viveu, seja como trabalhador, trabalhadora, ou em ‘assistência terapêutica’, presenciaram situações de suicídio. Também pudera, mesmo a pessoa não estando em sofrimento, a tendência era que viesse a desenvolvê-lo, devido ao contexto vivido. Do que também não estamos isentos no ‘manicômio sociedade’.

Conta-nos Nobre (2017), “...não era a minha ala, mas estava por lá e não me neguei em ajudar. De repente, sentimos cheiro de sangue e vimos que saia de um dos isolamentos da ala masculina, sangue escorrendo. Um cara de tanto bater a cabeça na parede se matou. Avisei a ‘frente’, a Freira que coordenava. Pediram que colocasse um lençol sobre. Mas, para o pessoal poder limpar, colocamos o mesmo numa cadeira de rodas. E só depois da sete do outro dia é que iriam levar o cara. E não é que ficou duro. Para retirar de lá, num corredor estreito, pois não queriam que ninguém visse. No transporte, acabou virando a cadeira. Não

foi fácil. O pessoal do IML veio buscar e puxaram os braços, quebraram as pernas para desentortar". A mesma relata que foi incitada a não delatar o presenciado, o que o fez, dado que precisava daquele trabalho, sem saber que no futuro seria também uma interna em manicômio e vítima de formas cruéis de 'cuidado'.

Silva (2017) comenta que era assim mesmo "que não contam, mas quebravam as pernas, braços, se fosse preciso, no IML". Quanto ao evitar que outras pessoas visualizassem, que em outro caso que ocorreu lá, também foi assim, "pra não verem o corpo". 'Quem anda' ao ouvir e registrar essas histórias sente reboliços pelo corpo, mas estas e outras integram a história da Loucura no município.

Lopes (2017) relata ainda, que no mesmo local, 'havia um moço, que a seu ver era um exímio artista, esculpia em madeira', "mas não aguentava mais ficar lá dentro". Certo dia pediu um cigarro a ele. Disse que não tinha, pois "se viam alguém com cigarro, chegavam a avançar". Aí, esse moço conseguiu com outra pessoa. E enquanto fumava lhes disse, 'esse vai ser meu último cigarro'. Depois, outra frase 'esse é o meu último dia'. Aí, as pessoas que ouviram essas frases acharam que ele iria fugir. Quando 'deram falta dele', acharam que tinha fugido. No outro dia, na fila as pessoas esperando pelo café, começaram a reclamar e não abria o espaço para o mesmo. O moço havia se suicidado no refeitório. Quando aconteciam mortes, tentavam evitar ao máximo que outras pessoas presenciassem.

As pessoas que chegavam para internação, neste local, precisavam passar por banho e colocar as roupas do hospital. Mas, os novatos, já começavam a sofrer os maus tratos desde o início, ao encontro do que Silva menciona, "que a tortura começa na consulta" (SILVA, 2017). Dizia Lopes (2017), "eu estava acostumado a baixar, chegava lá, banho e colocar roupa, mas quem não conhecia, os novatos, judiavam mesmo, davam banho ora ducha quente, seguida de fria e assim seguia". Silva (2017) lembra ainda que "devido a isso e não só, a pessoa desenvolvia doenças, resfriados, pneumonias, entre outras e que não davam atendimento clínico. Muitos morreram por causa disso". A situação era delicadíssima.

Lopes (2017) refere 'que até entendia algumas ações dos enfermeiros', pois havia somente um por ala, com em torno de 50 pessoas, para fazer todas as atividades, trocar camas, medicação, e que não dá para localizar só no trabalhador a culpa de muitos dos acontecimentos. Mesmo assim, havia 'enfermeiro parceiro'. Precarização do trabalho e das condições para o mesmo, que ligando a história da loucura no Brasil, começaram a ser denunciadas, somado aos maus tratos e a morbimortalidade das pessoas que estavam internadas nestes locais.

Em algumas conversas com trabalhadoras ou trabalhadores, vigorava os sustentáculos do estigma. Eis um dos episódios, ocorrido lá pelo final da década de 90, Lopes compartilha que "...do Oliviè Leite avistava-se a construção do prédio, do qual havia comprado um apartamento. Sentado ao lado do enfermeiro, comenta que em breve seu apartamento estaria pronto. E o enfermeiro lhe disse "cada dia está mais doido".

Em outra situação, relata que um dia, uma das pessoas internas, 'de família da elite', acabou ficando com um dinheiro no bolso, muito embora isso era retirado das pessoas que internavam, e provavelmente nos que vigoram ainda o seja. Essa pessoa duvidou que ele subiria no coqueiro e pularia o muro do Olivé. Se fizesse lhe daria, o que atualmente equivaleria a uns 100 reais. Lopes subiu no coqueiro, pulou o muro e saiu correndo pelo bairro Dunas. De repente, dois carros da polícia, "pois naquela época era a polícia que nos buscava". Informou-os que iria voltar, que se tratava de uma aposta, "não iria fugir, foi por causa da aposta". E havia sido mesmo, por causa da aposta, mas com o 'timbre' da loucura, não se considera o que a pessoa diz. E a questão é o que a política tinha a ver com isso? E Manicômios pra quê e pra quem, quando talvez quem mais precisasse seria toda a sociedade?! Lembra-se da contribuição do Alienista de Machado de Assis.

E outro fato. Informaram 'vocês vão ganhar um passeio', como se fossem crianças. Não disseram o quê e onde, mas era uma visita a Agrícola, da qual souberam no momento da saída para o tal passei. Entretanto, no dia que 'levaram para passear', foram amarrados em uma corda, em fileira, o que chamava atenção das pessoas nos carros que passavam, e na passada em frente a uma escola as crianças diziam 'olha os louquinhos passando ali'. "Humilhação". "Parecia jardim de infância" (LOPES, 2017). Tempos de Oliviè Leite.

Não muito tempo depois da criação deste, em 1948, praticamente 17 anos após, foi fundado pela Liga Espírita Pelotense o Hospital Espírita. Situa-se na Avenida Domingos de Almeida, 2969, bairro Areal. Registra-se o endereço, caso alguém o entenda como lugar de produção de cuidado![183] Atende pessoas de Pelotas e região e até, se necessário, do Estado ou outras e 'quem quiser'[183]. Tem caráter de filantropia. Recebe recursos públicos estatais e municipais, via Secretaria Municipal de Saúde e Universidade Federal de Pelotas – UFPel, para fins de 'atenção em saúde' e 'custeio' para viabilização de estágio curriculares de alguns cursos de graduação, dentre estes o da Medicina, com atuação em uma perspectiva de contra-reforma, dado que atua na segregação, despersonalização, disciplinamento, entre outras formas de controle e normalização dos corpos.

[183] Trata-se de uma ironização.

Mãe Preta relata, de sua passagem pelo Espírita, também conhecido pela sigla ‘HEP’. Comenta que dado a uma situação de ‘crise psíquica’, a família a leva ao ‘Pronto Socorro’. Entretanto, “pra dar alta do PS teria que passar no Espírita”. Ao chegarem neste local, ela e sua família e ao avistar o que conseguia visualizar da estrutura interna do mesmo, menciona que sentiu “escorrer um líquido pelas pernas e molhar meus tênis, nada melhor que mijar no que é da gente (os tênis)”.

Diz que a psiquiatra que a atendeu lhe disse “tu é debochada, não tem vergonha, tua filha aí, tem que estar falando por ti”. Houve uma tensão para que ela hospitalizasse. Os familiares, esposo e filha, “tiveram que assinar, se não, não deixavam vir embora” (SILVA, 2017). Então, sua estada no manicômio foi de passagem, mas uma passagem suficiente para demonstrar que lugares como estes não cuidam de ninguém, podem inclusive acentuar sofrimentos.

Pai Zé, uma pessoa de muitas amizades. Conta que quando um “tinha alta, vinha outro, o cara [no caso ele] fazia amizade” (AMARAL, 2017). Também narra momentos da ‘praxiterapia’, dentre estes, que uma pessoa em ‘assistência’ lhe disse “duvido que tu beija aquela guria”, e Zé, “eu não, beija tu” e o moço foi lá e beijou “e cortaram a visita dele”. Traz mais um causo real, “que um cara se jogou no chão, embaixo da mesma, aí disse pro ‘Enfermeiro’, diz que vai cortar a visita dele, que levanta rapidinho”. O trabalhador assim o fez. O moço se levantou. Como se vai incorporando o modo de funcionamento e disciplinamento na instituição. O momento de visita era a ‘senha’ para normalização de alguns comportamentos

Relata ainda que “no meu quarto morreu um enforcado com um lençol, meu amigo disse não vamos chegar [perto]” (AMARAL, 2017). Nas suas amizades, o que parece uma forma de resistência naquele ambiente hostil, os ‘enfermeiros’ lhe pediam para dar banho em um senhor idoso. Dizia “não me custa dar banho”. Conta que todas e todos, sem exceção, salvo os trabalhadores e as trabalhadoras, “tomava banho de água gelada no inverno, tudo eles, ninguém se escapava (...) e se secar na mesma tolha do outro se secar”.

Essas narrativas dão às pistas necessárias de o porquê a gente luta e não se arreda da mesma. Essas pessoas e outras tantas reinventaram suas vidas, mas é impossível apagar essas lembranças, então que elas nos serviam para jamais recuar de nossas andanças e da militância por uma sociedade sem manicômios e manicomialidades, mas não menos sem a loucura de viver, do cultivo de outras relações com a loucura, que tenha sementes da defesa intransigente da vida, com dignidade e produção de cidadania na cotidianidade de nossa existência.

Então, como é próprio de loucos(as) a loucura, eis algumas.....

E como é próprio de loucas e loucos fazer loucuras, eis algumas delas, sempre estamos a fazê-la, a dizer que é possível celebrar mais a vida, intensificá-la, e que pode passar pelo cuidado político afetivo, pela ampliação e afirmação da vida, desnaturalizando o que impede a realização da natureza humana, sua potência de existência, em que o remédio da existência, que tem na sua composição autonomia, protagonismo, empoderamento, conhecimento, afetos, alegria. São formas de enfrentamento das máquinas moedoras de gente.

Então escrever esses textos é rexistir, um agir político. É nessas loucuras que a gente se encontra, nas maquinarias de guerra contra as maquinarias de preconceitos, estigmas, de Estado, de sociedade, de obstrução da vida, que nem o foi neste período de final de 2014 até quase meados de 2017, com o Levante Popular da Juventude, os VER-SUS, a Faculdade de Enfermagem e a Terapia Ocupacional da UFPel, o Extremo_SUS, a CIES, o grupo Vocal Esperança, o Vocal Los Lokos, as Tendas, o Povaréu, o grupo de pesquisa As três Ecologias, o GCR, a Aussmpe, o PGG, aproximação com a política de Equidade e Diversidades, o GAAS, entre outras. Então, segue-se narrando destas mexidas na vida.

Antes de conhecer as pessoas que fazem a AUSSMPE, pelas fotos era notório um jeito de andar, ativo, inventivo, resolutivo, combativo, festivo e em movimentos. As paisagens foram mudando, assim como as pessoas e as coisas vão mudando, a partir de encontros, conexões, do que vai acontecendo, como o que ocorre com processos em curso, com a vida (Figura 103).



Figura 103 – Registro fotográfico de reunião da Aussmpe em 19 de dezembro de 2013[184], colhido do acervo de Santos, Pelotas/RS, 2016.

As primeiras reuniões da Aussmpe aconteceram no CAPS Castelo (SILVA, 2016) de depois passaram a ocorrer na sala de Reuniões número 401 do Prédio dos Conselhos. Quando não era viável nesta sala, ás vezes noutra neste mesmo prédio ou na casa de um ou outro da Diretoria, como na da dona Otacília Batalha, na casa da Mãe Preta, entre outros. Neste local, no Prédio dos Conselhos, a 'andarilha' foi em duas reuniões, pois em seguida a Aussmpe, mudou para a OSC GESTO.

[184] Essa reunião aconteceu na sala designada para este fim, no 4º andar, do prédio dos Conselhos em Pelotas/RS.

Mesmo que a foto seja de 2013, mostra que as pessoas se engajavam em Conselhos, Conferências e eventos representando a Saúde Mental de Pelotas, que a gestão com esta incumbência geralmente não fazia (AUSSMPE, 2015-2017), como em plenária na Câmara Municipal de Alegrete em 13 de junho de 2014 (Figura 104). Não é por nada que é recorrente essa fala na Associação, que é a Aussmpe que representa o município de Pelotas por aí afora nos eventos. É a força de luta que mostra a cara e a realidade do que acontece no município.



Figura 104 – Aussmpe representada em atividade na Câmara Municipal do Alegre, Alegrete/RS, 2014.

Também, se ocupavam de outras atividades como forma de solidariedade e de se empoderar na luta cotidiana de defesa dos diretos, como além do sentido na pele em Pelotas, a necessidade de fechamento dos manicômios pelo Brasil. Dentre estas, a visita ao Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre (Figura 105), o qual já deveria estar fechado e sido transformado noutra coisa.



Figura 105 – Visita da Aussmpe ao São Pedro, Porto Alegre. [185]

Além disso, ações como visitas ao Lar de Idoso de Pelotas em 19 de dezembro de 2013 (Figura 106), que não se resumia a essa data. E como não poderia deixar de ser, havia momentos festivos. Como na casa da Sandra Schwantz (Figura 107), dentre outras infinitas atividades e histórias. Sandra sempre esteve coadjuvante nos processos, como lhe disse certa vez que lhe somos os(as) seus amigos(as) parceiros(as) com os(as) quais gosta de andar e, a 'andarilha' compartilha deste mesmo sentimento (SCHWANTZ, 2015).



Figura 106 – Visita ao Lar de Idosos, Pelotas/RS, outubro de 2013.

[185] Essa visita compreendeu o terceiro dia de Mental Tchê, em que saíram dois ônibus de São Lourenço do Sul, destino a Porto Alegre para a realização desta visita ocorrida no primeiro semestre de provavelmente 2011 (LOPES, 2017), pessoas envolvidas na causa de defesa do fechamento dos manicômios.

A ‘andarilha’ ainda não era integrante da Associação, mas de algum modo já era, pelas andarilhagens que fazíamos juntos(as) em diversos espaços, como por exemplo as Tendas, alguns eventos, etc. Em 2014, Mãe Preta convida a todas e todos para ida pra Jaguarão e Rio Branco. A viagem foi uma festa.



Figura 107 – Festa na casa da Sandra Schwantz. Pelotas/RS, 2013.

E assim segue, uma ‘fotografia’ narrativa de como funcionamos, do quê e como fazemos, lembrando que a ‘andarilha’ faz este trabalho movida por afetos, logo, se achou, se perdeu, desviou, viu, não viu, ouviu, não ouviu, que são o som das percepções do que nos constituem humanos. Algumas coisas vão se repetir, pois neste trabalho ora se fala dos pontos de conexão e ora segue mais ou menos a uma linha do tempo, plano em que justamente esses pontos se conectam, um platô, um conjunto de anéis abertos que se interconectam (DELEUZE, 1992, p. 37).

E por ora, se seguirá falando da Aussmpe como ponto de intensificação de vida, força instituinte, ou seja, que produz diferença, a partir de como funciona em autogestão, do que cria, agencia, do que se coloca em análise, do que tensiona com as estruturas de saber e poder, desencadeando “rupturas objetivas e subjetivas em modos coagulados de experiências institucionais, contrapondo à alienação a autonomia” (PEREIRA, 2007), produzindo-se em agenciamento coletivo, ao que nos ajuda nessa conversa Baremblitt (2005, p. 22), como “protagonistas de sus necessidades, deseos, interesses y demandas, potencialidades y limites” [186], concebendo, planejando, gestando e realizando a própria existência “según su próprio entendimento de lo que es libertad, solidaridad y fraternidade, es decir, sus próprios valores”[187], conforme o que segue!

As primeiras vezes a gente nunca esquece!

Como já descrito, a ‘andarilha’ havia estado em uma reunião da Aussmpe que não era na sala ‘oficial’ do Prédio dos Conselhos. Fazia um dia de muito calor. Neste estavam compondo a chapa para a Direção da mesma. E insistiam com a andarilha que participasse na composição, mas para quem estava chegando, não era sócia, de modo algum poderia aceitar

[186] Tradução do espanhol para o português: “protagonistas de suas necessidades, desejos, interesses e demandas, potencialidades e limites”.
[187] Tradução do espanhol para o português: “segundo seu próprio entendimento do que é liberdade, solidariedade e fraternidade, é dizer, seus próprios valores”.

isso. Como poderiam querer colocar uma louca na diretoria? E também não havia ido lá para isso e sim para conhecer. Talvez porque já conhecia a praticamente todas as pessoas e com as quais já tínhamos um afeto de irmandade, cotidianidade. E já se sentiu em casa pela acolhida e não por esse convite.

A segunda reunião foi de eleição da Diretoria, que a 'andarilha' chegou ao final e vibrou do mesmo modo, em que a chapa foi eleita por unanimidade, com Vanilda Pereira da Silva na presidência e seu Ivon Fernandes Lopes Naval como Vice e uma turma, nos demais cargos de composição da gestão. A terceira reunião foi o amigo secreto de encerramento das atividades do ano. Se levava um presente e na hora é que se sabia quem seria o/a amigo/a oculto/a, o que rendeu muita risada. Foi amiga oculta do Ivo Ferreira Gomes, e ganhou uma toalha de rosto, a qual tem até hoje. E quem diria, atualmente somos bons amigos.

Tudo junto e misturado

Era a festa dos(as) aniversariantes da Aussmpe e Los Lokos, do Ivo Airton Ferreira Gomes, do seu Valter, da Neura e do Pai Zé (Figura 108). Foi um dia quente, devido ao clima, mas principalmente aos afetos, aos risos, as brincadeiras, foi uma daquelas tardes em que não sentimos o tempo passar. Eram os jeitos que a gente arrumava pra se encontrar e demarcar que a vida pode ser vivida com alegria.







Figura 108 – Festa de aniversários de membros(as) da Aussmpe e Los Lokos na casa da Mãe Preta, Pelotas, janeiro de 2015.

Experimentando paisagens portoalegrenses!

Em 28 de janeiro de 2015, Mãe Preta, seu Ivon e a ‘andarilha’ fomos para Porto Alegre e foi uma loucura. Fizemos conserto no Mercado Público de lá. Show de talentos. Não ganhamos nenhuma moeda, mas também não havíamos pedido. Compramos e ganhamos maçã seca. Andamos pelo calçadão e depois fomos encontrar Michele Meneses e visitar nosso(a) amigo(a) do Coletivo Povaréu – Arte, Saúde e Educação Popular (Figura 109).



Figura 109 – Andanças com o e a intercessor(a) Guia Mãe Preta e seu Ivon em Porto Alegre, RS, 2015.

Abaixo o coronelismo![188]

Em 2015, com o novo governo de estado, de direita e sob a perspectiva da ‘andarilha’ incompetente, seria bom que os quatro anos de mandato passassem muito rápido, antes que ele destruísse o Rio Grande do Sul. Entretanto, as coisas não funcionam assim. E junto com ele, assumia a Coordenação da Política Estadual de Saúde Mental Luiz Coronel, um psiquiatra, centrado no modelo manicomial e fazendo defesa do mesmo como proposta.

Na aprovação do plano plurianual de ações e investimentos para o ano, no Conselho Estadual de Saúde, era isso que estava contemplado além de outros retrocessos, o que nos causou revolta, e a força mentaleira do estado começa a se (re)articular, nos seus possíveis para tentar estar nessa reunião em 27 de fevereiro de 2015 e tentar barrar isso de algum modo (Figura 110).

Mais precisamente, as forças da região Sul, não que as outras não estivessem mobilizadas, pois o Rio Grande do Sul é ‘grande’ e ás vezes a distância e falta de recursos podem interferi na ação. Ou porque não havia uma articulação em rede para disseminação da informação, entre outras coisas. Mas do Sul, estávamos conectados(as) no que acontecia e nos movíamos no eu achávamos que era necessário, no que nos fazia sentido e também por estarmos em rede que nos acionavam e que acionávamos.

[188] Utilizado em alusão a pessoa que se nomina Luiz Coronel, que assumiu a Coordenação da Política de Saúde Mental Estadual, defensor do modelo manicomial e que não deixa de ser uma expressão do ‘coronelismo’, como forma de dominação de uns sobre outros, fazendo valer as suas regras, mesmo que signifique opressão ao outro. A contra-força a estas perspectivas tem sido a Resistência Mentaleira gaúcha, que se organiza de diversas formas, máquinas de guerra em combate.



Figura 110 – Reunião no Conselho Estadual de Saúde, 27 de fevereiro de 2015, Porto Alegre/RS.

Foi enviado ofício para o Conselho Estadual de Saúde manifestando os propósitos da Luta Antimanicomial, que somos filhos(as) da Reforma e que portanto, não concordávamos com o que estava acontecendo. A reunião foi muito tensa (Figura 110). Algumas coisas se conseguiu segurar, mas outras foram acontecendo na quietude das noites.

Se perdendo e se encontrando em Camobi!

Em 27 fevereiro de 2015 estivemos, no encontro regional da Reforma Psiquiátrica Antimanicomial deflagrado pelo CRP, que aconteceu em Santa Maria. Fomos de curiosos(as) mas de uma curiosidade que valeu a pena (Figura 111), e para representar Pelotas, já que a gestão da Saúde Mental quase nunca ia. Chegamos em Camobi/Santa Maria e ao invés de seguirmos para um lado da BR a ‘andarilha’ rumou para outro, e isso era quase meia-noite. Que loucura!

Quando começamos a chegar em um local que diminuía a luminosidade, a ‘andarilha’ começa a desconfiar que havia se perdido e resolvem perguntar a um moço que passava pelo local. O mesmo nos informou que o lado a que seguíamos, se continuássemos, chegaríamos na base Aérea de Santa Maria. Aí, resolvemos voltar, sob muitos risos e brincadeiras. Ficamos

hospedados/as na casa da irmã da ‘andarilha’. Lá rimos muito também. No dia subsequente fomos ao evento.



Figura 111 - Encontro regional da Reforma Psiquiátrica Antimanicomial, Santa Maria/RS.

Chegamos no evento, e as atividades eram por sala conforme o segmento, o que burlamos e foi interessante, problematizamos também isso com a comissão de organização, pois alegavam que se misturasse inibiria a fala usuária. Entretanto, nos misturamos e observamos o contrário. A força usuária e somente ela ás veze sé imprescindível para o protagonismo e luta de direitos, mas noutros momentos pode ser mais potente derrubando os muros (in)visíveis que nos separam. O evento foi potente no sentido de reafirmar a necessidade de reaquecimento da força da Luta Antimanicomial. Também, desde então, começamos a pensar mais entre nós, também em um encontro da força usuária, dado que um não excluiria o outro e potencializaria, pelo menos essa era a perspectiva.

No retorno de Santa Maria para Pelotas não havia lugar no ônibus da Planalto para todas as pessoas. Quer dizer, havia, mas com um diferencial nos ‘preços’. Eis que Mãe Vanilda começa o teatro do improviso. Fizemos cena na sala da Planalto na Rodoviária, que éramos pessoas assistidas em um CAPS, que a autorização da viagem se encerrava naquele dia, e que precisaríamos voltar todos e juntos e que não dispúnhamos de dinheiro para o pagamento da diferença.

Mãe Preta começou a dramatizar que em breve poderia surtar, as pessoas que nos atendiam estavam muito assustadas, as que estavam na volta também. O pessoal mostrou as carteirinhas de passe livre que constava a situação de saúde e começaram a imitar trejeitos do estereótipo de loucos/as manicomializados. Seu Ivon nesse personagem era muito engraçado. E Ângela, do mesmo modo. Em síntese, a Planalto conseguiu vaga para nós quatro, sentados/as juntos/as no fundo do ônibus. Disfarçamos e rimos praticamente o caminho todo.

Conseguimos voltar todos/as para casa em Pelotas, mas mostrou o quão causa pavor nos outros a loucura associada à doença.

Aussmpe de 'casa' nova.....

De volta as paisagens do Sul, aconteciam os ensaios do Vocal Esperança, de Los Lokos, dentre tantas outras coisas. A Mãe Preta, em um dos ensaios de Los Lokos teve uma ideia que foi fundamental para a Aussmpe, que a 'andarilha' avalia que contribuiu significativamente para o seu fortalecimento. Perguntou a uma das pessoas gestoras da OSC GESTO, que conduzia o Restaurante Popular, sabedora que tinham outro espaço além deste, se haveria possibilidade da Aussmpe ter um espaço por lá. E imediatamente foi aceito e nos acolheram com muita afeição. A perspectiva era de que essa atividade contasse na perspectiva de filantropia da OSC, o que para nós não era problema, dado que a GESTO estava fazendo o que nenhum outro local, nem ao menos o poder público, tinha feito por nós – a possibilidade de ter uma sede, sem tem que dispender dos parcos recursos da Associação. Na voz de mãe Vanilda:

> Iniciou lá pra março de 2015. A gente anos e anos lutando, correndo atrás de um espaço e as pessoas sempre nos enrolando, néh, e aí, numa dessas, surgiu um anjo chamado Maiquel e o Gilmar, que como eles tinham três dias na semana lá vago, nos cederam esses três dias pra nós, onde a gente tem tudo, água, luz, toda a infraestrutura sem pagar nada, porque não temos condições de pagar, que temos secretária, também a nossa disposição lá, então, foi uma conquista muito grande para Associação em 2015 esse espaço, apesar, que tem muita gente que acha que a Associação não prolifera, não vai pra frente, essas pessoas estão com a venda nos olhos, porque só tu participando junto, pegando junto, pra ver o esforço que a gente faz e a luta que a gente tem pra manter a Associação do jeito que está, as pessoas tem que entender que nós somos ex-usuários de CAPS e alguns, usuários de CAPS, que nós não temos poder de gestão na nossa mão, a gente faz além do que a gente pode (SILVA, 2015)[189].

Tanto o é, que a 'andarilha' ao ouvir mais de uma vez a fala da Mãe Preta transcrita acima e a de outro protagonista, o seu Ivon Naval na Audiência Pública da Luta Antimanicomial se desmancha em lágrimas pela boniteza da persistência deste Coletivo Aussmpe (LOPES, 2017; Anexo F). Relatou do modo como foram juntando recursos, vendendo bottons e canetas. Diz Lopes ainda, nas nossas andarilhagens, que 'esse recurso é para ajudar os/as membros/as da Associação', 'ás vezes a pessoa não pode ir em determinado local, porque não ajudar'. A 'andarilha' testemunhou várias vezes isso acontecendo em relação a companheiros e companheiras da Associação.

[189] De sua participação no Programa Gente como a Gente na Rádio Com, que foi ao ar em 12 de dezembro de 2015.

No início, quando não conhecia a história, pensava que se poderia fazer de outra forma, reciclando materiais, reaproveitando, gerando renda com artesanato, etc. Mas a história calou esse pensamento dela. O mesmo aconteceu com uma colega de artesanato. Dado a isso se pensa que sim, é possível e é viável e pode ser interessante, contudo, a Associação não era ou visava ser uma maquinaria de produção de recursos para subsistência, e estavam afim de produção de 'alegrias' que não fosse pelo modo instituído do trabalho, então, porque não algo que pudesse ser mais prático, de baixo custo e mercado certo? E também quem disse, que a Associação não gerava suas saídas antes as necessidades? Sempre foram expertises nisso, pois em contrário não estaríamos aqui.

Além disso, os botos e canetas, também eram dispositivo de conexão, de trocas, além do quê alguns dos mesmos estão a dar recados sociais e/ou a indicar pertencimentos a ideias, coletivos, etc, como o da 'Frida Kahlo', o 'Fora Temer', o de times de futebol como o 'inter', o 'grêmio', o 'Gentileza gera gentileza', 'Los Lokos', o 'Esperança' (Figura 112), essa perspectiva não exclui a de outras formas de geração de renda, desde que faça sentido as pessoas, desde que esteja no nosso desejo.



Figura 112 – Imagem de alguns dos *bottons* da Aussmpe[190].

É provavelmente o primeiro coletivo como Associação, pelo protagonismo, que produziu essa vida intensiva. É a força usuária no comando de seu destino. Somos quem vive, quem sentem algumas das variações de intensidades que podem ser comum a todos/as, mas que nem todos/as passam pela intensidade de suas variações.

[190] Seu Ivon Fernandes Lopes encontrou com uma pessoa que produz bottons no Encontro Estadual da Reforma Psiquiátrica Antimanicomial, promovido principalmente pelo CRP em 2015. E desde então, a Aussmpe passou a fazer os bottons com essa pessoa, dado ao valor de custo. A cada remessa, geralmente Seu Ivon e Ivo vão buscar em Porto Alegre.

Um espetáculo de brotamentos....

A Associação tinha como presidenta e vice, respectivamente, Vanilda Pereira da Silva e Ivon Fernandes Lopes. Na primeira reunião da Associação fomos conhecer o espaço. Nos deram boas vindas, foram muito acolhedores/as. A Aussmpe não tinha um espaço específico para guardar suas coisas. As mesmas eram guardadas na casa de seus/suas membros/as, principalmente da Mãe Vanilda, ou do seu Ivon ou da Sandra ou de outros/as. E o pessoal da OSC GESTO nos acolheu cedendo uma sala para atividades, outra sala em que poderíamos colocar um armário e guardar nossas coisas, e passado quase um ano, nos cederam ainda outra sala, esteticamente muito acolhedora, bonita, em que além do armário poderíamos usar para nossas reuniões.

Tínhamos também na mesma os três computadores e uma impressora ganha em recurso de um projeto enviado pela Aussmpe, gestado pelo seu Ivon com apoio da Vanilda e Anastácio e de toda a composição da Aussmpe e em parcerias (LOPES, SILVA, 2015, 2016, 2017). O projeto foi aprovado, veio recurso via Secretaria Municipal de Saúde – SMS para aquisição de computadores e uma filmadora. Quando se cita SMS, infelizmente, já se pode desconfiar como foi à compra e a qualidade dos equipamentos adquiridos entre outras coisas.



Figura 113 – Reunião da Aussmpe no novo espaço, OSC GESTO, Santos Dumont, Pelotas/RS, 2015.

E nesta data da reunião (Figura 113), em que celebrávamos uma nova sede, também se ampliava possibilidades no espaço[191] localizado da Aussmpe, que antes se reunia quinzenalmente em sala de reuniões no prédio do Conselho Municipal de Saúde, participava de eventos no município e pelo estado do Rio Grande do Sul, tais como em todas as edições do Mental Tchê[192] em São Lourenço do Sul, em praticamente todas as edições do Orgulho Louco no Alegrete, nos espaços de controle social, ou seja, no Conselho Municipal de Saúde, nas Conferências de Saúde, na Comissão Municipal de Saúde Mental, no coletivo de gestão da Rádio Com e eram parceiros com o CAPS Escola na realização do Programa Gente como a Gente.

Com essa mudança, o espaço e tempo se ampliam. Das pessoas da Associação em que se encontravam, praticamente, quinzenalmente, nos foi destinado a terça, quinta e sexta-feira,

[191] Quando a 'andarilha' se refere a espaço, ás vezes é fixo e muitas outras vezes noutras composições.
[192] Nos 12 Mentais Tchês realizados pela gestão municipal de São Lourenço do Sul e o Mental Tchê da Resistência produzido por vários movimentos sociais do estado do RS.

manhã e tarde na OSC GESTO, caso quiséssemos ocupar todos esses dias e turnos. Para tanto, foi nos solicitado um cronograma de atividades, para fins de organização da ONG, dado que também acolhiam outros grupos e desenvolviam outras atividades, o que nos moveu em repensar a Associação. Implicou em novos desenhos.

Diante disso, o coletivo de gestão da Aussmpe, na voz principalmente da Mãe Preta e de seu Ivon, contando com apoio sempre presente do Ivo, tesoureiro, 'o homem do dinheiro' e demais companheiros/as, propõem de ocuparmos os turnos da tarde e que se houvesse alguma coisa para fazer, também o turno da manhã. Após várias sugestões e discussões, decidimos que nas terças-feiras pela tarde, quinzenalmente, aconteceriam ás reuniões da Aussmpe. Mas que no intervalo quinzenal poderia ter outra atividade.

A 'andarilha' sugeriu vídeos, um momento para assistir filmes diversos, temáticos, ou de comédia, mas que se o coletivo da Aussmpe entendesse que fosse interessante. Ela não sabia ainda que o seu Ivon era um exímio conhecedor de filmes. E como é meio desligada, se flagrou somente um tempo mais tarde, quando ele começou a fazer várias sugestões e a buscar filmes, negociar com produções e produtoras, partilhando um vasto conhecimento sobre. Também, em relação a músicas com teor de profundidade e não as rasas de mercado. A 'andarilha' faz esses destaques, não que qualquer pessoa não possa ter esses conhecimentos, mas porque nós, muitas vezes, por sermos de uma Associação de Saúde Mental, podemos ser invizibilizados em nossas potências e andares na vida. Quanto aos vídeos, o coletivo da Associação gostou da ideia de sessão de vídeos e a mesma vinga até hoje e teve vários desdobramentos.

Primeiramente, a Associação trabalhava com a ideia de colher profissionais voluntários para algumas das oficinas, o que mexeu com a 'andarilha', não que não pudesse ou fossem necessários e até possíveis, mas sabia que naquele coletivo havia pessoas que poderiam estar sendo as protagonistas na realização e condução de oficinas e até se desafiando a isso, o que poderia contribuir mais ainda a autonomia, empoderamento, protagonismo, a dignidade e a cidadania. Havia potência instalada ali, muitas das quais só se saberia, se provocadas, já dizia o mestre Uilson Santos 'provocante' (SANTOS, 2015).

Deste modo, muito sob uma perspectiva que não necessariamente tinha que ser o que pensava ou estava sugerindo, mas sugeriu, não nestas palavras, mas de que se apostasse nas potências das pessoas que já estavam na Associação, ainda que tinha a impressão de não ser entendida, pois também estava em um aprendizados de melhorar suas formas de comunicação com as pessoas de modo geral. Além do quê, resvalamos com frequência em nossas manicomialidades, de dizer antes do outro, de fazer pelo outro, e não em composição. A

‘andarilha’ viveu isso o tempo todo, no exercício permanente de tentar respeitar nossos tempos e de não atropelar nossos processos em curso, até que ela mesma foi atropelada. O que foi ótimo. Mas, quem está na chuva raramente não se molha. São sinais de que sentimos a chuva, que estamos vivos(as).

Mãe Vanilda era ótima em tradução, e sem enrolação traduziu o que a ‘andarilha’ sugeriu, perguntando as pessoas o que sugeririam ou como poderiam contribuir, fazendo e/ou conduzindo o quê, ao que foi um show de brotamento de sugestões, que não ficaram somente nas sugestões, se teciam outras formas de pertencimento e de construção da Associação. Seu Valter se dispôs a ministrar aulas de violão, só precisaria de um violão para ensinar. Mãe Vanilda também comentou que havia um moço que era professor de inglês e que se dispunha a dar aulas. Seu Ivon comentou que com a vinda dos computadores poderíamos fazer oficinas de informática e ele se dispôs a ensinar com quem mais quisesse lhe ajudar. Nesse momento a andarilha vibrou muito. Era como se saíssemos de nossos manicômios, ‘Marco Cavalo’[193] em ação nas nossas subjetividades.

Alguém sugeriu que houvesse atividades de alfabetização e Mãe Preta perguntou quem poderia trabalhar com isso, ao que seu Jorge que nunca falava nas reuniões, se prontificou. É o professor. Também houve sugestão de oficinas de embelezamento, ao que a Mãe Vanilda, Sandra, Neura e outras pessoas também se dispuseram e algumas provocações à ‘andarilha’ para trabalhar com o Reiki, com filtro dos sonhos e/ou com dança ao que se dispôs, mas como inserção em atividades que estivessem com outra da pessoa da Associação na coordenação das mesmas, ao que foi parceira (Figura 114). Seu Uilson sugeriu o teatro e a ‘andarilha’ brilhou os olhos. E seu Valter, *in memoriam*, também sugeriu um turno de piadas, até porque ele era um esperto nesse assunto que todos(as) gostávamos e nos divertíamos muito.



Figura 114 – Momento em que tecemos ‘sonhos’, Aussmpe, Pelotas/RS, 2015.

Enfim, foram várias as sugestões, mas são destas que por ora a ‘andarilha’ usando do dispositivo afetivo da memória se recorda, as quais foram desenhando o cronograma de atividades. Também Mãe Vanilda sugeriu que ela mesma ou alguma pessoa da diretoria ou até outra que quisesse atender individualmente alguém que estivesse precisando, pois como

[193] Marco cavalo é o símbolo da Reforma Psiquiátrica italiana, que deflagra o processo de fechamento dos manicômios, o que muito se deseja que se efetive no Brasil.

ressaltava Mãe Vanilda, ás vezes a pessoa “se abre mais com a gente do que com um profissional” e também, como ela dizia, não nestas palavras, mas que havia situações que se conseguia ajudar e até evitava da pessoa ‘parar no serviço’, o que a andarilha testemunhou várias vezes. Era como uma rede de afeto, que produzia essas, digamos, ‘proteções’. Os remédios como a Alquimia de transformar a dor em alegria, contribuíam muito. Havia na composição risotril.

Deste modo, a princípio havia ficado nas tardes de terça-feira de tarde as reuniões da Aussmpe, intercalando com as sessões de vídeo. Nas quintas de manhã aconteceriam às aulas de inglês e na tarde seriam as oficinas de manicure, artesanato e/ou de informática e/ou de violão, mas que sempre haveria encontro por lá para quem quisesse se achegar. Nas sextas-feiras, a aula de alfabetização.

Destas atividades, noutras reuniões eram colocadas em análise pelas pessoas que a vivenciavam, conduziam e no coletivo da Associação se teciam os rearranjos necessários. Deste modo, com a chegada do seu Vagner como membro da Associação, o mesmo passou a ofertar curso de Reflexologia em co-existência as aulas de alfabetização nas sextas.

A Reflexologia é uma prática recém referendada para o uso no SUS, ainda que seja usada há muito tempo. Integra a Política de Práticas Integrativas e Complementares do SUS. Deste modo, a Aussmpe é inovadora em Pelotas neste sentido, quanto a oferta e prática das mesmas, não como serviço de saúde. Em um primeiro momento, se discutiu que fosse somente com os membros da Aussmpe e/ou usuários(as) dos CAPS, mas neste dia, a ‘andarilha’ estava nas suas nuances, e se recorda que tencionou que não se restringisse a essas pessoas, mas a quem quisesse tanto da Aussmpe, serviços, trabalhadores(as) e comunidade em geral, dado que era uma forma de divulgar a Associação, seu trabalho, e de ir desmistificando os preconceitos em relação a nós.

Nas aulas de alfabetização, a Mãe Vanilda que se dizia analfabeta, contribuiu repassando algumas dicas, livros. Quem somos os analfabetos(as)? Incentivou o pai Zé lhe dando de presente um caderno, um lápis e até uma mochila. Na época, em 2015, a turma foi composta então pelo professor, seu Jorge e pelos educandos Pai Zé e um outro moço (Figura 115). Pai Zé, um Alquimista sem solução, comparou não somente as atividades de alfabetização como o Grupo Los Lokos, dado que em ambas tem ‘professor’, como a ‘Escolinha do Professor Raimundo’ e disso, muitas brincadeiras entre as pessoas que participam da Aussmpe e do Musical.



Figura 115 – Turma de Alfabetização na AUSSMPE, Pelotas/RS, 2016.

A ‘andarilha’ soube, em uma das andarilhagens via grupo Los Lokos, que pai Zé não sabia escrever e nem assinar seu nome. Que haviam dito a ele que não teria condições de aprender. A ‘andarilha’ não acreditou no que lhe disseram. Como não havia condições de aprender, se ele cantava solo a música ‘Fuscão Preto’ do início ao fim, sem erros? E mesmo independente disso, como uma verdade pode abreviar a vida de uma pessoa? Que autoridade é essa para dizer isso à outra? E começou a ajudar o pai Zé, assim como seu pai consanguíneo fez com ela, pegando na mão e ajudando-o a traçar seu nome (Figura 116), sua assinatura, a identificar números. Muitas pessoas assinavam pelo pai Zé nos locais.

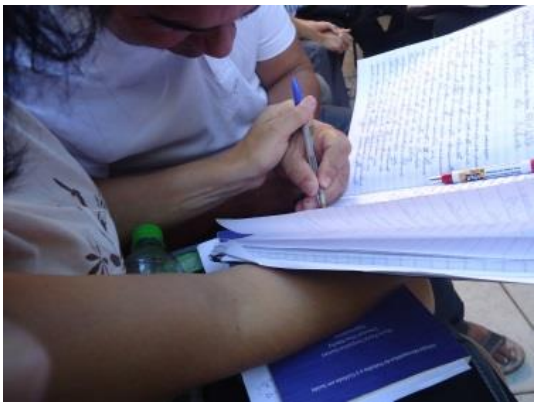


Figura 116 – A ‘andarilha’ ajudando o pai Zé a assinar seu nome, em uma reunião da Associação. Sede da AUSSMPE na OSC GESTO, Santos Dumont, 337 Pelotas, RS . 2016.

Também, diziam que se perderia pela cidade. E a andarilha começa a fazer exercícios com o mesmo, de guia-la pelos caminhos da cidade. Enfim, é muita historia pra contar. E não é por nada que somos pai e filha. É porque tecemos processos emancipatórios, de trocas, um com o outro, pois vira e mexe, ele ‘dá pauladas na cabeça da andarilha’. Nem todas produzem algum efeito, mas a ‘andarilha’ tem andado mais atenta.

E assim, muitas pessoas entraram no embalo (LOPES, 2016). Pai Zé conseguiu identificar onde era preciso descer no ‘Transurb’ em São Paulo, no que a ‘andarilha’ já estava toda perdida. Então, quem disse que não pode, que não é possível?! E sua assinatura, fez pela primeira vez em um guardanapo (Figura 117), em resposta as provocações que a ‘andarilha’ o fazia, e que pelo jeito contribuíram para essa produção.

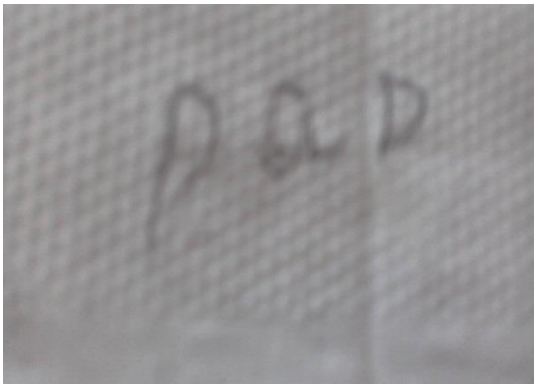


Figura 117 – Primeiro traçado da assinatura de Pai Zé sem ajuda de ninguém. Capão do Leão/RS, 2016.

Essa assinatura ele deu a ‘andarilha’ e está guardada, pois é mais que uma assinatura, é uma música, que diz para nunca se desistir, de viver com as pessoas nas suas potências, pois podemos, apenas nossos tempos podem ser diferentes. E respeitar o querer. Pai Zé, quis. Escrever, reconhecer letras, números, pois a linguagem recorrente pode ser um facilitador na vida, de acesso ao que não se conseguiria. Também para despertar outras linguagens. Pai Zé se localiza por cores, pela disposição das teclas no celular, o que inclusive ficou de ensinar ao seu professor de alfabetização como usar (BORGES, 2016-2017).

As ‘pauladas na cabeça’ que recebia, um jeito figurativo de dizer, também faziam parte da alfabetização da ‘andarilha’, de seu processo de desconstruir suas manicomialidades. A primeira delas foi em uma loja, nas nossas ‘andarilhagens’. Fomos escolher um presente para uma namorada do Pai Zé. Afinal, filha é filha. E seu pai fala na frente da vendedora que lhe daria uma paulada na cabeça. A vendedora ficou assustada e a ‘andarilha’ constrangida. Constrangimento este que lhe levou a se perguntar quem eram os(as) loucos(as), se não ela própria?!

O constrangimento nada mais era do que considerar a loucura como fora de si, no outro. O constrangimento era a feitura do estigma da loucura e que precisava desconstruir. E por isso, é grata ao professor pai Zé, que não cansa de lhe lembrá-la disso, também noutras situações, com outras palavras, tão potentes quanto, para desconstrução dos preconceitos que nos fabricam, principalmente quanto a algo tão nosso como humanos, a loucura como uma experiência humana, de humanidade.

Outra situação que aconteceu na relação com o pai Zé, foi que começou a fomentar que ele tirasse fotos. E nesse momento viu outra funcionalidade para o dispositivo máquina, que poderia facilitar o empoderamento das pessoas. O pai Zé aprendeu o manuseio e quando a ‘andarilha’ foi conhecer sua nova casa, um de seus sonhos que se realizava (Figura 118). Neste dia a andarilha entrega a máquina para o pai Zé fotografar e uma pessoa da família diz ‘mas ele não sabe’ e a andarilha diz ‘sabe sim’. E pai Zé fez várias fotos. As pessoas da sua família testemunharam que ele sabia. Foi um belo momento. Ele ganhou uma máquina fotográfica de presente da família, um celular que aprendeu a ligar para as pessoas de acordo

com os seus códigos de memorização e a ir só para vários lugares sem depender de pessoas que o vão buscar ou acompanhar.



Figura 118 – Registro de pai Zé operando a máquina fotográfica em reunião da Aussmpe, 2016.

Ah, e de seus sonhos, são que o professor e a ‘andarilha’ aprovassem nos seus estudos e que a andarilha encontrasse um trabalho, conseguisse ter sua casinha e ficasse por Pelotas. Fez até promessa para seu protetor de fé, promessa essa que a andarilha se prontificou a ajudar em pagar, além de, se esforçar para que a mesma se cumpra.

Como escrever em rizoma, se vai produzindo conexões com outros pontos da rede do vivido, engata-se novamente no fio a que vinha sendo tecido este texto, sobre o espetáculo de brotamentos e protagonizações no que implicava em novos desenhos na Aussmpe, que não se teceu somente em uma reunião ou no ano de 2015, foi tecendo-se a cada momento, se refazendo, se reinventando, experimentando, conforme segue a narrativa.

Nas quintas-feiras, a princípio aconteciam as aulas de violão, mas não havia violão como já mencionado acima. A ‘andarilha’ quando achou que poderia aprender a tocar violão, pois se tem magia que a contagia é essa, acabou comprando um, bem simples, mas que tocava alguma coisa. Entretanto, a mesma, não tinha muita coordenação cognitiva e nem motora para fazer duas coisas ao mesmo tempo e diferentes, no início de seu aprendizado. E também como se deixou capturar por outras coisas, acabou não conseguindo conciliar com as aulas de violão. Logo, havia um violão a disposição. E pensa, que se há algo em que pode contribuir com a vida de outras pessoas, como parecia ser o caso, destinou seu violão para tocar sons de aprendizados na Aussmpe (Figura 119).



Figura 119 – Imagem de um instrumento de violão, que nas mãos das pessoas pode ser um potente dispositivo/arma e conexões e emoções[194].

Os Mentais Tchês são potentes pontos de encontros. No de 2015, um carro da Secretaria Municipal de Saúde de São Lourenço do Sul veio nos buscar para a realização da Tenda do Afeto Popular no Mental Tchê. Iara Ávila, uma artesã e que opera com biodanza, foi conosco. Com essa aproximação, conhecendo o que a

[194] Se utilizado ao fim que se destina.

Aussmpe vendia, propôs de se ter um momento de artesanato. E se discutiu sobre na Associação e Claudionei assume essa função da relação com a Iara e organização dos momentos, que foi pactuado das 14h até as 16h, na Aussmpe, nas tardes da quinta-feira.

Deste modo, foram vários momentos de artesania, até de se construir uma faixa da Associação com as próprias mãos, que ficou linda (Figura 120). E essa oficina funcionava mesmo que a Iara não fosse. Estávamos, na mesma, também construindo a ideia de cada um(a) ter sua caneca para café, chás, etc., para evitar diminuir gradativamente o consumo de copo plástico.





Figura 120 – Registro fotográfico de momentos da oficina de artesanato. AUSSMPE na OSC GESTO, na antiga sede situada na rua Santos Dumont, 337, centro, Pelotas/RS, 2016.

Este grupo do artesanato era muito engraçado, pois as atividades funcionavam como modo de nos reunirmos, pois mesmo as pessoas que não se envolviam nessas feituras, andavam por lá. Ao mesmo tempo, a ‘andarilha’ testemunhava feliz a alegria de tudo o que vivíamos naquelas tarde, o desenvolvimento de nossas habilidades de desenho, corte, costura, pintura, etc, que alguns de nós até já tínhamos, mas não todos(as) e não que todos(as) deveriam ter ou desenvolver, pois cada um(a) só pode se engatar nos processos, se lhe fizer sentido.

Também, em 2016, conhecemos o Cid Branco e tecemos juntos(as) por um tempo, via Aussmpe, nas quartas-feiras de tarde, um coletivo de Teatro e Palhaçaria. Foram poucos momentos, mas os que houveram, muito intensos. Em uma turma, certo dia, fomos até o Museu do Doce para ver se conseguiríamos espaço para tal e nos solicitaram um projeto, o qual elaboramos, conversamos nesse grupo de teatro que se formava e na Associação. Entretanto, devido a coincidência de agendas com atividades festivas dos CAPS e outras situações, inclusa de saúde de algumas pessoas, acabou o grupo. Durou o tempo que foi necessário. A ‘andarilha’ sente o sabor de saudades, pois os momentos foram muito intensos, pelo que experimentava e testemunhava nos mesmos (Anexo M).

E nas terças, aconteciam as Sessões de Vídeo (Figura 121). Pai Zé se colocou a disposição para coordenar esta atividade. Teve e tem como apoiadores(as) diretamente ligados(as) a esta atividade o seu Ivon Lopes, a Santa Helena da Silva Brem, o Claudionei Fernando, o Uilson a ‘andarilha’ e toda as pessoas da Associação. A ‘andarilha’ no início emprestava um computador que dispunha até que se produzisse outros arranjos neste sentido e incentivava o pai Zé no aprendizado de conexão dos fios, de ligar e desligar as ‘máquinas’, menos a do afeto, pois essa a gente não consegue desligar, nem se ao menos assim o quisesse (Figura 121, foto nº 02). Essa pulsa. Uma de suas fontes de energia é a alegria. Dado a isso, pai Zé começou a dominar as técnicas de montagem e aos poucos a ‘andarilha’ foi se ausentando das tardes de filmes para que ele fosse protagonizando por si mesmo. E deu certo.

A escolha do nome Cine Mental ocorreu em uma das sessões (Figura 121, foto nº 1). Esse nome foi sugestão do seu Ivon Lopes. E percebe-se que já reverberou para outras Associações, organizações da força usuária noutros municípios do estado. Para os momentos de Cine se convidam as pessoas com trânsitos, como trabalhadores(as) ou na assistência, nos CAPS, bem como se faz ampla divulgação via rede virtual facebook e no programa Gente como a Gente na Rádio Com, a quem quiser participar destes momentos (Figura 121, foto nº 3). A escolha dos filmes é por sugestão de quem quiser fazê-la, decidido no coletivo o aceite da mesma ou não. Após a apresentação dos mesmos, geralmente se conversa sobre o assistido.

O temário varia. Filmes que incitam o pensar, o rir, reflexões diversas, a cargo da singularidade de cada um(a) e coletiva.

As sessões do Cine Mental eram divulgadas também no programa Gente como a Gente, assim como geralmente, quando a ‘andarilha’ ouve o programa enviam abraços ao Pai Zé que é o responsável por essa atividade. Mas como, se na sua trajetória de vida, disseram que não seria capaz?! Era, ele o pai Zé, desmentindo as ‘pretensões de verdade’ que disseram sobre si. Seu Ivon Lopes, ou o Claudionei, ou o Seu Uilson, ou a Mãe Vanilda, alguém sempre lembrava de divulgar a sessão de filmes na quinzena. Mãe Vanilda certa vez, em 12 de dezembro de 2015 alertou aos(as) nós companheiros(as) da Aussmpe de nossa promessa, o que era também um jeito de funcionar da Aussmpe, de levar a sério com o que se comprometia.

> a gente também está devendo um cinema a tarde pro pessoal do Fragata [CAPS], numa quinta-feira, então, a gente vai ter que se juntar, se articular e ver uma quinta-feira que fique bom pra todos, pessoal do Fragata, pra gente pagar a nossa promessa, néh (SILVA, 2015)[195].

Além disso, pode-se dizer que as sessões do Cine Mental são potente ponto de encontro, de afetação, de discussão (Figura 121), dentre os temas sobre a Reforma Psiquiátrica, de reforço de seus preceitos antimanicomiais e nos contribuiu significativamente também, a partir de alguns vídeos e documentários, quanto ao controle social em saúde, o que se averiguou pelos efeitos, a presença de várias pessoas da Aussmpe nas Conferências de Saúde, no que nos ocupamos não somente de direitos atinentes a saúde mental, ainda que necessário ser afirmado, mas nos ocupamos com a construção de um SUS que atenda as necessidades e demandas das pessoas. Por ora, o desejo da ‘andarilha’ é que o Cine Mental siga nos empoderando e produzindo vidas.



01

[195] De sua participação no Programa Gente como a Gente na Rádio Com, que foi ao ar em 12 de dezembro de 2015.

02  [196]


03 [197]

Figura 121 – Registros fotográficos de momentos do Cine Mental. Foto 01 – momento da escolha do nome para esta atividade; Foto 02 – Pai Zé fazendo a instalação; Foto 03 – Após sessão de vídeo com visitas de pessoas da comunidade em geral. AUSSMPE na OSC GESTO, na antiga sede situada na rua Santos Dumont, 337, centro, Pelotas/RS, 2016.

A ‘andarilha’ via a Associação em ebulição. Participava mais das reuniões quinzenais e nas sessões de vídeos, pois também gosta muito de filmes, mas conhece pouco, além de considerar esse momento não só como entretenimento, mas que poderíamos tomar contato com filmes temáticos e discutir sobre os mesmos, sobre o processo de institucionalização e desinstitucionalização da loucura. Já tinha ouvido nos grupos vocais Esperança, Los Lokos e na Aussmpe a defesa do manicômio, algo que a surpreendeu e que depois, entendeu que não era de se surpreender e sim de se mover a alterar essa realidade.

[196] Fotografia realizada durante os preparativos para a sessão de vídeo no Cine Mental em 22 de julho de 2016.
[197] Disponível em : <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=832780123473560&set=a.177496059001973.45636.100002247415515&type=3>

Alguém de Los Lokos lhe pergunta o que era a Luta Antimanicomial? E essa mesma pessoa fazia parte da Associação (LOS LOKOS, 2015). Também, nas conversas, de tão enraizado que o sanatório está na cultura, havia muitas pessoas que estiverem em 'tratamento' neste local, e para algumas, achava-se que esse destino era natural e houve um caso, que até o fato da pessoa ser oprimida, agredida, que são formas de violência, parecia fazer parte do tratamento. A 'andarilha' se sentia convocada na desnaturalização do naturalizado como normal.

Sabia que algumas pessoas que trabalhavam nos Serviços ou que eram assistidas nos mesmos, ora ou outra provocavam discussões sobre o manicômio em nossas vidas, mas como são processos, ora ou outra sempre é bom retomar. Contudo, não é a realidade de todo o trabalho desenvolvido pela atenção psicossocial. Para a 'andarilha' o processo de produção de conhecimento, seja individual ou coletivo, pode ser potente ao empoderamento das pessoas afim de que não fiquem ou estejam tão vulneráveis aos saberes e poderes dos(as) outros(as) sobre si, o que se sente, o que se pensa, como se vive, etc.

Nas suas andanças, a 'andarilha' ouviu que era necessário retomar princípios da Reforma com trabalhadores/as que já vinham de uma formação no campo da saúde ou não, mesmo que caberia a pergunta, que formação foi essa que tiveram, ainda que entenda que processos que reacendam contágios ou que contagiem a favor da reforma antimanicomial deveriam ser praticamente permanentes. Mas, retomando o fio, é importante discutir ora ou outra sobre isso com as pessoas de modo geral no serviço, primeiro porque é um direito participar do que diz sobre si mesmo, de que cuidado precisamos. Por isso importa discutir sobre as forças que defendem esse e as que defendem um cuidado que nos anula como pessoa, cidadã e cidadãos do mundo.

Então, sentia a andarilha que era preciso mexer nisso, nessas águas que já vinham sendo mexidas por alguns/algumas companheiros/as da Aussmpe, essas águas que mexeram tanto com suas águas e vislumbrava nas sessões de vídeos como esse momento dispositivo, nessa perspectiva. Seu Ivon e seu Uilson foram importantes apoiadores neste sentido, fazendo as provocações que acabavam colaborando para que fluíssem a conversa que ao mesmo tempo afirmava o propósito a que Aussmpe se movia, desde sua criação, na luta pelo fechamento do manicômio, por direitos que, no momento, já não era mais só na relação com os CAPS, era, sem perdê-los de vista, muito mais na luta por nossos direitos sociais e pelo cuidado político afetivo.

Um dos efeitos da sessão de vídeo foi que justamente essa pessoa que pergunta sobre o que era a Luta, e que esteve sendo assistida em serviço de atenção psicossocial, sua sobrinha

tentou suicídio, sendo internada pela família no sanatório do município. Essa pessoa sentia-se empoderada e começou a tensionar com a família que lá não era local de cuidado (AUSSMPE, 2015). Do mesmo modo, nas visitas ao manicômio quando lhe foram possíveis.

E Mãe Preta e seu Ivon também a ajudaram na conversação com o gestor do sanatório para que fosse dado alta a sobrinha desta pessoa, a qual acabou se responsabilizando pelo cuidado da mesma, ao quê também estávamos atentos, pois havia uma co-responsabilização aí, mesmo que a responsabilidade sanitária deveria ser da Atenção Psicossocial, tecendo redes (AUSSMPE, 2015). Não se sabe se a mesma foi referenciada para a atenção psicossocial e/ou atenção básica, ou só familiar, dado que a internação não foi SUS, o que também não justifica desvinculação.

A pessoa se indispôs até com algumas pessoas família que não concordavam com esse encaminhamento. Provavelmente a voz que ouvia da Sobrinha e da Aussmpe foram o que lhe ajudaram nesse posicionamento e enfrentamento. Sua sobrinha lhe foi imensamente grata, pois relatava que não conseguia dormir a noite com medo de ser estuprada. A sensação ao ouvir essa fala foi de que a punição pelo seu ato foi tê-la colocado naquele lugar, no sanatório Espírita.

Imagina-se o medo de alguém que estava neste local, em uma situação de sofrimento, para ser assistida de forma humanizada e com dignidade, o que é impossível imaginar em um hospício, mas, em que o sofrimento só tendia a aumentar devido a situação. Que cuidado é esse? O do pavor? E isso é cuidado? Então, manicômio ajuda a quem? Um tempo após, essa Sobrinha nos convida para sua festa de aniversário, a qual fomos e celebramos com ela a vida. De algum modo era um ato simbólico, por estar viva. E ela estava bem, alegre. E indaga-se, se a produção de conhecimento não corrobora com o empoderamento? E se o empoderamento não produz vidas?

Fazendo um parêntesis, pois nesta produção de conhecimento, seja pela experiência de si, do andar na vida, a Mãe Preta, experimenta diminuir os seus medicamentos, sabedora dos riscos e do que queria como modo de vida. Também, nesta perspectiva de produção de conhecimento, no caso, seu Ivon, se deu ‘alta’. É alguém que tem um histórico na relação com manicômios, seja no Rio de Janeiro, São Paulo, Pelotas, e depois em Centro de Atenção Psicossocial, que com o tempo ele mesmo foi quem se deu alta, o que infelizmente não parece que seja comum no rol destes serviços. Mas, que reitera que o empoderamento é um movimento crucial na produção de saúde mental. E que quando produzimos lugares no mundo, vamos ficar fazendo o quê nos CAPS ou outro serviços, se há vida no tecer a vida?

Então, pode-se pensar que a produção de conhecimento e o conhecimento em si contribuem e são processos de produção de subjetividade e por conseguinte de rexistências a favor da ampliação de vida, em que vamos nos libertando do que nos amarra, do que se amarra como elementos que vão nos ajudando a andar. Essa é uma das perspectivas. A outra, é o empoderamento, a medida que vamos assumindo a nossa própria voz, a própria vida, que se percebe que é capaz, tende a contribuir para o processo emancipatório. O termo 'alta' lembra o que não queremos lembrar, mas é o que circula nas relações, e por isso mesmo, é um analisador da Atenção Psicossocial.

Tanto o é, que muitas das pessoas que são membras da Aussmpe participam dos grupos Vocais Esperança e Los Lokos e nestes há espaço para a auto e co-gestão com alguns resvalos, mas que também acontecem importantes discussões sobre a conjuntura local, regional, estadual e nacional, o que muito provavelmente também contribui para que na Aussmpe façam valer a luta por direitos sociais, dentre eles o cuidado em liberdade, pelo enfrentamento dos manicômios e manicomialidades. Sabe-se que mesmo assim essas discussões não estão superadas e que precisam ser avivadas de tempos em tempos, pois o manicômio ainda figura para alguns de nós como lugar de 'cuidado' e resolução de problemas na 'saúde mental'. Mas, resolução de problemas para quem?

Outro efeito, da sessão de vídeos, foi que seu Ivon nos trouxe documentários, os quais discutirmos e que foram ampliando nossos horizontes para a participação nas Conferências de Saúde, nas quais nos somamos massivamente. Tanto nas pré-Conferências, quanto na Municipal, Estadual e Nacional. Para a 'andarilha', na Municipal, foi um momento muito significativo, pois via que a produção coletiva de conhecimento é emancipatória, nos lançamos na luta e defesa pelos nossos direitos, pois queremos participar desta decisão e não mais que os outros/as decidam por nós. Intenso, pois é o exercício da cidadania e do direito a dignidade, quando o conhecimento não é negado e é produzido coletivamente.

No decorrer do ano de 2015, mais precisamente após o Mental Tchê começaram a acontecer as pré-conferências de saúde rumo a Conferência Municipal. Seu Ivon e a 'andarilha', que por um tempo também foi Conselheira, como suplente pelo Sindicato dos/as Enfermeiros/as do Rio Grande do Sul, partilhavam nos encontros da Aussmpe, informações do Conselho de Saúde, e se conversava muito sobre a importância de participação nestes espaços como forma de fazer valer nossos direitos, avanços na saúde mental.

Também em uma articulação do Conselho Municipal de Saúde, ante aos atrasos do governo do estado quanto ao repasse para os Hospitais, nos organizamos em caravana para a mobilização no Rio Grande, dado que a Santa Casa de lá estava quase fechado as portas com

significativos impactos para a população, o que não era diferente também noutros municípios do Estado. Aussmpe presente (Figura 122).



Figura 122 – Participação de pessoas da AUSSMPE em mobilização regional para repasse do estado aos Hospitais públicos e filantrópicos. Rio Grande/RS, 2015.[198]

Da Conferência Municipal saímos com alguns delegados e delegadas rumo a Conferência Estadual de Saúde que aconteceu em Porto Alegre (Figura 123). Houve problema nos registros de delegados/as, pelo Conselho Municipal de Saúde daqui, e perdemos a possibilidade de duas vagas para Pelotas, o que tentamos, mas não conseguimos reverter. Para a estadual fomos Ivon, Ivo, a Ângela, Claudionei e a 'andarilha' por outro segmento a fim de não perder mais uma vaga, acabou aceitando a provocação.



Figura 123 – Registro fotográfico da participação da Aussmpe na 7ª Conferencia Estadual de Saúde. Porto Alegre/RS, 2015.[199]

Da Estadual conseguimos que o seu

[198] Participação de pessoas da AUSSMPE, algumas das quais eram/são Conselheiras de Saúde em mobilização regional para fins de atualização dos repasses do estado do Hospitais públicos e filantrópicos. A participação da força pelotense foi articulada pelo Conselho Municipal de Saúde de Pelotas. Rio Grande/RS, 2015.

[199] 120 – Registro fotográfico da participação da Aussmpe na 7ª Conferencia Estadual de Saúde, efeito da participação no controle social, via Conselho Municipal de Saúde, Comissão Municipal de Saúde Mental, Comissão Municipal de Álcool e Drogas, das discussões sobre controle social e propostas para seguir tecendo a política pública no Cine Mental e da participação massiva de membros(as) da Associação na Conferência Municipal de Saúde de Pelotas. Porto Alegre/RS, 2015. Pessoas na foto, da direita para a esquerda: Ângela Teresa Nobre Pereira, Ivo Airton Ferreira Gomes, Claudionei Fernando Oliveira Ferreira, a 'andarilha', e seu Ivon Fernandes Lopes.

Ivon fosse um dos(as) delegados(as) escolhidos por consenso para a Conferência Nacional de Saúde (Figura 124), que aconteceria em Brasília. Sentíamo-nos absolutamente representados/as.



Figura 124 - Registro fotográfico da participação de Ivon Fernandes Lopes integrando a delegação sul na 15ª Conferência Nacional de Saúde. Brasília/RS. 2015.

A ‘andarilha’ levava consigo, que era preciso que todas as pessoas tivessem voz, o junto na potência das pessoas e o uso e oferta de dispositivos como formas que poderiam alavancar, mediar, desabrochar processos. Se perdeu em muitas coisas, foi preconceituosa, e pensa, atualmente, que ao ser mesmo sem querer, não era somente em relação aos outros, pois quando somos preconceituosos estamos sendo também conosco mesmos, nos negando, nos afetando, pois ao se referir a humanidade de cada pessoa, se atinge a si também. Então, sempre é importante se colocar a pensar sobre isso. E certamente, tem/há ações que a andarilha até o momento não se deu por conta que foi/vão na contramão do que defende, pois uma coisa e a discursividade sobre alguma coisa e a outra é a ação, por isso importa também sempre estar e se colocar em análise, seja via coletivos ou individualmente, por mais difícil que possa ser e é.

Além disso, havia duas pessoas que participavam como Conselheiros de Saúde, titular e suplente, no caso seu Ivon Fernandes Lopes e Claudionei Fernando Oliveira Ferreira, respectivamente, e na Comissão Municipal de Saúde Mental que estava em nuances. Também acontecia todos os sábados o Programa Gente como a Gente na Rádio Com. Nestas andanças, o coletivo da Associação discutiu de fazer um almoço festivo que reunisse várias pessoas e

também como forma de mostrar que podemos e temos capacidade de organizar algo, mesmo sem recursos para isso, mas com vontade e capacidade de agenciar redes de afetos.

Mais loucuras por aí

Havia uma agenda de atividades no espaço físico, cada uma delas, extremamente potencializadora, mas como uma Associação que cresceu sem sede própria ou emprestada fomos territorizalizando por várias lugares e isso tem sido um prática, territorializações nômades, o que foi importante também para nossa sobrevivência. Então, mais de nossas loucuras no 2015, com saltos entre 2014 e 2016, pois ao escrever se presentifica o tempo, mas que para não enlouquecer tanto quem escreve, quanto quer for ler, importa situar um pouco no tempo cronológico, como forma de produção de fio de sustentação.

A feitura do almoço dançante, em 11 de dezembro de 2014, contou com várias tecnologias afetivas, do envolvimento dos/as membros/as da Associação, do apoio do grupo vocal Los Lokos seja com pessoas na cozinha produzindo o almoço, na lavação de louças e nas cantorias, do apoio da Família da Vanilda, em que filhas, genros e companheiro acabaram se envolvendo, no leva, busca, arruma, assa, de trabalhadores/as da saúde, mas presentes como cidadãos/cidadã do mundo implicados com a produção de vida, de educadores/as, enfim, éramos uma composição afetiva construindo e ajudando a sustentar o processo (Figura 125).






São
Jorge


























Figura 125 – Registro fotográfico de momentos vividos no Almoço Dançante, realizado em 20 de dezembro de 2014, Sindicato da Alimentação, Pelotas/RS.

Foi um dia intenso, bonito, acionou muitas pessoas. Houve sorteio, pois era bem característico da Mãe Preta nos eventos, de introduzir atividades, novidades, brincadeiras, o que a 'andarilha' lembrava muito das festas que vivia na roça, na sua infância. Enfim, foi um almoço festivo, de encontros, conexões. A 'andarilha' teve a sensação que muitas pessoas ali, sentiram de fato o que era implicação, envolvimento com causas que se acredita, junto na potência das pessoas, envolvimento na construção e viabilização de ideias, e o quão os afetos movimentam muitas coisas. A si ficou reverberando, quem disse que nós, os considerados/as como loucos/as não podemos?

A outra loucura, foi a sugestão de uma colega, também ótima nas ideias, mas que devido a sua situação de vida, não conseguia encampá-las, mas cada um/a contribui do jeito que pode. Que foi a realização de um brechó. O Brechó Festivo que foi realizado em 29 de agosto de 2015 (Figura 126). A sua divulgação aconteceu pela colagem de cartazes em diversos locais, dentre eles em todos os CAPS que atendem o campo e a cidade, nas Universidades, entre outros espaços. Também, se deu via ondas da Rádio Com, no programa Gente como a Gente, 104.5 fm, no dia 21 de agosto de 2015, que vai ao ar todos os sábados, pela fala da Mãe Preta:

> não deixar de falar sobre o nosso Brechó Festivo que vai agora sábado que vem, que é uma maneira de integrar as pessoas dos CAPS, familiares, e as pessoas em geral, porque a tarde a gente vai ter várias músicas, várias pessoas cantando solo, vai ter grupos, provavelmente uma música para cada um pra contemplar todo mundo, néh, mas com certeza, que a pessoa que acho que ir lá, não vai se arrepender, e a tarde (...),a gente vai vender café, vai vender roda de carreta, e também desde já, já queria que a gente desse os parabéns, não puxando o saco nem de um e nem de outro, mas para a Santa Helena do Porto porque ela tem arrecadado coisas maravilhosas, coisas de loja, está de destaque da rainha do brechó festivo (SILVA, 2015)[200]

[200] Da participação ao vivo de Mãe Preta no Programa Gente como a Gente que foi ao ar em 21 de agosto de 2015 pelas ondas da Rádio Com, 104.5 fm.

Foi um evento lindamente tecido nas reuniões da Associação, em que cada um e cada uma foram se envolvendo do seu jeito. Teve até a ideia da Mãe Preta de que se tivesse Rei e Rainha, e teve, o pai Zé e Santa Helena de La Sierra. Quem disse que não podemos ser coroados ou coroadas na vida? Se somos alquimistas da razão, e independente disso podemos, quem nos dirá que não?







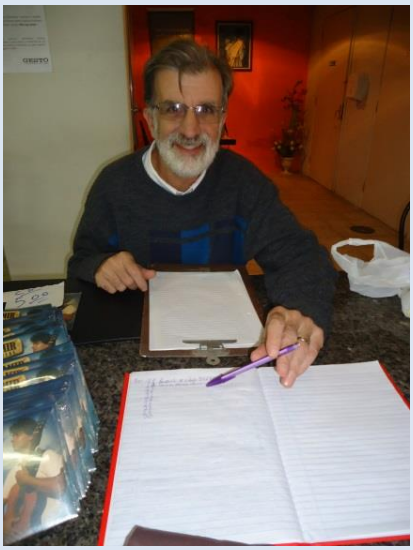
















Figura 126 – Registro fotográfico do Brechó Festivo promovido pela Aussmpe, realizado em 29 de agosto de 2015, Restaurante Popular, OSC GESTO, Pelotas/RS.

E de novo, acionamos a rede de afetos, e foi uma linda festa, pois não era somente comercialização de roupas, de pessoas que doaram o que estavam sobrando ou que não lhes era mais útil e a venda a um valor irrisório como forma de beneficiar a quem não poderia dispender muitos recursos para tal, enfim, era um meio de subsistência também da Associação. Na reunião foi decidido quem ficaria fazendo o quê no dia do Brechó, a programação, que no caso constava do Brechó, de apresentações musicais e café da tarde, com a tradicional roda de carreta. Se conseguiu com o pessoal da OSC Gesto a concessão do Restaurante Popular, se convidou todos os serviços de saúde e gestão, esta última que pra variar, não compareceu.

Então, todos os/as membros/as da Aussmpe nos envolvemos de algum modo, seja na divulgação nas redes virtuais solicitando doações ou em lojas, na organização, etc. Também, solicitamos ao companheiro Marcos que fizesse a arte, já que também era um artista dado a criações, a qual ficou muito bonita. Esse era um dos segredos, sem medo de conectar!

As doações ficaram armazenadas na casa da Mãe Preta e da Sandra. Na casa de Mãe Preta, no dia anterior, a equipe da Associação, mais precisamente o seu Ivon Fernandes Lopes, Ivo, Claudionei levaram os ingredientes necessários para fazer os bolos doces e salgados e a massa das rodas de carreta, na véspera do dia do evento. Mãe Preta relata que fazia tudo de cabeça, e que gostava de fazer suas coisas sozinha. Era uma artista que transformava intensidades em criação, como os lindos e deliciosos bolos.

No dia, até chegar no local, a gente ia se ligando e se mapeando por onde andávamos. A ‘andarilha’ foi já desde manhã. Fomos chegando e nos encontrando e arrumando o local, distribuindo o que era para o brechó, e pessoas já começaram a chegar de manhã e a querer a comprar quando não havíamos ainda disposto tudo nas mesas, mas éramos aprendizes e isso

era também uma forma de inclusão, acolhida. Enquanto isso, a Mery e a Sandra e o Pai Zé e a ‘andarilha’ xeretando, se construía a faixa do Rei e da Rainha que desfilariam na tarde.

O pai Zé gostou da ideia. E presume que essas atitudes inventivas também contribuam para o empoderamento das pessoas. A Santa Helena, comprou um vestido novo, foi no cabelereiro/a, se maquiou, estava linda. Ambos coroados/as desfilaram por todo o evento, muitas fotos com as celebridades de nossos corações e mentes, danças, e foi um momento muito bonito. A família de Santa Helena esteve presente acompanhando esse processo. Do pai Zé, a família éramos nós, éramos a sua outra família, diferente da consanguínea, que inclusive ele se porta até de outro modo, muito a vontade. E também havia confiança da sua família, quando ele andava com a gente, mesmo que já tivéssemos subvertido algumas ordens, salvo a Mãe Preta.

A tarde, muita gente, mas muita gente mesmo. A ‘andarilha’ estava de um lado a outro conectando os pontos cardeais no mesmo plano. De repente estava ajudando na organização, de repente nas vendas, o que nunca foi muito sua praia, participando das apresentações dos Vocais, do Esperança e do Los Lokos, aconteceu poesia na tarde e outras apresentações. Também precisou ajuda na cozinha, lá foi ela, aprendendo e ajudando e talvez até atrapalhando.

Deste evento, para a ‘andarilha’ não havia como dizer quem éramos as pessoas que são/foram estigmatizadas com uma das loucuras, aquela do processo histórico. Era um evento de portas abertas, aberto e tecendo com a comunidade sociedade, que nos colocava em uma lateralidade de sentido, de convívio, festiva, que diluía as fronteiras do saber e poder. Experimentávamos de outro modo ‘o gente como a gente’.

E se for para afirmar, sim, somos os loucos, e nossa loucura foi tanta que organizamos o Brechó. E a Aussmpe mostrou o que poucos defendem e apostam, o cuidado em liberdade e ‘os/as loucos/as’ no comando. A ‘andarilha’ como mais uma louca no cenário da existência, sentia-se imensamente feliz de participar com esta turma, em que nos ajudamos a potencializar (nossas) loucuras. Haja química, mecânica, panópticos para nos conter! Estamos afim de que nossas perturbações perturbem o social, os modos de cuidado, as políticas públicas, e inclusive o próprio Estado.

E de tanta loucura, reeditou-se o brechó, só que desta vez, foi o Brechó Primavera, em 17 de setembro de 2016 (Figura 127).



Figura 127 - Registro fotográfico do Brechó Primavera promovido pela Aussmpe, realizado em 17 de setembro de 2016, Restaurante Popular, OSC GESTO, Pelotas/RS.

Nos entremeios, Tendas do Afeto e outros eventos

A Associação tinha uma agenda de atividades no espaço emprestado como sede e outras tantas fora: realizou o Almoço, os Brechó, participou das Conferências de Saúde, se envolvia também com o Povaréu e dado a isso com as Tendas do Afeto e com eventos que com este também agenciava, como foi a Tenda da Loucura no 18 de maio de 2015 no Rio Grande, que foi relatado no texto 'Mãe Preta, ela é música', e com os eventos de divulgação pré-Congresso Latinoamericano de Saúde - CLAS, que ocorreu em 28 de agosto de 2015. Foi para o Orgulho Louco, e assim eram/são nossas movimentações.

Nos entremeios a essas e outras atividades, aconteciam Tendas e muitas outras coisas, obviamente. Se pinça alguns destes momentos. Em 07 de março de 2015 aconteceu a Tenda do Afeto Popular no Bairro Getúlio Vargas no município do Rio Grande (Figura 128). Era alusiva ao mês da Mulher. Aproveitamos para tecer entrevista com a Rádio Com de porque marcar essa data, na qual falou a Mãe Preta e a Michele. Também, na Tenda mesmo que programávamos, mas na hora reprogramávamos ao visualizar o cenário, sentir o que se passava e o que poderia ser interessante. Então, houve a entrevista, prática de Reiki e roda de conversa sem tema específico, nem mesmo da ou sobre a mulher, mas nessa liberdade, se observou que as pessoas foram ocupando espaços, conversando e não só o da Tenda.

Era como a plantação de um dispositivo para conversa livre, pois quando nos damos a esses direito sem estarmos com uma tarefa ou tema pré agendado para debater? Algumas pessoas até não entendem ou ficam esperando para quando vai começar a roda, até que como não chega ninguém para fazer isso, as conversas seguem. Vez ou outra fizemos isso nas Tendas. Não é que não temos assuntos para problematizar, é que as pessoas sejam livres nesse e fora deste espaço, para criar, agenciar, conversar, etc., pautarem ao invés de serem pautadas. Neste evento conectando vários pontos de intensificação de vida, o Povaréu, as Tendas, a Aussmpe e o Programa Gente como a Gente, entre outras.

1  2 

Figura 128 – Tenda do Afeto Popular no Bairro Getúlio Vargas no Rio Grande, RS, em 07 de março de 2015.[201]

[201] Acervo de fotos do Coletivo Povaréu Sul, 2015.

Em 27 de abril de 2015 fomos, como Povaréu, e que no qual a Aussmpe participa para realização de Tenda do Afeto na 3ª Coordenadoria de Saúde de Pelotas, como um espaço de cuidado ao/a trabalhador/a (Figura 129). Convidou, fomos! Passamos por cada setor na 3ª CRS convidando as pessoas para participar. Foi interessante, pois além de uma conversa em que nos sentimos alimentados pelas trocas, a realização do Reiki que sempre estamos fazendo não só nas pessoas, mas no espaço, na Tenda como um todo, presenciamos deslocamentos.

Da loucura de um dia de trabalho para experimentação de outras loucuras, cuidado de si com o outro, principalmente quando a gente se coloca a conversar não somente sobre o que nos afeta, mas a um coletivo de trabalho, a um coletivo de pessoas. A conversa como uma forma de cuidado. A possibilidade de fala. E de repente, encheu de gente por lá. Que loucura bem boa foi essa!



Figura 129 - Tenda do Afeto na 3ª Coordenadoria de Saúde de Pelotas/RS, 2015.

Em 7, 8 e 9 de maio de 2015, acontecia o Mental Tchê, em São Lourenço do Sul. Era o 11º (Figura 130). Nesse Aussmpe, Povaréu, Esperança, Los Lokos, CIES, pessoas do Grupo

Condutor, Conselheiros de Saúde de Pelotas estávamos todos/as por lá no Tendeu, dispostos a tecer e viver esse evento que nos é tão importante na luta mentaleira. Foi nesse Mental que Iara conhece a gente. Encontramos também o amigo que fomos conhecer em Porto Alegre, no início do ano, o Lairton Martins, os/as companheiros/as do grupo de Teatro Nau da Liberdade, entre tantas outras pessoas. Mental Tchê é assim. Teve até roda de reunião da CIES no espaço da Tenda, que se abria como desabrochar de flor, em que as pessoas iam entrando na roda.



Figura 130 – Tenda do Afeto Popular no 11º Mental Tchê, São Lourenço do Sul, RS, 2015.

O CLAS aconteceu no Uruguai coincidindo data com a Conferência Estadual de Saúde, o que inviabilizou nossa participação como Aussmpe e Povaréu, mas sabe-se que se lotou um ônibus do Rio Grande destino a Montevideo. Efeito do pré-CLAS tecido pelo Povaréu em pareceria com a Aussmpe (Figura 131). Para esse evento fomos acionados no encontro Estadual da Luta Antimanicomial que aconteceu em Porto Alegre.



Figura 131 – Pré-CLAS promovido realizado em Rio Grande, promovido pela comissão organizadora do evento, Povaréu Sul e Aussmpe em parceria com a FURG. 2015.

Nas vésperas do Orgulho Louco no Alegrete/RS e nós sem dinheiro para custear nossos deslocamentos. Decidimos então solicitar a Van da Saúde Mental, que sob algumas insistências nos foi concedida. Era um momento importante a participação, não somente pela afirmação da Luta, pelo que nos afeta, pelos amigos e amigas neste local, mas porque neste mesmo ano havia sido celebrado no calendário do estado como um dia oficial, ainda que sob críticas do modelo biomédico, que tentou desmerecer em jornal e recebeu as respostas que precisavam, para entender que a melhor forma é que nossas loucuras tenham liberdade de expressão e como forma de cidadania.

Fomos agenciar o carro van para ida ao Orgulho Louco de 2015, que foi uma loucura (Figura 132). Tivemos uma leve tensão com a gestora da saúde mental da época, dado que por vezes, acham que as pessoas que foram ou são assistidas na rede são seus 'escravos(as)'. A 'andarilha' pensa que por vezes, se vai tranquilo/a para os/as embates, mas há situações que se precisa ir um pouco 'armado/a', no jeito de se posicionar. Quiçá aprendizados. Mas, de tudo o mais lindo é que sob algumas tensões, nem um/a técnico(a) foi junto, o que é um tanto 'regra' no município, que um(a) técnico acompanhe. O que para a andarilha era a expressão de só mais uma forma de manicomialidades, infantilização das possibilidades humanas. Quem disse que precisamos destas tutorias para andar na vida?



Figura 132 – Orgulho Louco 2015 no Alegrete, com o seguinte recado 'Amai-vos uns aos Loucos'.

A Associação que participava das Tendas do Afeto Popular, dentre elas – a da Loucura em Pelotas, realizada em 18 de maio de 2014, Tenda do Afeto Popular com trabalhadores/as da Atenção Básica em Rio Grande em 17 de dezembro de 2014, Tenda do Afeto no Bairro Getúlio Vargas no Rio Grande na programação do março lilás no município, referente ao mês da mulher; Tenda do Afeto Popular na comunidade Bolaxa no Rio Grande, Tenda do Afeto no

Loucolóquio em Pinheiro Machado (Figura 133), em todas as Tendas do Afeto desde 2014 no Mental Tchê em São Lourenço, a de 2015, a de 2016 e a de 2017 e espera-se que em muitas outras. Nas Tendas e eventos, eis a participação no Loucolóquio em Pinheiro Machado.













Figura 133 – Participação da Aussmpe no Loucolóquio e na Tenda do Afeto Popular neste evento.2015.

O evento foi um ato de produção de diferença. Tinha o intento de abrir as portas para enfrentar o preconceito na cidade. O nome foi propício. Muita invenção. Muitas atividades. Dentre elas, no turno da tarde do primeiro dia de evento, havia mais gente na Tenda que na plateia da programação do evento, o que a nós foi um analisador, de que as pessoas querem possibilidades de entrar na roda e falar e não só ouvir alguém palestrar.

Esse, ao encontro do que relatou a Mãe Preta no Programa Gente como a Gente, em 21 de agosto de 2015, data anterior ao mesmo, em que faz sua divulgação e conta dos envolvimentos da Aussmpe na teiação de serviços de saúde mental no município e ações de enfrentamento do preconceito:

> E também tem o evento que vamos ter em Pinheiro Machado pela primeira vez, que é segunda e terça se não me engano, que pra mim, acho que o seu Ivon e o seu Uilson lembram, que a gente lutou muito com uma pessoa que está noutra coisa, exercendo outra profissão, de psicologia, que sempre teve com vontade de nos ajudar e levar o serviço de saúde mental para Pinheiro Machado. Eu conheço bem Pinheiro Machado, que Pinheiro Machado é a cidade natal do meu esposo. Eu conheço Pinheiro Machado há 30 anos. É uma cidade que tem mais preconceito que Capão do Leão, então, eu peliei muito com o ex-prefeito que era o Fernando na época lá, pra gente conseguir que o pessoal acabasse um pouco o preconceito, e aceitasse que Pinheiro Machado precisaria de serviço de saúde mental, então, está acontecendo, então com certeza que tanto nós, como os gestões, daqui, de lá, não vão lembrar, mas que também a Aussmpe correu muito atrás disso (SILVA, 2015)[202]

Neste evento, fomos. Mãe Preta não conseguiu ir devido ao estado de saúde. Ao final do primeiro dia de evento recebemos a notícia que estava no Pronto Socorro, na fila de espera por leito. Neste dia, sua filha avisa a ‘andarilha’, e era alguém que acompanhava muitas das conversas dessa dupla sobre a vida, a saúde mental, a luta antimanicomial, os planos de atividades quanto a Aussmpe, os grupos vocais e musicais, do programa Gente como a Gente, da participação nas Tendas, de eventos da luta mentaleira, enfim, era alguém que presenciava as loucuras de sua Mãe e a filha pródiga, no caso a ‘andarilha’. E neste dia diz a ‘andarilha’, que se lembra nitidamente, ‘de que adianta a Mãe [no caso a Vanilda] se envolver tanto nessas lutas aí, se quando ela precisa não tem acesso?’, e isso foi uma facada no peito, parecia que estava lhe dizendo ‘pra lutar minha mãe é parceira e agora que precisa, quem serão os(s) parceiros(as)? A ‘andarilha’ imediatamente tratou de ver um ônibus para voltar de Pinheiro Machado e ao mesmo tempo foi acionando as redes para a produção de saídas, que no caso, era um leito.

Mãe Preta já tinha histórias que lhe foram muito produtoras de sofrimento quanto a estada no Pronto Socorro de Pelotas. O sofrimento dos(as) outros naquele espaço mexia com

[202] Da participação ao vivo de Mãe Preta no Programa Gente como a Gente que foi ao ar em 21 de agosto de 2015 pelas ondas da Rádio Com, 104.5 fm.

ela. Sofria e sofria muito. Por se tratar de um serviço de urgência e emergência, mal conseguia atender ao que visualizava pelos sinais e sintomas, e qual seria a urgência nas ‘fraturas’ subjetivas?! Certamente, nem eram vistas. Então isso, acossou mais ainda a ‘andarilha’ pois não era só uma questão de organismo. Era um corpo inteiro que sofria.

Nos acionamentos e mexidas na rede se conseguiu viabilizar um leito, respeitado os princípios do SUS, dado ao quê, Mãe Preta precisou esperar um pouco, mas talvez não o tanto que ficaria, caso ninguém se mexesse, colocasse em questão que não somos somente um conjunto de órgãos. Por fim destas situações, importa deixar registrado nestas páginas que a forma como está este serviço de ‘atendimento de Urgência e Emergência em Pelotas, é um tremendo desrespeito a população pelotense, bem como a fila de espera por leito.

Passado as ‘tempestades’ do período, o envolvimento com as Conferências de Saúde, seguimos participando dos espaços de controle social, de gestão das políticas públicas, das conferências de saúde, das Tendas, das atividades da Associação, entre tantas coisas, que no final do ano, encerramos com uma festa de celebração dos aniversários, em que nos divertimos muito, o que não é novidade a ninguém. Mas, porque não nos divertiríamos?

“A Associação não é eu, não é tu...
é todos os usuários juntos que levamos ela”[203]

O 2016 começa quase antes de começar. As sessões do Cine Mental foram o ponto de encontro. E depois a ideia de ida a São Paulo foi ganhando corpo. Junto e misturado as reuniões da Associação, o Programa Gente como a Gente, o Cine Mental, as atividades de Reflexologia, de Alfabetização, o Brechó, as Tendas do Afeto Popular, a participação no Conselho Municipal de Saúde, na Comissão Municipal de Saúde Mental, no Grupo Condutor Regional de Saúde Mental, no Povaréu Sul, o Mental Tchê, o tecimento Encontro de Associações, a Fenadoce, que alguns de nós não fomos, o Teatro, a Dança, outros movimentos de resistência às políticas de governo nacional, estadual e local, a viagem de seu Ivon para Jequié na Bahia, o evento Ouvidores de Vozes, o Orgulho Louco, entre outros.

Então, se fará uma breve descrição do que se foi testemunhando e produzindo juntos(as) no 2016, usando da tecnologia da memória, pois o que vêm é o que por algum motivo afetou com mais força, também do acervo de fotos, com a ideia de mostrar nossas

[203] Vanilda Pereira da Silva, por telefone, participando do programa Gente como a Gente na Rádio Com, 2017.

loucuras, a quem quiser saber como a gente ‘loqueia’. De modo geral, a primeira versão do folder demonstra como nos ‘organizamos’ no espaço da Aussmpe. Ademais, estamos é no mundo da rua, da vida, andarilhando.

No primeiro encontro do ano de 2016....

Em 18 de fevereiro de 2016 aconteceu o primeiro encontro da Aussmpe, com a sessão de Vídeos, comemoração de aniversários, dado que o pai Zé estaria de anos no dia 19, o Ivo e a Neura também já haviam aniversariado. É uma prática da Associação celebrar os aniversários, geralmente em festas ou momentos que contemplem o de várias pessoas, mas sem fixidez. Essa comemoração foi nesta perspectiva, tramada de véspera. Junto e misturado, seguiu-se a conversa que já vínhamos fazendo quanto ao ‘#ForaValências’, que assumiu a Política Nacional de Saúde Mental em substituição ao Tykanori devido a uma situação de governo, o qual era um abrupto defensor da manicomialização da vida e porquanto não nos representava, ao contrário do Tykanori, que figura entre os precursores, assim como muitas pessoas da Aussmpe, do processo da Reforma Psiquiátrica no Brasil.

Após conversarmos sobre isso, referente a Reforma, ao que estava em jogo e em risco nesta política nacional, nos engajamos no movimento nacional de ‘#ForaValências’ que era marcado em municípios que assim se sentiam convocados a participar desta luta, registrando em seus locais ações, e viralizando nas redes virtuais facebook, instagram, twitter, outras (Figura 134). Era uma forma de sinalizar nosso posicionamento ético político, o tamanho e ressurgência do movimento da Luta Antimanicomial, pois não esperávamos essa situação, principalmente envolvendo a saúde mental. Eram os sinais dos tempos. E bom, como Aussmpe, por discussão e consenso nos posicionamos também ‘#ForaValências’, movimento molecular se molarizando.





Figura 134 – Primeiro encontro da Aussmpe em 2016, no dia 18 de fevereiro, que em meio as conversas festividade, discussão situação política da Saúde Mental no país, entre outros assuntos. AUSSMPE, OSC GESTO, Pelotas/RS.

Tecendo horizontes...

Em primeiro de março de 2016, mesmo sem a possibilidade da presença da nossa Presidenta realizamos a primeira reunião digamos ‘oficial’ do ano, com o seu assentimento, mas entendendo que ela estava avançando bem no seu processo de recuperação e que era também de sua vontade que a Associação não parasse (Figura 135). Em final do ano de 2016, havia sinalizado isso com bastante veemência a ‘andarilha’, em longas e boas conversas, de que nem ela ou seu Ivon eram eternos e que estavam cansados(as), que outras pessoas precisavam assumir, e que isso não era transferir a responsabilidade que tinham com a Associação e que ficariam ajudando (SILVA, 2016).

Então, nessa primeira reunião, se avaliou a necessidade de pensar o que se vislumbrava para o ano, uma forma de mapear/planejar o que gostaríamos de fazer ou

achássemos que seria necessário enquanto AUSSMPE, das atividades que seguiríamos desenvolvendo, que pessoas se responsabilizariam pela condução das mesmas, o que cada um e cada uma pensava sobre isso, também dando sugestões, e dentre os apontamentos, se desenhou coletivamente uma agenda na semana, afinal a sala contava com a presença de vários/as desenhistas.

Enfim, nós fomos expressando e visualizando o que fazíamos, no que estávamos envolvidos, e o que havia e gostaríamos de fazer. A sensação da 'andarilha' após a finalização dos trabalhos é de que éramos uma potência envolvida na intensificação de vida, tanto pelas atividades que ocorriam no espaço físico da Aussmpe, quanto nas mais diversas conexões por onde estávamos, andávamos, éramos acionados para, etc.

O cronograma seguiu praticamente o mesmo do ano anterior, se acresceu de se criar comissão para participar das Assembleias nos CAPS, mostrar como a Aussmpe tem funcionado e o que poderia ofertar a quem se associasse. Também, foi sugerido de se perguntar as pessoas na Assembleia, o que esperavam da Associação, ouvir o que tinham a dizer e convidar a quem quisesse se associar como forma de ampliar essa força que já era grande. O Maicon se dispôs a ir fazendo os registros das sugestões, e as pessoas iam ajudando-o neste processo, seu Uilson, seu Vagner, a 'andarilha'.

Nessa reunião, também se noticiou da presença de membros da Aussmpe na Audiência Pública na Assembleia Legislativa do Estado, em que o evento Orgulho Louco passa a integrar o calendário oficinal de eventos do estado. Estiveram nesta solenidade 'os Guris de Pelotas', no caso, o seu Ivon Lopes, Uilson Santos e Ivo Airton Ferreira Gomes. Nesta, importa registrar que foi sinalizado que a política de governo estadual atual no que se refere á Saúde Mental e não só, é um retrocesso por se pautar na segregação e no aumento da 'sedação' da vida.

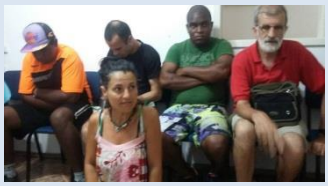
A reunião seguiu sob o trabalho dos/as alquimistas, com mais um bolo em que se compartilhava, mais um momento da vida se celebrava. Os registros fotográficos foram realizados por várias pessoas, dentre elas José Fernando Borges do Amaral, o Pai Zé, por Ângela Teresa Nobre Pereira, a Anja, "que momento", como ela mesmo nos diz (PEREIRA, 2016). Estão disponíveis no acervo da 'andarilha' constituído para os fins desta pesquisa e que podem ser localizados no sitio da Aussmpe na rede virtual 'facebook'.

Deste momento, além de cada momento em particular, pois muitas coisas podem acontecer em um turno de encontro, mas chamou a atenção que se construiu coletivamente o que fazia, pretendia fazer e no que estava envolvida a Aussmpe, o que foi uma forma de devolução a todos(as) nós das nossas movimentações, que não eram poucas, o que nos exigia,

por querermos, obviamente, envolvimento, implicação. Ao visualizar isso, a ‘andarilha’ sentiu que a gente não imaginava, como se pode dizer, o nosso ‘tamanho’ no cotidiano e nas lutas sociais. Nos reconhecemos, de algum modo, na potência de agir, via nossas singularidades, potencialidades de cada um(a) nesses processos e do quão havia produção de felicidade nestas ações.























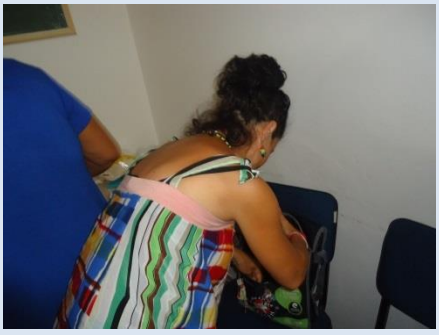




Figura 135 – Registro fotográfico da primeira reunião do ano de 2016 da Aussmpe, em 1 de março de 2016. Sede da AUSSMPE na OSC GESTO, rua Santos Dumont, 337, Pelotas/RS.

O plano de mais uma loucura, 'tam tam'

Neste dia primeiro, também, seguimos o plano de mais uma de nossas loucuras, a de participar do Congresso Brasileiro de Saúde Mental que aconteceria em São Paulo. E decidimos ir de avião. Desde a decisão em fevereiro, quando nos inscrevemos para o mesmo, começamos a pesquisar passagens promocionais, até que mais ou menos conseguimos e resolvemos comprar antes que o valor se alterasse para mais e inviabilizasse nossa ida. Para muitos de nós, seria a primeira vez que compramos uma passagem aérea.

Deste modo, no dia 28 de fevereiro de 2016 Pai Zé, 'a andarilha', a Ângela e o seu Ivon Lopes compraram suas passagens e em primeiro de março, a Santa Helena (Figura 136). A 'andarilha' não se continha em alegrias, pois testemunhava nossas loucuras dando certo, estávamos alterando de algum modo o que estava 'programado' socialmente como nossos destinos, de não se dar a esses direitos.





Figura 136 – Registro fotográfico em que acompanhamos Santa Helena da Silva Brem na aquisição de sua passagem aérea para São Paulo. Posto de vendas da TAM em Pelotas/RS.

A mistura de afeto, aventura e bolacha

Neste mês de março, também, realizamos a Tenda do Afeto Popular na comunidade do Bolaxa em Rio Grande, efeito de uma articulação e demanda dos(as) Agentes Comunitários de Saúde como forma de ir tecendo outras rostidades para a Atenção Básica presente na comunidade, que não somente consultas, exames e medicamentos, mas mostrando outros envolvimentos com a produção de saúde (Figura 137 145). E lá fomos nós tecer alquimias, no entre Aussmpe, Povaréu Sul, SMS, ESF e comunidade do Bolaxa. Havia poucas pessoas da comunidade. Era uma analisador, mas a nós não importa a quantidade, mas o que se faz e o que a gente faz de realidade.





Figura 137 - Registros fotográficos de momentos de ida, na Tenda do Bolaxa e retorno da mesma. Pelotas, Rio Grande, Pelotas. 2016

Foi um evento, no qual estivemos no meio de forças como mais uma força, tanto como Associação, como Povaréu e como gentes operadoras das Tendas, na defesa do SUS, nas desconfianças da Gestão ‘ora, Unidade de Saúde aberta de sábado, e protagonismo de Agentes Comunitários(as) de Saúde que acionaram essa perspectiva na comunidade do Bolaxa’. De algum modo, foi um momento de ajuda mútua, pois ao estabelecer diálogo, as práticas da Tenda todos(as) nós de algum modo nos ajudamos, avançamos, nos ampliamos como humanos. A nossa ida ao Rio Grande nesta atividade foi também uma aventura. No retorno encontramos uma mercearia e compramos algumas bolachas. Entramos no ônibus e seguimos comendo. Descemos alguns quilômetros antes da Rodoviária, mas o inusitado também é alimento pra vida.

‘Fora Valencius’ pra valer....

No 19 de março de 2016 acontecia encontro do Grupo Vocal Esperança. Muitos de nós que integrávamos a Aussmpe também participávamos do Vocal. E neste, aproveitamos para além de cantar, puxar conversa também sobre o ‘Fora Valencius’ e articulados com a

Aussmpe e Centro de Atenção Psicossocial Porto, realizamos um ato demarcatório de mais um mês de ocupação da sala do mesmo no Ministério da Saúde em Brasília, e pelo país aumentando o movimento de adesão e apoio ao Ocupa estendendo até o Caps Escola a se somar no abraço (Figura 138).

E nós, Aussmpe, Vocal Esperança, militância, era nossa função também essa demarcação, pois estavam em jogos nossos direitos. Nem tínhamos conseguido ainda fechar todos os manicômios no país, tínhamos um inclusive em Pelotas, e com pessoas assim, certamente demoraria mais ainda. Lembrando que a Luta Antimanicomial é isso e o enfrentamento das manicomialidades nos hospitais gerais, CAPS, Urgência e emergência, demais pontos de serviços de saúde e nas relações sociais. Então, lá fomos nós, desde Pelotas, se somar na luta Nacional. Fizemos cartazes, e se foi escrevendo o que ia pelo nosso pensamento.





Figura 138 – Movimentação ‘Fora Valências’ em uma articulação Aussmpe, Grupo Vocal Esperança e CAPS Porto. 19 de março de 2016. Inicia-se no Centro de Artes, ruma para o CAPS Porto e Escola. Pelotas/RS.

Alguns(mas) malucos(as) levantando mais uma Tenda

E já era 24 de março de 2016. Mais uma Tenda a vista. Em São Lourenço do Sul. Tratava-se do II Seminário da Mulher do Campo e da Cidade, promovido pelos movimentos sociais negros e negras, camponeses, FURG e Secretaria Municipal de Saúde. O município veio nos buscar. Geralmente tem sido uma contrapartida quando somos acionados(as) para Tendas noutros municípios, e geralmente tem articulação com a Gestão Pública e Secretaria municipal de Saúde do local, salvo Pelotas, que as Tendas acontecidas aqui são efeitos de articulação dos movimentos sociais.

Nós os/as malucos/as de sempre Marcos, ‘a andarilha’, Roberta, Pai Zé, Claudionei, Santa Helena, Ivon, Uilson, Ivo, Ângela, fomos. Referia-se a evento que marcava a luta das mulheres da cidade, camponesas, indígenas, negras, do movimento LGBT, enfim, todas as mulheres (Figura 139). São Lourenço nos era afeto. Vieram nos buscar em Pelotas. Essas ações facilitavam nossa vida, pois para a Tenda, n época não tínhamos recursos nenhum, era uma junção de um e outro, fazíamos porque acreditamos que é um dispositivo para problematizar o que deprecia a vida e agenciar possibilidades. E fazíamos também, porque somos todos/as bem malucos/as e sentíamos a força que era operar com este dispositivo Tenda.



Figura 139 – Registro fotográfico de momentos na Tenda do Afeto Popular no Evento das mulheres do campo em 24 de março de 2016, no município de São Lourenço do Sul/RS.

Construindo a Semana da Luta Antimanicomial de 2016

Em 29 de março, reunião da Aussmpe com a presença da Presidenta. A mesma tinha recomendações de não ficar em local fechado e surgiu a ideia de se fazer no espaço do pátio o que foi ótimo, noutro desenho de reunião, no contato com a natureza. A ‘andarilha’ sente que isso é muito potente, energizador. As colegas do Grupo de Pesquisa da Faculdade de Enfermagem foram até a reunião para conversar conosco sobre a possibilidade de produzirmos ações em conjunto referente ao 18 de maio, dia da Luta Antimanicomial. E neste encontro apresentaram uma proposta que veio semi pronta da Universidade, como forma de agenciar aproximação, produção conjunta, e que a mesma poderia ser modificada, como foi, quanto à data (Figura 140).

O pessoal do grupo de Pesquisa havia proposto o Filme Estamira e que houvesse debatedores da Aussmpe. Aceitamos. Era um processo de aproximação que se ampliava, de dupla inclusão. Enquanto a reunião seguia acompanhamos as colegas até um dos meios de locomoção das mesmas, pois nos são afetas e parceiras nas lutas. Após, fomos fazer um lanche no Centro Popular de Pelotas. Do mesmo modo, as fotos foram registradas pelo Pai Zé, pela 'andarilha', nos seus exercícios de fotógrafos/as da vida (Figura 140).



Figura 140 – Registro fotográfico de momentos na reunião da Aussmpe, articulação com grupo de Pesquisa em Enfermagem em Saúde Coletiva e Enfermagem em Saúde Mental da UFPel, e após a reunião um lanche no Centro Popular de Pelotas, como comumente fazemos após reunião e antes de rumar para o Cine Filosofia que acontece na Faculdade de Odontologia da UFPel. 2016.

A cruz missioneira

Ao rever as fotos, a ‘andarilha’ lembrou da provocação de seu Uilson em um dos ensaios de Los Lokos, quanto a um chaveiro com a cruz missioneira, que para a ‘andarilha’ sempre teve o sentido de luta, de resistência. Diz a lenda que um dos braços da cruz é o do Índio ‘Sepé Tiarajú”, que ao escrever isso, a andarilha se arrepia, mas não é de frio. É do que sente em recordar. E seu Uilson lhe pergunta se não conseguiria uma. Outras pessoas manifestaram interesse também. A ‘andarilha’ partilhou um pouco da história missioneira e o porquê da cruz. Isso ocorreu mais ou menos no segundo semestre de 2014.

E conseguiu agenciar com uma colega de Santo Ângelo para a aquisição de algumas. Só que isso demorou um bocado de tempo. E que quando chegaram, em 2015, já estava também na Associação, não eram chaveiros, eram para uso como colar. E deu a quem tinha solicitado e a pessoas que já lhe eram bem afetas, mas nunca imaginou que fossem usar, por se tratar de uma cruz e que cada um tinha ou não suas relações com as mesmas e por serem associadas a algum credo, religião, mística.

E quando vê as pessoas usando, sabe que é um símbolo do afeto. Também, recebeu de seu Ivon um colar que tem um berimbau e que não o retira por nada, pois sente que é justamente isso, o símbolo do afeto, da resistência, da luta, da produção de diferença. Também, por essas imagens, recordou de violência sofrida por Santa Helena, quando foi agredida por uma pessoa de sua família e ela lhe diz “essa cruz que me salvou”, é um símbolo com as suas forças, sobre as quais, quem somos nós para interpretar como cada um os/as percebe?

E se temos alguma missão, é de resistência!

Exercitando aprendizado com Alquimistas da Razão

No 4 de abril de 2016, a ‘andarilha’ não se lembra o que havia na Aussmpe, mas foi pra lá. Precisava ir. Pois, devido a uma foto sua com uma abóbora, que de fato era muito esquisita e foi uma ‘sacanagem’ de sua irmã, muitas foram ás brincadeiras de uma turma da Aussmpe. Dado a isso resolveu dar um troféu, principalmente aos dois ‘arteiros’ da brincadeira. Só que rendeu mais e mais risos ainda. Até no Programa Gente como a Gente era receita de abóbora doce, de abóbora salgada, abóbora de muitos jeitos. Mas o que a gente leva da vida, se não sorrir, se não rir, se não brincar? E essa era apenas uma pitada dos muitos momentos que vivemos produzindo alegria, pela via dos afetos, dos vínculos (Figura 141).

Afinal, a ‘andarilha’ presume que se aperfeiçoou um pouco mais neste sentido a partir da convivência e aprendizados com os(as) alquimistas da razão!



Figura 141 – Momentos de alquimias da razão. Sede da AUSSMPE na OSC GESTO, rua Santos Dumont, 337, Pelotas/RS.

Ultrapassando fronteiras

De 5 a 8 de abril de 2016 acontecia uma grande festa em Jaguarão. Era o aniversário de 20 anos do CAPS Renascer. Era a expressão dos efeitos da Reforma, da Luta Antimanicomial, de se tentar garantir dignidade e cidadania a muitas pessoas. Pelo menos em Jaguarão fazem esforço para evitar o envio de pessoas aos manicômios que ainda vivem pela região Sul. E fomos convidados/as para a mesma, Grupo Vocal Esperança, Grupo Vocal Los Lokos e Aussmpe. E fomos. Festa, era com a gente mesmo.

Ainda mais essa, era preciso se comemorar! Mas não somente isso, era um momento de compartilhamento de experiências, encontros, vivências e como não poderia deixar de ser fomos para Rio Branco exercitando muita Alquimia. O Pai Zé na ‘ordenha do leite que escorria’ por toda a quadra. Na volta a risada era recorrente. É o trabalho realizado por estes coletivos e o afeto entre as pessoas que ultrapassam fronteiras, sejam as de Pelotas, sejam as do Brasil (Figura 142).





Figura 142 – Registro fotográfico da participação na Festa de aniversário das pessoas que fazem o CAPS Renascer em Jaguarão/RS e ida a Rio Branco no Uruguai, por pessoas que integram a Aussmpe, Grupo Vocal Esperança e Musical Los Lokos. Abril de 2016.

A vida não para!

A vida não para. Entre um registro e outro que a 'andarilha' traz para o texto, muitas coisas acon**teciam**. Em 26 de abril de 2009, aconteceu outra reunião (Figura 143). Muitas pessoas presentes, muita conversa, muitas fotos, até seu Ivon nos 'enviou foto dos dias frios da 'Itália'[204], o registro da entrega da camiseta do Esperança que eram da Mãe Preta e da Sandra para as duas pessoas recém ingressas no Vocal Esperança, no caso o Rodrigo e o Ricardo. Para além disso, para a 'andarilha' significava a simbolização de uma saída do Vocal e que os novos cantores seguissem o legado, pois elas já estavam noutros sambas que a vida oferecia, ou que se construía, que se vivia. É como na música, "o meu anel de bamba entrego a quem mereça usar" (CONCEIÇÃO, s/ dt).[205]



[204] Foto de Pelotas, mas que o enredo integravam o processo alquimista.
[205] Composição: Aloisio / Edson Conceição. Cantado por Alcione. https://www.letras.mus.br/alcione/44027/. Acesso em 21 jun, de 2017.

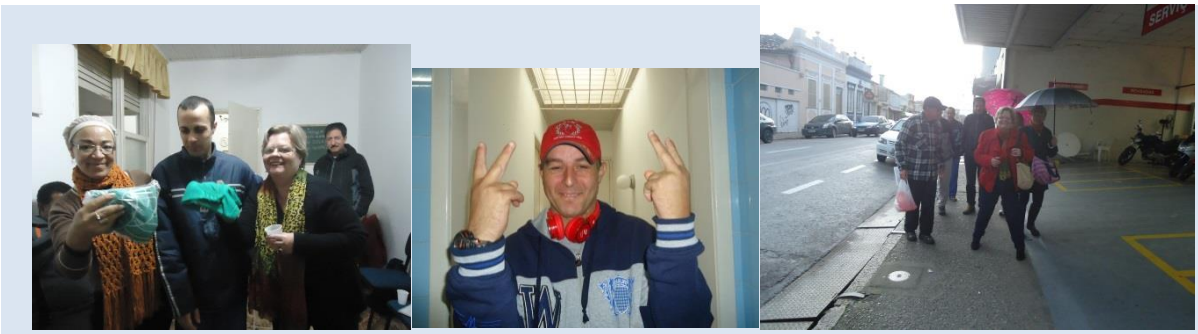


Figura 143 – Reunião da AUSSMPE em 26 de abril de 2016 na Sede da mesma na OSC GESTO, rua Santos Dumont, 337, Pelotas/RS e andarilhagem pelas ruas da cidade.

O Esperança, o pai Zé e a 'polícia'

Em 29 de abril de 2016, foi uma sexta-feira. Foi o dia em que a 'andarilha' esteve no Esperança, que o companheiro das lutas, de muitas músicas pelas escolas da vida, Izamir Duarte de Farias qualificou o seu projeto de pesquisa. Nesse dia fizemos música, com os talentos do grupo e outras pessoas que sempre se somam. Recebemos uma visita relâmpago, muito afetuosa da Milene Ferraz que na época estava e segue residindo em Bagé mas que se construiu vínculos com o coletivo do Vocal, devido as viagens, aos apoios nas gravações do DVD, etc. O João e o pai Zé também estiveram conosco (Anexo E).

A 'andarilha' recebeu uma surpresa e revendo-a no ato da escrita, tem certeza que não lida bem com as mesmas, fica toda atrapalhada, por dois motivos, um que acha que não é merecedora e outro porque não sabe como agradecer o tamanho do carinho que recebe e que sente e que muitas vezes vem mediado por algumas coisas, como o foi o quadro da ou do 'Calopsita', da 'polícia', 'que fica a lhe cuidar para não namorar demais e estudar'! Coisas de Pai Zé (Figura 144).

Nesse dia também, a andarilha apresentou a proposta da pesquisa e as pessoas se dispuseram a cantar com ela no dia da defesa da Tese. Para quê melhor acolhida? Ela sabe que não vai dar conta de fazer jus ao que esse Coletivo musical merece, mas alguma coisa vai

tentar, dado que no mesmo foi uma usina para pensar o que estava fazendo, que pesquisa, por que e pra quê?

Que tal um café?

Após esse momento registrado nas páginas que hospedam textos referente ao Grupo Vocal Esperança, que tem considerado como um dos pontos de intensificação de vida, fomos degustar um café guiados pela Maria Alice Sant' Anna, outra Mãe que a andarilha muito gosta (Figura 144). Foi outro aquecimento naquele dia frio, momento de muitas conversas e risos como sempre tem sido um de nossos temperos, quanto ao andar na vida.



Figura 144 – Registro fotográfico do entremeio estada no Grupo Vocal Esperança, Café de fim de tarde, aula da Alice e de nossa ida ao Sarau Poético promovido pelo grupo de apoio a composição 'Viva a Transformação'. Café nas proximidades do Centro de Artes, na Rua Benjamin. Pelotas/RS.[206]

Agenciamento e poesia, era conosco mesmo...

Depois desta aquecida, nos somamos numa atividade realizada pela composição que apoiávamos a Reitoria da UFPel, nas imediações do Porto (Figura 145). Foi um dia frio, mas quente de boas conversas e risadas com os/as alquimistas da razão. Não conseguimos ficar até o final da atividade, e a 'andarilha' havia levando consigo uma poesia produzida por sua outra mãe, a Laci. Fez fotografias do texto, que além de poético era estético. Deixou-a lá, pois não

[206] Chapa 2 de pessoas dispostas a assumir a gestão da UFPel, para seguir avançando, a qual como Aussmpe, apoiávamos. Éramos a participação dos movimentos sociais e da comunidade neste processo, já que a Universidade não deveria andar descolada de onde brota a produção do conhecimento.

poderíamos furtar as pessoas de conhecer tão linda poesia. Também fomos apresentados ao Cid Branco, diretor e ator de teatro, o qual, após conversa, se mostrou interessado em ser nosso parceiro quanto ao teatro, um de nossos sonhos antigos na Aussmpe. E a noite encerra com a possibilidade de se encontrar 'o sombra'.[207]

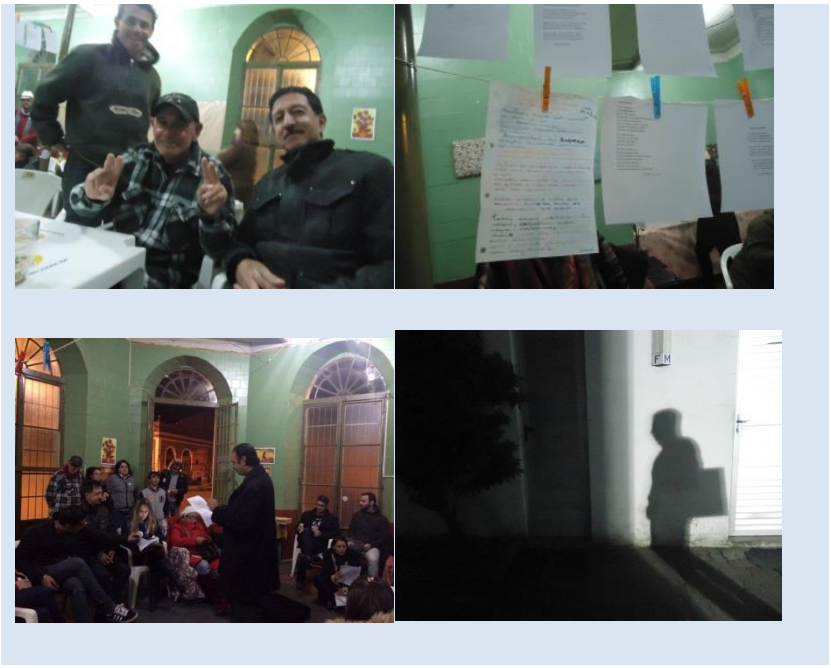


Figura 145 – Registro fotográfico de nossa participação no Sarau Poético promovido pelo grupo de apoio a composição 'Viva a Transformação' na sede da mesma nas proximidades do Instituto de Ciências Humanas da UFPel, onde conhecemos o Cid Branco, diretor e ator de Teatro, e depois do encontro com o 'sombra'. Pelotas/RS.

O Cine e o Teatro

Em três de maio de 2016, acontecia mais uma sessão de cinema em que o pai Zé é quem coordena em parcerias, que vão colaborando na conexão dos fios e cabos e preparando o local para os vídeos (Figura 121). Era ele aprendendo, mas não só, era um aprendizado coletivo, em que todos(as) fomos aprendendo a operar os/as equipamentos de áudio, som, vídeo e em como cada um e cada uma ia ensinando a outros, em linguagem que a gente se entenda, experimentando, apostando no tato, nos exemplos, etc.

Antes do início da sessão, o Cid apresentou com o que trabalha e a que estava disposto e nós também, como Associação. Se pactuou de averiguar local para os encontros, dado que o dia da semana em que o Cid tinha disponível era na quarta-feira e neste dia não dispúnhamos de espaço físico e de ser discutido na reunião que aconteceria na próxima semana. E se

[207] Mais uma de nossas alquimias. E porque não?

aproximava o dia de lançamento do DVD de Gilberto Isquierdo, o qual como Associação apoiamos (Figura 146).

O melhor café da cidade e uma passada no bar do Zé – é 'loka vida' ou não é?!

Foi em 05 de maio de 2016. Um poeta e cantor no sul de nosso país mestiço com o Uruguai. Gilberto Isquierdo nos apresenta sua obra, a qual levava o nome da Aussmpe no apoio. Para a 'andarilha' trata-se do menor que é maior. Nunca viu tanta poesia reunida em composições musicais dele mesmo e de pessoas com quem tem trabalhado na atenção psicossocial, daquelas pessoas que ás vezes dizem que não tem solução, como o que já aconteceu com a 'andarilha', que deveria desistir, e que as pessoas desistiam de si. Mas, mesmo que algumas pessoas desistiram, outras apostaram e ela mesma ainda não desistiu de si.

Nos organizamos para acompanhar esse momento. De alguma coisa que estávamos fazendo na sede da Aussmpe na OSC GESTO fomos até a Rádio Com, tomamos café, que conforme a 'andarilha' é um dos melhores da cidade, aquele café que vem em boa hora, como frio, como lanche, como aquecimento para as empreitadas da vida, como esta era mais uma (Figura 146). O mesmo é patrocinado pelo seu Ivon Fernandes Lopes na Rádio Com. Pai Zé nos ensinando a fazer café.

No caminho para o local do evento, Auditório da Escola de Música, nós começamos a brincar com ele que estava muito apressado. Coisas das presenças alquimistas na nossa vida. Também, aproveitamos para reconhecer o Bar do Zé. Chegamos no evento, encontramos companheiras e companheiros dos vocais. Foi um momento único de ouvir música poesia de um artista local, militante na saúde mental, pela música uma ação política humanizatória, que facilita voz a muitos e muitas que são silenciados (Figura 146).





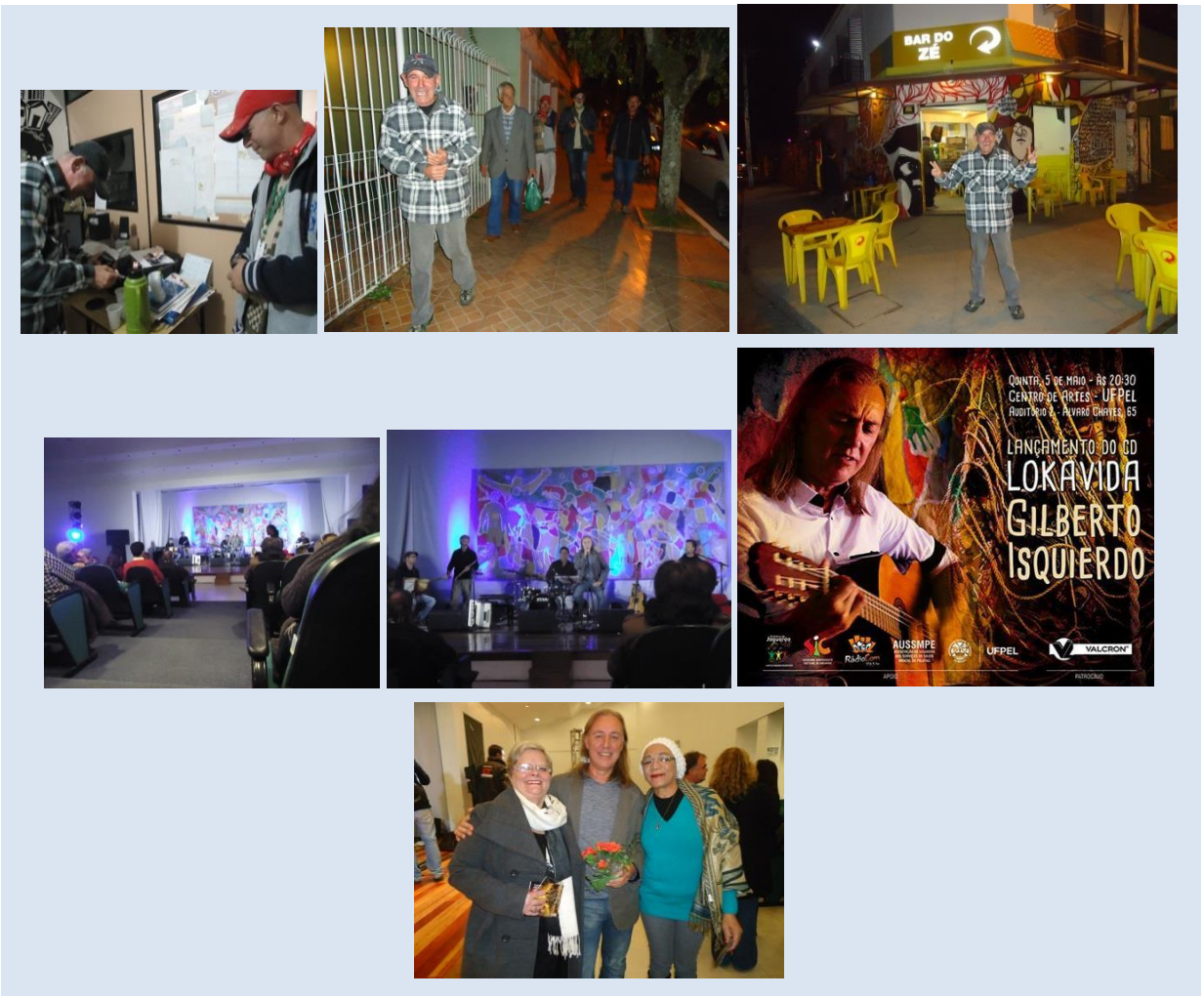


Figura 146 – Registro fotográfico de momentos de Café na Rádio Com e trajeto para participar do lançamento do DVD Loka Vida. 03 de maio de 2016. Rádio Com, trajeto e Auditório do Centro de Artes/UFPel.

Práticas de aprendizado e cuidado...

Na sexta-feira, no da 06 de maio de 2016, como de agenda, acontecia aula de Reflexologia conduzida pelo seu Vagner Berchon Des Essarts, fotos que a 'andarilha' partilha neste espaço texto, pois também era atividade da Aussmpe e foram enviadas pelo seu Vagner (Figura 147). Ou seja, a Associação, salvo equívocos, era provavelmente uma das primeiras instituições pelotenses e por isso pioneira em trabalhar e ofertar formação sobre prática integrativa de cuidado em Pelotas, como no caso a Reflexologia, que consiste em uma tecnologia de cuidado na contramão de um modelo de cuidado, da indústria farmacêutica, entre outros fatores. Mesmo assim, após muita luta, institui-se a Política Nacional de Praticas Integrativas e Complementares no SUS, transversal as outras políticas, como de Política Nacional de Educação Popular em Saúde que de algum modo estão relacionadas com a produção de sujeitos e subjetividade.



Figura 147 – Registros fotográficos de momentos das aulas de Reflexologia conduzidas pelo professor Vagner Berchon De Essarts, na Sede da AUSSMPE na OSC GESTO, rua Santos Dumont, 337, Pelotas/RS.

A prática de reflexologia também era levada para as Tendas do Afeto Popular nos mais diversos locais. Era uma forma que além de cuidar, dar visibilidade a outros possíveis que podem ser acionados no cuidado em saúde que à centralidade em drogas farmacológicas. Como Associação, Povaréu Sul incitamos o uso desta e de outras práticas, pois ainda é pouco o uso das mesmas no SUS, não há formação de trabalhadores(as) para esta atuação, ou as pessoas que tem essa formação, independente de uma graduação, não são incorporadas ao sistema. É uma prática que temos utilizado na educação popular, que se ocupa a fazer fissuras nas hegemonias, como a medicamentalização da vida.

Os(as) outros(as) decidindo a vida dos(as) outros(as)

Em 09 de maio de 2016, a Aussmpe foi acionada, por acaso, para participar de reunião no Ministério Público. Seu Ivon chegou no Conselho Municipal de Saúde e viu o oficio e comentou com o então presidente do mesmo, Jaime, sobre que ele como representante de uma Associação de Saúde Mental, poderia estar indo como conselheiro neste espaço. Entretanto

nesta data, por motivo que a ‘andarilha’ não recorda, sua Mãe Preta a aciona para ir com ela pois seu Ivon não poderia, mas aí, estava relutante em ir para uma possível ‘cova dos leões’, mas recordava que parceira era parceria e direitos não se negocia (PENKALA, 2013). E lá se fomos. O objetivo era contundente, pactuar fluxos de atendimento em saúde mental.

E de fato, houve tensões de modelo de saúde, de atenção em Saúde Mental, e de posicionamento na vida. O Hospital Espírita estava lá de braços abertos para engolfar mais recursos e pessoas, bem como um representante de Comunidade Terapêutica, que foi um alívio a ‘andarilha’ quando soube que dado a uma legislação, não a da Reforma, não poderia contratar com o município, pois não atendia a alguns critérios necessários. Entretanto, o Espírita poderia. Pessoas decidindo a vida de crianças e jovens.

O sono, o afeto, os abraços, a sineta

Em 11 de maio, acontecia reunião da Associação. Era véspera da Semana do 18, e do Mental Tchê. Estávamos em roda retangular, mas não deixa de ser uma forma de roda. Nem todos/as vem às rodas redondas. Porque não podem ter outras formas? Desde que possamos nos ver, tecer em auto e cogestão? O coletivo de gestão usava a mesa. E ainda havia um sino afim de que a gente respeitasse o tempo de fala do outro e não fôssemos tão anarquistas, como comumente o éramos. Ás vezes o sino até funcionava, mas virava e mexia, resvalávamos no nesse nosso modo de funcionar.

Algumas reuniões davam sono, também, para alguns de nós era um dos efeitos da medicação ou porque não estávamos muito afim mesmo. Outros quando cansados/as usávamos das tecnologias disponíveis, mas sem deixar de estar ligados no que acontecia na reunião. Os abraços, sempre foi uma delícia (Figura 148). Às vezes havia fantasmas nas reuniões. Café e algo pra comer geralmente também. Numa das conversas, sugerimos que cada um/a tivesse a sua caneca, para contribuir com a conservação do meio que vivemos, diminuindo o consumo de copos plásticos (Figura 120).






Figura 148 – Registro fotográfico de momentos da reunião, realizados pelo Pai Zé, ‘andarilha’, Ângela, Ivon Lopes, entre outras pessoas. Sede da AUSSMPE na OSC GESTO, rua Santos Dumont, 337, Pelotas/RS

(Re)construindo o nosso Folder da Associação

A ‘andarilha’ não recorda exatamente a data ou em qual reunião que foi, mas houve uma delas que se decidiu em fazer um folder da Aussmpe. Seu Ivon entregou o modelo que tinham para a ‘andarilha’ se pudesse ajudar, pois seria necessário construir algo com rapidez,

se quiséssemos para o 18 de maio. Deste modo, a ‘andarilha’ seguindo as orientações dos presentes em uma duas ou três reuniões, foi sistematizando e compilando as informações em uma proposta de folder que foi apresentada ao coletivo da AUSSMPE para os ajustes finais. A Secretaria de Saúde geralmente fazia as cópias, mas seu Ivon conseguiu por bem menos em uma gráfica de São Paulo, em um material melhor e montante maior.

Foi escolhido uma fotos que estávamos praticamente todos/as da Aussmpe, de uma das festas de final de ano, de 2015. Foi sugerido que se colocasse uma com seu Valter, que não estava mais fisicamente entre nós. De se colocar o cronograma de atividades, a relação e respectivos contatos das pessoas da direção, e ainda sobrava um espaço que a ‘andarilha’ sugeriu que fossem frases do que queríamos passar as pessoas, de como víamos a Associação. Foram sugeridas “Sou louc@ desde sempre”, “União faz a força”, “Junt@s caminhamos mais”, “Nunca se esquecer de olhar para todos os lados para não pisar em nenhum colega”, “Olhar pra frente”[208]. Também, mexemos no objetivo da Aussmpe que constava no Estatuto, ou seja, nós o reconstituímos coletivamente, com a sugestão de várias pessoas, que expressa pelo quê e como nos movemos (Figura 149, 150)[209].

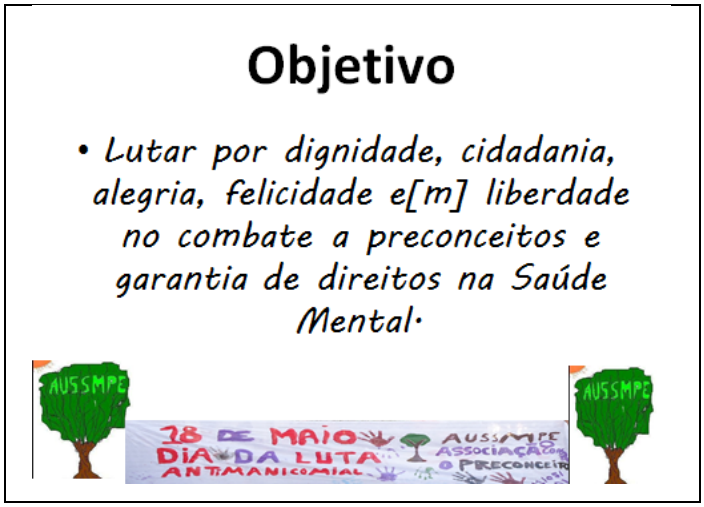


Figura 149 – Objetivo da Aussmpe reconstituído conforme consta no Folder.

[208] A grafia com arroba é como consta no folder, para contemplar gênero masculino e feminino.
[209] No folder acabou sendo impresso o slogan da campanha da composição que apoiamos para a Reitoria em 2016, dado que o mesmo estava compondo a imagem símbolo da Associação e como vivemos a transformação todos os dias, nessa experimentação coletiva de tecer realidades, não deixa de ser um slogan compartilhado.





Figura 150 – Folder da Aussmpe atualizado em 2017.

Fixidez, nunca foi o nosso poema!

No 11 de maio de 2016, após Assembleia da Associação e como tínhamos produzido nós mesmos outras faixas da Aussmpe e da luta, nas oficinas que tínhamos realizados com a Iara e que isso até foi um dos atravessadores, mas também a possibilidade de imprimir o nosso jeito e que ficava também, esteticamente muito bonito (Figura 151). E resolvemos fazer essa faixa na casa da Mãe Preta (Figura 151). A Associação não tinha muitos paradeiros. Éramos meio que quase todos/as andarilhos/as, talvez por isso que a gente tem uma relação afetiva, com a demarcação da nossa luta cotidiana na garantia de direitos, que isso está para além de qualquer relação e com qualquer pessoa.

Foi na casa de Mãe Vanilda, pois seguia orientações de não 'andarilhar' muito. Começamos no final da tarde e quando vimos era noite, um trabalho regado a afeto, pipoca, café, biscoito que a Mãe Preta gostava de inventar e a gente de comer, calor, exercitando o sabor da alquimia, produzimos até uma foto que foi muito badalada na rede virtual. Algumas pessoas nos diziam, 'esqueceram de virar a foto para o modo normal'. Entretanto não tínhamos esquecido, é que na hora de pendurar a faixa, a colocamos de cabeça para baixo e rimos muito disso (Figura 151).

Também, era só um jeito de dizer que somos aqueles que invertemos a ordem das coisas e ás vezes ou na maioria das vezes, ainda rimos disso, pois a foto de 'cabeça para baixo' nos ajuda a ver a realidade de outros ângulos. Para a 'andarilha' foi um dia de alegrias, pela possibilidade de estarmos com a Mãe Preta, com o modo com que construímos a realidade, vendo o Ezequiel, que é na dele, desenhando a faixa, e seguimos fazendo rodízios conforme os desejos e potências de cada um(a) (Figura 151).









LUTA
MAIO
DE
18

DE MAIO
DA LUTA
MANICOMIAL



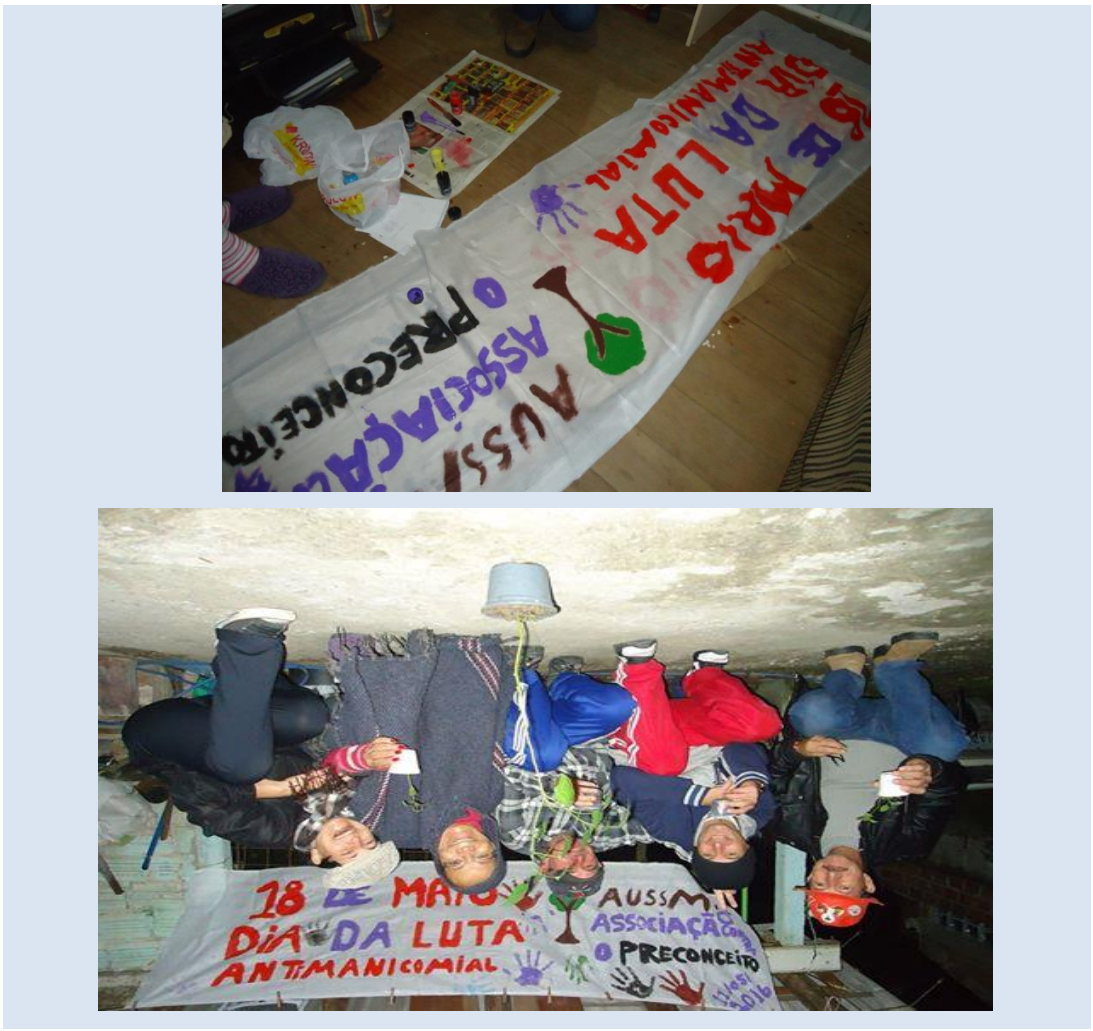



Figura 151 – Registro fotográfico de momentos de construção da faixa da Aussmpe para o 18 de maio de 2016. Casa de Mãe Preta. Pelotas/RS. [210]

A Gang 'Óculos Escuros'

Foi neste dia que no uso de nossas alquimias nasce a Gang Óculos Escuros[211] (Figura 152). Que germinou para além desse momento, para a Associação, ganhando novos(as) adeptos(as), mas que sossegamos um pouco, dado a divulgação que Gangs de Porto Alegre estavam migrando para Pelotas, como a 'Bala na Cara' e outras, como se aqui não haviam as mesmas e outras formas de Gangs. Mas, 'e se fossemos confundidos(as)', pois os valores sócio morais andam meio invertidos? Nossa Gang tinha como objetivo alegria e resistência. Os óculos a Mãe Preta tinha na sua casa e havia mais alguns que recebemos de doação. O

[210] O tamanho das fotos, a organização das mesmas tem como propósito indicar o não enquadramento em todas as formas, ainda que de algumas não há escapatória, ainda mais neste trabalho que fala de loucuras e rexistências. Também tem a intenção de produzir outras texturas.
[211] Diz um dos membros da Associação que a 'andarilha' era da 'Gang dos Birutas' (SANTOS, 2017).

chapéu acabou noutro momento, sendo transformado em chapéu de rei. A Gang tinha até coordenadora, a senhora da bolsa verde. As horas iam passando, o manto da noite chegando e resolvemos seguir tecendo a faixa. O riso andava solto. Era broto. Brotava. Como a planta presente na estética da foto da faixa virada.



Figura 152 – Gang da alegria. Registros fotográficos realizados na casa da Mãe Preta e na sede da Aussmpe, OSC GESTO, rua Santos Dumont, 337, Pelotas/RS.

‘Corações’ de portas abertas...

A casa da Mãe Preta era de portas abertas. Lá muitos/as de nós nos tratávamos tecendo a vida juntos/as. Na parede já um quadro com várias fotos de nossas andanças, quiçá um rizoma, o qual levamos alguns tempos de planejamento e uma tarde toda para produzir, seguindo as dicas de um considerável artesão, no caso o Ivo Airton. Também, era evidente que a espiritualidade, cada um(a) aos seus modos, também movia a gente. E a foto abaixo ilustra um momento com nossa companheira, enquanto ela ainda estava fisicamente presente com a gente. Essa turma da foto, era parte da sua turma, da nossa turma (Figura 153).

]

Figura 153 – Foto na casa de Mãe Vanilda. Da direita para a esquerda: José Fernando Borges do Amaral, Vanilda Pereira da Sila in memorian, a ‘andarilha’, Ivo Airton, Ivon Fernandes Lopes.

Semana da Luta, da ida a São Paulo e do Mental!

Em 14 de maio no Programa Gente como a Gente, vide registros a seguir, foi feita a divulgação do Filme. Neste mesmo momento, ficamos sabendo que a Gerência da Saúde Mental havia conseguido com o Cinema no Shopping de Pelotas um espaço para os/as usuários/as da Saúde Mental assistirem o Filme Nise da Silveira, que recém havia sido lançado. Interessante, mas de novo, porque não lhes foi concedido o ingresso, que poderiam ir no horário que bem quisessem?

Ao mesmo tempo que nos causou indignação a colisão de agendas, sendo que já havíamos divulgado a realização da programação da Estamira e que foi solicitado que ocorresse na segunda, dia 16 de maio de 2016, dado que nessa semana haveria ainda movimentação na rua e o Mental Tchê em São Lourenço, para o qual iríamos como Aussmpe, Universidade, serviços, etc.

De todo modo, consideramos que o filme Estamira abriu as atividades da Semana da Luta Antimanicomial (Figura 154). E acabou acontecendo programação fragmentada, não que

não pudesse ser, mas juntos, será que nossa força não seria maior? Mostra jeitos de funcionar e resistências da força usuária, pois não cumprimos com a cartilha municipal ate por não concordar com o modo que é feito, na contra mão de uma perspectiva de construção. Estamira, estava nas nossas miras e foi possível muitos 'trocadilhos'.

Assistimos o filme, e depois se compôs o grupo que abriu o debate com a fala das autoridades/as, e as outras autoridades ficaram na plateia contribuindo dos seus modos (Figura 154, nº 7 e 8). Depois, voltamos pra casa de limusine (Figura 154, nº 10), mesmo que digam que a 'andarilha' seja 'louca por pensar assim', mas ela 'jura que é melhor não ser o normal'. Quem vai duvidar? Havia sorrisos lindos, abraços fortes e manifestações de nossos sintomas psiquiátricos (Figura 154, foto nºs 2, 3, 9, 10), uma tal de hiperatividade que levou alguns/as de nós enquanto o filme acontecia a tramar agenda para outros momentos (Figura 154, fotos nº 5 e 6), afinal são jeitos de que a Universidade possa se pintar mais de povo.



Figura 154 – Registro fotográfico de momentos referente à abertura da Semana da Luta Antimanicomial em Pelotas de 2016, que iniciou com o filme Estamira, no prédio da Lagoa Mirim, UFPel.

Em 17 de maio de 2016 aconteceu o movimento de rua referente ao 18 de maio, na sequência de uma programação que envolvia a semana e terminava com o Mental Tchê

(Figura 155). O que foi impedido em 2015 se realizou este ano, houve teatro do improviso, houve Tenda, houve microfone livre, houve marcha, houve sensação de reavivamento do pertencimento a Luta Antimanicomial, houve experimentação sob diversas formas, que até então, a ‘andarilha’ não tinha presenciado em Pelotas, de uma auto-autorização de não ocupar somente o Chafariz, mas de desfilar pelo calçadão e algumas ruas da cidade a nossa loucura. Criamos até a esquina da loucura, habitada todos os dias por muitos/as loucos/as pela vida, pela sobrevivência (Figuras 155, 156).





Figura 155 – Registro dos momentos em que fomos tecendo o movimento da Luta Antimanicomial na rua, no dia 17 de maio de 2016, esquina democrática, Pelotas/RS.[212]

E lá se foi a ‘andarilha’ para a Esquina Democrática se encontrar com os/as companheiros/as de luta. E Pai que é pai ás vezes tem que ajudar a filha que é um pouco destrambelhada. Ele e Claudionei foram encontrar a ‘andarilha que vinha com materiais para a Tenda. Antes de sair de casa, se comunicaram ela e mãe Preta que estavam indo. Chegamos lá e foi um festival de fotos. A ‘andarilha’ ao ver o Pai Zé e seu Uilson segurando a faixa da Aussmpe pensa que não é pouca coisa o que tem em mãos. Reforça que a luta passa pelas nossas mãos. Havia muita gente por lá. Até o pai Zé, seu Uilson e seu Ivon. Até a famosa Alcione esteve por lá, junto com as bandas afamadas. E o Chororó também não poderia faltar com seu timbro de voz, abrilhantando a luta antimanicomial (Figuras 155, 156).



[212] Realizamos no dia 17 de maio o movimento na rua, dado que no dia 18 deixamos para descansar e nos arrumar para o Mental Tchê, em que ‘fecharíamos’ a programação da Semana da Luta Antimanicomial de 2016.


18 DE MAIO
DIA DA LUTA
ANTIMANICOMIAL
ASSOCIAÇÃO




FARMÁCIA


CENTRAL













Figura 156 – Registro dos momentos em que fomos tecendo o movimento da Luta Antimanicomial na rua, no dia 17 de maio de 2016, esquina democrática, calçadão até a sinaleira da rua General Osório esquina com a Floriano Peixoto, a qual intitulamos, a partir de ideia da Mãe Preta, como a 'Esquina da Loucura'.

Pai Zé nos brindou com a música 'Fuscão Preto', mas engraçado, haviam dito que ele não era capaz! Muito estranho! Pois é, mas ele cantou toda a música sem nenhum erro. E esses dois juntos em uma foto, é alerta de perigo. são uns dos fundadores da Aussmpe. Quando se juntam, estão tramando alguma coisa. São uns dos fundadores da Aussmpe, de junção da força de luta usuária. O que será que estão tramando desta vez? Foi um dia de vento frio, mas que esteve muito aquecido. Também, havia gente segurando a Tenda pra não voar. Teve a música 'o carinhoso' na voz da Ângela Nobre. E muitas outras atividades, dentre elas o teatro do improviso, que foi gravado. Estava chegando o fim da tarde e começamos a nos organizar para a Marcha da Luta Antimanicomial. Demarcamos a sinaleira e esquina, no encontro da rua General Osório com a Floriano Peixoto como a Esquina da Loucura. E um até breve para nossa companheira, pois seguimos e seguiremos nos encontrando, nem que for em momentos como esse, no que está 'guardado na lembrança', seguindo ao conselho de Pai Zé (Figura 155, 156).

No dia 18 de maio de 2016, compreendia a programação da Secretaria Municipal de Saúde, quanto ao que soubemos que todos/as os/as trabalhadores/as, principalmente os que se

ocupam de atividades artísticas deveriam estar no largo da praça Pedro Osório em frente ao Teatro Sete de Abril, com seus grupos. A ‘andarilha’ como sabia que muitos/as companheiros/as estariam por lá e que também a família do Pai Zé sentiu-se mais segura que a ‘andarilha’ recebesse a autorização para que pai Zé viajasse com ela por esse momento de ida e estada em São Paulo. Mal eles não sabiam quem cuidaria de quem, pois a ‘andarilha’, ás vezes não consegue cuidar nem a si mesma, imagina dos outros?! O resumo dessa sinfonia foi que ambos(as) nos cuidamos.

A ‘andarilha’ estava em alta velocidade, pois na semana subsequente iríamos a São Paulo e isso foi lhe foi um choque pois soava a tutela. Sua tia, com diagnósticos de várias ‘ias’ – ‘esquizofrenia, psicose, mania’, mas que para a ‘andarilha’ era só um jeito de andar no mundo, não era tutelada. Contudo, de outro lado entendia a angustia da família, e que era uma forma de evitar problemas e se assim fosse, aceitaria. Mas o que isso significava, consistia, lhe foi uma sensação muito horrível, ainda mais referente ao seu Pai. Entretanto, respeitou os arranjos familiares. Num primeiro momento, achou que seria mais coerente o seu Ivon, até porque ela estabanada do jeito que é poderia produzir o efeito contrário do que se esperava (Figura 157).


AUTORIZAÇÃO

LUIZ CARLOS DO AMARAL BORGES, brasileiro, pintor, solteiro, maior, portador da carteira de identidade nº 2054285711, expedida pela SSP/RS, inscrito no CPF nº 207.523.770-00, residente e domiciliado nesta cidade, na qualidade de curador, conforme termos da curatela expedida pelo M.M. Juiz de Direito da 2ª Vara, AUTORIZA JOSÉ FERNANDO DO AMARAL BORGES, brasileiro, solteiro, maior, interdito, portador da carteira de identidade nº 8048367677, expedida pela SSP/RS, inscrito no CPF nº 571.910.930-72, residente e domiciliado nesta cidade, à viajar em companhia de LIAMARA DENISE UBESSI, brasileira, enfermeira, solteira, maior, portadora da carteira de identidade nº 1048766073, expedida pela SSP/RS, inscrita no CPF nº 621.377.600-10, residente e domiciliada na Rua Voluntarios da Patria nº 367, AP402 BLC, Bairro Centro, nesta cidade, a viajar para a cidade de SÃO PAULO-SP, pelo período de nove dias com saída prevista 24-05-2016 e retorna dia 02-06-2016."

PELOTAS, 18 DE MAIO DE 2016

Figura 157 - Autorização para o pai Zé viajar com a ‘andarilha’ para São Paulo. Maio de 2016.

Mas, seu Ivon lhe disse que transferir para uma pessoa também com diagnóstico, não teria validade. Isso mostra o quanto o estigma em relação à loucura, essa da doença, nos rouba possibilidades de existência. Se recordou também da carteirinha de ônibus do Pai Zé e tantos outros que tem a concessão, sob o diagnóstico de ‘incapazes’. Mas quem somos os incapazes? São situações como essas que de algum modo estão naturalizadas e que vão denunciando a existência e persistência do estigma, dentre outras tantas. Por isso a nossa loucura é outra, é na contramão dessas formas de estigmatização e preconceito.

Então, neste dia como fomos no Tabelionato para fins deste registro, e como havia convocatória para os grupos estarem se apresentando, dado que ambos possuem vinculação com o CAPS, acabamos indo também e nos somando neste momento (Figura 158). Nunca é demais, um evento a mais, um ocupar a rua para mostrar que nossa loucura é (a da vida) real.

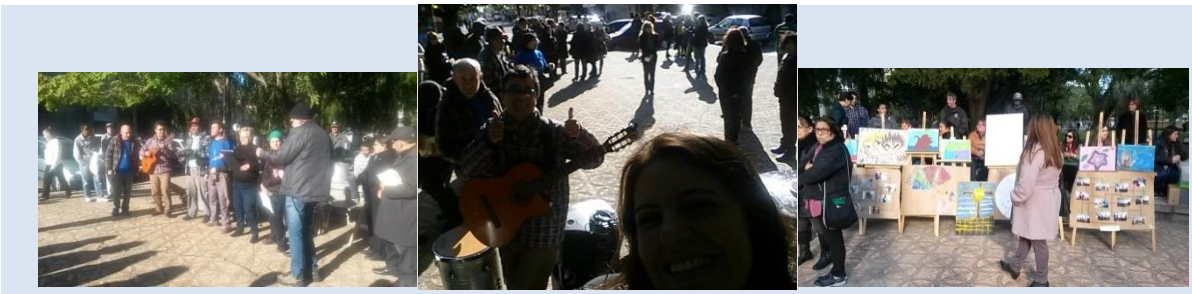


Figura 158 - Atividade do 18 de maio em frente ao Teatro Sete de Abril, promovida pelo município Pelotas/RS. 2016.

E chegou o tão esperado Mental Tchê (Figura 159). Ocorreu em 19 e 20 de maio de 2016. O mesmo teve redução no número de dias, de três para dois, e sem o custeio de hospedagem, conforme nos fora informado, já efeito do corte de recursos do estado para este fim, com a gestão de direita que havia assumido o mesmo. Mas mesmo assim isso não nos seria impeditivo de fazer e acontecer no Mental Tchê, de tecer a Tenda do Afeto Popular, no berço de seu nascimento. Como diz uma companheira da Aussmpe "que momento!" (NOBRE, 2016).

E realmente foi um momento potente de muitos tecimentos, de reencontro de companheiros e companheiras da força mentaleira, de agenda de lutas que estavam se tramando, quanto a residência, de que já se sabia das intenções de supressão, transferência de vagas da residência e realização de práticas no manicômio São Pedro. Também realizamos uma reunião de construção do 1º Encontro de Associações de Saúde Mental do Rio Grande do Sul que para nós era mais encontro de agenciamento da força de luta usuária, principalmente ante aos posicionamentos e ações do atual coordenador da Política de Saúde Mental no RS, o Coronel, que agia como se assim o fosse (Figura 1159).

Também, em uma temperatura baixa, cansaço extremo, se resolveu colocar em análise o coletivo Povaréu – Arte, Saúde e Educação Popular, pois havia dado muita confusão nos últimos tempos, o que não se resolveu. As situações seguiram. Havia disputa de poderes entre companheiros/as e a andarilha começou a pensar que havia algo maior que isso e que as práticas de educação popular e luta social eram maiores que uma disputa para benéfices em uma política pública de Estado, que deveria se ocupar com o bem comum, a construção coletiva e não o fortalecimento de um grupo que se achavam os 'entendidos/as' sobre educação popular, que educação popular era essa? Justamente, o seu avesso.

De todo modo, a Tenda, desde sua criação, em 2014, tem sido um levantador, um desmistificador da realidade, ao ponto de decidir neste espaço colocar em questão o próprio

evento Mental Tchê, quanto a sua implicação com a Luta Antimanicomial, no sentido de fazer valer os preceitos da Reforma Psiquiátrica em se caminhar para uma sociedade sem manicômios e em de tensão com as manicomialidades. Isso aconteceu em 2015. Foi um momento muito significativo. A Tenda é um espaço de circulação e encontro de loucos muito loucos pela vida como valor ético. No evento também o era, mas acabou que foi no espaço da Tenda esse brotamento. Há um caldo para essas situações, temperado por muitas energias, dentre elas, da vida mais leve (Figura 159).




PAULO
FREIRE




TRADICIO


PAULO
FREIRE






RESPEITO
POVOS
TRADICIONAIS


PAULO
FREIRE












Mimsta loucura é Deus!!!
Ser louco é normal!


Tchê


12° Mental Tchê





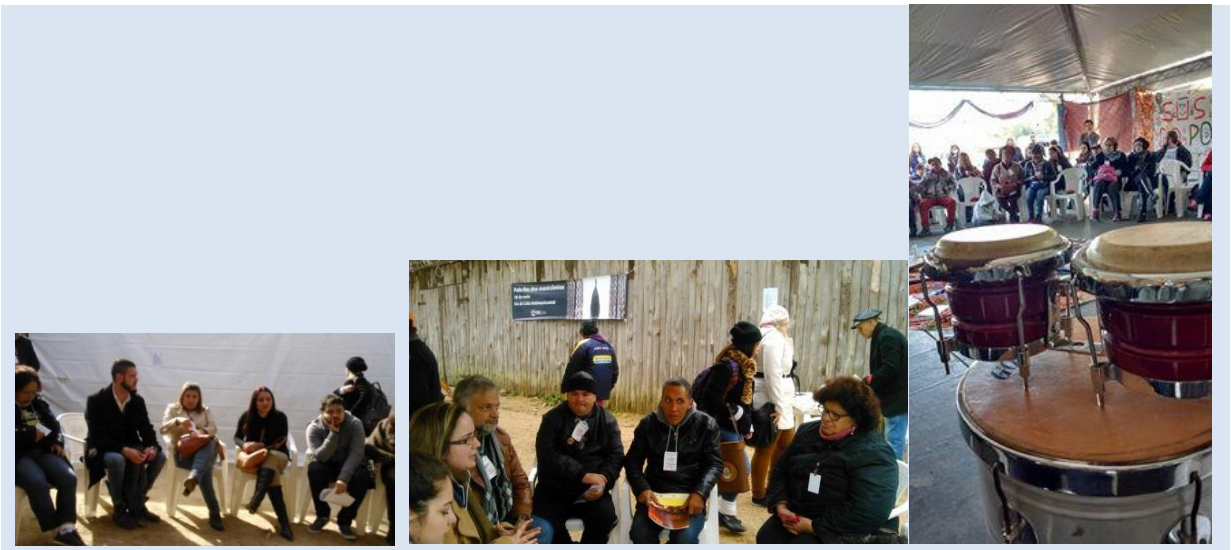


Figura 159 – 12º Mental Tchê em São Lourenço do Sul, encontro da força mentaleira do estado do RS, com banca da Aussmpe, participação da Aussmpe na mesa de abertura e falas subsequentes, com Tenda do Afeto Popular aquecida de gentes, afetos, diálogos, conversas. 19 e 20 de maio de 2016.

Chegamos cedo. Um carro de São Lourenço do Sul veio nos buscar. A ‘andarilha’ ouvia dos/as companheiros/as sobre essa gentileza, ainda que fossemos a trabalho, junto e misturados/as Tenda, Aussmpe, Los Lokos, Esperança. E assim fomos ocupando os palcos do evento, da Tenda, fazendo a música girar, como nos dizia Raul Seixas “há uma voz que canta, uma voz que dança, uma voz que gira, bailando no ar,.... queira, basta ser sincero e desejar profundo, você será capaz de sacudir o mundo” (SEIXAS, s/ dt). As imagens que congelam movimentos do e no tempo ilustram nossas loucuras em agenciar e intensificar vidas. Que povaréu, que tendeu, que falatório.

Houve também vários encontros, entre o sul e o norte, centro oeste, dado a isso, pode-se dizer que o território do Mental Tchê é se espraiou, ainda que seu broto originário tenha sido em São Lourenço do Sul e continuará sendo, pois essa história a gente não quer apagar e sim, ampliar, fortalecer. O pala que salvou a ‘andarilha’ do frio foi mais um dos cuidados da Mãe Preta. Nas nossas alquimias, os/as escoteiros/as se fizeram presentes (Figura 159).

'#Partiu Guabiroba'[213] São Paulo!

Mas sem o 'Guia', que seria de nós?

E na semana subsequente, partimos para São Paulo para participar do Congresso Brasileiro de Saúde Mental (Figura 160), referente ao qual, as fotos praticamente escrevem como foi o mesmo. Inscrevemos alguns trabalhos, dentre os mesmos, um sobre a Tenda do Afeto, outro sobre a formação em saúde com momentos em que os(as) professores(as) são as pessoas assistidas ou que foram, tanto no manicômio como na rede de atenção psicossocial, e outros dois, um contando do protagonismo de seu Ivon Fernandes Lopes e Ângela Nobre Pereira e Santa Helena da Silveira Brem sobre a Associação, o projeto que rendeu computadores para a inclusão digital e na forma de ensinar informática ouvindo o que era para quem estava em processo de aprendizado, os códigos necessários para tal e de pai Zé, sobre sua história de vida, estes últimos apresentados pelos mesmos(as) nas rodas de conversa. A andarilha contribuiu apenas na redação escrita e submissão do trabalho ao evento.

Ainda, importa registrar que os trabalhos apresentados por seu Ivon, Ângela, pelo Pai Zé e as falas de Santa Helena nas rodas de conversa foram significativas intervenções no evento, pois produzia fissuras nas lógicas tradicionais, de que ou acadêmicos(as) ou trabalhadores(as) tendem a apresentar trabalhos. Ainda, a apresentação do Seu Ivon, do pai Zé, Ângela e Santa Helena era a voz de pessoas que viveram as formas de atenção manicomial e psicossocial, eram testemunhos, diferente do que quem pensa e fala sobre. Então, foi um momento muito emocionante, presume a 'andarilha' que para todos(as), mas a si, muito intenso, pois mostrava outra relação quanto a produção de conhecimento, na contra mão do que é hegemônico e que graças as nossas loucuras em fazer diferente, deu certo. Aceitaram nossos trabalhos, mesmo que a maioria de nós não tinha curso de graduação em alguma coisa, sendo que a graduação da maioria de nós, é num grande escola a da vida. E mais ainda, disparou potentes diálogos sobre o vivido em cada experiência, de cada canto deste Brasil.

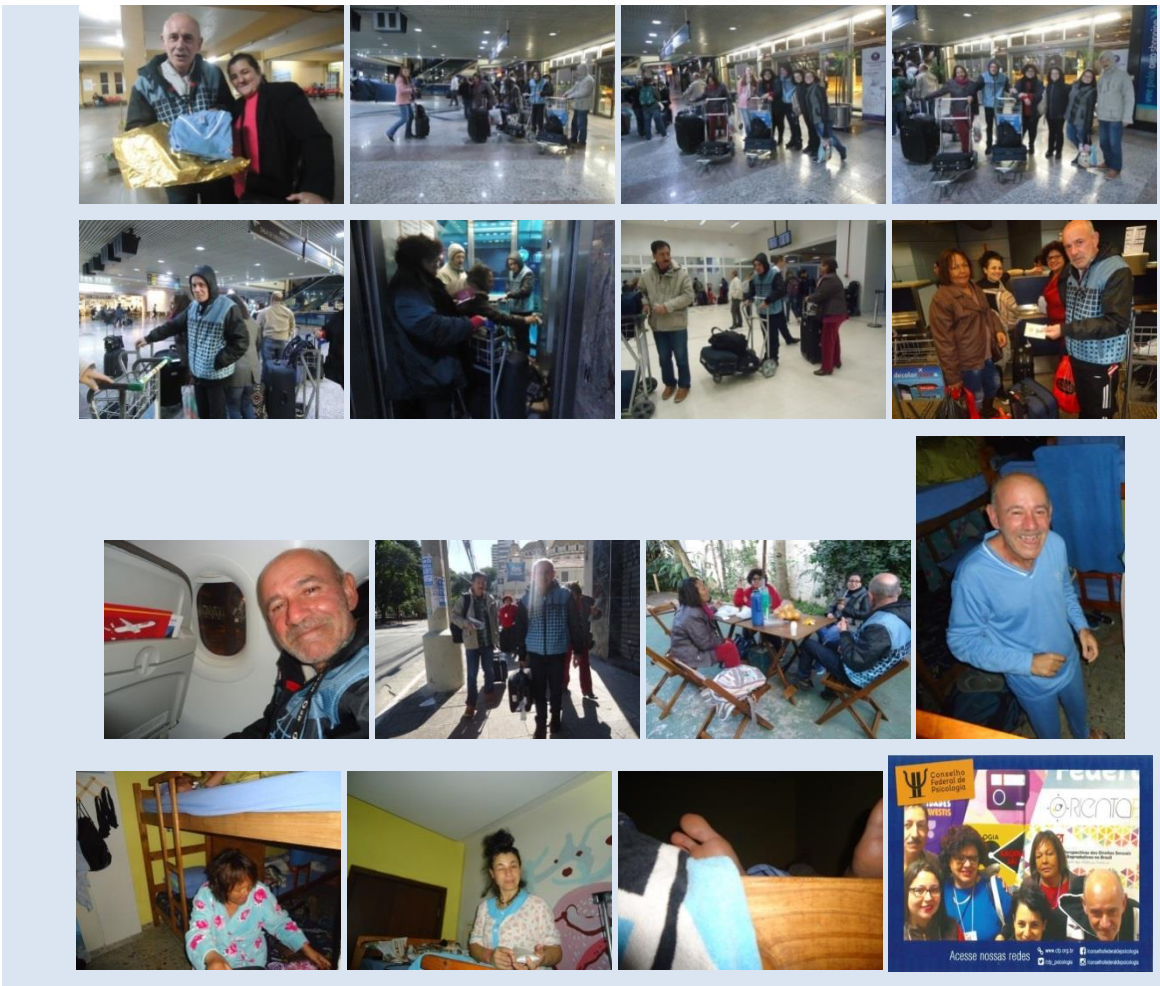
Ademais, sugerimos que nas próximas edições do evento tenha a participação usuária na sua coprodução, pois a ausência é contraditória a luta que este evento mesmo se propõem e faz. Que seja o encontro de muitas vozes e quando não for, que nossa função também

[213] E uma forma de homenagear o companheiro da Associação que no Programa Gente como a Gente, que geralmente envia um 'alô ao pessoal da Guabiroba', bairro da cidade de Pelotas, o qual atualmente é o coordenador da Comissão Municipal de Saúde Mental de Pelotas, Claudionei Fernando Oliveira Ferreira. E a frase 'partiu Guabiroba' nos acompanhou por São Paulo!

tensionar para que seja, ocupando o espaço, assim como fizemos. Não é mérito ou demérito, é apenas um jeito de pertencer ao mundo em que nos permitimos fazer.

Além do evento, muito bem guiados(as) por Ivon Fernandes Lopes, fomos conhecer São Paulo, várias regiões, de trensurb, caminhando pelas ruas, como o Memorial da América Latina, a praça da Sé, onde brota a cidade de São Paulo, a rua que comercializa itens a um preço que atrai pessoas de todo o Brasil, conhecemos e tecemos com pessoas de vários lugares deste Brasil e Uruguai, enfim, construímos muitos laços com outros(as) andarilhos(as) que nem nós, que andam pelo mundo e que vez ou outra escrevem para perguntar por nós, eu será que ficou que as pessoas ainda se lembram, mesmo tendo passado um ano? Além disso, reencontro com pessoas que jamais esperaríamos encontrar no Hostel.

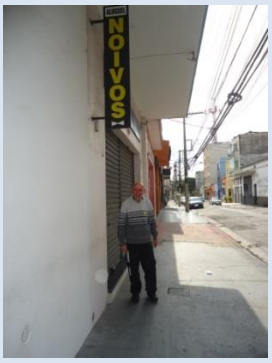
A possibilidade de conhecer um dos autores do livro ‘O Capa Branca” que conta a história de vida de uma pessoa que foi trabalhadora e paciente do Juquery, também, de participar da Parada do Orgulho Gay, de protestar pelo ‘Amar sem temer’, dentre outros aspectos de uma viagem intensa em que nossas crises aconteceram, mas foram de tanto rir (Figura 160). E graças ao ‘Guia’ Ivon Lopes, ‘voltamos’ na história, conhecemos o primeiro CAPS de São Paulo.

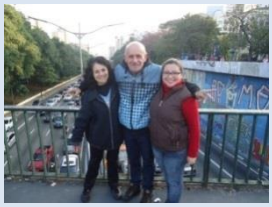



Condição humana
UNIP
UNIVERSIDADE PAULISTA
Bem-vindo e boa prova!
CREDENCIAMENTO
XX PARADA LGBT - SP
FORA TEMER
AMAR SEM TEMER!





-VINDO AO MEMORIAL DA AMÉRICA LAT

NOIVOS







M-VINDO AO MEMORIAL DA AMÉRICA LA







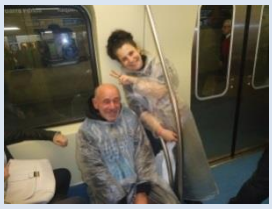












Figura 160 – Registros de momentos do percurso Pelotas – São Paulo e vice –versa, referente a participação no Congresso Brasileiro de Saúde Mental. Maio de 2016.

Mas era preciso voltar e voltamos, também com a ajuda do guia Ivon Fernandes Lopes, pois em contrário talvez estaríamos morando em São Paulo. Conseguimos nos perder no metrô. Seu Ivon até ficou famoso por lá, pois era chamado no microfone geral em todos os andares e foi quem mediou nossos reencontros. Também era preciso voltar, pois tínhamos o que fazer nas bandas das paisagens da região Sul do país. Tínhamos por aqui nossos afetos,

nossos viveres, bem como participado do fomento a construção do primeiro encontro estadual de Associações de Saúde Mental (Figura 161), às apresentações e gravação de DVD do Vocal Esperança e do Musical Los Lokos na Fenadoce, entre outras coisas. Seu Ivon, na sequência iria rumar de novo a São Paulo e Bahia.

Saúde não se vende, loucura não se prende!

Um dia para não esquecer pois dispositivos de luta estavam em ação – a música, a militância pelo SUS e o agenciamento do primeiro encontro de Associações de Saúde Mental no estado do RS. O 10 de junho de 2016, foi um momento significativo na vida de todos. Várias formas de lutas acontecendo, e por vários meios. Um pela música, ocupando os palcos da Fenadoce, com apresentação dos grupos vocais Esperança e musical Los Lokos. E também acontecia o primeiro encontro de Associações de Saúde Mental do estado, em Santa Maria (Figura 161), o qual começou a ser tecido a partir de acionamento da Amábile com seu Ivon Fernandes Lopes, seguido da entrada da 'andarilha' nas conversas, e fomos partilhando os contatos que tínhamos de Associações, da junção dessa força de resistência constituída ao modo de cada uma em diversos pontos do estado do RS, e fomos nos contatando e tecendo esse encontro.

As redes de algum modo nos aproximam. A ideia já era antiga. Habitava nossos pensamentos. Mas com a provocação do Luiz Coronel, de que os movimentos sociais 'não eram de nada', alvorotou nossos ânimos e reagimos, sob a ideia de nos juntarmos nessa luta contra o que quer desmontar nossos direitos, um modo de atenção em saúde (mental) que vem dando certo, as forças de resistência, um ato protagonista. Assim, além de Santa Maria e Pelotas, se contatou Ijuí, Canoas, Porto Alegre, Panambi, Santo Ângelo, Uruguaiana, entre outras, locais em que havia Associações ou outras formas de junções neste sentido (Figura 161). Na ida de Pelotas para Santa Maria é que a 'andarilha' e seu Ivon começam a esboçar o que veio a ser o vídeo da Aussmpe, que conta um pouco de sua história, do que fazemos, e de como algumas pessoas percebem a Aussmpe na sua vida.

O Encontro coincidiu com ato de defesa do SUS no campus da UFSM em Santa Maria (Figura 161), dado que se anunciava o corte de 50% na saúde e na educação, ferindo o marco constitucional de 1988, o que infelizmente acabou se consumando, mas que não foi sem resistências por diversos locais do país. Tratavam-se dos avanços destrutivos do modelo neoliberal que cada vez ganha mais corpo no sistema capitalista, em que o valor da vida é secundário. É a grande peste que prolifera, que se criam mecanismos de resistência, que parra

e nos quais é preciso se reinventar e inventar formas de causar fissuras nas formas de racionalização que nada mais são do que modos de normalização e burocratização da vida.

E um desses modos é criando consciência política e social do que está em jogo e que afeta a nossa e a vida de muita gente, na contramão de mídias convencionais que nos vendem mentiras como verdades. Criar formas de como nos alertava Guattari (1986), consigamos estranhar e se dar por conta de quando estamos indo contra nós mesmos pautados por essas verdades inventadas maquinadas pelos afetos que produzem amor, ódio, etc.













Figura 161 – 1º Encontro estadual de Associações de Saúde Mental, Santa Maria/RS, 10 de junho de 2016.

No Encontro, para nossa alegria havia muita gente. E pessoas que estavam se organizando como força de resistência, alguns com mais anos de estrada, outros recém experimentando e outros querendo saber como fazer, mas como não há receita, as pessoas vão inventando(se) seus modos e jeitos de agenciar e criar dispositivos para sustentação das invenções. Ademais, sabe-que mesmo assim, com essa presença massiva ainda havia locais que pelos mais diversos motivos não conseguiram estar.

Neste momento se constituiu um reforço da força, que qualquer ação pode ser replicada e possamos nos ativar em conjunto para muitas lutas. Já não somos um, somos muitos(as). Como escrito no folder da Aussmpe "União faz a força" e "Junt@s caminhamos mais" (AUSSMPE, 2017). Da região Sul, somente a Aussmpe. Iniciamos provocações com São Lourenço do Sul na gestão de esquerda, com Rio Grande e Capão do Leão, mas devido a muitos outros acontecimentos, não conseguimos avançar nesta construção. E entendemos que tudo ao seu tempo.

Por fim, do Encontro construímos o seguinte Manifesto que baliza nossa caminhada da força de resistência na saúde mental:

> MANIFESTO SANTA MARIA - do I Encontro Estadual de Associações de Saúde Mental!
>
> Nós, participantes do I Encontro Estadual de Associações de Usuários e Familiares da Política de Saúde Mental, realizado na data de 10 de junho de 2016, na cidade de Santa Maria/RS, queremos reafirmar que somos contra os retrocessos que estão ocorrendo na política de saúde mental municipal, estadual e nacional. Além de não querermos que a lógica manicomial do isolamento, da exclusão, da perda de direitos, do afastamento da família e dos maus-tratos retornem. Queremos reafirmar nossa defesa pela Reforma Psiquiátrica e pela Luta Antimanicomial através do cuidado em serviços de saúde mental de base comunitária, articulada a atenção primária em saúde, com a construção da rede de atenção psicossocial (RAPS). Também é nossa a defesa por um SUS cada vez mais forte, mais amplo, com atenção especial para as questões de gênero, classe e etnia, entendendo que as pessoas que demandam pela atenção em saúde mental sofrem com o estigma da loucura e exclusão, por serem negros (as), lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros,

> mulheres, periféricos (as) e/ou pessoas em situação de rua. Queremos ainda, reafirmar que seja garantida a diretriz da Redução de Danos como uma ética de cuidado às pessoas e em especial às que usam substâncias psicoativas. Por isso reafirmamos que somos contra a privatização da saúde, e neste encontro criamos na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) o Núcleo de Apoio ao Movimento em Saúde Mental, a constituição do Fórum Regional Permanente de Saúde Mental, indicamos a constituição de Fóruns de Saúde Mental noutras regiões do estado do Rio Grande do Sul e deliberamos pela realização do II Encontro Estadual de Associações de Usuários e Familiares da Política de Saúde Mental no município de Ijuí/RS. Por fim, registra-se o agradecimento às pessoas que se envolveram no disparo e participação neste I Encontro de Associações de Usuários e Familiares e no fortalecimento dos movimentos e luta na saúde mental pois, saúde não se vende e loucura não se prende!

Nossa lutas também são festa!

Em 17 de junho de 2016, que foi uma sexta-feira, acontecia uma festa da Aussmpe para celebrar os aniversários que haviam ficado pelo caminho, devido as movimentações de maio, as viagens, a situação de saúde da Mãe Preta e como forma de desejar boas energias ao seu Ivon que em breve iria para Jequié na Bahia (Figura 162). Essa data, coincidia com encontro do Grupo Vocal Esperança, mas a 'andarilha' sentia que deveria ficar, por mais importante que lhe era o grupo Vocal. E ficou o dia todo. A sensação de que deveria ficar tinha cheiro de despedida, a qual não sabia ao certo, mas que atualmente pode-se entender pela mudança de endereço da Sede da Aussmpe junto com a OSC GESTO e com a partida da Mãe Preta, da qual é impossível não sentir falta!

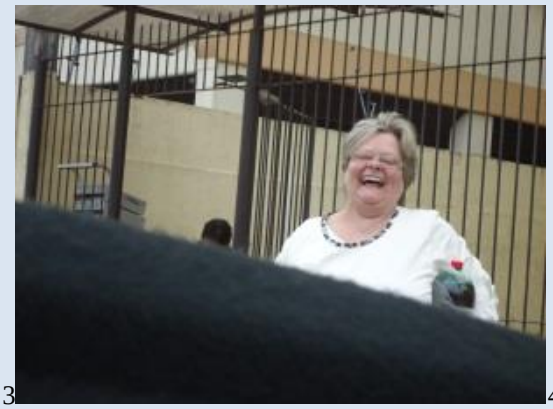
O dia começou indo até a casa da Mãe Preta para ajudar a levar o que ela havia produzido, arte transformada em bolo, salada, a cuia, a erva e a térmica, entre outras coisas para a festa naquele dia. Depois passamos na casa da Sandra para buscar os refrigerantes que haviam ficado por lá. Ligávamos e ela não atendia. Estava ocupada. Rendeu muitas risadas, mas que faz parte de nossos códigos secretos, que só nós sabemos (Figura 162, foto nº 3).

Chegamos na OSC GESTO e o pessoal já estava nos esperando e foram nos ajudando a levar para dentro os 'comes e bebes'. para dentro. Arrumamos a sala, onde colocamos o bolo e pai Zé nunca perde a oportunidade. Enquanto isso, seu Vagner e Claudionei se ocupavam em assar a carne e a Mãe Preta e Santa Helena na cozinha. Pai Zé ganhou uma luva de presente da Mãe Preta. As pessoas foram chegando. Foi uma festa muito bonita. A 'família' reunida. A 'andarilha' sentia que precisávamos desse momento, pra conversar, comer, beber, rir, confraternizar. Ficou ouvindo o seu Hélio contando suas experiências. É um senhor que vem de bicicleta para a Associação. Neste dia, também inauguramos a câmara digital comprada com o recurso do projeto de informática. A refeição foi farta.

O que sobrava, Mãe Preta que era quem geralmente as produzia, dividia para as pessoas da Associação levarem pra casa. Então, cada um e cada uma, sempre ganhávamos algum quitute para comer em casa. Também, foi dado presentes aos aniversariantes, feito sorteio de brindes, algumas sacolas que trouxemos do CBSM entre outros. E no final das atividades, nos reunimos na sala em que fizemos reunião, mais um bom momento, de fim da festa, de conversa. Após pai Zé e Claudionei acompanharam a ‘andarilha’ até sua casa e já aproveitamos para dar um ‘oi’ ao seu Zé, que é um marceneiro, nosso amigo. Ele veio da Espanha. Pai Zé lembra dele com frequência, solicita a ‘andarilha’ que lhe entregue abraços e de vez em quando estacionamos por lá para conversar sobre a vida.

1 

2 

3 

4 

5 

6 

7 

8 

9 

10 

11 

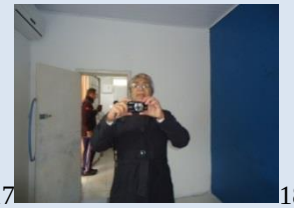
12 

13 

14 

15 

16 

17 

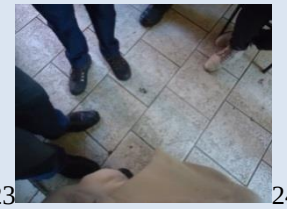
18 

19 

20 

21 

22 

23 

24 

25 

26 

27 

28 

29 

30 

31 

32 



Figura 162 – Festa da Aussmpe para celebrar os aniversários que haviam ficado pelo caminho, devido as movimentações de maio, as viagens, a situação de saúde da Mãe Preta e como forma de desejar boas energias ao seu Ivon que em breve iria para Jequié na Bahia. Sede da Aussmpe, OSC GESTO, rua Santos Dumont, 337, Pelotas/RS.

Quando seu Ivon Fernandes Lopes foi pra Jequié na Bahia, mesmo que era o Vice-Presidente, o coletivo da Associação seguiu caminhando, pois a relação não é de dependência e sim de autonomia e parcerias. E ele e Mãe Vanilda faziam esses trocadilhos. Ele dava suporte quando ela não podia, dado que era a Presidenta, ou iam se revezando entre os/as membros/as da diretoria, mas principalmente, entre ambos. E não era somente em relação a Aussmpe, mas em situações da vida cotidiana.

Insistência, um modo de andar que produz efeitos

O Claudionei como suplente foi substituindo seu Ivon neste período, na representação do Conselho, dado que também atuam em revezamento, afim de não sobrecarregar nenhum e produzir empoderamento. O Claudionei seguiu com o trabalho que seu Ivon já vinha fazendo, e mergulhou fundo em rearticular a Comissão Municipal de Saúde Mental de Pelotas, o que que por sua vez deu trabalho, de contatar pessoa a pessoa para ocupar esse espaço do controle social que dentre suas formas de atuação, está a de tensionar com o cumprimento da Política Nacional de Saúde Mental, e construir e fazer funcionar a local.

Claudionei se implicou de tal forma com isso, ao que amigos/as brincavam com ele, que era o ‘papeleiro’ pois foi deste modo, de convite em convite, que após muita insistência, as pessoas começaram a ocupar esse espaço. Ele acabou sendo eleito o coordenador da Comissão. No retorno de seu Ivon, como é o titular, não fez objeção para que se trocasse. Seu Ivon contribuindo no empoderamento e para o protagonismo das pessoas. Para a ‘andarilha’, dentre outros fatores, mas esse provavelmente deve ter contribuído para o Claudionei no seu processo de ‘alta’ do CAPS. E isso é maravilhoso. Era o ‘gasto da sola do sapato’ que valia a pena (FERREIRA, 2017). O não desistir das pessoas. A aposta na potência das pessoas.

Das reuniões na Fábrica da alegria e das cenas da vida

Nas semanas subsequentes, aconteceram reuniões da Aussmpe e como tem sido, geralmente, nos divertíamos muito, afinal estávamos na fábrica de produção de alegria. Seria excesso de ‘risotril’ no café? Talvez, talvez. Era um de nossos remédios, o que curava tudo. É o nosso jeito de andar na vida, uma arte de existir. E esses jeitos também eram temperados com teatro do improviso, do improriso e de alegrias. O Teatro ia e voltava, mas sempre estava no horizonte, fosse como fosse. Havia a prática frequente do Teatro de Improviso ou Improriso. Por exemplo, esse foi que garantiu nosso retorno de Santa Maria em 2015, quando a maioria de nós se declarou com a identidade de loucos(as).

Chegamos na Rodoviária de Santa Maria. ‘Não’ havia mais lugares vagos no ônibus da Planalto, na ala ‘comum’, mas havia na ‘vip’, entretanto era mais caro e se tornaria inviável a duas pessoas de nós quatro. Isso implicaria que somente duas pessoas poderiam voltar de Santa Maria para Pelotas. E Mãe Preta começou a colocar o Teatro do Improviso em ação, que foi um dispositivo de alteração nesta conjuntura. Dado a isso, por considerarem que éramos todos(as) loucos(as) da loucura do estigma, conseguiram quatro lugares no fundo do ônibus. Engraçado não, pois a princípio não haveria dois dos quatro lugares que necessitávamos, só se pagássemos a diferença, e de repente os mesmos foram possíveis?! De algum modo fomos vigiados(as) por todo o trajeto. Mas, voltamos, juntos(as) e sem ser absurdamente explorados(as) pela máquina do capitalismo.

Os outros aconteciam nos ônibus na cidade de Pelotas, como forma de ir confrontando com o preconceito em relação à loucura e também produção do riso. Não era programado. Começava com conversas do tipo ‘fugiu do Espírita’, ‘vamos avisar que você está aqui’, ou ‘me obedeça filhinha, pois se não vou te colocar no Espírita’, etc (SILVA, BORGES, SANTOS, 2015, 2016). Provocava reações diversas nas pessoas, como risos, e até algumas desciam antes de suas paradas, como ás vezes informava o(a) moço(a) conhecido(a) como ‘cobrador(a)’ no ônibus. A ‘andarilha’ teve a oportunidade de participar de um deles. Um outro, aconteceu em Hotel no município de São Lourenço do Sul, em época de Mental Tchê no ano de 2015. Queriam nos deportar do mesmo, mas não conseguiram (Figura 163).



Figura 163 - Mãe Vanilda fazendo cenas no ‘teatro do improriso’ em Hotel no município de São Lourenço do Sul, em época de Mental Tchê, 2015.

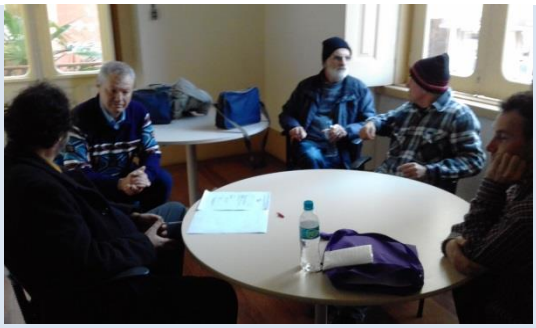
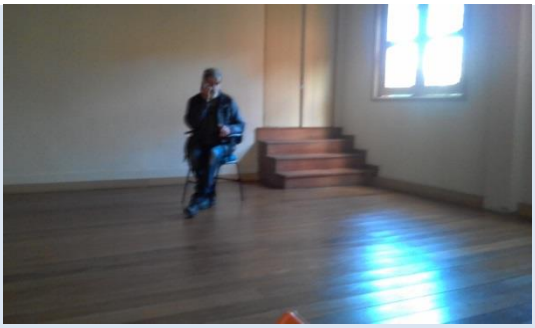
E outros aconteceram com o Cid Branco, professor e diretor de teatro e de palhaçaria, que como ele mesmo diz, tem nestas formas de artes, dispositivo para a ‘transformação social’ ao que, de algum modo, nos coadunamos.

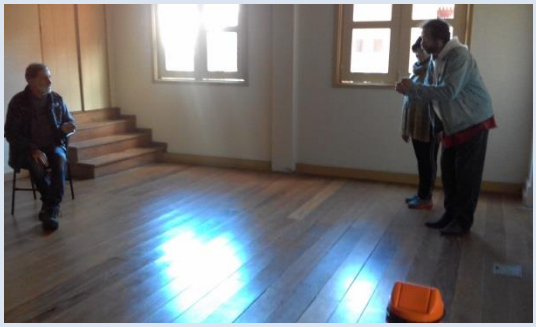
Conversamos com o Cid. Foi até a Associação. Falou de como trabalhava. Acordamos de trabalhar em conjunto. Eram jeitos diferentes. Começamos com as técnicas. Cocriamos um nome – Teatro Mosaico Alegria. Construímos um projeto (Anexo N) e arrumamos um local para ensaiar, na ideia de ocupar outros espaços que não só os que já ocupávamos, para ir cultivando outras relações com a loucura, dentre elas via teatro. O Teatro, enquanto viveu, praticou a co-gestão. A coordenação ficou a cargo do seu Uilson Santos.

Nascia o grupo de Teatro Mosaico Alegria e muita palhaçaria

O Teatro Mosaico Alegria, ainda que na data da sua criação não levava esse nome, foi constituído no dia 29 de junho de 2016 (Figura 164). A escolha do nome foi em 20 de julho de 2016. Também tínhamos combinado de gravar as atividades que desenvolvíamos para após fazermos uma avaliação coletiva. As atividades aconteciam em sala no Museu do Doce, concedida após conversa de membros(as) da Aussmpe com a pessoa responsável por este Setor na UFPel.







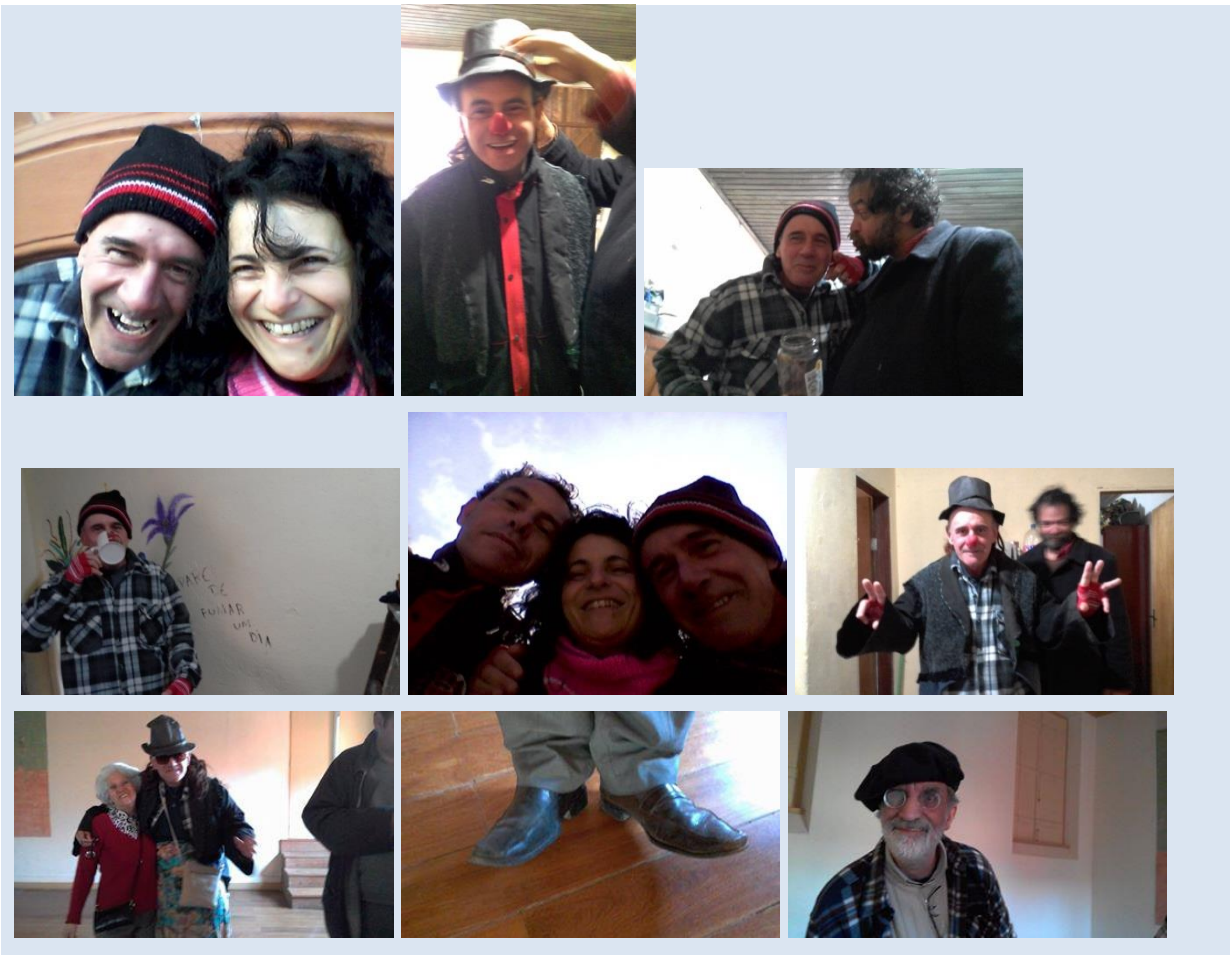



Figura 164 - Momentos do Teatro Mosaico Alegria, realizado em sala no Museu do Doce, na parceria Aussmpe e UFPel, e em visita a ‘andarilha’ e ao diretor e ator Cid Branco 2016.

Pelas oficinas, percebia-se libertação. Parecia que o corpo ia se libertando de algumas amarras, se soltando, produzindo. Também, que havia um processo de transformação em curso, por todos(as) os(as) participantes (Anexo M, Figura 164). Mas, dado a situações de saúde de algumas e/ou alguns de seus/suas membros/as, o mesmo acabou esvaindo-se. O sabor é de saudades. E no mesmo dia da semana e turno, no caso nas quartas-feiras, começaram-se aulas de dança, também sob a perspectiva da co-(des)(re)construção de si, do coletivo, do espaço. Neste, a 'andarilha’ se envolveu com a perspectiva de contribuir com a cedência de espaço físico. Esta atividade era e é coordenada pela Sandra Schwantz em parceria com a Gabriella Ferreira, que tem formação em dançoterapia. E a vida seguia.

Colisão de forças e a produção de linhas...

Em 19 de julho de 2016, devido ao ocorrido na Fenadoce, em 10 de junho, em que uma colega do Grupo Musical Los Lokos, a qual também integrava a Associação, ter

debochado da Mãe Preta por estar usando turbante, o que fazia devido à queda de cabelos, um dos efeitos do processo de tratamento quimioterápico, o que a afetou profundamente, ao ponto de cada vez que se tocava no assunto chorar muito, tanto no espaço do Grupo, como na Associação e em sua casa e provavelmente noutros cenários da vida.

Deste modo, solicitou a essa pessoa que não lhe dirigisse a palavra e que o que tinha a lhe dizer o fizesse por outra pessoa que estivesse na reunião. Por um mediador. E essa pessoa que debochou não seguiu a essa orientação. Eis que Mãe Preta levanta em uma velocidade que surpreendeu a todos/as e a pega pelos cabelos, e todos/as nós presentes procuramos afastá-las. Mesmo assim, a Mãe Preta lhe arrancou um chumaço de cabelo e a arranhou o rosto.

Após separarmos as mesmas, e nos dividirmos em atender ambas, a pessoa que debochou foi embora. Uma foi ferida fisicamente e a outra na 'alma'. Não há como dizer o que dói mais, entretanto, a dor física tende a cicatrizar e a dor subjetiva? A situação do deboche mexeu com as emoções de Mãe Preta, provavelmente contribuiu para os retrocessos que viveu na sua situação de saúde, como diminuição acentuada de imunidade, reinternação hospitalar, etc. Na dia deste ocorrido, Mãe Preta foi se acalmando e em conjunto com o coletivo, resolveu-se seguir com a reunião.

A 'andarilha', na tentativa de contemplar o pedido de que houvesse uma produção audiovisual sobre a Aussmpe, do que era a Aussmpe, do que fazia, entre outras coisas, o que já havíamos conversado no coletivo da Associação no início do semestre. Deste modo, apresentou o que havia sido sistematizado até o momento, a partir do que sugeriram e do que foram sugerindo, para ir aperfeiçoando ao encontro do que desejavam e que se transformaria em um vídeo (Anexo M), mesmo que a data festiva ainda não estava no horizonte da 'andarilha'. Seu objetivo era ir tecendo com, trazendo para discussão, como vimos fazendo, mas que após o convite para comemoração da Festa de 14 anos de Aniversário da Aussmpe tomou outro rumo, ganhou outra velocidade e significação, o de presenteamento, de devolução, também nesta forma de uma história em vídeo, do afeto em que nos envolvíamos.

Nesta data, também nos envolvemos no processo de sugestão e escolha dos nomes para o coletivo de Teatro, como um indicativo, o que seria decidido, respeitada a autonomia do grupo de Teatro, posteriormente (Figura 165).

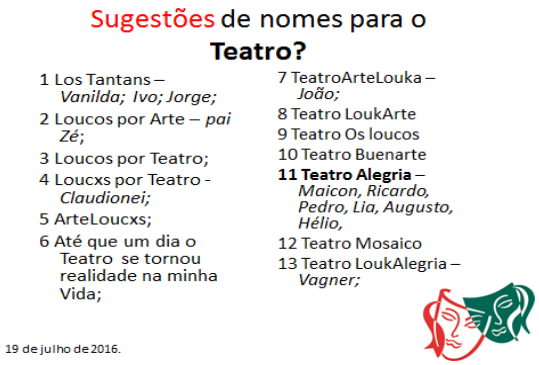


Figura 165 - Sugestões de nomes para o grupo de Teatro, tecido em reunião da Aussmpe, na sede da mesma, na OSC GESTO, rua Santos Dumont, 337, Pelotas/RS.

E também, foi apresentado o cartaz para solicitação de doações para o Brechó Primavera que estava sendo gestado desde a reunião de maio de 2016 em que a primeira sugestão de nome "Brechó Farroupilha", mas que se problematizou sobre o que foi a Revolução Farroupilha, se falou sobre os Lanceiros Negros e dado ao processo histórico, se optou por Brechó Primavera. Como o cartaz de solicitação foi demandado que a 'andarilha' o fizesse, levou para apreciação dos(as) presentes e sugestões (Figura 166).



Figura 166 - Cartaz para solicitação de doações ao Brechó Primavera, tecido em reunião da Aussmpe, na sede da mesma, na OSC GESTO, rua Santos Dumont, 337, Pelotas/RS.[214]

Ao final desta reunião, mesmo com vários encaminhamentos devido ao ocorrido, a 'andarilha' sabedora que Mãe Vanilda era alguém de muitas redes de afeto, ao mesmo tempo a outra, independente de ter feito o deboche, no seu entendimento, também precisava ser cuidada. Deste modo, a 'andarilha' participa ao colega que trabalhava no serviço de atenção que era de sua referência, se pudessem fazer algum contato com ela, pois desconfiava que a

[214] Este Brechó acontecerá em Setembro de 2016, apresentado em reunião da Aussmpe para fins de que as pessoas avaliassem se contemplava ao que sugeriram e ou outras modificações que desejassem manifestar sobre o mesmo.

rede de afetos da mesma era mais escassa. Soube que fariam contato. Mas, ficou pensando sobre isso, de porque acionou o colega do CAPS, como se esse lugar desse ou tivesse que dar conta da vida das pessoas?

E era dia de Tenda, de Tenda da Sororidade na cidade

No 16 de agosto de 2016, aconteceu a Tenda do Afeto como Tenda da Sororidade, junto ao evento ‘Mulheres: o feminismo no IFRS’ junto ao Instituto Federal do Rio Grande do Sul - IFRS no Rio Grande. Na Tenda aconteceram prática de cuidado 'conversaterapia', Reiki e Acupuntura e ao mesmo tempo, em paralelo, rodava teatro com 'Loucura de Diversidades', seguida de discussão sobre o movimento feminista, 'cada um(a) e todos(as) nesse processo' (Figura 167). Posteriormente, se discutiu sobre o feminino que habita a todos(as), com o relato voluntário da história de vida de uma pessoa que sofreu abusos diversos na infância, dentre eles sexuais, foi morador da FEBEM e depois de rua e hoje, mora na vida de muita gente.





Figura 167 – Momentos na Tenda da Sororidade, IFRS, Rio Grande, 16 de agosto de 2016.

Outro dia, outra Tenda, que loucura de Tendas

'Não tchê lokeie' em manicomialidades

No 17 de Agosto de 2016, aconteceu o 'Não Tchê Lokeie' em Arroio Grande (Figura 168). Na avaliação do evento, foi muito destacada a presença da Tenda, a necessidade de inclusão de outras práticas de cuidado na rede de Saúde Mental, como as PICs, as ancestrais, dentre outras. Até pessoas que não estavam no evento se aproximaram para práticas de cuidado. Chama atenção duas coisas – uma é há na própria Tenda, por si mesma, um convite, que chama, acolhe e outra que a Tenda estava no evento, mas que é de quem quiser, independente do evento.



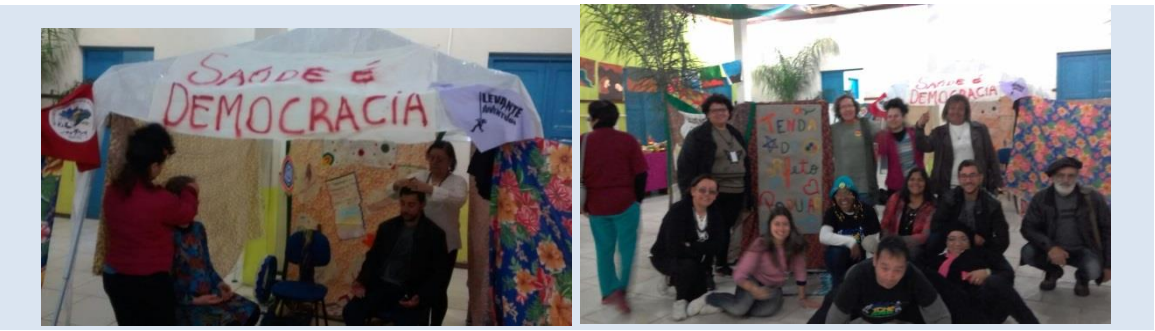


Figura 168 - Tenda do Afeto Popular no evento Não Tchê Lokeie, Arroio Grande, 17 de agosto de 2016.

14 anos de persistência

Em julho fomos acionados e indagados se já havíamos comemorado ou não e caso não, convidados, caso quiséssemos, celebrar o aniversário da Aussmpe com apoio da OSC GESTO. Essa proposta foi levada para a reunião e o coletivo aceitou a mesma, e já se rumou em ideias sobre como poderia ser essa festa, quem convidar, que atrações inventar, e de como iríamos nos organizar. E foi uma chuva de propostas. A Associação completaria em agosto 14 anos de existência. E falando sobre isso, a 'andarilha' que ás vezes não se aguenta sai com essa '14 anos de existência e resistência' até porque estava as voltas com o tema de produção de rexistências na relação com a loucura. E falou isso, pois via e vê que a existência da Associação estava relacionada à rexistências. As pessoas gostaram da 'frase' e adotaram como um lema da Associação, que passou a constar nos ofícios convite, no cartaz que seu Vagner com letra desenhada se ocupou de fazer (Figura 169). Mãe Vanilda no decorrer da semana, no trocadilho, fala em persistência, e a 'andarilha' até acha que tinha mais sentido esta do que resistência, embora a Aussmpe seja o efeito de ambas.



Figura 169 – Faixa escrita pelo seu Vagner Berchon De Essarts para a festa de 14 anos da Aussmpe. 1 de setembro de 2016.

Se decidiu que seria uma tarde festiva com apresentação de obras de arte, do que o pessoal produz na Atenção Psicossocial ou independente, de se convidar os serviços do

município, a gestão municipal, a da Saúde Mental e outras tantas instituições e municípios vizinhos. Se planejava uma grande festa. No cronograma das atividades compreendia um chá da tarde com bolo a cargo da OSC GESTO, que se ocupou também em nos ajudar na decoração. Grupos musicais foram convidados a se apresentar, houve a sugestão de que a Corte da Aussmpe, realizada pela Santa Helena e Pai Zé acolhessem as pessoas que viessem para a festa.

Também, se decidiu que estivessem sendo ofertadas práticas de cuidado, como Reflexologia ao que o seu Vagner se dispôs, o Reiki o que a 'andarilha' ficou de acionar o coletivo Povaréu Sul, e convite ao pessoal da enfermagem para verificar a pressão, que acionamos as estudantes os/as companheiros/as que conhecemos do movimento estudantil, bem como uma oficina de turbante dado ao acontecido entre Mãe Preta e uma das integrantes da Associação que também participava de Los Lokos, sugestão que a 'andarilha' manifestou quanto aos turbantes, como um dispositivo para construir com a elaboração do ocorrido que ainda a feria, que Mãe Preta se derramava em lágrimas e que acabou acirrando o estado de saúde dela.

Seu Vagner se ocupou da redação dos convites. Foram feitas comissões para entrega. Foi sugerido a confecção de lembrancinhas e se ficou de ver orçamentos para confecção das mesmas. Vimos e a 'andarilha' custeou as mesmas, pois pensava que não fazia mais que a obrigação em contribuir, pois a Aussmpe não tinha recurso suficiente, apenas solicitou a quem sabia disso, que não divulgassem, pois não era o caso. Quis doar e pronto. Era um local que sentia como de fabricação de alegria, porque recursos advindos da bolsa não poderiam ser destinados a essas investidas se ajudaria um coletivo tão intensivo?

Mãe Vanilda deu a ideia de que houvesse madrinhas e padrinhos da Aussmpe, o que foi decidido coletivamente quem seriam essas pessoas, quem as pessoas que integram a Associação sentiam que eram como madrinhas e padrinhos, como o Luiz Guilherme Belletti pela trajetória e parceria no Controle Social, o Maicon Fouchy, o Gilmar, coordenadores da OSC GESTO pelo apoio com a possibilidade de pela primeira vez a Aussmpe ter uma Sede, a Luciane Prado Kantorski, a Michele Mandagará de Oliveira, a Valéria Coimbra, e a Beatriz Franchini, pela militância, pelo apoio, parceria e trajetória na Saúde Mental e Saúde Coletiva da Universidade Federal de Pelotas - UFPel, a Cristina Barbieri trabalhadora no CAPS Escola, o Tiago do CAPS Infantil, seis pessoas a total. E teve atividade para todos e todas nos envolvermos. Essa organização surpreendeu a OSC GESTO, não que os quiséssemos surpreender. Não imaginavam dessas nossas velocidades. O processo de produção da festa foi fazendo rizoma, conexão com várias pessoas.

A ‘andarilha’ estava triste consigo por não conseguir escrever e nem se dar a esse tempo e ao mesmo instante vibrando com esses movimentos. Também, como eram 14 anos, era a primeira vez que seria comemorado, já que vínhamos tecendo a possibilidade de construção de um vídeo da Associação, que mostrasse o que faz, pelo menos isso foi o que se falou na época que a ‘andarilha’ apresenta a ideia para fins de mostrar a Associação na voz das pessoas que a integram e também como integrante da mesma e do trabalho que vimos produzindo juntos, como um ponto de intensificação de vida, na produção de rexistências na relação com a loucura.

Nesse processo, nas andarilhagens, já tínhamos reunido fotos, elementos da história, e ia se tecendo o vídeo sob a perspectiva de mostrar a história, como funciona, e o que temos feito. Pessoas entravam em contato principalmente a Mãe Preta, lhe avisando que havia fotos, ou informações e a ‘andarilha’ muito louca tentando juntar sugestões, mas o roteiro e a maioria das fotos foram selecionadas por ela e seu Ivon em viagem a Santa Maria para o 1º Encontro de Associações de Saúde Mental do RS e parecia que estávamos prevendo que em breve esse vídeo poderia ser necessário, pois nesta época ainda não sabíamos que haveria a proposta da festa.

Com o convite para a festa, a ‘andarilha’ achou por bem, devolver um pouco a essas pessoas do quão produtora de conexões, que são as que constroem a Aussmpe. Era uma forma de presentear, de agradecer, e que estava ao seu alcance naquele momento além de ajudar na organização, por terem a acolhido com tanto carinho. Por terem produzido sua inclusão. Para a feitura do filme, gerou muito trabalho de todas as pessoas que se envolveram de um modo ou de outro – seja de nós da Aussmpe e dos(as) estudantes do curso de Cinema da UFPel. Algumas gravações fez em uma atividade que acontecia na Aussmpe, com o Paulinho, o Pai Zé, o Ivo, o seu Vagner, o Maicon, o Ezequiel, outras na casa da Mãe Preta, dado que estava sob resguardos de saúde e ainda agregamos as gravações feitas pelo seu Uilson num desafio inventivo de fazê-la, um aprendizado para todos(as) e seu Ivon Lopes que também teceu gravação via outros dispositivos.

O seu Ivon tentava enviar via rede virtual, pois estava na Bahia e não dava certo devido á extensão do arquivo, a ‘andarilha’ se desdobrou consultando pessoas quanto a como abrir, mas não se conseguiu, o que foi interessante, pois seu Ivon fez o próprio vídeo, o que a ‘andarilha’ achou maravilhoso e dado a isso, vai adicionar na nova edição do mesmo para fins do trabalho e da Associação. Mudamos a data do evento, ao invés de ser no dia exato do aniversário da Aussmpe, em 13 de agosto, para primeiro de setembro, para que desse tempo de seu Ivon chegar da Bahia para o evento, dado a sua implicação em criar e contribuir

substantivamente em arranjos de sustentação da Aussmpe, uma ideia que segue dando certo, produzindo vidas. Havia muito a se comemorar!

E o seu Uilson, agendamos encontro na praça Pedro Osório, e nada dele chegar, mas mesmo assim a andarilha esperou em torno de uma hora e decidiu ir embora e avisá-lo via rede virtual que já estava em casa, para ele não ficar também a esperando, pois desencontros ou imprevistos podem se atravessar aos nossos planos. E de fato, imprevistos não facilitaram para que ele chegasse no momento que havíamos combinado. Mas foi bom. Seu Uilson fez um vídeo lindo em casa, uma produção emocionante na qual que disse o que quis dizer. E havia outras pessoas que a andarilha não conseguiu contatar e gravar dado ao pouco tempo que tínhamos para finalizar o mesmo, tanto que o foi de véspera, ou seja, na madrugada do amanhecer do dia primeiro.

Esses(as) estudantes do curso de Cinema da UFPel, nos passaram algumas dicas, estavam na velocidade de entregas de trabalho, mas era um grupo que mesmo nessa situação de pouco tempo, dado que alguns(as) ainda trabalhavam noutras atividades durante o dia, dispondo mesmo de pouco tempo, mas que mesmo assim encamparam a ideia, e viramos a madrugada fazendo. Os/as mesmos ficaram estupefatos com o que viram, pois era diferente do que esperavam ver, viram gente como a gente tecendo a vida.

A ‘andarilha’, tendo acionado nas velocidades da vida, pois era e é uma aprendiz amadora na produção de vídeos, lê que foi mais um momento de desmistificação da loucura. Tanto o foi que uma das estudantes disse ‘fiquei até com vergonha agora, o que faço não chega nem perto ao que essas pessoas fazem’. Mas, também assustador, pois isso mostra que há ainda muito trabalho a ser feito, entretanto ninguém disse que seria fácil! É um processo, é complexo, pode demorar muitas vidas inteiras. Contudo, comemora-se, pois nesta feitura, já houve produção de diferença.

E esses elementos todos a andarilha foi compilando com a ideia de presentear via vídeo essas pessoas parceiras de vida, das lutas sociais. Então, o vídeo fez parte da Programação. Sentiu também que seria uma forma de mostrar a potência desse lugar e de que ao ver, as pessoas que tecem a Aussmpe pudessem contemplar o lindo trabalho que fazem com amizade, familiaridade, generosidade, humildade, disposição em acolher e ajudar as pessoas. Era e é o efeito de um trabalho coletivo.

E chegou o dia da Festa de 14 anos da Aussmpe (Figura 170). A andarilha encontrando com os parceiros e parceiras, chegamos no local e fomos organizando, acolhendo as pessoas e alguém pergunta se havia convidado a Michele Mandagará de Oliveira e pra ‘andarilha’ estava resolvido, pois havíamos combinado que os convites iriam por e.mail e em

mãos, então, tinha imaginado que havia lhe sido enviado por e.mail, entretanto não tinha sido, e a ‘andarilha’ ficou com muita vergonha, pelo seu atrapalho com a cópia impressa, a Mãe Vanilda havia levado em uma atividade que ocorreu na FEN e como não havia encontrado a Michele passou a ‘andarilha’ se poderia fazer, ao que se dispôs! Mas, ainda bem que foi possível resolver com a ajuda do Gilmar que a contatou e que a mesma, que não se furta em se sentir afetada, veio prontamente e participou da festa (Figura 170).

A festa foi linda (Figura 178). Muitas pessoas do município de Pelotas, do Rio Grande, de Canguçu e talvez até de outros. A corte da Associação estava circulando por lá. Na programação as apresentações musicais, a celebração das madrinhas e padrinhos e neste dia a ‘andarilha’ confessa que até agora lhe soa estranho, também foi convidada para ser madrinha da Aussmpe (Figura 170). Quis relutar, mas em público, se viu numa ‘saia justa’, que os alquimistas e as alquimistas tinham aprontado pra ela. Não se via e nem se vê como madrinha. Quase um ano depois, está ao menos cultivando a ideia, mas que lhe soa estranho, pois não se vê e nem se sente neste endereçamento. E no momento, ficou em estado de quem não estava entendendo das motivações para isso. E que se sentindo ou não madrinha, vai, de acordo com suas possibilidades, apoiar do jeito que conseguir esse coletivo de pessoas que não cessa de reverberar na sua vida.





Figura 170 – Festa de 14 anos da Aussmpe no Restaurante Popular gerenciado pela OSC GESTO, realizada em primeiro de setembro de 2016. Pelotas/RS.

A festa dos nossos 14 anos, mesmo que a ‘andarilha’ tivesse apenas um ano e meio de Aussmpe, foi muito intensa, linda, merecida, principalmente as pessoas que vem fazendo e acontecendo desde a sua criação e que foram se engajando na mesma. Um sol nos horizontes das paisagens do Sul, a Aussmpe. E Mãe Vanilda, a nossa presidenta, eleita democraticamente que não sofreu golpe de ‘Estado’ em nenhum momento, pois nossas relações não eram que nem as dos usurpadores(as) do povo brasileiro, teceu uma avaliação e agradecimentos a quem participou nesta grande e primeira festa de aniversário, aos 14 anos. E a ‘andarilha’ se arrepia toda, pois são 14 anos de existência e nunca havia comemorado seu lugar na existência. Havia chegado o momento!

Mas, enfim, a festa foi uma oportunidade de dizer dessa força que acionou gente de vários lugares para a sua festa, e que não perde a capacidade de se indignar e questionar o que achar que for necessário. Desde modo, nada mais que justo do que registrar o que a Presidenta disse no ar do Programa Gente como a Gente em 3 de setembro de 2016, sobre a nossa festa, a festa de que as lutas valem a pena, parafraseando o poeta ‘quando a alma não é pequena’ (PESSOA, 2015), que foi mais que um agradecimento e sim um depoimento sobre a Associação e de como a gestão pública municipal, outros órgãos públicos, os municípios da região, considera as pessoas na relação com a saúde mental, e porta voz de nosso engajamento na luta, e por isso sua reprodução na íntegra, como uma carta:

> Agradecer a todos que colaboraram com nós pra gente fazer uma festa daquele porte, porque acho que como eu, a maior parte de nós que sempre estivemos a frente da Associação, nunca imaginou que um dia a gente iria conseguir chegar e fazer um festão daqueles, com toda a gente, com todo aquele pessoal, com todo aquele carinho, pessoal de Canguçu, pessoal de Rio Grande, pessoal da redondeza de fora, a Carolzinha, o pessoal da UFPel, ih, de todos, se a gente for falar, vai acontecer a mesma coisa que eu fiz com seu Vagner, vou deixar alguém pra traz, agradecer o carinho de nossos padrinhos e madrinhas, que estiveram presentes, que fizeram de tudo, que todos tem seus trabalhos, seus compromissos mas fizeram de tudo pra se fazer presente, pra nos apoiar.
>
> A festa também seria de bom retorno ao nosso amigo, eu não citei isso na festa, índio pálido aí, que é o Ivon Lopes, mas isso e coisinhas que a gente vai aprendendo né seu Ivon?! A gente só temos a agradecer aquelas pessoas que colaboraram com nós, e de um talvez agora nos 15 anos, errinhos pequenos, que ficou pra trás a gente vai procurar que não aconteça.
>
> E eu também queria fazer um agradecimento muito especial, ao Conselho Municipal de saúde que não se fez presente, que o ofício foi entregue em mãos, a Secretaria, a nossa Secretária de Saúde Arita Bergman, a nossa Secretária de Saúde Mental, nossa gerente Cinthia Yurgel, e todos os órgãos públicos são ligados a saúde, que foi entregue ofício, e não se fizeram presente e não nos deram, não nos mandaram e-mail, não nos deram nenhum telefonema pra confirmar e nem desconfirmar, tenho muito a agradecer, eu fico eternamente agradecida, por essa atitude, será que eles tem medo que a gente futuramente, querer ocupar o cargo deles, tah?
>
> Ás vezes eu fico pensando nisso. Eu já tenho isso, nós, como uma falta de consideração não com a Associação, porque nós da Associação somos um órgão sem fins lucrativos e ligação com nada, mas com os profissionais e com os usuários da saúde mental, eu acho um descaso, tah!

> ... aquele vídeo[215] que foi passado, ia mostrar pra todos, mostrou pra todos, e iria mostrar pra todos aqueles que não se fizeram presente, de que forma, de que jeito e como a Saúde Mental é representada por esse Rio Grande do Sul afora, com sacrifício, ás vezes a gente com fome, ás vezes a gente com pouco dinheiro, sim, ninguém nos obriga a fazer isso, a gente faz isso, porque tá na gente, tá no nosso coração, tá no nosso sangue, então, não vamos botar a culpa em ninguém, a gente faz por que quer, mas só que, seria bom, que as pessoas, que ás vezes vendo o que a gente faz, as pessoas vão se incentivando, porque eu me incentivei e eu cheguei aonde eu tô, vendo o que o seu Ivon fazia lá na frente, o que o seu Anastácio fazia, o que a Dona Otacília fazia, o que os outros colegas faziam, e eu acho que o seu Uilson e por aí afora, a gente vai uns aprendendo com os outros e a gente vai pegando o gosto pela causa, um respeito muito grande, tah, gente, a gente só tem a agradecer, eu estava de cama, saí da cama para ir honrar meu compromisso que eu tinha que estar lá, cheguei direto pra cana, ainda estou de cama, mas quando dou minha palavra, eu cumpro com ela!
> Vanilda Pereira da Silva, em sua participação ao vivo no Programa Gente como a Gente e três de setembro de 2016, no turno da tarde, Pelotas, RS. (SILVA, 2016)[216]

Dia do(a) Amigo(a) é todo dia, que tal um para festejar?

Também, em período anterior ou posterior, aconteceu a Festa do Amigo promovida pelo Caps Escola, que a andarilha não lembra, apenas da sensação. A de que sente como se diz, quando está 'pirando' e uma das estratégias que usa é o recolhimento, mas há sempre pessoas que a tiram da 'clausura', alguém que liga, alguém que a convida para alguma coisa, alguém que a aciona de um jeito ou de outro. E essas ações por menores que possam parecer são enormes pois a ajudam a voltar, a se devolver. Neste dia grupo Los/as Lokos/as foi convidado a cantar por lá e as parceiras das lutas, também das festas e festas como forma de luta, compartilham fotos, pois não se furtam a outrar-se (Figura 171).



Figura 171 – Festa do(a) Amigo(a) promovido pelo CAPS Escola, realizada no CTMR, ao lado da Secretaria Municipal de Saúde, Pelotas, RS. 2016.

[215] Estava se referindo ao Vídeo que fomos construindo ao longo do semestre e na sua finalização foi necessário apressar para fins de passar na festa de aniversário, de mostrar dos movimentos e comprometimentos da Associação nestes 14 anos de existência.
[216] Participação ao vivo de Mãe Preta no Programa Gente como a Gente de 3 de setembro de 2016, pelas ondas da Rádio Com, 104.5 fm.

A festa foi temática e uma forma de manifestação de como trabalhadores e trabalhadoras e provavelmente muitas pessoas que são assistidas no serviço estão se sentindo em relação ao poder público, a gestão municipal da saúde e da saúde mental, mas também em âmbito nacional, de que as pessoas não são algo com o que se pode brincar e achar graça. E que ser palhaço ou palhaça é uma arte e uma profissão (BRANCO, 2016), a qual pode contribuir para denunciar que nem todas as pessoas aceitam a mitificação da realidade, como no caso o foi, de forma encarnada, sem ter medo de ser feliz e ocupar os palcos da vida, que é a nossa própria vida.

A ‘andarilha’ recordou que para uma intervenção que a Frente de Luta da Pós-Graduação da UFPel, articulados com e como Movimento Estudantil da UFPel, com o Povaréu Sul, com a AUSSMPE, Levante Popular da Juventude, Frente de Defesa do Serviço Público conhecido como Frentão e com Associação de Bairros do Guabiroba, na realização da Tenda do Afeto Popular no bairro Guabiroba em novembro de 2016, a Mãe Preta lhe emprestou essas suas calças, pois fizemos um teatro, também do improviso, afinal teve boas e bons professores(as) da Aussmpe, como forma de abrir o debate com a população, sobre a conjuntura que estávamos vivendo no país e não só, mas de ir tecendo aproximações com a comunidade, que nos recebeu muito desconfiada e lá com as suas motivações.

O conservadorismo na relação com o uso de substâncias aditivas

Em 12 de agosto de 2016, a Comissão Municipal referente ao uso de drogas em Pelotas, em que Claudionei Fernando Oliveira Ferreira é um dos membros, no qual representa a AUSSMPE, promoveu o III Seminário de Políticas Públicas sobre Drogas, o qual foi um embate de forças, quanto á modelo de cuidado, o do proibicionismo e o anti-proibicionismo, o da defesa de segregação em Comunidades Terapêuticas e Hospital Espírita na relação com a perspectiva psicossocial, de redução de danos, consultório na rua, questões sociais, etc.

A ‘andarilha’ passou pelo evento, e neste dia uma pessoa da Aussmpe lhe aciona pedindo ajuda, pois familiar estava desesperada que seu filho andava que nem indigente por ter se excedido no consumo de álcool o que tem lhe causado danos na vida, jogado pelas ruas do Laranjal, em um agosto frio. Coincidentemente recebe essa ligação justamente em um evento com este temário, colocou essas pessoas em contato direto com a Redução de Danos e Consultório na Rua e seguiu acompanhando na medida dos possíveis a situação. Essa pessoa acabou sendo internada no Sanatório da cidade para ‘desintoxicação’ e após ‘alta do referido

manicômio, a família se movimentou para articular a continuidade do cuidado via CAPS e(m) rede.

Re_uniões

Em 13 de setembro de 2016 ocorreu reunião da Associação, na qual já com seu Ivon presente e muitas brincadeiras se ele havia trazido um jegue da Bahia (AMARAL, 2016). Nesta, se fez avaliação do evento, já pensando o do próximo ano, se falo de agenda no Povaréu e nos preparativos para o Brechó (AUSSMPE, 2016). Em 15 de setembro de 2016 rumamos para a casa do Marcos Aurélio Matos Lemões na Quinta, distrito do Rio Grande, Fomos seu Ivon, o Cid e a 'andarilha'. A casa desse companheiro é um palco de passagens, de dar estacionadas na metade do caminho entre Pelotas e Rio Grande e vice-versa. Mas, dessa vez fomos em específico para a reunião do Coletivo, o que geralmente era uma dificuldade de conseguir agenciar as poucas pessoas que participam do mesmo, dado as nossas agendas de estudos, trabalho e luta em Pelotas, Quinta ou Rio Grande (Figura 172). Mas aí residia uma riqueza de composição, com imersão em diversos pontos, o que nas lutas pós golpe de Estado, foi fundamental para articular (n)a mesma.



Figura 172 - Itinerário de ida até a Quinta na casa do Marcos para fins de reunião do Coletivo Povaréu. Vida da Quinta, Rio Grande, 15 de setembro de 2016.

De suicídio, precisamos falar!

Em setembro houve roda de conversa sobre a prevenção ao suicídio, em que os(as) colegas da Aussmpe e todos(as) da Associação fomos acionados(as) para participar (Figura 173), com relatos e discussão sobre o tema. Seu Ivon Lopes sugeriu em algum momento da Aussmpe de se retomar o Centro de Valorização da Vida – CVV em Pelotas. E esse momento ilustra a frase do folder da Aussmpe 'juntos(as) somos mais fortes', quando Universidade e movimentos sociais se colocam em diálogo para a construção do bem comum. A 'andarilha'

não foi, vivia sensações de impotência quanto a si mesma e nestes momentos tendia a ‘se recolher’! Continuava a se indagar sobre o que era e o que não era ciência. Encontrava alento para suas angústias nos autores Boaventura de Souza Santos, nos que escreveram o livro Pistas do Método da Cartografia, em alguns de seus ideários da articulação da vida com a academia, como intensidades de uma transformando a outra.



Figura 173 - Roda de conversa sobre Suicídio, promovida pelo Grupo de Pesquisa em Enfermagem em Saúde Mental e Enfermagem em Saúde Coletiva em parceira com a AUSSME, Faculdade de Enfermagem, prédio Anglo da UFPel, setembro de 2016.

VER-SUS, um dispositivo com potência para mexer na vida

Em 13 e 14 de outubro de 2017, também em projeto que Povaréu e Associação fomos contemplados com recurso com a ideia de reativação do VER-SUS na região Sul, na parceria Povaréu Sul e Aussmpe, realizamos o 1º Seminário de Articulação do VER_SUS da região Sul (Figura 174), por entendermos o mesmo como um dispositivo com potência para mexer na formação, na saúde e sociedade. O mesmo foi financiado pelo Ministério da Saúde, via Rede Unida, a partir de concorrência em edital destas instituições.

No mesmo, discutimos amplamente as Vivências como um dos dispositivos de agenciamento de forças de rexistência ante aos desmontes dos direitos sociais, dentre eles o da saúde e educação, que a partir de 2018, haveria o corte de 50 por cento dos investimentos em ambos sob alegação de uma crise financeira que não é do povo brasileiro, mas sim que gera lucros ao capital.

Deste evento, tecemos a programação na casa do Marcos na Quinta no Rio Grande, em que chamamos pessoas vinculadas as mídias alternativas, dispositivos importantes de contra-força a hegemônica, com falas de pessoas vinculadas a Rádio Com, de pessoas dos movimentos sociais sobre o SUS, no caso da Vanilda Silva e do Ivon Lopes, membros da

Aussmpe, e com outros companheiros(as) da educação popular, como com os palhaços Pedro Sitta, com o Tropesso[217], que tecem arte colocando em questão a vida e amolecendo com as nossas durezas cotidianas, e vários(as) companheiros(as) para relatar suas experiências com VER-SUS, e que apostam neste dispositivo para transformação social e de construção do SUS, do que já dá certo e do que é preciso criar ou reinventar, inclusive a maioria das pessoas do Coletivo Povaréu Sul, como se diz, é filho(a) de VER_SUS.

Do evento, se encaminhou por consenso que todos(as) os(as) presentes se reuniriam novamente em Pelotas e assim subsequentemente em municípios presentes no evento da região, como São Lourenço do Sul. Também, a Carta . Entretanto, fomos atropelados(as) pela ampliação do golpe de tentativa de achatamento das forças. Precisamos nos erguer noutros movimentos e assim seguimos. Foi um encontro que ouviu muitas vozes, que teceu alguns passos, mas que de algum modo, fomos atropelados pelas forças no neoliberalismo no desenho de Estado, que fere seus princípios democráticos e republicanos. Mas, como foi slogan do Mental Tchê da Resistência, 'não está morto quem lokeia'. Estamos muito vivos (Figura 174; Anexo O).



[217] Cid Branco.



Figura 174 – 1º Seminário de rearticulação do VER-SUS na região Extremo Sul. Faculdade Anhanguera. Rio Grande/RS, 13 e 14 de outubro de 2016.

Uma dupla 'perigosa'

Pai e filha. Ele representando a Aussmpe e ela o Povaréu. Em 11 de novembro de 2016, a 'andarilha' e o Pai Zé se encontram na reunião do Grupo Condutor Regional de Saúde Mental, que aconteceu em sala junto Secretaria Municipal de Saúde de Pelotas, dado que na 3ª CRS não há mais espaço para reuniões (Figura 175). A 'andarilha' chegou atrasada, e pai Zé já estava lá, comprovando o contrário do que lhe disseram certa vez, que não sabia se localizar na cidade. Motivo de alegria, por avançarmos na produção de cidadania, ocupando espaços de gestão de políticas públicas e produzindo vida singular e coletiva. Era o menor acon**tecendo**. Tecendo dignidade no entre muita gente.



Figura 175 – Registro de presença em reunião do grupo Condutor Regional de Saúde Mental. 11 de novembro de 2016.

(H)Á poesia na 'mente', nos cantou o poeta Vacaria!

Em 12 de novembro de 2016, sábado, aconteceu o lançamento do livro escrito pelo companheiro, militante, poeta, Carlos Eugênio Costa, conhecido como Vacaria, intitulado

‘PoeticaMente’, como já foi registrado noutras folhas hospedeiras do texto deste trabalho (Figura 176). Andamos ‘junto e misturado’, pois a vida se cruza. Los Lokos foi chamado a cantar e Aussmpe também presente, apoiando essa iniciativa que mostra a potência da criação e não só, mas que parece pequeno é grandioso, pois loucura e arte são íntimas e cada vez mais, para afirmar a mudança que se quer, a interposição de questões a arte, que para a ‘andarilha’ é a produção do novo. Pode prescindir de técnicas ou não.

Nem tudo é arte, mas a criação, para a ‘andarilha’, é. Arte não é coisa de copiadores/as como nos dizia Estamira no filme que fala de sua vida em uma produção de Marcos Prado (PRADO, Filme Estamira), é coisa de quem cria, assim como esse livro, como a Aussmpe, como quem vive a vida como ‘obra de arte’. A arte é política. E é pública. Então, nos somamos neste momento, que nos afeta pela música, pela militância, pela poesia, que para a ‘andarilha’ faz pensar e chorar sobre o ser artista da própria existência.



Figura 176 – Participação do grupo Musical Los Lokos e da Aussmpe no lançamento do livro do Vacaria ‘PoeticaMente’ em 12 de novembro de 2016. Clube Caixeral. Pelotas – RS.

Ouvindo vozes em Porto Alegre, experimentando liberdades

Chegou o 17 de novembro de 2016. E fomos para Porto Alegre em um evento sobre ‘Novas abordagens em Saúde Mental’, com ênfase sobre ‘**Ouvidores de vozes**’. Lá a ‘andarilha’ ouviu muitas vozes (Figura 177). Que não era o ‘fim do mundo’ ouvir vozes. Poderia ser o meio. Vários momentos lhe fizeram muito sentido, mas alguns deles. Não necessariamente precisava ir lá para saber do que já sabia, sentia e vivia, mas lá, confirmou que suas loucuras não estavam tão loucas. Um deles, da voz das pessoas que ouvem vozes protagonizando nossa história, dando vida a um saber por séculos negado. Sobre ouvir vozes.

Outro, que não interpreta e sim valoriza a experiência da pessoa, de como cada um/a lida com as suas vozes e a dos(as) outros(as), sem estereotipá-los(as) por isso. Ainda, uma frase pista ‘de era preciso se aproximar dos movimentos sociais’. E, a sensação de se libertar das próprias correntes do preconceito, sentindo na pele. Então, o evento foi em um dia, mas que vai reverberar em si talvez a vida inteira.



Figura 177 – Participação no evento sobre ‘Novas abordagens em Saúde Mental – Ouvidores de Vozes’, realizado em 17 de novembro de 2016, Porto Alegre – RS.

Há orgulho em ser Louco(a)?

Depende, cada um(a) com as suas loucuras e da relação de cada um(a) com a mesma, mas que é importante essa afirmação para se cultivar outras relações com a mesma, não como identidade, mas como subversão do sentido único a que foi reduzida na contramão dessa

patologização da vida, afirmando o direito a loucura, a dignidade e a produção de cidadania, pois em contrário seguiremos sendo alvos do medo, da vergonha, do preconceito, dos estigmas, das amarras que nos prendem, de constrangimentos, pois a loucura foi construída como sinônimo de doença, de desrazão. Entretanto, a nós a loucura é uma experiência singular que pode ser vivida de forma singular e coletiva, como o fazemos, pois a sabemos como uma força com potência de transformação da realidade e de nós mesmos nestes processos.

Depois de ouvir muitas vozes, de falar das próprias vozes com a própria voz, em 18 de novembro de 2016, no direito ao exercício das nossas loucuras, fomos para o Orgulho Louco no Alegrete, o qual foi uma loucura. Levava como slogan "Os opostos se atraem, os dispostos se distraem" (Figura 178). Aconteceu em um dia somente, devido aos recursos para tanto e tentativas de desmobilização do mesmo pelas forças reacionárias, mas que resistimos. Estivemos presentes com as nossas possibilidades, somando junto nesta atividade combativa ao estigma e preconceito, produtora de alegria e liberdades, que também nos encharcou de vontades, como de reproduzir o Orgulho Louco em Pelotas, pelo Rio Grande do Sul, pelo Brasil, pelo mundo, na mesma esteira do Orgulho Gay.

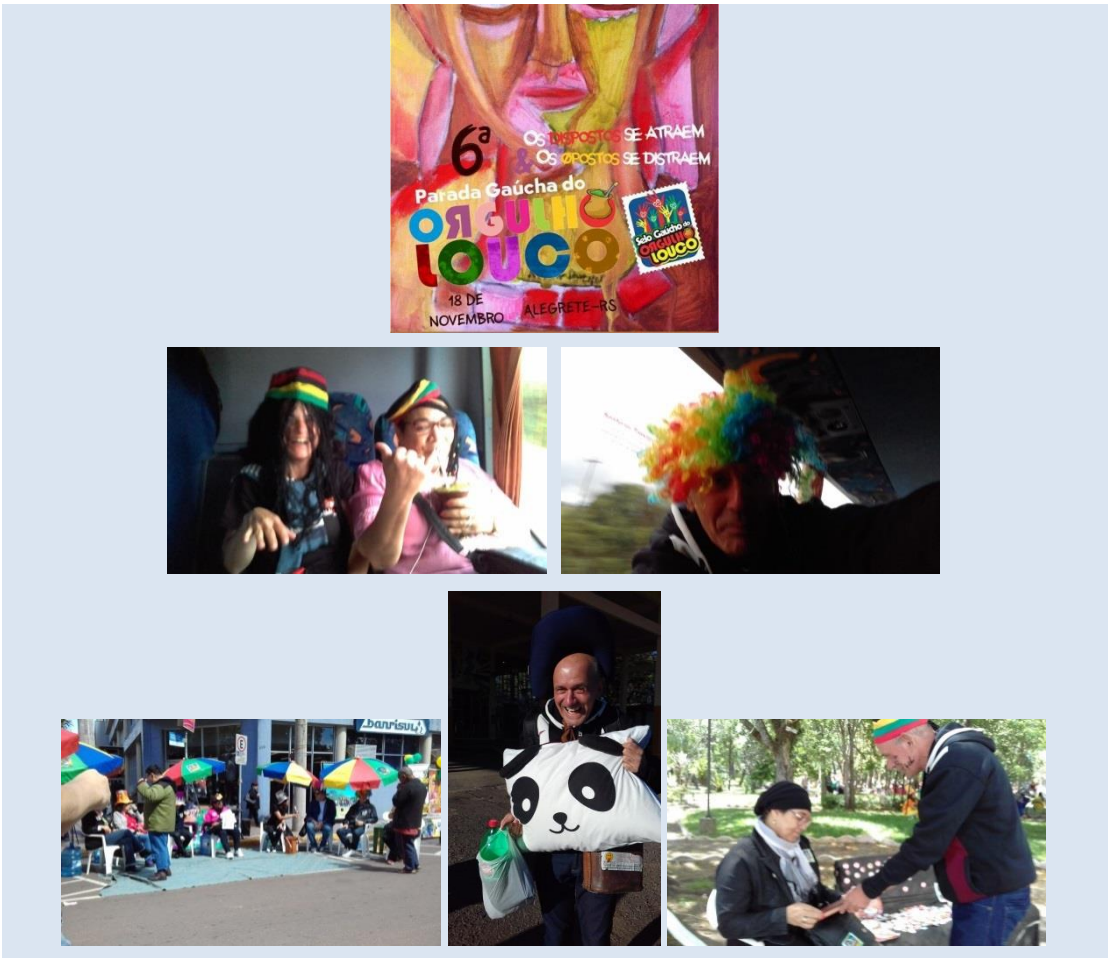




Figura 178 – Participação no evento sobre ‘Novas abordagens em Saúde Mental – Ouvidores de Vozes’, realizado em 17 de novembro de 2016, Porto Alegre – RS.

Orgulho de viver!

Em 14 de dezembro de 2016, como de praxe, foi realizado o passeio tão desejado, que fez parte do planejamento das atividades do ano, de se fazer algo junto a natureza, um tempo pra nós que não fosse somente trabalho, ainda que muito de nossos trabalhos são regados a alquimia. Mas, era tempo de algo diferente. E juntos fomos nos banhar nas águas de alguma bela vertente, por nos presentear com água transparente, em que só pra variar nos divertimos muito, conversando, fazendo sorteios, rindo (Figura 179).

Foi um momento de comemorar o encerramento do ano, do jeito que a gente faz a vida, vivendo. E as heroínas e heróis das rexistências, que tanto nos movimentamos em tantas coisas no ano, merecíamos esse momento. Foi como um auto presenteamento de militantes pela vida, nas lutas consigo, com o que fere os princípios vitais.









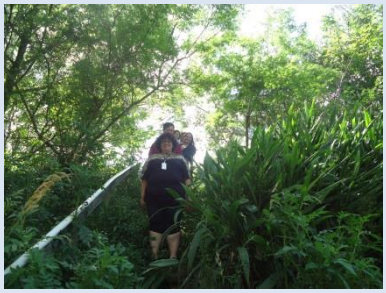












Figura 179 - Festa de encerramento do ano de 2016 no interior de Pelotas, em 14 de dezembro de 2016.

No meio de todas essas agendas, seguindo a ondas virtuais, resolveu-se criar uma janela de conversa da Associação na rede virtual facebook, em que o nome da janela foi decidido em reuniões, e depois de algumas confusões, e redecidido via janela em conversação. Tudo era e é experimentação. Nomina-se atualmente 'AUSSMPE Assoc. U. S. Mental de Pelotas'. Infelizmente nem todas as pessoas tem acesso, ainda que seja não um espaço deliberativo de nada, mas de comunicação, articulação, e principalmente como forma da gente se co-auto-ajudar e de muitas alquimias, certamente, aquelas que transformam a solidão, o medo, as dores em alegria. Depois com a possibilidade do Whatssap foi criado um grupo no mesmo pelo seu Ivon Fernandes Lopes que também opera com a mesma função de junção, comunicação, etc. Ambos, tem sido facilitadores aos encontros e ajuda mútua. E permeou todo o enredo deste tempo vivido junto aos Grupos Vocal e Musical, a Associação, o Povaréu, as Tendas, o programa Gente como a Gente na Rádio Com, deste a sua comemoração de programa número 500 em 2014, na qual foi uma honra ter sido convidada a participar. Eram os afetos, os afetos. Os convites a que seguia!

Então, no 'ar', pelas escritas deste texto, o programa Gente como a Gente, que mexe com as nossas 'frequências' musicais.

'A gente pode se expressar da nossa maneira'

– Gente como a Gente na Rádio Com –

O Programa Gente como a Gente na Rádio Com ocupa a frequência de muitos corações e mentes e ao mesmo tempo é a 'pedra no sapato' de muita gente (SILVA, UILSON, 2014)[218], da gestão pública municipal, da saúde mental, e até dos(as) trabalhadores e rede de saúde de modo geral, controle social, ou seja, onde acontecia enganação, desassistência ou opressão, sempre foram incansáveis em pontuar, denunciar, falar o que pensavam, enfim, em dizer a 'verdade.

Tal como, em 14 de novembro de 2015, Mãe Preta pontua, via telefone, que se deveria chamar a "gerente da Saúde mental (...), de porque essa fila [de espera para acesso aos CAPS], porque o AD tem condições de fazer 29 e tantos acolhimentos, enquanto os outros [CAPS] não tem condição de fazer dois acolhimentos no mês" (SILVA, 2015)[219] para explicar essa situação. E ainda outra, pelas ondas do Rádio, "muitos gestores que estão na gestão da saúde mental, que tem poder, acabam ligando pra nós pedindo ajuda, isso é uma pouca vergonha, e como a gente já sabe, muita vez a gente já recebeu muito paciente, pedindo ajuda pra gente" (SILVA, 2015)[219]. Então, o 'Gente como a Gente' é denunciador, uma força combativa de pessoas na produção de liberdades, do não se deixar enganar e de enfrentamento do estigma e preconceito, ocupando ondas....

No Programa, a partir de 2015, estão no comando somente pessoas que são ou foram usuários(as) de serviços de atenção psicossocial. Localiza-se na frequência de nossos corações no ponto 104.5 FM, que vai ao ar todos os sábados, das 13:30 até a 15 horas, colocando o debate sobre a saúde mental em Pelotas, região, estado, pais, mundo e não só, com a tranversalização do que é inerente ao viver, também em articulação com pessoas de outros países, uma potência visível e audível, com 'coragem de verdade'. Tem sido um dos programas com maior audiência da Rádio Com (AUSSMPE, 2016). Na voz da Presidenta da Associação, Mãe Vanilda, autora de existência, segue breve relato de como o mesmo funciona, e a quê se destina:

> ... como um espaço que a gente tem de falar às injustiças que a gente tem vontade de falar, que acontece com a gestão da cidade, com trabalhadores da área da saúde e com toda a classe trabalhadora, tudo que acontece, (...) então a gente tem esse espaço e a gente pode se expressar da nossa maneira, do nosso jeito, sem ninguém

[218] Participação ao vivo do Programa Gente como a Gente via ligação telefônica e mesa de debate em 12 de dezembro de 2014 pelas ondas da Rádio Com, 104.5 fm.

[219] Participação ao vivo do Programa Gente como a Gente via ligação telefônica em 14 de novembro de 2015 pelas ondas da Rádio Com, 104.5 fm.

> nos criticar, ninguém nos julgar e ninguém ficar nos corrigindo, vocês estão falando o que não sabem, vocês estão falando isso, não é assim, saúde, saúde se escreve com acento, vocês não conhecem o que que é isso ou o que que é aquilo.
> A gente conhece muito mais coisa do que muitas gente, muitas pessoas imaginam, tem gente que não sabe o que é um Conselho de Saúde, o que é um gestor, o que é um mandato, o que que é uma lei, o que tu pode falar e o que tu não pode falar em uma rádio, da gente ter pessoas, de termos noção do que a gente está fazendo e a gente também tem capacidade de assumir pra alguém o que a gente falou. Muitas vezes o programa é gravado por que se alguém tiver alguma dúvida é pegar e tirar essa dúvida da pessoa.
> O objetivo do programa é tentar trazer um pouco de alegria aos nossos ouvintes, verdade, e informação, porque nosso programa é muito informativo na área da Saúde Mental porque não tem um programa, um órgão que informe os direitos do que acontece na saúde mental, então, aqui em Pelotas, no momento é o único meio que está acontecendo é o programa Gente como a Gente e as reuniões da Associação. (SILVA, 2016)

É um programa de cidadania com dignidade. Seu Ivon Lopes e Mãe Vanilda informaram ainda que a única Rádio que se dispõe a acolher para um programa em que é possível se expressar do nosso jeito, é a Rádio Com. Que as outras rádios até convidam, se vai, mas geralmente está associado ao que lhes convém (SILVA, LOPES, 2014, 2105, 2016). Também, que dentre as intencionalidades é que todas as pessoas que participam do programa tenham voz e vez "se todos estão tendo a mesma oportunidade" (SILVA, 2016). Ou seja, tem pessoas que não gostam muito de falar ao microfone, "mas a gente tem que chamar, ás vezes tem que insistir um pouquinho, aí eles dizem, ah tenho vergonha, mas eu digo, não tem que ter vergonha, não é TV, ninguém está vendo a gente" (SILVA, 2016).

Eis alguns momentos que eternizam o tempo, os bons encontros, as conexões, em fotografias e no anexo P (Figura 180), como uma máquina de guerra seja consigo mesmo, pois desafia as pessoas a se ocuparem do microfone, no ar, a conduzir o programa, os debates, a pensar juntos(as) a programação, a partilhar o espaço de participação, a fomentar a participação de quem é mais tímido(a) e que ao fazê-la vai/vão se descobrindo nas suas potencialidades, também no diálogo com várias pessoas, interação, entre tantas outras coisas (Anexo P).

O Programa nasce a partir do contato com outros que já existiam pelo país, em evento no qual algumas pessoas de Pelotas estiveram, sendo uma delas o Seu Ivon Fernandes Lopes. Aqui em Pelotas, essa ideia que vinha brotando pelo caminho de retorno do evento, encontra solo fértil nos encontros com o Glênio Rissio, com o seu Anastácio Michele Costa, com algumas pessoas do CAPS Castelo, o primeiro e pioneiro na implementação do modo de atenção psicossocial em Pelotas, entre outras tantas pessoas, como a Cristina Barbieri, entre outras. Nesse solo fecundo, germina o 'Gente como a Gente'.

Até final de 2015 funcionava na vinculação Caps Escola, Aussmpe e Rádio Com, mas com a nova Sede da Aussmpe passou para a mesma que se responsabiliza pela programação e condução do mesmo, respeitado o princípio de inclusão, não para normalização, mas para incitar mais ainda o empoderamento, de pessoas que vem sendo assistidas em serviços da Rede de Atenção Psicossocial, independente de ser sócio(a) ou não da Associação, bem como acolhe também pessoas não assistidas nesta rede e sim noutras ou em rede nenhuma. É um dos pontos de produção, geração e intensificação de vida (Anexo P) que se teia em rizoma.



Figura 180 – Momentos de existência e resistências no Programa Gente como a Gente, Rádio Com, Pelotas-RS.

O 2017 estava chegando na estação da vida, com alegrias e partidas

Quanto ao 2017, devido a mudança de local, e que as atividades formais da Aussmpe começaram em metade do mês de março, mas que vivíamos em contato de alguma forma, presencial, virtual, teiando o presente, assim como foi o 2016, afinal a vida não para e nosso engajamento é para além das exequibilidades e formalidades institucionais. É do laço que nos fala Des Essarts (2016) "eu gosto desta turma", ou como nos diz Mãe Preta "onde falta um da gente a gente sente a diferença, porque a gente é muito unido" (SILVA, 2016).

É de uma vinculação e um pertencimento ser da 'grande família', que no início a 'andarilha' até estranhava o quão da vida pessoal das pessoas estava misturada nos enredos da Associação e vice-versa, o que não lhe era tão comum, mas que entendeu que se tratava de uma capacidade que a sociedade e os modos de vida também vão tentando e deixamos que seja roubado, a capacidade de sentir, de se afetar, de carinho e também, que estava no meio de uma potente rede de afeto, que não mediria esforços para lhe ajudar, assim como ela também não.

Mas que nunca tinha experimentado com tanta força e que o Pai Zé é que a ajudou muito nessa compreensão, principalmente em dois momentos – um no grupo Vocal Los Lokos, que "o afeto passa pelo telefone, eu sinto" (BORGES, 2014), e noutro quando algumas pessoas começaram a fofocar a nosso respeito, e ele dizia, "essas pessoas não entendem o que é o carinho de um pai com uma filha" (BORGES, 2015). Quanta sabedoria nessa existência que tentaram invisibilizar em alguns momentos sua potência? Por essas e outras, sente muita gratidão ao pai Zé e assim o considera, tanto que ás vezes quando lhe perguntam, como vai seu pai, responde, qual deles? Pois em Pelotas, região e nas andarilhagens pelas lutas, ele é que faz as funções de pai. Pai Zé é um subvertor de códigos. Somos muito parceiros.

Mas, voltando ao 2017, a fim de compartilhar dos movimentos da Associação neste ano, na voz de um de seus mentores, o seu Ivon Fernandes Lopes:

> A gente tem essa a Associação, desde 2001 já, essa Associação, eu sou o vice-presidente, a nossa presidente está doente, a Vanilda, e a gente está levando a Associação, néh, a gente procura ter nossas reuniões nas terças-feiras, nas quintas-feiras, agora mudou pra quinta, na ONG Gesto, aqui na Deodoro, 504, nós fizemos um projeto de, pra inclusão digital, néh, ganhamos o projeto, 10 mil reais, temos computadores pra ensinar o pessoal que quer aprender a computação, e tem as nossas reuniões quinzenais, tem sessão de filme também na Associação, a gente procura, aqueles pacientes que deram alta dos CAPS, assim, que vão pra Associação, são bem vindos lá, e os que estão nos CAPS também e quiserem ir participar com a gente lá, estamos lá.

Devido ao espaço físico, houve uma diminuição nas atividades no local, que acabou concentrando na quinta e sexta-feira pelo turno da tarde, mas não isso não afetou tanto, dado que a Aussmpe tem uma movimentação rizomática, espraiada. E esta tem sido uma de suas características, uma forma de produção, pois a união não depende necessariamente de estrutura física, a gente também vai criando espaços de encontro, ou vai se encontrando por aí, dado que temos em comum uma causa social, a luta antimanicomial e não só. Mas de todo modo, a possibilidade de uma sede própria é uma utopia possível em nosso horizonte, seja a andarilha membra ou não, mas sempre apoiadora nessa construção e afirmação da força usuária.

O que foi registrado nestas páginas que hospedam textos, sob a perspectiva da 'andarilha', mesmo com nossas dificuldades e tristezas, mas mostra uma imensa potência da Aussmpe como fábrica de alegria e de vida, de produção de liberdades, de recados ao povo do campo e da cidade, que não se restringe ao exercício de nossas loucuras no seu espaço físico mas no seu exercício também em outras tantas conexões que se relacionam a essa fabricação, intensificação do viver, pois muitas vezes o cuidado que precisamos é de espaços de conviver, de ter a voz e a vez que muitas vezes nos é roubada e a oportunidade de co-tecer em co e autogestão o viver. Então, por serviços de atenção psicossocial no que forem necessários e por mais espaços e momentos da força usuária no comando da própria existência singular e coletiva, no que volta-se a si, como a participação no controle social em saúde, a participação em espaços de gestão, na teiação de políticas públicas, entre tantas outras coisas.

Pulsa_ações na 'associação' de nossas loucuras!

A Associação é um local que atiça, mexe com a nossa vida, nos enlouquece, nos aquece, não nos deixa (in)sossegado, sempre há algo a fazer, a se meter, a construir, a decidir, a viver. É um local que acabamos convivendo, mas não somente no seu espaço físico, muito mais nas teiações da vida, que propriamente no local em que acontecem suas reuniões.

No início, com a mudança de local de encontro a primeira vez com possibilidade de sede, o jeito de funcionar parecia em um dado momento repetição do que ocorria no CAPS. Poderia até ser, mas o que era diferente, é que ali havia produção de diferença. Era e é um espaço de convivência que se afirma nas lutas sociais de gente como qualquer gente, priorizando o protagonismo de pessoas que foram ou são assistidas nas mais diversas formas de atenção em saúde mental, primando pelo fim do manicômio estrutura, combate as manicomialidades mentais, estigmas e preconceitos, tencionando a produção da rede de

atenção psicossocial de e na de atenção a saúde, atentos(as) no controle social, no que fabricamos juntos(as) felicidade e produzimos liberdades singulares e coletivas, em que há espaço para inventar e brindar a vida, o que para muitas pessoas pode se configurar como loucura, e é, mas que para nós é alegria, é alquimia, na contramão de tanta racionalidade, normalizações, naturalizações e burocratizações da vida.

A Aussmpe é uma universidade de vida, na qual a andarilha aprendeu que a luta não é somente na exterioridade de si, mas consigo mesmo, como uma forma de rexisitr. Também, que essas lutas, sejam consigo ou sociais, podem ser tecidas com alegria, com menos racionalização, burocratização e com tensionamentos com as formas de normalização e naturalização do que e como se vive. Sente como uma fábrica de felicidade, justamente por isso, por essa capacidade alquimista, de transmutar as racionalidades, além do quê, sempre foi um andar junto com essas pessoas que a 'andarilha' meio que coloca em suspensão as dificuldades inerentes a vida, é como se navegasse noutros mares, de poesias.

Além disso, por essa via, passou a ser objeto de si mesma, de reconhecer as suas loucuras, experimentar intensidades, suas maravilhas e dificuldades e de entender que ser louco, não o da identidade que nos colam, é que é 'o normal'. Foi nesse e noutros contatos, pontos de geração e intensificação de vida, que a 'andarilha' desfez suas cartografias, dentre elas está em processo de desconstrução das suas manicomialidades, inclusive consigo mesma, dentre outras coisas. Sentiu, vive na pele as profundezas 'das dores e delícias' de rexistir.

Então, muitas foram nossas loucuras, em que a 'sede' era nas paisagens do Sul, mas que habitamos muitas outras neste período em que topamos a vida juntos, como um dos jeitos de andar na vida e tecer as lutas sociais. Das nossas loucuras, mesmo que a andarilha tenha entrado pelo meio deste engenho em movimento, desta maquinaria de guerra em ebulição, foi criar, sustentar e persistir com a Associação, participar e apoiar eventos da região, como anfitriões assíduos tal como o Mental Tchê e o Orgulho Louco, a inserção no controle social, seja via Conselhos, Comissões e Conferências de Saúde, a Luta Antimanicomial, a solidariedade com outros espaços de confinamento que a sociedade ainda não inventou outros jeitos para acolhida a pessoas em idade avançada que não prioritariamente asilos, o envolvimento com grupos de música, a produção do programa gente como a gente, as muitas festas que celebravam anos de vida e a vida, a sagacidade de experimentar o mundo, o engajamento nas redes como força de luta, seja da Resistência Mentaleira, do SUS, etc., a participação em diversos eventos pelo estado e país, representando Pelotas, já que a gestão pouco se ocupava disso (AUSSMPE, 2015-2016).

Também, dentre as nossas loucuras, as formas de subsistência com a mensalidade e comercialização de bottons e canetas, como diz Silva (2015)[220] "como todo mundo sabe que a gente não tem fins lucrativos, néh, a não ser nossas canetinhas, bottons, etc, a gente, cada um está doando alguma coisa" para ajudar com atividades da Associação ou que algum associado que contribui com a mesma, a condução de atividades, a disposição, que tem sido um dispositivo potente e permanente de construção e teiação da Associação, os desafios a si e aos outros, a negociação por espaços de convivência, a protagonização do que estava no nosso desejo, o agenciamento de pessoas em momentos festivos como o Almoço Dançante, o Brechó Festivo, o Primavera, a festa de 14 anos, as festas de aniversário, as de encerramento de ano.

E ainda, a participação no Povaréu Sul, o envolvimento com o teiamento das Tendas do Afeto Popular, entre tantas outras andanças e conexões, que estava e estão conectados pelo afeto, pela produção de alegria, liberdades, disposição, cumplicidade, generosidade, que são os combustíveis desta máquina de guerra que se ocupa da fabricação de vida, via produção de existências e resistências. Engenho de rexistências. Águas que movimentam vidas. E que por fim do que está a começar, a Associação é um coletivo, fabricado de forma coletiva, no exercício de fazermos juntos e juntas muitas loucuras por e nestes momentos da existência.

Por fim, deste ponto intenso no que se trama território rizoma, chega-se a conclusão que nossas loucuras são nada mais, nada menos que pulsações políticas do desejo, que contagia, atiça, mexe, que não se consegue ficar indiferente, são nossos jeitos de viver, jeitos de tecer, jeitos de agenciar, jeitos de experimentar, jeitos de agir... são uma estética de existência, uma arte de viver. São a produção de diferença, na visibilidade do que muitas vezes é invisbilizado, com pessoas, com as quais a 'andarilha' viu que não ficam indiferentes ao que acontece e que estamos movidos juntos(as), agenciando gentes, por vários pontos e de várias formas, na produção de diferença.

Essa é a nossa loucura, tecer viver, no mesmo movimento de fabricação de felicidade e produção de liberdades, alquimia esta, em combinações e (des)recombinações de alguns combustíveis, como o da alegria, da luta, da informação, da produção de conhecimento, da companhia, da parceria, da cumplicidade, da implicação, do afeto, da junção, de ver e experimentar sob outros ângulos a realidade, do tensionamento que coloca em dúvida a razão, as racionalidades, as normalizações, as burocratizações da vida, algumas 'verdades'

[220] Participação no Programa Gente como a Gente de 21 de agosto de 2012, pelas ondas da Rádio Com, 104.5 fm.

hegemônicas e as que vão sendo produzidas como forma de sedução e controle de nós, as pessoas, gente como a gente.

São estas algumas das nossas loucuras no tecido do contemporâneo: pulsa_**ações** do desejo, como diz Mãe Preta, 'tá no nosso coração, tá no nosso sangue (...) aprendi a ter um grande respeito' pela nossa luta contra as mais diversas injustiças e em específico pela causa da 'saúde mental', por nossos direitos de liberdade, dignidade e cidadania, que o cuidado que nos seja ofertado seja o que realmente precisamos, pelo enfrentamento de preconceitos e estigmas e no cultivo de outras relações com a loucura, como as que vimos fazendo por aqui, por aí.

A 'Associação' das nossas loucuras no tecido contemporâneo são de denuncia do que muitas e muitos de nós vivemos nos manicômios, das manicomialidades que sofremos (e praticamos), loucuras de dizer a verdade, de agenciar pessoas e se co-produzir vida, com amizade, afetos diversos, e(m) coletivos como forma de rexistência e sobrevivência na luta contra o que gosta de nos roubar nossos sonhos, nossos direitos sociais, para não sermos tão capturados(as) pelas lógicas da normalização, burocratização e racionalização da vida. Por isso tensionamos, sendo, cada um na dor e delícia de ser o que somos, pelas mais variadas formas de ser, estar, ocupar, dizer.

São forças intensivas, forças de vida, de e produção de agenciamentos, que podemos ser perigosas ao sistema social, como alerta Baremblitt (2005, p. 27), pois conforme o mesmo, processos de autogestão ameaçam o modo do sistema hegemônico operante. Deste modo, a Aussmpe é uma força molecular revolucionária, uma maquinaria de guerra combativa, que tem como fim a vida (DELEUZE, 1986), na luta para obter seus direitos, assegurar o que defende, acredita, o modo de funcionar. Ameaçam aos sistemas instituídos de saber e poder, homogêneos, burocráticos, ainda como Baremblitt (2005, p. 27), pois essas formas de organização, no modo da Associação, tem força combativa, pela "potência de contágio" que tem, e que podem colocar "em peligro todos los privilégios de los segmentos sociales dominantes" que tem a pretensão de serem os donos da vida.

Entretanto, como Aussmpe, estamos lhes dizendo que não o são, pelos nossos processos de autogestão, cogestão, da nossa luta e envolvimento com outras lutas sociais, pelos combustíveis que nos animam, que são a amizade, a parceria, a cumplicidade, os afetos, a alegria. É deste modo, que somos força molecular, minoritárias, agenciando e produzindo outras, pela produção de diferença, não indiferentes ao que se vive, ao que nos afeta, ao que tenta diminuir nossa força, tecendo dignidade e cidadania, como rexistências, força revolucionária, motor de existências, de tensão com os instituídos.

Estopim de intensidades

A ‘andarilha’ testemunhava e participava na coprodução de rexistências por engenhos em movimento, pontos de intensificação de vida, algumas maquinarias de guerra, como o era a Aussmpe, via agenciamento de zonas provisórias de transformação, inclusive na maquinaria institucional. Em 2016, também foi convidada a participar do grupo de Oficineiras e Oficineiros. regional e para vivenciar algumas atividades referentes à promoção da política que no Rio Grande do Sul nominam como ‘Diversidades’, que se volta à saúde da população Negra, Indígena, LGBT, e também as questões de gênero, e a participar do coletivo de Redutores e Redutoras de Danos, este último que ficou só na vontade. Inter_louco_ações. Era tudo ‘saúde mental’? Era sim, era não!

Que é afinal, Saúde Mental? Porque se usa essa designação? A que isso co-implica, complica, implica? O uso de Saúde Mental tem o intuito da afirmação de outro paradigma de saúde, de educação e de sociedade na relação com a loucura. Do foco na doença para a pessoa como ser integral, do modelo de cuidado centrado na segregação, no hospital para o cuidado em liberdade, no território, de que não é somente a psiquiatria que cuida, mas uma composição de saberes, entre outras ações para produção de alterações na formação acadêmica e interferências social.

Afora isso, há resvalos na própria crítica ao modelo biomédico, da segmentaridade, das molaridades. E que também produz efeitos no próprio processo de produção de saúde, como por exemplo frases que são recorrentes em alguns serviços, ‘se é saúde mental, não é aqui, é com o CAPS’, ‘é álcool, não é aqui, é no AD’ e assim vai reproduzindo outras formas segregacionais, de estigmatização e ‘rasgando’ um dos princípios do SUS, que é o da integralidade, como se nosso corpo fosse somente orgânico e uma soma de partes independentes. Mas, mesmo assim, com esses revezes do que se quer evitar, ainda é importante afirmar a Saúde Mental enquanto for necessária, que colhe efeitos, em termos de políticas públicas, das lutas sociais, entre outros e que nos seus modos, tem contribuído para avançar no cuidado em liberdade, na luta social.

Ao convite de participar do Coletivo de Redução de Danos, que não conseguiu acompanhar, foi um ‘estopim’, como um fluxo que se atravessou noutro fluxo, no caso no seu, assim como tantos outros, cada um ao seu jeito. Este, no caso, lhe fez se perguntar por que essa ânsia andante a que se via incitada, a habitar territórios existenciais? Que pressa era essa? Um ‘transtorno de ansiedade’? Era necessário estar em todos os territórios que estava?

Óbvio que não. Mas, havia em si pressas, certa ‘taquicardia’ de viver esses ‘agenciamentos’, que também a resgatavam de volta. Então, seus fluxos atravessados por este fluxo foi outra pista, que a coloca em indagações.

Mas o que estava fazendo? Estava no exercício de suas loucuras, agenciando-se em coletivos que reconhecia como possibilidades para as lutas sociais e consigo, e tentando encontrar palavras para a tradução do que estava virtual, movendo, moendo, doendo. Estava tentando trilhar passagem ao que sentia. Estava tecendo redes, afinal, de novo, que é saúde mental? A luta mentaleira é só pelo fechamento de manicômios, criação de uma rede de atenção psicossocial? O primado pelo cuidado em liberdade? Também, é isso que temos? É isso o que podemos? Que luta é essa? Com quem, pelo quê, como faz? Que mais pode ser que não também o tecer noutras e outras redes?

E foi assim, experimentando ‘paisagens’ no e a partir do Sul[221], movida pelos rios de seus ‘engenhos de dentro’, que se sentiu a perguntar – que é a loucura? É essa que ‘dizem’ que é? Que pode ser a loucura? ‘Só’ isso que dizem que é? Isso que ‘dizem que é’, rouba dos loucos e das loucas, nós no caso, pelas manifestações de nossa subjetividade, nas nossas singularidades e intensidades, muito de nossas possiblidades de dignidade, de ser do jeito que somos, devido a designação, aos preconceitos, estigmas, patologização, ‘modos de cuidado’, principalmente aqueles que ‘cuidam de nós sem nós’, tentativas de normalização ... É possível escrever outros sentidos a loucura, principalmente a essa que dizem que é? Que efeitos isso pode ter? Porque não se falar na loucura? Quem são os(as) loucos(as)? Onde está a loucura? Várias questões ‘rios’, e outras tantas, se movimentavam ‘maquinamente’ na tradução da questão de pesquisa – quais as loucuras nas paisagens do Sul?

O que (a) movia? Nessa habitação de territórios, a ‘andarilha’ entrou pelo meio, envolvendo-se com maquinarias de guerra, engenhos em movimento, conectadas pela militância, começa a se expressar a pintura do que andava pela subjetividade, no caso, a produção de rexistências na relação com a (sua) loucura, e quis seguir se ocupando disso, vivenciando como acontecem, e o que as engendram, mas como fazer se não (se) experimentando e se constituindo em um território de e da vida deixando-se afetar pelo pulsava e pulsa no vivido?

Entretanto, em meio aos territórios existenciais em que andava e estava, anda e está tramada, povoados de paisagens, havia alguns que poderiam ser considerados como estéticas

[221] Paisagens no Sul, no Sul pois foi onde aconteceram a maioria das experimentações destas e nestas paisagens. Mas que são as Paisagens? São momentos. São momentos de e da existência em que duram tempos pouco previstos, como por exemplo, 14 anos ou 15 minutos, e que tem desenhos em e que se movimentam. Podem ou não expressar o agenciar e/ou o agenciamento de encontros.

de rexistência na relação com a loucura, ou seja, estéticas de existência de não indiferença, de produção de diferença, de uma arte de viver. E isso explicava o encanto que sentia ante ao que testemunhava em algumas paisagens, pelas quais nos constituíamos e pelo que realizávamos, como o Vocal Esperança, o Musical Los Lokos, mas que dentre as mesmas, havia um território se diferenciava em produção de diferença pelo seu agenciamento. No caso, a Associação de Usuários e Usuárias dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas – AUSSMPE.

Se diferenciava pela sua autonomia, protagonismo, e insistência no tempo, como existência e resistência, pela capacidade de tecer redes abertas e de nomadismo. Era e é um ponto de geração e intensificação de vida, também maquinaria de guerra, engenho em movimento, fabricadora de alegria, produtora de agenciamentos e liberdades, na qual a ‘andarilha’ se demorou mais, pois com as pessoas que fabricamos estas paisagens, também produzimos um dos principais ‘sais’ de nossos remédios, que são um dos motores da ‘andarilha’ e provavelmente também de outras pessoas, a amizade e a ‘alegria’, das alquimias da razão, que ainda não são ‘vendidos(as)’ em farmácias e nem o serão.

Deste modo, o estopim, efeito de fluxos que se atravessaram noutros fluxos, tensionou com o corpo confusão da ‘andarilha’ e por isso, se demorou mais por algumas an**danças** das valsas da vida, como o foi com a Aussmpe e Tendas do Afeto Popular, em um experimentar não menos nômade, sentindo o borbulho profundo das águas na superfície da pele. Também, estava em impasses da escrita, o que se demorou um pouco a perceber, que também se tratavam de rizomas, de conexões, fios, fluxos, conexões, desconexões, reconexões, que se tramavam e se tramam (n)o tempo cronológico, povoado de entre e meios pelas fábricas de felicidade e da produção de liberdades. São as pulsações políticas do desejo, de não andar indiferente ao que tenta objetificar a vida, produzindo diferença, como produção de vida. São a loucura das nossas águas.



Figura 181 – Mandala.

Trans_versais – Tendas do Afeto Popular

Um dispositivo de guerra que planta flores



Figura 182 – Imagem que expressa a Tenda como um dispositivo de guerra, mas que tem como fim a vida [222]

Esperança e loucução em felizes artes. A ‘andarilha’ cantava nessas canções e nas das produções de conexões. Também, se andarilhava em conversas com pessoas que conheceu nas andanças versusianas, as quais, não todas, mas algumas ainda não ‘diagnosticadas’, loucas muito loucas, resolveram criar o Coletivo Povaréu – Arte, Saúde e Educação Popular, formado por esta ‘junção’ de gentes predominantemente de várias paisagens do estado do Rio Grande do Sul, com a ideia de que o nome levasse o sentido de todos os povos, todas as cores, em diálogo, afetação e produção de vida, via práticas de arte, saúde, e educação popular (COLETIVO POVARÉU ARTE SAÚDE E EDUCAÇÃO POPULAR, 2016). Das pessoas envolvidas no mesmo, não obstante, também estão de algum modo envolvidas na luta Mentaleira.

Esse Coletivo, com o tempo, tentou reacender a articulação estadual da educação popular em saúde, com a defesa intransigente de participação dos movimentos sociais e populares, ampliação das rodas, e com a criação em conjunto com outras pessoas e coletivos, de uma Comissão por dentro da maquinaria de estado, e dentre os intentos, viralizar com a educação popular em saúde, criticidade, via arte, práticas de cuidado com uso de conhecimentos de povos originários e ancestrais, defesa das práticas integrativas e

[222] Figura 95. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/oriente-medio/jardim-de-bombas-mulher-planta-flores-em-capsulas-de-gas-na-cisjordania,0daae9f194a71410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html> . Acesso em 12 de jul. de 2017.

complementares de cuidado, o uso de plantas medicinais, favorecer espaços de reflexão, de composição, reacender o coletivo estadual de Vivências e Movimentos no SUS – VIVER_SUS, etc. Alguma coisa a ver com o som da ‘saúde mental’? Por que, em quê, com o quê? Tudo a ver! Educação popular, produção de saúde, de subjetividades, práticas integrativas e complementares em saúde....

E esse coletivo Povaréu foi acionado pela equipe de saúde de São Lourenço do Sul para fazer acontecer a Tenda Paulo Freire no Mental Tchê de 2013. Uma das integrantes deste Povaréu, havia sido chamada para trabalhar na saúde lourenciana. Era-nos mais um gancho. O ‘Mental’, assim carinhosamente designado tem se configurado em um evento de encontro da militância gaúcha, lugar de abastecimentos. Então, a Tenda foi agenciada por atores(as) de São Lourenço do Sul com o coletivo Povaréu Arte, Saúde e Educação Popular, na qual a ‘andarilha’ foi acionada para construir junto e a trabalhar com o tema de Redes.

Foram dias de muitas loucuras. A Tenda foi um espaço em que circulou pessoas, palavras, afetos, multiplicidades, ‘Esperanças’, ‘Los Lokos’.... a ‘andarilha’ via rizomas por todos os planos. Lá estava também a AUSSMPE ‘que esteve presente a todas às edições do Mental Tchê, nas 12 promovidas pela gestão municipal e no Mental Tchê da Resistência organizado pelos Movimentos Sociais’. E esteve lá ‘representando Pelotas’ (SILVA, 2015-2017) o que comumente fazia, e “para afirmar nossos direitos como cidadão” (SANTOS, 2017). Muita alegria com a beleza que havia ali! Nestes ‘caldos’ é que se cria a Tenda do Afeto Popular, conforme já registrado dessa ‘maluquice’ nas folhas que hospedagem textos, uma vez que os Mentais e Tendas também foram pontos de germinação e para tradução da questão de estudo.

A Tenda no Mental foi um momento de muita ins**piração** e a do Afeto talvez seja efeito dessa transpiração. Experimentavam-se reencontros de pessoas que viveram VER_SUSs e Residências em Saúde que seguiam na ‘marcha’ da luta pelos direitos sociais e reformas nas concepções de si e coletivas, produzindo subjetividades e realidades. E isso foi e é ainda muito forte. Então, nos enredos que estava enredada, nas loucuras que experimentava, pulsavam luta e espaços de produção de saúde. Sentia que era por aí que queria caminhar. Ainda que não soubesse bem por que. Presume que era o encanto com essa força que emana da vida. Essa força de esperança que (nos) coloca em movimento.

A criação da Tenda do Afeto Popular, foi uma recriação, digamos uma atualização de um desejo coletivo, sob um operar de educação social no agenciamento coletivo afetivo e político. Está narrado nas folhas que hospedam textos, pois foi um empurrão no corpo confusão da ‘andarilha’ nas loucuras de tessituras pelas paisagens do Sul. Diga-se de

passagem, aí que a ‘andarilha’ começou a loquiar de vez. Recriada a Tenda do Afeto, e chegava o 18 de maio de 2014, exatamente em um domingo. E que tal em Pelotas, como marcação desta data, que custou a vida de tanta gente, e que precisa ser lembrada, vivida, sentida, para que não retrocedamos na história?

A Tenda da ‘Loucura’ em Pelotas

O coletivo Extremo_SUS, aquecido pelo vivido no ‘Mental’, em conjunto com outras parcerias, Vocal Esperança, do Los Lokos, da CIES 3ª região, Grupo de Pesquisa em Saúde Mental Coletiva da UFPel, entre outros, decidem realizar a ‘Tenda da Loucura’ em Pelotas’, que brilhou como os raios do sol, afirmando que cuidado que é cuidado, é em liberdade (Figura 183). Seguia a ideia e era uma variação da Tenda do Afeto Popular. A ‘andarilha’ não sabia muito ainda dos movimentos da cidade em domingo. Costumava ir até a praça Pedro Osório ou outras praças da cidade. A ideia do local para realizá-la foi da Maria (2014), *In memoriam*, colega no grupo Vocal Esperança. Dizia ela, não nessas palavras, ‘em domingo na praça Pedro Osório não tem quase ninguém, mas na Avenida sempre é cheio.

E a ‘andarilha’, que ainda pouco conhecia da cidade, pensava ‘mas são tantas avenidas’ até que lhe deu um estalo que seria na ‘Bento’. E foi. Eram muitos(as) ‘loucos(as)’ uns pelos outros, e por romper com estigmas em relação a loucura, participando e fazendo a Tenda. Em alguns momentos, sentiu-se sozinha, mesmo na ‘multidão’ de articulação e medo de que a Tenda não se sustentasse. Foi à primeira Tenda do Afeto Popular pós ‘Mental’ e que ainda levava o nome de ‘loucura’, afinal, as Tendas são uma loucura.

Mas, esse medo foi se dissolvendo quando viu a Tenda acon**tecendo**, e colocando a (sua) ‘loucura’ em cena, na rua, em experimentação. E experimentando o efeito de uma construção coletiva envolvendo muitas pessoas e feições para além das dos cenários de articulação. Percebe a Tenda como um dispositivo andante, que se monta e desmonta e demonstra que não se prevê os efeitos na vida de cada pessoa, mas que acon**tecem** com quem quiser chegar, construir, passar, estar ao seu jeito. Ampliando a ‘clínica’ da vida na rua, da ‘vida nua’.

A Tenda era o algo novo. O pessoal da 3ª CRS via articulação com a CIES, nos emprestou e montou a estrutura da Tenda. Também havíamos articulado com o Vocal Esperança para as cantorias e com uma colega que opera com Massoterapia para desenvolver atividades por lá. E tudo foi acontecendo. Também, uma roda de conversa sobre a data e a ‘Saúde Mental em Pelotas’. Pessoas que sabiam e que não sabiam do evento foram se

achegando. Havia uma estética que se desenhava. A loucura de produzir diferença, uma arte de viver.

Chegou um casal com várias crianças que foram pintando, fazendo arte, se misturando e provocando outros envolvimentos e deslocamentos na Tenda, fazendo intervenção, pois afinal, que é a vida, 'é bonita, é bonita e é bonita', e porque haveríamos de centrar em um tema ou atividades, se a liberdade era o poema? E viver..... assim, foi, pois nos deixamos afetar e acontecer. A Tenda é construída desde antes de acontecer, mas no ato de sua feitura, se faz outros desenhos, pois é feita com as pessoas. É um dispositivo de agenciamento que opera com o imprevisto e tem algo mais bonito, que incluir até o imprevisto? É um dispositivo de guerra que planta amor e flores.



Figura 183 – Tenda da Loucura em Pelotas, 18 de maio de 2014, domingo, praça Dom Antônio Zattera. Pelotas/RS.

A criação do coletivo Povaréu Sul

Devido aos muitos convites também para a realização de Tendas, e sentindo falta de um espaço que estivéssemos mais livres do peso das instituições, pois não somos as mesmas, ainda que vinculados(as) a várias, resolvemos criar um espaço do comum, da militância social, tanto que criamos uma janela de comunicação que se chama 'Amigxs que militam juntxs' e considerando a educação popular, que a nós, era uma prática de vida, que procurava considerar todos os saberes, mas principalmente o que não tem o status acadêmico, o som de 'verdade'.

Era uma forma de dar voz as vozes que são muitas vezes invisibilizadas, por mais que falem. Deste modo, entendíamos que uma forma de nos colocar em análise e em Reformas, também era com a presença de movimentos sociais. E assim, criamos o Povaréu Sul, com a ideia de vinculação com o de Arte, Saúde e Educação Popular e também, porque neste não conseguíamos nos reunir, devido a sua conjuntura, distâncias, falta de recursos para deslocamentos, e que via redes não dávamos conta, pois somos muito afeto e necessitamos da possibilidade do abraço, do olho no olho dos(as) companheiros(as), de partilhar ideias, criar, tecer juntos(as). Queríamos estar mais juntos(as) e aí, também nesta perspectiva, e de algum modo empurrados(as) pelas Tendas e pelo desejo, criamos em 2015 o coletivo Povaréu Sul. Era uma maquinaria de guerra co-criada. Também um ponto de intensificação de vida que não se restringia ao mesmo, era um coletivo rever**berante**.

O ano de 2015 foi um ano de 'fervuras' pelas e nas paisagens que vinham sendo agenciadas e habitadas desde 2013, criação do Povaréu Sul, tendeu de Tendas, Política Estadual de Saúde Mental na região, início das efetivações de desmontes dos direitos sociais. Seguíamos nas reuniões e outras atividades da Associação, 'junto e misturado' com os Grupos Vocais, CIES, CG, realização das Tendas, acolhendo a 'chuva' de demandas pelas mesmas, que já vinha ocorrendo desde 2014.



Figura 184 – Registra o momento que constituímos o Coletivo Povaréu Sul. 22 de janeiro de 2015.[223]

Devido a isso e não só, se criou o Coletivo Povaréu Sul em 22 de janeiro de 2015, que além dos empurrões do

[223] 22 de janeiro de 2015, registra o momento de criação do Coletivo Povaréu Sul, na sala do Serviço de Vigilância Sanitária, no município do Rio Grande – RS. Da esquerda para direita: Roberta XX Machado; Liamara Denise Ubessi; Marcos Aurélio Matos Lemões; Vanilda Pereira da Silva; Michele Neves Meneses.

desejo e das Tendas, trazia consigo a militância social, pelo SUS, com a participação da Aussmpe, utilizando de preceitos da Educação Popular e da Humanização em Saúde. Pode-se dizer que d*os* VER-SUSs, VE-POPs e luta mentaleira, vingou o Povaréu Sul.

Do Povaréu do Sul "me dá um orgulho danado" (MENESES, 2017). É nessa via, que se cria o Coletivo, agenciando 'malucas e malucos' pela vida, que por algumas e alguns se entendia como braço do Povaréu - Arte Saúde e Educação Popular e por outros não, mas na época, aparada algumas arestas em relação à Articulação Estadual e Nacional Educação Popular em Saúde, acabou sendo consenso o nome de Povaréu Sul (Figura 184). Também que poderíamos andar em diálogo e\ou articulados com o Arte, Saúde e Educação Popular, com a ANEPS e PNEPS, entretanto, nossa existência não estaria condicionada ao mesmo e as mesmas e esse também era um dos motivadores desse noss agenciamento, da criação desta zona de transformação, sem o peso das instituições, incluso as políticas públicas, tecendo a nossa política, a do afeto político.

No Povaréu do Sul, foi reencontro e marcação do que defendemos, a construção coletiva com movimentos sociais, por enquanto articulando-se com pessoas do movimento da luta Mentaleira. Somos filhas e filhos de VER_SUS e VE-POP, vivências que ocorrem deste 2004, nas quais acabou se formando uma amizade de muitas intensidades, com sentimento de irmandade, cumplicidades, principalmente na defesa do direito a saúde, do SUS em suas correlações, de que 'outro mundo é possível' e que sua construção passa pelas nossas mãos. Então, quando nos encontramos, nos reconhecemos, e nos misturamos, fazendo inclusões para produzir diferença em todas e todos nós e nos 'nós', 'tropessando'[2243] e tentando andar.

Nossa existência era por que vivíamos o exercício da educação popular na defesa dos direitos sociais, no tecer cidadania. O Coletivo se constitui, pois além das Tendas, sentiu-se que era mais potente lutar juntas e juntos, do que sozinhas ou sozinhos. Quem fomos e somos: Bruna Abbud; Cid Branco, Gabriella Ferreira, Gicelda, Greice, Ivon Fernandes Lopes, Jota, Liamara Denise Ubessi, Marcos Aurélio Matos Lemões, Maurício, Michele Neves Meneses, Roberta Antunes Machado[225], Vanilda Pereira da Silva[226]....

Na caminhada muitos aconteceres, amores, rumores, flores, dores, que nos aproximaram e\ou afastaram e nas nossas revisões, se pensou até em mudar o nome, mas este acabou sendo a forma como nos reconhecem, do jeito que somos, povaréus. E como criamos

[224] Em homenagem ao Tropesso, palhaço criação de Cid Branco, o qual tivemos a oportunidade de conhecer no ano de 2016 e que atualmente integra ao Povaréu Sul.
[225] Devido a conflitos e a outras dinâmicas da vida, as seguintes pessoas se afastaram do Povaréu: Bruna Abbud, Greice, Jota e Gabriella Ferreira.
[226] Em memória.

esse pertencimento, de que as pessoas nos acionam, mudar o nome, não resolveria nossos problemas. De todo modo, estamos tentando nos reinventar! Entende-se que uma das situações, se relaciona com o atravessamento da Política Nacional de Educação Popular em Saúde, sendo que o nosso interesse era de não vinculação a instituições e políticas, ainda que poderíamos considerar alguns de seus preceitos na teiação do coletivo, como da Educação Popular, da Humanização, da Educação Permanente em Saúde, entre outras.

O Povaréu Sul, como produção de outras linhas ao 18 de maio e na perspectiva de Apoio a processos em saúde nos municípios, disparou a conversa para pensar essa data em Rio Grande, realizando encontros com atoras e atores no município do Rio Grande e veio pessoas dos serviços de saúde do Capão do Leão, no qual se decidiu pela realização da Tenda do Afeto Popular, na variação 'Tenda da Loucura' na praça. Era expressão era linha de invenção e aposta noutras quenturas.

Também, se envolveu em muitas e muitas outras Tendas, um tendeu de Tendas[227], geralmente em articulação com a AUSSMPE e outras atoras e atores sociais e instituições. As Tendas procuram atuar como dispositivo de outras formas de cuidado, o do afeto político, de raspagem nas máquinas que insistem em se acoplar e comandar nossas vidas e realizando práticas de cuidado contra-hegemônicas, tais como Reiki, Reflexologia, Acupuntura, e outras, valorizando e praticando práticas ancestrais . Houve até premiação nacional, o segundo lugar no prêmio Victor Valla, referente às práticas de educação popular em saúde desenvolvidas pelo Povaréu, Aussmpe e outras instituições. Efeito das nossas loucuras por paisagens do Sul.

O coletivo Povaréu Sul foi composto por vários malucos e várias malucas, os quais tem (n)as Tendas como um dispositivo de guerra. Então, cuidado! Esse dispositivo tem a pretensão de 'plantar flores'. O plantio de flores tem o sentido de cultivo da vida, de outras relações. As Tendas são agenciadoras de encontros, livremente, pelas pessoas que se sentem convidadas a estar, a compor, a plantar flores. São os encontros do inusitado, do inesperado. É o 'canto' do imprevisto.

Mas, também não se furta de neste plantio, de tecer e cultivar (d)a luta social por direitos que consideramos essenciais a vida, dentre eles o direito a liberdade, a felicidade, a saúde, a educação, a uma sociedade mais justa e equitativa a todos e todas, por entendermos que nisso também reside a produção da vida.

[227] Tendeu, palavra mencionada por Gabriela Zucchetto em alusão ao que acontece nas Tendas do Afeto Popular (maio de 2015, São Lourenço do Sul)

Explosão de convites por Tendas de Afeto

As Tendas geralmente agenciam muitas pessoas, pois cada um e cada uma tem algo que pode contribuir, plantar, cultivar. As Tendas mexem com as redes, com muitas, com as nossas, com as dos outros, com os serviços de saúde, com os movimentos sociais, enfim, mexe com muitas redes, também produzindo-as, produzindo novas e outras conexões. Sentimos os efeitos deste dispositivo pelos muitos convites para a realização de Tendas, que é um pedido por alimento, o de afeto, o de cuidado, o de produção de conhecimento, pois é isso que se faz na Tenda, dentre outras loucuras. Outro efeito, é que há pessoas se ocupando dessa ideia, dos seus jeitos, com outras formas. Contagiou, contagia.

Após a recriação da Tenda no Mental Tchê e realização da Tenda da Loucura em Pelotas, muitas outras foram sendo demandadas. Então, fomos acionados para a realização de Tendas, nas quais operamos com práticas sociais de educação popular em saúde, com afeto, cuidado e produção de conhecimentos a partir dos encontros e também colocando em questão, que estamos fazendo e com o que temos a ver ou nessa existência, quais foram, que operam com práticas sociais de educação popular em saúde: Tenda do Afeto Popular da 'Loucura', realizada em Pelotas, 2014; Tenda do Afeto Popular no Março Lilás em várias comunidades de Rio Grande, 2015, 2016, 2017; Tenda do Afeto Popular com Agentes de Endemias, Vigilância Sanitária em Rio Grande, 2016; Tenda do Afeto Popular com Trabalhadoras e Trabalhadores na Estratégia de Saúde da Família em Rio Grande, 2015 e convite para 2016; Tenda do Afeto Popular – Tenda da 'Loucura', realizada no 18 de maio, em Rio Grande, 2015; Tenda do Afeto Popular na Unidade Básica de Saúde rural Bolaxa em Rio Grande, 2016; Tenda do Afeto Popular no IFRS, no componente curricular Estágio de Saúde Mental de Técnicos em Enfermagem em Rio Grande, 2014; Tenda do Afeto Popular na Mostra de Trabalho do IFRS, 2015.

Também, Tenda do Afeto Popular com trabalhadores e trabalhadoras de Saúde na 3ª CRS; disparado outra Tenda neste local, por quem se sentiu contagiada, com vistas a discussão do Teto de Gastos com Saúde e Educação, 2015, 2016; Tenda do Afeto Popular na Mostra da Atenção Básica regional Sul, realizada no município de Pelotas, 2015; Tenda do Afeto Popular no Loukolóquio em Pinheiro Machado, 2015; Tenda do Afeto Popular no evento 'não Tchê Loukeie' em Arroio Grande, 2016; Tenda do Afeto Popular no Mental Tchê, 2015, 2016 e no da Resistência em 2017; Tenda do Afeto Popular na Colônia Z3 no processo de mobilização contra o desmonte da saúde, educação e outros direitos sociais, 2016;

Tenda do Afeto Popular na comunidade do Guabiroba no processo de mobilização contra o desmonte da saúde, educação e outros direitos sociais, 2016.

Ainda, Tenda no II Seminário da Mulher do Campo e da Cidade de São Lourenço do Sul, 2016;Tenda no dia 08 de março alusivo ao Dia Internacional da Mulher, das mulheres no seu protagonismo e marcação como dia de luta; Tenda no dia 15 referente a mobilização 'Fora Temer' contra o desmonte dos direitos sociais; Tenda no final do mês de março de 2017 na Quinta em Rio Grande também na perspectiva do saber popular de mulheres que produzem terapêuticas caseiras para o cuidado em saúde; a Tenda no Mental Tchê da Resistencia, entre outras.

Enfim, foi tanta Tenda, o que lemos como efeito das andarilhagens que tecemos em conjunto o coletivo Povaréu Sul e a Associação de Usuários dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas – Aussmpe, acionando também outras tantas parcerias. Afinal, era coisa de loucos e loucas. Loucas e loucos pela vida, pelo tecimento da realidade, colocando também no nosso colo que essa responsabilidade de tear justiça social não está fora de nós, mas em nós e que depende da gente essa construção. São movimentos muito pequenos. Quase invisíveis.

Da sua potência, sabemos pelos efeitos, pelos convites para Tenda. Mas, afora isso não há como mensurar as reverberações. A nós, nos acalenta saber que lidamos com nossas 'ansiedades', que não estamos indiferentes ao que nos acontece e que a cada Tenda, somos outro(a). Nos alteramos, mudamos, nos afetamos, nos reformamos. E isso é uma loucura. A loucura de transformação. Os modos de subjetivação na contra mão de muitas hegemonias sociais. Também importa registrar que as Tendas são feitas de agenciamentos e agenciando encontros e que nada e nem nós ficamos nos mesmos lugares. Ensinaram-nos também sobre liberdade, de não andar preso a programações, de ter no horizonte construção. Então, a cada Tenda, que são únicas, são feituras como rizomas.

Então, devido a essa tessituras, submetemos um trecho dessa nossa história ao prêmio Victor Valla do Ministério da Saúde e ficamos em segundo lugar, o que nos foi um afago para seguir 'peleando' pela vida. O prêmio que leva o nome de Victor Vicent Valla, é porque esta pessoa pela educação popular comunicou e criou canais de voz as pessoas que são invisibilizadas. Ele fazia o "elo entre a academia e a rua" (STOTZ, 2009), considerando a educação popular como estratégia de lutas, via a qual era possível tecer transformações sociais, vendo o outro, muitas vezes vitimados pela conjuntura política, econômica, social, não como impotente, incapaz, mas como agente reinventor de realidade, como resistência (VALLA, 1986). Essa é também a nossa luta, processo este em todos(as) podemos se transformar e transformar, e ao transformar se transformar.

O elo traduz-se por encontros e diálogos e que temos nominado de afeto que é político, a medida que interpomos práticas de cuidado que não são as hegemônicas, dentre elas a de conversa em que cada um e cada uma pode fazer raspagens nas máquinas acopladoras e moduladoras da nossa subjetividade a favor do capital e não da vida. Podemos, se quisermos, reinverter essas relações, como máquinas de rexistência, afirmando nossa potência de recursar o que não nos serve e afirmar o que nos intensifica.

Deste modo, ao considerar que as fotos também são faladoras, traz-se um conjunto das mesmas, para ilustrar esses nossos pequenos movimentos no tecer da realidade. Mas, como se trata de um rizoma, estão juntas e misturadas nas poéticas de implicação em um território rizoma de teiação. Nesse processo a 'andarilha' se deu por conta que tem 'sérios poemas mentais', por se ocupar destas partituras na vida. Desconfia que as pessoas com quem anda também, pelos mesmos motivos. Sofremos de 'poemas mentais' (Figura 185).

Então, as Tendas são um dispositivo de guerra na fabricação de felicidade, de realidade e na produção de liberdades.



Figura 185 – Ilustra as intensidades que (nos) movimentam. Imagem colhida no evento 'Não Tchê Lokeie' realizado em Arroio Grande, 2015. [228]

Dentre as tantas Tendas, alguns registros das mesmas e das práticas de cuidado. A Tenda subsequente a da Loucura, aconteceu no IFRS em Rio Grande. E foi uma loucura. Ocorreu em 2014. A 'andarilha' não lembra da data específica, mas que experimentamos tendear por lá. De Pelotas fomos, a 'andarilha' e os 'Guris'. Foram vários momentos, de experimentar Rio Grande (Figura 186, foto 1), corredor do cuidado (Figura 186, foto 2), entre outras movimentações. Ainda não havíamos criado o Povaréu Sul e nem a 'andarilha'

[228] Foto colhida no evento 'Não Tchê Lokeiei em Arroio Grande', 2016.

participava da Aussmpe, mas a gente já andava em articulações, daquelas dos afetos que brotam nos VER-SUS da vida, nas andanças pelos vocais Esperança e Los Lokos.



Figura 186 – Tenda do Afeto Popular no IFRS. A primeira Tenda após a da Loucura. Rio Grande/RS.

Outra Tenda aconteceu, quando uma louca, no caso a ‘andarilha’ se reencontra com outra louca, no caso a Roberta Machado, e a mesma lhe convida para falar em uma de suas aulas no IFRS sobre o processo da Reforma Psiquiátrica. A ‘andarilha’ lhe diz que não, mas que chamaria para a aula as pessoas entendidas nesse assunto, da Associação. Duas loucas juntas, juntando com outras pessoas expertises no assunto, só poderia dar loucuras. E aconteceu uma Tenda dentro da sala de aula, em que os(as) professores(as) foram a Mãe Preta, o seu Uilson, o seu Ivon e o pai Zé e que fomos acolhidos com um farto lanche e saímos de lá até com certificados. Proezas, proezas. E que aula de vida tivemos neste dia. As fotos registram nossas re**ações** desde a saída de Pelotas e das pessoas com quem estivemos na aula (Figura 187). Mãe Preta e ‘andarilha’ nessas viagens, geralmente iam de lado, pois sempre tínhamos conversas para colocar em dia, afinal, Mãe e filha pródiga, como ela dizia.














Figura 187 – Tenda do Afeto Popular em aula do curso Técnico de Enfermagem, sob regência de Roberta Antunes Machado, 2014, Rio Grande/RS.

E assim, não devido a essa aula, mas houve outros momentos em aula, em disciplina sob a condução da Larissa Dall'Agnol no curso de Terapia Ocupacional (2016), em aulas dos programa de Pós-Graduação da Faculdade de Enfermagem da UFPel e eventos conduzidas pela Luciane Prado Kantorski e/ou Grupo de Pesquisa em Enfermagem em Saúde Mental e Enfermagem em Saúde Coletiva (2016, 2017), nos temários 'ouvidores(as) de vozes', 'suicídio', dentre outros.

Houve convite para a Tenda no Encontrão da Saúde Mental em Pelotas, que consiste no encontro de Saúde Mental em Pelotas em que, vez ou outra, convidam serviços de atenção psicossocial da região (Figura 188). E, nove de setembro acontecia o de 2014. Foi em um local fechado. E fomos acionados(as) para Tenda. E lá fomos nós em parceria com estudantes e professora da Terapia Ocupacional para a Tenda do Encontrão cogestada, coproduzida e como sempre, acionando várias pessoas para mais essa alegria de produção coletiva de cuidado. E foi linda foi.







Figura 188 – Tenda do Encontrão em nove de setembro de 2014, no recanto de Portugal, Pelotas/RS.

Por essas e outras, também fomos convidados(as) para realização da Tenda do Afeto Popular na Mostra Regional de Saúde na região Sul (Figura 189). Também em 2014. E se traz aqui, pois neste evento aconteceu mostra de Saúde, a mostra que há um SUS que dá certo e

que precisa ser mostrado, afirmando-se como política pública de saúde. Dona Inês que trabalha com fitoterapia, cria o ‘Boneco Fitoterápico’. A mesma opera ou operava como oficineira na Atenção Básica em São Lourenço do Sul e é uma das corecriadoras da Tenda do Afeto Popular, junto com a ‘andarilha’, com Dandara e com Georgina (Figura 189)! Parece que se estava advinhando o que estaria por vir, que nesta época nem ao menos cogitávamos, o desmonte do SUS, com a precarização dos serviços, terceirização, incentivo a planos populares de saúde. E nós Tenda, lá estivemos tecendo junto, pois a Tenda do Afeto Popular tem essa expressão o tecer coletivo, que se arranja e se rearranja.

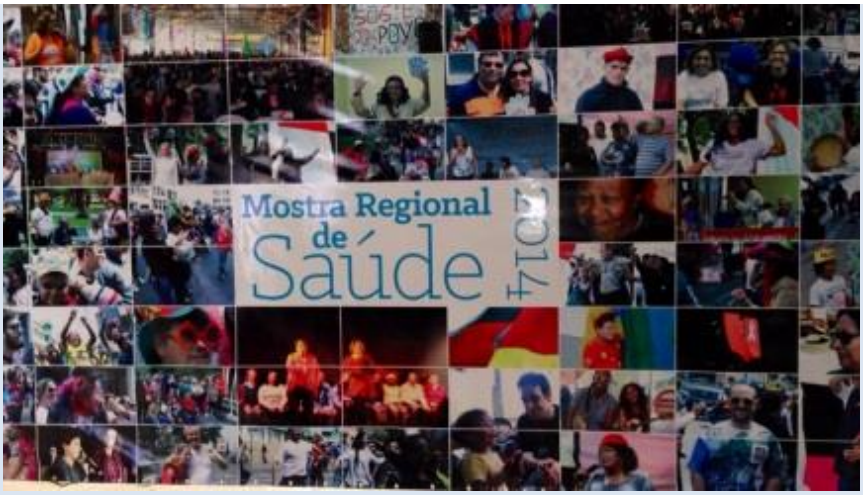












Figura 189 – Tenda na Mostra de Saúde na região Sul, 2014. Pelotas/RS.

E assim era uma Tenda atrás da outra. Noutra que fomos convidados(as) como coletivo Povaréu Sul e que a ‘andarilha’ aciona os(as) companheiros(as) de Los Lokos, foi para Tenda em encontro de final de ano, com trabalhadores(as) da Estratégia da Saúde da Família no Rio Grande, a qual chamamos de ‘Tendão’, ligação (190). Foi uma tremenda exposição e artes, de práticas de cuidado, de contato com outra realidade, de andarilhagens pela cidade de guarda-chuva, pois “louco(a) é quem me diz, e não é feliz”[229].



[229] Trecho da música ‘Balada do louco’ de Ney Matogrosso, que é um dos hinos da Saúde Mental. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bgsJtfE8DmY> .



Figura 190 Tendão com trabalhadores(as) da Estratégia da Saúde da Família no Rio Grande. 2014.

E a ‘andarilha’ segue em suas reflexões, de porque nos acionavam, e uma das coisas era pelas práticas de cuidado, que embora com regulamentação para ofertas no SUS, pouco ou não ocorriam, e começamos a nos indagar sobre a função da Tenda e o que queríamos com as mesmas? Ademais, quem cuida do(a) trabalhador(a) que cuida? Que é produção de saúde? E de saúde mental? Se não que ambas se coadunam? Esse tendeu de Tendas também foi um fator que tencionou para a criação do coletivo Povaréu Sul. Importa registrar que as Tendas antes da existência destes eram o efeito de vários agenciamentos de pessoas e instituições, nem sempre as mesmas, iam se desenhando a depender da situação, do convite. Germinavam via envolvimento com a CIES e a educação popular por atoras e atores que assim se implicavam, acionando os(as) outros(as) pelo caminho, seja extremo_SUS, Los Lokos, curso de TO e Grupo de Pesquisa em Saúde Mental e Coletiva da Faculdade de Enfermagem UFPel, Grupo Condutor de Saúde Mental, entre outros(as) nos bailados da vida.

E assim, seguiram-se muitas outras Tendas, entre estas descritas e outras que se seguiram em uma soma de agenciamentos e envolvimentos entre o coletivo Povaréu Sul que brota em 2015 e a Aussmpe, em histórias que foram se tecendo misturadas e compar**t(r)ilhadas**.

Nessas movimentações, qual é a nossa loucura, se não a das águas da não indiferença, de combate as mesmas, problematizando o que nos acontece, o que nos afeta, de porque afeta ou porque não nos afeta, em um movimento incessante, ás vezes cansante, mas dançante na insistência, persistência de produção dessas estéticas na existência, uma arte de viver, de mexer na realidade, tecendo fios, tecendo rios, redes, realidades, como uma fábrica de felicidade e de produção de liberdades e, e.....nossos combustíveis são os afetos, dentre eles o da cumplicidades, da amizade, da alegrias, das alquimias da razão, da luta, entre outros que mexem com as nossas emoções e nos movimentam a ações, aumentam nossa potência de agir, de existir, de rexistir.

As Tendas podem ser consideradas, tecendo rizomas, como agenciamentos coletivos de enunciação, constitutivos de saber, efeitos de encontros que nunca serão os mesmos, em cenários produzidos de multiplicidades e heterogeneidades, com potência para destronar o sujeito da enunciação, assujeitado aos modos de dominação, reconfigurando-se como agente plural, polifônico, não de uma só voz, mas de varias vozes (ROCHA, 2007). Então, as Tendas foram, de algum modo, em todo o processo da pesquisa, trans_versais, os versos transversos, desde o 9º Mental Tchê com a Tenda Paulo Freire, a partir da qual se cria a do Afeto Popular até a Tenda do Afeto no Mental Tchê da Resistência. Tendas, também, pontos de intensificação, engenhos em movimento, máquinas de guerra, estéticas de rexistência, combativas ao que deprecia a vida, interpondo novas possibilidades de se desacoplar das máquinas do capital, como forças inventivas!

Quiçá, um platô?[230]

O tempo da implicação

O tempo cronológico avisava a ‘andarilha’ de seus atrasos, de que em alguns aspectos, como o de implicação, colheita e escrita não havia acompanhado este tempo. Um/a não acompanhava o tempo do/a outro/a. Era o anúncio de 2017. Chegava o janeiro. A implicação seguia e segue sendo um movimento que lhe escapava pelos dedos como um vento intenso que a levava muitas vezes para além do que (não) poderia o próprio corpo, muito veloz se comparado ao tempo de colheita e(m) narrativa desses movimentos.

[230] “Platôs como um conjunto de anéis quebrados, que podem penetrar uns nos outros. Cada anel, ou cada platô, deveria ter seu clima próprio, seu próprio tom ou seu timbre. É um livro de conceitos” (Gilles Deleuze, Conversações, p. 37).

O efeito disso foram águas em turbulências derramando de suas fronteiras. Estava em trans**bordamento**. Sentia-se sem chão, sem horizonte. Ora essa. Foi-lhe próprio de seu desejo operar essas experimentações. Mas, sabia que mesmo assim, era preciso não ficar mirando o mar, dado que as chances de afogamento eram iminentes. Era preciso seguir remando, espiando de relance a imensidão do mesmo. E seguir em suas navegações. Tecendo com as palavras pontos e fios de suas embarcações, de geração e intensificação de vidas, em (des)articulações desenhando rizomas. Essa foi e é uma de suas estratégias de sobrevivência.

A 'andarilha' traz trechos de 2017, recortes no tempo, pois ao invés de estar absolutamente focada na escrita do trabalho de tese, o que se espera de uma pessoa com essa incumbência, estava fazendo isso tramada no que lhe afetava em intensidades, do que lhe falava a realidade da vida. Mesmo com pausas de sua frequência física em pontos que considera como de intensificação de vida, tais como os grupos vocais Esperança e Los/as Lokos/as, a Comissão de Integração Ensino-Serviço, o coletivo Povaréu Sul, a Associação de Usuários/as dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas – Aussmpe, o Grupo Condutor Regional de Saúde Mental, as Tendas do Afeto Popular, entre outros/as, situações da realidade acionavam para encontros ou acabávamos gerando formas de se encontrar.

Destes pontos, que sente saudades e que lhe fazem falta, muitas pessoas lhe assinalam também saudades e de que fazia falta, pois nós, as pessoas não somos coisas, somos muitos afetos, sentimos, temos vida, muita vida compartilhada, são espaços e momentos em que juntos/as nos sentimos em casa, com alguns objetivos em comum, como a produção de música que nos ativa a vida, as parcerias, a luta, o cultivo de uma cultura por outra relação com a loucura, dentre elas, que não é um 'bicho de sete cabeças' e que isso é o que tentaram fizer da mesma, e nem que as pessoas que manifestam suas intensidades psíquicas sejam incapazes, mas ao contrário. Somos pura vida inventiva. E que essas nossas loucuras são possibilidades de tensionamentos com o solo da razão das racionalidades que tendem a infringir a ampliação e afirmação da vida.

Deste modo, pinça para este trabalho recortes do vivido em 2017, com data de fim de colheita, não de luta, de 27 de maio de 2017, em que o território é rizoma, que não começa e nem acaba, mas que se entra e sai pelo meio de processos em curso. Nesta data, em 27, aconteceu o 13º Mental Tchê no município de São Lourenço do Sul. E foi justamente no 9º Mental Tchê, em 2013, que se iniciou não o estudo, mas os esboços dessas andarilhagens. Do 13º Mental, a 'andarilha' se furtou de celebrar festivamente em um movimento de militância e r**existência**, por estar na travessia de luto do encerramento desse processo de colheita, no que

ás vezes mergulha com tristeza, pois requer separar-se por um tempo do que a faz sentir-se viva. Trata-se de mergulhos em si, encontros que nem sempre são bons.

Ainda, registrar trechos do vivido em 2017, faz sentido, pois é como engatar e criar um plano do percurso de pesquisa iniciado em 2013, que se atualiza a partir da opção metodológica pela cartografia, em um território rizoma, com o tema 'produção de r**existências** na relação com a loucura nas tramas da subjetividade e do biopoder contemporâneo', que passa a se indagar sobre: quais são as loucuras nas paisagens do Sul - forças de rexistências nessas tramas?

Considera-se que as paisagens se alteraram com o movimento e a intensificação da vida, sejam as subjetivas, as das andarilhagens, dos modos de subjetivação, etc. Da loucura entendida como as intensidades que subvertem ou rompem com os códigos das racionalidades, das hegemonias, como força, como uma das experiências humanas que muito nos ensina sobre nossa humanidade, como força criativa, como intensidade, em que é dito o não dito, que estão na periferia das hegemonias, como os saberes menores, como forças revolucionária, que é andarilha, nômade, provisória, que não se enquadra!

Então, de novo, a narrativa desse vivido no 2017, também é periférica, aconteceu no esconderijo da academia, pois já era para ter encerrado a colheita. Mas, as forças tensionavam com o corpo 'andarilho' a seguir coproduzindo mundos, cenários de existências, tão mais forte do que o mesmo poderia suportar no querer se aquerenciar consigo para falar do colhido, ainda que esse trabalho também seja uma luta necessária. Deste modo, traça-se na periferia, alguns dos pontos e fios do rizoma, de rexistências pelas vértices das andarilhagens com os heróis e as heroínas da rexistência, os/as alquimistas da razão, bem como pelo que desejou arduamente desde que se deu por conta de que havia manicômios nas paisagens do Sul. Mas, afinal, qual era a loucura? A loucura são as concepções e interesses que os mantém e/ou as forças de rexistência que se ocupam em alterar essa realidade e as manicomialidades?

Em fevereiro a 'andarilha' e outras pessoas, fomos surpreendidos/as com situações que se relacionavam ao que tínhamos se algum modo nos co-implicados nestes últimos quatro anos, na produção de rexistências na relação com a loucura, no envolvimento e criação de maquinarias de guerra, pontos de intensificação de vida, em que fizemos a luta social e ao mesmo tempo cuidamos se si e de nós cultivando modos de e para o viver. Praticamente um produz o outro, ou seja, a luta produz cuidado e o cuidado também produz a luta, pois nós, as pessoas, tendemos a nos sentir fortalecidas e menos constrangidas a lutar e a cultivar o que nos é de direito.

São movimentos que se transversalizam e se potencializam. E por isso são considerados pela ‘andarilha’ como geradores e intensificadores de vida. Os mesmos são os efeitos de zonas provisórias que a ‘andarilha’ tem chamado de transformação. Zonas de encontros. Zonas de transformação, pois nestas, nestes planos, há produção de subjetividade, modos de subjetivação, produção desejante. E de fato há. Somos o efeito disso no que r**existimos,** recusando ou nos alterando na perspectiva de ampliação e afirmação da vida, nos movimentos dos processos subjetivantes.

A ‘andarilha’ traz esses recortes, pois são muito do que desejou que seguisse acontecendo em Pelotas, e até com mais força: aprendizados no fortalecimento da democratização das relações por onde andamos, da auto e cogestão, da produção de autonomia, empoderamento, emancipação, do direto a viver nossas loucuras em liberdade, do direito a felicidade, do reconhecimento das singularidades; o potente empoderamento de pessoas que são ou foram assistidas em serviços de saúde mental, as quais, não somente agora, mas de tempos, sinalizam que não basta mais ‘*panem et circenses*’[231], sem desconsiderar que a alimentação nos Centros de Atenção Psicossocial e festividades diversas podem contribuir ao processo terapêutico.

A questão é como é feito o uso disso, algumas vezes como forma de manipulação a ampliação das forças para o fechamento do sanatório Espírita no município, com a construção de sua data de fim; tensionamentos para a produção da rede de Atenção Psicossocial - RAPS, que sob a percepção da ‘andarilha’ recém agora está se ‘levantando’, fazendo jus de algum modo ao movimento de sua histórica na deflagração da Reforma Psiquiátrica no RS e país, pelo envolvimento de várias pessoas na sua teiação, sejam de trabalhadores/as, pessoas que são assistidas, familiares, comunidade, o que se evidencia, principalmente a partir de provocações de um grupo de articulação em saúde, entre outros.

Nas profundidades da superfície, alquimias da razão....

Há uma música que faz a promessa, ‘os alquimistas estão chegando’ (JOR, 1974). Mas, para a ‘andarilha’ eles/as já chegaram. São aquelas pessoas que lhe ensinaram a converter as angustias, dores, sofreres em alegria, são aquelas que fazem (d)a luta alegria, seja a de viver, a por direitos sociais, etc, no cultivo de relações que intensificam a vida. A alegria é o som dos/as Alquimistas da Razão, que estão com frequência subvertendo os códigos, as

[231] ‘Pão e circo’ ou ‘*panem et circenses*’ como uma política de manipulação das massas utilizada no Império Romano (VEYNE, 2015).

regularidades sociais, somos aqueles/as que não se quer considerar ou dar valor ao que dissemos, porque somos considerados/as 'loucos/as', mas que mesmo assim, falamos.

A 'andarilha' ouve vozes. Nem sempre se sente bem falando ou escrevendo sobre elas, pois é como escrever e falar de si e é algo de si muito íntimo. Convive com elas, pois elas são companheiras. Ás vezes são ruídos quase insuportáveis, causam até medo, produzem muita angústia, antecipam o vir a ser de coisas pouco desejáveis, mas às vezes são companhias. Sabe que elas compareceram em sua vida devido a sensações de solidão. Também, que tendem a ser uma manifestação da sua subjetividade, um jeito de fazer companhia nessa imensidão da existência. Ora, quem tem essa oportunidade? De um corpo que para cuidar de si produz companhias? Uma sabedoria da imanência da vida em um corpo social. Então, esse texto, tem a pretensão de narrar do convívio com pessoas que a si, nessa alquimia da razão, são heróis e heroínas da rexistência, pela potência de produção da alegria na transformação da realidade que contagiam a 'andarilha'.

A andarilha escreveu sobre o 'ouvir vozes', movida por muitas vozes, de diversas ordens, ouvidas nestes cincos anos de caminhada, que reiteram a loucura como uma experiência que nos ensina sobre nós mesmos, como há tempos já nos assinalava Foucault em 'história da Loucura' e também ao encontro de Deleuze, Guattari e Baremblitt, da loucura como o que escracha, rompe e subverte com os códigos da racionalidade, normalização e burocratização da vida, como força, força instituinte, com potencial revolucionário. É justamente por e com essa acepção e ação, que mesmo em tempos adversos, a gente canta e dança ao clamor por uma sociedade sem manicômios e manicomialidades, afirmando a liberdade por todos os cantos. Então, aqui a 'andarilha' se ocupa em pinçar da 'loucura entre nós'[232], de rexistir.

A travessia do ano de 2016 para 2107 foi marcada por vários golpes no povo brasileiro, por formas de resistência como reação que sentíamos na pele, o corte de direitos sociais, a destruição das 'pontes para algum futuro'. Deste modo, a 'andarilha' se envolve de algum modo nesses movimentos, ao invés de centrar na tese. O seu corpo estava insossegado a cada notícia que não afetaria somente a sua vida, mas de muitas pessoas, principalmente as em maior situação de vulnerabilidade social em um país que há riquezas suficientes para todas e todos. Diante disso, como ficar indiferente ao que acontecia e que afetaria a vida de muita gente?

[232] Do filme "A loucura entre nós".

Trata-se dos avanços das garras do neoliberalismo, que prima pela diminuição do tamanho do Estado na sua responsabilidade social, transferindo, terceirizando-a, privatizando-a. O efeito disso tende a ser a expropriação da vida de muitas pessoas, com o que a 'andarilha' não consegue concordar. E isso certamente mobiliza muita gente a resistir. Esses processos tendem a interferir em nossas emoções e uma das saídas pode ser criar espaços de resistência e proteção, como zonas de encontro, nas quais se pode sentir e agenciar forças para (o) viver e tentar transformar essas realidades, em que as minorias sociais, que são as maiorias, histórico e socialmente excluídas pela moral e usurpação da força produtiva ou consumista, como negros, quilombolas, mulheres, LGBTTIs, e nós, os/as considerados/as como loucos/as, loucos/as quando assim nos designamos para afirmar a nossa existência no tecido social, tendemos a ser os/as maiores vitimados/as por estas situações. Deste modo, como não se sentir afetado/a?

Tanto o é, que nos transversalizamos. Pessoas vinculadas a Associação se somam na luta do movimento estudantil da UFPel em 2016 e seguem em 2017, pela participação em reuniões do movimento estudantil, na construção da greve da Pós-Graduação, que ocorre pela primeira vez na história da UFPel, em zonas autônomas de transformação como a Frente de Luta da Pós[233] (Figura 191) e tecendo junto a realização das Tendas do Afeto Popular como dispositivo de diálogo na comunidade na Colônia Z3 (Figura 192) e no Guabiroba, seja na Tenda em si, como na reunião pré-Tenda no Guabiroba (Anexo Q). A 'andarilha' vibra, pois é a transversalização de movimentos, que se afirmam em seus *lócus*, mas que aumentam sua força se juntando e se tranversalizando, dado que o pano de fundo é o mesmo, justiça e inclusão social, cidadania, dignidade.



Figura 191 – Articulação entre Aussmpe e Pós-Graduação, na Frente de Luta em Marcha contra a PEC 241, Pelotas/RS.

[233] Atuavam na Frente de Luta da Pós pessoas vinculadas a Pós-Graduação da UFPel, mais precisamente Eliana Buss, Priscila Borges, Cristina Soares e a 'andarilha' do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, dentre outros, bem como pessoas de outras pós-graduações, como Sociologia, Agronomia, e como parceira a Aussmpe, movimento estudantil da graduação e Levante Popular da Juventude.



Figura 192 – Tenda do Afeto Popular na Colônia Z3 em articulação com a Unidade Básica de Saúde discutindo com a comunidade sobre a conjuntura do país e os cortes de investimentos na saúde e educação. Tecendo redes. Colônia Z3. Dezembro de 2016. Pelotas/RS[234]

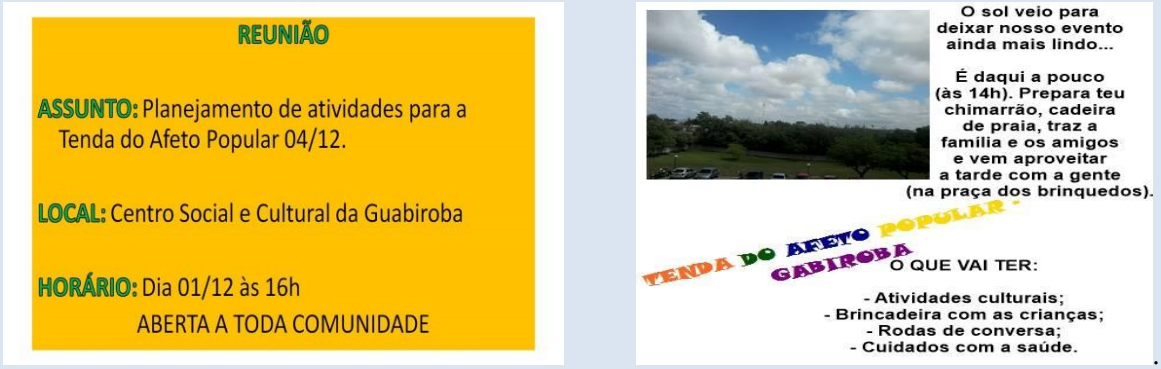


Figura 193 - Cartaz de chamamento para a construção da Tenda do Afeto com a comunidade do Guabiroba e outro de divulgação, produzidos pela Frente de Luta da Pós UFPel em articulação com o movimento estudantil da graduação e Aussmpe. Comunidade do Guabiroba, Pelotas/RS, 2016.

A ‘andarilha’ sabia também. que não era somente pela perda de nossos direitos sociais que andamos juntos/as nessas lutas, mas porque temos muito afeto envolvido entre nós. Um ‘grude’ que não desgruda, que nos arrasta no viver. Onde geralmente um ou outro se envolve, praticamente todos/as se envolvem. E a ‘andarilha’ mareja de emoção. É uma família de coração, de afeto em pulsação. E justamente por quem? Pelos que somos considerados/as loucos/as. Será que somos nós mesmos os/as loucos/as, ou essa sociedade é o próprio

[234] Foto capturada da rede virtual ‘facebook’.

manicômio, no qual, pouco conseguimos experimentar realteridades, como nos ensina Baremblitt? Co-aprendamos, então, conosco, com nós, os/as loucos/as.

Nessas loucuras, praticamente todos os dias, a ‘andarilha’ e Mãe Preta teciam horas de conversa, por telefone ou cevando um mate, geralmente na sua casa. Das loucuras da andarilha e intercessor Ivon Fernandes Lopes, de mantê-la atualizada sobre o que acontecia, pois percebíamos que ela se sentia participando, opinando, sugerindo, afinal era a presidenta da Associação. Levamos algum tempo para entender que isso era cuidado, era uma forma de produção de inclusão de quem em sua situação de saúde não conseguia se fazer presente fisicamente.

E assim tecíamos afetos de muitas cumplicidades, que a ‘andarilha’ verte-se em águas ao relatar. Não sabe explicar muito bem, mas havia certa simbiose. No que sua Mãe de Coração a acionava, tendia a se mover em velocidade. Deixava tudo o que estava fazendo e ia ao seu encontro. Tanto que algumas pessoas não desses enredos lhe diziam ‘é só a Vanilda e/ou o pessoal da ‘Saúde Mental’ te ligar que tu deixa tudo e vai’. Nem a ‘andarilha’, entende porque isso a move om tanta força. Trata-se de um vínculo intenso que a mobiliza.

Então, para a ‘andarilha’, além de aprender com essa voz o respeito, o cuidado, a dignidade na relação com as pessoas, lhe era uma companheira também de luta social por direito a voz, como ela mesmo dizia “não tem que ter vergonha, tem que falar” e lhe contava que “aprendeu com a Dona Otacília Batalha”, que levava no sobrenome o que fazia. E quando a Mãe Preta lhe dizia isso, sentia que aprendia com ambas, em uma transmissão de legados, como na música ‘não deixe o samba morrer’, um ‘não deixe a luta morrer’[235]. Esse recado não era somente a andarilha, mas presume que a todas as pessoas que tiveram a oportunidade de conviver com ela. Um ‘anel de bamba’ entregue aos que merecem usar, noutras palavras, ao que vão desistir de lutar por um cuidado em liberdade e com dignidade as pessoas com e em sofrimento psíquico, nas suas variações de intensidades. Sentia muita força ao ouvi-la, no enfrentar as batalhas, inclusa as consigo mesma, e pelos direitos a loucura, a autonomia, a cidadania, a viver, que ao modelo neoliberal pouco convém ou interessa. Impossível escrever e não vazar rios.

É deste modo, que em fevereiro, no primeiro final de semana, a Mãe Vanilda, muito estratégica, sempre insistia que fosse no ensaio do grupo vocal Los Lokos, e ‘a andarilha’ resistente a ir, pois tinha que se ocupar em escrever. Toda a segunda-feira lhe era um martírio.

---

[235] ‘*Não deixe o samba morrer’* é uma música de samba, composta por Edson Conceição e Aloísio Silva, gravada em 1975 por Alcione Dias Nazareth e muitos/as outros/as artistas, como pelo Grupo Vocal Esperança desde 2015. Importa registrar que Vanilda Pereira da Silva e Otacília Batalha também integravam esse grupo Vocal.

Geralmente ia até a Biblioteca Pública, mas seu corpo queria fugir de si para ir ao vocal Los Lokos. Entretanto, neste final se semana, a argumentação sábia da Mãe Preta, a convenceu de ir no grupo. Falou-lhe que precisava caminhar, que queria ir caminhando até a casa da Sandra Schwartz, onde ocorreria o ensaio do grupo[236], mas que tinha medo de ir sozinha. A 'andarilha' não relutou. E ambas foram caminhando, com algumas paradas no caminho. A 'andarilha' quando a encontrou riu, pois percebeu que nem tudo era medo de andar sozinha, era mais afeto de que fosse estar com os/as companheiros/as músicos/as de Los Lokos. E a tarde foi um momento muito intenso em que cantamos a música dos risos, ainda mais, com as histórias da Solange[237], uma atora com interferência social, inventada por ela em cumplicidade com seu Ivon Fernandes Lopes.

Em algumas conversas entre ela e a Mãe Preta, dentre as tantas, uma delas foi sobre o tabu que ainda envolve algumas pessoas atendidas na atenção psicossocial no que se refere ao direito ao amor e ao exercício da sexualidade. Também, em conversas com seu Pai Zé, a partir de seus relatos como se isso fosse proibido, o que a 'andarilha' lhe dizia que, se ambos entendessem que isso faria sentido as suas vidas, que tem esse direito e lhe passava informações quanto a medidas de proteção, inclusive sabia que ele era um 'colecionador' de

[236] O Grupo Vocal Los Lokos emerge do Grupo Vocal Feliz Arte que acontecia no CAPS Escola. A maioria destas pessoas em 'alta' do CAPS decidem seguir com o grupo e começam a ensaiar em sala cedida no Restaurante Popular em uma parceria com a ONG GESTO. Passado um ou dois meses, decidiu-se que já éramos outra coisa, que não mais o Feliz Arte do CAPS, já tínhamos autonomia por nós mesmos. A 'andarilha' se engajou neste Vocal quando já estava 'fora' do CAPS. Os encontros aconteciam final da tarde, nas quartas-feiras, e depois foi mudando para ir adequando aos horários das pessoas do grupo, mas principalmente de quem era o músico no mesmo, pois é uma pessoa agenciadora, agregadora desse forte vínculo que se formou no serviço de atenção psicossocial e que além disso era quem se dispunha enquanto conhecimento técnico quanto a produção musical, ainda que muitos/as membros do Vocal tinham e tem consideráveis acúmulos no que se refere a música, mesmo sem formação neste campo, o que mostra como a música comparece e faz função da vida de todos/as. Por um período se ensaiou em sala da Aussmpe que também foi concedida pela ONG GESTO a qual se situava na rua Santos Dumont, mas como os ensaios ocorriam a tardinha, saíamos do espaço já era noite e começou a se avaliar que era perigoso para fins de acessos a ônibus. Se voltou para o Restaurante Popular, entretanto, mesmo com toda a generosidade das pessoas trabalhadoras no local, acabou estreitando o tempo que tínhamos para ensaios e duas pessoas disponibilizaram suas casas, Vanilda Pereira da Silva e Sandra Shwartz, em rodízio, até conseguirmos outro local para ensaios. Se namorou por um tempo o Museu do Doce, mas não se efetivou devido aos movimentos do Grupo e novos desenhos no funcionamento do Museu.

[237] Solange de Paris, uma invenção da Mãe Preta. Como é conhecida no controle social, por problematizar, por não calar diante do que não concorda ou do que não entendia, e vislumbrando que a atual conjuntura do Conselho de Saúde estava mais aos interesses da gestão do que do povo, não se furtou em se manifestar em um programa sobre o controle social no SUS veiculado pela Rádio Com, todas as terças-feiras, no horário das 18 até as 19h, entretanto, achou por bem e que surtiria mais efeito caso se identificasse como outra atora social, a qual criou em conjunto com o parceiro intercessor Ivon Fernandes Lopes, que a pedido da Mãe Vanilda, cria até um página na rede virtual facebook. Mãe Vanilda relata a 'andarilha' que no momento que ligava e indagava ao presidente do Conselho de Saúde, para que não reconhecesse sua voz, retirava as próteses dentárias. E fazia significativas indagações ao mesmo, que não a reconhecia e ficava muito atrapalhado nas respostas. A 'andarilha', neste sentido, são modos de intervir e constranger quem ocupa espaços que deveriam ser a favor do povo e o voltam para outros fins. Dos constrangimentos necessários. E como participante aprendiz nas 'alquimias da razão', de vez em quando a 'andarilha' conversa com a Solange de Paris via rede virtual, que a responde.

preservativos, que em um determinado momento, ao invés de apresentar a carteira de passe no ônibus para o cobrador, apresentou o preservativo (BORGES, 2016). Pai Zé, outro alquimista.

Neste encontro no Los Lokos, a ‘andarilha’ saiu mais cedo. A noite, sua Mãe lhe liga e lhe pergunta se seria parceira em viabilizar algo do desejo de duas pessoas que se ‘encorajaram’ a viver o que tinham desejo e que, de algum modo, lhes era interdito, a partir da conversa que se desenrolou no grupo Los Lokos. A ‘andarilha’, seu Uilson, e outras pessoas não estavam mais presentes. Essas pessoas haviam escolhido a sua casa para viverem esse momento da vida e que ficaram de decidir se comunicariam ou não a família. Não comunicaram, pois sabiam que seriam barrados. E a ‘andarilha’ prontamente aceitou, pois ao que pode contribuir em termos de intensificação de vida, é apoiadora. A Mãe Preta ajudou-os/as a sentirem-se livres e seguros/as para viver este momento da vida, também com apoio de pessoas do grupo e Aussmpe, que confiavam.

No dia subsequente, em sete de fevereiro, a ‘andarilha’ que já deveria estar fora de território de ‘colheita’, não conseguia. Lá estava ela junto e misturada nos enredos inventivos de muitas pessoas que integram a Aussmpe, que participam no controle social, nos espaços de gestão, em coletivos autônomos, etc, na produção de encontros, de momentos para estar juntos. A Aussmpe ainda não tinha retomado as atividades em 2017, devido a vários fatores, um deles que a Mãe Preta estava sob alguns resguardos de saúde, que assinalavam que cuidasse mais de si, pois geralmente tendia a se envolver em muitas das atividades da Associação, do Grupo Musical, e em andarilhar por aí junto com a gente e isso poderia interferir no seu processo de recuperação, ainda que sempre que possível se reinventava o estar juntos/as. Também, a ONG GESTO estava de mudança, o que nos foi comunicado a posteriori e não nos sentimos muito bem com isso, pois mesmo o espaço tendo nos sido concedido e provavelmente constar na filantropia da ONG, somos atores/as de decisão sobre nossos destinos, por mais que se conversou e se entendeu as motivações e modo de condução da Gesto.

Então, um desses rearranjos para estarmos juntos/as, foi o combinado para assistir o filme ‘uma loucura entre nós’. E certamente foi uma loucura. Conversamos bastante sobre as experiências no manicômio, assistimos o filme, sem entender muito do que era dito, pois seguimos conversando no entremeio. O filme foi um modo de agenciar o encontro e que também nos despertou interesse, o que reagendamos para assistir noutro momento (Figura). Seu Ivon Fernandes Lopes, um arteiro da existência, conseguiu em Jequié na Bahia, uma vestimenta de indígenas. Linda. E, obviamente não só a contemplamos com a seriedade que

merece, como nos dispomos a experimentar a mesma e a outrar-nos nessa experiência de alegria contagiante (Figura 192).

A mãe Preta nunca hesitou de entrar e construir enredos para as nossas experimentações de vida. E já começou colocando a vestimenta e dançando (Figura 192). E dificilmente alguém não se deixava seduzir de entrar na brincadeira (Figura 192). Lá pelas tantas alguém lembra das histórias produzidas pelos/as Alquimistas, da Gang ‘Óculos Escuros’. E de repente os óculos de seu Ivon passam a ser artefato de composição (Figura 192). Pai Zé, a versão de ‘Raul Seixas’, o carro, o cachimbo da paz se somam na cena. Afinal, o que nos impedia de brincar e brindar a existência?





Figura 194 – Outrando-se. Casa da Mãe Vanilda. 7 de fevereiro de 2017. Pelotas/RS

A racionalidade que nos habita, provavelmente nos diria para não deveríamos experimentar a vida deste modo, com essas trocas, compartilhamentos, invenções, risos, tecendo teias vitais. A ‘andarilha’, sua racionalidade avisava que havia grandes chances de inclusão do processo de doutoramento. Mas nesses encontros, esses desesperos angustiantes se aplacavam. Assim tem sido muitos de nossos momentos, um trabalho intensivo de alquimia que nos re(n)de alegrias. A alegria como uma força movedora. No final desta tarde de terça-feira, na ida embora, após conversarmos, brincarmos e rido muito, comentamos sobre o quão rimos e fomos felizes nestes dois dias, segunda e terça-feira.

E a ‘andarilha’ ouve o que não queria ouvir, de que situações de tristeza se aproximavam, mas como geralmente faz, a ‘andarilha’, mesmo angustiada, preferiu desconsiderar, pois entende como manifestações de sua subjetividade, como as loucuras de suas intensidades. Apenas comentou ‘rimos tanto nestes dois dias, que será que está por vir?’. Se derrama em lágrimas agora ao escrever. Vieram muitas coisas que são da vida humana, de nossa condição existencial, do que fazemos com nossa existência e rexistências como jeito de caminhar, independente se coincidiu ou não com o recado dessa ‘voz’. Pensa também, que há muito da nossa subjetividade que capta distâncias que a nossa racionalidade não alcança.

Das situações que fomos surpreendidos, uma dessas foi o suicídio do filho de um significativo intercessor nesta andança, e outra foi uma tentativa de, de pessoa companheira em um dos coletivos no qual a ‘andarilha’ e intercessor estão envolvidos, dentre outras pessoas. A primeira pessoa a que se refere, não chegou a conhecer em vida, somente pelo que lhe era narrado sobre a mesma. Residia em um município na região serrana do estado. O acontecido mexeu com muita gente. Foi justamente na noite deste dia sete de fevereiro de 2017, terça-feira.

Assim que soubemos, na quarta-feira, a Mãe Preta, a Ângela Teresa Nobre Pereira, seu Ivon Fernandes Lopes e outras pessoas da família, nos movemos para a cidade em que residia. A ‘andarilha’ não explicita mais sobre o acontecido, pois não é o caso destes detalhes que em nada vão trazer essa pessoa de volta, mas como forma de falar sobre o que afeta quem não se sente indiferente ao que acontece na vida.

Para a ‘andarilha’, essa pessoa que se despedia deste campo existencial lhe soava ares de liberdade, inclusive, para decidir sobre o seu destino em suas intensidades psíquicas, o que se evidenciava em fotos e narrativas de familiares, companheiras e companheiros sobre sua pessoa. Uma de suas últimas frases postadas na rede virtual ‘Facebook’ foi “em todo camburão tem um pouco de navio negreiro”. A ‘andarilha’ já havia lido essa frase em um escrito no prédio da biblioteca Pública em Pelotas (Figura 195.1). A mesma denuncia uma realidade social e manicomial. Então, pode ser considerado como alguém atento ao seu tempo histórico, denunciador social, do racismo tão presente nas relações, na sociedade. E isso altera as composições da ‘andarilha’, devido ao processo histórico de opressão entre as pessoas, pela cor, pelas condições sociais, identidade de gênero, orientação sexual, entre outros.

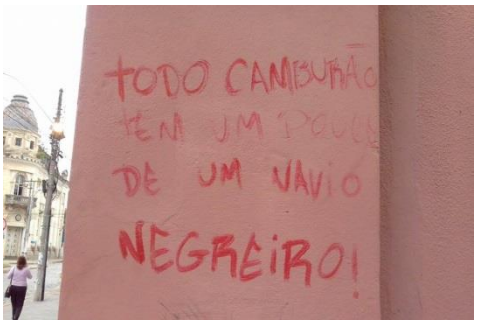


Figura 195.1 – Foto do escrito no prédio da Biblioteca Pública de Pelotas, 2017.

Também, alvorotou as águas da ‘andarilha’ que muitos dos sentimentos e sensações relatadas pela companheira da pessoa que ante ao insuportável em sua vida decidiu pela partida, eram muito similar as que a ‘andarilha’ também sentia. Via nessa pessoa estilos de vida muito próximos aos seus. A ‘andarilha’ já estava até com medo de si mesma. Que sofrimento é esse, de intensidade tamanha que pode nos levar ao suicídio? São os sentimentos humanos, os códigos que se embaralham, a ruptura com o que se vive**.** O insuportável. O desejo de alento. Levou alguns dias para as suas águas se acalmarem.

E mais uma vez na vida, a ‘andarilha’ experimenta em ato, na prática o ‘andar juntos/as’, com os/as companheiros/as da Associação, principalmente as pessoas que lhe são mais próximas, como a Mãe Preta, o seu Ivon, o Pai Zé, a Ângela, companhias incansáveis. E não seria neste momento, respeitada as singularidades de cada um/a em se envolver com esses processos, que não estaríamos juntos/as, vivendo este momento da existência com um de nossos companheiros, o mais afetado nessa situação e sua família.

No movimento de nos reunirmos para acompanhar o companheiro, a ‘andarilha’ se surpreendeu com a Mãe Vanilda, que mesmo com recomendações de cuidados em saúde, foi nos guiando no caminho de chegar até a casa desse companheiro, seguindo para a Rodoviária e ida para a cidade em que aconteceu essa situação. Parece que lhe é uma amizade intensa, um irmão de coração. Brotava energia. À ‘andarilha’ também. Melhora sua compreensão da frase ‘amizade de verdade’. A Mãe Vanilda, sempre companheira. E foram os/as quatro. A Ângela, tão andarilha quanto, que não hesita em estar junto, sua ida nos ajudou a suportar o tempo da despedida. Suas histórias sobre a ‘calças de tergal, as camisas de volto mundo’ nos ajudaram a dar a volta aos nossos mundos ‘sentisubjetivos’ ante ao que vivíamos com o companheiro/a e sua família naquele momento (PEREIRA, 2017). Disso a ‘andarilha’ pensa que a força dos afetos contribuem para lidar com situações adversas na vida que podem nos ser pouco suportáveis, como **o** foi a situação vivida.

Andamos ‘juntos e misturados’, como Santos (2013-17) não cansa de dizer. Em fevereiro de 2017, na semana subsequente a partida da pessoa que residia na região serrana do RS, um colega em um processo de luta para ser do jeito que desejava ser, tentou se desligar deste mundo, pois a sociedade ainda refuta diferenças e suas singularidades. Mobiliza a ‘andarilha’ pois enquanto não se transversalizar algumas discussões e ações no sentido de romper com as estruturas e concepções que nos impedem de sermos do jeito que queremos ser em termos de identidade e expressão de gênero e orientação sexual que nos fazem sentido, podemos sofrer com isso, o que não pode ser caracterizado como patologia, pois não e trata disso, inclusive seria mais uma violência. A ‘andarilha’ faz esse registro como forma de denunciar a psicopatologia social da heteronormatividade, da normalização, racionalização e da burocratização da vida que exclui o que não se enquadra nessas padronizações, regularidades sociais.

Dado a isso, as pessoas que estiveram e as que ainda integram este Coletivo, se envolveram em acompanhar a família bem como quanto a avaliar com a pessoa em questão, se seria caso de hospitalização ou não ou que desfecho, já que ainda havia ideação suicida presente. Deste modo, a perspectiva mais proeminente de cuidado, além do acompanhamento diário que vinha sendo feito pelos familiares, foi de hospitalização. A questão passou a ser em que local hospitalizar, pois no município território de vida da pessoa, ainda há manicômio e leitos em hospital geral.

E, a pessoa não queria ser chamada de louca e nem se sentir assim. Quem gostaria?! Foi articulado pela família e sua rede social, leito noutra especialidade no sistema público. A pessoa se recuperou, provavelmente um tanto ‘isenta’ do estigma da loucura. A ‘andarilha’ se

sentiu aliviada com esse encaminhamento, bem como de que essa pessoa persiste na exequibilidade de seu desejo, e de que a ‘andarilha’ se movimentou com o coletivo em agenciar leito que não fosse nos manicômios e sim em ocupar das vagas disponível em Hospital Geral local ou na região. Nesse caso se conseguiu construir outro caminho que não fosse tão estigmatizante, mas quantas pessoas tem essa possibilidade? Isso dá pistas para repensar as RAPSs e a si mesmo nestes processos. E quem são os/as loucos/as?

A ‘andarilha’ trouxe essa situação, pois isso a afeta de vários modos, e não há como ficar indiferente a esses fatos, que em muitos casos encontram guarida nas redes de afeto e não nos serviços de saúde, sem generalizações. Também, esses fatos em si são motes para a ação. Em Pelotas, segundo informações que circularam em reunião com a gestão da saúde municipal, foi comentado que o ‘Pronto Socorro’ do município tem atendido ultimamente, em média, um caso a cada dois dias de tentativas de suicídio. Então, precisa-se falar sobre isso, escrever e agir ante a este cenário.

Algumas pessoas em suas intensidades, que acessam a um sistema que de algum modo às protege do estigma, mas não necessariamente da produção da patologização da loucura, da medicalização e medicamentalização da vida. Outras, que não tem essa opção no cardápio da atenção, não estão totalmente isentas desta perspectiva estigmatizante, e em muitos casos, levam na ‘carne’ a marcas das institucionalizações, ou enfrentam isso compartilhando de como é viver com as próprias intensidades subjetivo sentimentais. A ‘andarilha’ mesmo, ao compartilhar das suas, por exemplo, ao mesmo tempo em que viveu como libertação do que queria esconder, e por mais que talvez sejam suas paranoias, sentiu olhares como se lhe dissessem, ‘soubemos que você é louca’. Mas, concorda com sua Mãe Vanilda, “quando aceitei minha loucura, comecei a viver” (SILVA, 2016). Afinal a loucura é nossa habitante, de todas as pessoas, e suas expressões são várias, dentre elas rupturas com os códigos sociais, subjetivos.

As atividades como Aussmpe ainda não haviam iniciado formalmente. Nos encontrávamos na casa da Mãe Preta em bons momentos de conversas e risadas. Certo dia de fevereiro, Mãe Vanilda conversa com a ‘andarilha’ por telefone e faz de algum modo uma convocação a todas as pessoas que participam da Diretoria estejam presentes em reunião na sua casa. Foi na última semana do mês de fevereiro. A ‘andarilha’ nas suas correrias não havia entendido muito bem ou não quis entender o quão sério era essa reunião. A ‘andarilha’ era membra suplente da diretoria na pasta Relações Públicas, sobre o que relutou, mas também entendeu que poderia contribuir. Pensa que foi alocada a este local pelas suas andarilhagens que acabam colocando pessoas e coletivos em conexões e por visibilizar nossas

andanças na rede virtual ‘facebook’, como o que fazia também em relação a noutros espaços, coletivos, redes que estava, pois sua relação com essas pessoas era de ‘gente como a gente’, não os via e nem os vê como diferente de si, salvo a singularidade que cabe a cada uma e cada um.

A produção de conexões e inserções em alguns espaços, são jeitos da ‘andarilha’ se movimentar, rexistir e sobreviver no mundo e por considerar a Associação um movimento social organizado com potência de engajamentos, assim como qualquer outro movimento, nas especificidades de cada um, como o que fizemos juntos e que a Associação também fazia antes mesmo de seu ingresso como membra na mesma. O uso dessa designação, usuários dos serviços de saúde mental, serve-nos como forma de afirmar a luta, mas somos que nem qualquer pessoa, somos gente agentes!

Ao telefone, Mãe Vanilda lhe fala que colocaria para o grupo a decisão de que ela estaria se afastando da Aussmpe por um tempo, pois precisava se cuidar mais, pelo menos até se recuperar, se queriam que ela continuasse como presidenta ou se o seu Ivon Fernandes Lopes, que é o Vice, assumisse (SILVA, 2017). O comentário à Mãe Preta, de qual seria o posicionamento da ‘andarilha’, foi de que ela se mantivesse na presidência, mesmo nesses resguardos de saúde. E foi uma das primeiras coisas que Mãe Preta explicitou nessa reunião, de que os/as presentes decidissem o que era melhor para a Aussmpe (SILVA, 2017), ainda que provavelmente ela sentisse que nossa preocupação era mais com o bem estar dela que propriamente a Associação, pois a gente, nas nossas capacidades inventivas e pulsativas, sempre dá um jeito.

A reunião aconteceu em final de tarde de uma segunda-feira, no dia 27 de fevereiro de 2017. Ela insistiu muito para que acontecesse, o que a ‘andarilha’ até estranhou um pouco, mas entendeu que a Mãe Preta queria resolver essa situação o quanto antes. No coletivo, estávamos presentes, a Mãe Vanilda, a Sandra Schwartz e sua filha, seu Ivon Fernandes Lopes, o seu Vagner Essarts Berchon, o Claudionei Fernando Oliveira Ferreira.

Após a exposição da motivação da reunião, o grupo acolheu, seu Ivon foi solicitado a se manifestar sobre o que achava, dado que era o Vice-Presidente, e mesmo com pouco tempo de convívio, a ‘andarilha’ imaginava que sua resposta não seria diferente do que estava disposta também a sustentar, de que Mãe Vanilda continuasse como presidente e que ele e demais pessoas a informariam do andamento das reuniões e/ou que poderia participar por telefone ou até via facebook (LOPES, 2017).

As demais pessoas referendaram essa proposta, inclusa a ‘andarilha’, dado que sabíamos de sua situação de saúde e não estávamos preocupados com cargos e sim com o bem

estar dela, alguém que desde o ingresso na Associação muito se dedicou, se envolveu para mantê-la e avançar, como dizem os/as companheiros/as "era uma pessoa que tinha boas ideias" (AUSSMPE, LOPES, SANTOS, NASCIMENTO, 2017, 10 jun 2017).

E a 'andarilha' acrescenta, alguém que não só dizia o que achava que tinha que dizer, devido ao quê também arrumou algumas confusões, mas esta sempre foi uma característica sua, a originalidade, e alguém que além de dizer, sugerir, inventar, fazia, conduzia, em conjunto com os/as demais membros das atividades como o Almoço festivo da Aussmpe, os Brechós, a festa de 14 anos da Aussmpe e estava sendo gestado o Chá Bingo (AUSSMPE, 2016, 2017).

A reunião seguiu com a discussão sobre a mudança da OSC Gesto e que a Aussmpe fora comunicada somente após, com a definição da data de início das atividades da Aussmpe em 16 de março, planejamento sobre o Chá Bingo, quanto a data, modos de divulgação e quanto a venda das fichas, em que cada participante se dispôs a fazer as tarefas para tal. Seu Vagner Berchon De Essarts informou sobre o início das atividades de Reflexologia, em 03 de março de 2017, dentre as que a Aussmpe desenvolve, se envolve. O curso de Reflexologia foi uma proposição do mesmo, aceita com carinho pelo coletivo da Associação, com vistas a sua ampliação, divulgação e fortalecimento, iniciada em 01 de abril de 2016.

Primeiro de março foi à data de aniversário da 'andarilha'. É data que se comemora anos de vida, a possibilidade de ainda estar viva. Mas, a 'andarilha' não tem por hábito comemorar. A si, procura considerar como um dia que nem qualquer outro, ao ponto desta vez, de quase ter esquecido que estava de aniversário, lembrada pelas pessoas a quem é grata por lhe acionarem com felicitações. Faz esse registro, pois neste dia recebeu a notícia de que os resultados dos exames da Mãe Preta indicavam prognóstico de que não haveria mais o que fazer, se não cuidados quanto a evitar as sintomatologias em internação domiciliar, no que seria acompanhada pelo Programa de Internação Domiciliar Interdisciplinar – PIDI, via Hospital Escola da UFPel pelo SUS.

Em um primeiro momento, a 'andarilha' se desesperou, mas pensou que como no ano passado, saberes na área da saúde não podem tudo sobre o viver e o morrer, e que a vida surpreende. São indicativos, mas que podem não se concretizar em termos de prognósticos. E como diz Santos (2017) era preciso 'seguir o trem da vida', sem ignorar totalmente esse apontamento, mas considerando o quão de forças de cruzam na produção de um corpo sentisubjetivo. Como dizia Nietzsche e Nise da Silveira citando Artaud, a vida é essa mesma a ser vivida e de, que cada um escolhe também o modo de pertencer ao seu tempo histórico, seguimos, procurando não sofrer por antecipação, rexistindo.

Junto e misturado, em Pelotas intensificavam-se os movimentos de combate às forças do poder municipal, estadual e nacional e econômico em demover direitos sociais. Ante a isso, fomos acionados enquanto Coletivo Povaréu Sul, do qual participa a Aussmpe e a Frente de Luta da Pós para nos engajar nas atividades do oito de março, que marca o Dia Internacional da Mulher, com a Tenda do Afeto Popular (Figura 195.2). Essa data em muito foi cooptada pelo mercado, como se fosse um dia festivo. Até é.

Entretanto, é para celebrar a luta contra a misoginia, pois a violência, o femicídio e feminicídio são assustadores no país e no mundo e ainda, não há paridade nas possibilidades sociais entre mulheres e homens. Uma questão de gênero, por ainda haver produção nas relações sociais e midiáticas que nos endereça a inferioridade e aos ditos da moralidade, que nos designam lugares sociais e todos os seus ônus. De nosso corpo como objeto de consumo, entre tantas outras coisas. Também, os desmontes dos direitos sociais que avançam no país inferem sobre os direitos de todos, mas principalmente das mulheres. Atualmente estamos conseguindo falar e enfrentar essas questões, efeitos de muitos movimentos que vão alterando o marco civilizatório, pois só a luta é que muda a vida, que se coaduna ao pensar, ao problematizar, ao dialogar, a produção de conhecimento, pois sem estes, tendemos a ser escravos/as e a concordar com esse desígnio.

O conhecimento de que se fala, não é somente o que se produz nas Escolas formadoras, pois não necessariamente precisa das instituições seculares para que este aconteça/se produza. A experiência, o sentido na pele como nos diz Santos (2013-17), o acesso a informações que não como manipulações, a conceitos, a teorias, enfim, ao que nos faça pensar, a produzir conhecimento, que não é ou deveria ser possibilidade ou propriedade de uns ou outros, mas é de todas as pessoas. Conhecimento como oxigênio contribui para que nos libertamos das ‘prisões’ que nos oprimem e tendemos a oprimir outras pessoas e o meio em que vivemos.

Então, como Povaréu, fomos convidados pelo Frentão, que é a frente de luta em defesa do serviço público e pelo Grupo de Pesquisa em Enfermagem em Saúde Coletiva e Enfermagem em Saúde Mental da UFPel. E deste modo, como sempre procuramos fazer, fomos construindo juntos/as, e diálogo uma prévia de programação para a Tenda. Prévia, pois as Tendas estamos sempre a lidar com o imprevisto. Sempre estão a colocar em questão as racionalizações e burocratizações destes espaços, ao ponto que ás vezes já nos colocamos em questão por não termos seguido ao roteiro pensado, dado que nunca o seguimos. Apenas funciona como um orientador, mas que no momento, a Tenda vai se tecendo. Essa, talvez seja

uma de suas bonitezas. A construção com as pessoas no momento da existência, negociando propostas, exercitando a co-gestão, a liberdade e a expressão das singularidades.

Esta Tenda aconteceu então na Esquina Democrática de Pelotas, no encontro das ruas Andrades Neves com a General Neto, se somando a outras atividades que aconteciam neste local, marcando então o Dia Internacional da Mulher (Figura 194). Abrimos a atividade com Dança Circular, conduzida pela companheira..... e seguido de roda de conversa sobre o protagonismo da mulher na (sua) história, com a oportunidade de ouvir a Clarice contando sua história de vida, a mala que é um patrimônio da História da Loucura em Pelotas, na qual guarda fotos, imagens, recortes de jornais entre outras coisas, que mostram alguns dos aspectos do processo de Reforma Psiquiátrica no município. E o seu protagonismo e boniteza em guardar e preservar aspectos dessa nossa história em uma mala e em um livro com apoio das parceiras Carmen e Ana Paula (Figura 194).

A Tenda não é só a estrutura física, ela é tudo o que acontece na sua relação. Opera com práticas de cuidado, que são as integrativas e complementares e do afeto político, que relaciona-se a produção de conhecimento, a reformas no pensamento e de si a partir dos encontros e do espaço coletivo. A ‘andarilha’ participou da Dança Circular em intensa vibração de alegria. Desde há tempos tinha o desejo de que a Tenda pudesse acontecer no espaço da Esquina Democrática, lhe era simbólico, um espaço de circulação de pessoas e das lutas sociais. Acompanhou a roda de conversa enquanto fazia Reiki. Houve fila para fazer o Reiki ao ponto de não conseguir atender a todas as pessoas, mas uma colega anotou os nomes para avisar das próximas Tendas (Figura 195.2).

Foi um momento de corpos em movimento, em contato com o que não é habitual, ocupar com dança as ruas, fazer roda no vai e vem, práticas integrativas, mulheres em ação e composição, a bandeira dos movimentos sociais, em uma das expressões de pelo quê se faz Tendas “cuidar do outro é cuidar de si, cuidar de si é cuidar do outro, cuidar do outro, é cuidar do mundo” (LIMA, 2015) e que lembra os escritos Foucaultianos, do governo de si e dos outros e de Guattari, em as Três Ecologias. De se colocar em contato misturando as bandeiras de lutas sociais.


AUSSMPE


#ARTE
POPULAR












Mulheres na luta








REIKI



Figura 195.2 – Tenda do Afeto Popular no Dia Internacional da Mulher em 8 de março de 2017, na Esquina Democrática, Pelotas/RS.

Na sexta-feira, 9 de março de 2017 a Tenda se armou na cidade de Pinheiro Machado, também alusiva ao 8 de março. Essa a 'andarilha' ajudou na articulação das pessoas, no pensar a (des)programação e quem do Povaréu iria, não que fosse necessário, mas que sempre temos procurado um de nós estar, já que ela precisava focar nas escritas. E assim o fez, não indo para Pinheiro Machado. Foram a Clarice o pessoal do Grupo de Pesquisa supra citado, pessoas da Frente de Luta da Pós, da Aussmpe, e dois companheiros/as do coletivo Povaréu Sul em carro que o município de Pinheiro colocou a nossa disposição.

No sábado, 11 de março de 2017, o Programa Gente como a Gente, reinicia as atividades na Rádio Com. Foi emocionante acompanhar esse início. É o programa que tem coragem de dizer. No mesmo, os/as loucoautores/as falam desses momentos das Tendas, da conjuntura política do país e das questões locais quanto ao serviço de saúde mental. Foi mais

um dos retornos, antes da retomada das atividades da Associação. Então, foi um bom encontro, que nas fotos se visualiza um tanto desses afetos (Figura 195.2).



Figura 196 – Nos bastidores do Programa Gente como a Gente que foi ao ar em 11 de março de 2017 pelas ondas da Rádio Com, 104.5 fm.

E em 15 de março, uma quarta-feira, novamente fomos acionados/as para trabalhar com a Tenda do Afeto na mobilização contra Reforma da Previdência e outras que se estavam se desenhando que endossavam o coro ‘Fora Temer’. A mesma se inicia na Esquina Democrática e depois na concentração no largo do Mercado Público para seguir em marcha. Deste modo, avaliamos que como nossa participação seria somente a tarde, ao invés de armar a Tenda na Esquina Democrática, o fizemos no largo do Mercado, em conjunto, coletivo Povaréu Sul e Aussmpe e quem foi chegando e se somando na atividade, como algumas pessoas da Frente de Luta da Pós e outras (Figura 197).



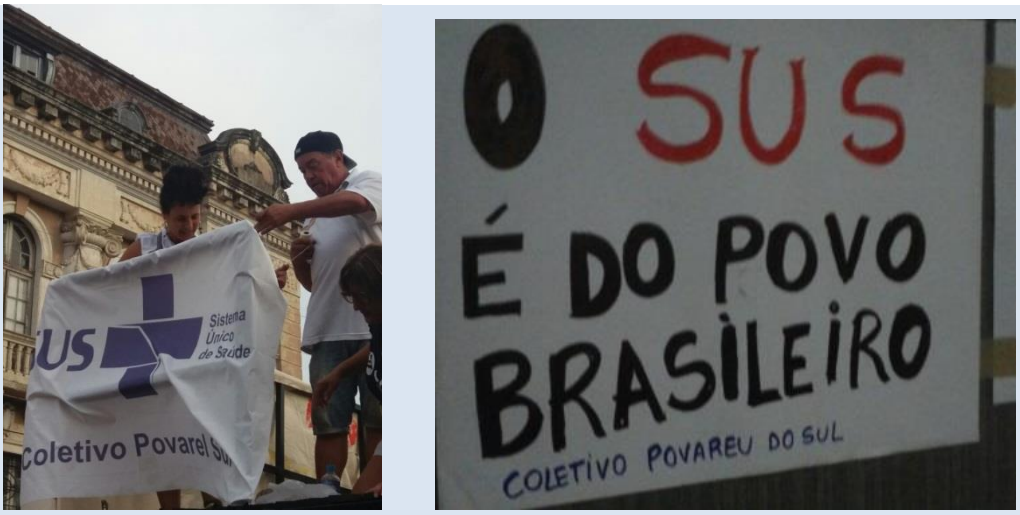


Figura 197 – Tenda do Afeto Popular na mobilização contra as Reformas da Previdência, Trabalhista entre outras. Pelotas e Rio Grande/RS. 15 de março de 2017.

A cada atividade, a 'andarilha', seu Ivon e outros/as companheiros/as noticiavam a Mãe Vavá sobre as mesmas ao mesmo tempo em que sempre havia esperança de que em breve poderia estar se somando conosco nas mesmas. No dia 16 de março de 2017 a Aussmpe retoma as atividades do ano (Figura 198). A 'andarilha' se auto prometeu que na primeira reunião iria e após não mais, devido ao trabalho de tese, por mais que soubesse que ficaria difícil resistir, em casa ou na Biblioteca Pública tensionando com seu corpo desgarrado. Neste momento, seu Ivon partilha com as pessoas presentes o conversado e decidido junto com Vanilda. Também se falou do convite para a Tenda do Afeto Popular na comunidade da Quinta, em Rio Grande, que seria no sábado próximo, em 18 de maio, também alusiva ao Dia Internacional da Mulher, tendo a participação de mulheres que operam com práticas populares de cuidado em saúde, plantas medicinais, entre outras. A primeira reunião da Aussmpe no ano foi um momento de encontros e reencontros e como não poderia deixar de ser, de alegrias.



Figura 198 - Primeira reunião da Associação do ano, nas novas instalações da OSC GESTO, 16 de março de 2017.

E chegou o 18 de março. Nos juntamos e como fizemos várias vezes, rumamos para mais uma Tenda do Afeto Popular. Chegamos na Quinta e por lá ficamos. A ‘andarilha’ pela primeira vez vai até aquele local. E com os garimpeiros experimentou no mesmo o que se talvez tivesse ido sozinha não teria vivido (Figura 199). E neste dia confirmou de fato que estava em companhia e aprendendo com dos Alquimistas da Razão conforme se pode evidenciar pelas fotos.

Atiçamos várias pessoas a outras e novas experimentações, a novas degustações do ambiente naquele local na vila da Quinta. Essa alquimia é viver. Vivemos em um mundo que estamos automatizados ou automatizando-nos, sem perceber e sentir muitas belezas que estão ao nosso alcance. Bananas são frutas que nos acompanham em nossas andanças. Além disso, o principal da alquimia é a transformação da dor em alegria. Como nos diz Santos (2017) “nos nossos aprontes não tem depressão que segure, ás vezes bate uma deprê, mas logo se vai, o melhor remédio [são os nossos aprontes]”.





Figura 199 - Tenda na Quinta – 18 de março de 2017, sábado, turno da tarde, vila da Quinta, Rio Grande/RS.

A andarilha não lembra de quem foi a ideia de subir no coqueiro, mas tem relação com as estórias criadas a partir do dia que seu Ivon Fernandes Lopes trouxe um coqueiro da Bahia, e exatamente no amanhecer que fomos – várias pessoas do Grupo de Pesquisa em Enfermagem em Saúde Mental e Enfermagem em Saúde Coletiva, e membros/as da Aussmpe – Vanilda Pereira da Silva, José Fernando do Amaral Borges, Gabriella Ferreira, a Porto Alegre para o evento Ouvidores de Vozes em novembro de 2016. Seu Ivon levou Ângela Teresa Nobre Pereira para conhecer o mesmo e nos relata este fato ao entrar na Van, o que rendeu muita conversa e brincadeiras. Desde então, há sempre uma história nova em relação ao coqueiro que geralmente produz muitas risadas em quem conhece e quem não conhece dos tramados desta história.

Mas, a ‘andarilha’ traz para o texto a ‘subida’ no coqueiro, porque parece coisa de louco, e é, de loucos por viver intensamente cada momento da vida, de viver o que nos dá vontade de fazer, sem ferir ninguém ou o meio que vivemos (Figura 200). Também, porque essa brincadeira acabou provocando outras pessoas que não só nós da Associação a experimentar subir no coqueiro, o que nas nossas regularidades de viver, será que o faríamos se não fossemos provocados pela alquimia da razão? Quem são os loucos? O que é ser normal? Subir ou não subir no coqueiro? Que isso importa, queremos é viver, experimentar liberdades, da sentida, por exemplo, pela ‘andarilha’ ao subir no coqueiro e ver outras pessoas experimentando fazer a mesma coisa, ao seu jeito. Somente importa, quando a racionalidade e os processos de normalização da vida nos estigmatizam.



Figura 200 - Tenda na Quinta2 – Subindo no coqueiro. Fotos capturadas do sítio da Aussmpe no álbum intitulado ‘Encontro em Tenda do Afeto. Coletivo Povaréu & Aussmpe – COQUEIRO, março de 2017.[238]

Nesse momento já estávamos envolvidos como Aussmpe e Coletivo Povaréu nos movimentos de tensionamento com a rede de atenção a saúde devido a negligência, a facilitação da criminalização da saúde mental, como foi o assassinato do Cláudio (Anexo R, S, T), bem como problematizando a função dos serviços de atenção psicossocial que reforçam a manutenção do sanatório no município e denunciando as declarações da Prefeita em apoio ao manicômio, no enfrentamento da relação com o Hospital Espirita que insiste em fazer parte da rede de atenção, no apoio a Mãe Preta em sua situação de saúde e fazendo isso com o tempero da alegria e do afeto, forças moventes neste mundo que nem sempre merece a nossa lucidez, mas que temos mostrados como vivemos nossas loucuras, que em nada condiz com o discurso ainda vigente sobre a loucura.

Esses relatos vão apresentando os anéis abertos que vão se intercalando, (des)conectando na caminhada – Aussmpe, coletivo Povaréu Sul, Tendas do Afeto Popular, movimentos de resistência ante aos desmontes dos diretos sociais, em que fomos (nos) tecendo rexistências, como o agenciamento no GAAS, a condução e participação em espaços de controle social e de gestão na saúde local e regional, como CMS, CMSM, GCMSM. GCRSM, na construção do Mental Tchê da Resistência, entre outros(as) conforme o registrado nas folhas que hospedam textos, fotos, emoções, etc.

[238] Disponível em: https://www.facebook.com/profile.php?id=100006011028215&sk=photos&collection_token=100006011028215%3A2305272732%3A69&set=a.693643307512697.1073742061.100006011028215&type=3 . Acesso em 12 de jun. de 2017.

Neste meio tempo, a ‘andarilha’ formaliza seu desligamento da Aussmpe, por mais que tenha se derramado em rios por várias semanas e a cada vez que se lembra, mas que neste momento, precisava enfrentar a si mesma e entender que nada é pra sempre, que o que valia era respeitar a soberania popular e o direito de um coletivo comandar o seu destino, nem que se arrebentasse, mesmo como usuária, pois o que ela sentia e vivia não necessariamente era o que sentiam e viviam. Nem tudo bate da mesma forma nas pessoas.

Uma pessoa se aproximou da Associação com intenções de pesquisa e a ‘andarilha’ em um primeiro momento vibrou, e assim como os/as demais membros/as da Aussmpe concordou, pois era efeito da visibilização da Associação construída nestes últimos anos, pelo trabalho que fazíamos, pelas redes virtuais, pelas lutas sociais que nos envolvíamos, entre outras coisas. Era uma colheita de sementes plantadas com a qual só poderia vibrar. Mas no andar dessa pesquisa, começou a se sentir cobaia, que essa pessoa era uma copiadora de ideias como ensina Estamira “são copiadores”, não havia vínculo, e com isso foi se sentindo afetada e se afastando deste espaço, mesmo que andarilhando noutros lugares junto com as pessoas da Aussmpe.

Também, houve um momento em que se sentiu agredida verbalmente por esta pessoa no tom de fala, ao lhe responder a indagação de como estava, ao lhe dizer que ‘estava nas lutas’ no que estava implícito que naquele momento não estava a fim de se sentir cobaia, ao que a pessoa lhe responde que também estava ‘pois escrever é resistir’, como se a ‘andarilha’ não soubesse disso, óbvio, louco/a não sabe nada. E aí, decidiu se afastar de vez para não prejudicar o que poderia ser benéfico à Associação, dado que não poderia permanecer em um espaço que até então a si, era um *locus* que se produzia como fábrica de felicidade e que de repente se transforma em um não lugar, com vestígios de manicomialidades.

Mesmo assim, o que mais lhe doeu e ainda dói, é que como membra da Aussmpe, em que o nome anuncia que é uma Associação de usuários de serviços de saúde mental, logo, muitos de nós somos pessoas com o rótulo do estigma da loucura, e as manifestações de sua loucura nunca negaram isso a essa pessoa pesquisadora, de que era usuária, mesmo que por ora buscasse seu cuidado noutras redes e práticas, mas sabedora que não estava isenta de que a qualquer momento poderia necessitar acionar a rede de saúde, e que quando isso acontecesse, estaria reforçando essa ‘rotulagem’, ainda que esperaria, ao menos, que essa rede conseguisse lhe acolher em liberdade e na sua necessidade e complexidade. Também, talvez por isso que ainda não a tinha acessado, pelo temor do estigma e do destino, maior que os sofrimentos até então experimentados.

Então, essa situação lhe remeteu a pensar que ‘louco/a não pode fazer doutorado’, só os/as considerados/as ‘normais’. Sentiu na pele o quão corta o estigma e o preconceito. Precisa sentir isso. Dói. Mas ao mesmo tempo, mostra que estamos vivos. Essa narrativa é do que tocou em si, pode ser até paranoia sua, afinal, é louca! E de novo, se derrama em águas, porque dói e diz mais ainda, só sabe dessa dor, quem sente! Então, que não sejamos julgados por aquilo que sentimos. É fio, linha na composição de nosso ser, sendo! E não é a racionalidade do/a outro/a que vai dizer o que se tem que sentir e fazer sobre o que dói no próprio corpo.

Além disso, também experimentou conflitos muito intensos, estava em entre-lugares, de quem pesquisa e é objeto de si mesma, pois lhe parecia que não havia se ocupado com o que a tinha trazido para Pelotas – a implicação em se reformar na produção de uma formação mais implicada com a vida humana e que no caso, o poderia ser via as militâncias e realização de um doutorado, transversalizado com, pela e na mesma. Entretanto, poderia ter se ‘perdido’ demasiado demais nas militâncias, no que lhe produzia encantamento pela vibração da vida, o que lhe pulsava com tanta força que ‘parecia desgovernada’ de seu intento, afinal, isso tende a acontecer com os/as andarilhos/as, são errantes, andam sem destino, construindo (o) chão e de vez em quando desatentos, como era o caso da ‘andarilha’. Ás vezes miram algum lugar para chegar, estar, mas somente ás vezes. Lembrando que andarilhar consiste em sair do lugar, mas não necessariamente fisicamente, pode o ser no pensamento, nos mergulhos em si.

E nessa caminhada, que a andarilha construía com as pessoas o chão de estudo, pensava que por vezes, se perdia do que estava fazendo. E no encontro com essa pesquisadora isso se exacerbava, pois teria sido muito mais prático sob a perspectiva do que se prevê no que é convencionado em pesquisa, se fizesse do mesmo modo, se aproximando da Associação, coletando as informações e se debruçado em análise do coletado. Deste modo, a ‘andarilha’ se sentia uma idiota, por desejar experimentar outros caminhos. Contudo, mesmo idiota, era do jeito que tinha que ser, pois em contrário, não conseguiria fazer um doutorado e nem assim sabe se conseguirá. Como faria sem se implicar, sem fazer jus ao que se colocava a caminhar? Seu desejo é que haja mais ‘idiotas’ no mundo, que implica em viver e tensionar com os limites, como o que é normal, o que pode não ser sem ônus de às vezes desgarrar de si.

Ingressou na Associação não com fins de pesquisa, mas porque fora mais de uma vez convidada e já andarilhava com muitas das pessoas que a teciam cotidianamente, como a Mãe Preta, o Pai Zé, o Seu Ivon, o Seu Uilson, a Santa Helena da Silva Brem, o Paulinho, a Sandra Schwantz, o seu Jorge, o seu Carlos Alberto Narciso Zacaria, a Lídia, a Adriana, entre

outros/as. Mãe Preta lhe dizia “tu veio por nós” (SILVA, 2017). Sim, foi por causa das lutas. Não pensava que lhe seria um dos pontos de intensificação de vida. Se deixou guiar!

E se implicou com muitas de suas forças em tecer junto com este Coletivo de pessoas que a receberam com muito afeto, contudo, quando percebe que estava desde antes de ingressar no mesmo operando com a produção de rexistências na relação com a loucura, andarilhando e tecendo junto pontos de intensificação de vida, em conjunto, porque não considerar o que vivia, sentia e fazíamos? E fazer diferente disso, implicaria em rumar para outros caminhos, sendo que talvez poderíamos seguir nos potencializando neste encontro, pelo menos era o que estávamos vivendo – potenciação de vida.

E assim o fez, consultando a todos e todas em reunião no ano de 2015, se a aceitavam não só como membra da Aussmpe, mas também como pesquisadora. Aceitaram, mas presume que nunca a deixaram de vê-la e senti-la como ‘gente como a gente’, tanto que lhe diziam “é mais louca que nós” (SILVA, BORGES, 2016, 2017). E era isso mesmo que a andarilha queria, não ser considerada uma estrangeira e sim, uma parceira, tanto que lhe foram confiadas muitas coisas que na presença de outras pessoas não ocorre, pois somos da mesma ‘Gang’. A ‘andarilha’ pensa que não há jeito certo, há jeitos que podem ser e no caso, foi do jeito que tinha que ser.

Então, a ‘andarilha’ é uma idiota, por querer fazer diferente do que poderia ter feito. Implicar-se leva tempo, leva o tempo, e tem que ser por desejo e não por obrigação e nem por motivação de uma pesquisa, ainda que sejam fundamentais nessa luta e foi o que colocou a ‘andarilha’ a pensar sobre suas andarilhagens por pontos de intensificação de vida, assim como o é a Aussmpe, a ‘a USP’ como pronuncia Pereira (2015), uma universidade da vida.

A ‘andarilha’ fez isso, porque o fato de se sentir idiota por fazer diferente, tensionou com seus conservadorismos, com suas manicomialidades, com o seu processo, quase ao ponto do insuportável, e por isso, se afastou fisicamente da Associação, mas seu coração sempre foi e será Aussmpe. Rios escorriam de si, seu corpo tremia, tremia, tremia e não era de frio, era alquimia acontecendo, pensa que é do processo dessas rupturas com os instituídos em si, e não com as pessoas, pois afinal, que estava a defender se não a liberdade?

E foi fato, o vínculo com as pessoas continua. Um dia a ‘andarilha’ lhes comenta que não foi para determinado local, pois levou um ‘susto’. E a palavra susto acabou se transformando em código. Enviavam-lhes mensagens para avisar que o ‘Susto’ estava na Associação. Tamanha a cumplicidade entre nós. E foi bom levar um susto, vários sustos, pois se colocou a pensar sobre o processo de produção de conhecimento, de implicação, do modo como funciona como pessoa, de como funciona a Universidade na relação com a sociedade e

vice-versa, sem generalizações, que ás vezes são modos a parte ou unilaterais. Também, do quão significativo é o vínculo com as pessoas e a se indagar a que servem as instituições?! Que motor são ou podem ser no tecido social? Das que fazem circular os discursos hegemônicos e das que também podem interpor força molecular?

Algumas das pessoas da Aussmpe lhe disseram "estou começando a ficar com nojo do Susto" (SILVA, 2017), "com aquele negócio na minha cabeça fiquei mais louco ainda" (MORENO, 2017), "nós vamos conversar com o Susto para terminar de uma vez, pois ela só está nos atrapalhando, atrapalhando a Associação" (FERREIRA, 2017) e "ela perguntou o que estava acontecendo que as pessoas não iam mais na Associação" (LOPES, 2017). Uma pesquisa, 'apesar' de nós existirmos. E isso é o que se chama de ética em pesquisa.

Ante a isso, a 'andarilha' ou não respondia nada ou respondia que não queria saber, que isso já não era mais problema seu, dado que as pessoas são livres e que com ou sem 'Susto' seguiria tramando a luta junto, pois tinha algo maior em questão – a luta pelos nossos direitos, a concepção de loucura hegemônica que ainda perdura, a disputa de modelo de saúde, de formas de produção de conhecimento, de sociedade, o que independente de uma escolha reverbera em nós, os considerados/as loucos/as, na nossa loucura do e de viver, pois não vivemos em uma bolha e sim nessa complexidade que pode ser o tecer de todos os dias a vida, o que pode se fazer de forma coletiva, mas que é singular a cada um/a.

E por isso, seguimos andarilhando por aí, agenciando (a) vida, como a narrativa a seguir de nosso envolvimento como pessoas, cidadãs do mundo, algumas de nós vinculadas ou não a Aussmpe, ao Povaréu Sul, a UFPel e outros tantos espaços para fazer valer o que há anos vem sendo tecido em Pelotas, como o fechamento do sanatório Espírita, uma rede de atenção em saúde com pontos de atenção psicossocial ao encontro do que motivou sua criação, tensionamentos com os modos de cuidado, habitando mais e mais os territórios vitais, e pra além de tudo isso, produzindo-nos enquanto pudermos, independentes de algumas instituições, agenciando zonas autônomas, e construindo outras relações com a loucura, procurando não racionalizá-la, burocratizá-la, pois a loucura é como linha de fuga que escapa e produz outros desenhos no cenário da existência como potência de rexistência, seja no que nos é visível ou invisível. Está a produzir intervenções, inter versões, inter verões. É a liberdade na nossa subjetividade. É o molecular que irrompe nas (nossas) molaridades.

Então, a 'andarilha' em relação à Associação, se deu por conta que seu vínculo era com as pessoas e não necessariamente com a instituição Aussmpe, que é entre, que esteve entre, entre ser membra da Associação, louca, pesquisadora, militante, cidadã, andante, e que nesse entre foi se fazendo uma cartografia, sem colagens em um ou outro, mas andando pelos

meios e entremeios, por aqui, acolá, entre tantas pessoas, lugares, lutas, etc, pois se podemos ser e estar entre muitas coisas, não precisamos estar ou ser uma ou outra, se a intensidade da vida também está nos seus intervalos, nas complexidades, variabilidades?

Entre, pois se colocou mais como alguém presente apoiando e ajudando a construir o que surgia. Nas suas incursões, a 'andarilha' não pode garantir, mas sempre desejou que fossem leves, lá onde achava que era necessário, quanto á função da Associação na defesa dos direitos, quanto á existência e relação com o manicômio, da ocupação de espaços de controle social e gestão em saúde como já vinha sendo feito, de ir ao encontro de uma das coisas que a Associação se propunha que era a produção de cidadania e porquanto de saúde, de mostrar o quão tramado estava e potente era a Associação, e principalmente, no seguir fomentando o empoderamento e o protagonismo das pessoas, o que fizemos em conjunto.

E, como pesquisadora procurando sempre ter em si que o comando era dessa força usuária, mesmo sabedora que iria se atrapalhar nessa acepção porque era usuária, devido a estar em entre-lugares, devido ao estilhaçamento do limite entre sujeito e objeto de pesquisa. E os efeitos disso, pelo menos na sua percepção, são a vida pulsando, pessoas se autorizando, exercendo-se como autores/as de sua obra chamada vida, assim, como a própria 'andarilha', pois quem cuida de quem? Essas fronteiras se diluíram pesquisadora usuária, dado que podemos ser ambas e outras tantas quantas, tudo ao mesmo tempo, 'junto e misturado'!

Fizemos muitas coisas, não sabemos no que vai reverberar, mas certamente cada acontecimento mexeu em nossos 'corações e mentes', talvez plantou sementes, talvez nos levou a pensar diferente sobre algumas coisas, talvez, mas o objetivo que nos move é agenciar e disparar, e essas ações tem alcançado a muita gente. De alguns efeitos soubemos quando somos acionados para tecermos juntos, e isso tem acontecido com frequência, então, o que fazemos, presume-se que faz sentido não somente a nós, mas a outras pessoas também!

Somos loucos/as, não somos?! Mas em tentar produzir uma sociedade sem manicômios e manicomialidades, que passa pela tensão interna consigo mesma, noutra relação com a (nossa) loucura, como uma 'loucura das loucuras da loucura' (NASCIMENTO, 2017,pgg). O trazido até o momento e que segue mostram jeitos de funcionar de maquinarias de guerra, que dentre seus combustíveis estão o afeto, a alegria, a luta, tensionamentos e a produção de conhecimento em correlações, o que se expressa em textos, fotos, vídeos, por um corpo pesquisador também objeto de si mesmo, que foi sentindo e aprendendo na profundidade de sua superfície, no caso, a pele.

Somos Cláudio!

Passado alguns dias, em sete de março de 2017, em passeios por jornais locais, ainda que a andarilha os entenda como veículos de comunicação pouco ou nada populares, conservadores e reprodutores das hegemonias sociais, a fim de averiguar quais as notícias sobre o que se passava no município, se depara com o fato de assassinato de uma pessoa em situação de crise, em que a mãe desta pessoa aciona o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência - SAMU, e(m) que há um acionamento da polícia. A mesma chega, e o aborda ao seu jeito, exercendo sua covardia, lhe disparam em torno de sete tiros e após negligenciam qualquer forma de atenção como se fosse alguém que merecesse morrer (Anexos R, S, T), o que ninguém é digno de merecimento!

Essa situação deveria ter sido acolhida pelo SAMU com apoio do serviço de Centro de Atenção Psicossocial, que é o dispositivo com esta incumbência, de atender e matriciar a rede. Entretanto, isso inexistia na época, e pode-se dizer que está de algum modo em construção. O Cláudio não estava vinculado a nenhum CAPS, provavelmente porque não havia essa necessidade. Nem todas as pessoas em situação de variação das suas intensidades precisam estar vinculada a CAPS. O são para situações crônicas ou emergenciais. Era acolhido, não se sabe como, na Unidade Básica de Saúde, no território de sua residência, em que fazia a retirada da medicação. Mas, de modo algum, isso justificaria que fosse desassistido e assassinado.

A ‘andarilha’ tão logo soube da notícia, acessa a janela de conversa da Associação na rede virtual ‘Facebook’, em que o seu Ivon Fernandes Lopes já havia noticiado do ocorrido. Ele havia sido comunicado por uma companheira que tem estado afastada da Associação e estava presente no local, estupefata com o ocorrido. A ‘andarilha’ se sentiu horrorizada com a barbárie desse assassinato. Sente que o assassinato de uma pessoa nestas situações, é como assassinar aos poucos a humanidade de cada um/a de nós. O Cláudio não era seu parente, como alguém lhe perguntou, devido ao seu envolvimento em fazer lembrar dessa violência em diversos espaços, o que, obviamente algumas pessoas deveriam estar cansadas de ouvir, mas a ‘andarilha’ isso não faz questão! E se indaga ‘precisa ser parente para defender a vida e direitos sociais?’

Mas, que isso importa, se Cláudio era ou não seu parente?! O Cláudio era ‘gente como a gente’ e qualquer um/a de nós pode ser o/a próximo numa situação de crise, desterritorialização subjetiva. Logo, temos a ver com isso, mesmo que assim não nos vemos. Então, no caso, independe se era parente ou não, nem ao menos o conhecia. Soube após que

ajudava seu primo carroceiro, o que doeu mais ainda em si. E vai falar quantas vezes achar necessário para que doa na nossa lembrança essa negligência da rede de saúde até que consigamos tecer um cuidado um tanto mais humanizado.

Ante a essa situação, passado alguns dias, chegam até a 'andarilha' relatos de pessoas da comunidade Cohab Tablada com e sem relação com os serviços de Atenção Psicossocial do município e que presenciaram o fato. De que a mãe de Cláudio gritava para a política que não atirassem (COHAB TABALHADA, 2017), mas não quiseram ouvir a sua voz e o assassinaram, afinal, um a menos, e é 'louco', que importa?! Mas, importa, pois é uma pessoa que nem qualquer pessoa que precisava era ser acolhida na sua necessidade de saúde! Ainda, ameaçaram a população que acompanhou o ocorrido, de que iriam recolher os celulares com as gravações do presenciado.

A 'andarilha' e Claudionei Fernando Oliveira Ferreira, companheiro da Associação, posteriormente, compartilharam com pessoas da comunidade da Cohab Tablada, informações sobre os movimentos de tensionamentos e r**existência** que o ocorrido estava gerando no controle social e serviços, de algum modo negado, na gestão e rede de atenção em saúde. Também, levou a 'andarilha' a pensar, que essa situação veio à tona, e às que não vem? E as que ocorrem com abordagem da polícia, sob ações violentas ainda que não redundem em morte? E as arbitrariedades da polícia em relação a pessoas não nestas situações de saúde, circunstâncias da vida? Esse jeito de funcionar da polícia será que se resolve somente punindo as pessoas que dispararam os tiros? Pensa que não e que é preciso aderir ao movimento de desmilitarização da polícia e contra a criminalização da vida.

No dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher, realizamos a Tenda do Afeto Popular em um local que a andarilha sempre desejou em fazê-la, que é na Esquina Democrática, nas imediações do Chafariz. Marcamos junto com outros movimentos sociais reunidos no chamado Frentão, que é a Frente de Luta em Defesa dos Serviços Públicos no município de Pelotas. Nesta data, comentamos o fato entre várias pessoas e ficamos de agendar um encontro. Foi o dia embrião, de algum modo, do vir a ser do GAAS.

Na semana posterior ao fato, um coletivo de pessoas acionam a Associação, a 'andarilha' e outras pessoas sobre essa situação do Cláudio e articulamos uma reunião ante a este homicídio. A mesma ocorreu em 17 de março de 2017. Esse encontro reuniu várias forças, dentre as mesmas, da própria Associação, estudantes e professores do curso de graduação e pós-graduação em Enfermagem, de Psicologia e Terapia Ocupacional da UFPel, do Grupo de Pesquisa em Enfermagem em Saúde Mental e Enfermagem em Saúde Coletiva, do Coletivo Povaréu Sul, do Partido Socialismo e Liberdade – PSol.

Dentre as discussões ante a essa situação, encaminhou-se por aguardar as movimentações da Comissão de Saúde da Câmara Municipal de Pelotas, antes de acionar o Conselho Municipal de Saúde, pois desconfiava-se que tentariam aplacar o acontecido. E também porque se burocratizou o seu funcionamento, o que inviabiliza a voz das pessoas. Enquanto isso, também a ideia era de ir tecendo uma plenária ou Audiência Pública sobre a Saúde Mental no município. O objetivo era escrachar e produzir intervenções que provocassem rearranjos nos pontos da mesma para atenção a pessoas com e em sofrimento psíquico (BRASIL, 2011), mas com um conjunto de forças para fazer esse tensionamento que levantaria imediatamente que rede de saúde se tem e, porquanto mexeria com pessoas, instituições, interesses, muitos dos quais não estão a fim de desacomodações ou os que estão, por vezes são cerceados pelas forças contra Reforma Psiquiátrica. Daqueles que travam as portas do manicômio, dos serviços, da 'mente'.

Neste momento, a 'andarilha' se vê nas mesmas e também em outras implicações e navegações condizentes com a produção de r**existências** na relação com a loucura nas tramas da subjetividade e do biopoder no contemporâneo. Pode-se dizer que se dá por conta, da potência das zonas de encontro, como forma de aquecer lutas e, de transformação, as quais duram o tempo que tiverem que durar, e que não se precisa estar necessariamente ligado a instituições, ainda que funcionem como formas de concentração de forças, mas sim ligado às pessoas, as capacidades de conectar, desconectar, ativar e desativar fluxos e a mexer no que está instituído e argamassado. Como produzir furos nos (nossos) muros?

'Nossa luta é diária, constante, firme, decidida, sem tréguas...'[3]

Após a reunião do dia 17 de março de 2017, na quinta-feira da semana subsequente, no dia 23 deste mesmo mês e ano, ecoavam rumores de que o Hospital Espírita estaria pleiteando recursos públicos. Seu Ivon e a 'andarilha' em conversa, começam a desconfiar que a gestão desta instituição solicitaria apoio no Conselho Municipal de Saúde - CMS, como forma de ir legitimando essa necessidade e também porque por enquanto o Conselho é a autoridade máxima em saúde no município, ainda que importe a ressalva 'quando não cooptado pela gestão'.

Neste mesmo dia, a 'andarilha' encontra com uma parceira das lutas, a Larissa Dall'Agnol da Silva, afinal 'as loucas se entendem', momento em que justamente falam de suas loucuras, do, no e de viver, as quais, lá pelas tantas da conversa, comentam sobre esse movimento do Espírita e mais que depressa, essa companheira lembra de acionar a

conselheira de saúde de sua categoria profissional Francielly Zilli, para averiguar se havia pauta do Hospital Espírita para a reunião do Conselho Municipal de Saúde nesta data.

E havia. No item da pauta constava ‘apresentação do Hospital Espírita’, entretanto, não explicitava de quê se tratava a apresentação (Anexo U). Antes da Conselheira rumar para a reunião, se acionou o seu Ivon Fernandes Lopes, conselheiro de saúde, companheiro da Aussmpe, colocando-os/as em contato, informado que seria indagado sobre a situação do Cláudio e do Residencial Terapêutico. No decorrer da reunião, gravações nos eram repassadas, de modo que acompanhamos as discussões de forma virtual. O gestor do Hospital Espírita, apresenta o trabalho desenvolvido no mesmo, obviamente sob sua ótica, dizendo que está mais humanizado, mas como o dito pelo presidente do Conselho Federal de Psicologia “não existe manicômio bom, humanizado. O que trata é a liberdade” (GIANNINI, 2017) e por Ivon Fernandes Lopes (2017),

> ...continua os mesmos problemas, as pessoas internando sem necessidade, as pessoas querem fazer visita, não tem direito a fazer visita, só depois de 15 dias, então, é uma forma desumana com os pacientes e eles ainda dizem que é humanizado, mas a gente sabe que não é bem assim, que as pessoas são maltratadas lá dentro, que quando chega o dia da visita, eles dão banho no paciente, e o familiar quando chega lá, olha o paciente está bonitinho, cabelo limpinho, está tudo bem, mas não está tudo bem, a gente sabe que não é bem assim... (LOPES, 2017, s/p.).

O administrador o Espírita, em sua apresentação dramatiza o que chama de humanização, mostrando facas, estigmatizando e reforçando estereótipos das pessoas nas suas variações de intensidades psíquicas, minimizando a dor do outro, alegando que são pessoas agressivas, violentas, mas quem não ficaria violento, se de fato fosse o caso, por estar privado de liberdade sob diversas formas? E ainda, após esse drama, reforça o manicômio como o local para atender a essas situações e reiterando sua ‘benevolência’ em assim o fazê-lo. Extremamente ‘bondosos’. O presidente do Conselho, que representa o segmento usuário, que deveria defender os direitos humanos, também faz menção favorável a esse modelo manicomial. A Conselheira e o Conselheiro fizeram contraposições a esses discursos do gestor do Espírita e ao presidente do Conselho de Saúde, conforme segue na Ata de número três de suas reuniões neste (Anexo U). Também, indagaram sobre o assassinato do Cláudio e situação do Serviço Residencial Terapêutico. As falas da conselheira Francielly Zilli e do conselheiro Ivon Fernandes Lopes, pelas reações de algumas das pessoas participantes, tumultuaram com as águas do Conselho.

Após as falas, queriam saber mais informações sobre a Conselheira Francielly Zilli, demonstrando pessoalização da situação, e no Seminário sobre Saúde que ocorreu na Câmara Municipal de Pelotas, em sete de abril de 2017 conforme será narrado a seguir, em que houve

um momento específico para a saúde mental, o gestor do Hospital Psiquiátrico tentou constrangê-la (CÂMARA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2017a). A militância e o conhecimento sobre os direitos sociais, tanto do seu Ivon Fernandes Lopes e da Conselheira Francielly Zilli, mostram que incomoda as pessoas que procuram conservar interesses, ideias, modelos de saúde, ainda que isso vá ferir a vida das pessoas, o que escracha mais uma vez, que sendo considerado/a usuário/a e/ou militante passa a ser alvo das tentativas de manipulações dos saberes, instituições, interesses e de coerções. Militantes empoderados/as são 'perigosos/as'[4].

Essa indagação, se deve ao preconceito, ao estigma, quando não considera a voz usuária ou quando as vê como ameaça e sim a voz que vem de área profissional, da academia. Entretanto, há potência no saber popular, e como diz Ferreira (2017) "nós temos a voz, é isso que eu tô te explicando", entenderam? E como refere Santos (2017a) "a minha voz não vão me calar".

Somado a isso, as declarações da prefeita municipal Paula Mascarenhas em 23 de março de 2017, ao dizer que entende "a importância dos hospitais psiquiátricos", e se dispõem a negociar no estado e em Brasília, leia-se governo, junto com os representantes do Hospital Espírita mais recursos para investimentos nesta estrutura e modelo manicomial, bem como consultar sobre mudanças na lei da Reforma (Anexo H), desconsiderando a necessidade de investimento e o trabalho desenvolvido pela atenção psicossocial no município, práticas sustentadas por trabalhadores/as, usuários/as, educadores/as, educandos/as entre outros, desconsiderando também os movimentos sociais, da Luta Antimanicomial, a Lei da Reforma Psiquiátrica e a Polícia Nacional de Saúde Mental (BRASIL, 2001, 2011, s/ dt).

Ainda, importa registrar como assinalado por Ferreira (2017)[1] que "os técnicos, trabalhadores dos CAPS", os que defendem de fato outra perspectiva e dispostos a deslocamentos, nem sempre tem autonomia para a construção de redes de atenção em saúde, pois são cerceados de diversas formas, seja pelos manicômios que nos habitam, pelas práticas que arrastam junto o manicômio, bem como também pela gestão pública municipal, que não nessas palavras, mas diz que não pode ser 'irresponsável' em não garantir aos/as loucos/as o hospício e nem de deixá-los 'desassistidos', soltos por aí! Quanto estigma e preconceito. A 'andarilha' sabe que pode sofrer sanções por defender os direitos humanos. Há uma inversão de valores, com respaldos sociais, construído principalmente por uma mídia hegemônica e golpista e uma educação que não consegue ser combativa, pois ainda tem cor.

Essa declaração causou revolta em diversas pessoas que defendem um cuidado pautado em liberdade e na produção de autonomia, dignidade e cidadania, ainda que tenhamos

problemas nesta perspectiva, dado aos nossos modos manicomiais de pensar e agir cotidianos, mas que pelo menos estamos no caminho da (des)construção, dispostos a nos desconstruir e a construir o que tem sido chamado ‘cuidado em liberdade’, que não se reduz a à abertura das estruturas físicas. Até porque seria incoerente se naturalizássemos esse posicionamento. Soma-se a isso, a entrega de uma proposta do Hospital Espírita para Prefeita, na qual informa que está recebendo repasse estadual para o mesmo, mas que não é suficiente (Anexo G). Ou seja, o estado está investindo nessas estruturas, o que era de se esperar, devido ao eixo político neoliberal.

Dado a esses aconteceres – assassinato de pessoa em situação de crise e as tentativas do Hospital Espírita em convencer sua importância na rede, e declarações da Prefeita, reiterando o modelo manicomial em detrimento do trabalho desenvolvido no serviço público na atenção psicossocial, e investimento do município e do estado nessas estruturas, um grupo de pessoas se reúnem com perspectivas a fins, na luta por uma sociedade sem manicômios e enfrentamento as manicomialidades, que se traduz por ora no fechamento do Hospital Espírita, reestruturação da Rede de Atenção Psicossocial em Pelotas, intensificação da função da Universidade na relação com essa problemática, da produção de conhecimento implicada com a vida, com o território que se vive e vice-versa, entre outros aspectos.

Em um primeiro momento nos autodenominamos grupo de ‘Articulação’, pois nossas intenções não são de institucionalização, e sim de junção de quem estivesse ou está afim destes embates e combates. Não precisamos das institucionalidades para existir, ainda que em alguns momentos possam ajudar. Alguns nos vêm como as pessoas de ideias mirabolantes, utópicas. Mas, se esqueceram que é a utopia, a esperança e nossos delírios singulares e coletivos que podem mover o mundo.

Então, esse grupo foi incluindo outras pessoas, e voltou a se reunir noutro espaço, no dia 28 de março de 2017, no Mercado Público de Pelotas. No coletivo, nesta ocasião/momento, estavam presentes pessoas vinculadas a Associação de Usuários/as dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas - AUSSMPE, ao Grupo de Pesquisa em Enfermagem em Saúde Mental e Enfermagem em Saúde Coletiva, curso de Terapia Ocupacional da UFPel e ao coletivo Povaréu Sul e decidem não esperar mais sobre essas situações, por construir um documento que fosse protocolado no Conselho Municipal de Saúde com pedido de esclarecimentos quanto ao assassinato do mesmo e atenção a sua família e comunidade, vítimas desta violência. Também, a construção de moção de repúdio a representante do poder executivo e pedido de retratação.

A ‘andarilha’ traz essa narrativa, pois este grupo se constitui, ao seu ver, como uma zona autônoma, provisória e autogestionada, com potência de transformações, independente do tempo de duração, de como e do que vai se afetar e produzir, pois é imprevisível e imensurável, tanto em quem participa do mesmo, quanto no que se intenta mexer rumo a uma sociedade sem manicômios, descontruindo manicomialidades, tecendo possíveis. A ‘andarilha’ compõe esse grupo com outras pessoas, cidadãs e cidadãos do mundo, reunidos em um comum que tem sido a luta em saúde que também é social, por ora, das quais algumas pessoas integram e/ou são representantes da Associação de Usuárias dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas – Aussmpe, do coletivo Povaréu Sul, do grupo de pesquisa em Enfermagem em Saúde Mental e em Enfermagem em Saúde Coletiva, e/ou curso de Terapia Ocupacional da UFPel.

Esse grupo que de algum modo nos articula e acabamos nominando de GAAS pode ser considerado também como ponto de intensificação de vida, pois nos oxigenamos no mesmo ao colocar em questão nossos manicômios e na ação política que nos movemos, conforme supracitado, pois se cria pelo meio, na tensão com o modo manicomial e tentativa de afirmação do psicossocial, ampliando o que já se desenha no município. Então, tensão com um modelo que produz morte, no caso o manicomial, e outro, que se efetivo, pode produzir muitas vidas, e que por essas e outras, a ‘andarilha’, se sente mobilizada.

O GAAS então, composto por forças de r**existência**, na perspectiva da ‘andarilha’, é como uma resposta ás forças de repressão dos movimentos sociais e populares, que tentam calar a voz e o direito a luta e a democracia e que acontecem também com formas de ‘sedução’ e coerções. O GAAS, sob o que sente e experimenta a ‘andarilha’, lhe é como a frase de Deleuze em relação aos últimos trabalhos escritos por Foucault em relação à ética, “Um pouco de possível, senão sufoco!” (DELEUZE, 1992, p. 131), logo, um pouco de oxigênio para não sufocar, um pouco de ar para respirar nesse cenário que se vive. Ar no sentido de junção de forças, de nas problematizações e diálogos com os(as) companheiros(as) ir se reformando e produzindo conhecimento, um espaço de aprendizado coletivo, em que se sente alimentada, aprendendo, discutindo e fazendo, no enfrentamento das forças que desejariam a nossa não r**existência**.

Constitui-se esse grupo de Articulação, e não só, então a partir do que nos aproxima, a luta pelos direitos humanos, a situação que redundou no assassinato de uma pessoa em situação de crise, por negligência dos serviços de saúde, ao que na acepção da ‘andarilha’ é impossível ficar indiferente, também pelas ações do Espírita e as declarações da Prefeita. Somos pessoas, que nos encontramos pela primeira vez no Mercado Público, Ângela Teresa

Nobre Pereira, Claudionei Fernando Oliveira Ferreira, Gabriela Pereira Vasters, Ivo Airton Ferreira Gomes, Ivon Fernandes Lopes, João Luis Corrêa Gonçalves, José Fernando do Amaral Borges, Larissa Dall'Agnol da Silva, Nathália Barboza Moraes, Patrícia de Lima Ilha, Priscila Borges Silveira e a 'andarilha'. Não se trata de um grupo fechado, tanto que em lista virtual outras pessoas estão também se somando neste diálogo, apenas que se pauta pela defesa dos nossos direitos, logo pessoas contrárias a isso, provavelmente não se sentiriam muito bem no mesmo, talvez se sentissem constrangidas.

Muitas de nós, temos em nossa bagagem a experiência do puro vivido na relação com a loucura, os movimentos sociais, dentre eles da Luta Antimanicomial, a inserção noutros movimentos, a realização do VER-SUS, trabalho e formação em saúde em seus âmbitos como graduação, pós-graduação em que se incluem as residências em saúde e práticas de trabalho em consonância a um modelo que, não sem problemas, mas se coaduna com a perspectiva do que prevê a Lei da Reforma, afirmando o modo de atenção psicossocial.

Deste modo, esse coletivo em uma construção de várias mãos, passa a fazer indagações aos Serviços de Saúde, Gestão, Poder Público executivo e legislativo e Controle Social sobre este fato, que rede há e como funciona na produção da atenção a crise, da atenção psicossocial, da atenção em saúde (Anexo V). Que rede é essa que possui o maior número de Centros de Atenção Psicossocial do estado, que produz morte e manicomialização da vida? Quando se refere á rede, a 'andarilha' entende-a com aberta, humanizada e resolutiva, com pessoas dispostas a isso, a (novas) conexões e aproximação e convivências tecendo mundos com a pessoa que a acessa e(m) seu território, até que prescinda destes serviços.

A 'andarilha', na andança por outros espaços, bem como a partir do construído no grupo de Articulação que denominamos de GAAS, também visualiza movimentos por parte de algumas pessoas, na tentativa de produzir a rede de atenção psicossocial, como o Grupo Condutor Municipal de Saúde Mental – GCMSM e Comissão Municipal de Saúde Mental de Pelotas – CMSM[5], não sem tensões, pois há atravessamentos, interesses, etc. Mesmo assim, faz tempo que Campos (2005) pontua sobre a necessidade da produção de consensos e pactuações entre necessidades, interesses e desejo, das forças presentes, seja como usuária dos serviços, controle social, da gestão, trabalhadores, militância, etc., o que sob de algum modo está acon**tecendo**.

Para 'andarilha', se esses movimentos se mantiverem aquecidos, vivos, há potência de transformações e constituição de uma rede de direito e de fato na garantia do cuidado em liberdade e produção de dignidade e cidadania, mesmo que os tempos atuais sejam desfavoráveis aos direitos sociais, que seja complexo desmontar os manicômios mentais e

suas práticas. Mas, como diz um de seus companheiros, “a gente cansa, mas a gente faz” (FERREIRA, 2017), ao que lhe remete um dito de Guattari que ‘militar é agir’ (1992, p. 12). É nesta perspectiva, que a ‘andarilha’ que se implica com esses coletivos.

Então, é desta e nesta articulação que é construído o ofício juntando e discutindo as ideias e o pedido de pauta foi requerido por Francielly Zilli, conselheira representando o Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional - CREFITO e por Ivon Fernandes Lopes e Claudionei Fernando Oliveira Ferreira, conselheiros titular e vice, representando a AUSSMPE, com apoio das demais pessoas e institucionalidades (Anexo V). Como resposta a esse pedido de pauta, o presidente do Conselho informou que antes de ser pauta, deveria passar pelo Grupo Condutor Municipal de Saúde Mental.

Desconfia-se que confundiu com a Comissão Municipal de Saúde Mental ou se era mesmo isso que queria dizer, dado que uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa, não que não pudesse ser discutido em ambos os espaços, mas a demanda de pauta foi para o controle social e sem dúvida também seria levada aos demais espaços. Nesses movimentos da gestão do Conselho, nota-se que foi protelando esse assunto de pauta e inclusive reuniões do Conselho não aconteceram com a alegação de ‘falta de pauta’. Conselho de Saúde com falta de pauta? Estranho não!

Este coletivo não hesitou em seguir conversando, por redes virtuais e presenciais, e acionada e acionados pela vereadora Fernanda Pinto Miranda do Partido Socialismo e Liberdade – PSoL, a mesma ‘conseguiu’ garantir na Comissão de Saúde um momento específico para debater a Saúde Mental em Pelotas no Seminário de Saúde que foi alusivo ao dia Mundial da Saúde, que ocorreria em 7 de abril de 2017. Conseguiu entre aspas, dado que há forças políticas que são vinculadas ao partido de governo e portanto, também tem se manifestado contrárias a Reforma, pelo apoio ao Espírita, o que se evidenciou quando convidam o gestor do mesmo e não dos demais hospitais[6] e nem dos serviços psicossociais.

Neste meio tempo, foi construída também uma moção de repúdio[7] pelo não cumprimento da Política Nacional de Saúde Mental às manifestações ocorridas na Plenária do Conselho Municipal de Saúde no dia 23 de março de 2017, nas falas dos conselheiros – o gestor do Espírita, e o Presidente do Conselho que reiterou a importância do manicômio e alegou desconhecer o fato do assassinato, o qual foi noticiado em diversas mídias, bem como repúdio ao posicionamento de contra Reforma Psiquiátrica da então Prefeita municipal (Anexo X). Mas, que esperar da ‘gestora do cimento’? Acionou-se os/as companheiros/as das lutas, como o vocal Esperança, Los Lokos, do Programa Gente como a Gente e outros,

apresentando os fatos e os riscos de avanços nos retrocessos que vem assolando a saúde de modo geral no país, estado e local, e em específico a Saúde Mental.

A ‘andarilha’ foi a um ensaio do Esperança partilhar esses acontecimentos, conversam, debatem sobre isso, vem a tona o lugar do manicômio, sobre ‘se fecha e aí quem precisar para onde vai’, problematizado, defesas de que esse modelo não serve, enfim, uma potente conversa e que como nunca foi diferente, este coletivo se somou a causa, contribuindo com o debate, com a participação, com o apoio e com a música como instrumento de luta. Mostra que a discussão, problematização a partir do cotidiano vivido de todos nós, pessoas que o integramos, do que sentimos na pele, vai nos empoderando, desconstruindo algumas verdades instituídas que vão segurando de pé estruturas que são contra nós mesmos. E importa registrar, que isso é fundamental ao nosso processo de produção de cuidado em liberdade e(m) dignidade.

Seguindo nestas perspectivas, aconteceu em 7 de abril, sexta-feira, o Seminário do Dia Mundial da Saúde na Câmara Municipal, que no segundo momento houve plenária de debate sobre a saúde mental em Pelotas (CÂMARA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2017a). Estávamos lá, Vocal Esperança, Vocal Los Lokos, Aussmpe, coletivo Povaréu Sul, grupo de Articulação, trabalhadores/as dos serviços, gestão, entre outros/as. Vale cada passo de nossos movimentos, de nossas conversas, de nossos agenciamentos. Na primeira hora havia muita gente, não havia espaço para todas as pessoas sentarem. No momento da pauta da Saúde Mental, esvaziou, ficaram poucas pessoas, dentre estas nós, os nós que não desistimos de nós mesmos!

A referida Plenária foi tensa. A composição da ‘mesa’ foi pactuada na Comissão de Saúde. Dado a isso, compôs a vereadora que tem levado essa pauta para a ‘casa do povo’, a gestão municipal, a gestão regional, o hospital Espírita, mas não havia representação usuária, nem dos serviços que atendem saúde mental no município e nem dos outros hospitais gerais, conforme já supracitado. Dado a isso, gritamos da plateia, para a inclusão de pessoas assistidas nestes serviços. A Comissão de Saúde da Câmara concorda com o sugerido, no caso com a presença da Associação, e do controle social também na mesa (CÂMARA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2017a).

A ‘andarilha’ sempre que se encontra com essas pessoas parceiras de vida, com quem fizemos música e lutas, e se sente fortalecida e amparada, que estamos juntos/as lutando por aquilo que acreditamos, respeito aos nossos direitos humanos, humanização na saúde e nas relações sociais, por mais generosidade e solidariedade e por uma sociedade sem manicômios

e manicomialidades. Não são processos fáceis, mas são possíveis, ante aos quais nos colocamos em ‘marcha’, por nenhum passo atrás.

Causou estranhamento a presença de representante do Hospital Espírita. Quer dizer, estranhamento entre aspas, dado que insiste e declara a necessidade de Hospital Psiquiátrico na rede de Atenção a saúde (CÂMARA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2017a). E estranhamento, pois porque a representação do Espírita e não aos coordenadores de CAPS, Hospitais Gerais e/ou pontos da rede, como foi indagado por uma trabalhadora de saúde? Houve vários embates, de contestação e defesa tanto do modelo manicomial quanto do psicossocial. Em meio a essas conversas, Santa Helena da Silva Brem, a quem a ‘andarilha’ estava junto, em um cochicho, fazia em alto e bom tom prudentes intervenções “vai lá ficar amarrada”, “empurram a gente contra a parede” (BREM, 2017), reagindo a uma fala de defesa do Hospital Espírita.

Santa Helena é a voz de quem realmente sabe! Ao ouvir isso, a ‘andarilha’ se emociona, pois quando a conheceu lhe estava naturalizado o manicômio como um lugar de cuidado e ainda está para muitas pessoas. Ela achava que o Espírita era necessário, que é assim mesmo que pessoas em sofrimento psíquico deveriam ser cuidadas, e isso foi sendo problematizado, a partir do que ela mesmo viveu e relatava deste local, e por várias pessoas na Aussmpe e também com os filmes sobre os processos de institucionalização e desinstitucionalização, enfim, fomos nos (des)construindo juntos/as, pois quando não conhecemos ou experimentamos outras práticas de atenção, achamos até que somos merecedores da opressão.

E pai Zé, um companheiro, sua presença dá muita força a ‘andarilha’, lhe diz “obrigado por vir defender nossos direitos” (BORGES, 2017). A ‘andarilha’ desabou, pois estávamos todos/as defendendo o nosso direito de que se um dia precisarmos, sejamos assistidos com dignidade e(m) liberdade e não enviados para o manicômio. Também, denuncia o quanto essa luta foi e é refutada no município de Pelotas. Que é um embate permanente.

Além disso, quando uma pessoa se sente grata por isso, talvez é porque se sente incluída, que faz sentido a sua luta, a nossa luta, que é a luta, faz a luta, pelo menos é assim que a ‘andarilha’ vê seu pai afetivo e com o qual tem aprendido muito, principalmente, que juntos/as somos mais fortes, sem a segmentaridade molar construída entre usuários/as, trabalhadores/as, familiares, educadores/as, estudantes, afinal, a loucura e(m) suas manifestações é nossa companheira. Como ele sugeriu no processo de construção do folder da Associação, a frase “união faz a força” (BORGES, 2016).

Não está só no outro o que é nosso. A loucura é da nossa humanidade. É das nossas intensidades. Tece (n)a nossa subjetividade. E pra completar, mas uma fala arrebatadora "aprendi a ser louco no Espírita...ahahaha" (BORGES, 2017), ou seja, o quão essas instituições tentam formatar as pessoas, mas pai Zé, dentre vários/as outros/as, sempre foram loucos/as de espertos/as e de generosidade naquele ambiente hostil, subvertendo-o. Loucos/as eram quem os/as queriam transformar em loucos/as, muito embora essa não tenha sido a realidade de todos/as que passaram ou estão aprisionados nesses espaços. Nem todos/as conseguem subverter, r**existir**, pois são várias as forças nessa contramão, várias formas de contenção, normalização, fabricação de loucura como sofrimento.

Nesse Seminário na forma de plenária, algumas pessoas familiares diziam não nestas palavras, mas que fizeram eco na andarilha, 'mas para onde vou encaminhar meu filho em situação de crise?'. A questão é um analisador. O que de modo geral as pessoas conhecem como lugar para atender essas situações, é o Espírita. O fechamento do mesmo, que é o nosso desejo, provavelmente gere sensação de desamparo neste sentido, e medo, pois 'vão ficar livres', sem considerar que nunca deveriam ter sido segregados e que é a liberdade a terapêutica. Também é um analisador, pois que outros lugares atendem crise? A rede de atenção à saúde atende crise? Se sim, como? Se não, porque não? Porque essa forma de atenção é transferida para o Espírita?

Após esse momento, articulamos com a vereadora Fernanda, que tem sido parceira, além de ser justamente a função de vereadores/as, defender os direitos do povo, que coordenava os trabalhos, para a leitura da Moção de Repúdio (Anexo X), o que se presume que tenha causado mal-estares. Por fim, se encaminhou por uma Audiência Pública e as pessoas que tivessem interessadas na construção da mesma que deixassem seus contados. Algumas pessoas deste coletivo andante acabaram deixando seus nomes, afinal a luta não se encerrava ali, é permanente.

Seguíamos conversando e tensionando, ocupando espaços como a Comissão Municipal de Saúde Mental – CMSM, o Grupo Condutor Municipal de Saúde Mental – GCMSM e vocalizando a moção de Repúdio ante as manifestações e negligências do Conselho Municipal de Saúde que fere a garantia de que se cumpra a Reforma Psiquiátrica e a Política Nacional de Saúde Mental, bem como a prefeita pelas suas declarações contrárias a essas prerrogativas conquistas sob muitas lutas. Em nossa primeira participação no GCMSM, em 17 de abril de 2017, partilhamos também a Moção de Repúdio quanto aos fatos no Conselho de Saúde e manifestações da Prefeita[8]. Não hesitaremos em denunciar e escrachar nos mais diversos espaços possíveis.

Já colhemos, leia-se o grupo de Articulação, efeitos de nossos movimentos de solicitação de pauta no Conselho, que pelas questões colocadas na mesma, eram pistas bem desenhadas para o repensar e produção da rede de atenção psicossocial (Anexo V). Nesta Comissão e data supracitada, a fala das pessoas assistidas na rede de atenção e seus familiares foi denunciadora do que a gestão em saúde municipal tenta naturalizar ou esconder. Por exemplo, seu Uilson Admar Santos escrachou que devido a contingências da vida precisou voltar ao CAPS, mas que se sente lutando pelas mesmas coisas que há dez, dose anos atrás já lutavam e que na sua acepção nada mudou (SANTOS, 2017b). Comentou ainda, que nem material para o trabalho psicossocial há, por mais que os/as trabalhadores/as e pessoas em assistência contribuem levando materiais de casa, custeando-os com seus salários, bem como também por usuários/as e familiares (SANTOS, 2017b; MORENO, 2017), improvisando com tintas, mas como Santos (2017b) diz, "tem tinta de pintar vencida, quando abre é um fedorão".

A colheita mencionada refere-se ao mapeamento, ainda que parcial, feito pela gestão de saúde e compartilhado no GCMSM, das pessoas que tem acessado ao Hospital Espírita, não das em situação de uso, que lhe seja prejudicial, de substâncias psicoativas, as quais somam em média de 30 pessoas, que já eram vinculadas a atenção psicossocial, as quais foi manifestada intenções de se acompanhar, principalmente no território. Também, é preciso estar atento para não se patologizar mais essas pessoas. E sugerimos que atentassem não somente para as que já eram vinculadas, mas a quem está acessando, o que está legitimando além da cultura segregacional. Soubemos também, que o manicômio está enraizado na região e que é uma pauta a ser discutida também no CGRSM.

De todo modo, já são avanços e efeitos das indagações que coincidem também com o movimento de outras pessoas que participam do GCMSM. Mas, e as pessoas que não tem relação com Centros de Atenção Psicossocial, quem são, como acessam, quem e o quê legitima e financia esse acesso? A 'andarilha' presume que a cultura de se procurar ao manicômio no que se refere a questões de 'Saúde Mental' interfere, mas não pode servir para naturalizar essa demanda, também se assim o é, deve ser porque as pessoas não encontram noutro lugar para essa acolhida, resolução para suas necessidades de saúde.

Neste mesmo dia, subsequente a reunião do GCMSM, participamos da reunião do CMSM, em que levamos a carta quanto ao ocorrido com o Cláudio e partilhamos a moção (Anexo V e X). Após discussão, ouvindo varias vozes, se decidiu por encaminhar como pauta para o Conselho (de novo) a situação do Cláudio, família e comunidade, mesmo que já havia sido protocolada no mesmo, e as manifestações de repúdio quanto a reunião do Conselho e declaração da Prefeita. A gestão da Saúde Mental e coordenação da Atenção Básica, em

ambos os espaços, GCMSM e CMSM, tentaram justificar dizendo que foi equívoco da imprensa, entretanto, não nos convenceram! Talvez lhes seja constrangedor não ter explicação plausível, aí inventam desculpas devido aos seus cargos de gestão e sem ter o que dizer neste sentido. São as resistências de conservação.

Na reunião subsequente da CMSM, extraordinária, em 24 de maio de 2017, na qual houve explanação dos investimentos na saúde mental, referente ao qual não nos sentimos contemplados/as. Solicitado outro momento sobre isso, que fosse detalhado a fim de que se atingisse e fosse entendido por todos os públicos, e que a 'conversa de como se administra uma casa' não convence.

Praticamente ao final da reunião, a Secretária de Saúde se fez presente, muito incomodada, alterando a voz com as pessoas, devido ao questionamento quanto ao investimento de recursos na saúde mental. 'Quase acionamos o SAMU'. Incomodada, mas por quê? Esse pedido de demonstração das fontes e de investimentos tem absolutamente relação com a perspectiva de evitar o sucateamento dos serviços de saúde mental do município e construir a possibilidade de fechamento do manicômio. Uma pauta extremamente legítima, de transparência social e que não é mais que sua obrigação contemplá-la. Decidiu-se a partir desta reunião, de novo, pelo encaminhamento a plenária do Conselho quanto à situação do Cláudio e repúdio a Prefeita e que noutra reunião fosse esmiuçado os valores investidos na Saúde Mental pelas três esferas de governo.

Também, nessas reuniões GCMSM e CMSM se falou na construção conjunta de marcação do dia da Luta Antimanicomial. Nas mesmas estávamos como militância. A Associação estava de algum modo, várias vezes representada, como Associação em si, com integrantes do Conselho Municipal de Saúde, no GCMSM, no Povaréu Sul, no Grupo de Articulação. E nós somos loucos/as, loucamente implicados/as em ocupar os lugares que nos são de diretos e também em criar espaços de junção de forças para fazer valer os mesmos, como a Associação em si, o foi o Povaréu e o é o de Articulação.

A gente cansa, mas a gente faz![239]

Considerando que o 18 de maio se aproximava, fomos construindo reuniões, dado que não nos faltavam motivações para marcar essa data com vários atos políticos no enfrentamento das tentativas de desmantelamento e achatamento de direitos e principalmente de retrocessos na Saúde Mental, tais como, o assassinato de uma pessoa em crise por

[239] Frase dita por Claudionei Fernando Oliveira Ferreira no Programa Gente como a Gente de 20 de maio de 2017.

negligência (Anexos R, S, T), o investimento do estado do Rio Grande do Sul nos manicômios (Anexo G, H), as declarações do poder executivo local contrárias a Reforma (Anexo G, I), entre outras.

Também, a nota do Conselho Federal de Medicina – CFM e Associação Brasileira de Psiquiatria - ABP encaminhada a Ministério do Desenvolvimento Social, Ministério da Saúde, aos governadores estaduais e a todos os gestores de saúde, para investimento em leitos nos manicômios e não em hospitais gerais, dentre outras coisas, com apoio da Federação Nacional dos Médicos - FENAM, Assocación de Psiquiátrica de América Latina – APAL, Federação Nacional das Associações em defesa da Saúde Mental – FENAEMD-SM, na data de 25 de abril deste ano (Anexo Z e Y). Leia-se, 'defesa da saúde mental' psiquiatrizando a vida. E mais uma observação, trata-se da disputa de corpos em manifestações de suas intensidades psíquicas para a manipulação de áreas de saber e poder, da medicina e da psiquiatria. Um desrespeito aos direitos humanos.

Nos reunimos no dia 25 de abril de 2017, no turno da noite, no Mercado Público. São pistas, sinais de que ao mesmo tempo em que há retrocessos há um levante nas forças de r**existência**. Neste dia estava programada a realização de Tenda do Afeto Popular a convite do CAPS Porto em parceira com a Aussmpe e Povaréu Sul, juntos/as e misturados/as, mas devido ao clima o Porto decidiu cancelar. Entendemos a legitimidade da preocupação, ainda que não tenha sido uma decisão coletiva, mas de todo modo, a acolhemos pois foram os demandantes da Tenda, ainda que várias pessoas estavam se movendo em Pelotas e de Rio Grande para Pelotas. Acabou que não choveu, várias pessoas foram para o largo do Mercado, aconteceu roda de conversa, pois o Porto também não conseguiu avisar a todos/as que foram mobilizados/as. Roda esta que também deve ter sido potente.

E, como é frequente entre algumas pessoas da Associação, transformamos isso em alegria, em uma alquimia da razão, a partir de um vídeo que circulou nas redes 'Está chovendo aí? Aqui não está chovendo! Está chovendo no Porto?'[240]. Nesse movimento, se percebeu que há uma rede imensa e afetiva, a qual estava envolvida na construção desta Tenda – o pessoal da Associação, do vocal Esperança, do Los Lokos, do Povaréu, da UFPel, do grupo de Articulação - GAAS, do Porto entre outros/as. Não somos poucos/as, somos muitos/as. Não somos qualquer força como às vezes querem nos fazer acreditar.

Essa reunião no dia 25, também é um efeito de acionamento pela vereadora Fernanda Pinto Miranda para a construção da Audiência Pública. Estavam presentes, fisicamente e de

[240] Paródia a parti de vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QKvW_AVvKgU> . Acesso em 06 de jun. de 2017.

forma virtual, pessoas vinculadas a Associação, ao Grupo de Pesquisa da Faculdade de Enfermagem e do curso de Terapia Ocupacional da UFPel, Povaréu Sul e da Câmara Municipal de Pelotas. A proposta da vereadora Fernanda era de que a Audiência fosse realizada na data do 18 de maio, no turno da tarde, para o quê já havia agendamento de forma a garantir o espaço para este momento, mas disposta a ouvir o que outras pessoas pensavam sobre isso.

A 'andarilha', bem como os/as companheiros/as nesta caminhada demarcaram que este dia geralmente é marcado com atividades na rua, e o quão isso é importante, gerador de pertencimentos e fortalecimento da luta, também, com vistas a provocar visibilidades, salvo se a audiência pudesse ser na rua, e também a ideia de que fosse uma semana de atividades. Uma das companheiras participou da reunião de forma virtual, contribuindo com a experiência vivida na cidade de Porto Alegre quanto a Conferência Livre e outras, como denunciando o assassinato do Cláudio que passou a fazer parte do memorial construído pelo Coletivo Resistência e Arte, na exposição de 'Silêncios', como Mostra da 'intolêrância, violência e ódio que nos ameaçam (Anexo AA).

Desta reunião no mercado Público, se construiu então a ideia de Semana, com uma programação prévia, que iniciaria na terça-feira com Conferência Livre de Saúde Mental, na quarta-feira se faria a audiência, na quinta o movimento na rua e na sexta, estaria em aberto, mas que poderia contemplar pontos que foram sugeridos e talvez não se desse conta na Conferência, como a pauta das 'diversidades'. Importa reiterar que essa construção foi absolutamente coletiva, e que essa programação era uma proposta a qual precisaríamos construir os seus desenhos, sabedores que provavelmente outros espaços também estariam se movendo neste sentido ou não, também com propostas mais individuais ou coletivas, tipo a gestão, serviços, escolas formadoras ou outros.

Nesse processo de construção, discutiu-se a composição de como seria a Conferência Livre, listando pontos que seria importante discutir que pudessem contribuir a pensar o momento vivido e a Audiência com vistas a atender ao que defendemos – no caso, tecimento da RAPS e fechamento do Hospital Espírita. Deste modo, se pensou em estratégias, tais como fomentar que a construção fosse mais coletiva do que já vinha sendo, envolvendo também outras pessoas e vários segmentos, entendendo que a Luta não é ou não deveria ser de um ente somente, mas sim, inclusive, construir essa ideia que é de todos/as e as pessoas. Elencou-se o GCMSM que reúne vários pontos da rede e o controle social, leia-se CMSM. Deste como, como haveria reunião dos mesmos no dia 15 de maio, achou-se por bem, pedir que houvesse reunião extraordinária de ambos, dado que o 18 de maio estava próximo.

Deste modo, se acordou de num primeiro momento conversar com pessoas que participam do Grupo Condutor Municipal de Saúde Mental e Comissão Municipal de Saúde Mental para antecipação das reuniões e, acionar a composição e construção coletiva da Semana da Luta Antimanicomial. Também, foi pactuado que a Fernanda vereadora se encarregaria de fazer os encaminhamentos para a Audiência Pública e as demais pessoas para a Conferência Livre.

Na quinta-feira, 27 de abril de 2017, subsequente a essa reunião, se agenciou conversa com pessoas que integram a condução do GCMSM e a CMSM em sala no Centro de Atenção Psicossocial Escola. Houve algumas tensões, pensa-se que por equívocos de entendimento, como que a Associação deveria e poderia protagonizar o 18 sozinha. Sim, deveria, poderia! Mas, já estava em composição em um grupo de articulação, querendo ampliar para que a semana fosse uma construção coletiva de responsabilidades compartilhadas, tecer uma semana diferente das anteriores, segmentadas, produzida por um ou outro segmento, alguns movimentos de aproximações, por movimentos de resistência quando a Associação não se sentia contemplada em suas ideias, enfim, este momento era de construção coletiva, não menos de resistências e denúncias das violações de direitos frequentes no município, principalmente no que se refere à atenção psicossocial.

Então, fomos agenciando encontros para a construção da Semana da Luta Antimanicomial, diga-se de passagem encontrando-se com várias forças movidas nesta construção e também tensionadoras deste processo de construção, o que é e foi salutar e principalmente ouviu a voz protagonista da Aussmpe de que fosse uma semana produzida de forma coletiva.

Conseguiu-se avançar na construção da Semana, ampliando as conversas, a participação de diversos atores/as sociais. E a programação foi se redesenhando, a partir do disparado enquanto tal e por conseguinte, ampliando sua potencia agenciadora, não alterando seu principal eixo, de nos empoderar para a Audiência Pública, ouvindo e construindo com as diversas vozes, e que fosse um momento para colocar em questão o que vimos sofrendo em termos de ataques a direitos na Saúde Mental – Espírita querendo se legitimar como ponto na rede e solicitando mais recursos e reforçando o modelo manicomial; combate ao modo manicomial e manicomialidades; fortalecimento da rede para fins de fechamento do Hospício, pactuar leitos em hospitais gerais locais, tensionar com as declarações da representante do poder executivo no município, escrachar mais uma vez o assassinato do Cláudio por negligência da rede de saúde e arbitrariedade da polícia, entre outras.

O grupo de Articulação seguia em conversas virtuais, ciando uma janela ‘Saúde Mental’, e acompanhando os movimentos a partir do que havia sido disparado. Com a sequência de encontros virtuais e alguns poucos presenciais, acabou se desenhando uma comissão de organização com representantes de movimentos sociais, da Aussmpe, trabalhadores/as, controle social, escolas formadoras, etc. As rodas de conversa sobre o tecimento da Semana acabaram acontecendo no Centro de Atenção Psicossocial Escola. Se houvesse mais tempo para a construção da mesma, as reuniões poderiam ter acontecido em rodízios, também noutros espaços como forma de fomentar o envolvimento de outros atores, não desmerecendo essa estrutura que também tem função social e política, mas na ideia de circular.

Nessas rodas e não só, foi sendo realizado o contato com as pessoas que fariam as falas, com os locais, os convites, a arte e os modos de divulgação nas redes virtuais, rádios, etc, a criação da página ‘RAPS Pelotas’, a construção da programação da Conferência Livre na segunda-feira, e de como seria a Audiência Pública na terça-feira, a atividade da quarta-feira que gerou polêmicas, de um lado trabalhadores/as desejando um espaço que coincidia com agenda do movimento de Lésbitas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais - LGBTT em Pelotas, o qual seria no turno da manhã. Estávamos avaliando que seria interessante se somar. Mas também, a ‘andarilha’ entende que foi importante esse movimento protagonista dos/as trabalhadores/as ainda que sectarizado.

Enfim, ambas as perspectivas foram possíveis e pensa-se que potentes. Na quinta-feira então foi pensado o movimento na rua. E na sexta-feira foi sugerido contemplar um tema que se voltasse as políticas de equidade no enfrentamento do que é estrutural em nossa sociedade, que se encontra com a ‘Saúde Mental’ no que se refere a ‘exclusão social’, que se evidencia na história da loucura brasileira e que pode ser um produtor de sofrimento – o racismo, a questão de identidade de gênero e orientação sexual, o que se aponta não para patologizar, mas como tensionar com esse esquadrinhamento que exclui pessoas e jeitos de andar na vida.

Foi determinante nesse processo o agir de todos. Enfim, somos todos/as de algum modo, arteiros/as, arteiros/as da nossa existência (fotos, vídeos). E também isso que estamos vivendo além de reverberar em nós, reverbera nas conexões cotidianas que vamos fazendo, nos espaços que estamos ou vamos nos inserindo, tais como movimentos sociais, Universidade, espaços de gestão, de atenção, etc. A perspectiva de quem relata, no caso da ‘andarilha’, é só uma vírgula no contexto das letras, das palavras, das frases, do dito, do não dito, etc, do movimento.

Na reunião subsequente da CMSM, em oito de maio de 2017 (Anexo BB), na qual se indagou sobre o encaminhamento destas pautas, foi-nos informado que houve um problema de comunicação e que a mesma ainda não havia sido enviada. Também, se falou quanto á recomposição da Comissão e organização da Semana da Luta Antimanicomial, explicitando a programação até então construída para fins de composição também com esse coletivo de pessoas.

Em 11 de maio de 2017, aconteceu o Grupo Condutor Regional de Saúde Mental, no qual a 'andarilha' acabou participando no turno da tarde. No mesmo, foi divulgada a programação da semana e convidado aos/as presentes para participarem da mesma. Também se fez o convite para o 13º Mental Tchê (Figura 1)[241], que passou a se chamar 'Mental Tchê da Resistência', gerou surpresa e alegria em muitas pessoas e desconfortos noutras, principalmente as que entendem esse evento como propriedade do ente municipal e/ou não acompanharam no tempo o seu desenho, como espaço de encontro da militância gaúcha, como o mesmo também fora intitulado encontro da 'Resistência Mentaleira'.



Figura 201 – Programação do Mental Tchê da Resistência, 2017.[242]

[241] No que tange ao Mental Tchê, dado a perspectiva político partidária que se alinha a que está desmontando direitos humanos e sociais arduamente conquistados, em um primeiro momento, houve rumores entre atores/as da militância mentaleira, de que se o município de São Lourenço do Sul o fizesse, a ideia em um primeiro momento seria de boicotar, dado que provavelmente não teria as características do Mental e também não teria como referendar um governo municipal alinhado com o estadual e nacional que estão 'quebrando corpos', destruindo com os direitos sociais (BRUM, 2017). Em seguida soube-se de que não iriam fazer o Mental alegando falta de recursos para tal. A 'andarilha', quando recebe essa notícia, aciona conversas com companheiros(as) de militância egressos da residência em Saúde Mental Coletiva da UFRGS, do Povaréu Sul e do Povaréu – Arte, Saúde e Educação Popular, para se pensar na construção do Mental, entendendo este como um encontro necessário da força mentaleira, leia-se de todas as pessoas que assim se sentirem acionadas, ainda mais no momento vivido que tem afetado a Saúde Mental, somado ao assassinato de um usuário em situação de crise o que não pode ser esquecido ou banalizado. Devido a isso, as conversas rumavam para a construção do Mental Tchê, mas pairava a dúvida em relação ao local, em São Lourenço do Sul ou onde houvesse quentura para tal, como Capão do Leão ou Rio Grande ou outro local. Em conversas com os/as companheiros/as da Aussmpe, uma pessoa diz que não faria sentido se não fosse em São Lourenço do Sul (GOMES, 2017). Isso tocou a 'andarilha'. De fato, não faria sentido. Seria sem graça. Em seguida, outras frentes como o Fórum Gaúcho de Saúde Mental, dentre outros, começaram a se ocupar e(m) tecer o Mental. A 'andarilha' sabedora desta construção sentiu-se aliviada por saber deste engajamento e movimento, e dado ao processo vivido – situação de saúde de sua mãe Vanilda, escrita da tese, e o que se estava tensionando na Saúde Mental em Pelotas, poderia focar mais na agenda local enquanto se construía o Mental, construção na qual havia outras pessoas de Pelotas engajada. Não podemos e nem devemos estar todos/as em todos/as os lugares, importa é que tenhamos um princípio ético, estético e político de ampliação e afirmação da vida e que passa por esses momentos de encontros e construções coletivas, auto e congestionados, como foi o Mental, como tem sido o GAAS, entre outros.

[242] Disponível no https://www.facebook.com/events/1504558009595488/ . Acesso em 24 de mai de 2017.

Em 11 de maio de 2017, aconteceu o Grupo Condutor Regional de Saúde Mental, no qual a ‘andarilha’ acabou participando no turno da tarde. No mesmo, foi divulgada a programação da semana e convidado aos/as presentes para participarem da mesma. Também se fez o convite para o 13º Mental Tchê (Figura 1), que passou a se chamar ‘Mental Tchê da Resistência’, gerou surpresa e alegria em muitas pessoas e desconfortos noutras, principalmente as que entendem esse evento como propriedade do ente municipal e/ou não acompanharam no tempo o seu desenho, como espaço de encontro da militância gaúcha, como o mesmo também fora intitulado encontro da ‘Resistência Mentaleira’.

Foi criticada por uma pessoa porta voz do saber acadêmico, do que jamais vai esquecer porque doeu demais, mas mesmo assim, sentindo-se frágil, afinal, e só mais uma maluca complicada. Também entende que quem está na chuva pode ser molhar, por fora e por dentro, e dado a isso, não deixou de respirar, pois a si o Mental Tchê pode ser o efeito e gerar muita força instituinte, o que se evidencia no relato das pessoas dos grupos Vocais e Associação que participaram do mesmo, do quão o foi potência de vida.

O mesmo ultrapassa as fronteiras do município de São Lourenço do Sul. Disputas político partidárias que se atravessaram, mas são forças que também podem estar nos processos. No momento atual, pensa-se que não se pode ser conivente com o alinhamento neoliberal como se evidencia em diversos municípios da região sul, como São Lourenço do Sul, Pelotas, entre outros, por nenhum direito a menos.

Também, neste momento foi explicitado ao público presente na reunião do Grupo Condutor Regional, as forças que tensionam para defesa do modelo manicomial e que ainda ousam dizer que agora está ‘humanizado’ (Anexo Z). Presume-se que não entendem o que seja humanização e nem ao menos de que o cuidado que precisamos é em liberdade. Deste modo, ao final do evento, sob consenso de todos/as os/as participantes se produziu uma nota deste Grupo condutor que não está indiferente ao que se engenha como retrocessos na Saúde Mental.

> Em reunião do grupo condutor regional da região 21, em 11 de maio de 2017, com cerca de 50 participantes discutimos a importância do fortalecimento da RAPS e da necessidade de priorizar como política pública respaldada pelo SUS e OMS, a ampliação de investimentos no cuidado em atenção psicossocial. Considerando que, a manutenção da complexa oferta dos diversos pontos de atenção da RAPS, que atendem uma exponencial e incidente parcela da população, requer urgente incremento de recursos de incentivo para novos serviços, e principalmente de custeio daqueles existentes que estão onerando as gestões municipais, e que enfrentam muitas dificuldades para manter o trabalho efetivo e eficiente que a população necessita. Deste modo, demonstrou-se preocupação com recente ofício da ABP e CFM requerendo a ampliação de recursos em Hospitais Psiquiátricos e Hospitais de Custodia, e portanto houve manifestação de apoio a nota do MPF, que defende os investimentos na RAPS e em especial nas internações em Hospitais Gerais. Portanto, argumentamos que, ainda se inevitável a atualização de recursos já

> repassados aos HP que operam de acordo com a legislação vigente, para garantia de um cuidado humanizado, se faz necessário, no mínimo proporcional atualização dos recursos de custeio e de incentivos aos pontos de atenção da RAPS, como CAPS que estão com valores insuficientes, exigindo a maior parte dos recursos do nível local e para atender um população significativamente superior a de HP. Ao final da reunião nos fortalecemos com música e aquecemos nossos corações mentaleiros! Texto redigido por Maria Carolina Pinheiro Meirelles, com o consentimento de todos os presentes ao final da reunião do Grupo Condutor Regional, publicado em rede virtual na data 22 de maio de 2017, no horário das 18:53h[243].

O coração da gente bate a mil...[244]

Em meio a essas situações vivenciadas em Pelotas – assassinato de pessoa em situação de crise por negligência dos serviços, a insistência do sanatório em se manter na rede de saúde, o tensionamento para reposicionamento e revisão de fluxos para a RAPS, a construção e viabilização de participação as pessoas no Mental Tchê da Resistência em São Lourenço do Sul, os ataques do CFM e ABP ao cuidado em liberdade, o envolvimento com a luta para tentar segurar os direitos arduamente conquistados, como os trabalhistas, previdenciários, investimentos na saúde, na educação, entre outros, que a ausência dos mesmos incide na produção da vida, o acompanhamento da Mãe Preta em sua situação de saúde, a realização de Tendas do Afeto Popular como dispositivo na luta social, o acompanhamento e eventuais participações nos grupos Vocais e Associação, disparando a partir do GAAS nos engajamos na construção da Semana da Luta Antimanicomial em Pelotas. E deste modo, não há como 'o coração não bater a mil'.

Então, é assim que se constrói essa Semana (Figura 202), nestes caldos de tensão e tesão, sob muitas mãos, pois como diz Guattari, "militar é agir" (1985, p. 12). Após problematizações coletivas, começou-se a se indagar sobre se seria consenso para todas as pessoas presentes o sentido do que seria RAPS. Somava-se a isso, que muitos dos acontecimentos levavam ao tema da rede, de que rede era essa, de que rede queremos, e por considerar que a construção do que desejamos passa pelas nossas mãos, então, foi sugerido como tema principal 'Que RAPS queremos'? O mesmo também endossa alguns sentidos, que não são somente os CAPS como integrantes da Rede de Atenção Psicossocial, tanto o é, que há um deslocamento na voz de muitas pessoas, de CAPS para RAPS "o RAPS é rede de atenção psicossocial, mas qual rede nós temos, qual o auxílio que nós temos, não temos muita

[243] Os erros na grafia mostra o movimento de um corpo implicado em não ficar calado e em expressar a voz coletiva de um descontentamento com os rumos das políticas de governo que tem apoiado retrocessos na 'Saúde Mental', com investimento em manicômios e formas manicomiais como as Comunidades Terapêuticas, etc.

[244] Frase de Seu Uilson Admar dos Santos, 2017. Programa Gente como a Gente de 20 de maio de 2017, que foi ao ar das ondas da Rádio Com, das 13:30h até as 15h.

coisa" (ILHA, 2017a), "tem que ter essa tal de RAPS (...) a gente não está lutando a toa, está lutando por uma causa que é nossa" (FERREIRA, 2017; PROGRAMA GENTE COMO A GENTE, 2017a). Ainda, nas palavras de Santos (2017).

> " a gente tem que saber o que realmente é essa rede, é uma grande rede que já começa pela própria família, porque muitos familiares, nem sabem, nunca participaram de um grande debate [refere-se a atividades sobre a Luta Antimanicomial], tem suas pessoas doentes e não sabem o que é uma rede, os nossos postos de saúde, os postos da periferia, também fazem parte dessa rede, fazem parte deste trabalho, foram colocados ali, cada um na sua área, pra todos aqueles que tem problemas, que afligem a sociedade, que possam ser tratados desde o início ali, ali é a porta, todas as pessoas que se tratam em um posto de saúde, eles começam ali, dali eles tem que ser encaminhado, porque ali tem um serviço especial, não é só pra gripe, para vacina... mas todo um trabalho que é feito na base, lá na família.... o ser humano precisa, muitas pessoas indefesas não tem como se tratar.... os amigos, os padrinhos, as pessoas mais chegadas na família, tem todo o dever de encaminhar as pessoas, então a rede já começa ali, na própria casa da pessoa, começa sendo encaminhado para o posto de saúde, que tem uma parte limitada, é encaminhado para um CAPS, para que a pessoa fossa fazer um tratamento desde cedo..." (SANTOS, 2017; PROGRAMA GENTE COMO A GENTE, 2017a)

E também, reafirma o propósito de fortalecimento e funcionamento da RAPS, com vistas a diminuir e enfrentar o sucateamento que vem ocorrendo, em consonância com a produção do cuidado em liberdade e da política nacional.



Figura 202 – Cartaz de divulgação da Semana da Luta Antimanicomial, produzido por Priscila Borges Silveira integrante do GÁS e Programa de Pós-Graduação em Ciências: práticas sociais em saúde e enfermagem da UFPel, em maio de 2017.[245]

[245] Marco Cavalo é um símbolo da reforma Psiquiátrica Italiana, quando se fecha o manicômio em Trieste, que só a sensibilidade de pessoas sensíveis pode captar, como a de Priscila Borges Silveira. E o rizoma ao fundo, é o



Figura 203 – Cartaz produzido pelo Diretório Acadêmico do Serviço Social da Universidade Católica de Pelotas – UCPel, 12 de maio de 2017.

Então, abrem-se os trabalhos da Semana da Luta Antimanicomial em Pelotas com a 1ª Conferência Livre de Saúde Mental (Figura 203), com todos/as os/as atores/as envolvidos/as no processo de construção da Semana da Luta Antimanicomial em Pelotas, acolhida em texto que situa as pessoas quanto ao que motivou essa construção – assassinato de uma pessoa em situação de crise por negligência da atenção em saúde, posicionamento do poder executivo do município contrário a Reforma Psiquiátrica, a necessidade de fechamento do manicômio e fortalecimento da rede de atenção psicossocial, bem como referente à situação atual da Saúde Mental local, no estado e no país.

Na sequência, são chamados/as Carmem Lopes que faz uma recuperação da história e situa a Luta de pelo quê e por que temos nos movidos incansavelmente pela Reforma Psiquiátrica Antimanicomial e Ivon Fernandes Lopes que nos fala sobre a participação que tem sido incansável nesta luta, para o qual, não nestas palavras, mas já era tempo da Reforma Psiquiátrica estar consumada. Seguiu-se fala de Luciane Prado Kantorski sobre que 'a Rede que queremos', na qual faz apontamentos sobre entendimento de rede, sobre a complexidade do cuidado, que é o modo psicossocial que se defende, sobre o modelo manicomial, entre outros aspectos sinalizando possíveis, desde que se tenha disposição ao diálogo e para composição de redes que caminhem para e no cenário da vida das pessoas que necessitam ou podem vir a demandar por estes serviços.

Após, o grupo vocal Esperança apresenta-se, nos aciona para um ato simbólico de que um/a ao lado do/a outro/a não estamos sozinhos/as e somos mais fortes, que o momento é de juntar forças para feitura da luta cotidiana, sem perder a esperança de alterar a realidade vivida, como o que nos moveu no construído como Semana da Luta Antimanicomial (Figura 204; Anexo F). Neste dia, a 'andarilha' convida o pai Zé para cantar com a gente, mas ele estava reticente, só iria se o professor autorizasse. A 'andarilha' problematizou com ele que era um grupo, e que se decidia junto. Em seguida, fez o movimento de juntar várias pessoas

---

que a 'andarilha' percebe como ideia, um conceito possibilidade para pensar as redes e o sugeriu para compor no cartaz, em uma imagem que fala por si a quem quiser lê-la, pensa-la...!

do Vocal Esperança e perguntar se ele poderia cantar conosco, o que o grupo assentiu. Também, havia pessoas constrangidas, por não estarem com o uniforme[246] do Vocal e 'andarilha' problematiza mais uma vez, que se estamos falando de inclusão, como que essas pessoas ficariam escondidas para cantar? E assim, começamos a cantar e dançar e a contagiar as demais pessoas a se envolverem nessa roda de afetos e talentos.



Figura 204 – Foto do Grupo Vocal Esperança na abertura da 1ª Conferência Livre da Luta Antimanicomial de Pelotas, 15 de maio de 2017.[247.,248]

Seguiu-se com a fala da força 'usuária' de como percebem a rede, de que o manicômio não é lugar de cuidado, em que se reforçou a necessidade de colocar em análise a rede, pois em municípios que não tem sanatório dão conta da demanda e em Pelotas, chega a ser hilário que muitos das situações acabem no manicômio, mesmo com oito CAPSs[249], Unidade de Acolhimento Adulto - UAA, Unidade de Acolhimento Infantil - UAI, Serviço Residencial Terapêutico - SRT, etc. Reiteram também a necessidade de fortalecer os dispositivos e fluxos

[246] O uniforme já uniformizou muita gente, mas no percurso, em muitas conversas por todas as pessoas do grupo, o mesmo tem atualmente o sentido de identificação e divulgação do trabalho realizado, o que neste momento nos é importante, como forma de sermos reconhecidos, acionados, mostrar nossa presença nos mais diversos espaços, pois além de cantar, a música visa compartilhar mensagens para o repensar da vida, de quem assim se sentir convocado. E assim e não só, temos uma ação política que não se restringe ao âmbito do município de Pelotas, que é efeito de muito diálogo, problematizações, tensionamentos produzidos por todos os integrantes nos encontros. Não é um ou outro nesta ação, um ou outro é que a cada encontro provoca, dispara as conversas. E isso é de uma potência sem tamanho que vai nos liberando dos (nossos) manicômios, ainda que isso precise ser um tarefa permanente de construção coletiva.

[247] Da direita para a esquerda: Izamir Duarte Farias, José Fernando Borges do Amaral, Fernando Oppa, dona Vera Oppa, Thais, Carlos Zacaria, a 'andarilha', Zilma, Tânia, Patrícia e Betinha.

[248] Fotos colhidas no sítio da Associação de Usuários/as dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas – AUSSMPE na rede virtual 'Facebook' e no RAPS – Pelotas, nesta mesma rede em 26 de maio de 2017.

[249] Quais são: Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas, Baronesa, Castelo, Escola, Fragata, Infanto-Juvenil, Porto, Zona Norte.

da RAPS e se indagou sobre a política no atendimento a crise, incluso no que tange a negligência do SAMU e ação da polícia (Figura 205).



Figura 205 – Registro fotográfico do momento em que Janaína passa o microfone para a fala de Pai Zé. 15 de maio de 2017. [250,251]

Para a ‘andarilha’ sentia que nesta composição poderia haver mais uma voz, assim como em todas as atividades construídas na Semana, e havia, em pensamento, sentimento e apoio aos nossos loucos movimentos. A da Mãe Preta! Ela acompanhava nas suas possibilidades, de dentro do hospital, nas nossas conversas por telefone, dado que por ora estava restrito visitas devido a sua situação de saúde.

Posteriormente, a gestão fala de como tem se movido, o que em alguns aspectos, o GAAS entende que sejam respostas ao indagado em ofício encaminhado ao Conselho de Saúde, ante a situação de assassinato do Cláudio por negligencia na atenção, que coloca em questão a rede, documento o qual a gestão de saúde provavelmente tem conhecimento, mesmo que estejam tentando nos enrolar com o protelamento da pauta no referido Conselho. Na sequência, quando se abriu para o debate (Figura 206), houve várias denúncias de violação de direitos, de práticas de violência no sanatório (Figura 206, 207; Anexo F), mas também, esperar o quê deste lugar?!



[250] Registro fotográfico da abertura abertura da Semana da Luta Antimanicomial, 15 de maio de 2017, de uma das falas sobre ‘que rede queremos’, proferida por Luciane Prado Kantorski e do momento em que Janaína passa o microfone para a fala de Pai Zé.
[251] Da direita para a esquerda: José Fernando do Amaral Borges, Ivon Fernandes Lopes, Luciane Prado Kantorski, Carmen Lopes, Uilson Admar dos Santos, dona Edith, Janaína Wilrich.



Figura 206 - Registro fotográfico da 1ª Conferência Livre de Saúde Mental, , 15 de maio de 2017, no turno de trabalhos na tarde.[252]

No turno da tarde, o coletivo da manhã e quem chegou a mais, foram divididos/as em grupos conduzidos por atores/as parceiros/as na Luta Antimanicomial e Reforma Psiquiátrica, dentre eles/as pessoas que foram ou são assistidas na atenção psicossocial, trabalhadores/as de saúde, estudantes de graduação e pós-graduação tanto da UFPel como da UCPel, aproximação que o CAPS Escola acabou facilitando nesse processo de construção da Semana (Figura 206, 207).

Ao mesmo tempo ocorria a reunião do Grupo Condutor Municipal que após ampla discussão, decidiu-se manter a agenda, dado que os vários pontos da rede ainda que acionados, não estavam participando deste espaço e que são ou deveriam ser pontos de atenção psicossocial. Na penúltima reunião do GCMSM a gestão de saúde se ocupou em convocar os mesmos. Por isso não se quis alterar a data, que fora agendada antes do processo de construção de como seria a Semana da Luta Antimanicomial em Pelotas. E surtiu efeito.

Após essa reunião, esse grupo se integrou na Conferência e apresentou relato da reunião na tarde, o qual a 'andarilha' não recorda, pois em atividades que se envolve na organização, tende a ficar tensa. Recorda que esse grupo explanou em que consiste o Grupo Condutor, seus/suas integrantes, uma das formas de gestão compartilhada da saúde mental também implicado com a produção de diferença, assim como a CMSM, que foi esquentada,

[252] Na primeira fileira, Tânia Maria Soares, a 'andarilha', Larissa Dall'Agnol, Nilza Bete Campos da Silva, Zilma Rodrigues da Silva e Thais da Silva Nogueira.

mas que podem esfriar se a força da militância que habita a cada um/a de nós não a manter aquecida, não se manter quente.

Na Conferência, um jornal da cidade procura-nos para fazer entrevista. Primeiramente procurou a gestão da saúde mental, ao que uma das companheiras se atravessa, com vistas que a notícia fosse condizente com a realidade em debate e com o que desejamos alterar na mesma, produzindo-a. Ainda, a pessoa da entrevista, nessa oportunidade de aproximação com a luta, insistia para que outra pessoa também desse entrevista. Eis que a 'andarilha', a partir de um de seus lemas importado do nome do Programa na 'Gente como a gente', começa a se sentir incomodada que pessoas que foram ou são assistidas nos dispositivos do que seria a RAPS não estavam sendo acionadas, o que não parecia ser intencional da entrevistadora, mas pelo quê de manicomial que está diluído no tecido social. Deste modo, apresenta o Pai Zé a entrevistadora e pergunta a ambos se era possível a entrevista. Aceitam. Pelo que viu, foi uma longa conversa. E a fala do pai Zé consta no jornal (Anexo CC).

O trabalho dos grupos foi norteado pela questão – que RAPS queremos? Após uma hora e meia de conversa e trabalho, os grupos apresentaram as suas construções reconhecendo as potencialidades, fragilidades e apontando caminhos (Figura 206, 207), as quais foram sistematizadas na Carta da Luta Antimanicomial de Pelotas. Após esse momento, se abriu ao debate e pontuações. Foram registradas moções de apoio e repúdio que também se somaram na Carta.



Figura 207 – Registro fotográfico do momento de apresentação da sistematização dos trabalhos de grupo, 15 de maio de 2017.

Ao fim, o texto introdutório da carta que contextualiza o processo deflagrado em Pelotas e afirma pelo quê nos movemos, após consultar algumas pessoas da Associação seu Uilson Admar Santos se dispôs a ler a Carta (Figura 208), reiterado que todas as propostas e moções seriam agregadas a mesma.



Figura 208 – Registo fotográfico da leitura da Carta da Luta Antimanicomial de Pelotas, 15 de maio de 2017.

Realizada então, a 1ª Conferência Livre de Saúde Mental de Pelotas, "onde foi feita a Carta" como nos diz Ferreira (2017b). Na Conferência, engenho de encontros, se constrói uma Carta que reúne o que se almeja para rede de atenção psicossocial em Pelotas. Como nos relata Nascimento (2017b),

> lá dentro do Jandirão da gente poder conversar, fizeram quatro equipes, dentro dessas quatro equipes saiu vários, foi abordado vários segmentos do que seria melhor para uma RAPS fortalecida, e o que que a rede realmente estava precisando, então, daí, surgiu essa Carta aí (NASCIMENTO, 2017b)

O evento foi encerrado com convite para as atividades da terça, quarta, quinta e sexta-feira, agradecimento a todas as pessoas envolvidas neste processo, instituições que apoiaram. E realizada uma foto deste momento histórico de luta, da história da Loucura em Pelotas, da 1ª Conferência Livre de Saúde Mental, com praticamente todas as pessoas presentes, co-produtoras deste momento, implicadas, com transformações sociais (Figura 206, 207, 208, 209).



Figura 209 – Registro fotográfico do encerramento das atividades da 1ª Conferência Livre da Luta Antimanicomial de Pelotas, 15 de maio de 2017.

Da Conferência, ‘a andarilha’ devido a entrevista concedida pelo pai Zé, procurou o que que foi publicado nos jornais da cidade, como Diário Popular (Anexo CC) e Diário da Manhã (Anexo DD). No diário Popular constam as vozes da gestão, de companheira do GAAS e de quem sentiu na pele o manicômio e foi assistido em Centro de Atenção Psicossocial no município. No jornal Diário da Manhã, foi praticamente cópia literal dos textos produzidos pelas pessoas envolvidas na Comissão de Organização da Semana. Um estudante da UCPel demandou entrevista sobre a Semana. A Comissão que estava finalizando as atividades de organização, solicitou que nos deixassem as questões para respondermos coletivamente e remeter ao mesmo via e.mail. As questões nos ajudaram a pensar sobre o que estávamos fazendo e por que, o que respondemos com o seguinte texto escrito:

> 1) Qual a importância da Semana da Luta Antimanicomial?
> Frente a conjuntura política atual, onde se tem verificado o desmonte das políticas públicas que interferem diretamente nos direitos sociais e tem afetado a saúde mental, há um reavivamento das forças de lutas de resistência onde é necessário o fortalecimento no sentido de garantir e seguir avançando na consolidação da reforma psiquiatra, reafirmando o direito do cuidado em liberdade.
> 2) Quais desafios são enfrentados atualmente?
> A consolidação da Rede de Atenção Psicossocial – RAPS, instituída pela portaria 3.088 de 2011, fomentando a implantação e implementação dos diversos pontos e fluxos de cuidados que garantam o cuidado em rede e em liberdade.
> 3) Quais objetivos foram alcançados nesses 30 anos de luta, e qual importância para comunidade acadêmica?
> A promulgação da primeira lei de reforma psiquiátrica do país, no RS em 1992 e posteriormente com a lei nacional, em 2001, quando o estado brasileiro assume os princípios da reforma psiquiatra em uma política nacional que consiste na construção de uma rede de atenção psicossocial territorial, que se dispõe a uma desconstrução dos manicômios focados no cuidado asilar, por um cuidado em rede em uma perspectiva psicossocial. É importante ressaltar que é um modelo que vem sendo construindo de forma democrática por diversos atores sociais envolvidos no processo.
> 4) Qual a importância para formação acadêmica?
> A participação em movimentos sociais é fundamental no processo de formação enquanto construção de cidadania, possibilitando o surgimento de novos atores sociais, preparados para o trabalho que exige mais do que conhecimento técnico, mas que estejam atentos as dimensões técnico, político e administrativas do cuidado e o fazer do dia a dia em saúde.
> Construído coletivamente na Comissão de Organização da Semana da Luta Antimanicomial no dia 11 de maio de 2017, em reunião no CAPS Escola.



Figura 210 – Cartaz produzido por trabalhador/a no Gabinete de Fernanda Pinto Miranda, vereadora, 12 maio de 2017.

Na terça-feira, aconteceu a Audiência Pública (Figura 210; Anexo F), na qual foi apresentado o colhido pela vereadora Fernanda Pinto Miranda em visitas aos serviços de atenção psicossocial, principalmente, em suas andanças pelos CAPS do município (Anexo F). Seguiu-se com a fala de seu Ivon Fernandes Lopes, representando a Associação, de Claudionei Fernando Oliveira Ferreira, que preside a CMSM, da gestão na voz das Coordenadoras dos Serviços, a fala de Rodrigo Vital, Terapeuta Ocupacional, o qual fez uma significativa análise de porque Pelotas, ainda mantém um manicômio, com reflexões extremamente pertinentes a realidade vivida (Anexo F).

Dentre essas questões a ‘andarilha’ pinça o que lhe afeta, dado que muitas vezes, por pensar assim em alguns aspectos, sentiu-se ‘fora da realidade’, quase constrangida praticamente a concordar com modos de funcionamento dos CAPS, mesmo que na política pública esteja previsto outra coisa e que no processo da Luta Antimanicomial vislumbramos outras perspectivas no que se refere a produção de autonomia, protagonismo, empoderamento, cidadania e dignidade, com amorosidade, diálogo, problematização, que em alguns momentos destoa um pouco do comumente encontrado e que também não nos percamos daquilo que defendemos e acreditamos.

Os CAPS atendem alguns tipos de crise, entretanto as mais intensas e as ‘fora do horário de funcionamento destes serviços’, pois ‘não há como agendar o surto’ (RIBEIRO, 2017), uma sátira crítica às formas de acolhimento em alguns serviços, e que muitas destas situações são remetidas ao Espírita, salvo exceções. Além disso, muitos destes serviços tornaram-se exímios espaços de convivência, que ‘a andarilha’ ouve vez ou outra o pronunciamento de pessoas assistidas nos mesmos e que dizem com frequência que é como a sua casa, dentre elas o Pai Zé “é a minha segunda casa” (BORGES, 2017), e afirmam porque de fato é um espaço muito bom e se vai onde se acha que se vai encontrar guarida para os nossos viveres. Mas, a função do CAPS “não é ser bom” (VITAL, 2017; Anexo F), é de atender situações de sofrimento psíquico severas ou persistentes que demandem um cuidado mais intensivo, mas não de tutela, é ser um lugar de passagem. Não é ser a ‘nova’ ‘casa dos loucos’ (SILVA, 2016). É outra.

Os CAPSs são para ser um local de passagem, pois a terapêutica está na vida, nas relações sociais, nas conexões. Na perspectiva da ‘andarilha’ sim, o trabalho é muito bom, mas de fato, está repleto de ações que não são exatamente sua função, o que talvez mantenha desassistências e/ou ‘manicomializações’. Inclusive, por mais perigosa que seja essa indagação - seria necessário esse número de CAPS em Pelotas, se houvesse rede viva, e(m) fluxos e apostas de que as pessoas sejam artistas da sua própria existência?

Outra pontuação de Vital (2017; CAMARA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2017b), que sob a perspectiva da ‘andarilha’ é pertinente, de que Pelotas do modo que a rede de saúde está organizada, terceiriza vários aspectos do cuidado em saúde mental, e que isso é cômodo para muitas pessoas (Anexo F; CAMARA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2017b). É cômodo, pois ao segregar uma pessoa, não se há notícias da mesma, ainda mais em se tratando do Espírita, nem ao menos a família tem acesso por uns 15 dias. Cômodo, pois a implicação do serviço acaba sendo relativa, é transferida para um serviço que está permanentemente de portas abertas. Cômoda também, porque se avança na perspectiva neoliberal, de sucateamento do público e investimento no privado criando uma pseudo ideia de resolução dos problemas. Dentre outros aspectos de comodidade.

Após a fala do mesmo, seu Uilson Admar Santos foi consultado, se aceitaria ler de novo a Carta da Luta Antimanicomial de Pelotas construída na 1ª CLSM, comentado que a mesma havia ficado extensa com a agregação das propostas. Aceitou. Sentimo-nos representados/as. Santos (2017b) expressa como se sentiu lendo a mesma:

> o coração da gente bate a mil, vê aquela multidão toda, trabalhadores, usuários, amigos, colaboradores, pessoas que estão junto no mesmo barco, remando, na luta incansável que é uma luta nossa, de todos e todas, mesmo estando de fora, me sinto satisfeito de ser aceito assim, li a carta, que saiu da Conferência Livre de Saúde Mental, levei ao conhecimento de todos as nossas necessidade, apoiado por todos, universidades, todos envolvidos na mesma luta, quando leio uma carta assim, sou porta voz dessa carta, me sinto um pouco constrangido, e eu levei essa carta encaminhada por todos, com a força de todos, espero que essa carta tenha sido bem compreendia por todos e acho que foi...foi aqui nesse lugar [Programa Gente como a Gente, Rádio Com] que aprendi a falar no microfone e a me expressar....e a minha voz não vão me calar... quero agradecer a todos que me deram força, que me apoiam (SANTOS, 2017b)

Após a leitura da Carta, se abriu para o debate. Houve vários comentários. Entretanto, na tarde da Conferência, um grupo em conversa com a vereadora, dentre essas pessoas a ‘andarilha’, lembra de que não poderíamos sair da Audiência sem encaminhamentos. Deste modo, são: que se cumpram as propostas da Carta, que as mesmas sejam inclusas na Conferência Municipal de Saúde de Pelotas, e outra plenária e/ou Audiência para acompanhamento do que for sendo tecido a partir de então, em aspectos gerais, tais como para

o fechamento do Hospital Espírita, investimento na RAPS e na ativação e desenhos dos seus fluxos em consonância a vontade das pessoas manifestada na Conferência, em consonância a Política Nacional de Saúde Mental e fazendo jus as Leis da Reforma Psiquiátrica, a gaúcha de 1992 e a de quando se nacionaliza em 2001.

Importa registrar o que assinala Nascimento (2017b):

> a gente não pode deixar de ressaltar que lá na câmara de vereadores, gente teve lotado, lotou o plenário, as cadeiras, os corredores, estava lotado dos profissionais, usuários dos Caps e lá a gente debateu vários tipos de assunto e por incrível que pareça a gente começou a pauta da RAPS e do que a gente está precisando dentro da rede, inclusive seu Uilson que é locutor aqui com a gente, que faz parte da Associação e da rádio aqui, como usuário também, fez a lida da carta, e a gente notou a ausência dos vereadores de Pelotas, uma Audiência Pública de tanto valor que nem a nossa, que é da Saúde Mental de Pelotas, e dentre outras néh, entre outras redes da RAPS, incluindo técnicos, médicos, incluindo toda a rede, e a gente nota que os vereadores, por incrível que pareça, deixam a desejar que lá é a casa do povo (...), mas eles também tem que estar presente para saber das dificuldades do povo, eles tem que saber dos problemas que a gente tem no seu dia a dia (...) a Saúde Mental está se doendo por isso, pois não foi a primeira audiência e sempre é a mesma coisa....(...) parece que a Saúde Mental pra Câmara de Vereadores não serve, parece que a única coisa que serve é tapar buraco na rua...na verdade mesmo deixar assessor tomando conta das audiências, é uma pouca de uma vergonha. (NASCIMENTO, 2017b).

Encerra-se este dia apresentando os encaminhamentos produzidos nesta Audiência, o que a ‘andarilha’ lembrou no dia da Conferência de que não poderíamos sair da Audiência, sem os mesmos, e que em conjunto, nas nossas ventanias, rascunhamos, nós, a vereadora Fernanda Pinto Miranda que pela Comissão de Saúde demandou a Audiência, a Larissa Dall’Agnol, a Priscila Borges da Silveira e a ‘andarilha’, sentadas no palco do Auditório Dom Antonio Zattera enquanto aconteciam os trabalhos de grupo, quais foram: de fazer valer a voz da Luta Antimanicomial no município, no fortalecimento da RAPS, pela valorização dos profissionais, enfrentar o sucateamento dos serviços, inclusão das propostas produzidas na Conferência Livre na Conferência Municipal de Saúde para fins de compor o plano de saúde e serem executadas, bem como uma outra Audiência Pública chamando também outros/as atores/as como a 3ª Coordenadoria Regional de Saúde, Ministério Público, mapeamento dos pontos e revisão dos fluxos entre os mesmos na Atenção Psicossocial (CAMARA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2017b).

Também, averiguar os recursos da saúde, origem e investimento, mapeamento e dos desfechos de pessoas atendidas pelo SAMU em situação de crise, mapeamento de quem está acessando, como, acompanhamento, que vinculação com a rede de saúde das pessoas que tem acessado o Espírita, ampliar interlocução e envio da Carta da 1ª CLSM ao Ministério Público, sobre os recursos investidos no Espírita, averiguar quais e se não pode ser redimensionados noutros pontos da rede, encaminhamento das denúncias de violência institucional no Hospital

Espíritas, explicitadas na 1ª CLSM, ao Ministério Público e Conselho Municipal de Saúde, para fins de dar visibilidade e que não aconteçam mais dentro do Espírita, e prazo e ações pontuais para o fechamento do mesmo e que para tanto é preciso ter os Serviços de Urgência e emergência no município operando na perspectiva da Reforma Psiquiátrica Antimanicomial, os CAPS do mesmo modo e leitos em Hospital Geral (CAMARA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2017b).

Importa registrar, que a vereadora informa que esse movimento não é do PSol, e nem de seu gabinete, mas sim, que é um movimento que acontece desde há muito tempo no município de Pelotas, "é um movimento fortalecido pelos usuários, pelas pessoas que compõem a saúde mental, pelos servidores que estão ali, por todo uma rede" (Anexo F), e que devido a isso, a 'andarilha' se pergunta, porque essas vozes não foram ouvidas no seu tempo histórico, ou por que recém agora estamos mais ou menos sendo ouvidos, e dentre as respostas, encontra que a rede e a cultura ainda é manicomial, que o discurso da loucura como doença ainda vigora, e que há interesses políticos, partidários e econômicos em sustentar um modelo que afronta a vida, que vai contra o direito dessa experiência humana, pois que vale a vida? Ou que vidas valem a pena, pra quê, como? A resposta deveria ser todas na sua potência de existir não como objeto da indústria, da economia, das forças de poder e saber, do capitalismo. E que se nossas vozes estão sendo de algum modo ouvidas, se deve a persistência como dizia a Mãe Preta (SILVA, 2016), a junção de forças como assinalou a vereadora Fernanda (Anexo F), e que ao que o pai Zé disse para colocar no folder da Aussmpe "juntos somos mais fortes" (BORGES, 2016).

Também, encerra-se esse momento narrativo da Audiência, com o registro no anexo F, com as fotos que seguem de que este momento contou com muitas pessoas implicadas com a produção de saúde (Figura 16), e com uma postagem colhida no sítio da Aussmpe na rede virtual 'Facebook', com a seguinte frase "e assim a vida segue, uns gritam seus sentimentos e ninguém os ouve, já outros silenciam o que sentem e muitos escutam! Aussmpe!" (AUSSMPE, 2017). A 'andarilha' presume que seja um recado ao processo de construção da Semana da Luta, de pessoas que dispararam, teceram junto e se sentiram incluídas, ouvidas.

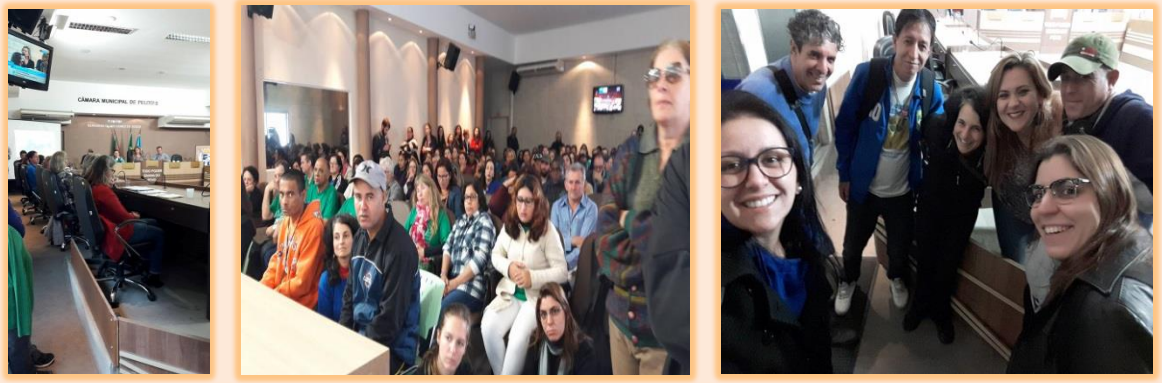


Figura 211 – Registros fotográficos da composição da mesa na Câmara Municipal de Pelotas, do público presente na Audiência e de pessoas que tem andado juntas no GAAS, Câmara Municipal de Pelotas, 16 de maio de 2017.[253]

Na programação da Semana da Luta Antimanicomial, integrava a agenda o Encontro de Trabalhadores/as da Atenção Psicossocial e o se somar ao I Encontro da Diversidade (Figura 212). Do encontro dos/as trabalhadores/as, conforme relatos das pessoas envolvidas na construção da Semana deliberaram por operar com a Educação Permanente em Saúde, e pela realização de Fórum Permanente dos Trabalhadores/as da Saúde Mental. Do encontro de muita gente que não se conversa ou conversava. Visualiza-se a produção de conexões imprescindíveis a produção da rede. É produção de diferença. De encontro. De colocar situações problema na mesa e gerar saídas. E não que esse processo será fácil, mas certamente produtivo. Espera-se que com o tempo, o mesmo se amplie! Mas, é algo que brota e que tem potência na produção da RAPS.



Figura 212 – Cartaz produzido pelo Diretório Acadêmico do Serviço Social da Universidade Católica de Pelotas – UCPel, 12 de maio de 2017.[9]

[253] Na foto da composição da mesa: representação da Universidade Católica de Pelotas, do Grupo Condutor Municipal, da Associação de Usuários/as dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas – AUSSMPE, da Comissão Municipal de Saúde Mental, da Câmara Municipal de Pelotas no caso pela Fernanda quem encampou essa pauta neste espaço; a outra foto do público presente na Audiência, e a terceira foto da direita para a esquerda: Larissa Dall'Agnol, Claudionei Fernando Oliveira Ferreira, Fernanda Pinto Miranda, Ivon Fernandes Lopes, Ivo Airton Ferreira Gomes, Priscila Borges Silveira.

Ao mesmo tempo acontecia primeira atividade desmistificando o preconceito quanto as pessoas que se declaram Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais – LGBTT[254], (Figura 213), como forma de afirmar o movimento, assim como quando nos dizemos a nós mesmos como 'loucos/as', em uma ressignificação de afirmação (ALVES, 2017), ao mesmo tempo, acontecia na Câmara Municipal a discussão sobre leitos em Pelotas, do que ficamos sabendo pelo seu Uilson Admar Santos que tem acompanhado as transmissões ao vivo deste local que existe para ser de fato e de direito a 'casa do povo' reivindicar suas necessidades .



Figura 213 – Convite para o evento produzido pela Comissão Organizadora do Evento. Maio de 2017.

Em um primeiro momento se tencionou com a ideia de reunião dos/as trabalhadores/as justamente na semana da Luta Antimanicomial e por ser uma segmetarização a pensar qual o cuidado que o outro precisa, sem o outro, entendendo que poderia acontecer noutro momento e não na semana da Luta, também dado a importância de aproximação com o movimento de luta da população LGBTT e o que vivem no cotidiano, que muitas vezes, os serviços de saúde de modo geral negligenciam cuidados, etc. Via-se como uma oportunidade se somar a essa luta, a esse cultivo de jeitos de estar no mundo sem ser alvo de preconceitos, fascismos, desassistência, constrangimentos, etc. Entretanto, as três atividades de alguma forma se somaram e foram potentes, pela invenção e resistência.

A atividade LGBTT seguia no turno da tarde, no Mercado Público. Havia várias pessoas dos mais diversos serviços de saúde do município, dentre estes, da atenção psicossocial. A 'andarilha' faz esse registro, pois estas aproximações e diálogos são importantes para se avançar na atenção a saúde. O pessoal vinculado ao GAAS se ocupou de tecer em paralelo a esse momento que acontecia no Mercado Público, às faixas que seriam utilizadas no dia 18. Uma das mesmas dizia "Dia 17 e 18, Aussmpe e LGBTT na luta contra o preconceito" e a outra "Humaniza e despatologiza a loucura e a identidade de gênero" (Figura 214). Também, a prefeita deu uma passada no local. Fez sua fala e menção as pessoas que

[254] Há também o uso da sigla LGBTTTI, como Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgênero e Intersexo.

estavam desenhando e pintando a faixa e ecoou o grito ‘Fecha Espírita’ (Anexo F). Obviamente, disse que nos receberia no dia seguinte e não se demorou no local.



Figura 214 – Registro fotográfico de participação em atividade realizada pelo movimento LGBT de Pelotas e de construção das faixas para o 18 de maio em paralelo a essas manifestações sobre essa luta e apresentações artísticas. 17 de maio de 2017.

Na reunião da Comissão de Saúde na Câmara Municipal de Pelotas, atividade da qual ficamos sabendo pelo garimpeiro Uilson, uma parcela de vereadores/as contestaram a Audiência pública do dia anterior, que nada mais era do que a tentativa de se fazer ouvir a voz popular, esta tão silenciada. Apresentaram projeto para burocratizar o processo de audiências

públicas, com vistas a dificultar as reinvindicações e voz do povo. Na discussão dos leitos, houve tensões com uma companheira do GAAS, que junta com outra se deslocaram esta plenária (Anexo F; CAMARA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2017c). A reação tanto do vereador que coordenava os trabalhos quanto da Secretária de Saúde foi machista, estavam com medo de quê (CAMARA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2017c)?! Ao mesmo tempo, é efeito de que se está conseguindo mexer nesses rios, que são comprimidos pelas suas bordas.

Quinta –feira, foi o dia Luta Antimanicomial na rua. A mesma foi divulgada em vários veículos de comunicação. Dentre eles na Rádio Com, no programa Gente como a Gente, nas redes virtuais, como o 'Facebook' (Figura 215):

Luciano Do Nascimento

Ontem às 14:18.

Dia 18 de maio o dia da nossa luta no calçadão da 7 em pelotas RS. O dia da saúde mental ...a loucura esta a solta livre ....dia antimanicomial e esta turma vai estar lá e muito mais ...marque sua presença e compartilhe esta ideia fique ligado ...apoio Radiocom Pelotas e Radiocom Gentecomoagente e Aussmpe Pelotas e demais Caps da cidade !!!

Postagem de Luciano Nascimento em 12 de maio de 2017.



Figura 215 – Registro de divulgação da atividade do 18 de maio da rua.[255]

Várias pessoas se reuniram no Chafariz da popular 'Esquina Democrática' de Pelotas (Figura 216), aconteceu música, dança, manifestações, microfone livre, uma composição, um dia de celebração pela Lei e de marcação da importância dessa luta, principalmente nos tempos atuais de desmonte dos direitos sociais em todas as esferas de governo, devido a corrupção política partidária, ao capital internacional no país que acumulam lucros com a produção de crises (SANTOS, 2017), aos avanços do modelo neoliberal que prevê a diminuição da função



Figura 216 – Cartaz produzido pelo Diretório Acadêmico do Serviço Social da Universidade Católica de Pelotas – UCPel, 12 de maio de 2017..

[255] Capturado do sitio de Luciano Matos do Nascimento na rede virtual 'Facebook'. 17 de maio de 2017. Estão na foto da direita para a esquerda Luciano Matos do Nascimento, Claudionei Fernando Oliveira Ferreira, Uilson Admar Santos.

do estado e a redução de investimentos em políticas públicas, com aporte midiático criador de opinião, dentre outros aspectos.

Então, se tem presente, que o alinhamento político com governantes da alcunha da direita partidária será motivo de enfrentamentos, dado que o processo histórico e atual tem mostrado quais são seus reais interesses, ainda que seja necessário conversar, negociar, pactuar com essas pessoas, dado que isso é um dos atributos do processo democrático, de não decidir pelos outros, e a capacidade de diálogo para se tecer horizontes menos excludentes.

Na Esquina Democrática foi um festival de encontros, de músicas, de conversas, de falas sobre a Luta Antimanicomial, sobre o momento vivido, alegrias, emoções e início da gravação de recados a Mãe Preta (Figura 217). A ‘andarilha’ quando chegou até esse local teve uma crise de choro, achava que não iria conseguir mais parar, pois foi onde tudo começou, onde conheceu o Pai Zé, a Mãe Vanilda, o Seu Ivon, o Seu Uilson. E desde então, que andarilham juntos por diversas esquinas da vida. Também, foi um impacto forte chegar e se deparar com a ausência da Mãe Vanilda, que sempre esteve junto nestes momentos, em todos esses anos, mesmo que em um deles a ‘andarilha’ tenha se movido para Rio Grande e devido a um acontecido com a mãe Vanilda em reunião da Comissão de Saúde Mental de Pelotas, e que mexeu consigo. Foi uma forma de r**existência**.

Ela não estava neste dia na Esquina Democrática, pois esta sob cuidados devido a sua situação de saúde. A ‘andarilha’ fala com ela todos os dias, mas não é a mesma coisa que a presença física. Mas o querido pai Zé a consolou, dizendo que isso é coisa da vida. E é. Mas, a gente sente. Também é um sinal de que estamos vivos nessa sociedade que em muito nos expropria, até a subjetividade. Ela e seu pai Zé, se engajaram em fazer gravações de recados à mãe Preta de ambos, pois pai Zé recriou os arranjos familiares. Se dizia filho da Mãe Preta e pai da ‘andarilha’, que também se considerava filha da Mãe Preta. Seu Uilson, também se ausentou um pouco do momento, pois foi acompanhar sua companheira em visita ao seu enteado no Hospital Espírita, bem onde ele não queria que o mesmo estivesse, mas foi a alternativa no momento.

Da Esquina Democrática, foi sugerido pelo seu Vagner, Ivon, Ivo e a ‘andarilha’ de se levar a Tenda do jeito que estava montada, até o largo do Mercado Público. Seu Ivon nominou como Tenda Andante (Anexo F), vídeo que está circulando nas redes virtuais, postado no sítio da Aussmpe no ‘facebook’. A Tenda é uma metáfora do que se sustenta no tempo e se reinventa ante as diversas forças do vento, assim, como os movimentos na e da Luta Antimanicomial. Movimentos de cultivo da sociedade que se deseja. Em um dos encontros, daqueles poucos visíveis, a ‘andarilha’ se encontra com uma pessoa aparentemente

muito encabulada, quieta, envergonhada, mas que aos poucos, com conversas, fotos, foi entrando no enredo, e enquanto levávamos a Tenda e os materiais, dançando, cantando, ela dizia ‘nós somos tudo louco mesmo’ e parecia estar gostando do que estávamos fazendo. Talvez estivéssemos experimentando sensações de liberdade (Anexo F).

Uma comissão de pessoas, compostas pela ‘força usuária’ e trabalhadores/as foi conversar com a Prefeita. Já haviam entrado. E essa pessoa, aparentemente tímida, pede a ‘andarilha’, ‘eu queria ir lá junto na sala da Prefeita’, sala que não é da prefeita, é do povo. E a ‘andarilha’ foi com ela ate lá apontando onde era a sala e que ficasse bem á vontade para entrar. Subvertendo as ‘ordens’. Muita gente precisa entender que somos gente que nem qualquer pessoa independente de cargos, funções, saberes e poderes. A ‘andarilha’ soube depois que uma pessoa que é assistida na rede e seu companheiro foram barrados de entrar.

Nesta conversa, conforme relatos das pessoas que participaram da conversa, explicaram das motivações da Luta no momento, do investimento na RAPS e não no Espírita, lhe entregaram em mãos a Carta da Luta Antimanicomial, também falaram do Mental Tchê, como evento de encontro dos movimentos sociais, da força mentaleira do estado do RS, ao que a prefeita e Secretária disseram desconhecer. Foi solicitado ônibus para tal. A mesma não assentiu, mas encaminhou que a Secretária se ocuparia disso. A prefeita reitera sua posição, na qual apoia o Hospital Espírita temerosa de que ‘os loucos’ fiquem ‘desassistidos’. Mas, deixa-nos, loucos livres, essa é a nossa melhor terapêutica, senhora Prefeita, é a liberdade.

Após foi noticiado no largo do Mercado, em alto e bom tom no microfone, que haveria ônibus ao Mental Tchê da Resistência e já rendeu constrangimentos necessários ao poder público, escapes de seus controles. Também, foi publicada nota deste encontro no site oficial da Prefeitura, em que a fala dos usuários e trabalhadores não consta. Porque será? Exatamente no dia da Luta, em que uma das nossas bandeiras é a luta por voz, o cultivo de que todos os saberes podem dialogar, que tentam as soterrar no submundo das forças de poder (Anexo EE), só porque essas vozes dizem a verdade?



1



2


3


4


5


6


7


8


9


10


11


12


13



14


15


16



17


18


19



20



21



22

Figura 217a – Fotos da marcação do movimento de Luta Antimanicomial na Esquina Democrática de Pelotas/RS, 18 de maio de 2017, manhã.[25]

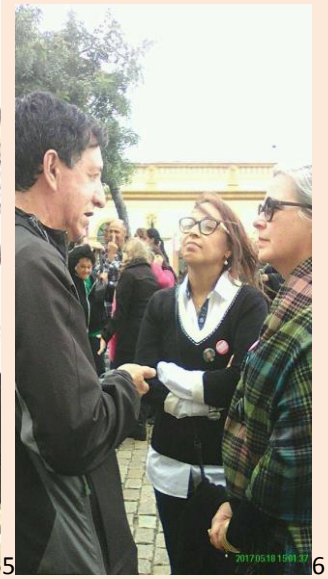

1


2

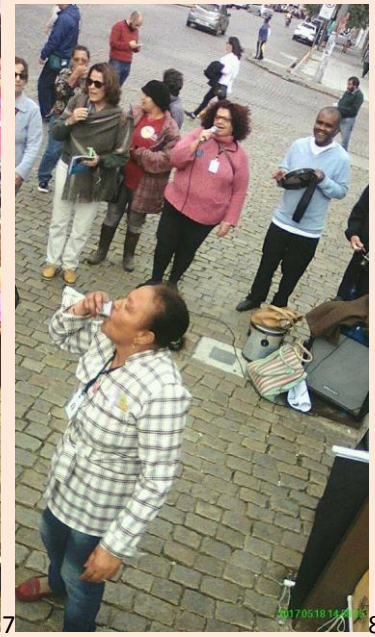

3


4


5

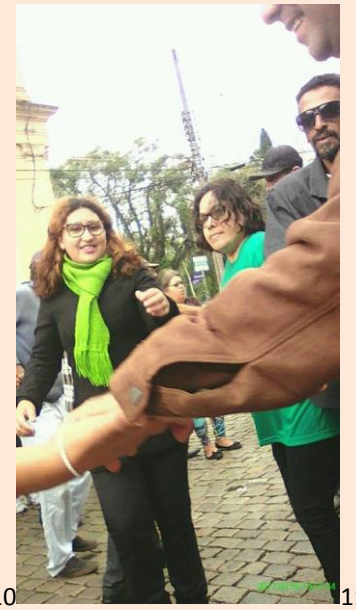

6


7


8


9


10


11


12



Figura 217b – Fotos da marcação do movimento de Luta Antimanicomial no Largo do Mercado Público, 18 de maio de 2017, tarde.[256]

Os movimentos dos corpos, as expressões, as feições mostram que se faz a luta com alegria e inventividade, não sem o tempero de algumas tensões, misturando os/as atores/as que se dispõem a essa dança da luta coletiva por uma sociedade sem manicômios. Encontros, festas, dança, articulações, celebração do cuidado em liberdade, movimenta_ações.

[256] Descrição de pessoal em algumas fotos, da esquerda para a direita: Foto 1 - José Fernando do Amaral Borges, Vagner Berchon Essarts; Ivo Airton Ferreira Gomes; Luciano de Matos Nascimento; Claudionei Fernando Oliveira Ferreira; Foto 2 – pessoas se somando na atividade que marca o dia Nacional da Luta Antimanicomial em 18 de maio de 2017, na Esquina Democrática; Foto 3 – 'a andarilha', a Clarice Eliane Duarte da Silva, o pai José Fernando do Amaral Borges; Foto 4 - José Fernando do Amaral Borges, Ivon Fernandes Lopes, Larissa Dall'Agnol da Silva; Foto 5 – A 'andarilha', Dejanira Barbosa Lopes, José Fernando do Amaral Borges; Foto 6 - pessoas se somando na atividade do 18 na Esquina Democrática; Foto 7 – Pai José Fernando do Amaral Borges com outras duas pessoas que de artes fazem um modo de subsistência; Foto 8 – Pai José Fernando do Amaral Borges na Livraria, realizando educação em saúde, ao narrar para a atendente como foi sua vida no sanatório e a 'andarilha' presenciou espanto de parte da mesma que lhes dizia que achava que não era assim, enquanto seus olhos marejavam; Foto 9 – Maicon e seu colega; Foto 10 – Pessoas participantes no 18 de maio e assistindo a apresentação do Grupo Invernada Artística; Foto 11 – Marcos Aurélio Matos Lemões e José Fernando do Amaral Borges; Foto 12 – Everton Antunes Ribeiro; Foto 13 – Luciano de Matos Nascimento e Maiquel; Foto 14 – Ivon Fernandes Lopes e Vagner Berchon Essarts; Foto 15 – Maiquel e Ivon Fernandes Lopes; Foto 16 – Grupo Invernada Artística em apresentação; Foto 17 – Clarice Eliane Duarte da Silva, Ivon Fernandes Lopes e Vagner Berchon Essarts; Foto 18 - Ivo Airton Ferreira Gomes, Larissa Dall'Agnol da Silva; Foto 19 - Claudionei Fernando Oliveira Ferreira e Vagner Berchon Essarts; Foto 20 – registro das movimentações na atividade do 18 de maio; Foto 21 - Pai José Fernando do Amaral Borges; Foto 22 - Claudionei Fernando Oliveira Ferreira. 26 Descrição das fotos, da esquerda para a direita: Foto 8 – Santa Helena De La Sierra, Angela Teresa Nobre Pereira, Gestora de Saúde Mental no município de Pelotas. Foto 9 – Rodrigo Vital e outras pessoas. Foto 10 – Larissa Dall'Agnol Silveira. Foto 11 – Izamir de Farias Duarte, Cantor de MPB; Angela, Thais. Foto 12 – Pai Zé a 'andarilha'; Foto 13 – Pai Zé e seu Uilson; Foto 14 – Seu Mário, Patrícia Lima Ilha, Cantor de Música Popular Brasileira.

As manifestações combativas e festivas do 18 de maio se emendaram ao movimento ‘Fora Temer’ que concentrou uma multidão de pessoas no Largo do Mercado (Figura 218), onde estávamos, que levou a venda de todos os bottons da Associação que continham esse recado (Figura 219). Somou-se muita gente nessa marcha.



Figura 218 – Manifestações Fora Temer em 18 de maio de 2017.



Figura 219 – Imagem do botton ‘Fora Temer’

Participamos um pouco e rumamos ao Conselho Municipal de Saúde (Figura 220), pois já que ainda não tinham considerado a ‘saúde mental de Pelotas’ como pauta, fomos fazer valer, para dar a conhecer a todos/as os conselheiros/as e convidados/as presentes, de que não havia sido considerada ainda na pauta o pedido de e encaminhamentos quanto a negligência da Saúde que culminou no assassinato do Cláudio e encaminhamentos na composição da rede de atenção psicossocial.



Figura 220 – Participação em reunião do Conselho Municipal de Saúde, turno da noite, 18 de maio de 2017.

O conselheiro Claudionei pediu a palavra, que repassou ao seu Uilson que leu mais uma vez a Carta (Figura 221). Enquanto seu Uilson lia a Carta, a ‘andarilha’ experimentava a sensação de estar na ‘cova dos leões’, pois sentia-se indiferença e naturalização em relação situações referentes a Saúde Mental (Anexo FF), ainda que se tenha encaminhado, a partir de fala de outros/as conselheiros/as, que seja colocado em pauta no Conselho o que pela segunda vez estava sendo demandado. Prosseguimos na reunião, e se apresentou recursos que sobraram do ano de 2016 a serem investidos e há 600 mil reais para gestão e saúde mental. Indagou-se sobre plano de aplicação, reiterou-se a necessidade de ofertas em termos de qualificação da RAPS. As respostas foram de escamoteamentos. Mas, com essa informação, pode-se reivindicar na Conferência Municipal de Saúde como sinalizado por Ferreira (2017).



Figura 221 – Participação em reunião do Conselho Municipal de Saúde, leitura da Carta da Luta pelo seu Uilson, 18 de maio de 2017.

> a gente sabe que as dificuldades tem em toda a rede, não só nos CAPS, da Atenção Básica, não funciona como a gente queria que funcionasse, a gente tem uma conferência municipal de saúde esta ano, temos autonomia, temos voz para lutar

> pelo psicossocial aqui em Pelotas, somos referência para muitos municípios pequenos aqui da região (FERREIRA, 2017b).

Um dos conselheiros que esteve na 1ª CLSM, solicitou que fosse suprimido a participação do Conselho neste evento, pois mesmo sendo conselheiro, estava no evento como cidadão, ainda que na sua assinatura tenha colocado vinculação ao mesmo. As pessoas que sistematizaram a relatoria e carta, no caso a 'andarilha' e outra companheira militante do GAAS, averiguaram que na redação da Carta consta múltiplas possibilidades, ou seja, não se afirma que as pessoas seriam ou não representantes de instituições, e que não havia um único conselheiro e sim mais dois, da Aussmpe, aos quais foi consultado e se manteve o Conselho. Que era isso, se não, mais de nossos manicômios mentais?

Na sexta-feira pela manhã, roda de conversa sobre 'Políticas de equidade e saúde mental" com Djeniffer Rodrigues Coradini e Miriam Cristiane Alves (Figura 28) seguido de entrevista na Rádio Com. Coradini sinaliza, dentre vários aspectos, que os serviços podem produzir iatrogenias (Figura 222). Coradini já havia dito isso a 'andarilha', de que há situações que é preciso proteger as pessoas dos serviços.

Isso impactou a 'andarilha', pois é fato, dado que ao mesmo tempo que se precisa garantir o direito a assistência em situações de intensidades psíquicas, também podem ser danosos a quem acessa, no que tange ao que resvala na manicomialização da pessoa, com institucionalização, diagnósticos, patologização, medicamentalização, tutela, violentando-a, violentando sua existência! Cunha e Campos (2005, 2011) também fazem essa alerta quanto ao invés de produzir vidas, se poderia estar produzindo iatrogenias e violências.

Faz pensar que se está sempre no limite entre as perspectivas de práticas psicossociais e manicomiais e que é um exercício permanente de autoanálise individual e coletiva, em que todos/as que se dispõem a essa perspectiva, sem possibilidades de se ampliar, no que se inclui obviamente a 'andarilha'. As práticas manicomiais não são fantasmas imaginários, são fantasmas reais presentes nas relações sociais.



Figura 222 – Cartaz produzido pelo Diretório Acadêmico do Serviço Social da Universidade Católica de Pelotas – UCPel, 12 de maio de 2017



Figura 223 – Fala Djeniffer Rodrigues Coradini sobre Políticas de Equidade e Saúde Mental, Restaurante Popular, 19 de maio de 2017.

A ‘andarilha’ traz alguns elementos da fala, pois importa se ocupar em pensar sobre isso, ou seja, em não transformar em doença o sofrimento que uma pessoa LGBT possa ter devido ao preconceito, estigma, e forma que está organizada o serviço para atender a sua necessidade de saúde, para a produção do cuidado que ela precisa e se precisar! Também, foi ressaltado na fala, não nessas palavras, de que justamente por isso é de se indagar se os CAPS são lugares para atender a pessoas LGBT e se sim e quando, como, pois sofrimento em decorrência de preconceito ou para viabilizar um viver melhor nesta existência, não pode ser em absoluto motivo de patologização da vida, de sua manicomialização noutros muros.

Também, Miriam Cristiane Alves aborda sobre o racismo (Figura 224). Explica sobre o conceito de raça, da luta do povo negro, do tempo de escravidão que não se altera da noite para o dia, mas que é preciso seguir enfrentando. Sinalizou dentre vários aspectos, que se atentasse que os manicômios tem cor, que a maioria da população é negra, e que se trata de higienização social, preconceito, estigma. Para a ‘andarilhar’, isso pode ser produtor de sofrimento, mas é questão para serviços de atenção psicossocial ou para enfrentamento dessa sociedade racista, machista, misógina nos mais diversos espaços na micro e macropolítica da vida?



Figura 224 – Fala Miriam Cristiane Alves sobre Políticas de Equidade e Saúde Mental, Restaurante Popular, 19 de maio de 2017.

A perspectiva da Saúde Mental se avizinha com as populações que são historicamente excluídas, pois está se propondo uma inversão, de que a centralidade do modelo de saúde não seja na doença e sim, na saúde. Noutras palavras, que não seja na cura, e sim no direito a felicidade[257], no sentido de que cada um encontre os aportes necessários para sua experiência de existência. E, na inclusão ao invés da segregação, exclusão. São perspectivas que não podem ser utilizadas para a justificação do seu inverso no corpo social.

Após as falas, abriu-se para o debate (Figura 225) em que várias pessoas foram manifestando o que lhes tocava. Na finalização das atividades, se fez uma foto com todos os/as participantes (Figura 225). A ‘andarilha’ viu as ideias lançadas para a construção da

[257] Quando se refere ao direito a felicidade refere-se a possibilidade de que cada um/a viva sua obra de existir com os sofrimentos inerentes a condição humana, mas não os que são produzidos com situações de estigmatização, preconceito, exclusão, violência, etc. Também, como a possibilidade de ter direito a ter direitos. Direito a viver uma vida com dignidade.

semana sendo contempladas, abordando o que não seria o habitual em uma semana ou atividade da Luta Antimanicomial.



Figura 225 – Foto de todas as pessoas presentes na roda de conversa sobre Políticas de Equidade e Saúde Mental, Restaurante Popular, 19 de maio de 2017.

As possibilidades de existência, da obra de construir o ser que se deseja, o sofrimento que pode advir neste processo devido a preconceitos, estigmas, etc e suas forma de produção não podem ser patologizadas e sim enfrentadas com outras terapêuticas, como a luta, diálogos, rodas de conversa, provocações, que incitem a produção de reformas na produção de si e coletivas, pois sem provocar o pensar, modos de subjetivação e produção de subjetividades a favor da inclusão dos diferentes modos de existir, como se altera a violência, o preconceito, o estigma e o que justifica os avanços de interesses não condizentes com a afirmação e ampliação da vida?

Pela tarde, a ‘andarilha’ em suas loucuras insistiu com os/as companheiros/as da luta, para que se entregasse a Secretária de Saúde o pedido de ônibus para o Mental Tchê, dado que a data estava próxima. A companheira do GAAS, visionária, sugere que se entregue também a prefeita e a coordenação da Saúde Mental. Achou-se por bem que fosse somente a Associação a fazer essa solicitação, dado que no andar da semana, essa pessoa foi alvo de agressões verbais por parte da Secretária. Uma forma de violência, pois violenta o direito a expressão e luta por direitos.

A Secretária recebeu o ofício de solicitação e demandou que a composição da diretoria da Associação se reunisse com a mesma no início da próxima semana, ou seja, em 22 de maio de 2017, no horário das 14h. Entretanto, ela pouco sabe que a diretoria são todos/as, pois se procura operar em co-gestão. Se discutiu sobre o que significaria ir a essa reunião, se fosse para discutir sobre a concessão do ônibus ou a que mais se destinaria. Deste modo, se decidiu em ir na referida reunião, com um posicionamento de participação no Mental Tchê, como um direito que se tem, dado as características deste evento, da luta, do empoderamento das pessoas que participam.

Ao mesmo tempo, no turno da tarde, Seu Ivon e Ângela se somaram no evento que marcava o 18 em Jaguarão, era Pelotas sendo representada pela força de luta mentaleira. O evento contou com apoio da gestão do município de Jaguarão. Nesse evento, foi referendando que evitam ao máximo o envio para o manicômio, que possuem quatro leitos em hospital geral, mas que "caso haja mais necessidade procuram atender por lá mesmo" (LOPES, 2017), no território. Essas pessoas mesmo cansadas se solidarizam com a Luta noutros locais e foram muito elogiados por tensionar com a gestão municipal local por não ser favorável a Reforma. São os laços de amizade, luta e acolhimento que movem muitas pessoas. São formas de tecer forças na defesa de que podemos habitar a vida em nosso direito e potência de existir.

A 'andarilha' recebe um convite. Ao ouvir a voz de seu companheiro dessas e de outras lutas, cuidador residente, afinado com a produção da vida, primeiramente leva um susto, sentiu-se amolecer toda. Mas, era uma boa notícia, de que sua mãe Preta, que estava hospitalizada, poderia receber uma visita por dia e que isso estava destinado ao seu companheiro. Entretanto, neste dia, ele não conseguiria chegar a tempo do horário de visita no hospital abrindo essa possibilidade a quem ela quisesse receber como visita. E ela pediu que fosse a 'andarilha', que assim avisada, se moveu para o local e terminou a semana em boas conversas e risadas com a mãe Preta no hospital, lhe fazendo Reiki e Reflexologia.

Uma Semana que marca o 18 de maio, (o) dia da Luta Antimanicomial, mas que não se restringe a essa momento, é cotidiana, é relacional, é implicacional. No sábado, em 20 de maio de 2017, no programa Gente como a Gente, houve uma síntese avaliativa do que significou a Semana para algumas pessoas, no caso as que constroem e fazem o Programa, conforme várias citações desses/as companheiros/as loucoatores/as, que nem a 'andarilha', mesmo que 'sofra de microfonofobia'. Outro ponto gerador e intensificador de vida. Outra maquinaria de guerra. Em que se diz a verdade. É dignidade, cidadania nas ondas da Rádio Com a toda a população que se conecta nestas redes. E como dizem os/as companheiros/as desta empreitada da vida:

> ...agora dia 18, e a gente estava aqui conversando in off, não tem como dizer que foi um sucesso [a Semana], foi um sucessasso, foi uma loucura, foi uma loucura das loucuras da loucura" (NASCIMENTO, 2017b).

> Estou escrevendo hoje para dizer que marcamos a Luta Antimanicomial com grande força, pra quem imagina que está tudo retrocedendo, e que vão tirar nossos direitos adquiridos, pelo contrário, estamos aqui, apesar dos pesares, da falta de apoio, nunca jamais vão nos calar, quero dizer que não somos fracos, não, estamos marcando essa semana desde segunda, culminando na sexta, mas isso não quer dizer que fazemos isso somente nesses dias, é a nossa luta é diária, constante, firme, decidida, sem tréguas, pois não admitimos que o ser humano seja tratado com descaso, queremos dizer, enquanto aqueles que tem obrigação de tratar nossos problemas, muitas vezes, ficam tirando o corpo fora com desculpas, nós estamos fazendo a nossa parte, cobrando sempre, pois não pedimos esmolas e sim que nos tratam com outros

> olhares, escrevo aqui, por meus irmãos de coração que não tem voz e nem vez, obrigado (SANTOS, 2017b).
>
> ...a gente temos que lutar junto, a luta não termina agora, (...) a luta não termina só porque a semana da Luta terminou, a luta continua meus companheiros (FERREIRA, 2017b).
>
> A luta não terminou, sempre estamos lutando, foi só para que as pessoas de Pelotas vissem, a nossa luta não teve tanta força que nem em anos anteriores, a nossa Luta Antimanicomial em Pelotas..... foram feitos chamamentos (...) pra fazer um movimento tão grande como esse (NASCIMENTO, 2017b).

Essa narrativa texto, que sintetiza em palavras o que foi acontecendo no ano de 2017 no campo das r**existências** e criação de saídas ao vivido, mostra que nós, os/as considerados/as como loucos/as, somos gente como a gente, podemos, não que tenhamos ou precisamos provar isso a alguém, mas que não duvidem de nossas loucuras e nem subestimem nossas capacidades. Reiteramos o que nos move na luta, pelo fechamento do Hospital Espírita no eco das vozes "Fecha Espírita" (Anexo F), que não é um desejo ou uma luta recente, conforme Seu Ivon Fernandes Lopes, sócio fundador da Aussmpe em 2001 e atualmente seu vice-presidente conta a 'andarilha', logo, não tentem nos enganar com discursos, 'ah, não dá para fechar' da noite para o dia, pois não haveria outro local para 'assistir', dado que essa fala contém perigos, do tipo, é um discurso que vai justificando a manutenção desta estrutura. Vamos criar um marco de fim. Quiçá o nosso 'marco Cavalo'.

Além disso aponta que as fragilidades da RAPS e o modo de funcionamento dos CAPS contribuem para manter de pé esse lugar prisão sanatório. Também, que na atual conjuntura de avanços neoliberais, golpe de Estado, a tendência é de sucateamento do serviços públicos para reforçar a lógica da terceirização, privatização, de defesa do privado como 'forma de cuidado', sabedores que é um engodo, na contramão de uma história, da Luta Antimanicomial, da Reforma Psiquiátrica e de um SUS que dá certo e pode dar mais certo ainda. Mas, não os deixaremos em sossegados, enquanto não ouvirem nossas vozes!

Que o processo de Reforma Psiquiátrica não é de reformas somente na psiquiatria ou outras áreas do conhecimento, é a construção e consolidação de outro modelo de cuidado, que não é responsabilidade de um ou outro, ou só desses ou daqueles, mas sim de um conjunto de pessoas, da sociedade, de todos os atores/as sociais/as, no movimento que cabe a cada um e cada uma tirar um pouco ou muito do seu 'saber e poder' do caminho, para que o outro possa passar, co-criar espaços de r**existência** é, talvez, uma das principais terapêuticas.

A Semana da Luta Antimanicomial, como assim a designamos, reafirmou nossos propósitos e potencializou nossas forças. Experimentamos jeitos de nos sentir gente como a gente, como nos diz Ferreira (2017b) "sabe por que foi um movimento tão grande, porque a

Associação dos Usuários da Saúde Mental, a Comissão de Saúde Mental, e os técnicos que estão abraçando a causa junto com os usuários...". Podemos tecer juntos com profissionais, com estudantes, educadores/as, familiares, pessoas da comunidade, que não somos menores, só se for no sentido do 'saber menor', aquele que é revolucionário. Que somos como sempre nos diz a Mãe Preta, a qual refere que aprendeu com a dona Otacília Batalha, que foi quem lhe incentivou que deveria falar o que pensava na batalha por nossos direitos.

Então, conforme ela sempre diz, não exatamente nestas palavras, que ninguém é mais que ninguém, ninguém é mais ou sabe mais ou menos que nós, os/as considerados/as como loucos/as por levarmos conosco o timbre das instituições, que nem é necessariamente só do diagnóstico, pois esse ainda que seja um estereotipização se pode camuflar, mas que podemos e devemos falar o que pensamos, que podemos dialogar com todas as forças, do nosso jeito de falar, de escrever, de se manifestar, sem se sentir constrangidos/as ou envergonhados/as por isso!

A 'andarilha' nas suas andanças, ainda que cria espaços de e para falas e incentiva as pessoas a falarem, assim como o que aprendeu com a Mãe Preta, ela mesmo, se sente constrangida e envergonhada a falar. Começou por provocação de uma educadora que também é uma militante pela Reforma Antimanicomial, mas ainda recua, pois cada um/a tem seu tempo, que pode ser uma vida inteira, o que respeita, o que é diferente de pessoas que desejam falar serem caladas por saberes e poderes! Mas, se conseguiu coletivamente, agenciar que a voz usuária ocupasse todos os lugares possíveis na Semana da Luta, afinal é uma das principais vozes que precisam falar, dizer do cuidado que precisamos, na composição necessária, e até em tensão, com outras vozes. Afinal, ouvimos muitas vozes, nossas vozes multidão e queremos, de algum modo, escrevendo ou falando, contribuir com a experiência humana, com a experiência da humanidade! E como dizem os/as companheiros/as, essa luta não começa e nem termina na Semana. Seguia. Segue.

A luta não terminou, sempre estamos lutando...[258]

Na segunda-feira (22 de maio) aconteceu uma reunião chamada pela Secretária Municipal de Saúde de Pelotas a partir da demanda por ônibus pela Associação, para o Mental Tchê, justamente para negociação sobre a concessão do mesmo, o qual havíamos solicitado na sexta-feira (19 de maio). Além de não conceder, tentou descaracterizar o movimento da luta mentaleira, reduzindo-o a uma perspectiva político partidária. Também, com tentativas

[258] Frase de autoria de Luciano de Matos Nascimento (2017b).

explícitas de sedução, achando que é fácil nos seduzir, pois nos cola a ‘transtornados/as’, mas se esqueceu que somos loucos/as absolutamente transtornados pela produção da vida e que vamos (nos) inventando cotidianamente, logo não nos rendemos a essas seduções! E, disse que queria ouvir o que vinha de nós, e não de pessoas que usavam nosso nome em vão, como se pessoas nos usassem e a gestão nunca tivesse tentado fazer isso, como o que ocorria exatamente naquele momento.

Ainda, na sua provável acepção de loucura, nos diz que não temos capacidade, como por exemplo, de escrever um oficio com palavras rebuscadas, entretanto, foi exatamente uma pessoa que foi assistida pelas avenidas da vida quem escreveu a primeira redação do que fomos adequando, por nós, os/as considerados/as por ela como os/as loucos/as estigmatizados/as na história da loucura. Então, da ignorância que subestima as nossas capacidades e que cola a loucura a classe social e ao analfabetismo, transformamos em potência de rexistência, pois a nós, pobre é quem pensa assim! Somos como o recado dado pelo Grupo Vocal Esperança (Figura 226), ‘como cidadãos e cidadãs, temos a liberdade’, ou seja, é uma das condições para a cidadania.



Figura 226 – Faixa construída pelo Grupo Vocal Esperança. Localiza no sítio de Uilson Admar do Santos na rede virtual Facebook.[259]

Concedeu um carro de 16 lugares, o que nem estaria necessariamente a seu cargo consentir, pois é de direito o uso para atividades na ‘Saúde Mental’. Entretanto, assim que recebeu a lista de passageiros/as a gestão da saúde mental no município ligou advertindo, que o carro havia sido cedido para a Associação, logo que se destinava aos seus membros e não a outras pessoas. Concordamos, mas obviamente não seguimos a orientação. Subversão dos códigos sem conflitos, afinal, temos outras viagens ainda a fazer neste ano! E com destino ao

[259] 29 Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1160137420759200&set=a.343487772424173.68582.100002888583882&type=3&theater> . Acesso em 09 de jun. de 2017.

Mental, foi esse carro van e nas parcerias, lotamos um ônibus de 49 lugares, ambos saídos em frente de um dos prédios da Secretaria de Saúde do município. E nós é que somos incapazes!

Essas loucuras mostram o quão os/as considerados/as como os/as loucos/as podemos alterar a ordem da história ainda que leve tempo, avançarmos no marco civilizatório, em micro e macrocombates, como forças revolucionárias, via maquinarias de guerra ou não, criando-as ou pelas já existentes, construindo o presente que ainda clama por Reformas, por uma 'sociedade sem manicômios' e colocando em análise permanente as manicomialidades, por uma sociedade mais equitativa e igualitária em termos sociais e de direitos humanos o que nos amplia e desafia cotidianamente a operar em processos de cogestão, cooperação e a colocar em questão nossos fascismos, mesmo que achamo-nos, militantes revolucionários/as. Ainda, o fato de seguir na luta, é também, efeito disso, de uma capacidade sempre inconclusa e permanente de intensificar a vida e de se colocar em análise, por outra relação com a loucura, que a entenda como direito e experiência que nos ensina sobre nós mesmos, sobre a nossa humanidade e como possibilidade da existência.

Estas narrativas escracham que uma das principais loucuras, é a da implicação com aquilo que nos afeta ou pode afetar no andar da vida, sem nos esquecermos pelo caminho, na luta para que a loucura seja compreendida como uma experiência, alterando a relação hegemônica que há, e assim, não haverá manicômio ou manicomialidade que ficará de pé. Implicará, outrossim, a produção de realteridades, como vimos tentando fazer em um andar singular e coletivo.

A 'andarilha' não conseguiu ir para o Mental Tchê. Sentia alegria por ter contribuído de alguma forma em viabilizar a ida de muitas pessoas para esse encontro da militância, que é mais que somente um evento, como madrinha da Associação, que até então não se considerava, achava um exagero, que não fazia jus a isso, mas agora, é nesse lugar que se vê, que se sente. Não fazia jus, pois não se aproximou da Aussmpe para fins de ser madrinha, assim, como outras pessoas também o são, mas porque vislumbrava nesse coletivo força para as lutas sociais, como maquinaria de guerra e de um cuidado de si coletivo. Madrinha, um lugar existencial nessa relação.

Ajudou na insistência de se agenciar o carro van do município, que é da Saúde Mental, e na decisão de se conseguir um ônibus, mesmo com forças dizendo que não daria certo, que seria loucura, indo com vários/as companheiros/as da Aussmpe até a Embaixador, que negou e mesmo assim insistindo, pois algumas pessoas, como a vereadora Fernanda, já havia manifestado que poderia contribuir em uma partilha de recursos para tal. E assim, pediu ajuda

de mais companheiros/as que foram espontaneamente contribuindo, assim como a ‘andarilha’ também, mesmo estando ‘contando moedas’ como dizia sua Mãe Preta. E deu certo.

Também, nesse movimento de divulgar que haveria ônibus para quem quisesse ir, se soube que houve orientação para alguns trabalhadores dos CAPS de que não fomentassem a ida de usuários/as destes serviços, que não fossem junto com os mesmos, pois sem trabalhador/a ‘responsável’ acabariam não indo. A ‘andarilha’ quase entrou em choque ‘hipervolêmico’ ao se deparar com a anti produção de autonomia, com a produção de dependência, de manipulação das pessoas, negando o acesso à informação e o direito de comporem na luta, se esses fossem os seus desejos.

Mas, ao mesmo tempo sentia muita angústia, muita angústia, muita angústia, devido a Mãe Preta, que vivia delicada situação de saúde, e que dessa vez, pela primeira vez na vida dela, de todos os doze Mentais Tchês anteriores que ela participou, não iria devido a isso. A ‘andarilha’ sentia-se imensamente sozinha na multidão de conexões que estavam construindo o Mental e viabilização de deslocamento de Pelotas para São Lourenço. Resolveu essa angustia, encerrando o dia na casa de sua Mãe Preta, em conversas sobre o Mental e outras, sem se saberem que m breve se despediriam nessa existência.

Aos poucos, a ‘andarilha’ foi entendendo que a angústia que sentia era luto, de uma perda de certa forma anunciada, e de um percurso que se encerrava enquanto pesquisa, mas que seguia enquanto luta, r**existências**. Chega a se engasgar com suas águas, mas não é de tristeza, é da sensação de que se lançou a tramar um território em conexões sem fronteiras, de um ponto que leva a outro, de uma mão que conecta noutra, no qual compartilhamos de muitas loucuras (d)e r**existências**, em que se encerra o estudo, mas não o que tecemos juntos/as. Pra sempre habitarão as intensidades de suas memórias ‘andarilhas’.

Foi no 18 que começou. É no 18, construído como ato político em uma Semana, que esse trabalho termina. Foi no 9º Mental os primeiros passos deste caminho e é no Mental Tchê da Resistência, mesmo que a distância, que se encerra esse percurso como pesquisa e não como luta, de produção de r**existências** na relação com a loucura nas tramas do biopoder contemporâneo e da subjetividade que se expressa nas teses que se existe porque se r**existe** e vice-versa, devido aos modos de subjetivação, e que no caso, foi a favor da produção da vida, em pontos de geração e de sua intensificação, nesse processo que se pretendeu humanizatório, de empoderamento e emancipatório conforme o colhido e relatado nas andarilhagens compartilhadas pela ‘andarilha’ por paisagens do Sul.

Somos multidão. Esse trabalho é multidão. É efeito de muitos corações e mãos no tecer realidades, nas quais já colhemos algumas coisas nessa caminhada, mas que jamais

saberemos do quão, quanto ou como reverberarão por aí, como, por exemplo, cada pingo da chuva que molha a nossa bela Laguna dos Patos. Essas narrativas são algumas das manifestações das produções de r**existências** na relação com a loucura nas tramas da subjetividade e do biopoder no contemporâneo, integram, registram e eternizam momentos da história da Loucura em paisagens do Sul, via implicação e passagem dos afetos, que não são narrativas com fins em si mesmas, apenas um meio.

A única certeza, além da morte, é que mexemos com as (nossas) águas. Não somos mais os/as mesmos/as. Nem a Universidade, nem as formas de produção de conhecimento são as mesmas, tampouco a realidade.

Por fim.....

Recaptulando alguns fios e tecendo outros com vistas a finalização de um percurso, que pode ser o início de outros tantos, mas não de fim da implicação com as pessoas e espaços em que se esteve, com as lutas sociais e disposição para um processo de permanente aprendizado, como formas de produção de vida. O produzido coletivamente na construção da realidade foi impulsionado pelo vivido na relação com a loucura e aporte teórico de autores do campo teórico da vida, da filosofia e da saúde mental (e) coletiva, na tradução dos afetos, na ação e no que se reúne em textos e imagens neste trabalho.

A 'andarilha' vinha embalada e movida pelas águas do norte, contagiada por várias forças de luta, dentre estas, da Luta Antimanicomial, da produção de interferências na formação em saúde pelo dispositivo de Vivências e Estágios no SUS, pelas loucuras que fomos fazendo na constituição uma Associação de Saúde Mental em Ijuí, pelo trabalho junto no Apoio a equipes gestoras e de saúde naquelas bandas. Então, chega no Sul essa pessoa, destes enredos, contudo desatenta. Uma característica andarilha, talvez, de quem vai andando e se detém em alguns aspectos das paisagens existenciais, mas não em todos, inclusive em cenários a que deveria estar mais conectada. Mas, não estava. Desligada. Contudo, essa desatenção foi um impulsionador, como analisador, e move**dor**.

Ao chegar procura se territorializar, pelo menos um pouco, experimentando a cidade, procurando pelo campo, encontra com o morador da maior das casas, tenta fazer pontes, se engajando com processos em curso, como o Levante Popular da Juventude, e sendo acionada para outros, como as Vivências e Estágios no Sul, pelo companheiro Marcos Aurélio Matos Lemões, também em Pelotas, a Tenda Paulo Freire no 9º Mental Tchê em São Lourenço do Sul, na cocriação da Tenda do Afeto Popular, na participação nas movimentações referente ao 18 de maio, dia da Luta Antimanicomial, que aconteceu no 19 deste mesmo ano em Pelotas, o encontro com as pessoas intercessoras e guias, a participação na Comissão de Integração Ensino-Serviço regional, a constituição do coletivo Extremo_SUS, o reencontro com o morador de outras casas, o companheiro Izamir Duarte Farias, caracterizavam o envolvimento com engenhos em movimento, nos quais, eram ou se constituíam nos mesmos, zonas autônomas, que podem ser nominadas como maquinarias de guerra na luta social.

Neste meio tempo, alguns estranhamentos graças a sua desatenção. Um deles, lhe parecia que os manicômios estavam superados, ainda que era uma pessoa constantemente **incomodada** com os modos de cuidado que se colocavam como relações de poder e saber

sobre a vida do outro, tomando-a como objeto deste, sem disposição a uma construção de cuidado compartilhado, bem como pela desvalorização do saber e protagonismo da pessoa que demandava ou necessitava do mesmo. Também, incomodada com as lacunas na formação em saúde pouco voltadas para a realidade social e sanitária. Ainda, com as formas de relação com a loucura, bem como da (sua) patologização, medicalização, medicamentalização, disciplinamento, tutelamento, controle da vida, opressão social, preconceitos, estigmas, etc, mesmo 'achando' que já havia superado muito de seus próprios preconceitos e manicômios. Então, vivia na relação com manicomialidades e talvez no maior dos manicômios, a sociedade.

Mas, mesmo assim, lhe parecia que as estruturas físicas, em grande parte, pertenciam ao passado e se depara com dois na região sul, sendo um em Pelotas, salvo os tantos outros existentes, noutras roupagens. E isso mexeu com as águas da 'andarilha', não conseguia aceitar que havia pessoas em situação de segregação. De algum modo, a fez acordar para uma realidade, infelizmente, extremamente presente. Isso se exacerba ao realizar as disciplinas sobre o processo da Reforma Psiquiatra no mundo e Brasil e Epistemologia das Ciências em 2013, ambas conduzidas pela professora Luciane Prado Kantorski. Pulsava em seu corpo confusão turbilhão de intensidades. Que era preciso fazer alguma coisa, que não se resumia ao fechamento da estrutura manicômio. Era preciso a produção de outra relação com a loucura, que tampouco se resolveria em uma tese ou em pouco tempo.

Entretanto, era preciso seguir em tecimentos, pois já havia história feita por gente vivida, saber e conhecimento acumulado, de gente sabida, que também não conseguiam ficar indiferentes ao que a 'andarilha' se movia a andarilhar, cada um(a) ao seu jeito. Deste modo, reforça alguns de seus preceitos, que era preciso articular a pesquisa com a vida, conhecer mais dessa realidade que se apresentava 'solenemente', mas pela voz de quem a vivia, e seguir engajada com maquinarias de guerra em que já estava envolvida.

As pistas que seguiu na composição desta pesquisa foram o seu corpo confusão, às vozes, às conexões, a militância, os encontros, as pessoas e(m) coletivos que fizeram intercessão e como guias, os imprevistos, os convites, os afetos, e pela via do desejo de insistir em não perder a capacidade de se indignar, de vibrar, de afirmar modos que podem incitar a produção de liberdades, de *rexistir* e co-existir 'juntos e misturados', fluxos que mexem (nos seus) fluxos, nas (suas) 'composições musicais' por fábricas de felicidade. O território de pesquisa foi então, uma canção do encontro de canções em permanentes composições e testemunhos da vida, na arte de viver.

Então, dos encontros e reencontros, a ‘andarilha’ foi para o Vocal Esperança e lá vivia de música, alegria, militância e esperança. Também, foi onde reencontra uma pessoa, que ainda não sabia, mas que era intercessora guia. A Mãe Preta! Esta e outras a foram colhendo e acirrando sua vontade de participar também no grupo Musical Los Lokos. Afinal, era uma louka ‘andarilha’ e porquanto que local mais propício para estar? Experimentar? E foi! Nos movimentos deste coletivo, em que compartilhamos inquietudes, alegrias, amizades, felicidades, reencontra mais duas das pessoas que lhe foram intercessoras guias, mas que não havia ainda percebido, pois não é dado de antemão, vão se constituindo. Uma delas foi o pai Zé. E a outra o seu Uilson. Como soube que eram essas três pessoas as guias? E que haveria mais uma pelo caminho?

Soube a partir do método que se inspirou para tecer essas grafias. O pai Zé foi a primeira pessoa que a acolheu na Esquina Democrática. Foi amor de pai e filha a primeira vista. A Mãe Preta, também encontrou neste local. Na época percebia que era alguém que se movimentava, organizava as coisas, os enredos, mas jamais imaginaria que seria uma das pessoas guias. E é, porque também foi quem acolheu a ‘andarilha’ como filha, não somente nos Vocais, mas na vida dela, até o dia em que a ‘andarilha’ compreendeu que não era apenas um jargão ou brincadeira, era sério! E os rios da vida escorrem por si. E percebeu isso com ajuda do pai Zé, pois também a relação era de uma consanguinidade, mas de outros rios que correm pelas nossas veias, artérias, a ‘consanguinidade’ do afeto.

E a outra pessoa foi o seu Uilson, que também não sabia que faria a função de pessoa intercessora guia. Suas palavras geralmente viravam a ‘andarilha’ mais ainda do avesso, assim como o faziam a Mãe Preta e o Pai Zé. Tínhamos e temos muito em comum, obviamente, a ternura, a ânsia e a loucura por fazer diferente. Então, Los Lokos reuniu-nos. E desde então, mais loucuras ainda. A ‘andarilha’ sentia que esse coletivo, assim como o Esperança e nas maquinarias de guerra que já estava envolvida, aumentavam a (nossa) potência de vida singular e coletiva.

Mãe Preta e outras pessoas, mas principalmente ela, não cansava de insistir e convidar a ‘andarilha’ para participar da Aussmpe. Andarilha insossegada, ainda que meio reticente, mas movida por esses afetos quentes e com a memória recente da Associação criada e experimentada em Ijuí, a qual lhe soava como potencia de vida e força de luta, foi! Lá encontra os(as) companheiros(as) de Los Lokos e do Esperança e outras pessoas. E foi na primeira, em uma segunda reunião e em uma terceira e resolveu ficar. Estava na fábrica de alegrias, que tecia alquimias com a razão, porque seria louca de não ficar?

Na segunda reunião reencontra a outra pessoa guia. Era um andarilho, que já havia encontrado em diversas ruas, avenidas, esquinas, mas mesmo sabendo que integrava a Associação, desde o encontro na Esquina Democrática, nas apresentações musicais, foi nessa segunda reunião o encontro no espaço de reunião da Associação. Soube que era mais um guia, também pelas palavras que dizia, e pelo modo que vivia 'andarilho', revolucionário desde há muito tempo, nada mais, nada menos que o co-criador de agenciamentos potenciadores de vida, como é a Aussmpe e o programa Gente como a Gente, assim como também o foi a Loco-motiva. Além disso, engajado nas lutas sociais, principalmente a 'mentaleira', assim também como a Mãe Preta, o seu Uilson e o Pai Zé e tantas outras pessoas. Outras pessoas também fizeram intercessão, não necessariamente como guias, mas como acionadoras das intensificações da andarilha – Larissa Dall'Agnol da Silva e Djeniffer Coradini, as quais considera como militantes pela vida! Há outras, mas estas são aquelas das 'batidas' que contribuíram para as revisões de si no processo da caminhada!

Então, a 'andarilha' continuou seguindo as pistas, do desejo, do corpo, dos afetos, dos vínculos, dos convites, e dos caminhos que lhe mostravam as pessoas guias. Obviamente, mesmo assim, se perdia. Compartilhamos momentos da vida. Outras pessoas também afetavam a andarilha. Palavras que a atravessavam e a jogavam muitas vezes para quilômetros de si. E é por isso, que esse trabalho é o efeito de uma obra produzida e vivida coletivamente, ainda que a escrita seja singular, própria de uma 'andarilha' no exercício de tear um caminho escrito, no qual desliza, se perde, se localiza, resvala, cai, levanta, mas é porque está caminhando.

E foi assim que habitou e habita existências, assim como habitam as suas e essa escrita, andando junto, separados(as) e em conexões, pelo Levante Popular da Juventude, pelos VER-SUSs, pelos Mentais Tchês, pelas Tendas, no Grupo Vocal Esperança, na Comissão de Integração Ensino-Serviço, pelo no Grupo Musical Los Lokos, no Grupo Condutor Regional de Saúde Mental, na Associação de Usuários dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas, no coletivo de Oficineiras e Oficineiros de Saúde Mental na Atenção Básica, que andou desejando estar no Grupo de Redutores e Redutoras de Danos, em articulações com pessoas vinculadas a condução da Política de Diversidades na 21ª região de saúde, no Programa Gente como a Gente, na participação em reuniões do Conselho Municipal de Saúde, na Comissão Municipal de Saúde Mental, no Grupo Condutor Municipal de Saúde Mental, no co-agenciamento do Grupo Autônomo de Articulação em Saúde, no envolvimento com eventos e movimentos da Luta Antimanicomial que brotavam pela região, estado e país,

no agenciamento da força de luta usuária, dentre outros feitos, junto e tramado, tramando-se com e entre esses pontos.

Deste modo, foi se constituindo **rizoma,** o território de pesquisa, que brotava de e a cada encontro, a cada passo, a cada agenciamento, como trama aberta, repleta de brotamentos. Em que um fio puxa outro fio, mas não amarra, em livres composições, decomposições, recomposições. Que se foi tecendo coletivamente, seguindo pistas, do que afetava os mais diversos encontros, os convites quentes de afeto, a pressa por viver, a questão da produção de visibilidade. Então, em meio às geografias, em alguns pontos a 'andarilha' se demorou mais.

Tratava-se da intensidade das implicações e também porque ao mesmo tempo em que a afetavam, tramavam-se com seu corpo e corpos, pontos de geração de vida. Eram maquinarias de guerra, em que a potência das mesmas condizia com as velocidades e intensidades da andarilha, com a sua pressa, que era de viver, como se o mundo fosse acabar no outro dia ou fosse destruir a si mesma. Contudo, eram máquinas combativas, com potência de produção de interferências e de diferença na realidade social, construindo-a, juntos(as) e misturados(as) entre as geografias, pelo meio, agenciando forças, pontos de geração e intensificação de vida.

Por vezes, eram até mais velozes que a 'andarilha' e a arrastavam e se deixava ir, porque engatavam no seu desejo de construir e de combater ao que mexia com os seus mares e anseios - como o sofrimento alheio, como se pudesse roubar-lhes com a mão e diluí-lo no universo, a relação com a loucura e as formas de injustiça e opressão social, ao que não conseguia, e continua não conseguindo, ficar indiferente, como diante de ações com potencial depreciador substancial da vida, tais como lugares que segregam existências, o assassinato de uma pessoa como 'modo de assistência', a patologização, mercantilização e objetificação da vida, a violência, a negligência, etc.

É um tanto por estes comuns, deste modo que fomos nos tramando, tecendo rizoma, conectando, desconectando, reconectando. E nestes arranjos, desarranjos e rearranjos, acoplamentos, desacoplamentos reacoplamentos, agenciamentos, desagenciamentos e reagenciamentos, por convites, chegou-se a outro ponto, e ainda a outro, e a outros. Produção de rizoma. Do mesmo modo, é o processo de produção de subjetividade.

Os pontos e fluxos, contavam com o protagonismo de 'engenhistas', de engenheiros e engenheiras 'desenhistas', na loucura que trans**borda**, 'engenhos' de vidas e contágios. E fomos nos associando, como um 'platô', anéis quebrados que se articulam e desarticulam. Nos associamos com uma causa em comum – "lutar por dignidade, cidadania, alegria e(m) liberdade, no combate a preconceitos e garantia de direitos...." (AUSSMPE, 2016). Conexões

na experiência de existência e de pesquisa. Os valores que nos moviam, pois a nós fazia e faz sentido.

Dentre estes pontos, a Associação de Usuários(as) dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas – Aussmpe merece destaque, pois é essa geografia existencial, criada e sustentada pelo agenciamento coletivo de enunciação de pessoas que possuem na sua história de vida, assim como a ‘andarilha’, (con)vivências com algumas experiências de manifestações da subjetividade humana, das intensidades de sentimentos psíquicos, também de experiências com manicômios, com o modo psicossocial, com a luta antimanicomial, com o controle social, independente de serem segregadas e segregados em manicômios, embora muitas o tenham sido, ou assistidas e assistidos em serviços de atenção psicossocial e\ou outros lugares.

Entretanto, a existência da Associação não depende de serviços de saúde, espaços de gestão das políticas públicas, controle social ou de outros agenciamentos, ainda que em relação com os mesmos. Trata-se de um dos pontos em rizoma, autônomo e autogestionado, o que de algum modo nos garante a liberdade de não sermos totalmente capturados por formas de saber e poder sobre o nosso corpo. E, também assim como outras maquinarias, rexistimos nessas maquinações de um constructo sobre a loucura, pelo exercício da mesma, nos ‘arranjos’ da sociedade contemporânea.

Em pesquisas inspiradas na cartografia é preciso habitar um território existencial em que haja receptividade afetiva para tanto, com o qual vai se produzir mundos. E foi o que fizemos até então, tecendo (por) pontos de intensificação de vida, rizo(a)mando, seguindo algumas pistas com os(as) intecessores(as) guias e do que da vida foi nos afetando e movendo. A ‘andarilha’ se autodesignou como condição de entrada nos fluxos e em cada engenho em movimento, de se colocar ao lado, considerando que não é era uma pesquisa sobre algo, era uma pesquisa com, sendo ela mesma ‘objeto e sujeito do estudo’, em um processo coletivo de produção de conhecimento, de enunciações, visibilidades e dizibilidades, tecendo junto, experimentando e tensionando exercícios de auto e cogestão e se atrapalhando nesses processos todos, enquanto desterritorializava das próprias cartografias, refazendo-se, devolvendo-se outra. Assim, fomos (nos) produzindo forças moleculares, minoritárias, revolucionárias.

Foi como ‘sentir-se em casa’ no que se ia tramando, compondo junto na potência com as pessoas nesses territórios existenciais, engajando-se nos mesmos ou co-criando, como o foram os coletivos Extremo_SUS, Povaréu Sul, as Tendas do Afeto Popular, da Loucura, o GAAS. Então, a ‘andarilha’, entrou movida por uma das ideias que perfizeram o seu caminhar

e que encontrou lindamente expressa na nomenclatura do programa “Gente como a Gente’ que acontece na Rádio Com, a qual se coaduna com o exercício da democracia, da horizontalização de saberes e poderes, com as perspectivas da co e autogestão.

E também, como o expresso em dito por Boaventura de Souza Santos (2013), não exatamente nestas palavras, mas que somos iguais quando a nossa diferença nos inferioriza, os(as) considerados como os(as) loucos(as) colados na doença, no preconceito e que a partir disso indagamos – quem são os(as) loucos(as)?, e diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza – inviabiliza-nos, invisibiliza-nos, principalmente os direitos árdua e recentemente conquistados no processo histórico, constantemente ameaçados por diversas forças de saber e poder na sociedade de normalização da vida, processo este que pode justificar a segregação, sendo que nossos medicamentos mais potente se chamam – liberdade, autonomia, cidadania, dignidade no comando da própria vida.

Ainda, importa considerar que por mais que se afirme a diferença enquanto ao que se interpõe ao curso dos ‘rios’, na ‘diferença’ temos muito em comum. E é nesse comum, que compartilhamos nossas loucuras, no seu exercício e teiando outras.

Mas, por que nestes territórios? Porque muitas vezes nossos sentimentos, nossas vozes, nossa potência, em qualquer um dos pontos de intensificação por onde andamos, justamente por sermos somos colados a estigmas da loucura, dos(as) que nada sabem, ou dos(as) que operam com o saber popular, pouco considerado ‘pois não é uma das ‘verdades’ da ciência’, somos ignorados tanto pela Universidade quanto pela sociedade, como se fossemos insignificantes, ainda mais se souberem que algumas ou alguns de nós estivemos em manicômios, em serviços de atenção psicossocial ou quando por ventura perceberem algumas de nossas combinações noutras composições, diversa dos combinados sociais, como inclusive pode ser considerado este trabalho – um ato de loucura.

Na Associação, Tendas, Programa Gente como a Gente, no GAAS, entre outros, tramamos maquinarias de guerra com potência para as lutas sociais, como espaço de força política e afetiva. Também do cuidado político afetivo. A andarilha ‘sentia’ outras ‘loucuras’ na relação com a loucura. Loucuras, porque fomos de algum modo, na contramão de hegemonias, de processos que atuam na anti-produção da vida. E foi por isso, que ela mesma se colocou a caminhar e encontrou outros(as) malucos(as) pelo caminho, que sofriam da mesma ‘doença’ da não indiferença. Loucura, pois quem anda contra as ‘regularidades’ e racionalidades hegemônicas muitas vezes recebe o título de ‘louca’ ou ‘louco’. Sofremos sim dessas loucuras, como bem definiu Paulo Amarante, de ‘loucas e loucos pela vida’ (AMARANTE, 1995).

Essas são algumas das águas que movem um ‘andarilha’ nas paisagens do Sul! São o efeito do sentido que tem a loucura para a mesma, de força e liberdade. Pode até parecer estranho, mas afinal, o que não é estranho? É o que é considerado normal, o que deixamos naturalizar em nós deste modo. É o que não conseguimos mais estranhar, o que não conseguimos ver, sentir, experimentar, pensar diferente do jeito que sempre vemos, sentimos, experimentamos, pensamos. Pode-se até dizer, que isso é que é estranho.

Então, a loucura como força, como possibilidade de subversão das ‘ordens’ hegemônicas e de libertação das formas de aprisionamentos que nos impedem de realizarmos nossas potências de existir, em nome de uma sociedade de normalização, capitalista, moralista, sem que nos sintamos constrangidas ou constrangidos por isso, de lutar por aquilo que se deseja como força de vida em consonância a sua produção.

E, ainda, porque a si, estar com pessoas ‘compositoras de diversas canções’ é como experimentar uma força minoritária revolucionária, o que a ‘andarilha’ quis viver, sentir, junto como acontecia e na medida dos possíveis, mostrar dessas ‘loucuras’, de várias formas, inclusa nessa composição de uma tese, e em resposta ao que foi dito que se necessitava – visibilidade e dizibilidade.

É um modo de produção de rexistências, que em um primeiro momento pode soar como evitar a loucura, que também pode ser o que coincide com o sofrimento, mas principalmente, de compartilhar das ‘loucuras’ de transformar a relação com a loucura. De entendê-la como uma experiência de si que nos informa de nossa humanidade, de aprender com a loucura a como nadar contra as correntes, que muitas vezes ao invés de contribuir na compreensão dessa experimentação, viola o nosso direito de ser do jeito que somos, com preconceitos, estigmatizações, entre outros.

Da loucura de denunciar a insanidade social que não aceita as diferenças. E ainda, é um percurso a favor da afirmação da vida, na compreensão que se alinha aos escritos de Jack Kerouac, que são as ‘loucas, os loucos’, a loucura, que podem empurrar a humanidade para frente, que podemos avançar no processo de civilização, que possamos ser gente como qualquer gente, sem depreciações pela oportunidade de nossas experiências e vivências.

Do desejo como produção, também efeito dos encontros, das relações de afeto, vínculo, impressões, do que existe e pode existir. Tudo se cria e respira em uma variação de intensidades. A ‘andarilha’ entendeu, porque ao tomar contato com algumas ‘geografias’ *existênciais* de algumas pessoas e(m) coletivos, se emocionava tanto. Estava experimentando liberdades! Seria a loucura a se manifestar? Quem sabe!? Nós, as loucas, os loucos.

Estávamos ocupando espaços e fazendo coisas diferentes do que fora nos designado socialmente a ocupar, a fazer, a viver.

Nesse processo, na opção pelo método da cartografia como inspiração, 'sentia na pele', o quão difícil é andar sentindo-se sem direção, sem programação, sem chão. Desde a escrita do projeto. Não via o horizonte, pois se construía(m) a todo o momento. E a cada passo nessa construção íamos tecendo possíveis. Ao mesmo tempo, que experimentava sensações desesperadoras, que doíam na 'carne', foi acalentada por afetos de diversas procedências. Às vezes, sentia-se no vazio. Desencantada. Tentando se (re)encantar. Sentia-se como um corpo perdido. E, no que escrevia, sentia que nem sempre havia leveza e nem ao menos poesia, como gostaria ou esperaria de si mesma! Talvez, pensava ela, fosse o efeito de suas 'esquizofrenias'.

Mas, dialogava consigo, que era a pessoa que poderia ser e que escreveria o que conseguiria escrever, pois não tinha como se jogar fora, por mais que essa foi sua vontade muitas vezes, e decidiu vir consigo e insistir nos traços do que seria o território da pesquisa e do que foi a escrita deste trabalho, dado que nessa possibilidade de escrever, mesmo com dificuldades e limitações, é uma oportunidade singular nessa experimentação a que se propunha, de rexistir. É um lugar de aprendiz. E quando se perdia, sempre alguma coisa a trazia de volta: as conexões.

O conjunto destas misturas nestas tramas do vivendo, dos conceitos, teorias, formas de conhecimento, do método inspirado na cartografia, facilitou reconhecer que se estávamos em rizoma, envolvidos(as) na produção de rexistências na relação com a loucura nas tramas da subjetividade e do biopoder no contemporâneo, exercitando-as, em maquinarias de guerra, fabricando felicidade e produzindo liberdades em si e coletivas, ao colocar em análise os nossos próprios manicômios e fascismos, que éramos e somos composição de forças revolucionárias, força instituinte tensionando com instituídos. E considera que são formas inventivas na sociedade de controle capitalista.

Conforme Deleuze e Guattari (1985, 1986), a sociedade controle, que também é de normalização como um dos modos de manter o controle, é uma forma de organização social que funciona e opera de acordo com o biopoder, noutras palavras, poder sobre a vida, na produção do individualismo, que tenta isolar as pessoas, e fornece os meios para que sejamos controlados o tempo todo, pelos mais diversos mecanismos. Ao mesmo tempo, o capitalismo captura nossos desejos, nos fazendo desejar o que o sistema quer que desejamos.

Trata-se, conforme esses autores de um microfascismo, e não de um fascismo de Estado, ainda não dá para desconsiderá-lo. Mas, um microfascismo porque não percebemos, é

invisível, sutil e muito mais eficaz, justamente por engambelar nosso desejo nessa panaceia. Deste modo, esses autores defendem a tese de que se as formas de controle residem no nosso desejo, ao mesmo tempo é por este mesmo que podemos resistir, a partir da micropolítica, do molecular, do menor, mas que para tanto, precisamos inventar novas armas, novas formas de viver o nosso desejo, produzindo novas formas de agir, pensar, ser, sentir e de se relacionar, de nos reinventarmos.

Nesse processo rizomático que vivemos, nos pontos de intensificação de vida, em que experimentamos processos de auto e cogestão maquinados pelas pulsações políticas do desejo, em agenciamentos, desterritorializamos nossas cartografias, reterritorializando-se, em processos de produção de subjetividade e dos modos de subjetivação. Oxigênios. Deste modo, somos produção e produtores de forças moleculares, minoritárias, com potências revolucionárias, para alterar as relações sociais, as grandes verdades, dentre elas a relação que se tem com a loucura e o discurso sobre a mesma, de produção de perturbações e desterritorializações no ordenamento social. Somos perigosos, pois como força instituinte, como alertou Baremblitt (2005), podemos produzir contágios bem como tensionar e mexer com os privilégios das forças que tem a pretensão do comando sobre a vida.

Sendo assim, considera-se o Esperança, o Los Lokos e as Tendas do Afeto que foram incubadoras geradoras de forças revolucionárias, por onde também se fabricou a questão de estudo, o coletivo Povaréu Sul, a Aussmpe, o PGG, o GAAS e o agenciamento de zonas autônomas provisórias nas maquinarias de Estado como a CIES, o Grupo Condutor Regional, na relação com o controle social como Conselhos, Comissões e Conferências de Saúde, em mobilizações e em eventos relacionados ou não com a Saúde Mental e também o processo andarilho, de um corpo que também se deixa levar ao vento, um tanto desatento.

Contudo, pinçou-se deste cenário sem descolar de seus fluxos, destes e outros pontos de conexão, essas paisagens que portavam e portam, assim como outras, ares de liberdade marcados pela autonomia em relação às instituições e políticas públicas, das quais se ocupou de narrar nas tramoias das nossas loucuras por e a partir de paisagens do Sul.

As narrativas em diversas linguagem que aqui compõem a música deste texto, são também uma estética de rexistência, o registro do movimento de máquinas de guerra combativas, alimentadas pelo combustível dos afetos, da alegria. São ainda, o registro de trechos da história de loucuras nas e a partir de paisagens do Sul, no e fora do eixo, obviamente, entre Pelotas, São Lourenço do Sul, Rio Grande, Arroio Grande, Pinheiro Machado, Alegrete, Porto Alegre, Santa Maria, São Paulo, Jaguarão, Lajeado, Capão do Leão, entre outros. São a bagunça_ação nos códigos ao que se reduz a loucura, como uma doença. A

nossa é de rexistências. O registro de que existir, resistir e rexistir é possível, de uma loucura que tenciona com o ‘mar de dentro’ de quem escreve, da nossa subjetividade, no tecimento da realidade.

O que fizemos juntos e juntas neste tempo, desde nossos encontros, que para esta pesquisa tem como marco a chegada da ‘andarilha’ em Pelotas, em 2013, com a inserção nas Vivências e Estágios no SUS e no Levante Popular da Juventude em Pelotas/RS, participação no 9º Mental Tchê em São Lourenço do Sul, a mobilização referente ao Dia Nacional da Luta Antimanicomial em Pelotas/RS, o encontro com as pessoas e coletivos intercessores e guias, o que aconteceu pelo meio, até maio de 2017, foi possível pela implicação coletiva, pelas nossas pulsações políticas do desejo, pelas nossas intensidades na loucura de fazer diferença ao que poderia e ainda pode ser diferente, como uma sociedade sem manicômios e manicomialidades e que isso não está somente nas estruturas, é um combate no campo do relacional e inclusive consigo mesmo.

A ‘andarilha’ se envolveu com essas maquinarias de guerra como forma de enfrentar coletivamente a problemática na relação com a loucura, da tutela, da medicamentalização da vida, do preconceito, do estigma, etc., pela produção de resistências a favor da intensificação da vida. Entretanto, quando se viu, estava em meio a engenhos em movimento, que não eram somente maquinarias de guerra na relação com os tramados sociais, mas na relação consigo mesmo e que porquanto, estávamos em processos de produção de rexistências nas tramas da subjetividade e do biopoder no contemporâneo na relação com a loucura, o que engendrava-se por processos de desterritorilazação dos ‘manicômios’ estruturais, dos que se apresentam noutras roupagens, dos sociais, dos relacionais, incluso os de si.

A chegada nos engenhos em movimento, salvo no Esperança, foram pelo brotamento de convites, os quais tendia a não recusar, pois se transversalizavam ao que a movia, até um momento, que quase havia esquecido de si pelo caminho, e que começa a se perguntar sobre que era esse engajamento, se não uma forma de rexistência na relação com a própria (sua) loucura de existir, que nestes momentos, não era lhe muito recomendável que ficasse por muito tempo sozinha consigo mesma. Estava vivendo desterritorizalizações, tentando construir territorialização, o que conseguiu traduzir a partir do vivido, das intercessões e guias e de conceitos que, em conjunto, forçavam o pensamento. Experimentou de ‘puro vivido’. Foi se devolvendo, mas outra. Neste momento, entendeu porque o temário da loucura e do que faziam com a mesma lhe afetava tanto, era, porque éramos e somos tão íntimas.

A desterritorialização aconteceu em um processo de luta consigo e com as formas hegemônicas de produção de conhecimento. Sentia que estava em campo de pesquisa, mas

não conseguia traduzir o que estava fazendo, que território que estávamos produzindo, o que conectava e desconectava, qual era a questão que estava querendo responder, o que estava encontrando, tudo misturado, confuso, pulsando, desagregado. Tentou até desviar, mas as ventanias do desejo e da orientação a traziam de volta. Esteve a procura de conceitos, teorias, métodos e questão de pesquisa para essa tradução, para a expressão dos afetos. Mas não encontrava. Era uma tensão no corpo confusão que não é constituído somente pelo orgânico, é um corpo que pensa e sente por inteiro, em todas as suas dimensões, inclusive na porosidade de seus limites 'geográficos', no caso a pele.

Seguiu em procura. Encontra um método no qual passou a se inspirar e a tentar aprender, vivendo-o, pois não havia outro jeito para este aprendizado. Foi angustiante pois estava noutro paradigma, em um que colocava em questão as verdades universais, tais como a de que precisava se ter um mapa para a pesquisa e esse método era só o contrário, a pesquisa era o mapa, ou seja, tratou-se de um estudo que o território foi se construindo enquanto se caminhava, seguindo a pistas. Dentre estas, do próprio corpo, das pessoas e o que do vivido fazia intercessão. Tratava-se do conflito das forças molares e moleculares em si mesma, tanto nessa relação entre modos de produção de conhecimento como do estilhaçamento do limite entre sujeito e 'objeto' de estudo.

Molares, de um modo hegemônico de produzir conhecimento e moleculares, as do desejo que navegava por outras águas. Sob essa perspectiva, nas molaridades, a questão foi brotando no caminho – qual a loucura nas paisagens do Sul? E as respostas também brotavam, que se tratavam de forças de rexistências nas tramas da subjetividade e do biopoder no contemporâneo na relação com a loucura, exercitando-a, ou seja, forças moleculares minoritárias, revolucionárias, em um processo de desacoplamentos e reacoplamentos de máquinas, na luta consigo e cotidiana.

Ou seja, potência de tecer a vida no seu enredo, tecendo projetos no viver, fazendo a própria luta e participando da luta social e vice-versa, ocupando espaços de produção de redes de saúde, como controle social, gestão, formação, etc. e de si no tecido da vida, mediado pelos afetos e tensionando com lateralizações de saberes e poderes, reinventando a si e ao mundo. É destes processos que essas forças emergem e são produzidas a partir de processos emancipatórios que tem no horizonte a construção e transformação da realidade e de si, dado que um desses momentos não ocorre sem o outro e nem sem acionamentos, disparos e dispositivos e do mesmo modo, de um conhecimento produzido que dialogue com a produção, ampliação, intensificação, afirmação da vida.

As linguagens que narram esse percurso, não foram sem articulação a conceitos e teorias de pessoas, compositores(as) de diferentes saberes, que fizeram e fazem a diferença na história da humanidade e cotidiana, que contribuíram as essas ‘antropofagias’ em um trabalho que documenta movimentos da vida, linhas (d)e forças, do que afeta, do que nos move. Antropofagias, pois o escrito é o efeito do que se viveu e sentiu e que se devolve nestas composições.

Nada mais e nada menos foi, do que sentir-se afetado(a) pelo que da vida passa em nós e mexe com as nossas águas, pois em contrário, não andaríamos fazendo o que fizemos, se não estivéssemos afetados por algo em comum, como as nossas intimidades com a loucura de lutar por cidadania e dignidade, mesmo se atrapalhando, caindo, resvalando pelo caminho, o que é próprio de quem anda, pois é um processo em que vamos nos descontruindo e reconstruindo.

Quem ousará dizer que não há ciência e que não houve produção de conhecimento a partir dos encontros, do que já há produzido, se foi justamente o conhecimento em produção que nos moveu, do que fomos sentindo na pele, conforme alguns dos(as) teóricos(as) que se ocuparam com os(as) o tema dos afetos, como Uilson Santos, Spinoza, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Sueli Rolnik, entre outros. Conhecimento este que nos move mesmo sem tradução, por se tratar de um processo como o vivenciado no tecimento deste trabalho, narrado como desenho de uma realidade vivida, na tentativa de articular a produção de conhecimento com a vida e como motor de produção desta. Conhecimento entendido como máquina, como o que aciona, produz movimentos e é efeito do que disso faz o pensar e o agir.

Um conhecimento em produção, pois a partir do momento que vamos desacoplando máquinas de controle, de normalização, que tentam produzir alienação, do preconceito, das estigmatizações, entre tantas outras, provocam-nos reações, como a constituição de máquinas de guerra em relação a si mesmo e ao que anti-produz a vida, como as injustiças sociais, a opressão, o que tenta impedir que as pessoas sejam do jeito que são. Dessa loucura, pode-se dizer que sofremos. De reação. De contestação e combate as verdades, principalmente, as que postulam a loucura como doença, sendo que é um dos nossos principais poemas mentais em eloquente produção de vida intensiva, como se evidenciou nos pontos destas composições.

Foi nosso desejo, como assinalam Deleuze em Guattari (1992, 1995), só há implicação, se o ‘o desejo estiver tomado numa posição revolucionária’. Noutras palavras, são os movimentos de contraposição aos fascismos de cada dia, inclusive aos nossos mesmos, por várias linhas (d)e forças, como muitas foram pela música, por espaços de diálogo, pela criação, pelo engajamento nas lutas consigo mesmo e coletivas, pelos dispositivos de

agenciamento, pelos transversais, como as Tendas do Afeto Popular, constituindo máquinas de guerra, como zonas autônomas provisórias de transformação, enfim, pelos vários mecanismos que usamos, em que de algum modo fizemos "passar fluxos sob os códigos sociais que os querem canalizar, barrar" (DELEUZE, 1992, p. 80).

Essa foi e é a nossa loucura, tentar "descodificar os códigos, produzir desterritorializações" (DELEUZE, 1992, p. 86), no que nos separa da nossa potência de existir, justamente essa força de vida que nos fez e faz rexistir, criando linhas que perturbam as ordens tecidas, seja como discurso, organização social, cultural.

Então, essas nossas loucuras da não indiferença, não somente ao que nos afetava diretamente, mas do que nos tocava a cada um(a) na existência e ao que brotava de si e nos movíamos a produção de diferenças, como foi o narrado em textos, fotos e vídeos neste trabalho. Estas podem ser lidas como práticas emancipatórias, de produção de autonomia, solidárias, cúmplices, que nadam contra as correntes hegemônicas sobre a vida, ou seja que vão na contramão da sociedade de normalização, da perspectiva tutelar, que tentam se sobrepor aos saberes que valorizamos, defendemos, alimentamos, que é o menor, o popular, o da vida cotidiana, bem como os valores e práticas de solidariedade, da amizade, da cumplicidade, do que se reinventa e do que inventa mundos, e que deste modo rexiste ao que quer apagar seus traços de resistência (PALOMBINI, 2006).

Baremblitt (2005), que a força instituinte pode produzir contágios e mexer com os sossego dos que se entendem donos da vida, o que nesta caminhada de algum modo produzimos – contágio e mexidas, inclusive dizendo, que somos nós os protagonistas responsáveis pela singularidade da nossa existência.

Deste modo, pode-se considerar as loucuras que fizemos, do não estar indiferente ao que da realidade passa em nós, bem como de produção de diferença, como uma estética de rexistências e não menos, motor da história, pois ao interferir, pode ir alterando seus 'destinos', seu curso, assim como o foi o processo da Reforma Psiquiátrica em vários países do mundo e no Brasil, ainda que vivamos momentos de estagnação e retrocessos, mas que não tem mais volta, pois há muita força instituinte que não se deixará demolir sem resistir. São 'vozes' de um saber menor - os agenciamentos, a experimentação da auto e cogestão e os afetos, como produtores de forças moleculares, minoritárias, com potencial revolucionário na rexistência às maquinas hegemônicas mortíferas de vida. De rexistências somos feitos. **Rexistir é o verbo.**

Então, há em meios as geografias, um campo minado de forças revolucionárias e pontos de intensificação de vida!

Não sei se a vida é curta ou longa demais para nós,
Mas sei, que nada do que vivemos tem sentido
Se não tocarmos o coração das pessoas
Muitas vezes não basta ser:
O colo que acolhe,
O braço que envolve,
A palavra que conforta,
O silencio que respeita,
A alegria que contagia,
A lágrima que corre,
O olhar que acaricia,
O desejo que sacia,
O amor que promove.
E isso não é coisa de outro mundo,
É o que dá sentido à vida
É o que faz com que ela não
Seja nem curta, nem longa demais
Mas que seja intensa, verdadeira
Pura enquanto ela durar.

Cora Coralina

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Katia Faria de; ROCHA, Marisa Lopes da. Micropolítica e o exercício da pesquisa-intervenção: referenciais e dispositivos em análise. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, 27(4): 648-63, dez. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932007001200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 mar. 2017.

ALCANTARA, Clarissa de Carvalho. Corpoemaproceso – teatro dessessência. L'étroffe II – glossária. **Tese de doutorado**. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Centro de Ciências da Educação. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In.: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 1ª reimp. Porto Alegre: Sulina, 2010.

ALVES, Luciana Valadão Vasconcelos; CARDOSO, Letícia Silveira; DIMKOSKI, Elton D'Ávila. Percepção do Programa Saúde da Família a partir de estagiários do projeto VER-SUS: vivências e estádios na realidade do Sistema Único de Saúde. **Farm. Saúde desenvolv;** 7(3): 266-71, set-dez, 2005.

ALVES, Miriam Cristiane. Políticas de equidade e saúde mental. In.: Programação da Semana da Luta Antimanicomial 2017. 19 de maio de 2017. Restaurante Popular de Pelotas.

AMARAL, Augusto Luis Medeiros. Sugestão no processo de orientação. 2017.

AMARANTE, Paul, TORRE, Eduardo. 30 anos de Reforma Psiquiátrica Brasileira: lutando por cidadania e democracia na transformação das políticas e da sociedade brasileira. In: FONTES, B. A. S. M.; FONTE, E. M. M. (Orgs.). **Desinstitucionalização, redes sociais e saúde mental:** Análise de Experiências da Reforma Psiquiátrica em Angola, Brasil e Portugal. Recife: UFPE, 2010.

AMARANTE, Paulo (Coord.). **Loucos pela vida**: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.

AMARANTE, Paulo. Avaliação do processo da Reforma Antimanicomial no Brasil. Associação Brasileira de Saúde Mental (Abrasme). **Vídeo.** Publicado em 7 de mai. de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7i4QgENXXXw> . Acesso em: 10 jul. 2017.

ANDRADE, Selma Maffei; SOARES, Darli Antonio; CORDONI, Luiz. **Bases da Saúde Coletiva**. Londrina/PR: UEL, 2001.

ANTUNES RIBEIRO, Éverton Antunes. Registrado em diário de itinerário, colhido no testemunho autorizado das andanças no período de 2015-2017. Companheiro na Aussmpe, Tendas e vida.

AROUCA, Sérgio. **O dilema preventivista**. Contribuição para a compreensão e crítica da medicina preventiva. São Paulo: Unesp, 2003.

ASSIS, Machado. **O alienista**. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional Departamento Nacional do Livro. Disponível em: < http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000012.pdf> Acesso em 10 mar 2017.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SAÚDE COLETIVA - ABRASCO. Nota de Pesar: 'Marcus Matraga, Presente!'. Disponível em: <https://www.abrasco.org.br/site/noticias/institucional/nota-de-pesar-marcus-vinicius-presente/16028/> . Publicado em 06 de fevereiro de 2016. Acesso em 26 de abr. de 2017.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SAÚDE MENTAL - ABRASME. A marca de Marcus Matraga. Noticias. Poema de Sergio Pinho. Disponível em: <http://www.congresso2016.abrasme.org.br/informativo/view?ID_INFORMATIVO=275> . Publicado em 9 de junho de 2016. Acesso em 26 de abr. de 2017.

ASSOCIAÇÃO DE USUÁRIOS(AS) DOS SERVIÇOS DE SAÚDE MENTAL DE PELOTAS - AUSSMPE. Fotos colhidas pela andarilha nas andanças, no caso de escrita em papel pardo disponibilizado para manifestações voluntárias no dia no dia da Luta Antimanicomial em Pelotas, realizado ato em 18 de maio de 2017. Arquivos 2015-2017.

ASSOCIAÇÃO DE USUÁRIOS(AS) DOS SERVIÇOS DE SAÚDE MENTAL DE PELOTAS – AUSSMPE. Colhido nas andanças, registrado em Diário de Itinerário, período de novembro de 2014-2017.

AUSSMPE. Associação de Usuários/as dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas. Sitio em rede virtual Facebook. Publicado no dia 16 de maio de 2017. Disponível em: < https://www.facebook.com/profile.php?id=100006011028215> . Acesso em 09 de jun. de 2017.

ASSOCIAÇÃO DE SAÚDE MENTAL DE IJUÍ - ASSAMI. 2013-2017.

BAREMBLITT, Gregório. **Compendio de análisis institucional**. Buenos Aires: Madres de Plaza de Mayo, 2005.

BAREMBLITT, Gregório. **Compêndio de Análise Institucional e outras correntes***:* teoria e prática. Belo Horizonte, MG: Editora Instituto Félix Guattari, 2002.

BAREMBLITT, Gregório. **Introdução à esquizoanálise**. 3ª ed. Belo Horizonte: Instituto Feliz Guattari, 2010. (Coleção Esquizoanálise e Esquizodrama)

BAREMBLITT, Gregório. Deleuze & Guattari. **Vídeo**. Publicado por Tiago Silva Barreto em 20 de maio de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8FgLBsTwoJA> . Acesso em: 08 set. 2015.

BAREMBLITT, Gregório. Uma mutação radical nas práxis contemporâneas. In.: Jornada de Imersão em Esquizoanálise e Esquizodrama. Instituto Pitchon-Rivière. Fundação Gregório Baremblitt. Instituto Felix Guattari. **Vídeo**. Porto Alegre: 28 e 29 de novembro de **2014**.

BAREMBLITT, Gregório. A loucura e a sociedade. Congresso de Saúde Mental do Pontal do Triângulo Mineiro em 15 de abril de 2010. **Vídeo.** Disponível em: <http://jorgebichuetti.blogspot.com.br/2010/04/licoes-de-baremblitt-loucura-e.html> . Acesso em: 1 abr. 2017.

BAREMBLITT, Gregorio. Baremblitt e o conceito de realteridade. Instituto Gregório Baremblitt. **Vídeo** publicado em 25 de janeiro de 2017. Disponível em: https://www.facebook.com/institutogregoriobaremblitt/?rc=p. Acesso em 09 abr. 2017.

BARRETO, Lima. Anotações para o cemitério dos vivos. In.: OLIVEIRA, E**. Ouvindo vozes** – histórias do hospício e lendas do encantado. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2009.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 1ª reimp. Porto Alegre: Sulina, 2010.

BASAGLIA, Franco. **A psiquiatria alternativa**: conferências no Brasil. São Paulo (SP): Brasil Debates, 1979.

BECK, J. G.; JOSHUA, D. C,; JACOBS-LENTZ, Jason; MCNIFF Judiann; AVERY Megan; OLSEN, Shira A. The association of mental health conditions with employment, interpersonal, and subjective functioning after intimate partner violence. **Violence Against Women.** 2014;20(11):1321-37.

BEY, Hakim. **TAZ Zona autônoma temporária**, 1985. Trad. Patricia Decia & Renato Resende. Digitalização: Coletivo Sabotagem – contra-cultura. Disponível em: <http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/4a_aula/Hakim_Bey_TAZ.pdf> . Acesso em 04 de abr. de 2017.

BIRMAN, Joel. Descartes, Freud e a experiência da loucura. **Nat. hum.**, São Paulo , v.12, n.2, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302010000200001&lng=pt&nrm=i&tlng=pt> . Acesso em: 02 fev. 2017.

BORGES, José Fernando Borges. Registrado em diário de itinerário, colhido no testemunho autorizado das andanças no período de 2013-2017. Pai Zé e companheiro no Grupo Musical Los Lokos, na Associação de Usuários dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas - Aussmpe, Tendas do Afeto Popular, espaços de controle social e gestão de políticas públicas e na vida.

BOTTON, Alain. **Religião para ateus**. Trad.: PAOLOZZI, Vitor. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

BRANCO, Cid. **Oficina de teatro**. Museu do Doce. Casarão 8. Universidade Federal de Pelotas – UFPel. 2016.

BRASIL. Casa Civil. Lei no. 9.970 de 17 de maio de 2000. Institui o dia 18 de maio como o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. Brasília, 2000. Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9970.htm> . Acesso em 05 de mai. De 2017.

BRASIL. **Lei 10.708 de 31 de julho de 2003**. Institui o Programa de Volta pra Casa. Disponível em:<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/prog_volta_para_casa.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional do Ministério Público. **Atenção psicossocial a crianças e adolescentes no SUS:** tecendo redes para garantir direitos. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde Mental**. Legislação. Portal Saúde. S/dt. Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/802-sas-raiz/daet-raiz/saude-mental/l1-saude-mental/12319-legislacao-saude-mental> . Acesos em 25 de mai. de 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 3088 de 23 de dezembro de 2011**. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único

de Saúde (SUS). Brasília, 2011. Disponível em : < http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088_23_12_2011_rep.html> . Acesso em 06 jun. de 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação em Saúde. **Política Nacional de Educação Permanente em Saúde**. Brasília : Ministério da Saúde, 2009.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Lei 10.216 de 2001**. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10216.htm> . Acesso em: 22 jun. 2017.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto n. 7508 de 28 de junho de 2011**. Regulamenta a Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, para dispor sobre a organização do Sistema Único de Saúde - SUS, o planejamento da saúde, a assistência à saúde e a articulação interfederativa, e dá outras providências. Brasília: 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/D7508.htm> . Acesso em 01 mar. 2017.

BREM, Santa Helena da Silva. Registrado em diário de itinerário, colhido no testemunho autorizado das andanças no período de 2013-2017. Companheira no Grupo Vocal Esperança, Aussmpe e vida. Esta fala em específico, foi proferida no turno da tarde na Câmara Municipal de Pelotas em plenária sobre a Saúde Mental, que compreendia a programação do Seminário sobre o Dia Mundial da Saúde, realizado nesta data de 7/5/2017.

BRUM DOS SANTOS, Laci. Registrado em diário de itinerário, colhido no testemunho autorizado das andanças no período de 2013-2017. Companheira no grupo musical Los Lokos, Aussmpe e vida. 2014 – 2017.

BRUM, Eliane. **Black Blocs, os corpos e as coisas** - Como os mascarados desmascaram o Brasil do "mais um direito a menos". Coluna publicada no Jornal El País em 13 de setembro de 2016. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/12/opinion/1473693538_681813.html. Acesso em 09 jun. 2017.

BUSS, Paulo M.; PELLEGRINI FILHO, Alberto. Iniquidades em saúde no Brasil, nossa mais grave doença: comentários sobre o documento de referência e os trabalhos da Comissão Nacional sobre Determinantes Sociais da Saúde. **Cad. Saúde Pública**; 22(9):2005-8, 2006 . Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2006000900033> . Acesso em 10 de mar. de 2017.

CALVINO, Ítalo (1972). **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CÂMARA MUNICIPAL DE PELOTAS. Audiência pública 'Dia Nacional de Luta Antimanicomial'. Realizada em 16 de maio de 2017, no turno da tarde. 2017b. Disponível em: <https://www.facebook.com/camaramunicipalpelotas/videos/1323807841007619/> . Acesso em 09 jun. de 2017.

CÂMARA MUNICIPAL DE PELOTAS. Plenária de discussão sobre situação do Pronto Socorro de Pelotas. Realizada em 17 de maio de 2017, no turno da manhã. 2017c. Disponível em: <https://www.facebook.com/camaramunicipalpelotas/videos/1324629087592161/>. Acesso em 09 de jun. de 2017.

CÂMARA MUNICIPAL DE PELOTAS. Seminário "Dia Mundial da Saúde'. <https://www.facebook.com/camaramunicipalpelotas/videos/1284624454925958/>. 2017 a.

CÂMARA MUNICIPAL DE PELOTAS. Seminário do Dia Mundial da Saúde. A Saúde Mental em Debate. Realizado no dia 7 de abril de 2017, alusivo ao Dia Mundial da Saúde. Promovido pela Comissão de Saúde da Câmara Municipal, transmitido em tempo real e hospedado no sítio da Câmara na rede virtual facebook. Pelotas: 2017a. Disponível em : <https://www.facebook.com/camaramunicipalpelotas/videos/1284131548308582/>. Acesso em 06 jun. de 2017.

CAMARGO, André Campos. Félix Guattari: o capitalismo mundial integrado. **Anais** do VII Seminário de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar (2011). Disponível em: <http://www.ufscar.br/~semppgfil/wp-content/uploads/2012/05/andrecamargo.pdf>

CAMPOS, G. W. S. **Toma a terra de assalto.** São Paulo: Hucitec, 1999.

CAMPOS, Gastão Vagner de Souza. **Um método de análise e cogestão de coletivos**. São Paulo: Hucitec, 2005.

CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. Cogestão e neoartesanato: elementos conceituais para repensar o trabalho em saúde combinado com responsabilidade e autonomia. **Ciência & Saúde Coletiva**, 15(5):2337-2344, 2010. Disponível em: <http://sites.multiweb.ufsm.br/residencia/images/Disciplinas/CAMPOS-%20Cogestoe%20mudana.pdf>

CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. **Saúde Paideia**. São Paulo: Hucitec, 2005.

CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. Saúde pública e saúde coletiva: campo e núcleo de saberes e práticas. **Ciênc. saúde coletiva**. 5(2):219-30, 2000.

CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. **Um método para análise e co-gestão de coletivos.** 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 2005.

CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. **Um método para análise e cogestão de coletivos**. A constituição do sujeito a produção de valor de uso e a democracia em instituições: o método da roda. São Paulo: Hucitec, 2000.

CAPONI, Sandra. Michel Foucault e a persistência do poder psiquiátrico. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v.14, n.1, fev. 2009.

CARLOS, Erasmo; CARLOS, Roberto. Composição da música 'É preciso saber viver', a partir de "It's Over' de Elvis Presley, gravada pela primeira vez em 1968 por Ronaldo Luíz e Márcio Augusto Antonucci que formavam a dupla Os Vips'. Fontes: https://www.google.com.br/search?q=ano+de+composi%C3%A7%C3%A3o+%C3%89+Preciso+Saber+Viver&oq=ano+de+composi%C3%A7%C3%A3o+%C3%89+Preciso+Saber+Viver&aqs=chrome..69i57j0.5509j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8.

CARVALHO, Jhéssyca Dias de; LINS, Cristina Bastos Alves. UM Hospital Geral e suas concepções de loucura. **Rev. latinoam. psicopatol. Fundam.;** 18(2):383-93, 2015 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142015000200383&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 jan. de 2017.

CASTRO, Edgardo. **El vocabulario de Michel Foucault**. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2004. 376 p.

CECCIM, Ricardo Burg; MERHY, Emerson Elias. Um agir micropolítico e pedagógico intenso: a humanização entre laços e perspectivas. **Interface** (Botucatu), 13(supl.1):531-42, 2009. Disponível em: < http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832009000500006>. Acesso em 09 abr. 2017.

CHAVES, Samuel**. Conversa com músico sobre o conceito de melodia na música**. 23 de março de 2015.

CHAZAN, Lilian Krakowski. Corpo transparente e o panóptico expandido: considerações sobre as tecnologias de imagem nas reconfigurações da pessoa contemporânea. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro; 13(1):193-214, 2003.

COHAB TABLADA. Comemorando o dia da mulher assim. Sítio na rede virtual facebook. Informação postada em 08 de março de 2017. Disponível em: https://www.facebook.com/cohabtablada2/videos/1283143438459727/ > . Acesso em 03 de jun. de 2017.

COLFERAI, Sandro Adalberto. Cartografia da pesquisa em comunicação na/sobre a Amazônia brasileira: dados preliminares e inferências sobre procedimentos. In.: **Anais do Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades.** Niterói-RJ: ANINTER-SH/PPGSD-UFF, 2012.

COLLING, Ana Maria; ANDREOLA, Balduino A. Diálogos impertinentes entre Freire e Foucault. In.: FREITAS, Ana Lucia Souza de; GHIGGI, Gomercindo; PEREIRA, Thiago Ingrassia. **Paulo Freire em diálogo com outros(as) autores (as)**. Passo Fundo: Méritos, 2014.

COLUCCI, M. Que psiquiatria depois de Foucault. In.: ARTIERES, P. BERT, J. J., GROS, REVEL, J. **Caderno de Foucault**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

CONSELHO MUNICIPAL DE SAÚDE DE PELOTAS – CMS. Ata 03 de 2017, de reunião ordinária deste Conselho no dia 23 de março de 2017. Pelotas, RS: 2017.

COROCINE, Sidnei Celso**. A fabricação da periculosidade:** um relato sobre a violência das instituições. 2003. 71f. Dissertação. (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

COSTA, A. DE S. M.; VERGARA, S. C.. Estruturalista, pós-estruturalista ou pós-moderno? Apropriações do pensamento de Michel Foucault por pesquisadores da área de administração no Brasil. **Revista Gestão e Sociedade**; 6(13): 69-89, jan.\abr., 2012.

COSTA-ROSA, Abílio. O modo psicossocial: um paradigma das práticas substitutivas ao modo asilar In.: AMARANTE, Paulo (org.). **Ensaios:** subjetividade, saúde mental, sociedade**.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.

CUNHA, Gustavo Tenório, CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. Apoio Matricial e Atenção Primária em Saúde. **Saúde Soc.** São Paulo, v.20, n.4, p.961-970, 2011. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v20n4/13.pdf> . Acesso em 09 de jun. de 2017.

CUNHA, Gustavo Tenório. **A clínica ampliada na Atenção Básica**. São Paulo: Hucitec, 2005.

CUNHA, Gustavo Tenório; CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. Método Paideia para co-gestão de coletivos organizados para o trabalho. **Org & Demo**; 11(1):31-46, 2010.

DA SILVA, Paulo Darci. Registrado em diário de itinerário, colhido no testemunho autorizado das andanças no período de 2013-2017. Companheiro no grupo Vocal Esperança, na Aussmpe, no Programa Gente como a Gente, nos espaços de controle social e vida.

DE ARAUJO, Róger Albernaz. Máquina-método: ensaios de um devir metodológico**.** In: BARREIRO, Cristhianny; CASTRO, Beatriz Helena. **Narrativas de pesquisa em educação:** teoria e prática. Porto Alegre: Observatório da UFRGS, 2015.

DE LUCA, Renata. Inclusão: normalização?.. In: Colóquio do LEPSI IP/FE-USP, 4., 2002, São Paulo. **Anais.** Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032002000400018&script=sci_arttext> . Acesso em 04 fev. 2015.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. Tradução Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O Anti-Édipo:** capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka:** por uma literatura menor. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE. Gilles. **Spinoza.** Aula de 24 de janeiro de 1978. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/169848313/Deleuze-Spinoza-Aula-ideia-e-afeto-24-01-1978> . Acesso em 28 de jul. de 2017.

DELEUZE, Gilles. O pensamento nômade. In: MARTON, Scarlett (org.). **Nietzsche hoje?** Colóquio de Cerisy. São Paulo: Brasiliense, 1985. Disponível em: <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2015/05/12/pensamento-nomade-gilles-deleuze/>. Acesso em 04 abr. de 2017.

DELEUZE, Gilles. **Abecedário**. Transcrição do vídeo o Abecedário de Gilles Deleuze, realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris, 1989. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord [com modificações], 1989.

DELEUZE, Gilles. **Conversações.** Tradução Peter Pal Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In.: DELEUZE, Gilles (1925 – 1995). **Conversações**, 1972-1995. Trad.: PELBART, Peter Pal. São Paulo: Ed. 34, 1992. 232 p. p. 219 .(Coleção Trans).

DELEUZE, G. ; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia.V.1. Trad. Aurélio Guerra neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix**. Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Trad. NETO, Aurélio Guerra; COSTA, C. P. 1ª ed. São Paulo: Editora 34; 1995b. v. 2. (Coleção Trans).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix**. Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Trad. NETO, Aurélio Guerra; COSTA, C. P. 1ª ed. São Paulo: Editora 34; 1995b. v. 5. (Coleção Trans).

DELEUZE, G. **A Imanência:** uma vida. Trad. Tomaz Tadeu da Silva http:/pt.scribd.com/doc/Deleuze-Gilles. Acesso em 21/05/2011. Originalmente publicado em Philosophie, no 47, 1995c.

DELEUZE, Gilles**. O abecedário**. Realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord [com modificações]. 1995d.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Trad. NETO, Aurélio Guerra Aurélio; COSTA, C. P. São Paulo: Editora 34, 1996. v. 3. (Coleção Trans)

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos.** Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles. A imanência: uma vida... **Revista Educação e Realidade;** 27(2):10-18, jul./dez. 2002. Disponível em: <ttp://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/31079/19291> . Acesso em: 28 mar. 2017.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Trad.: MARTINS, Claudia Sant' Anna. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles. "E quanto a você? Que são suas 'máquinas desejantes'?". In.: DELEUZE, Gilles (1925-1995). **A ilha deserta:** e outros textos. Edição preparada por David Lapoujade. Organizado por Luis B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Sobre capitalismo e desejo. In: DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta:** e outros textos. Tradução: Luiz B. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia.** Tradução Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Munoz. Coleção Trans. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELGADO, Pedro Gabriel Godinho**. Brasil:** primeiros socorros psicossociais no Dia Mundial da Saúde Mental. Texto partilhado no coletivo de e-mails [emdefesareformapsiquiatrica]. 10 de out. 2016.

DEMO, P. **Introdução à Sociologia**: Complexidade, interdisciplinaridade e desigualdade social. São Paulo: Atlas, 2002.

DES ESSART, Vagner Berchon. Registrado em diário de itinerário, colhido no testemunho autorizado das andanças no período de 2015-2017. Companheiro na Aussmpe, Tendas, participação em espaços de controle social. Colhido em 2016.

DESCARTES, R. **Discurso do método.** Trad. M. E. G. G. Pereira. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DIÁRIO POPULAR. Cidade: **Programa de Extensão da UFPel** é um dos quatro considerados de excelência em nível nacional. Disponível em: <http://srv-net.diariopopular.com.br/08_01_04/jt070106.html> . Acesso em 30 de jun. de 2017.

DINIZ, Nilson Fernandes. **A esquizoanálise:** um olhar oblíquo sobre corpos, gêneros e sexualidades. Sociedade e Cultura; 11(2): p. 355-61, jul/dez. 2008. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/viewFile/5293/4332>. Acesso em 06 de ago. de 2017.

DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica:** para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

ELIAS, Andréa Damiana da Silva; TAVARES, Claudia Mara de Melo; CORTEZ, Elaine Antunes. Impacto do estigma da loucura sobre a atenção de enfermagem ao paciente psiquiátrico em situação de emergência. **Ciênc. cuid. Saúde**; 12(4):776-83, 2013. Disponível em: <http://eduem.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/22553/pdf_94>. Acesso em 30 out. de 2016.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Saúde. Terceira Coordenadoria Regional da Saúde. Comissão Intergestora Regional (CIR). Grupo Condutor Regional da Saúde Mental. **Plano de ação regional em Saúde Mental 2016-2019**. Pelotas-RS: agosto de 2016.

EUGENIO, Guillermo de. Apresentacion en la tradducción del libro 'La Revolución Molecular' escrito por Felix Guattari. Editores Errata Naturae, 2017.

SILVA, Ezequiel. Registrado em diário de itinerário, colhido no testemunho autorizado das andanças no período de 2013-2017. Companheiro na Aussmpe, Programa Gente como a Gente e vida. Esta fala em específico foi proferida na produção do vídeo da Aussmpe. 2016.

FARIAS, I. D. Narrativa sobre o grupo Musical Esperança por e.mail. Registrado em diário de itinerários utilizado pela 'andarilha'. 2017.

FARIAS, Walter; SONIM, Daniel Navarro. **O capa-branca** – de funcionário a paciente de um dos maiores hospitais psiquiátricos do Brasil. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **A educação física na crise da modernidade.** 1. ed. Ijuí: Unijuí, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Claudionei Fernando Oliveira. Registrado em diário de itinerário, colhido nas andanças da 'andarilha' no período de 2015-2017. Companheiro na Aussmpe, Programa Gente como a Gente, Tendas, espaços de controle social, da gestão de políticas públicas e vida.

FIOCRUZ. Fundação Osvaldo Cruz. **Portal sobre determinantes sociais em saúde**. Centro de Estudos, Políticas e Informação sobre Determinantes Sociais da Saúde (CEPI-DSS). Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP). Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Disponível em: http://dssbr.org/. Acesso em 28 fev. 2017.

FONSECA, Tania Mara Galli; KIRST, Patricia Gomes. **Cartografias e devires**: a construção do presente. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

FONSECA, Tania Mara Galli; KIRST, Patrícia Gomes. O desejo de mundo: um olhar sobre a clínica. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre; 16(3):29-34, dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v16n3/a04v16n3.pdf> . Acesso em 24 jul. 2015> . Acesso em 10 mar. de 2017.

FONSECA, Tania Maria Galli. Prefácio. In.: PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia, ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia** – pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Edmundo Cordeiro; António Bento Edição Gallimard, Paris, 1971.

FOUCAULT, M. **Doença mental e psicologia**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1975.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

FOUCAULT, Michel. Introdução à vida não-fascista. Prefácio. In.: Gilles Deleuze e Félix Guattari. **Anti-Oedipus**: Capitalism and Schizophrenia, New York, Viking Press, 1977, pp. XI-XIV. Traduzido por Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/vidanaofascista.pdf> . Acesso em 09 abr. de 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** história da violência nas prisões. 24ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder (1983). In.: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Foucault:** uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 15ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel (1926-1984). **História da sexualidade II**: O uso dos prazeres. Tradução: ALBUQUERQUE, Maria Thereza Da Costa; ALBUQUERQUER, J. A. Guilhon. 7a ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel (1926-1984). **História da sexualidade I** – a vontade de saber. Tradução: ALBUQUERQUE, Maria Thereza Da Costa; ALBUQUERQUER, J. A. Guilhon. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas –** uma arqueologia das ciências humanas (1926-1984). Trad.: Salma Tannus Muchail. 8ª ed. Saúde Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade III**: O cuidado de si. Tradução: ALBUQUERQUE, Maria Thereza Da Costa; ALBUQUERQUER, J. A. Guilhon. 8a ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

FOUCAULT, Michel. **O poder psiquiátrico.** São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber** (1926-1984). Trad.: NEVES, Luiz Felipe Baeta. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da biopolítica**. Trad.: BRANDÃO, Eduardo. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**: curso no Collège de France (1977-1978). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FOUCAULT, Michel. **Estética:** literatura e pintura, música e cinema. Organização Manoel Barros da Motta, tradução por Inês Antran Dourado Barbosa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. (Ditos e escritos, III)

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. 2ª ed. Martins Fontes, 2010a.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

FOUCAULT, Michel**. A coragem de verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática de liberdade (1984). **Ditos e escritos V:** ética, sexualidade e política. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FUGANTI, Luis. **Palestra sobre Nietzsche:** por uma vida potente e livre do julgamento moral. Curso presencial e online sobre Nietzsche e o Ressentimento. Palestra disponibilizada online no período de 24 a 3 de abril de 2017, a qual foi transcrita. Escola Nômade de Filosofia. 2017.

FÜLBER, Graziele Gonçalves; THOMA, Adriana da Silva. Cartografia de uma infância: registros fotográficos que articulam família e escola no processo educacional de uma criança surda**. Anais do IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul –** ANPED Sul. 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2397/699>. Acesso em: 01 abr. 2015.

GALEANO, Eduardo (1971). **Veias abertas da América Latina**. Tradução de Galeano de Freitas, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, estudos latino-americano, v.12). Digitalização pelo Coletivo Sabotagem. Disponível em: <https://copyfight.noblogs.org/gallery/5220/Veias_Abertas_da_Am%C3%83%C2%A9rica_Latina(EduardoGaleano).pdf> . Acesso em 30 de abr. de 2017.

GALEANO, Eduardo. Pra que serve a utopia? Disponível em:<http://www.portalraizes.com/para-que-serve-a-utopia-por-eduardo-galeano-2>. Acesso em 25 de jul. de 2017.

GIANNINI, Rogério. Não existe manicômio humanizado, o que trata é a liberdade. Nota publicada no sítio do Conselho Federal de Psicologia, alusivo ao dia da Luta Antimanicomial em 18 de maio de 2017. Disponível em : <http://site.cfp.org.br/nao-existe-manicomio-humanizado-o-que-trata-e-liberdade-reafirma-presidente-do-cfp/> . Acesso em 06 de jun. De 2017.

GOFFMANN, E. **Estigma** – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Trad. Matias Lambert. Digitalizado pelo Coletivo Sabotagem com permissão de New Directions, Publishers. 2004.

GOMES, Ivo Airton Ferreira. Registrado em diário de itinerário, colhido nas andanças da ‘andarilha’ no período de 2015-2017. Companheiro na Aussmpe, Tendas, Programa Gente como a Gente, espaços de controle social e vida.

GONÇALVES, Daniel Luis Cidade; ASSMANN, Selvino José. A liberdade cética de Michel Foucault. **Revista Estudos Filosóficos**, v.9, p. 68-76, 2012. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/art6_rev9.pdf> . Acesso em: 12 mar. 2014.

GRUPO MUSICAL LOS LOKOS. Fotos e informações colhidas pela ‘andarilha’ nas andanças pelo e com o Grupo, registradas no diário de itinerário, no período de 2014-2017. Arquivos 2013-2017.

GRUPO MUSICAL HAMORNIA ENLOUQUECE. Blog de saúde mental e cidadania. Disponível em: <http://saudementalecidadania.blogspot.com.br/2010/02/grupo-harmonia-enlouquece.html> . Informação postada em 22 de fevereiro de 2010. Acesso em 23 de abr. de 2017.

GRUPO MUSICAL HARMONIA ENLOUQUECE. **Sufoco da vida**. Composição: Alexandre Machado / Hamilton de Jesus. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/harmonia-enlouquece/1429979/>. Acesso em 25 de abr. de 2017.

GRUPO VOCAL ESPERANÇA. Fotos e informações colhidas pela ‘andarilha’ nas andanças pelo e com o Grupo, registradas no diário de itinerário, no período de 2013-2017.

GRUPO VOCAL ESPERANÇA. Narrativas sobre o engajamento com o processo de Reforma Psiquiátrica e testemunho do grupo em si, como integrante e construtor da história da Loucura em Pelotas, Região Sul, estado e nação e mundo. 2016.

GUATTARI, F. ; ROLNIK, S. **Micropolítica:** Cartografia do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUATTARI, F. **Caosmose:** um novo paradigma estético. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Claúdia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, Felix. Somos todos grupelhos. GATTARI, Félix. **Revolução molecular:** pulsações políticas do desejo. Trad.: Sueli Belinha Rolnik. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GUATTARI, Félix. **Revolução Molecular:** pulsações políticas do desejo. Tradução de Suely Rolnik. 3a edição, São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 221.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias.** Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. — Campinas, SP : Papirus, 1990b.

GUATTARI, Felix. A subjetivação subversiva. **Entrevista realizada por Antonio Lancetti e Maria Rita Khel com Félix Guattari**. Edição 12, publicada em 01 de outubro de 1990, Teoria e Debate. Disponível em: <http://www.teoriaedebate.org.br/materias/sociedade/subjetivacao-subversiva?page=full> . Acesso em 22 de abr. de 2017.

GUIZARD, F. L.; LOPES, M. R.; CUNHA, M. L. S. Contribuições do movimento institucionalista para o estudo de políticas públicas de saúde. In.: MATTOS, R. A.; BAPTISTA, T. W. F. **Caminhos para análise das políticas de saúde**. 1a. ed. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2015.

ILHA, Patrícia de Lima. Registrado em diário de itinerário, colhido nas andanças da ‘andarilha’ no período de 2013-2017. Esta fala em específico, foi proferida no turno da tarde no Programa Gente como a Gente na Rádio Com, que vai ao ar nos sábados, no horário das 13:30 até as 15horas, este no caso em 13 de maio de 2017. 2017a.

ISQUIERDO, Gilberto. **Loka vida**. Cd. Lançamento em 2016.

JAPIASSU, H. **Questões Epistemológicas.** Rio de Janeiro, Imago, 1981.

JARDIM, Katita; DIMENSTEIN, Magda. Interface entre a saúde mental e a justiça: desconstruções e problematizações sobre o louco perigoso. **Veredas do direito.** Belo Horizonte, v.4, n.8, p. 51-63, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.domhelder.edu.br/revista/index.php/veredas/article/view/47/34> . Acesso em: 08 abr. 2017.

JORNAL BRASIL DE FATO. Levante Popular da Juventude recebe de Dilma homenagem do Prêmio Direitos Humanos. Disponível em:<https://www.brasildefato.com.br/node/11421/> . 18 de dezembro de 2012. Acesso em 01 de mai. De 2017.

JUNIOR, A. S. A hermenêutica do sujeito em Michel Foucault**. Revista AdVerbum**, v.4, n.2, p. 95-103, 2009.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina Benevides de. Movimentos-funções do dispositivo na pratica da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 1ª reimp. Porto Alegre: Sulina, 2010.

KINOSHITA, Roberto Tykanori. Por uma ação peripatética na atenção psicossocial no Sistema Único de Saúde. Conferência de encerramento. III Seminário de Atenção Psicossocial. 13 de agosto de 2016.

KOCI, Anne Floyd; MCFARLANE, Judith; CESARIO, Sandra; SYMES, Lene; BIANCHI, Ann; NAVA, Angeles; GILROY, Hedi; LIU, Fugin; PAULSON, Rene; MONTALVO-LIENDO, Nora; ZAHED, Hossein. Women's Functioning Following an Intervention for Partner Violence: New Knowledge for Clinical Practice from a 7-Year Study. **Mental Health Nursing**. 35(10): 745-55, 2014.

KRAEMER, Celso. **Ética e liberdade em Michel Foucault** – uma leitura de Kant. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2011.

LA VIA CAMPESINA. "Nada sobre nosotros, sin nosotros", dice el campesinado en la consulta global sobre los Derechos de los Agricultores. Disponível em: < https://viacampesina.org/es/index.php/temas-principales-mainmenu-27/derechos-humanos-mainmenu-40/recursos-sobre-los-derechos-de-los-campesinos/2785-nada-sobre-nosotros-sin-nosotros-dice-el-campesinado-en-la-consulta-global-sobre-los-derechos-de-los-agricultores> . Publicado el Jueves, 29 Septiembre 2016 23:28. Acesso em 10 de out. de 2016.

LACAN, Jean Jacques**. O seminário,** livro III: as psicoses. 2ª ed revista. Tradução Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico**. Coleção Primeiros Passos, Ed. Brasiliense, 1987.

LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE. Blog. Disponível em:< http://levante.org.br/> Acesso em 10 mar 2017.

LIRA-NETO, José Cláudio Garcia, FREITAS, Roberto Wagner Júnior Freire de; BRITO, Emmanuel Calisto da Costa, SANTOS, Leianny Rodrigues dos; ALVES, Lívio Eduardo Pereira, ALVES, Lunara Rocha Antunes. VER-SUS: um relato de experiência sobre uma vivência-estágio na realidade do Sistema Único de Saúde. **Rev enferm UFPE**; 7(esp):1042-6, mar., 2013. Disponível em:< https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/11574/13571> .

LOBOSQUI, Ana Marta. **Experiências da Loucura.** Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

LOPES, Ivon Fernandes. Registrado em diário de itinerário, colhido no testemunho autorizado das andanças da 'andarilha' no período de 2015-2017. Companheiro na Associação de Usuários dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas, Programa Gente como a Gente, Coletivo Povaréu Sul, Tendas do Afeto Popular, espaços de controle social e gestão de políticas públicas de saúde e vida.

LOURAU, René. **Análise institucional e práticas de pesquisa**. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.

LÜCHMANN, Lígia Helena Hahn, RODRIGUES, Jefferson. O movimento antimanicomial no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva;** 12(2):399-407, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v12n2/a16v12n2> . Acesso em: 03 dez. 2016.

LUZ, Madel Terezinha. **Natural, racional, social** – razão médica e racionalidade científica moderna. São Paulo: Hucitec, 2004.

MARQUES, Mario Osório. **Conhecimento e modernidade em reconstrução**. Ijuí: UNIJUÍ, 1993.

MARTINES, Wânia Regina Veiga; MACHADO, Ana Lúcia; COLVERO, Luciana de Almeida. A cartografia como inovação metodológica na pesquisa em saúde. Temas Livres. **Tempus - Actas de Saúde Coletiva.** 2013.

MAURICIO, Eduardo; MANGUEIRA, Maurício. Imagens do pensamento em Gilles Deleuze: representação e criação. **Fractal: Revista de Psicologia**;23(2):291-304, mai./ago. 2011. Disponível em: <http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/529/520> . Acesso 16 mar. de 2017.

MCLAREN, Norman. Synchromy. **Filme.** (1971). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UmSzc8mBJCM> . Publicado em 23 de maio de 2008. Acesso em 19 abr. 2017.

MEIRELLES, Maria Carolina Pinheiro. Texto redigido a partir da apresentação e discussão sobre os Anexos J e K, com assentimento de todos/as os/as presentes ao final da reunião do Grupo Condutor Regional de Saúde Mental em 11 de maio de 2017.

MEJÍA, Rafael Estrada. Micropolíticas, cartografias e heterotopias urbanas: derivas teórico-metodológicas sobre a aventura das (nas) cidades contemporâneas. **Revista Espaço Acadêmico**, 11(132): 1-9, 2012.

MENDES, Flavio Martins de Souza Mendes; FONSECA, Karina de Andrade, BRASIL, Julia Alves, ARAÚJO, Maristela Dalbello. Ver–Sus: Relato de Vivências na Formação de Psicologia. **Psicologia:** ciência e profissão; 32(1):174-87, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v32n1/v32n1a13.pdf> . Acesso em 30 de abr. de 2017.

MERHY, E. E. Saúde integral (vertical e horizontal), humanizada e com atenção a diferentes tipos de sofrimentos. **III Seminário de Atenção Psicossocial**. CRP Santa Catarina. 11 de agosto de 2016.

MERHY, Emerson Elias. **A loucura e a cidade** – outros mapas. Texto apresentado na conferência realizada no Encontro da Rede Substitutiva em Saúde Mental promovido pelo Fórum Mineiro de Saúde Mental em 2003.

MILLANI, Helena de Fátima Bernardes; VALENTE, Maria Luisa L. de Castro. O caminho da loucura e a transformação da assistência aos portadores de sofrimento mental. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.**, Ribeirão Preto ; 4(2): ago. 2008 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1806-69762008000200009&script=sci_arttext>. Acesso em: 18 jan. 2017.

MIRON, Vera Lucia. Loucos, nervosos, esquisitos. **Tese** (Doutorado em Enfermagem). Universidade de São Paulo – USP, 1998.

MONCEAU, Gilles. Implicação, sobreimplicação e implicação profissional. **Fractal Revista de Psicologia**, 20(1): 2008. Disponível em: <http://www.scientificcircle.com/pt/84494/implicacao-sobreimplicacao-profissional/>. Acesso em: 16 mar. 2017.

MORAES, Vinícius. Soneto de fidelidade. In.: MORAES, Vinicius. **Antologia poética.** Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960, p. 96.

MOREIRA, Igor. **O espaço rio-grandense.** Editora Ática: 2007.

MORIN, Edgar. **O problema epistemológico da complexidade**. Lisboa: Publicações Europa-América. 1983.

NASCIMENTO, Luciano Matos do. Registrado em diário de itinerário, colhido no testemunho autorizado das andanças no período de 2015-2017. Companheiro no Programa Gente como a Gente, espaços de controle social e vida.

NAVARRO, E. A. **Dicionário de Tupi Antigo**: a língua indígena clássica do Brasil. São Paulo. Global. 2013. p. 578.

NEGRI, Antonio. **La fabrica de porcelana**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

NIETZSCHE, F. **Humano, demasiado humano**. Tradutor Paulo Cesar Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PEREIRA, Angela Teresa Nobre. Registrado em diário de itinerário, colhido no testemunho autorizado das andanças no período de 2015-2017. Companheira na Aussmpe, no Programa Gente como a Gente, nos espaços de controle social e gestão de políticas públicas, nas Tendas do Afeto Popular e vida.

ORLANDI, Luiz B. L. Deleuze e nós. **Revista Cult.** Ed. 108. 2010. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/deleuze-e-nos/> Aceso em 01 mar. 2017.

PAIM, Jairnilson Silva, ALMEIDA-FILHO, Naomar de. **Saúde coletiva**: teoria e prática. 1ª ed. Rio de Janeiro: Medbook, 2014.

PALOMBINI, Analice de Lima. Acompanhamento terapêutico: dispositivo clínico-político. Psychê — Ano X — nº 18 — São Paulo — set/2006 — p. 115-127. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psyche/v10n18/v10n18a12.pdf> Acesso em 08 de jul. de 2017.

PASSOS, E. BARROS, R. B. PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 1ª reimp. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 76-91.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In.: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 1ª reimp. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PASSOS, Eduardo; PALOMBINI, Analice de Lima; CAMPOS, Rosana Onocko; RODRIGUES, Sandro Eduardo; MELO, Jorge; MAGGI, Paula Milward; MARQUES, Cecília de Castro e; ZANCHET, Lívia; CERVO, Michele da Rocha; EMERICH, Bruno. Autonomia e cogestão na prática em saúde mental: o dispositivo da gestão autônoma da medicação (GAM). **Aletheia**; 41: . 24-38, 2013. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/1150/115031073003.pdf> . Acesso em 27 de abr. de 2017.

PAULON, S. M.; ROMAGNOLI, R. C. Pesquisa-intervenção e cartografia: melindres e meandros metodológicos. Estudos e pesquisas em psicologia, Rio de Janeiro; 10(1): 85-102, 2010. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v10n1/artigos/pdf/v10n1a07.pdf> . Acesso em 09 jan. 2017.

PELBART, P. P. **O tempo não-reconciliado**. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 1998.

PELBART, Peter Pál. Como viver só? Vídeo do 4º Seminário: **Vida Coletiva** – Seminários Internacionais para a 27ª Bienal de São Paulo, realizado em 04 de agosto de 2006. Publicado em 2006. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-8wh6LKLR1Y> . Acesso em: 28 ago. 2015.

PELBART, Peter Pal. **Da clausura do fora ao fora da clausura:** Loucura e desrazão. São Paulo: editora brasiliense, 1989.

PELBART, Peter Pál. Manicômio mental – a outra face da clausura. **Saúde e loucura 2**. São Paulo: Hucitec, 1991.

PELBART, Peter Pal. Prólogo. In.: DELEUZE, Gilles. **Conversações**, 1972-1995. Trad.: PELBART, Peter Pál. São Paulo: Ed. 34, 1992. 232 p. (Coleção Trans).

PELOTAS. Capital do doce. Porta BOL (editado em 15/12/2015). Disponível em: <http://noticias.bol.uol.com.br/fotos/bol-listas/2015/09/08/44-capitais-brasileiras-que-voce-nem-sabia-da-existencia.htm?fotoNav=10#fotoNav=12> . Acesso em 05 de set 2016.

PEREIRA, William Cesar Castilho. **Movimento institucionalista**: principais abordagens. Revista de Psicologia da UERJ. 2007. http://www.revispsi.uerj.br/v7n1/artigos/html/v7n1a02.htm

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Editora Autentica, 2000.

PINHO, Luiz Celso. **A vida como uma obra de arte**: esboço de uma ética foucaultiana. S/dt. Disponível em: < http://www.ufrrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/etica-alteridade/artigos/Luiz_celso_Pinho.pdf> . Acesso em 01 de mai. 2017.

POMMER, Carolina Demaman, ROCHA, Cristianne Famer. Nau da Liberdade: travessia nômade entre teatro e saúde mental em desinstitucionalização. **Rev. Polis e Psique,** 2015; 5(3): 45 – 60. Disponível em: < http://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/56996/pdf_38> . Acesso em 30 de jun. de 2017.

POVARÉU - Arte, Saúde e Educação Popular. Coletivo gaúcho. Que intitulou um de seus espaços como de 'junto e misturado'. 2014.

PRADO, Marcos. **Estamira.** Filme sobre a vida de Estamira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KFyYE9Cssuo> . Publicado em 28 de julho de 2012. Acesso em 23 abr. de 2017.

PROGRAMA GENTE COMO A GENTE. Rádio Com. Veiculado em 20 de maio de 2017. Arquivos da 'andarilha'. 2017.

PROGRAMA GENTE COMO A GENTE. Rádio Com. Compartilhados por e.mail por Ivon Fernandes Lopes. 2017.

PROVIDELLO, G. G., YASUI, Silvio. Loucura em Foucault: arte e loucura, loucura e insensatez. **Hist Cien Saude Manguinhos;** 20(4):1515-29, out. 2013. Disponível em: <DOI:10.1590 / S0104-59702013000500005> . Acesso em: 01 jul. 2017.

RAZÃO INADEQUADA. Esquizoanálise. Site que publica textos na relação com a Filosofia da Diferença. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/filosofos-essenciais/deleuze/esquizoanalise/> . Publicado s/ dt. Acesso em 22 Abr. de 2017.

REBERENDO, Fernando; ARÉVALO, Lamberto. **Esquizoanálisis?** Disponível em: <http://www.esquizoanalisisweb.com/#!qu-es-el-ezquizoanlisis/cdfz> . Acesso em: 16 abr. 2017.

RIBEIRO, Vera Oppa. Testemunho de narrativas sobre o engajamento com a Reforma Psiquiátrica. Integrante do grupo Vocal Esperança desde a sua fundação em 2001. Testemunhos ocorridos nos encontros do grupo Vocal Esperança. Este, especificamente, acontecido no Caps Escola, em momento de construção das fantasias de 'palhaço' para a 'festa do amigo', dado a uma forma de manifestar descontentamento em relação aos desmontes das políticas públicas nacionais, estaduais e municipal. 2006.

RIO GRANDE DO SUL. Assembleia Legislativa do estado. Lei 9.716 de 07 de agosto de 1992. Dispõe sobre a Reforma Psiquiátrica no Rio Grande do Sul, determina a substituição progressiva dos leitos psiquiátricos por rede de atenção integral em saúde mental, determina regras de proteção aos que padecem de sofrimento psíquico, especialmente quanto às internações psiquiátricas compulsórias, e dá outras providências. 1992. Disponível em: < http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXTO&Hid_TodasNormas=15281&hTexto=&Hid_IDNorma=15281> . Acesso 07 de mai. de 2017.

RIO GRANDE DO SUL. Lei nº 11.919, de 06 de junho de 2003. Declara integrante do patrimônio cultural do Estado os doces artesanais de Pelotas. Porto Alegre/RS, 2003.

ROCHA, Décio. Agenciamentos coletivos de enunciação em *o Homem* que copiava. **Psicologia em Estudo, Maringá**, v. 12, n. 2, p. 403-413, maio/ago. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a22.pdf

RODRIGUES, Bruno Cava. O Anti-Édipo. Resenha de DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1. Trad. Luiz B. Orlandi. Ed. 34. 2010 [1972]. Publicado em 'Destaques, filosofia, resenhas, na data de 01 de junho de 2012. Disponível em: http://www.quadradodosloucos.com.br/?s=o+anti-%C3%A9dip&submit=Busca . Acesso em 04 abr. 2017.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental:** transformações contemporâneas do desejo. 1ª ed. Porto Alegre: Editora Sulina\UFRGS; 2007.

ROLNIK, Suely. **Ninguém é deleuziano.** Entrevista publicada no Caderno Cultural: 02-03. Salvador, 09/12/95.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. **Deleuze e Guattari.** Vídeo publicado por Tiago Silva Barreto em 28 de maio de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-JnazrUAZqY> . Acesso em: 16 jan. 2017.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. O conceito de implicação e a pesquisa-intervenção institucionalista. **Psicologia & Sociedade**, 26(1): 44-52, 2014.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho; PAULON, Simone Mainieri; AMORIM, Ana Karenina de Melo Arraes; DIMENSTEIN, Magda . Por uma clínica da resistência: experimentações desinstitucionalizantes em tempos de biopolítica. **Interface,** Botucatu, v.13, n.30, p. 199-207, set. 2009 . Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832009000300016> . Acesso em 26 mar. 2017.

ROSA, Maria Alice Sant'Anna. Registrado em diário de itinerário, colhido no testemunho autorizado das andanças no período de 2013-2017. Companheira no Grupo Vocal Esperança e na vida.

ROSÁRIO, Nísia Martins do; AGUIAR, Lisiane Machado. Pluralidade metodológica: a cartografia aplicada às pesquisas de audiovisual. **Revista Comunicación**; 1(10): 2012. Disponível em: <http://www.revistacomunicacion.org/pdf/n10/mesa8/098.Pluralidade_metodologica-a_cartografia_aplicada_as_pesquisas_de_audiovisual.pdf> . Acesso em: 01 abr. 2017.

ROSSI, André; PASSOS, Eduardo. Análise institucional: revisão conceitual e nuances da pesquisa-intervenção no Brasil. **Rev. Epos**, Rio de Janeiro, 5(1): 156-81, jun. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2014000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 mar. 2017.

ROTTERDAM, Erasmo (1466-1536). **Elogio da loucura**. Trad. Paulo M. Oliveira. eBooks Brasil, Editora Atena, 2002. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/erasmo.html> . Acesso em: 01 jul. 2017.

ROUANET, Sérgio Paulo et al. **O homem e o discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

RUBIRA, Luís (Org.). Almanaque do Bicentenário de Pelotas. / Luís Rubira (Projeto LIC: Gaia Cultura & Arte). v. 1: fac-símile da "Revista do 1o Centenário de Pelotas / João Simões Lopes Neto", textos diversos e fotografias da cidade. – Santa Maria/RS: PRÓ-CULTURA RS / Gráfica e Editora Pallotti, 2012. p. 336

RUBIRA, Luis. Almanaque do Bicentenário de Pelotas. / Organizado por Luís Rubira (Projeto LIC: Gaia Cultura & Arte). v. 3: Economia, Educação e Turismo. Textos de Pesquisadores e Imagens da Cidade. – Pelotas/RS: Pró-Cultura / Editora João Eduardo Keiber ME, 2014.

S/autor. Tornar-se outro [Outrar-se vs. Antropofagia e Antropoemia]. In.: Academic bursary, the 'old' ones, master pieces on July 14, 2009 at 3:28 am. Disponível em: <https://surveillanceme.wordpress.com/2009/07/14/tornar-se-outro-outrar-se-vs-antropofagia-e-antropoemia/> . Acesso 14 de mar. de 2017.

SANTIAGO, Eneida Silveira; YASUI, Silvio. A configuração de forças na constituição histórica do trabalho como estratégia de cuidado em saúde mental: problematizações foucaultianas. **Omnia Saúde**, 10(2):59-81, 2013. Disponível em: <http://www.fai.com.br/portal/ojs/index.php/omniasaude/article/viewFile/398/pdf> . Acesso em: 21 mai. 2017.

SANTOS, Uilson Admar dos. Registrado em diário de itinerário, colhido no testemunho autorizado das andanças no período de 2014-2017. Companheiro no Grupo Musical Los Lokos, na Associação de Usuários dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas - Aussmpe, Tendas do Afeto Popular, espaços de controle social e na vida.

SILVA, Vanilda Pereira da. Registrado em diário de itinerário, colhido no testemunho autorizado das andanças no período de 2013-2017. Mãe Preta, companheiro no Grupo Vocal Esperança, no Musical Los Lokos, na Associação de Usuários dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas - Aussmpe, no Coletivo Povaréu Sul, nas Tendas do Afeto Popular, espaços de controle social e gestão de políticas públicas e na vida.

SANTOS, Boaventura de Souza. Memorial de candidatura de Boaventura de Sousa Santos ao título de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Brasília. Disponível em: <

http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Memorial_Nair%20Heloisa%20Bicalho%20de%20Sousa_29%20Outubro%202012.pdf> . Acesso em 25 de jul. de 2017.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. 13ª ed. Porto: Afrontamento, 2002.

SANTOS, Dina Maria Rosário dos. Territórios existenciais e narrativas de trajetórias escolares. **Revista Brasileira de Pesquisa** (Auto)Biográfica; 1(2):356-69,2016. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2668/1801> Acesso em 19 abr. de 2017.

SARACENO, B. **Libertando identidades:** da reabilitação psicossocial à cidadania possível. Belo Horizonte: Instituto Franco Basaglia/Te Corá, 1999.

SILVA, Carlos Eugênio Costa da. **PoeticaMente**: reflexões da criação poética como Oficina Terapêutica em um Centro de Atenção Psicossocial. Pelotas: Cópia Santa Cruz Ltda., 2016.

SILVA, Clarice Eliane Duarte da, ANDRADE, Ana Paula Muller de, ARGILES, Carmen Terezinha Leal, MATOS, Denise Gullo de. Registros, fatos, escritos – memórias e histórias da reforma psiquiátrica. Curitiba/PR: Appris, 2016.

SILVA, Stela Maris. **A vida como obra de arte.** S/ dt. http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/RevistaCientifica2/stelamaris.pdf

SIMÕES, Maicon Arthur. Registrado em diário de itinerário, colhido no testemunho autorizado das andanças da 'andarilha' no período de 2015-2017. Companheiro na Associação de Usuários dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas, Coletivo Povaréu Sul, Programa Gente como a Gente, espaços de controle social e vida.

SOUZA, Antônio Vital Menezes; SANTOS, Vinícius Silva. Aprendência(s) nômade(s): expressões da multiplicidade em Gilles Deleuze. In.: Anais do V Colóquio Internacional – educação e contemporaneidade. 21 a 23 de setembro de 2011.São Cristóvão-SE, 2011.

TRINDADE, Rafael. **Nietszche** – amor fati. Publicado em 03 de abril de 2013. Disponível em: < https://razaoinadequada.com/2013/04/03/nietzsche-amor-fati/>. Acesso 10 mar 2017.

UBESSI, Liamara Denise. A educação permanente na política pública de saúde. (Dissertação). **Mestrado em Educação nas Ciências** – Enfermagem. Ijuí/RS: Unijuí, 2012.

ULPIANO, Claudio. Pensamento e liberdade em Espinosa. Palestra, outono, 1988. Disponível em: <www.claudioulpiano.org.br> . Acesso em 12 out.2016.

VALDENI. Narrativa sobre a história de Pelotas em uma das tardes de conversa e música no grupo Vocal Esperança no centro de Artes da UFPEl. 2013.

VALENÇA, Cecília Nogueira; GERMANO, Raimunda Medeiros; MALVEIRA, Fernanda Aparecida Soares; AZEVÊDO, Lorena Mara Nóbrega de; OLIVEIRA, Aline Galúcio de. Articulação teoria/prática na formação em saúde e a realidade do Sistema Único de Saúde**. Rev enferm UERJ,** Rio de Janeiro, 2014 nov/dez; 22(6):830-5. http://www.facenf.uerj.br/v22n6/v22n6a17.pdf

VALERY, Paul. **Frase**. Disponível em: <http://www.culturapara.art.br/opoema/paulvalery/paulvalery.html> . Acesso em: 10 jan. 2017.

VALLA, Victor Vincent. Participação popular e saúde: a questão da capacitação técnica no Brasil. In: VALLA, Victor V.; STOTZ, Eduardo N. (Orgs.). **Participação popular, educação e saúde:** teoria e prática. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.

VANDRESEN, Daniel Salésio. A razão da loucura e a loucura da razão. **Filosofia Revista Litteris,** n.11, 2013. Disponível em: <http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/RL_11A_razao_da_loucura_e_a_loucura_da_razao_DANIEL_S_VANDRESEN.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2017.

VASCONCELOS, Eymard Mourão. **Educação popular: de uma prática alternativa a uma estratégia de gestão participativa das políticas de saúde.** Physis. 2004;14(1):67-83. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312004000100005>. Acesso em 15 jun. de 2017.

VASCONCELOS, Naná. Album chegada. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=_onoQnEBhsw> . Acesso em 11 de jul. de 2017.

VASEM, M. L. Narrativa sobre o coletivo Extremo_SUS e realização do VER-SUS. 2017.

VEIGA-NETO, A. **Foucault e a questão do sujeito**. São Leopoldo: IHU, 2010.

VEIGA-NETO, A. Olhares. In.: M. V. Costa (Org.). **Caminhos investigativos:** novos olhares em pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

VEIGA-NETO, Alfredo, RAGO, Margareth (Organizadores). **Para uma vida não fascista**. Belo Horizonte – MG: Autêntica, 2009.

VEYNE, P. **Foucault:** Seu pensamento, sua pessoa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

VEYNE. Paul. **Pão e circo**: sociologia histórica de um pluralismo politico. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2015

VITAL, Rodrigo. Análise da organização da RAPS em Pelotas a partir de experiência vivida na RAPS em Belo Horizonte. In.: CÂMARA MUNICIPAL DE PELOTAS. Audiência pública 'Dia Nacional de Luta Antimanicomial'. Realizada em 16 de maio de 2017, no turno da tarde. 2017b. Disponível em: <https://www.facebook.com/camaramunicipalpelotas/videos/1323807841007619/> . Acesso em 09 jun. de 2017.

VOGL, Joseph. **Was ist ein Rhizom?** Vídeo legendado. Entrevista realizada por Alexander Kluge com Joseph Vogl. Vídeo disponibilizado em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zb4FypuclH0> . Publicado em 05 de nov. de 2012.

WILLRICH, Janaína Quinzen, KANTORSKI, Luciane Prado. **CAPS Castelo** – um pouco da história da loucura em Pelotas. UFPel: Editora e Gráfica Universitária, 2008.

ZACARIA, Carlos Alberto Narciso. No testemunho autorizado nas andanças. Companheiro nos grupos vocais Esperança, Los Lokos, Associação de Usuários dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas, 2013 até o presente momento. 2013.

ZOURABICHVILI, F. **O vocabulário de Deleuze**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro, 2004.